JORNAL DO BRASIL

©JORNAL DO BRASIL S.A. 1989 — Rio de Janeiro — Domingo, 29 de outubro de 1989 — Ano XCIX — Nº 204 — Preço para o Rio: NCz$ 4,00

Tempo

A Diretoria de Hidrografia e Navegação da Marinha prevê para hoje, no Rio e em Niterói, tempo instável, passando a bom, com céu encoberto a meio encoberto. Visibilidade de moderada a boa. Temperatura estável. Máxima e mínima de ontem: 18º e 28º.

Volta Redonda lembra

Passado quase um ano da invasão da Companhia Siderúrgica Nacional (CSN) pelo Exército, que resultou na morte de três metalúrgicos, ouve-se em Volta Redonda que o **massacre** nunca será esquecido. Para manter viva essa memória, uma intensa programação está sendo preparada. (Pág. 20)

Domingo

JORNAL DO BRASIL

☐ *Há apenas dois anos, Ana Kutner (foto), 18 anos, filha de Dina Sfat e Paulo José, descobriu uma cantora cuja voz a tirou do sério: Janis Joplin, morta há mais de 15 anos. Como ela, vários garotos de sua geração estão descobrindo e sonhando com uma vida longe das grandes cidades, libertária e hospitaleira. Ana e a maioria de seus companheiros de viagem sequer eram nascidos quando aconteceu Woodstock, o símbolo máximo do movimento hippie, que no final da década de 60 difundiu pelo mundo os valores que hoje os encantam. São os neo-hippies que, agora, como naquela época, esperam mudanças energéticas que a Era de Aquário trará.*

Flávio Rodrigues

Programa

DOMINGO • JORNAL DO BRASIL

Bruno Veiga

■ *O projeto Deixa eu dançar encerra sua programação esta semana mostrando no palco do Teatro João Caetano um balé radicalmente diferente das habituais delicadezas das sapatilhas. A Sylvio Dufrayer Cia. de Dança exibe suas Impressões urbanas, que durante 40 minutos misturam cenas onde pontapés substituem a leveza dos passos nas pontas dos pés. Mas Deixa eu dançar não apresenta só pancadaria. Quem preferir clima mais ameno terá o América do sol, da Companhia Nós da Dança.*

Fonte da vida

O satélite americano Nimbus 7 revelou a distribuição da vida nos oceanos. Com imagens coloridas, mostra onde estão as concentrações do fitoplâncton, um organismo microscópico que é a fonte de toda a vida no mar. (Página 21)

Nave espacial viva

A nave espacial do século 21 poderá ser um organismo vivo, criado em laboratório de engenharia genética, prevê o físico Freeman Dyson, consultor do Pentágono para projetos de alta tecnologia. (Página 22)

Fla faz sua 'Carta'

O Flamengo já consumiu 4.920 minutos em reuniões para reformar o estatuto do clube. A **Carta Magna** entra em vigor em janeiro de 1990 e cria até uma **moeda**, o **rublo-negro**, valor padrão para cobranças no clube. (Página 44)

Idéias

ENSAIOS

■ As mudanças no tabuleiro mundial recolocam a Europa como principal centro das tensões políticas. É esse o diagnóstico do ex-secretário de Estado do governo Nixon, Henry Kissinger, que prevê ainda, para as duas Alemanhas, um papel cada vez mais importante na nova arena internacional.

■ Eduard Shevardnadze, ministro das Relações Exteriores da União Soviética, compara a perestroika com a política do New Deal, realizada pelo presidente norte-americano Franklin Delano Roosevelt, que serviu para tirar os EUA da Grande Depressão.

Novo presidente assume calote de US$ 5,2 bilhões

O novo presidente da República receberá, no dia da posse, um calote de US$ 5,2 bilhões gerado pelo atraso no pagamento de juros da dívida externa. Nesse mesmo dia estará vencendo uma conta com os bancos internacionais de valor idêntico à de setembro, que não foi paga e era de US$ 1,6 bilhão. Até a posse o pagamento de juros estará atrasado em nove meses.

O atual governo montou uma estratégia para evitar que o sucessor do presidente Sarney passe por esta aflitiva situação, mas há poucas chances de a manobra dar certo. O plano prevê recursos do FMI e do Banco Mundial para pagar um pedaço do atrasado. Mas, num jantar com latino-americanos em Washington, o diretor do Fundo, Sterie Bessa, já garantiu que um acordo com o Brasil só pode ser feito depois de janeiro — ou seja: com o próximo governo.

No clima da campanha, em que todos os candidatos propõem o não-pagamento ou uma redução dos juros, será difícil o presidente eleito autorizar, antes de assumir, um acordo que significará desembolso para os bancos privados.

As alternativas para sair da confusão da dívida externa são cada vez menos animadoras. Numa projeção econométrica, o Banco Mundial estimou que uma redução de 35% da dívida brasileira, como a prevista no Plano Brady, permitiria no máximo um crescimento do PIB em 1% ao ano. (Página 35)

Dívida interna desafia

O ministro Mailson da Nóbrega duvida que o sucessor do presidente José Sarney, seja qual for o eleito, tenha coragem de aplicar o remédio que todos pregam para os US$ 60 bilhões da dívida interna: a renegociação dos prazos de vencimento dos títulos. "Quero ver quem é macho o suficiente para assumir um risco que pode liquidar no nascedouro o seu governo"

Uma revisão nos prazos dos títulos públicos afetaria todas as pessoas, empresas e instituições que aplicam no overnight, no qual ele próprio se inclui. "Aplico meu salário no overnight para pagar as contas do fim do mês", diz o ministro. Ele nega que o governo esteja pensando em novo choque. Só os "palpiteiros falam nisso", garante. (Pág.13)

São Paulo — J. C. Brasil

Rodeios estão entre os espetáculos de maior público hoje no Brasil. De 20 mil a 200 mil pessoas torcem por vaqueiros que ganham bem para resistir 8s em cima de um touro. (Pág. 40)

Alemanhas buscam a reunificação

Ary de Aragão

Superfície	357.039 km²
População	77.780.377 hab.
PNB	US$ 921,6 bilhões
PNB per capita	US$ 11.861
F Armadas	624.400 homens
Gastos com defesa	US$ 24,9 bilhões
Exportações	US$ 209 bilhões

Muitos europeus ainda pensam como o escritor francês François Mauriac, autor da frase: "Eu amo tanto a Alemanha que quero duas". Mas, após 40 anos de divisão, o coração dos alemães bate cada vez mais no ritmo da reunificação, um sonho que pouco a pouco ganha contornos de realidade.

A queda do sisudo e teimoso Erich Honnecker acelerou o processo de reformas políticas na Alemanha Oriental, derrubando o primeiro grande obstáculo para o surgimento de uma nação alemã. Existem ainda inúmeras barreiras e a maior delas, sem dúvida, e a inevitável reorganização do mapa geopolítico da Europa, que será provocada pelo surgimento de um novo gigante econômico, com o terceiro PNB do mundo.

O complexo quebra-cabeças da reunificação começa a ser montado sem estardalhaço nos dois lados do Muro de Berlim. Foi o que descobriu Sílvio Ferraz, do **JORNAL DO BRASIL**, que esteve nas duas Alemanhas para ouvir as esperanças, dúvidas e temores dos quase 78 milhões de alemães, comunistas ou não. (Páginas 30 e 31)

☐ **Mais 767 refugiados da Alemanha Oriental chegaram nas últimas 24 horas à Baviera, no Sul da Alemanha Ocidental, vindos da Hungria, informou a polícia de fronteira de Munique. Para a noite de ontem estava sendo esperado um trem com pelo menos 500 novos fugitivos do regime comunista. O jornal do PC, Neues Deutschland, informou que, além da anistia aos que tentaram emigrar ilegalmente, o governo aprovará uma lei mais liberal para que os alemães-orientais possam viajar. Cada cidadão terá direito de sair do país 30 dias por ano.**

Conceição do Rio Verde (MG) — W. Sabino

Collor teme má previsão e se tranca em casa

O candidato do PRN, Fernando Collor de Mello, preferiu não sair de casa ontem — dia em que poderia sofrer um atentado, segundo previsão da vidente mineira Neila Alkmin. Embora seus assessores neguem que exista relação entre os dois fatos, Collor suspendeu todos os compromissos marcados em sua agenda, entre os quais figuravam visitas a seis cidades paulistas.

Em Conceição do Rio Verde, Minas, dona Neila subiu ao palanque do candidato do PL, Guilherme Afif Domingos, pedindo votos para ele por ter recebido "ordens do astral". Ela assegurou que Afif é "o homem certo para governar o Brasil", capaz de tirar o país "da pobreza e da miséria". No comício, fez nova previsão: haverá turbulências até o dia 10 de novembro, mas só servirão para confirmar a vitória de Afif (Página 4)

Neila ganhou beijo agradecido de Afif no comício do candidato em sua cidade

Cristina Bocayuva

As lojas já contratam para o Natal. Centenas de universitários como Renata — à imagem e semelhança da clientela — são atraídos pelo rendimento extra. (Pág. 36)

JORNAL DO BRASIL

EXEMPLAR DE ASSINANTE

©JORNAL DO BRASIL S A 1989 | Rio de Janeiro — Domingo, 29 de outubro de 1989 | Ano XCIX — Nº 204 | Preço para o Rio: NCz$ 4,00 | 2ª Edição

Tempo

A Diretoria de Hidrografia e Navegação da Marinha prevê para hoje, no Rio e em Niterói, tempo instável, passando a bom, com céu encoberto a meio encoberto. Visibilidade de moderada a boa. Temperatura estável. Máxima e mínima de ontem: 18º e 28º. Foto do satélite, mapa e tempo no mundo, página 32.

Loteria

São os seguintes os resultados da extração nº 2.574 da Loteria Federal: 1º) 86.585 (CE), NCz$ 160 mil; 2º) 58.998 (RS), NCz$ 16 mil; 3º) 74.308 (BA), NCz$ 12 mil; 4º) 78.474 (MG), NCz$ 10 mil e 5º) 50.160 (MG), NCz$ 8 mil.

Domingo

JORNAL DO BRASIL

□ *Há apenas dois anos, Ana Kutner (foto), 18 anos, filha de Dina Sfat e Paulo José, descobriu uma cantora cuja voz a tirou do sério: Janis Joplin, morta há mais de 15 anos. Como ela, vários garotos de sua geração estão descobrindo e sonhando com uma vida longe das grandes cidades, libertária e hospitaleira. Ana e a maioria de seus companheiros de viagem sequer eram nascidos quando aconteceu Woodstock, o símbolo máximo do movimento hippie, que no final da década de 60 difundiu pelo mundo os valores que hoje os encantam. São os neo-hippies que, agora, como naquela época, esperam mudanças energéticas que a Era de Aquário trará.*

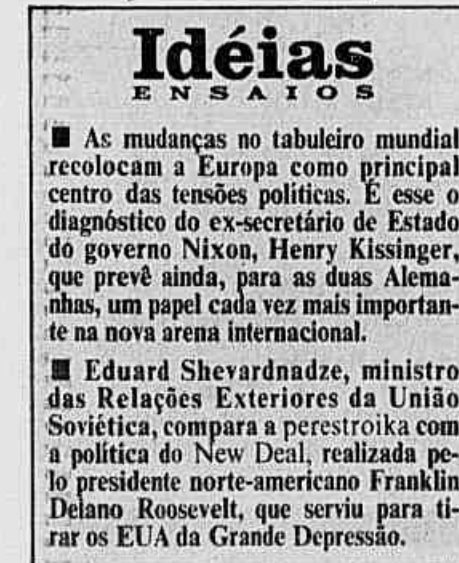
Flávio Rodrigues

Programa

DOMINGO • JORNAL DO BRASIL

Bruno Veiga

■ *O projeto Deixa eu dançar encerra sua programação esta semana mostrando no palco do Teatro João Caetano um balé radicalmente diferente das habituais delicadezas das sapatilhas. A Sylvio Dufrayer Cia. de Dança exibe suas Impressões urbanas, que durante 40 minutos misturam cenas onde pontapés substituem a leveza dos passos nas pontas dos pés. Mas Deixa eu dançar não apresenta só pancadaria. Quem preferir clima mais ameno terá o América do sol, da Companhia Nós da Dança.*

Rebeca libertada

A menina Rebeca Candeias de Sousa, 8 anos, foi libertada na localidade sergipana de Poço Verde, próxima ao distrito baiano de Cícero Dantas, a 287 quilômetros de Salvador, após sequestro de 33 dias. (Pág. 16)

Volta Redonda lembra

Passado quase um ano da invasão da Companhia Siderúrgica Nacional (CSN) pelo Exército, que resultou na morte de três metalúrgicos, ouve-se em Volta Redonda que o massacre nunca será esquecido. Para manter viva essa memória, uma intensa programação está sendo preparada. (Pág. 20)

Fonte da vida

O satélite americano Nimbus 7 revelou a distribuição da vida nos oceanos. Com imagens coloridas, mostra onde estão as concentrações do fitoplâncton, um organismo microscópico que é a fonte de toda a vida no mar. (Página 21)

Idéias

ENSAIOS

■ **As mudanças no tabuleiro mundial recolocam a Europa como principal centro das tensões políticas. É esse o diagnóstico do ex-secretário de Estado do governo Nixon, Henry Kissinger, que prevê ainda, para as duas Alemanhas, um papel cada vez mais importante na nova arena internacional.**

■ **Eduard Shevardnadze, ministro das Relações Exteriores da União Soviética, compara a perestroika com a política do New Deal, realizada pelo presidente norte-americano Franklin Delano Roosevelt, que serviu para tirar os EUA da Grande Depressão.**

Novo presidente assume calote de US$ 5,2 bilhões

O novo presidente da República receberá, no dia da posse, um calote de US$ 5,2 bilhões gerado pelo atraso no pagamento de juros da dívida externa. Nesse mesmo dia estará vencendo uma conta com os bancos internacionais de valor idêntico à de setembro, que não foi paga e era de US$ 1,6 bilhão. Até a posse o pagamento de juros estará atrasado em nove meses.

O atual governo montou uma estratégia para evitar que o sucessor do presidente Sarney passe por esta aflitiva situação, mas há poucas chances de a manobra dar certo. O plano prevê recursos do FMI e do Banco Mundial para pagar um pedaço do atrasado. Mas, num jantar com latino-americanos em Washington, o diretor do Fundo, Sterie Bessa, já garantiu que um acordo com o Brasil só pode ser feito depois de janeiro — ou seja: com o próximo governo.

No clima da campanha, em que todos os candidatos propõem o não-pagamento ou uma redução dos juros, será difícil o presidente eleito autorizar, antes de assumir, um acordo que significará desembolso para os bancos privados.

As alternativas para sair da confusão da dívida externa são cada vez menos animadoras. Numa projeção econométrica, o Banco Mundial estimou que uma redução de 35% da dívida brasileira, como a prevista no Plano Brady, permitiria no máximo um crescimento do PIB em 1% ao ano. (Página 35)

Dívida interna desafia

O ministro Maílson da Nóbrega duvida que o sucessor do presidente José Sarney, seja qual for o eleito, tenha coragem de aplicar o remédio que todos pregam para os US$ 60 bilhões da dívida interna: a renegociação dos prazos de vencimento dos títulos. "Quero ver quem é macho o suficiente para assumir um risco que pode liquidar no nascedouro o seu governo".

Uma revisão nos prazos dos títulos públicos afetaria todas as pessoas, empresas e instituições que aplicam no overnight, no qual ele próprio se inclui. "Aplico meu salário no overnight para pagar as contas do fim do mês", diz o ministro. Ele nega que o governo esteja pensando em novo choque. Só os "palpiteiros falam nisso", garante. (Pág.13)

São Paulo — J. C. Brasil

Rodeios estão entre os espetáculos de maior público hoje no Brasil. De 20 mil a 200 mil pessoas torcem por vaqueiros que ganham bem para resistir 8s em cima de um touro. (Pág. 40)

Alemanhas buscam a reunificação

Ary de Aragão

A Alemanha unificada

Superfície	357.039 km²
População	77.780.377 hab.
PNB	US$ 921,6 bilhões
PNB per capita	US$ 11.861
F Armadas	624.400 homens
Gastos com defesa	US$ 24,9 bilhões
Exportações	US$ 209 bilhões

(Fonte — Enciclopédia Britânica)

Muitos europeus ainda pensam como o escritor francês François Mauriac, autor da frase: "Eu amo tanto a Alemanha que quero duas". Mas, após 40 anos de divisão, o coração dos alemães bate cada vez mais no ritmo da reunificação, um sonho que pouco a pouco ganha contornos de realidade.

A queda do sisudo e teimoso Erich Honnecker acelerou o processo de reformas políticas na Alemanha Oriental, derrubando o primeiro grande obstáculo para o surgimento de uma nação alemã. Existem ainda inúmeras barreiras e a maior delas, sem dúvida, é a inevitável reorganização do mapa geopolítico da Europa, que será provocada pelo surgimento de um novo gigante econômico, com o terceiro PNB do mundo.

O complexo quebra-cabeça da reunificação começa a ser montado sem estardalhaço nos dois lados do Muro de Berlim. Foi o que descobriu Sílvio Ferraz, do **JORNAL DO BRASIL**, que esteve nas duas Alemanhas para ouvir as esperanças, dúvidas e temores dos quase 78 milhões de alemães, comunistas ou não. (Págs. 30 e 31)

□ **Mais 767 refugiados da Alemanha Oriental chegaram nas últimas 24 horas à Baviera, no Sul da Alemanha Ocidental, vindos da Hungria, informou a polícia de fronteira de Munique. Para a noite de ontem estava sendo esperado um trem com pelo menos 500 novos fugitivos do regime comunista. O jornal do PC,** Neues Deutschland, **informou que, além da anistia aos que tentaram emigrar ilegalmente, o governo aprovará uma lei mais liberal para que os alemães-orientais possam viajar. Cada cidadão terá direito de sair do país 30 dias por ano.**

Conceição do Rio Verde (MG) — W. Sabino

Neila ganhou beijo agradecido de Afif no comício do candidato em sua cidade

Collor teme má previsão e se tranca em casa

O candidato do PRN, Fernando Collor de Mello, preferiu não sair de casa ontem — dia em que poderia sofrer um atentado, segundo previsão da vidente mineira Neila Alkmin. Embora seus assessores neguem que exista relação entre os dois fatos, Collor suspendeu todos os compromissos marcados em sua agenda, entre os quais figuravam visitas a seis cidades paulistas.

Em Conceição do Rio Verde, Minas, dona Neila subiu ao palanque do candidato do PL, Guilherme Afif Domingos, pedindo votos para ele por ter recebido "ordens do astral" Ela assegurou que Afif é "o homem certo para governar o Brasil", capaz de tirar o país "da pobreza e da miséria" No comício, fez nova previsão: haverá turbulências até o dia 10 de novembro mas só servirão para confirmar a vitória de Afif (Página 4)

Cristina Bocayuva

As lojas já contratam para o Natal. Centenas de universitários como Renata — à imagem e semelhança da clientela — são atraídos pelo rendimento extra. (Pág. 36)

Coluna do Castello

Para Aureliano algo estava encoberto

"Onde já se viu isso?", pergunta Aureliano Chaves ao ser ouvido sobre a intenção do presidente e do líder do PFL de usar o horário gratuito da televisão para desmentir sua versão sobre o caso Sílvio Santos. E repete: "Onde já se viu uma coisa dessas?" E se explica: "Fui vítima de um compló e a versão dos que armaram o compló quer prevalecer. É a versão do traidor contra a do traído, embora esta coincida com a do beneficiário da traição." O candidato a presidente rejeita as versões que são do ministro João Alves mas que estariam sendo inspiradas, segundo ele, pelos senadores Hugo Napoleão e Marcondes Gadelha, mas se sente ratificado no que disse pelo depoimento do proprietário da TVS. Acrescenta Aureliano que está sendo alcançado por uma "trama fantástica" por ele estar deixando a nu o que estava encoberto por um manto.

Diz o candidato do PFL que ainda que tivesse cometido a fraqueza de admitir a retirada da sua candidatura — ele chama "devolução" e recusa a palavra "renúncia" —, caberia aos dirigentes do partido chamá-lo à razão e insistir: tenha paciência, não faça isso, estamos no final da campanha e se você desiste vamos ficar muito mal perante a opinião pública. Teria havido, no entanto, o contrário. Diante de argumentos de que sua campanha ia mal e que deveria ser procurada alternativa, admitiu pensar no assunto, pesquisar e decidir. Quando ele voltou e disse que pensou bem e que vai continuar na luta, como é do seu dever, seus correligionários reagem: Como então? Você não prometeu sair? Pois saia, agora acabou.

Ora, diz Aureliano, há alguns meses que ele andava pelo 1% e por que só agora quiseram que ele abandonasse a candidatura? Pesquisa baixa é razão para retirar candidatura? Continua a perguntar. Qual o partido que desiste de lutar e abandona seu candidato, como o PFL vinha fazendo desde que a convenção o lançou? Que exemplo iriam deixar para os eleitores que estão votando pela primeira vez? Entende que o partido tinha obrigação de cerrar fileiras em torno dele, fossem quais fossem as circunstâncias. Esse "utilitarismo desenfreado" seria um fato inédito na história republicana. E categórico: "Eles estão me arrastando para um campo que me é muito grato, o campo da luta. Estou tranqüilo mas vou ser duro. Percebo que há algo de muito mais profundo por trás dessa conspiração. Aureliano volta a perguntar: "Fui infiel? Prevariquei? Então o que houve?" E volta a responder: "Foi uma jornada macabra. Isso poderá ter péssima repercussão até no exterior."

O senador Hugo Napoleão continua igualmente indignado e disposto a fazer prevalecer seu depoimento sobre a "jornada macabra". O candidato o teria surpreendido ao faltar à verdade num episódio em que está em jogo a dignidade de cada um. O assunto tornou-se obsessivo para o presidente do PFL que não pretende abrir mão do confronto. Espera que a Justiça Eleitoral lhe dê acesso ao horário que não é, no seu entender, do candidato mas do partido.

Enquanto isso Sílvio Santos continua em busca da legenda, depois de verificar que também no PL não conseguirá remover a resistência do deputado Álvaro Valle e da maioria da Executiva à substituição de Afif Domingos por ele. Agentes do aspirante a candidato continuam a contactar donos das legendas anônimas.

Mil dólares por um visto

Pessoas recém-chegadas de viagem pelo Oriente voltam tão impressionadas com o mau conceito do brasileiro na região quanto o jornalista Fernando Pedreira, que há pouco tempo passou pela Europa. Em cada aeroporto, viajantes com passaporte brasileiro sofrem o vexame dos interrogatórios especiais, sobre objeto da viagem, tempo de permanência, recursos disponíveis, etc. Brasileiro no exterior é suspeito de ser traficante de drogas, agente de prostituição ou imigrante clandestino. Até mesmo a corrupção administrativa chega lá fora. Em Formosa, por exemplo, agentes de viagem cobram mil dólares por um "visto" para o Brasil, alegando que o dinheiro é para funcionários brasileiros.

Covas em Brasília

Do crescimento da candidatura de Mário Covas há sinais em Brasília, principalmente na multiplicação de adesivos do candidato nos carros particulares da cidade. O impulso que levou a ministra Dorothea Werneck a declarar seu voto pró Covas vai alcançando os setores de elite desta vila administrativa.

Carlos Castello Branco

Collor não sai de casa no dia em que vidente prevê atentado

João Bosco Rabello

BRASÍLIA — O candidato Fernando Collor de Mello preferiu não correr riscos e, pelo sim, pelo não, deu uma pausa em sua campanha ontem, permanecendo em sua residência durante todo o dia — 28 de outubro —, data em que deveria sofrer um atentado, segundo previsão que teria sido feita pela vidente mineira Neila Alkmin. Ela, no entanto, negou ter feito esse anúncio. O candidato e seus assessores negam relação entre a pausa na campanha e a previsão, mas o fato é que Collor fez ontem a única interrupção na sua agenda nos últimos trinta dias, apessar da determinação do PRN — e, de resto, de todos os candidatos — de acelerar a campanha na reta final. Collor, ontem, deveria ter ido a São Paulo, mas suspendeu toda a programação naquele Estado e seus assessores não explicaram o motivo.

A previsão de Neila é oficialmente ridicularizada pela assessoria de Collor e de pessoas próximas ao candidato, mas internamente houve manifestações de revolta de todos — desde o assessor de imprensa, Cládio Humberto, à sua mãe, Leda Collor de Mello, passando por parlamentares como o deputado Arnaldo Faria de Sá. "Ele não acredita nisso, mas é um incitamento claro a uma violência", protesta Faria de Sá. O ceticismo que os assessores de Collor garantem impregnar o candidato não evitou, porém, que ele visitasse diversos videntes, entre os quais o medium Chico Xavier, depois que Neila Alkmin divulgou sua previsão. "Para isso, ele contrariou sua natureza destemida que normalmente o faria desafiar a previsão", observa um interlocutor de Collor.

Hoje o candidato retoma sua programação normal de campanha, com dois comícios — um em Osasco, pela manhã; outro em Recife, à noite. Depois de amanhã, ele invade um reduto sagrado do candidato, Luis Inácio Lula da Silva, Garanhuns, cidade natal do petista. A terça-feira, Collor reservou para programação em Aracaju. Ontem, na agenda de Collor havia apenas a indicação de uma gravação, à noite, em estúdio fechado, para o programa do horário gratuito.

Conceição do Rio Verde MG — Waldemar Sabino

Afif visitou a vidente Neila Alkimin, que previu sua vitória, pela primeira vez

Vidente sobe ao palanque de Afif

CONCEIÇÃO DO RIO VERDE, MG — A vidente Neila Alkimin subiu ontem ao palanque armado em praça pública e pediu votos para o candidato a Presidência da Republica pelo PL, Guilherme Afif Domingos. "Ajudem este homem a chegar à Presidência, para ajudá-lo a lutar por um Brasil melhor e contra a pobreza e a miséria", pediu, sendo muito aplaudida pelos cerca de 1.800 pessoas que foram até a Praça Prefeito José Fontes.

Dona Neila confirmou a "mensagem recebida do astral", de que Afif será o próximo presidente do Brasil. Disse que estava ali pedindo votos para ele pensando nas "crianças pobres e sofridas do Brasil". Afirmou que o candidato do PL é o "homem certo para governar o Brasil" e que estava fazendo campanha para ele por ter recebido "ordens do astral". Ao final do discurso, ainda no palanque o candidato abraçou e beijou dona Neila.

O candidato, em seu discurso, disse por que procurou a vidente. Contou que sua cunhada Maria Lúcia, casada com o irmão Cláudio, assistiu pela televisão uma entrevista de dona Neila, na qual traçava o perfil do próximo presidente da República. O perfil e as propostas se pareciam muito com as suas; já aquela altura decidido a ser candidato, completou. Foi, então, ouvindo a irmã que decidiu procurar a vidente.

Se para os moradores de Conceição do Rio Verde — pequeno município de 18 mil habitantes encravado no Circuito das Águas e a 350 km ao sul de Belo Horizonte, o grande fato do dia foi dona Neila sair às ruas em campanha eleitoral, coisa que nunca fez —, para ela foi simplesmente a visita de Afif.

Às 13h15, quando o helicóptero conduzindo o candidato desceu num pequeno campo de futebol, lá estava ela, juntamente com cerca de 500 pessoas. Ainda junto ao aparelho, dona Neila foi até Afif e o abraçou de maneira calorosa, recebendo como agradecimento um beijo. Ali mesmo, a vidente segurou um estandarte da campanha do PL (mapa do Brasil estilizado) juntamente com Afif e seu vice, ex-ministro Aluísio Pimenta, fizeram pose para os fotógrafos. Em seu Caravam, conduzido pelo filho Litz, ela acompanhou a carreata de cerca de 60 veículos até o local do comício.

Dona Neila, na entrevista, disse que a visita de Afif a Conceição do Rio Verde vai "mudar a história da campanha" e fez mais uma previsão: "Até o dia 10 de novembro, vai haver um período de turbulência, com muita agitação". Mas isso tudo, frisou, vai confirmar Afif como presidente do Brasil. Acrescentou que não está pleiteando cargo público e, como vidente, está "trabalhando em prol do futuro do Brasil".

Queixas — As investidas do empresário e animador de televisão Silvio Santos para assumir o lugar de Afif balançaram as bases do partido, o que pôde ser constatado ontem em Três Corações (MG) neste município do Sul de Minas, onde toda a estrutura política é favorável ao candidato. Ali, dos 15 vereadores da Câmara o PL tem um e o apoio de outros seis do PDC. O presidente local do PL e presidente do Clube Social Três Corações, Amâncio de Carvalho, queixou-se do fato de Afif, em seu discurso para cerca de 1.500 pessoas, às 11h30, não ter esclarecido as notícias de que Silvio tomaria o seu lugar.

Amâncio frisou que o noticiário das investidas do dono da TVS "esvaziou" e "esfriou" a recepção a Afif e adiantou que não votará no partido se Silvio entrar na chapa. O único vereador do PL, eleito com 1.808 votos em novembro, Carlos Roberto Bastos, 40 anos, o *Pesão* – comerciante e figura popular da cidade — afirmou que "as bases querem saber que história é essa do Silvio Santos", e que será difícil ele próprio garantir ao partido a votação que teve, em caso de alterações. "Tem muita gente desanimando com essa história", explicou.

Cidade conservadora e uma das cinco mais industrializadas do Sul de Minas (80 mil habitantes, 65 mil na zona urbana e um eleitorado de 34 mil pessoas), Três Corações deu a Afif uma recepção contrária às suas expectativas, diante do "aparato" político favorável. Ele desceu de helicóptero no campo de futebol do Atlético de Três Corações, clube da segunda divisão (já disputou a primeira), sendo recebido por cerca de 200 pessoas, a maioria mulheres e crianças.

No comício, na Praça da Matriz da Igreja Sagrado Coração de Jesus, com uma platéia majoritariamente feminina, fez um discurso de 15 minutos. "Nossa eleição será movida muito pela intuição, porque hoje no Brasil está instituída uma rede de desinformação e deformação da verdade. E hoje, quem tiver o poder da intuição terá a força. E a intuição é a forma da mulher brasileira", afirmou. Mas mesmo esse eleitorado, em Três Corações, foi abalado com o assédio de Silvio Santos em cima da sigla do PL.

Brizola quer ganhar paulista pela memória

ROSEIRA, SP — O candidado do PDT à Presidência da República, Leonel Brizola, disse que pretende "bater na memória do povo paulista, que elegeu Getúlio Vargas", em Guaratinguetá, onde foi recepcionado por cerca de 300 pessoas às 13h30, de onde seguiu em pequena mas ruidosa carreata até o vizinho município de Roseira, a 160 quilómetros da capital, no Vale do Paraiba.

A visita de Brizola à região, com cerca de um milhão de votos em 36 municípios — onde Brizola também visitou a cidade religiosa de Aparecida do Norte e São José dos Campos —, tem objetivo claro: de acordo com as últimas pesquisas de opinião, o candidato do PDT tem apenas 1% das intenções de voto no estado de São Paulo.

Brizola encarou como um ato corriqueiro a notícia, dada por um jornal paulista, de que sua campanha seria interrompida para avaliação. "Esta notícia foi uma *barriga* (notícia sem fundamento) porque é normal um intervalo de dois dias para reflexões durante a campanha", disse.

Apoios — De bom humor, o ex-governador, que chegou acompanhado de sua mulher, dona Neusa, defendeu-se ao ser questionado sobre o rigor de seus ataques ao candidato do PT, Luis Inácio Lula da Silva. "Nunca tomei iniciativa de atacá-lo. Eu me defendo atacando", falou. "Acho que agora cada candidato tem de mostrar o que tem dentro da sua mochila. Na minha não tem nada de novo, só a coerência e uma atitude moderna e conseqüente", sublinhou.

Brizola não deixou de afirmar que apoiaria Lula no segundo turno. Mas emendou rápido: "Eu espero uma fila da esquerda, com Lula, Covas (Mário Covas, do PSDB) e Freire (Roberto Freire, do PCB) de pé no palanque para me apoiar no segundo turno". Em Roseira, Brizola foi recepcionado com um almoço para duas mil pessoas. Entre as lideranças da região, foram convidados 25 prefeitos. Além de um bufê frio, os militantes e personalidades se regalaram com um churrasco de 500 quilos de carne oferecido pela deputada estadual do Rio de Janeiro e empresária Alice Tamborindeguy.

Lula mostra em reduto de Maluf que tem voto

Araraquara,SP — Ariovaldo dos Santos

Lula e o filho mais novo

ARARAQUARA, SP — O candidato do PT à Presidência da República, Luis Inácio Lula da Silva, encontrou ontem uma surpreendente recepção favorável em um dos mais sólidos redutos malufistas do interior de São Paulo — o município de Araraquara, cidade de 200 mil habitantes, localizada a 282 quilômetros da capital. As principais ruas do centro da cidade ficaram congestionadas por causa de uma carreata de cerca de 200 automóveis e mais de cem motocicletas que acompanhou o candidato petista desde o aeroporto. Diante das 1.500 pessoas que se concentraram na movimentada Rua Nove de julho à sua espera, Lula teve de improvisar um discurso da caminhonete que o conduzia, logo cercada pela platéia.

"A burguesia vai ter de engolir a vitória da classe trabalhadora", gritou, inflamado, o candidato do PT, sob aplausos das pessoas que tomavam conta da rua. Em tom radical, como tem sido a sua estratégia nos últimos três meses de campanha eleitoral, Lula demonstrou euforia com a acolhida. "A candidatura do PT está crescendo demais nas últimas semanas", empolgou-se.

Crescimento — A recepção oferecida à caravana de Lula, acompanhado de sua mulher, Marisa, e de seu companheiro de chapa, senador José Paulo Bisol (PSB), superou o prestígio que o partido tem na cidade. Dono de minguados 5% na última eleição municipal, vencida pelo PDS, quando elegeu apenas um dos dezenove vereadores da cidade, o PT local viveu um momento de perplexidade com o sucesso alcançado ontem por Lula. Uma pesquisa realizada pela Rádio Bandeirantes na última quarta-feira em Araraquara — cidade que tem fama de conservadora — mostrou em primeiro lugar o candidato do PDS, Paulo Maluf, com 28% das intenções de votos, seguido por Lula, com 22%.

"O movimento na sede do PT está crescendo a cada dia", comemorava o vereador petista da cidade, Domingos Carneseca Neto, surpreso com a recepção a Lula. Anteontem, o candidato do PL, Guilherme Afif Domingos, realizou na cidade uma carreata de pouco mais de setenta veículos. Em grande parte, o vigor demonstrado pela candidatura do PT em Araraquara explica-se pelo fortalecimento da CUT, o braço sindical do partido, que controla hoje as direções locais dos sindicatos dos metalúrgicos, bancários, servidores municipais e da Associação dos Professores do Estado de São Paulo, em uma base estimada em 12 mil trabalhadores.

Euforia — O candidato do PT desembarcou no aeroporto de Araraquara às 10h10 em jatinho alugado pelo comando de sua campanha. Recepcionado por cerca de 800 militantes que o aguardavam sob um calor de mais de 30 graus, Lula seguiu em carreata para a TV Morada do Sol, onde gravou entrevista. No caminho, foi saudado por muitas pessoas. No centro da cidade, a surpresa: o cortejo de Lula não pôde seguir adiante pelas ruas entupidas de simpatizantes. O candidato fez então um rápido discurso.

Procurando usar palavras simples, fez questão também de apresentar Marisa e o filho caçula, Luís Cláudio, de cinco anos. Não faltaram nem um bolo de nozes de aniversário oferecido por duas petistas (Lula completou 44 anos anteontem) e o *Parabéns pra Você*, cantado pela platéia. A agenda de Lula previa para ontem à tarde que ele viajasse para os municípios paulistas de Bauru e São José do Rio Preto.

Maluf promete dividir terra do Exército

ITABUNA, BA — O candidato do PDS à Presidência da Republica, Paulo Maluf, anunciou ontem, em debate com empresários nesta cidade do interior da Bahia, a 440 quilômetros da capital, que uma das suas principais metas será fazer reforma agrária nas terras "dos dois maiores latifundiários deste país: a Igreja e o Exército".

Paulo Maluf pregou o câmbio livre para os produtores agrícolas que exportam produtos como cacau, soja e café. "O câmbio atual é irreal e artificialmente feito pelo governo federal", disse o candidato, durante uma palestra proferida no Conselho Nacional dos Produtores de Cacau (CNPC).

"Dizem que o câmbio negro é contravenção. Como se todos os dias os jornais publicam o seu valor?", indagou Maluf. Ele desembarcou às 9h30 no Aeroporto Eduardo Gomes, em Ilheus. Em Itabuna, ele foi recebido por cerca de 250 pessoas. O representante do CNPC, pecuarista Pericles Thiara, entregou ao candidato um documento elaborado pelo Conselho, que retrata a crise da lavoura cacaueira. Como medida a curto prazo para atenuar a crise do cacau, Maluf disse que extinguiria a correção monetária e anistiaria o débito dos produtores, mas sem dizer por quanto tempo.

Numa alusão aos candidatos do PT, Luis Inácio Lula da Silva, e do PDT, Leonel Brizola, Maluf garantiu que não fará reforma agrária invadindo áreas de produtores. Mas afirmou que não vai esquecer o grande latifúndio, as terras devolutas do Estado, do Exército e da Igreja, que pretende desapropriar para os pequenos produtores sem terras.

São Lourenço da Mata (PE) — Natanael Guedes

O governador de Pernambuco, Miguel Arraes (à direita na foto), pisou pela primeira vez no palanque do candidato do PMDB à Presidência da República, Ulysses Guimarães, em comício na cidade de São Lourenço da Mata, a 22 Km do Recife, mas em nenhum momento pediu votos para ele. Mesmo estando entre Ulysses e o candidato a vice, Waldir Pires, Arraes parecia indiferente à concentração em favor da candidato do PMDB: só falou duas vezes no nome de Ulysses, e afirmou que seu compromisso era com os oprimidos e desvalidos. "Mesmo com a eleição de Ulysses e Waldir, precisamos ficar vigilantes para combatermos as forças de dominação que estão arrancando o sangue e o suor do povo com uma inflação fabricada, uma dívida contraída e o achatamento dos salários", disse o governador

Collor não sai de casa no dia em que vidente prevê atentado

João Bosco Rabello

BRASÍLIA — O candidato Fernando Collor de Mello preferiu não correr riscos e, pelo sim, pelo não, deu uma pausa em sua campanha ontem, permanecendo em sua residência durante todo o dia — 28 de outubro —, data em que deveria sofrer um atentado, segundo previsão que teria sido feita pela vidente mineira Neila Alkmin. Ela, no entanto, negou ter feito esse anúncio. O candidato e seus assessores negam relação entre a pausa na campanha e a previsão, mas o fato é que Collor fez ontem a única interrupção na sua agenda nos últimos trinta dias, apessar da determinação do PRN — e, de resto, de todos os candidatos — de acelerar a campanha na reta final. Collor, ontem, deveria ter ido a São Paulo, mas suspendeu toda a programação naquele Estado e seus assessores não explicaram o motivo.

A previsão de Neila é oficialmente ridicularizada pela assessoria de Collor e de pessoas próximas ao candidato, mas internamente houve manifestações de revolta de todos — desde o assessor de imprensa, Cládio Humberto, à sua mãe, Leda Collor de Mello, passando por parlamentares como o deputado Arnaldo Faria de Sá. "Ele não acredita nisso, mas é um incitamento claro a uma violência", protesta Faria de Sá. O ceticismo que os assessores de Collor garantem impregnar o candidato não evitou, porém, que ele visitasse diversos videntes, entre os quais o medium Chico Xavier, depois que Neila Alkmin divulgou sua previsão. "Para isso, ele contrariou sua natureza destemida que normalmente o faria desafiar a previsão", observa um interlocutor de Collor.

Hoje o candidato retoma sua programação normal de campanha, com dois comícios — um em Osasco, pela manhã; outro em Recife, à noite. Depois de amanhã, ele invade um reduto sagrado do candidato, Luis Inácio Lula da Silva, Garanhuns, cidade natal do petista. A terça-feira, Collor reservou para programação em Aracaju. Ontem, na agenda de Collor havia apenas a indicação de uma gravação, à noite, em estúdio fechado, para o programa do horário gratuito.

Conceição do Rio Verde,MG — Waldemar Sabino

Afif visitou a vidente Neila Alkimin, que previu sua vitória, pela primeira vez

Neila Alkimin sobe ao palanque de Afif

CONCEIÇÃO DO RIO VERDE, MG — A vidente Neila Alkimin subiu ontem ao palanque armado em praça pública e pediu votos para o candidato à Presidência da República pelo PL, Guilherme Afif Domingos. "Ajudem este homem a chegar à Presidência, para ajudá-lo a lutar por um Brasil melhor e contra a pobreza e a miséria", pediu, sendo muito aplaudida pelos cerca de 1.800 pessoas que foram até a Praça Prefeito José Fontes.

Dona Neila confirmou a "mensagem recebida do astral", de que Afif será o próximo presidente do Brasil. Disse que estava ali pedindo votos para ele pensando nas "crianças pobres e sofridas do Brasil". Afirmou que o candidato do PL é o "homem certo para governar o Brasil" e que estava fazendo campanha para ele por ter recebido "ordens do astral". Ao final do discurso, ainda no palanque o candidato abraçou e beijou dona Neila.

O candidato, em seu discurso, disse por que procurou a vidente. Contou que sua cunhada Maria Lúcia, casada com o irmão Cláudio, assistiu pela televisão uma entrevista de dona Neila, na qual traçava o perfil do próximo presidente da República. O perfil e as propostas se pareciam muito com as suas, já aquela altura decidido a ser candidato, completou. Foi, então, ouvindo a irmã que decidiu procurar a vidente.

Se para os moradores de Conceição do Rio Verde — pequeno município de 18 mil habitantes encravado no Circuito das Águas e a 350 km ao sul de Belo Horizonte, o grande fato do dia foi dona Neila sair às ruas em campanha eleitoral, coisa que nunca fez —, para ela foi simplesmente a visita de Afif.

Às 13h15, quando o helicóptero conduzindo o candidato desceu num pequeno campo de futebol, lá estava ela, juntamente com cerca de 500 pessoas. Ainda junto ao aparelho, dona Neila foi até Afif e o abraçou de maneira calorosa, recebendo como agradecimento um beijo. Ali mesmo, a vidente segurou um estandarte da campanha do PL (mapa do Brasil estilizado) juntamente com Afif e seu vice, ex-ministro Aluísio Pimenta, fizeram pose para os fotógrafos. Em seu Caravam, conduzido pelo filho Litz, ela acompanhou a carreata de cerca de 60 veículos até o local do comício.

Dona Neila, na entrevista, disse que a visita de Afif a Conceição do Rio Verde vai "mudar a história da campanha" e fez mais uma previsão. "Até o dia 10 de novembro, vai haver um período de turbulência, com muita agitação". Mas isso tudo, frisou, vai confirmar Afif como presidente do Brasil. Acrescentou que não está pleiteando cargo público e, como vidente, está "trabalhando em prol do futuro do Brasil".

Queixas — As investidas do empresário e animador de televisão Sílvio Santos para assumir o lugar de Afif balançaram as bases do partido, o que pôde ser constatado ontem em Três Corações (MG) neste município do Sul de Minas, onde toda a estrutura política é favorável ao candidato. Ali, dos 15 vereadores da Câmara o PL tem um e o apoio de outros seis do PDC. O presidente local do PL e presidente do Clube Social Três Corações, Amâncio de Carvalho, queixou-se do fato de Afif, em seu discurso para cerca de 1.500 pessoas, às 11h30, não ter esclarecido as notícias de que Sílvio tomaria o seu lugar.

Amâncio frisou que o noticiário das investidas do dono da TVS "esvaziou" e "esfriou" a recepção a Afif e adiantou que não votará no partido se Sílvio entrar na chapa. O único vereador do PL, eleito com 1.808 votos em novembro, Carlos Roberto Bastos, 40 anos, o *Pesão* – comerciante e figura popular da cidade — afirmou que "as bases querem saber que história é essa do Sílvio Santos", e que será difícil ele próprio garantir ao partido a votação que teve, em caso de alterações. "Tem muita gente desanimando com essa história", explicou.

Cidade conservadora e uma das cinco mais industrializadas do Sul de Minas (80 mil habitantes, 65 mil na zona urbana e um eleitorado de 34 mil pessoas), Três Corações deu a Afif uma recepção contrária às suas expectativas, diante do "aparato" político favorável. Ele desceu de helicóptero no campo de futebol do Atlético de Três Corações, clube da segunda divisão (já disputou a primeira), sendo recebido por cerca de 200 pessoas, a maioria mulheres e crianças.

No comício, na Praça da Matriz da Igreja Sagrado Coração de Jesus, com uma platéia majoritariamente feminina, fez um discurso de 15 minutos. "Nossa eleição será movida muito pela intuição, porque hoje no Brasil está instituída uma rede de desinformação e deformação da verdade. E hoje, quem tiver o poder da intuição terá a força. E a intuição é a forma da mulher brasileira", afirmou. Mas mesmo esse eleitorado, em Três Corações, foi abalado com o assédio de Sílvio Santos em cima da sigla do PL.

Brizola quer ganhar paulista pela memória

ROSEIRA, SP — O candidado do PDT à Presidência da República, Leonel Brizola, disse que pretende "bater na memória do povo paulista, que elegeu Getúlio Vargas", em Guaratinguetá, onde foi recepcionado por cerca de 300 pessoas às 13h30, de onde seguiu em pequena mas ruidosa carreata até o vizinho município de Roseira, a 160 quilômetros da capital, no Vale do Paraíba.

A visita de Brizola à região, com cerca de um milhão de votos em 36 municípios — onde Brizola também visitou a cidade religiosa de Aparecida do Norte e São José dos Campos —, tem objetivo claro: de acordo com as últimas pesquisas de opinião, o candidato do PDT tem apenas 1% das intenções de voto no estado de São Paulo.

Brizola encarou como um ato corriqueiro a notícia, dada por um jornal paulista, de que sua campanha seria interrompida para avaliação. "Esta notícia foi uma *barriga* (notícia sem fundamento) porque é normal um intervalo de dois dias para reflexões durante a campanha", disse.

Apoios — De bom humor, o ex-governador, que chegou acompanhado de sua mulher, dona Neusa, defendeu-se ao ser questionado sobre o rigor de seus ataques ao candidato do PT, Luis Inácio Lula da Silva. "Nunca tomei iniciativa de atacá-lo. Eu me defendo atacando", falou. "Acho que agora cada candidato tem de mostrar o que tem dentro da sua mochila. Na minha não tem nada de novo, só a coerência e uma atitude moderna e conseqüente", sublinhou.

Brizola não deixou de afirmar que apoiaria Lula no segundo turno. Mas emendou rápido: "Eu espero uma fila da esquerda, com Lula, Covas (Mário Covas, do PSDB) e Freire (Roberto Freire, do PCB) de pé no palanque para me apoiar no segundo turno". Em Roseira, Brizola foi recepcionado com um almoço para duas mil pessoas. Entre as lideranças da região, foram convidados 25 prefeitos. Além de um bufê frio, os militantes e personalidades se regalaram com um churrasco de 500 quilos de carne oferecido pela deputada estadual do Rio de Janeiro e empresária Alice Tamborindeguy.

Lula mostra em reduto de Maluf que tem voto

ARARAQUARA, SP — O candidato do PT à Presidência da República, Luis Inácio Lula da Silva, encontrou ontem uma surpreendente recepção favorável em um dos mais sólidos redutos malufistas do interior de São Paulo — o município de Araraquara, cidade de 200 mil habitantes, localizada a 282 quilômetros da capital. As principais ruas do centro da cidade ficaram congestionadas por causa de uma carreata de cerca de 200 automóveis e mais de cem motocicletas que acompanhou o candidato petista desde o aeroporto. Diante das 1.500 pessoas que se concentraram na movimentada Rua Nove de julho à sua espera, Lula teve de improvisar um discurso da caminhonete que o conduzia, logo cercada pela platéia.

"A burguesia vai ter de engolir a vitória da classe trabalhadora", gritou, inflamado, o candidato do PT, sob aplausos das pessoas que tomavam conta da rua. Em tom radical, como tem sido a sua estratégia nos últimos três meses de campanha eleitoral, Lula demonstrou euforia com a acolhida. "A candidatura do PT está crescendo demais nas últimas semanas", empolgou-se.

Crescimento — A recepção oferecida à caravana de Lula, acompanhado de sua mulher, Marisa, e de seu companheiro de chapa, senador José Paulo Bisol (PSB), superou o prestígio que o partido tem na cidade. Dono de minguados 5% na última eleição municipal, vencida pelo PDS, quando elegeu apenas um dos dezenove vereadores da cidade, o PT local viveu um momento de perplexidade com o sucesso alcançado ontem por Lula. Uma pesquisa realizada pela Rádio Bandeirantes na última quarta-feira em Araraquara — cidade que tem fama de conservadora — mostrou em primeiro lugar o candidato do PDS, Paulo Maluf, com 28% das intenções de votos, seguido por Lula, com 22%.

"O movimento na sede do PT está crescendo a cada dia", comemorava o vereador petista da cidade, Domingos Carneseca Neto, surpreso com a recepção a Lula. Anteontem, o candidato do PL, Guilherme Afif Domingos, realizou na cidade uma carreata de pouco mais de setenta veículos. Em grande parte, o vigor demonstrado pela candidatura do PT em Araraquara explica-se pelo fortalecimento da CUT, o braço sindical do partido, que controla hoje as direções locais dos sindicatos dos metalúrgicos, bancários, servidores municipais e da Associação dos Professores do Estado de São Paulo, em uma base estimada em 12 mil trabalhadores.

Araraquara,SP — Ariovaldo dos Santos

Lula e o filho mais novo

Euforia — O candidato do PT desembarcou no aeroporto de Araraquara às 10h10 em jatinho alugado pelo comando de sua campanha. Recepcionado por cerca de 800 militantes que o aguardavam sob um calor de mais de 30 graus, Lula seguiu em carreata para a TV Morada do Sol, onde gravou entrevista. No caminho, foi saudado por muitas pessoas. No centro da cidade, a surpresa: o cortejo de Lula não pôde seguir adiante pelas ruas entupidas de simpatizantes. O candidato fez então um rápido discurso.

Procurando usar palavras simples, fez questão também de apresentar Marisa e o filho caçula, Luís Cláudio, de cinco anos. Não faltaram nem um bolo de nozes de aniversário oferecido por duas petistas (Lula completou 44 anos anteontem) e o *Parabéns pra Você*, cantado pela platéia. A agenda de Lula previa para ontem à tarde que ele viajasse para os municípios paulistas de Bauru e São José do Rio Preto.

Maluf promete dividir terra do Exército

ITABUNA, BA — O candidato do PDS à Presidência da República, Paulo Maluf, anunciou ontem, em debate com empresários nesta cidade do interior da Bahia, a 440 quilômetros da capital, que uma das suas principais metas será fazer reforma agrária nas terras "dos dois maiores latifundiários deste país: a Igreja e o Exército".

Paulo Maluf pregou o câmbio livre para os produtores agrícolas que exportam produtos como cacau, soja e café. "O câmbio atual é irreal e artificialmente feito pelo governo federal", disse o candidato, durante uma palestra proferida no Conselho Nacional dos Produtores de Cacau (CNPC).

"Dizem que o câmbio negro é contravenção. Como se todos os dias os jornais publicam o seu valor?", indagou Maluf. Ele desembarcou às 9h30 no Aeroporto Eduardo Gomes, em Ilhéus. Em Itabuna, ele foi recebido por cerca de 250 pessoas. O representante do CNPC, pecuarista Péricles Thiara, entregou ao candidato um documento elaborado pelo Conselho, que retrata a crise da lavoura cacaueira. Como medida a curto prazo para atenuar a crise do cacau, Maluf disse que extinguiria a correção monetária e anistiaria o débito dos produtores, mas sem dizer por quanto tempo.

Numa alusão aos candidatos do PT, Luis Inácio Lula da Silva, e do PDT, Leonel Brizola, Maluf garantiu que não fará reforma agrária invadindo áreas de produtores. Mas afirmou que não vai esquecer o grande latifúndio, as terras devolutas do Estado, do Exército e da Igreja, que pretende desapropriar para os pequenos produtores sem terras.

Sílvio reafirma que vai disputar eleição

SÃO PAULO - Com o sorriso que lhe é habitual nas tardes de domingo, o empresário e apresentador Sílvio Santos afirmou ontem que disputará as eleições presidenciais. "A minha candidatura está decidida, sou candidato", disparou. A legenda que abrigará o nome Sílvio Santos, o apresentador deixa a cargo do senador Edison Lobão e do presidente nacional do PFL, Hugo Napoleão, os principais articuladores da troca do candidato pefelista Aureliano Chaves por Sílvio Santos. "Deixei esta situação para ser resolvida com os homens que me levaram a aceitar a ser candidato. São eles meus assessores políticos", definiu.

Se a candidatura é certa - mesmo sem partido - a recusa em ser vice de qualquer chapa também é rigidamente descartada. "Se tiver que deixar minha profissão, meu público, o SBT (rede de televisão da qual é proprietário) só o faço se for para o bem deste país", propôs confiante. "Não tenho necessidade de ser vice", completou orgulhoso.

A exatos 17 dias para o primeiro turno das eleições presidenciais Sílvio Santos não teme se lançar candidato a esta altura do campeonato sem tempo suficiente para desempenho de uma campanha eleitoral satisfatória. Quanto a isso Sílvio Santos aposta nos 35 anos de carreira artística. "Um nome como o meu não necessita de apoio ou tempo para ganhar eleição. O público me conhece", aposta sem modéstia.

Ainda bastante maquiado devido às gravações durante a tarde de ontem para seu programa de hoje, Sílvio Santos revelou-se surpreso com a divulgação na sexta-feira durante o programa eleitoral do candidato do PCN, Zamir, de sua fotografia acompanhada da música "Sílvio Santos vem aí", que centenas de *companheiras de trabalho* cantam dominicalmente no Programa Sílvio Santos. "Eu não autorizei nada. Se alguns partidos oferecem a legenda eu não posso fazer nada", disse, voltando a depositar nos personagens de peso do PFL, Lobão e Napoleão, os futuros rumos de sua candidatura. Das supostas articulaçõess entre as figuras de destaque do PFL e partidos para o lançamento do apresentador na corrida presidencial, Sílvio Santos disfarçando seu interesse afirmou: "Não participo das negociações isso é uma atividade política e eu não sou um homem que agora esteja exercendo a política". Dizendo não repudiar nenhuma legenda o empresário analisa que atualmente um partido de direita, centro ou esquerda não faz a menor diferença.

O único momento em que Sílvio Santos despiu-se do personagem "o apresentador mais popular do país" foi quando lhe perguntaram se sua candidatura para a Presidência da República não era apenas uma jogada para daqui a três anos lançar-se como prefeito de São Paulo. Sério ele respondeu: "Isso é uma leviandade. Não tem cabimento. Eu sou um homem de responsabilidade", argumentou.

Eleição mobiliza imprensa estrangeira

Itamar Garcez

BRASÍLIA — Dificilmente um brasileiro residente no exterior ficará sem informação sobre as eleições presidenciais deste ano. A imprensa internacional começou a despejar, desde a última semana, linhas contando como vai ser a eleição para presidente da República no Brasil, 29 anos depois do último pleito direto. Elas vão traçar um perfil dos principais candidatos, contar como reagem as classes dominantes e como o futuro presidente pretende tratar os países estrangeiros.

Para isso, as maiores agências do mundo, como a France Press (AFP) e Associeted Press (AP), mandam atualmente mais de uma matéria por dia. O jornalista uruguaio Jorge Medeiros, da AP, escreveu, na sexta-feira, uma matéria especial, com cerca de 100 linhas, falando sobre a polêmica que as pesquisas têm provocado entre os partidos políticos no Brasil.

O francês Michel Galan, da FP, há dois anos no Brasil, escrevia a matéria "A esquerda brasileira: de vento em popa", contando o crescimento de Lula, Brizola e Covas, além de traçar um perfil de outros candidatos importantes. Ele escreveu sobre a "subida e o dinamismo de Lula", a "reorientação para a centro-esquerda de Brizola" e a candidatura Covas, que "pode evitar a subida de Brizola".

Radiografia — Collor foi definido como "populista de direita"; Maluf "estancou" e Afif continua "caindo". Já Sílvio Santos foi apontado pelo jornalista francês como o ex-camelô da "ultra-direita" que ainda pode entrar no páreo. Um outro correspondente confidenciou que, nem na imprensa estrangeira, nem nos meios diplomáticos, acredita-se que o empresário se candidate.

Galan diz que a FP quer fazer uma radiografia da sociedade brasileira e, por isso, favelas e ecologia, são temas obrigatórios. Mas, segundo ele, os leitores de outros países querem saber também como funciona a organização de um pleito num país continental como o Brasil, mas que não dispõe dos recursos econômicos dos EUA, por exemplo. Na semana passada, ele entitulou uma matéria como "Indecisos, o maior partido do Brasil".

Tanto Galan como seu colega da AFP querem explicar como os dois maiores partidos brasileiros, o PMDB e o PFL, disputam as eleições sem chances, e como o próximo presidente vai governar sem maioria no Congresso. Medeiros relata que o que acontece no Brasil é incomum em outros países, onde as instituições partidárias são mais fortes. "Se ganharem, nem Collor nem Lula terão maioria no Parlamento", analisa o jornalista.

Críticas — A orientação para a cobertura dos correspondentes, no entanto, tem sido a mesma da imprensa nacional até agora: o diagnóstico das pesquisas de opinião. É o que admite Humberto Giannini, da Ansa, agência italiana. "A nossa prioridade são as pesquisas", comenta. Se Collor era o preferido das agências quando popularizou-se como "fenômeno" das pesquisas, hoje é Lula, provocando "alta do dólar e do ouro" e causando "medo na elite", que atrai as atenções dos jornalistas estrangeiros. O jornalista Ricardo Palmas, da EFE, agência espanhola, prepara uma reportagem sobre a reação militar a um eventual governo de esquerda.

Muito cautelosos em suas declarações, os correspondentes não se esquivam de criticar os candidatos. "Eles não se preocupam em se pronunciar sobre coisas importantes e nem falam de temas internacionais", lamenta Medeiros. Ele conta que, quando assistiu ao debate da TV Bandeirantes, no começo do mês, sua intenção era relatar posteriormente os temas internacionais, mas acabou escrevendo sobre Lula, transformado em alvo dos demais candidatos. "Todos os candidatos querem proteger a Amazônia e decretar a moratória. Mas não explicam como fazer isso", observa Galan.

Os fotógrafos estrangeiros também começam a se movimentar. O fotógrafo americano Newton Greg preparou voluntariamente, como "free-lancer", cerca de 100 cromos (slides a cores) sobre os principais candidatos - Lula, Brizola e Collor -, e enviou à agência fotográfica Sipa, em Nova Yorque. Na semana passada, outro americano, o fotógrafo Randy Belincky, da Sigma, a maior agência fotográfica do mundo, acompanhou Collor em São Paulo, Rio de Janeiro e Brasília.

Tempo de candidato é curto para entrevista

BRASÍLIA — O jornalista Tapani Hannikainen, da rádio e TV da Finlândia, tentou, na última quarta-feira, marcar uma entrevista exclusiva com o candidato do PT, Luís Inácio Lula da Silva. De origem modesta como o presidente finlandês — o ex-carpinteiro Mauno Koivisto — o ex-torneiro mecânico Lula sequer foi informado pela sua assessoria na Câmara dos Deputados. Ele estava ocupado, a poucos metros dali, com uma entrevista coletiva para jornalistas brasileiros. Tapani ficou sabendo que o candidato não poderia atender isoladamente nenhum repórter. O assédio da imprensa internacional aos candidatos apontados pelas pesquisas de opinião como favoritos cresceu.

Leonel Brizola, do PDT, e Fernando Collor, do PRN, disputam a preferência com Lula, embora não existam dados precisos. Na assessoria de Collor, por exemplo, os jornalistas que se encarregam de atender correspondentes estrangeiros recomendam que o interessado acompanhe o candidato e tente uma entrevista durante os múltiplos comícios que ele realiza quase todos os dias. No último mês da campanha, a procura aumentou ao ponto dos telefonemas e pedidos de informação tornarem-se rotina diária.

Interesse — Esse interesse é medido com maior precisão pelo Tribunal Superior Eleitoral (TSE). Hoje, já existem cerca de 500 jornalistas estrangeiros credenciados para cobrir as eleições, contra 1500 brasileiros. Em número de empresas, a procura estrangeira parece apontar um interesse internacional equivalente ao nacional. São 140 empresas brasileiras contra 115 estrangeiras. E o número continua crescendo.

A publicitária Fátima Araújo, do comitê do PRN, em Brasília, lembra que em setembro ainda era possível conversar reservadamente com Collor. "Hoje isso é quase impossível", conta. Apenas nos últimos dez dias, Collor foi procurado por jornalistas da Suíça, Noruega, Áustria, Espanha, Japão, EUA, entre outros. Na maioria das vezes são representantes no Brasil desses veículos ou diplomatas estrangeiros, auxiliando seus conterrâneos.

O jornalista Márcio Araújo, da assessoria do PT, já tem quase pronto o esquema que será montado no auditório Nereu Ramos, na Câmara dos Deputados, para que Lula atenda a imprensa internacional. As 10 horas da próxima quarta, dia 1, todos os jornalistas estrangeiros interessados poderão questionar Lula, que contará com dois intérpretes, da língua inglesa e francesa, para auxiliar os correspondentes. (I.G)

Apuração — A formação do comitê interpartidário para fiscalizar a apuração do Serpro são os temas que reúnem amanhã, na sede do PDT paulista, representantes das legendas que concorrem às eleições presidenciais e o desembargador Lair Loureiro do Tribunal Regional Eleitoral (TRE). O encontro previsto para amanhã foi precedido de outro realizado na sexta-feira passada cujos integrantes não conseguiram chegar a um consenso sobre o espaço físico aonde instalar o comitê interpartidário nem a forma como deve ser organizado. A lei prevê sua constituição mas não especifica sua formação. Em todo estado de São Paulo está prevista a formação de sete pólos de convergência de apuração.

Informe JB

O cinema foi um dos poucos — senão o único — setores culturais que perdeu espaço no Brasil: em sete anos foram fechadas quase mil salas de exibição.

Em 1978 havia 2.532 salas contra 1.623, em 1985.

Inversamente, o número de teatros quase triplicou, passando de 121 para 302.

O número de museus também deu um salto significativo: de 409 para 895.

Cresceu, embora em proporção menor, o número de jornais: de 1.403 para 1.629.

As emissoras de rádio, que em 1978 eram 1.067, chegaram, em 1985, a 1.484.

E as concessionárias de televisão pularam de 95 para 143.

□

Os dados foram obtidos a partir da comparação da edição de 1980 com a de 1989 do *Anuário Estatístico do Brasil* que acaba de sair do forno do IBGE.

Na ponta do lápis

Brizola detém 50% do eleitorado do Rio e 2% de São Paulo.

Isso corresponde a cerca de 4,4 milhões de eleitores.

□

Já Lula tem 16% de São Paulo e 12% do Rio.

Totalizando 3,9 milhões.

Namorico

Quem está promovendo a reaproximação do candidato tucano Mario Covas com o governador do Paraná, Álvaro Dias, é o prefeito de Belo Horizonte, Pimenta da Veiga.

Maldade

O jornal interno dos funcionários do Banco do Brasil circula com uma piadinha maldosa:

"Não faça do seu colega um ministro.

A vítima pode ser você".

□

A estocada tem endereço certo.

O funcionário do BB e ministro da Fazenda, Mailson da Nóbrega, que se opõe ao pagamento do aumento de 152%.

Estocada

O ex-ministro e atual deputado pelo PDS paulista Delfim Netto continua com as garras afiadas.

Sua definição sobre o Partido dos Trabalhadores é um modelo da ironia que destila contra os adversários:

— Embora não saiba, o PT é o último partido comunista do mundo.

MPB

Do governador Moreira Franco, repetindo Vinicius de Moraes, ao pregar a união política do PMDB:

— É melhor sofrer junto do que ser feliz sozinho.

Advogados

Atribui-se ao líder comunista Lênin a pecha preconceituosa:

"Advogados nem os do Partido Comunista".

□

E olha que ele não conheceu o advogado Jair Leite Pereira, o preferido por 9 entre 10 estrelas do crime.

Compra-se

A Constituição acabou com as cartas patentes no sistema financeiro.

Mas elas estão de volta. Na política.

É o que está fazendo o animador Silvio Santos ao tentar alugar um partido.

Pró-memória

Quando o governador Miguel Arraes — que se diz capaz de unir a esquerda do PMDB — foi eleito em 1986, a bancada federal pemedebista pernambucana era composta por 14 parlamentares. Hoje, há apenas sete.

Debandaram: Fernando Lyra, Artur Lima Cavalcanti e Gonzaga Patriota, para o PDT; Egídio Ferreira Lima e Cristina Tavares, para o PSDB; e Osvaldo Lima Filho e Maurílio Ferreira Lima, para o PT.

No palanque

O PCB está convidando delegações de partidos comunistas estrangeiros para o comício do candidato Roberto Freire, dia 9, na Cinelândia, no Rio.

□

Aliás, o primeiro grande comício de Freire acontece amanhã, na cidade operária de Jaboatão, a "Moscouzinho" de Pernambuco.

Decoração

A Fundação Parques e Jardins do Rio de Janeiro acaba de aprovar projeto para fazer um verdadeiro corredor florido do chafariz da Praça 11, no Centro do Rio, até a Rodoviária, ladeando o fétido Canal do Mangue.

Guinada

Frase que o presidente do Sindicato dos Metalúrgicos de São Paulo, Luiz Antonio de Medeiros, tem ouvido com freqüência nos últimos dias:

— No sindicato eu voto em você, mas para presidente é no Lula mesmo.

Pretensão

Antônio Pedreira, do PPB, resolveu promover uma viagem aos Estados Unidos, como candidato a presidente do Brasil.

Para isso pediu uma entrevista com o prefeito de Washington, Marion Barry, e outra ao presidente do Partido Democrata, Ron Brown, e recebeu dois sonoros nãos.

□

Mas insistiu e aguarda respostas do reverendo negro Jesse Jackson e o democrata nova-iorquino David Dinkin.

Agenda

No próximo dia 9 o candidato do PT, Luís Inácio Lula da Silva, participará do ato em repúdio pela morte dos três operários de Volta Redonda, no Estado do Rio.

E aproveitará para — exatamente no lugar onde há um ano o Exército enfrentou os trabalhadores com fuzis — falar da criação do Ministério da Defesa, substituindo os ministérios militares.

Amém!

Já tem data marcada a inauguração do supermercado Paes Mendonça, na Barra da Tijuca, no Rio, cujo investimento é de US$ 36 milhões.

Será dia 8 de dezembro — Dia de Nossa Senhora da Conceição na Igreja Católica e de Mamãe Oxum, na umbanda.

□

É que o empresário sergipano Mamede Paes Mendonça, que só na Bahia tem 96 supermercados, respeita à risca os dois credos.

Não é sério

O candidato do PSDB, Mario Covas, classificou de "esdrúxula" a situação que permite a um cidadão, no caso Silvio Santos, se apresentar como candidato a presidente da República a 20 dias da eleição e por qualquer partido.

— Isto é coisa de país que não é sério.

Aliás

A equipe da TV Tucano que aproveita as concentrações populares do candidato Mario Covas para entrevistar os eleitores tem a saudável preocupação de perguntar o nome do entrevistado e pedir autorização para usar a gravação no horário gratuito do TSE.

Lance Livre

● Dentro de 17 dias o brasileiro vai, finalmente, votar para presidente da República. A primeira eleição direta desde 1960.

● **O livro** Lula — Biografia política de um operário, **de Frei Betto, editado pela Estação Liberdade, esgotou em uma semana a primeira edição de 7 mil exemplares. Nova edição já está no prelo.**

● O governador Miguel Arraes está mesmo disposto a continuar no cenário político. Acaba de contratar a agência de publicidade Grupo-Nove, de Recife, para cuidar de sua imagem. Esta empresa, por sinal, presta o mesmo serviço para o prefeito Joaquim Francisco Cavalcanti, do PFL, adversário de Arraes.

● **A Juventude do PDT vai soltar hoje, às 9h, na Avenida Atlântica, 35 pipas nas cores vermelho, azul e branco e mais sete com as letras que formam o nome Brizola.**

● O PT promove dia 4, na Praia Grande, em Arraial do Cabo, no Estado do Rio, o **Lula e rock**: um luau digno do Havaí, com a presença de roqueiros tupiniquins. Dia 12 é a vez de um supermusical na Praia do Arpoador, no Rio.

● **O jornal** Leia **que chega às bancas amanhã publica trecho do livro inédito** Hitler-Stalin — o pacto maldito e sua repercussão no Brasil, **de Joel Silveira e Geneton Moraes Neto. Uma das partes fala sobre o jornal pró-nazista** Meio-dia, **criado em 1939, durante o pacto germano-soviético, em que escreveram Oswald de Andrade e Jorge Amado.**

● Mora Guimarães, Neuza Brizola, Leticia Freire e Marisa Silva, esposas de presidenciáveis, e a presidente do Conselho Nacional dos Direitos da Mulher, Silvia Maria Auade, são as entrevistadas do programa **Debate em** Manchete, amanhã, às 23h30, na TV Manchete.

● **O filme** Doida demais, **com Vera Fisher no papel principal, foi abatido semana passada em pleno vôo pelo Batman. Visto nas quatro primeiras semanas, em todo o país, por 500 mil espectadores, o filme nacional ficou restrito no Rio a apenas um sala de exibição, entrando em cartaz agora no interior.**

● A cantora Joyce embarca quarta-feira para Nova Iorque, onde vai mixar o disco que será lançado pela Polygram internacional nos Estados Unidos e na Europa. Dia 13 ela está de volta para as eleições e dia 22 estréia temporada no Jazzmania.

● **A Prefeitura de Angra dos Reis, no Estado do Rio, está adotando uma maneira informal de recompensar a população dos inconvenientes dos loteamentos. Ao conceder a aprovação do lote, sugere ao empresário responsável pelo projeto que doe uma escola para a região onde será implantado.**

● E o debate de presidenciáveis na TV Globo?

Ancelmo Gois, com sucursais

JORNAL DO BRASIL

Áreas de Comercialização

Superintendente Comercial: José Carlos Rodrigues
Superintendente de Vendas: Luiz Fernando Pinto Veiga
Superintendente Comercial (São Paulo): Sylvian Mifano
Superintendente Comercial (Brasília): Fernando Vasconcelos
Gerente de Classificados: Saulo Ornelas

Sucursais

Brasília — Setor Comercial Sul (SCS) Quadra 1, Bloco K, Edifício Denasa, 2º andar — CEP 70302 — telefone (061) 223-5888 — telex (061) 1 011.
São Paulo — Avenida Paulista, 1.294, 17º andar — CEP 01310 — S. Paulo, SP — telefone (011) 284-8133 (PBX) — telex (011) 21 061, (011) 23 038.
Minas Gerais — Av. Afonso Pena, 1.500, 7º andar — CEP 30130 — B. Horizonte, MG — telefone (031) 273-2955 — telex (031) 1 262.
R. G. do Sul — Rua Tenente-Coronel Correia Lima, 1.960; Morro Sta. Teresa — CEP 90640 — Porto Alegre, RS — telefone (0512) 33-3711 (PBX) — telex (0512) 1 017.
Bahia — Rua Conde Pereira Carneiro, 226 — Salvador — Bahia — CEP 41100 — telefone (071) 244-3133 — telex 1 095.
Pernambuco — Rua Aurora, 325, 4º and., s. 418-420 — Boa Vista — Recife — Pernambuco — CEP 50050 — telefone (081) 231-5060 — telex (081) 1 247.
Ceará — Rua Desembargador Leite Albuquerque, 832, s. 202 — Edifício Harbour Village — Aldeota — Fortaleza — CEP 60150 — telefone (085) 244-4766 — telex (085) 1 655.

Correspondentes nacionais: Acre, Alagoas, Amazonas, Espírito Santo, Goiás, Mato Grosso, Mato Grosso do Sul, Pará, Paraná, Piauí, Rondônia, Santa Catarina.
Correspondentes no exterior: Buenos Aires, Paris, Roma, Washington, DC.
Serviços noticiosos: AFP, Tass, Ansa, AP, AP-Dow Jones, DPA, EFE, Reuters, Sport Press, UPI.
Serviços especiais: BVRJ, The New York Times, Washington Post, Los Angeles Times, Le Monde, El País, L'Express.
Atendimento a Assinantes: Luiz Alberto Rocha da Cruz. De segunda a sexta, das 7h às 17h. Sábados, domingos e feriados, das 7h às 11h.
Telefone: (021) 585-4183
Exemplares atrasados: Valdir Campos da Silva. De segunda a sexta das 10h às 17h. Av. Brasil 500, sala 433.
Telefone: (021) 585-4377
Avisos Religiosos e Fúnebres: Tels: (021) 585-4320 e 585-4476

Preços de Venda Avulsa em Banca

Estados	Dia útil	Domingo
RJ	2.00	4.00
MG-ES	3.00	5.00
SP	3.00	5.00
AL-MT-MS-SC-RS-BA-SE-PR-GO	3.50	5.50
MA-CE-PI-RN-PB-PE	5.00	7.00
Demais Estados	5.00	7.00

Com Classificados

Estados	Dia útil	Domingo
DF-MT-MS-PR-BA	5.00	7.00
PE	6.00	7.50
PA-RO-RR	6.50	8.00
Manaus	6.50	8.00

INFO

Entrega Domiciliar	Pagamento Cheque ou Espécie	Cobrança Bancária
RJ-SP MG-ES DF	132.00	132.00
Demais Estados	180.00	180.00

Assinatura — Tel. (021) 585-4346

Preços das Assinaturas (de 1/11/89 a 30/11/89)

Entrega Domiciliar	Segunda/Domingo Mensal Preço	Segunda/Domingo Trimestral Preço	Segunda/Domingo Trimestral 2 Parcelas	Segunda/Domingo Semestral Preço	Segunda/Domingo Semestral 3 Parcelas	Executiva (Segunda/Sexta-feira) Mensal Preço	Executiva Trimestral Preço	Executiva Trimestral 2 Parcelas	Executiva Semestral Preço	Executiva Semestral 3 Parcelas
(*) Rio de Janeiro	102.00	275.40	159.90	520.20	232.50	66.00	188.10	109.20	356.40	159.30
Minas Gerais/Espírito Santo/São Paulo	147.00	396.90	230.50	749.70	335.10	99.00	282.20	163.90	534.60	239.00
Goiânia/Salvador/Maceió/Cuiabá Curitiba/Florianópolis/Porto Alegre Campo Grande/(**) Brasília	177.00	477.90	277.50	902.70	403.50	121.00	344.90	200.30	653.40	292.10
Recife/Fortaleza/Teresina Natal/João Pessoa/São Luís	237.00	639.90	371.60	1208.70	540.30	165.00	470.30	273.10	891.00	398.30
Camaçari-BA	—	—	—	1435.10	641.50	—	—	—	1057.30	472.60
Manaus	308.00	831.60	482.90	1570.80	702.10	242.00	689.70	400.50	1306.80	584.10
Pará/Rondônia	308.00	831.60	482.90	1570.80	702.10	220.00	627.00	364.10	1188.00	531.00
Entrega postal em todo o território nacional	—	639.90	371.60	1208.70	540.30	—	470.30	273.10	891.00	398.30

(*) No caso específico do Rio de Janeiro
Trimestral (Sábado e Domingo) NCz$ 118,80
Semestral (Sábado e Domingo) NCz$ 237,60

(**) No caso específico de Brasília
Trimestral (Sábado e Domingo) NCz$ 168,00
Semestral (Sábado e Domingo) NCz$ 336,00

Cartões de Crédito (Para todo o Território Nacional): Bradesco (ELO), Nacional e Credicard

Avenida Brasil, 500 — CEP 20949 — Caixa Postal 23100 — S. Cristóvão — CEP 20922 — Rio de Janeiro — Telefone (021) 585-4422 ● Telex (021) 23 690 — (021) 23 262 — (021) 21 558 ● **Classificados por telefone (021) 580-5522 — Outras Praças** (021) 800-4613 (DDG — Discagem Direta Grátis)

Corpo-a-corpo é a etapa final para os 3 favoritos

João Domingos

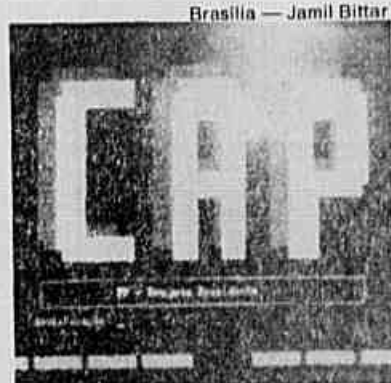
BRASÍLIA — Os partidos que integram a Frente Brasil Popular (PT, PSB e PC do B), pela qual é candidato a presidente da República Luís Inácio Lula da Silva, esperam espalhar pelos 4 mil municípios do país 1 milhão de militantes no que será o início do que chamam de corpo-a-corpo final da campanha, em seus últimos 15 dias. O PRN, de Fernando Collor de Mello, espera contar com 700 mil militantes com o mesmo objetivo nos mesmos dias decisivos. O candidato do PDT, Leonel Brizola, vai concetrar seus militantes nas capitais estaduais e nas cidades com mais de 200 mil habitantes.

Além do mergulho final na campanha, os partidários das três candidaturas favoritas, segundo as pesquisas sobre intenção de votos, vão treinar as formas de se evitar fraudes na apuração. No PRN, a equipe ficará sob a direção do deputado Alceni Guerra (PR). "Desde julho estou montando uma equipe de advogados e administradores de empresa nos estados e nos municípios. Por isso, a atuação de nossos 700 mil fiscais já está toda direcionada". Os militantes do PRN receberão cachê pelo trabalho. Alceni não revela de quanto será. Uma estudante de 16 anos, convidada a paarticipar da campanha de Collor, informou que lhe foi oferecida a quantia de NCz$ 70,00 pelo esforço no primeiro turno.

Na Frente Brasil Popular a responsabilidade pelo trabalho do milhão (número fornecido pelo deputado Virgílio Guimarães) de militantes será dos deputados Paulo Delgado (PT-MG), Aldo Arantes (PC do B-GO) e Ademir Andrade (PSB-PA). No PDT, o comando contra a fraude é do deputado Luís Salomão (RJ), que contará no Rio de Janeiro com um sistema de micro-computadores para acompanhar toda a apuração de votos e prevenir eventuais fraudes. O partido convidou todos os partidos, exceto o PRN de Collor, a participar desse esquema paralelo.

Vigilância — O PRN e a coligação Frente Brasil Popular, por coincidência, pretendem colocar dois fiscais em cada uma das mais de 300 mil urnas que serão utilizadas na eleição. Mas o PT não vai dispor de sistema informatizado para acompanhar a apuração nas cerca de 30 mil juntas. "Confiamos na vigilância dos nossos militantes", disse o deputado Virgílio Guimarães (MG), um dos coordenadores da campanha.

O PRN usará de toda sofisticação.

Brasília — Jamil Bittar

CAP conta votos de Collor

A CAP Software, empresa de informática contratada por Collor, fará a apuração paralela para o PRN. "Cinco horas antes do resultado final, o Fernando Collor terá o mapa da urna de cada local", afirmou o deputado Alceni Guerra.

Lula e Fernando Collor decidiram que o programa gratuito no rádio e na televisão dos últimos dias obedecerá os mesmos critérios dos atuais. Não se mexe naquilo que está ganhando, avaliaram em ocasiões e locais diferentes, mas com a mesma confiança, o deputado petista Virgílio Guimarães e o assessor de imprensa do PRN, José Natal. O candidato do PDT vai iniciar a fase de grandes pronunciamentos na TV, aparecendo sozinho.

Confiança — Os *tucanos* do candidato do PSDB, Mário Covas, montaram esquema diferente para enfrentar os últimos 10 dias da campanha. "Nós não temos a menor condição de fazer boca-de-urna ou de montar esquemas sofisticados para prevenir fraudes. Vamos confiar no bom-senso dos apuradores e no sistema informatizado de apuração do Tribunal Superior Eleitoral", disse o deputado Euclides Scalco (PR), da coordenação da campanha de Covas.

O PDS de Paulo Maluf foi um dos primeiros partidos a aceitar o convite dos brizolistas para integrar o sistema antifraude do PDT, apesar das brigas registradas até agora entre os dois candidatos. O PDS tem estrutura pequena no interior e fará boca-de-urna apenas em São Paulo e algumas poucas cidades onde tem militância ativa. Maluf vai manter a mesma linha adotada até agora em seu programa gratuito. No debate previsto para os dias 11 e 12, no SBT, com patrocínio do **JORNAL DO BRASIL** e da **Folha de S. Paulo**, ele pretende exibir agressividade maior do que aquela mostrada nos encontros anteriores. Será a última oportunidade de tentar melhorar sua performance junto ao eleitorado.

Na periferia do poder a indecisão impera

Político nem sempre ganha voto de quem lhe presta serviço

Rita Tavares e Teresa Cardoso

Brasília — Fotos de Gilberto Alves

O contínuo Nazaré acha que Covas tem melhor perfil

José Antônio Ferreira

Copeiras da Câmara servem candidatos, mas não sabem em quem votar

BRASÍLIA - Edna Evangelista Castro, uma candanga de 21 anos, já serviu café para Leonel Brizola, Luís Inácio Lula da Silva, Roberto Freire e Afif Domingos. Mas, até agora, não sabe se dará seu voto a um deles. Assim como ela, Maria dos Anjos, Josefina, Maristela e Aparecida, as funcionárias que servem diariamente milhares de cafezinhos na Câmara dos Deputados, não sabem em quem votar no próximo dia 15 de novembro. A indecisão é uma constante entre a maioria dos eleitores que servem aos poderosos. "Posso votar em qualquer um deles", revela Edna.

Há trinta anos convivendo com os ocupantes da Presidência da República, o porteiro João da Conceição, 59 anos, é o símbolo da indecisão: "Só na hora de dar o último passo para a urna, resolverei em quem votar". E de sua cabeça tudo é possível. Levado para o Palácio do Catete pelo ex-presidente Juscelino Kubitschek, do PSD, João da Conceição não se melindrou em dar seu voto a Jânio Quadros, da UDN, na última eleição presidencial, em 1960.

Revoltado — "Votar pra que?", reage o agente de segurança, José Pereira dos Santos, há 12 anos cuidando dos corredores do Senado Federal. Apenas o apresentador Sílvio Santos seria capaz de mudar o ânimo do segurança. "Já estou cansado de ver esses políticos. O Sílvio, pelo menos, nunca entrou na política", explica. Nem mesmo o preferido das pesquisas, o ex-governador Fernando Collor de Mello, o empolga: "Ave Maria, esse homem não". Mais radical é o indeciso agente de segurança da Câmara dos Deputados, Francisco Lima, 42 anos, que talvez nem saísse de casa no dia 15 de novembro, se o voto não fosse obrigatório.

Henrique Nazaré, conhecido como **Very well**, por usar essa expressão sempre que atende o telefone, 55 anos, é contínuo do Palácio do Planalto desde o governo João Goulart. Em 1961, votou no marechal Lott e, agora como velho pessedista, gostaria de votar em Ulysses Guimarães, mas não acredita em sua vitória. "O Covas é o único que tem um perfil limiar (sic) de estadista", afirma o eleitor, que está tucanando. **Very well** não mudaria seu voto nem mesmo para atender a um pedido do presidente José Sarney. "Sigo meu livre arbítrio, assim como respeito o voto do presidente".

Embora a maior parte de sua família vote em Mário Covas (PSDB), a chefe de gabinete da liderança do PDS na Câmara dos Deputados, Selma Dângelo Ferreira, está inclinada a votar em Paulo Maluf (PDS). Ela teme que Covas seja manobrável no governo, enquanto aposta na coragem e destemor de Maluf. O ex-governador de São Paulo tem outro voto garantido junto ao porteiro do Senado Federal, Antônio Machado, um cearense de 33 anos, que proclama: "Ele é o mais coerente dos candidatos."

"Quem conhece o Brizola, vota no Brizola", sustenta o mineiro Antônio Eduardo dos Santos, 26 anos, porteiro do Palácio do Planalto, mostrando que há quem tenha voto consolidado entre os funcionários do poder. Não distribui panfletos, mas não cansa de repetir aos seus companheiros de trabalho as qualidades do candidato. "Se o Brizola ganhar, a estrutura do palácio vai mudar toda. O importante é que vença alguém de esquerda no país." Opinião oposta tem o ascensorista do gabinete do ministro da Fazenda, José Antônio Dias Ferreira, um maranhense de 35 anos. Maílson da Nóbrega vai votar em Covas, mas Ferreira fica com Collor, simplesmente porque ele é jovem. Seu poder de persuação, no entanto, não é grande, já que sua mulher, Honória, está indecisa entre Afif e Lula.

Florentino — Nos restaurantes que mais atendem o poder em Brasília, a indecisão não existe. Tanto o maitrê do Florentino, Honório José Rodrigues, quanto o do La Becasse, Raimundo José Pimentel Reis, votarão em Collor. Não conseguem detalhar as razões da escolha, dizendo apenas que ele é jovem e dinâmico, além de ser um cliente muito simpático. De todos os candidatos que o maranhense Raimundo conhece - e são muitos a frequentar o restaurante —, ele não titubeia: "Collor sempre foi o mais amável".

Dos 22 garçons do Florentino, a maioria está com Collor, mas o *barman* George Rodrigues da Silva, 36 anos, dará seu voto a Brizola, embora nunca tenha preparado um drinque para ele. Pai de duas crianças, ele espera que o candidato construa muitos Cieps pelo país afora. Enquanto esperava seu chefe, o superintendente da Sudeco, almoçar, o motorista Geraldo Menezes, 52 anos, refletia a desilusão da maioria do eleitorado brasileiro: "Vou anular meu voto, porque não acredito nos políticos deste país. Toda noite, desligo a televisão na hora da propaganda gratuita para não gastar energia, que aumenta 4O% ao mês".

Igreja conquista interior de Pernambuco para Lula

Fotos de Natanael Guedes

Terezinha Nunes

LAJEDO, SÃO BENTO E CATENDE (PE) — Na eleição municipal do ano passado, o PT teve 0,9% dos 43.565 votos desses três municípios do Agreste e da Zona da Mata de Pernambuco e só em um deles — Catende — conseguiu lançar candidato a prefeito. Há 15 dias, porém, não há mais dúvida nas praças, nas ruas e junto aos partidos políticos locais de que o candidato do PT a presidente, Luis Inácio Lula da Silva, vai ficar entre o 1º ou o 2º lugar na eleição de 15 de novembro. O milagre vem sendo operado pela Igreja progressista, que dentro dos templos ou fora deles engajou-se de corpo e alma na campanha do PT.

De forma discreta, como em Catende, onde o PT é dirigido por participantes do Movimento Jovem da Igreja, que temporariamente se afastaram, do trabalho eclesial, ou acintosamente como em São Bento do Una, terra do compositor Alceu Valença, onde o padre Luis Carlos Oliveira, pároco local, 31 anos, assume a candidatura de Lula e até usa um broche vermelho do PT em sua inseparável boina branca. A Igreja progressista, com ou sem a aprovação dos bispos, vem conseguindo o que era considerado impossível a pouco mais de um mês: fazer com que a propaganda de Lula nas cidades interioranas rivalize com a de Fernando Collor de Mello, do PRN, e deixe para trás o candidato do PDT, o ex-governador Leonel Brizola. Nos últimos 10 dias, Lula pulou de 6% para 22% no estado, segundo pesquisa do DataFolha.

Aberto — Em dioceses divididas por bispos progressistas, como D. Tiago Postema, de Garanhus, a 229 quilômetros do Recife, no Agreste, município onde Lula nasceu, o avanço da Igreja dentro do PT é aberto e flagrante. Em outras, como a de Palmares, a 128 quilômetros do Recife, na Zona da Mata, dirigidas por bispos moderados como dom Acácio Rodrigues, o trabalho é mais escondido e só os agentes das pastorais põem a cara de fora, freqüentam os comitês do PT e pedem votos. De uma forma ou de outra, o PT, que quase não existia no interior -- na eleição de 1982 teve apenas 2% dos votos do estado (em 1986 nem disputou o pleito estadual) — exibe hoje comitês eleitorais em todas as cidades, mesmo as menores, com menos de 20 mil habitantes.

"Se a Igreja não se posiciona do lado dos trabalhadores, automaticamente estará fazendo o jogo dos poderosos — afirma o padre Luis Carlos Oliveira, de São Bento do Una.

Carta — O padre Sergio Absalão, 28 anos, de Lajedo, onde o PT é dirigido por um dos principais paroquianos, o advogado e agente de pastoral Adelmo Torres, evita pronunciar-se abertamente por Lula e ir ao comitê do PT. Mas, em carta entregue aos paroquianos, ele afirma que os trabalhadores devem votar em quem defenda os seus direitos. "Não tenho culpa", afirma, "se o povo faz

Padre Luís Carlos: PT assumido

logo uma ligação com Lula. Poderia fazer com Brizola, que também é progressista, ou com Roberto Freire. Mas eles concluem por Lula."

A aparente neutralidade do padre Absalão é contestada pelo prefeito de Lajedo, Lidio Cosme da Silva, indeciso entre Fernando Collor e Afif Domingos. O prefeito chama o padre de "sacerdote vermelho" e já rompeu com a igreja local. "Não vou mais a uma missa desse padre de jeito nenhum", afirma. Padre Sergio, salienta Lidio Cosme da Silva, "critica os políticos na cara, como aconteceu comigo, envergonhando-me diante do povo".

Crise — No município de São Bento do Una, a posição do prefeito Leucio de Oliveira Mota, que apóia Fernando Collor, também é de contestação. Ele deixou de freqüentar a missa e há 17 dias, quando o padre Luis sofreu um acidente na estrada que liga Lajedo a Caruaru, mandou que um carro de som denunciasse que o padre havia sofrido o acidente ao se dirigir a um comício do PT. "Espalham também que eu tenho mulheres e que até bebo. São calúnias que não me abalam", diz o padre Luis, explicando que tudo acontece "porque o Agreste foi sempre representado positivamente pelas oligarquias e só agora aparece um partido forte para organizar o povo e conscientizá-lo".

O que diz o padre Luis pode ser verdadeiro. Na Zona da Mata de Pernambuco, por exemplo, onde a esquerda ganhou as eleições em 1988, não é de atrito o relacionamento entre o PT e o PMDB, que governa os municípios da região. O operário José Vicente Sabino da Silva, tesoureiro do PT e coordenador da campanha de Lula em Catende, é mais bem recebido na prefeitura do que na Igreja, governada por padres conservadores, onde fez parte do Movimento Jovem até o ano passado.

Padre Absalão: povo quer Lula

Comunidade de base é a ponta de lança

"Um Brasil novo com Cristo. Lula — PT." Esta frase está pichada nos muros da cidade de Lajedo. A associação dos nomes de Lula e Cristo é inevitável e não fica difícil saber quem a escreveu: algum membro da Igreja progressista, dos muitos engajados no PT e militantes do comitê do candidato do partido.

Não há crucifixos, santos ou terços nos comitês petistas de Lajedo, Catende e São Bento, mas as pichações são suficientes para se conhecer a influência dos católicos progressistas na campanha de Lula. Quem for a um dos comitês também vai poder saber de algumas informações precisas para a Igreja, como o número de Comunidades Eclesiais de Base em funcionamento nos municípios, o nome do pároco local, onde ele mora, a que hora costuma celebrar missas ou se reunir com os paroquianos.

Quando não é o próprio padre que aparece no comitê como em São Bento do Una, a 214 quilômetros do Recife, são seus auxiliares ou agentes de pastoral que sempre se apresentam para atender eleitores como em Catende, a 144 quilômetros da capital, ou em Lajedo, a 192 quilômetros.

Nos três municípios citados, o PT tem o apoio de 100 Comunidades Eclesiais de Base. O presidente do PT de Pernambuco, Fernando Ferro, reconhece que o trabalho dos católicos progressistas ajuda o partido a avançar. "Tinhamos comitês em apenas 40 municípios, agora estamos com 130 municípios cobertos" (o estado tem 167). Fernando Ferro evita falar, contudo, em Igreja diretamente. "A Igreja como instituição não nos apóia. Os padres quando o fazem, e já são muitos, agem como cidadãos, mas não resta dúvida de que o respeito de que gozam nas comunidades nos ajuda muito. Tem município do Sertão onde há gente viajando 20 quilômetros de bicicleta para fazer panfletagem", revelou.

Para Ferro, o fato de Aureliano Chaves e Ulysses Guimarães, os candidatos dos maiores partidos do estado — PFL e PMDB — estarem fora de cogitação, ajuda muito no avanço e o trabalho da Igreja passa a ser fundamental. "Tem prefeito que já nos disse que está lavando as mãos", afirma radiante Ferro, lembrando que agora é a vez da militância.

Contando com as Comunidades Eclesiais de Base, o PT espalha células em todo o estado e avança quando o PDT fica emperrado e perplexo. Os padres e agentes de pastoral dizem, porém, que no segundo turno, se der Brizola, estarão com ele. "Conheço o Brizola, pois sou gaucho", diz o padre Luis Carlos, de São Bento do Una. E completa: "Ele só pode ser um bom administrador. Se não fosse assim o povo não o ovacionava nos dois estados que governou, como aconteceu recentemente."

Apelo a Cristo nas pichações evidencia engajamento de católicos

'República Sindical' volta às origens

São Bernardo do Campo (SP) — Fotos de Roberto Faustino

Candidato petista retoma de Collor suas bases no ABC

Marcos Emílio Gomes

SÃO BERNARDO DO CAMPO, SP — A *República Sindical* do ABC, como chegou ser chamada o núcleo industrial de Santo André, São Bernardo do Campo, São Caetano do Sul, Diadema e outras quatro cidades da região Sudeste da Grande São Paulo, voltou aos trilhos petistas depois de ter pregado um susto no candidato Luis Inácio Lula da Silva. Lula agora lidera as pesquisas de intenção de voto na região, com o dobro das preferências em relação ao segundo colocado. Um salto significativo para quem, no mês de setembro, estava em terceiro lugar, atrás de Fernando Collor de Mello, do PRN, e do arquinimigo do PT, o pedessista Paulo Maluf.

"Aquele período foi apenas um desvio no início do percurso", explica o presidente do PT em São Bernardo do Campo, João Bosco, 40 anos, animado no comando de uma equipe de fabricação de material eleitoral que não tem dado conta da produção para a região. João Bosco acha que a militância do partido ainda não tinha acordado em setembro e foi alertada pelas pesquisas. Vicente Paulo da Silva, o *Vicentinho*, sucessor de Lula e Jair Meneguelli, agora presidente da CUT, no comando do poderoso Sindicato dos Metalúrgicos de São Bernardo e Diadema, concorda. "A militância do PT vai acelerando o ritmo no decorrer da campanha", explica Vicentinho, que sexta-feira preparava uma festa para os 44 anos do candidato, conjugada com a comemoração dos 10 anos do fundo de greve e do jornal sindical Tribuna Metalúrgica. O presidente do sindicato previa que o auditório para três mil pessoas seria pequeno para a manifestação.

Mudanças — João Bosco e Vicentinho atribuem também a virada de Lula às mudanças na campanha do candidato, que abandonou as articulações com lideranças políticas e voltou a dar seus recados na porta das fábricas, no mesmo estilo e linguagem que usava no final dos anos 70, liderando as primeiras greves após o endurecimento do regime militar. Para os operários das grandes indústrias sediadass na região, esse comportamento de Lula foi fundamental. "Senti firmeza", diz o retificador de produção José Félix Cardoso, explicando como

'Vicentinho' revela que PT dita agora ritmo político no ABC

Material de Collor encalha

abandonou, há um mês, o cordão dos indecisos para engrossar o bloco de eleitores do PT.

Numa espécie de depoimento-padrão entre os metalúrgicos, o almoxarife Wagner Inácio da Silva conta que chegou a namorar a candidatura de Collor quando o ex-governador de Alagoas parecia um simbolo de moralidade em sua luta contra os marajás. "Mas o horário eleitoral mostrou que não é nada disso", afirma Wagner. "Todo mundo está voltando para o Lula e eu até já consegui virar o voto do meu pai", orgulha-se o metalúrgico, lamentando que o candidato do PT ainda não tenha aparecido na porta da Mercedes Benz para um comício no seu turno de saída, às 2 da tarde.

Para obter essa virada, o PT fez o que pôde no ABC. Só em São Bernardo do Campo, para uma população de 450 mil habitantes, já há 30 comitês de Lula em funcionamento e mais 10 deverão ser inaugurados até a realização do primeiro turno. Numa ofensiva iniciada dia 25 de setembro, o partido arrecadou NCz$ 11 mil e 600 para a campanha na porta da Volkswagen. Nos dias seguintes, o caixa engordou mais NCz$ 40 mil, com outros pedágios montados em portas de fábrica."

O reflexo mais evidente do sucesso da mobilização entre os petistas localiza-se a 100 metros do Paço Municipal de São Bernardo do Campo, onde se realizaram algumas das maiores assembléias de metalúrgicos em greve da história do movimento sindical. Ali, os 500 metros quadrados do comitê do PRN são o retrato da debandada dos votos. "Continuamos firme", garante o coordenador de Collor na região, o despachante Wagner Buontempi, apesar da desconcertante sobra de material de campanha nos estoques do comitê. "O que tem saído mais mesmo é camiseta", revela a secretária de Buontempi, Eliana Bertagna, admitindo que os eleitores estão mais precupados em se vestir do que em fazer campanha. "Só o Collor teve coragem de abrir um comitê aqui no coração do PT", diz Eliana, não muito convencida sobre a validade dessa ousadia.

PSDB lança ofensiva sobre governadores do PMDB

Lu Fernandes

SÃO PAULO — Certos de que o candidato do PSDB à Presidência, Mário Covas, vive um momento decisivo de sua campanha, as principais lideranças do partido desencadearam ao longo da última semana uma forte ofensiva sobre os governadores do PMDB considerados progressistas e com poder de fogo em seus estados para impulsionar a candidatura Covas rumo ao segundo turno. Já estão sendo contactados pelos *tucanos* os governadores Henrique Santillo (Goiás), Álvaro Dias (Paraná), Pedro Simon (Rio Grande do Sul), Geraldo Melo (Rio Grande do Norte), e Moreira Franco (Rio de Janeiro), todos convencidos de que o candidato do PMDB, Ulysses Guimarães, não tem chances.

Mário Covas

Moreira Franco tinha um almoço marcado com os senadores *tucanos* José Richa (PR) e Fernando Henrique Cardoso (SP) — seus interlocutores habituais — e com o prefeito licenciado de Belo Horizonte, Pimenta da Veiga, na última quinta-feira, mas desmarcou na última hora e adiou o encontro para os próximos dias. Os três coordenadores da campanha, além do deputado José Serra, acabaram almoçando com empresários cariocas.

Articulação é a palavra chave no comando da campanha de Covas. O próprio Fernando Henrique Cardoso admite a sua necessidade, embora negue que o alvo principal sejam os governadores. "Nós queremos e estamos tendo o apoio de lideranças da sociedade que já acreditam na viabilidade de Covas", diz o senador. A verdade é que, além dos governadores, políticos, empresários e personalidades variadas estão sendo procuradas para declarar seu apoio e levar, assim, o eleitorado a acreditar na capacidade de Covas chegar ao segundo turno.

Ermírio — Amanhã, o próprio candidato terá um encontro com o empresário Antônio Ermírio de Moraes, dono da Votorantim, maior grupo privado nacional, que há cerca de 10 dias aguarda uma conversa mais direta com o candidato. Covas deverá encontrar-se também esta semana com o ídolo do futebol Pelé, numa jogada já tentada sem sucesso pelos candidatos do PRN, Fernando Collor de Mello, e do PDT, Leonel Brizola.

Em Minas Gerais, Pimenta da Veiga está com carta branca para assegurar o apoio do ex-governador Hélio Garcia, que chegou inclusive a ser cogitado para ocupar o cargo de vice na chapa do PSDB. Nem mesmo pemedebistas moralmente mais comprometidos com Ulysses Guimarães escapam das ambiciosas articulações dos ávidos *tucanos*, que falam até em conseguir um acordo de setores importantes do PMDB para uma nova chapa que reuniria Mário Covas e Waldir Pires, o atual vice de Ulysses.

Todo o afã dos *tucanos* em ampliar a base de apoio de Mário Covas neste momento parte de uma avaliação que coloca o candidato do PSDB como o único capaz de derrotar Fernando Collor no segundo turno e, por isso mesmo, o mais capaz de capitalizar o voto da esquerda e até de setores da direita. "O Covas será a quarta onda. Já foi Brizola, Afif e Lula. O próximo cotado para o segundo turno já começa a ser Mário Covas", diz o secretário-geral do PSDB em São Paulo e um dos mais próximos amigos do candidato, José Maria Monteiro. A última pesquisa do Gallup, que esta semana colocou Covas em modesto quinto lugar, com 8,2% das intenções de voto, parece não desanimar o PSDB.

Animados, os *tucanos* preparam todos os tipos de investida. Inclusive grandes comícios e carreatas, sobretudo no estado de São Paulo, o maior reduto eleitoral de Covas. Estão sendo preparados para as duas próximas semanas grandes eventos. A começar no dia 4, quando militantes, deputados, vereadores e prefeitos deverão sair às ruas em várias cidades panfletando e pedindo votos para o candidato.

Disputa — No mesmo dia, o candidato do PSDB deve realizar um comício que tem todos os preparativos para ser gigantesco, em São José do Rio Preto, uma cidade a 450 quilômetros a Oeste da capital paulista comandada pelo prefeito pemedebista, simpático a Covas, Antônio Figueiredo. São José do Rio Preto está rodeada por um conjunto de médios municípios que somam, juntos, cerca de 2 milhões de habitantes, e que até há algumas semanas tinha Fernando Collor de Mello como o candidato predileto. Agora, segundo pesquisa realizada pelo jornal mais tradicional da cidade, *Diário da Região*, com 15 mil exemplares, Collor caiu de 29 para 16 pontos e Maluf e Covas disputam a preferência do eleitorado, com 20 e 18 pontos, respectivamente.

São José do Rio Preto também está a apenas 150 quilômetros do Triângulo Mineiro, região que os *tucanos* pretendem atingir com um comício que contará com presenças de artistas sertanejos como João Mineiro e Marciano, verdadeiros ídolos no interior.

No dia 11, o PSDB em São Paulo realizará quatro carreatas, atingindo as zonas Norte, Sul, Leste e Oeste da capital, e dois grandes encontros, um no Parque Ibirapuera, área nobre da cidade e outro no Parque do Carmo, na periferia. À noite, haverá um grande comício, provavelmente na Zona Leste, com todos os artistas, políticos e apoios importantes.

JORNAL DO BRASIL

Fundado em 1891

M. F. DO NASCIMENTO BRITO — *Diretor Presidente*
MARIA REGINA DO NASCIMENTO BRITO — *Diretora*
•
VICTORIO BHERING CABRAL — *Consultor*

MARCOS SÁ CORRÊA — *Editor*
•
FLÁVIO PINHEIRO — *Editor Executivo*
•
ROBERTO POMPEU DE TOLEDO — *Editor Executivo*

A Esfinge de Gorbachev

O Brasil anda muito preocupado, ultimamente, com os seus problemas internos — e tem fartos motivos para isso. Mas um mínimo de atenção deve ser guardado para o que acontece lá fora. De outro modo, chafurdaremos num provincianismo irrecuperável.

Os fatos estão acontecendo tão depressa, no plano internacional, que as mudanças de um dia parecem multiplicadas pelo dia seguinte. Hungria e Polônia, por exemplo, montam os primeiros governos não comunistas da Europa do leste; e nesses dois países, a presença soviética começa a ser vista com mal disfarçada impaciência.

Que diz a isso Mikhail Gorbachev? Em visita à Finlândia, sua resposta foi a de que a União Soviética não tem direito moral ou político de interferir nos assuntos de seus vizinhos do leste europeu. Gorbachev citou a Finlândia (país que tem um estatuto muito especial de neutralidade) como um exemplo de estabilidade numa Europa que já foi tempestuosa.

Os ventos que sopram de Moscou estão dando lugar até mesmo a posturas de total descontração. Assim é que o porta-voz de Gorbachev, Gennadi Gerasimov, descreveu a nova situação do leste europeu como sendo a "doutrina Sinatra" — referindo-se à canção *I Did it my Way* (isto é, "à minha maneira"). A ironia é dirigida à doutrina Brejnev, que levou os tanques soviéticos à Tchecoslováquia em 1968.

Para sublinhar ainda mais essas mudanças, o ministro do Exterior Shevardnadze acaba de fazer um notável pronunciamento no Parlamento soviético. O ministro declarou que a longa intervenção da URSS no Afeganistão, recentemente encerrada, infringiu as leis soviéticas e as normas internacionais de comportamento. Shevardnadze também admitiu, no mesmo plenário, que a construção de uma estação de radar perto de Krasnoyarsk, na Sibéria, foi uma violação aberta do tratado sobre os mísseis antibalísticos (ABM) assinado com os Estados Unidos.

Parte desta franqueza inédita pode ser atribuída ao desejo da atual administração de caracterizar a era Brejnev como um período totalmente equivocado em termos de políticas nacionais e internacionais. Sem a liquidação do brejnevismo, não há gorbachevismo. Mas as declarações de Shevardnadze também invocam uma postura ética que nunca perturbou os anteriores ocupantes do Kremlin, quando se tratava de estabelecer prioridades nacionais.

Isso não era, aliás, privilégio da URSS: sempre foi axiomático que as relações internacionais se regem muito mais pela *realpolitik* à *la* Bismarck do que por considerações morais. Nessa competição de nacionalismos, o mundo foi levado periodicamente à guerra. Estaria o chanceler soviético se curvando à verificação de que, em nossa época, as grandes guerras se tornaram impossíveis, além de indesejáveis?

Pelo sim ou pelo não, há mudanças qualitativas a serem observadas no estilo moscovita de fazer política. Disse o chanceler Shevardnadze: "O mais importante é não esconder nada, é reconhecer e corrigir os erros". Aplicação realmente espetacular da *glasnost*, se posta em prática no relacionamento internacional. Seremos forçados a reconhecer que o mundo entra num período diferente, quase inimaginável há bem pouco tempo?

Do lado americano, o Secretário de Estado James Baker afirmou, aparentemente respondendo a Shevardnadze, que as mudanças de postura na URSS poderiam proporcionar "a mais clara oportunidade de reduzir os riscos da guerra desde a aurora da idade nuclear". Como Shevardnadze, Baker joga também para o seu público interno: a administração Bush está sendo acusada, *intra muros*, de não ter um projeto político, no plano nacional ou internacional, e de dar a Gorbachev todas as vantagens da iniciativa. Esta omissão seria mortal num período de belicismo. Mas se tudo se encaminha para a paz...

Na verdade, o mundo não mudou tanto quanto possa parecer (não há exemplo disso na história); mas as oportunidades são realmente tentadoras. A diminuição das tensões internacionais desempenha um papel decisivo na nova política da União Soviética para o leste europeu. Se Gorbachev não se incomoda (até recomenda) que a Hungria e a Polônia sigam o caminho da *finlandização*, e, se cortes efetivos estão sendo planejados nos efetivos militares soviéticos, isto já se deve à nova realidade internacional, em que a guerra, pequena ou grande, não parece mais espreitar na esquina. Vai terminando o ciclo histórico que começou com o término da Segunda Guerra Mundial; e na distensão das grandes potências, os países periféricos ganham espaço para respirar, e até para reafirmar a sua identidade sempre ameaçada.

O fio da meada, em relação ao enigma moscovita (enigma que deixava um Churchill fascinado), continua a passar, ao que tudo indica, pelo problema interno. O inverno já bate à porta, dentro das fronteiras da URSS; e o cidadão soviético vai enfrentar esse inverno nas piores condições dos últimos 30 anos.

O sistema antigo, que Gorbachev quer modificar, era de uma incompetência progressivamente asfixiante; mas, aos trancos e barrancos, sempre conseguia colocar alguns produtos nas prateleiras, onde eles se tornavam acessíveis no final de uma longa fila.

Agora, nem esse mínimo parece, às vezes, existir: o velho sistema entrou em processo de desmoralização antes que o novo (algo que ainda não se sabe muito bem o que é) tenha podido mostrar os seus efeitos. As tentativas ainda tímidas de iniciativa privada e de jogo de mercado sofrem com a implicância da burocracia, ou do próprio cidadão soviético padrão — alguém que se acostumou a receber tudo do Estado, e não entende que uma loja possa oferecer produtos melhores, mas cobrando preços altos por eles.

O nível de insatisfação, internamente, cresce; e a proximidade do inverno exacerba as tensões. O governo precisa angustiosamente de recursos para sair do atoleiro; e não pode continuar a financiar aventuras externas. Isto poderia condicionar uma política externa como a que está sendo praticada agora pela URSS; mas as transformações já são tantas que mesmo cálculos dessa natureza tendem a ser atropelados pelos fatos.

O mais aconselhável é ter um olho aberto para o novo; e um outro para a possibilidade de que a *perestroika* e a *glasnost* percam o brilho e o gume no terreno pantanoso onde Napoleão e Hitler foram afundar os seus exércitos. Como Édipo, Gorbachev precisa decifrar a esfinge soviética. Ou será ele mesmo a esfinge?

Corrida ao Tesouro

O ministro da Fazenda, Mailson da Nóbrega, se queixa com inteira razão dos setores empresariais que defendem menor interferência do Estado na economia mas correm ao Tesouro Nacional em busca de soluções para seus problemas. Ou seja, a velha idéia de privatizar lucros e socializar prejuízos com o dinheiro público.

Radiografia mais nítida desse comportamento empresarial fez o vice-presidente do departamento de economia da poderosa Fiesp, Nicolau Jeha, que criticou em entrevista à revista *Veja* a afeição dos empresários pelo modelo econômico que vigora no Brasil, que privilegia cartórios e distribui subsídios: "Os empresários vivem alardeando que o comunismo é um sistema falido, mas o que eles não percebem é que o capitalismo brasileiro também é um monstrengo falido."

Nosso capitalismo é tão falho quanto a experiência dos regimes de economia centralizada. Falta aos empresários brasileiros capital suficiente para a solidez dos negócios. Mas, em vez de recorrerem à via natural da capitalização através do mercado acionário, os empresários preferem manter fechado o capital de suas empresas (evitando a redistribuição da renda, através dos lucros, a maior número de brasileiros) e lutar para obter cartórios do governo, ou incentivos, subsídios e créditos oficiais. E, quando quebram (o que, nas circunstâncias, deveria ocorrer raramente), culpam sempre "as altas taxas de juros".

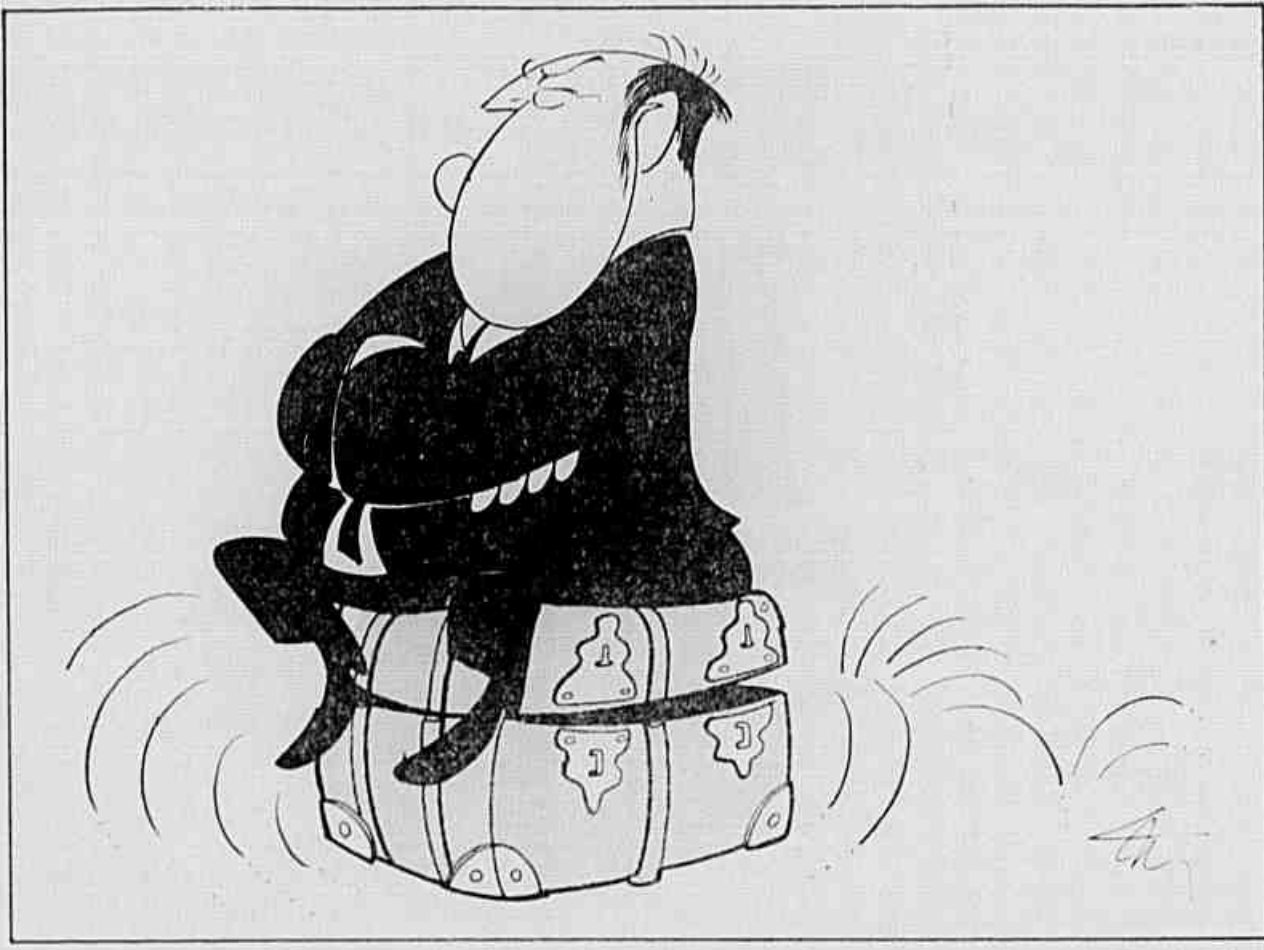
O desvio do caminho da economia de mercado explica o crescente déficit público e a concentração de renda que estão na raiz do processo inflacionário. É correta, portanto, a análise do vice-presidente da Fiesp, que defende a urgente necessidade de o futuro governo promover um ajuste sério em suas contas, cortando toda a sorte de subsídios e incentivos para derrubar o déficit público e esvaziar a ciranda financeira que financia diariamente a dívida pública no *overnight*.

O regime de mercado não comporta a existência de cartórios, cartéis, subsídios e incentivos que distorcem completamente a formação dos preços e não estimula a verdadeira concorrência, caminho indispensável para a melhoria da produtividade e da eficiência da economia. O perverso no Brasil é que muitos empresários que criticam a ineficiência do Estado brasileiro e o descontrole do déficit público e da inflação são eles próprios os principais causadores das distorções econômicas.

Capitalizados à custa dos recursos que o Estado lhes assegurou através do centralismo econômico, muitos desses empresários se recusam a democratizar o capital de suas empresas, mas se oferecem para privatizar o capital de empresas estatais, arruinadas por políticas prolongadas de compressão dos preços e tarifas públicas que transferiu lucros para o setor privado. Grande parte do excesso de liquidez que exibem as empresas privadas provém dos ganhos resultantes da aplicação dos lucros proporcionados pelo regime cartorial, subsídios e incentivos nas altas taxas reais pagas pelos títulos da dívida pública, única alternativa de política econômica que restou ao governo para evitar a hiperinflação alimentada pela ciranda financeira.

"Criticar o déficit público do governo e ao mesmo tempo pedir empréstimos subsidiados é um discurso incoerente", adverte Nicolau Jeha, que arrematа: "É preciso que o empresariado brasileiro se conscientize de que, para operar num regime econômico democrático, ele tem de abrir mão de estar permanentemente à sombra do Estado. Seja para receber energia ou aço subsidiados, seja para ter a proteção de tarifas aduaneiras que impeçam a importação de produtos estrangeiros mais baratos e melhores do que os seus. Com essa proteção o empresário não precisa ser competente."

Ainda há tempo de o Brasil repensar seu modelo de desenvolvimento e corrigir as distorções econômicas que agravam os desequilíbrios sociais para entrar no século XXI com um país moderno.

Lan

Cartas

Diferenças

Alguns jornalistas ao comentar o comportamento das pessoas que vivem em países comunistas (Cuba, no caso), o fazem de maneira um tanto irônica. No Caderno **Idéias** (22/10/89), o jornalista Luciano Trigo escreveu que as pessoas pedem objetos tais como camisetas, calças jeans, etc.

Ao sair do trabalho, entro em butiques, pergunto o preço das coisas que gostaria de comprar, e fico frustrada por não poder comprar nada. Trabalho num país capitalista, (...) mas meu salário é devorado ora pelo congelamento, ora pela inflação. (...)

O país comunista não tem a mercadoria sedutora que o capitalista tem, mas as pessoas que vivem em países comunistas deveriam ser melhor informadas sobre o sistema capitalista, para não terem ilusões sobre o poder aquisitivo, quer de um operário, de uma professora ou de uma secretária. (...) **Nilce Souza — Rio de Janeiro.**

Hungria livre

Em nome da União Mundial dos Romenos Livres, com sede em Londres, e na qualidade de seu representante no Brasil, quero transmitir ao valente povo magyar e a todos os húngaros que vivem nesta terra da liberdade, a euforia dos Romenos livres pela histórica mudança registrada em Budapeste após 33 anos da não menos histórica e sangrenta repressão dos tanques soviéticos. Desejamos longa vida, prosperidade e independência à nova República da Hungria, cujos ideais de liberdade e democracia esperamos e pedimos a Deus que sejam também alcançados o mais breve possível pelo sofrido povo romeno. **Prof. Teodoro Oniga — Rio de Janeiro.**

Acidente do Boeing

O **JORNAL DO BRASIL**, na edição de 17/10/89, publicou matéria sob o título "Ministro não vê gravidade em erro de piloto", a respeito do acidente do Boeing 737-200 da Varig, no dia 3/9/89, em São José do Xingu (MT), em que morreram 12 pessoas e outras se feriram.

Segundo esse jornal, o ministro disse que "todos nós nos distraímos". Disse mais, que "a punição existe quando há intenção, por exemplo, de se causar um acidente".

No caso, é preciso demonstrar à opinião pública que, aos olhos da Justiça, a coisa não é tão simples assim. Não é preciso que haja a intenção de causar o acidente (dolo) para que se verifique a punição no âmbito penal e civil. Também a culpa (decorrente da negligência, imperícia ou imprudência) propicia a devida punição. (...) **Hamilton Quirino Câmara — Rio de Janeiro.**

Som do Brasil

Da maior importância o editorial do JB de 9/10/89, "O som do Brasil", que abre espaço para reflexões.

Desde o advento da Bossa Nova que a música brasileira está em alta no mundo inteiro. Foi com João Gilberto, e seu *Chega de saudade*, que se estabeleceu o marco do desenvolvimento da indústria fonográfica no Brasil e o reconhecimento internacional. Foi e continua sendo "a onda" lá fora. Entre os acontecimentos internacionais da música brasileira em 89, tivemos a nominação de João Gilberto para o prêmio Grammy americano, indicado entre os cinco maiores intérpretes de todo o mundo na categoria *jazz*, cantando samba em português.

(...) Hoje estamos colocados entre os cinco maiores mercados de discos do mundo. É este o alicerce da música brasileira no exterior, a grandiosidade de seu mercado interno. (...)

Tão generosa quanto nossa produção artística, tem sido a capacidade de absorver o produto estrangeiro. Este dispõe, entre outras vantagens para se estabelecer no mercado nacional, de grandes eventos promocionais como Hollywood Rock, Free Jazz e outros, com destaque de divulgação para os artistas estrangeiros e incentivo fiscal.

Afinal, quem trabalha com uma escala disparatada de valores? **Gil Lopes — Rio de Janeiro.**

Exploração do menor

A imprensa denunciou fartamente que, em Campos, no Estado do Rio, centenas de crianças de 11 a 14 anos trabalham cortando cana durante 10 horas por dia, a NCz$ 1/hora. Não frequentam escolas e, sem qualquer garantia trabalhista, exercem atividades arriscadas em condições subhumanas.

Esta situação, além de violentar a todos nós, fere vários artigos da Constituição brasileira e, especialmente, os artigos 7º e 208º que protegem a criança e o adolescente da exploração no trabalho e garantem o ensino fundamental obrigatório. Não se pode aceitar o argumento (...) de que a Constituição é utópica, e que sempre é melhor trabalhar, até nestas condições, do que se prostituir ou morrer de fome.

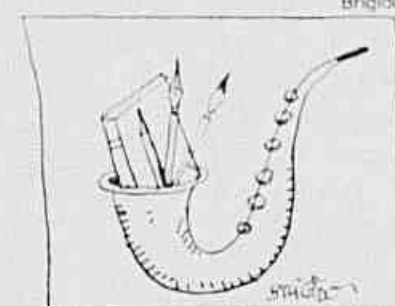
De acordo com as denúncias, essas crianças são exploradas em privilegiadas usinas de cana de açúcar integrantes do Proálcool (...) **Dr. Paulo Roberto Borchert, (Abrapia) Associação Brasileira Multiprofissional de Proteção à Infância e Adolescência — Rio de Janeiro.**

Tombamentos

Tenho o prazer de referir-me a recente disposição da artista Carmen Costa, de pleitear junto ao Ministério da Cultura o seu tombamento como instituição nacional, tendo tido o altruísmo — e discernimento — de estender a sua futura situação a outros artistas, intelectuais e cientistas.

Cumpre iluminar um pouco esta perspectiva, oferecendo ao ministro José Aparecido dois ângulos muito importantes desta matéria.

O primeiro diz respeito ao fato de que a nação japonesa já pratica — com a sabedoria que lhe é peculiar — esse tipo de tombamento. (...) Na sociedade japonesa o tombamento de bens culturais e científicos vivos é agora institucionalizado, e *algumas dezenas de pessoas* estão inseridas na burocracia nacional com tal denominação.

Brigido

Em que áreas e com quais obrigações? Naquelas áreas que mais diretamente são responsáveis pelo caráter vivo da cultura japonesa: artistas de **kanji**, o *desenhamento* da escrita nacional, contadores de histórias acerca dos **Kamis** de determinadas aldeias, entidades espirituais que orientam e protegem os habitantes de pequenas comunidades. Fazedores de **hai-kais** que eternizam a sabedoria do mar ou das pessoas. Mestres do **ikebana**, cujo arranjo vegetal faz sorrir, chorar ou simplesmente melhor compreender a vida.

Em suma, operários dos bens culturais. Gente, fábrica ou monumentos produtivos, cuja obrigação é seguir a máxima de que o professor transmite conhecimentos, tem alunos.

O segundo ângulo é tupiniquim: as tribos brasileiros já tombavam os seus documentos vivos. Era através deles que a cultura era transmitida. Além dos meios de subsistir, eram eles também depositários do *poder cultural* e alvos, certamente, do prestígio de toda a comunidade, nas artes, na ciência, nos esportes. Afinal, cultura é alguma coisa mais do que isso? **Luiz Rocha Neto — Rio de Janeiro.**

Acusação

No **Informe JB** de 2/10/89, sob o título "Homenagem", é divulgado o lançamento de um disco onde, entre outras músicas, Joyce e Chico Buarque cantam o "heroísmo" de um certo capitão Sérgio Macaco. Esclarece a nota que foi esse "herói" quem, durante a "repressão militar", teria denunciado a trama do Parasar para explodir o gazômetro do Rio.

(...) Contra esse capitão, existe no Supremo Tribunal Federal uma queixa-crime por difamação (inquérito nº 448-1-RJ) — ventilando precisamente a famosa denúncia — que ainda não pode prosseguir, porque o "herói" se esconde à sombra de sua imunidade parlamentar.

Se a estória é verdadeira, por que o capitão não despe a imunidade, e enfrenta de peito aberto a Justiça? **Sérgio de Freitas — Rio de Janeiro.**

Recuos

O presidente Sarney tem recuado das poucas boas coisas que fez ou tentou fazer em benefício deste país. No caso da privatização da Mafersa, o Sr. Lula apelou, em nome dos operários da empresa, e o presidente recuou.

E agora, outro inexplicável recuo na providência tão correta de juntar os feriados às segundas-feiras imediatas, deixando o próximo Dia de Finados solto no meio da semana. (...) **William S. Figueira — Cabo Frio (RJ).**

Nilópolis

Venho tornar público o meu protesto referente à reportagem sobre a Baixada Fluminense, em particular quanto aos políticos de Nilópolis.

Moro no município há 35 anos. Durante esse tempo, houve de fato um grande domínio político da família David, mas que sempre foi conseguido através do voto popular. Em contrapartida, os políticos dessa família só têm dado provas de capacidade administrativa: a cidade tem um bom abastecimento de água, 95% das ruas são asfaltadas, o município não apresenta grande índice de criminalidade, são feitas obras de remodelação de praças, escolas, pavimentação de ruas, etc. (...)

Não conheço esses políticos pessoalmente, mas por uma questão de justiça, sinto-me na obrigação de dizer a verdade. (...) **Antonio Carlos dos Santos — Nilópolis (RJ).**

Educação sadia

Felizmente foram ouvidos os apelos das feministas em prol de uma educação mais sadia e menos sexista das crianças brasileiras, e "as deusas" (só podem ter sido elas) inspiraram a criação da boneca Hortência, abrindo assim para as meninas o caminho de atividades mais construtivas e enriquecedoras que as eternas e estereotipadas brincadeiras *femininas* de casinha, comidinha, maquiagem, carro esporte, saltos altos, beicinhos e boquinhas de Barbies, Xuxas e Angélicas, em breve e felizmente substituídas pela bola de basquete, raquete de tênis, jogos olímpicos, etc. **Danda Prado — Rio de Janeiro.**

As cartas serão selecionadas para publicação no todo ou em parte entre as que tiverem assinatura, nome completo e legível e endereço que permita confirmação prévia.

Debate ainda provoca críticas dos leitores

O debate entre os candidatos promovido pela TV Bandeirantes, no dia 16, ainda provocou comentários de alguns dos leitores que escreveram esta semana ao JORNAL DO BRASIL. Cinco leitores se referem a esse encontro dos candidatos. Dois deles revelam que, em função do que aconteceu nos estúdios da emissora, vão votar em Mário Covas, do PSDB, e em Roberto Freire, do PCB. Um criticou generalizadamente todos os participantes, inclusive a apresentadora Marília Gabriela (chamando o evento de "circo da Gabi"). Dois outros falaram de Ronaldo Caiado, do PSD — um elogiou e outro criticou.

Outros dois leitores referiram-se a temas gerais, sem citarem diretamente qualquer candidato. Um deles pede que a população brasileira escolha um presidente capaz "de realizar um governo renovador, de centro, austero", enquanto o outro está preocupado com a possibilidade de *vírus* destruidores de programas de computador se alastrarem comprometendo o processo eleitoral. Esta semana, apenas um leitor reclamou das pesquisas, dizendo que elas estão beneficiando Fernando Collor de Mello, do PRN.

Os outros leitores se referiram diretamente a alguns dos 22 candidatos que disputam a Presidência da República. Quatro deles falaram do candidato Leonel Brizola, do PDT (três são eleitores do partido brizolista e um revela que é contra). Collor de Mello teve um elogio. Mário Covas é citado favoravelmente em outra carta. O candidato do PT, Luís Inácio Lula da Silva, teve duas críticas e um elogio, em três cartas distintas.

No domínio das estatais

Barbosa Lima Sobrinho *

É evidente que, no regime capitalista, os lugares mais importantes cabem à iniciativa privada. Muito embora não se possa contestar a presença da intervenção do Estado, mesmo no domínio econômico, sempre que venha em socorro da iniciativa privada. Como acontece, por exemplo, nos Estados Unidos, não só com o exemplo da Tennessee Valley Authority, e da presença da Secretaria da Agricultura do encaminhamento dos excedentes de suas safras agrícolas.

Há que rever as lições magistrais de O. W. Willcox no seu *Economia dirigida na indústria açucareira*, passando em revista o contingentamento em numerosos países do mundo capitalista, a começar pelos próprios Estados Unidos. Seria possível distinguir a intervenção do Estado no domínio público como na esfera privada, para procurar remediar o fracasso de algumas iniciativas privadas, por falhas administrativas, ou por culpa de planejamentos demasiadamente ambiciosos.

No domínio público, para reger e harmonizar interesses privados, teríamos, no Brasil, o caso do Instituto do Café. Apareceu primeiro em São Paulo, como organismo estadual, para encaminhar a orientação de uma produção sujeita a severa concorrência internacional. Pouco depois, com a aprovação do Convênio de Taubaté, tornou-se importante a sua missão, de modo que, quando extinguiram o Departamento do Café, se tornou tão necessária a sua presença, que não demorou muito a criação de um Instituto do Café, dessa vez para fazer cumprir acordos internacionais em que o Brasil era o principal interessado. Valeria a pena, antes de pensar em sua extinção, procurar saber como procedem os países produtores do café, na defesa de suas safras e, sobretudo, na procura de um preço compensador, para um produto de tanta importância para a economia dos países produtores. Como foi o caso do Brasil, que tinha no café, durante longo período, o principal fornecedor de cambiais para o seu comércio exportador. Embora seja mais fácil adiantar opiniões categóricas, antes de um exame cuidadoso do problema, que é muito mais complexo do que se pensa, nos ajustes internacionais de que dependem as safras dos países produtores. Como vive num regime de superprodução, a livre-concorrência abriria caminho à queda de preços, em proveito dos especuladores que não dormem de touca, como costumava dizer um de meus amigos.

Esse é também o caso do açúcar que, praticamente, pode ser produzido em todo o mundo, vindo da cana-de-açúcar ou da beterraba, que se expandiu com Napoleão Bonaparte, para escapar ao bloqueio que a Inglaterra lhe impôs. Antes da criação do Instituto do Açúcar, funcionou, no Brasil, uma Comissão de Defesa do Açúcar, por força de uma crise de superprodução, resultante de uma grande safra, a de 1929, com uma produção de 12 milhões de sacos para um consumo de cerca de nove milhões de sacos, fechado o recurso ao mercado externo, com a crise mundial da depressão de 1929-1930. Os preços vigentes no mercado externo estavam abaixo do custo de produção da mercadoria. A crise que atingira o Brasil se fizera sentir em todas as suas regiões, no norte como no sul, com o fornecimento de cana pago em espécie, mesmo em usinas poderosas como, por exemplo, as de Igarapava, em São Paulo. Correra o boato de que o produtor Morganti, dono de usinas e presente no comércio do açúcar em Piracicaba, chegara a pensar em suicídio, diante de obrigações a que não encontrou condições de cumprir. Seria possível escapar à intervenção do Estado, em face de uma crise que ameaçara a mais antiga indústria da economia brasileira?

Para sair de uma situação de superprodução, não há como deixar de recorrer ao contingentamento, como se podia comprovar com o livro clássico de Willcox, estudando os países em que a crise se manifestara, dos Estados Unidos à Alemanha, à França e tantos outros, quer se tratasse da cana-de-açúcar ou da beterraba. A necessidade do contingentamento forçara a criação do Instituto do Açúcar e do Álcool, quando se evidenciara que o desvio das canas para a produção de álcool poderia ser recurso para a solução do problema da superprodução. Na plataforma de Getúlio Vargas, como candidato à presidência da República, já constava a política do Álcool Motor, em 1930, ou 1929.

Como crescesse o consumo de açúcar no Brasil, foi possível deixar de lado o contingentamento. Mas surgira a necessidade de disciplinar a produção do açúcar no Brasil, para defender uma orientação que não viesse sacrificar regiões brasileiras, numa bem entendida preocupação de atender a uma política federativa. Equilibrando de tal forma essa expansão que os maiores produtores passassem do norte para o sul, com o crescimento da produção em todo o Brasil. Basta lembrar que das 600 mil toneladas de 1929 passamos a mais de sete milhões de toneladas, tornando o Brasil o maior produtor de açúcar de todo o mundo. E para que os benefícios dessa política não viessem transformar num truste só de usineiros, os seus benefícios foram estendidos a todos os que intervinham no processo da produção, com a criação do Estatuto da Lavoura Canavieira, que não deixava de ser uma reforma agrária setorial, com a criação de uma justiça agrária paritária, para resolver os litígios que fossem surgindo. E eliminando os intermediários, a política do Instituto não esquece o consumidor, como se pode ver com os preços do açúcar nos supermercados, muito abaixo dos preços do café, cuja torrefação não pode custar mais do que a fabricação do açúcar em usinas e refinarias.

Como os números nos informam, em mais de cinqüenta anos de presença do Instituto do Açúcar e do Álcool, a produção de açúcar, como de álcool, não fez senão crescer, contornando, satisfatoriamente, as crises que poderiam surgir pela redução das safras, por força de condições climáticas, quando a diminuição numa região poderia ser coberta com o aumento em outras zonas do país. Se houve erros ou excessos em algumas providências dadas, e não seria eu que as negasse, a verdade é que foram conseqüência de algumas nomeações imprudentes, sem que, apesar de tudo, impedissem os resultados benéficos de uma intervenção estatal, que transformou o Brasil no maior produtor de açúcar e de álcool de todo o mundo.

* *Jornalista, escritor, membro da Academia Brasileira de Letras, presidente da Associação Brasileira de Imprensa*

Coisas da Política

Como Antônio Carlos reagiu (III)

Ricardo Noblat

"Eu já sei de tudo e sei, também, o que vocês querem", comentou o ministro Antônio Carlos Magalhães, das Comunicações, ao receber em sua casa no Lago Sul de Brasília, na manhã de sexta-feira dia 20, a visita do ministro João Alves, do Interior, e dos senadores Hugo Napoleão, presidente do PFL, e Marcondes Gadelha (PFL-PB). "Eu já estou comprometido com outro candidato, vocês sabem", avançou Antônio Carlos.

O ministro ajudou Aureliano Chaves a ganhar a indicação do PFL para candidato a presidente. De público, diz que apóia Aureliano. Na verdade, apóia o candidato Collor de Melo, apoiado, também, pelo empresário e jornalista Roberto Marinho, dono das Organizações Globo. "Vocês sabem da minha amizade com dr. Roberto e eu não vou pôr essa amizade em risco", desculpou-se o ministro. O telefone tocou em outro cômodo da casa.

Coincidência: era o jornalista Marinho. O ministro das Comunicações pediu licença aos visitantes, saiu para atender o telefone e retornou logo. "Vocês sabem que a candidatura do Sílvio Santos prejudica a candidatura de Collor", observou Antônio Carlos. Collor lidera as pesquisas eleitorais porque é forte entre as classes de renda mais baixas e menos instruídas. Sílvio disputaria com ele, justamente, por aí.

"Mas Sílvio tomará, também, votos de Lula", argumentou o ministro do Interior. "E o PT é o grande perigo que enfrentamos". Antônio Carlos não se convenceu. "Sílvio pode tomar uns 8% dos votos de Collor e, ainda assim, Collor seguirá liderando e irá para o segundo turno", insistiu o ministro do Interior. "Mas basta que ele tome 4% de Lula para que Lula desabe". Antônio Carlos não mudou de opinião.

Os visitantes foram embora com a promessa dele de que não iria "atrapalhar nada". Mas desde o dia anterior que o ministro das Comunicações não fazia outra coisa. Foi ele que vazou para a imprensa a notícia de que o governo manobrava para substituir a candidatura de Aureliano pela de Sílvio Santos. Foi por sugestão dele que a TV Globo procurou Aureliano em Belo Horizonte para ouvi-lo sobre a renúncia iminente.

Empresários de peso e alguns amigos de Aureliano foram acionados para pedir a ele que não renunciasse. O candidato foi alvo de uma pressão intensa. O empresário Antônio Ermírio de Moraes telefonou para ele oferecendo recursos para que continuasse tocando a campanha. O ex-governador Ney Braga telefonou sugerindo que ele renunciasse. A família de Aureliano se opôs à renúncia. O candidato hesitou e, por fim, recuou.

De Belo Horizonte, telefonou para Brasília à procura do senador Napoleão na noite da sexta-feira. Usou o pretexto de que a notícia da renúncia vazara para anunciar que se manteria como candidato. A operação montada para sustar a renúncia dele tinha sido um êxito. O ministro das Comunicações passou a se dedicar a outra operação — a de impedir que Sílvio concorra à sucessão por uma legenda qualquer.

Até ontem, a operação estava em pleno curso. Todos os candidatos a presidente por pequenos partidos foram pressionados para não ceder a vaga ao dono do Sistema Brasileiro de Televisão. Empresários, anunciantes das emissoras de Sílvio e até líderes militares procuraram o aspirante a candidato para que ele desistisse de disputar a eleição. Algumas dessas pessoas conversaram com a mulher de Sílvio, que o estimulava à disputa.

Na reunião, do meio da semana passada, do Conselho Político da Federação das Indústrias de São Paulo (FIESP), a possível candidatura de Sílvio foi apontada como um risco mortal para a candidatura de Collor. Uma influente voz advertiu os empresários reunidos ali: "Não podemos continuar acreditando na mentira que nós mesmos inventamos. A queda de Collor não foi sustada nem diminuiu de ritmo. Ela continua e é grande".

Na edição da revista **Isto É** que começou a circular ontem, Collor tem 21,9% na pesquisa induzida (aquela que ao entrevistado é exibida a relação dos candidatos) e 23,3% na pesquisa de voto secreto. Brizola tem pouco mais de 15% nas duas. Lula tem 14,3% na primeira e 15,6% na segunda. Covas fica pouco abaixo de 12% nas duas. Na projeção para o segundo turno, Collor perde para Covas e empata com Lula. Collor é o campeão da rejeição.

Baú da amizade

Wilson Figueiredo *

Dizer que, com os amigos que fez, o presidente dispensa inimigos é verdade até certo ponto mas não remove a dificuldade — dele e nossa. Sarney não sentiu até hoje a falta de grandes adversários políticos porque contou com amigos devotados ao interesse público como se fosse particular.

O fato é que os inimigos não fizeram a menor falta. Ex-amigos suprem o mercado de suspeitas que dariam para um mandato de seis anos. O temor de que não passasse de quatro elevou a produtividade e desrespeitou a moralidade.

Amigo dos amigos é o título que o presidente mais preza na sua biografia política. Até (ou principalmente) os inimigos reconhecem como atenuante esse traço presidencial. A recíproca veio a ser verdadeira no penúltimo ato do mandato, como convém a recíprocas que se prezam: foi a vez de os amigos providenciarem para Sarney encerrar o mandato como estadista — sem relação direta com os fatos. Indiretamente (como convém a quem se fez presidente com voto indireto), patrocina a volta de Sílvio Santos à sucessão.

Tão amigo — o tempo todo — era inevitável que o presidente recebesse a retribuição quando o fim está à vista dos amigos e ele não tem o nome ligado a uma obra capaz de sobreviver ao seu período. No melhor estilo dos programas de auditório, o amigo Sílvio Santos se apresenta a tempo de pegar uma beirada na sucessão.

Sarney é melhor autor do que ator, apesar do que diz dele a concorrência literária. E mais não diz porque não é perguntada. O ator passou à frente do autor, mas o presidente nada tem a fazer no penúltimo ato da sua peça, que trata apenas da sucessão. O presidente reage como qualquer sucedido: sente-se ultrajado. O poder — como o picolé — parece melhor no fim. Quem quer que esteja bem situado nas pesquisas merece a dissimulada inveja de Sarney, sobretudo pelo voto direto que lhe parece uma indireta mortal.

Volta e meia Sarney dá sinais de impaciência com o papel de estadista que se concedeu, como ator principal, numa hora em que todos falam com liberdade — os candidatos na televisão e os eleitores nas pesquisas. Ele não pode piar.

A postura de estadista foi muito mais falta de opção do que opção. Aquele ar superior e zangado de Sarney é desgosto por não ser procurado para uma ajuda oficial: todos os candidatos preferem a derrota à desonra dos pequenos favores do governo. Estadista por exclusão. (Por aí já estamos mais perto de uma democracia.) Que lição terrível é ver Ulysses Guimarães — o velhinho é demais — recusar os préstimos do governo com altivez democrática, se bem que a ajuda oficial empurraria o candidato mais para baixo.

Sem poder ainda subir ao palanque do candidato do PMDB e sem mais nada a fazer no governo, os amigos de Sarney ficaram zanzando por aí, restritos ao voto de cada um. Resolveram-se pela criação de um fato novo a partir de um fato velho: a volta à candidatura Sílvio Santos, com tudo que ela traz de contrário à eleição que restabelece o voto direto para melhorar.

A manobra de lançamento da candidatura foi um fiasco, mas Sarney não perdeu a postura de estadista, que é o refúgio predileto em caso de golpe (alto ou baixo) malsucedido. Assim que deu em nada, o presidente correu a declarar que a iniciativa não teve a ver com ele. Os amigos do presidente são também vítimas das pesquisas que vão repetindo como verdade tudo que os eleitores dizem por dizer. A erosão da preferência pelo nome de Collor de Mello não melhorou o astral apenas do PDT e do PT. Os amigos de Sarney encheram-se de gás e encomendaram — como quem não quer nada — a opinião do eleitor em postas de opinião pública. Uma pesquisa desceu aos porões da sociedade para saber em quem o eleitor preferia votar para presidente, se lhe fosse dada a liberdade de indicar.

> *"Quem quer que esteja bem situado nas pesquisas merece a dissimulada inveja de Sarney, sobretudo pelo voto direto que lhe parece uma indireta mortal."*

Deu Sílvio Santos, com 34% das intenções de voto, por fora da cartela de candidatos oficiais. Sem fazer alarde, os amigos do presidente foram tratar diretamente com Sílvio Santos que, vendo o cavalo passar arreado à porta do auditório da TVS, se dispôs a montá-lo e a levar um companheiro na garupa.

Hei-hô, Silver! Não se sabe até agora quem ficou mais perturbado com a pesquisa que aprumou o apresentador: o presidente, os amigos ou o próprio candidato? Sílvio Santos contou, com o excesso de palavras que enche o sorriso farto, que 15 dias antes de aceitar a hipótese esteve cinco horas tratando de sucessão presidencial com Sarney.

O fato político foi que Sílvio Santos recuou da idéia de se candidatar em março, quando detinha a preferência nas pesquisas, mas as intenções de voto (nas classes D e E) não foram redistribuídas democraticamente entre os demais pretendentes. Começou mal a sucessão. Essa maioria envergonhada, que vegeta em baixo, em matéria eleitoral se refugiou na coluna dos indecisos. Mandou recado a Orestes Quércia, e ele não acreditou. Entre um e outro — Sílvio Santos e Orestes Quércia — percebe-se agora que havia em comum mais do que a nossa vã atenção conseguiu captar.

O espaço vazio veio logo depois a ser ocupado por outro, que se parece com ambos: Collor de Mello ficou com a preferência recusada por Sílvio Santos e negligenciada por Orestes Quércia. Tudo se passou no começo do ano, quando as pesquisas falavam mas não eram ouvidas. Collor se afirmou com um bem dosado desprezo pela política e uma piedosa complacência para manter longe os políticos. Os oportunistas lhe deram preferência com a sinceridade dos interesses eleitorais. Postura desafiante e retórica provocativa de Collor fixaram o limite: a segunda assinatura estava prometida para o decreto de devassa do governo Sarney (a primeira seria naturalmente a posse).

Depois de tudo, ainda sobrou intenção de voto suficiente para os amigos do presidente convencerem o apresentador a se reapresentar candidato. O saltitante animador (outro pleonasmo inevitável) animou-se com o anúncio da disposição sorridente: "Quero ser candidato mesmo que seja por um partido que tenha apenas 15 segundos na televisão." Nem que o nome dele fosse Enéas.

Quer porque quer, sem perceber que a candidatura convém mais aos amigos do presidente, e ao próprio Sarney por tabela. Os objetivos são, aparentemente, os mesmos. Se perder, não perde muito — politicamente, bem entendido, porque o que sobrar do empresário não remontará outro. Uma pesquisa histórica pode mostrar o que acontece a empresários que se candidatam.

"Algo diz dentro de mim que devo ser candidato": Sílvio Santos ouve mal. Pareceu dentro, mas foi fora e perto. O apresentador se preparou para a política alimentando a desconfiança nos políticos. Collor colheu antes nas pesquisas o que semeou contra a política e os políticos, mas fazendo política.

A despolitização revelada pelas pesquisas é muito grande mas não dá para garantir o segundo turno aos dois candidatos que levam queixas contra os políticos para trocar por votos nas classes C, D e E. Com dois derrotados, os cálculos dos amigos do presidente passam a ser outros.

* *Jornalista*

FRASES DA SEMANA

"Algo diz dentro de mim que devo ser candidato."

— Animador de auditórios Silvio Santos, na batalha por uma legenda que o faça candidato a presidente da República. Quarta-feira, dia 25, em São Paulo.

●

"Foi como dizer a um amigo que estou desgostoso com a vida e irei me suicidar. No dia seguinte não acontece o suicídio e o amigo me liga cobrando: 'Você não disse que ia se suicidar?' É um ato unilateral. Que direito tem alguém de cobrar o suicídio ou a renúncia de outra pessoa?"

— Candidato do PFL à Presidência da República, Aureliano Chaves, sobre sua decisão de não renunciar em favor de Silvio Santos, apesar de ter admitido a hipótese de fazê-lo numa primeira conversa. Terça-feira, 24, no Rio.

●

"Posso assumir o comando do programa."

— Animador de auditórios Gugu Liberato, sobre a outra sucessão que se desencadeará caso Silvio Santos entre na sucessão presidencial — a da tarde dos domingos na rede SBT. Quinta-feira, 26, em São Paulo.

●

"Eu sempre tratei bem o Lula. Mas ele, quando toma umas canas, vem para cima de mim."

— Candidato do PDT, Leonel Brizola. Domingo, 22, em Brasília.

●

"Brizola devia tirar uma licença e descansar. Desde o debate da TV Bandeirantes, ele vem demonstrando um certo desequilíbrio psicológico e emocional."

— Candidato do PT, Luís Inácio Lula da Silva. Segunda-feira, 23, em São Paulo.

●

"Tucanei!"

— Ministra do Trabalho, Dorothea Werneck, ao anunciar seu apoio ao candidato do PSDB, Mário Covas. Quinta-feira, 26, em Brasília.

●

"Declaro solenemente que nosso país passa a se chamar, a partir de hoje, República da Hungria."

— Presidente húngaro Matyas Szuros, na solenidade em que anunciou o abandono do nome "democracia popular" que caracteriza os países comunistas do Leste europeu. Segunda-feira, 23, em Budapeste.

Lula ou Collor?

Fernando Pedreira *

Pode-se estabelecer algum sensível paralelo entre a política e a, digamos, aviação comercial? Talvez. Demagogos, ideólogos e políticos em geral muitas vezes voam alto. Há entretanto um momento em que é preciso apertar os cintos, baixar os *flaps* e preparar a aeronave para o pouso, isto é, para encontro com a dura e áspera realidade terrena.

As coisas se complicam quando, embaixo, a pista parece esburacada e curta, os instrumentos da torre de controle do aeroporto estão em pane, e há ventos fortes soprando ao mesmo tempo de duas ou três direções diversas. Estas desagradáveis circunstâncias podem ainda ser agravadas pela situação na cabine de comando, conforme hoje acontece no caso da aeronave Brasil.

Há pelo menos quatro anos (esqueçamos o inesquecível Figueiredo que se foi, para alívio geral, há quatro anos, sete meses e quatorze dias exatos), o Brasil é conduzido pelo notório comandante Garcez, assessorado por sua valente equipe de navegadores, co-pilotos e tripulantes diversos. O comandante Sarcez (ou Garney; até hoje, segundo revelou esta semana o IBGE, 20% dos eleitores não sabem o seu nome), mal levantou vôo de Brasília, ligou o piloto automático, tendo o cuidado de apontar o nariz da aeronave para onde ele e seus passageiros pretendiam ir, embora com um erro de pouco menos, ou pouco mais, 180 graus.

Hoje, já no fim da viagem, com o combustível virtualmente esgotado, o avião descreve amplos círculos, cada vez mais baixos, sobre a floresta imensa, à procura de uma clareira ou um matagal qualquer onde possa, menos desconfortavelmente, estatelar-se. Essas horas finais de vôo, antes do *crash*, não parecem abalar o ânimo do comandante Sarcez, que as aproveita para catar mais algumas homenagens e honrarias pelo mundo, enquanto seus familiares, amigos e protegidos ultimam bons negócios e organizam monumentais "caixinhas" de muitos milhões de dólares, destinadas a subsidiar vôos futuros.

Como será o pouso iminente e já agora inevitável do grande Boeing neo-republicano? Que reparos será possível fazer nas suas retorcidas estruturas, antes que ele possa reabastecer-se e subir outra vez pelos céus da pátria? Eis aí o que se vai, em boa medida, decidir nas duas semanas que nos separam das eleições do dia 15, e nas outras três que antecedem o segundo turno.

Não me parece que o caso do Brasil seja mais grave ou pior que o da Argentina e o do México, países onde eleições presidenciais recentes restauraram o ânimo do povo (e a credibilidade do governo), imprimindo à ação administrativa uma saneadora linha de seriedade, rigor e bom senso. Ao contrário, não é difícil crer que o Brasil, em si mesmo, seja até mais forte, mais saudável e mais dinâmico que seus grandes irmãos latinos.

Os principais reajustes e reparos a fazer para repor o país no rumo certo estão bastante bem discutidos e não parecem constituir grande mistério, a não ser para os que permanecem cegos pelo nevoeiro ideológico nacional/populista. Ainda esta semana, no JORNAL DO BRASIl, um artigo do embaixador Hélio Cabal os expunha, mais uma vez, lucidamente. O que falta é a determinada liderança de um presidente de verdade, capaz de resistir às tentações da demagogia e aos *lobbies* corporativos e fazer o que é preciso.

Na Argentina, a "virada" do presidente Menem foi facilitada pela própria hiperinflação, que precipitou sua posse e tornou virtualmente obrigatória para todos os argentinos a aceitação das duras medidas antipopulistas do novo governo. No México, os próprios dirigentes do PRI, partido que domina o país há mais de meio século, parecem ter entendido que, ou mudavam de rumo, ou estavam condenados a perder em pouco tempo o poder. A solicitude do vizinho americano, com sua influência e com seus dólares fartos, facilitou-lhes o caminho.

No Brasil, não temos um PRI, isto é, não temos partidos capazes de disciplinar e enquadrar a maioria dos políticos e forçá-los a mudar de rumo, ainda que apenas para sobreviver. Vivemos, nesse terreno, ainda na base do salve-se quem puder. Também não podemos saber se teremos, até 15 de março, a esperada hiperinflação. Se ela vier, como na Argentina, nas vésperas da troca de governo, não terá tempo de ser demasiado cruel com o povo e será muito útil para o novo presidente.

Se, entretanto, permanecermos nesta já costumeira meia-bomba, nesta insensata corrida entre inflação e indexação, que enriquece tanta gente, há tanto tempo, enquanto consome inpiedosamente as escassas reservas materiais (e morais) do povo e do país, neste caso o futuro governante terá que enfrentar *lobbies* poderosos, dentro e fora do Congresso, de especuladores, empresários, funcionários, sindicalistas, juízes, empenhados todos em barrar ou anular os seus esperados esforços saneadores.

O ideal para o Brasil seria dispor agora de um Felipe Gonzalez (ou de um Miterrand), um presidente socialista dotado de lucidez e capacidade de comando suficiente para convencer os seus partidários de que o velho receituário marxista ou submarxista — o estatismo, o anticapitalismo, o distributivismo, o protecionismo estreito da esquerda nacionalista — está irremediavelmente superado. Mais ainda: que nas atuais condições da economia brasileira suas teses são não só inaplicáveis, como contraproducentes, isto é, só fazem afundar mais depressa o buraco em que se está enterrando a Nova República (e o país com ela).

> *"O ideal para o Brasil seria dispor agora de um presidente socialista dotado de lucidez e capacidade de comando que mostrasse que o velho receituário marxista está irremediavelmente superado."*

Em vez disso, a duas semanas das urnas, o que nos permite perceber a leitura das cartas do *tarot* eleitoral é que estamos confinados a três alternativas reais, apenas: Lula, Brizola e Collor.

Um líder sindical valente e sincero, mas despreparado e até inocente dos grandes problemas de governo, cercado de mentores e conselheiros imbuídos das teses e crenças do marxismo católico radical. Um caudilho populista que repete incansavelmente, quarenta anos depois, os processos e as idéias de Prestes e Getúlio em 1945 ou 50. E o jovem ex-governador de um pequeno Estado, inexperiente e (ao ver de muitos) pouco confiável, mas inegavelmente popular, e que se vai tornando a única opção possível para os eleitores de centro, liberais ou moderados.

A vantagem de Lula, agora, é que ele está atropelando no final. Até aqui, sua posição modesta, e até cadente nas pesquisas, o livrou das análises críticas e dos ataques, que se concentravam naturalmente sobre os seus dois maiores rivais, os ponteiros.

A desvantagem de Collor é que ele não teve tempo, como Jânio em 1960, de conquistar a confiança dos conservadores *antes* da campanha. Isto o tem forçado a dividir-se: a tentar ganhar confiabilidade e respeito entre os bem-pensantes, numa hora em que a briga verdadeira está ocorrendo lá embaixo, em camadas onde a demagogia e o radicalismo dos seus rivais podem ter efeitos devastadores. A terrível escalada da inflação e da carestia, nestas últimas semanas, favorece os mais ousados. Transforma em revolta a indignação do povo.

Lula ou Collor? Eis aí os extremos a que nos fez chegar o desastrado presidente Sarcez. Talvez o melhor que se possa desejar para o Brasil, hoje, seja uma convicente hiperinflação em fevereiro. E que Deus (o do papa, ou da CUT e da CNBB?) nos livres de outra ditadura. Amém.

* Jornalista

LUÍS FERNANDO VERÍSSIMO

Contículos

Jorge Luiz Borges, atravessando as estepes geladas num trem, sente que duas pessoas entram no seu compartimento. "Quem são vocês?", pergunta. "Italo Calvino", identifica-se um. "Vladimir Nabokov", identifica-se o outro. "Mas vocês estão mortos!", exclama Borges. "E você pensa que está realmente atravessando as estepes geladas num trem?", pergunta Calvino. "Descanse", diz Nabokov. "Vai ser uma longa noite, e temos muita coisa para contar."

□ □ □

Tinham avisado a Sandrinha. Ele tem aqueles olhos de macaco, mas é uma serpente. Mesmo assim a Sandrinha se aproximou dele na festa. Foram para outra sala, longe do barulho. Sentaram num sofá. Ele levantou a taça. Sandrinha pensou que fosse um brinde, mas não era. Meu Deus, pensou, ele usa maquiagem!

— Decifra-me — disse ele, olhando fundo nos olhos de Sandrinha, por cima da taça — ou eu te como.

No dia seguinte Sandrinha não apareceu na ginástica.

□ □ □

"Merda", disse a Madre Superiora. Não se assuste, é que eu sempre quis começar um conto assim. Na verdade, o conto não tem nada a ver com isto. Na verdade, o conto termina aqui.

□ □ □

Um dia nosso pai subiu o rio.

Disse que ia voltar rico e que vinha nos buscar. Mas passou rio, passou rio pela nossa porta e nada do nosso pai voltar.

Um dia o rio trouxe o chapéu de palha do nosso pai. Passou lá no meião, mas nossa mãe identificou. Bom sinal. Ele já tinha trocado de chapéu. Qualquer dia aparecia rico, descendo o rio de linho branco, num barco a motor. Mas passou rio, passou rio e nada do nosso pai voltar.

Então um dia a nossa mãe viu uma balsa descendo o rio. Em cima da balsa, amarrado numa cadeira, degolado, o nosso pai, com uma tabuleta no peito ensangüentado dizendo alguma coisa. Mas nossa mãe fez que não viu.

Nunca mais se falou no nosso pai. Mas eu às vezes penso no que estava escrito naquela tabuleta. Um dia subo o rio pra descobrir.

□ □ □

Desmoronou uma ponte de gelo no Himalaia. No mesmo instante, dentro da sua cozinha, no Rio, abrindo uma lata de pêssegos em calda, Marisa sentiu uma leve inquietação, como se alguma coisa tivesse acabado em sua vida. Não existe qualquer ligação conhecida entre os dois fatos.

□ □ □

Encontraram-se 25 anos depois.

— Não é possível. O Kid!

— Que coisa!

— Puxa.

— Do que foi mesmo que você me chamou?

— Kid. Era o seu apelido. Você não se lembra?

— Confesso que não.

— Velho Kid...

— Tem certeza que era eu?

— Claro que era. Minha memória não falha. Sua mãe era a falecida dona Jacira. Acertei?

— Acertou. Faz tanto tempo...

Depois ele ficou pensando. Por que será que ele era o "Kid"? Fosse o que fosse, suspirou, uma coisa era certa. Não era mais.

□ □ □

Maria José casou com José Maria, que também era de Ituiumbara e também gostava de excursionismo, mas não foram as coincidências que a atraíram, foi uma certa fascinação intelectual. José Maria foi o primeiro homem que Maria José conheceu que usava "outrossim". Usava errado, mas isto Maria José nunca descobriu, e foram muito felizes.

Eleição indefinida: A mágica incerteza da democracia

Sérgio Henrique Hudson de Abranches *

Collor, Brizola e Lula decidirão o primeiro turno das eleições presidenciais. Foi esta a conclusão geral, retirada dos números das pesquisas estimuladas mais recentes do Ibope e do Gallup, na maioria absoluta das análises e comentários da imprensa. Quem acreditar pode acabar sendo pego de surpresa.

Collor, Brizola, Lula, Covas, Afif e Maluf estão disputando o primeiro turno, que se torna cada vez mais competitivo, à medida que se aproxima a data das eleições. A eleição está indefinida, demonstrando alta oscilação nas preferências pelos seis primeiros candidatos e, ainda, elevado número de eleitores indefinidos e indecisos. É isto que os números, quando adequadamente interpretados, estão indicando. Quem apostar nesse quadro talvez esteja mais próximo da verdade do dia.

A diferença entre essas duas interpretações opostas do que dizem as pesquisas é fácil de entender. Olhando-se, simplesmente, os gráficos com os números de cada candidato, entre uma pesquisa e outra, para ver quem caiu, quem subiu, quem ficou parado, tem-se a impressão de que a campanha está congelada, consolidada. Aqueles que estão na frente, com alguma vantagem sobre os demais, disputarão a classificação no primeiro turno. Quem tenha acompanhado essas leituras simplistas das pesquisas amostrais certamente se lembrará que as previsões sobre os possíveis vencedores já variaram muito. Primeiro seriam Lula e Brizola. Depois, Collor talvez se tornasse presidente, ainda no primeiro turno, com maioria absoluta. Mais recentemente, a disputa seria entre Lula e Collor. Agora Brizola voltou a ser considerado.

Não poderia deixar de ser diferente. A volatilidade das preferências tem sido muito alta, criando, até, a estranha teoria das "ondas". Estaríamos agora, após a "onda curta" de Afif, entrando na "quarta onda" de Covas. Essa visão simplista, do complicado jogo das primeiras eleições presidenciais, após o silêncio das urnas imposto pelo regime autoritário, decorre da inobservância de uma recomendação, muito precisa, do presidente da GALLUP americano, Andrew Kohut. Ele diz que esse tipo de pesquisa deve ser interpretado como um "instantâneo" no tempo. Uma fotografia de um momento, portanto, uma observação estática. Não se presta a leituras prospectivas, nem para fazer-se previsões científicas.

Examinando-se as flutuações nas intenções de voto captadas pelos Institutos, entre a segunda metade de setembro e o final de outubro, pode-se ter um idéia mais precisa do que ocorreu. De acordo com os números do IBOPE, houve uma oscilação de 48 pontos, agregando-se o que os candidatos ganharam ou perderam nesse período. Mas o saldo líquido de cada candidato, foi muito distinto: Collor perdeu 8 pontos, Brizola oscilou e terminou, em 23 de outubro, com os mesmos 14% que tinha em 19 de setembro. Afif teve uma flutuação semelhante à de Collor, mas ainda registra um ponto de saldo positivo. Lula oscilou um pouco menos, contabilizando, porém, 6 pontos a mais. As preferências por Covas foram bastante estáveis, mas lhe deram 2 pontos adicionais e Maluf acabou com o mesmo percentual de preferência que tinha em setembro.

No GALLUP, a flutuação das preferências entre 18 de setembro e 25 de outubro foi de aproximadamente 50 pontos. O resultado líquido para os candidatos foi, igualmente, muito distinto. Collor perdeu 9 pontos, Brizola quase nada, Afif ganhou 2, Lula 7, Covas 3 e Maluf 1.

As divergências entre as pesquisas provavelmente explicam-se por diferenças nos métodos de amostra e na forma das entrevistas. Mas os dois Institutos apontam três regularidades no período. Em primeiro lugar, as flutuações foram maiores na virada de setembro para outubro, do que durante o mês de outubro. Em segundo lugar, aumentou a competitividade entre os candidatos e Collor caiu durante todo o período. Em terceiro lugar, nas respostas espontâneas, o número de entrevistados que dizem não ter candidato firme para 15 de novembro oscilou muito menos do que as preferências pelos candidatos. Continua acima de 40%.

Infelizmente, na última rodada de pesquisas, não se divulgou qualquer informação sobre as respostas espontâneas. Entre elas e as estimulaas por cartela, está a chave para medir-se o grau de indefinição das eleições. O que as pesquisas apontam, só se verificará em 15 de novembro, se tudo permanecer, na campanha, na política, na economia e na sociedade, como está, daqui até lá. Convenhamos que esta é uma hipótese pouco realista. Mais provavelmente, até 15 de novembro, muita água vai rolar e, inevitavelmente, desmanchará a aparente estabilidade do quadro pré-eleitoral.

O contingente de eleitores indefinidos, porque ainda não conseguem escolher entre candidatos que já têm sua preferência, ou porque tenderão a praticar o voto útil, é que decidirá as eleições. Ao que tudo indica, esta definição será tardia, exatamente por causa da instabilidade da campanha, de eventos novos, nem sempre muito relevantes, que levam o eleitor a reconsiderar a intenção de voto do dia anterior.

Só para ilustrar a importância desses números, tome-se as pesquisas do GALLUP, entre 18 de setembro e 17 de outubro: os indefinidos eram 40%, na primeira pesquisa e passaram para 42,0%, na última. Collor tinha 27,5% das preferências em meados de setembro, caiu para 13%, em meados de outubro. Brizola caiu de 10% para 6%, Afif subiu de 5% para 6%, para Lula, Covas e Maluf praticamente não houve alterações.

De novo, regular mesmo, só a queda de Collor e a estabilidade dos indefinidos.

Examinando-se a campanha de forma mais dinâmica, sem deixar-se levar por regularidades estatísticas, pode-se conjecturar que o futuro próximo apresentará as seguintes tendências:

Primeira, muito provavelmente a volatilidade das preferências aumentará a partir do final de outubro, acelerando no início de novembro. Os eleitores "mutáveis" só começarão a mostrar opções mais firme, a partir do final da primeira semana de novembro. Até lá, qualquer fato novo produzirá mudanças bastante acentuadas em todo o quadro.

Segunda, muitos candidatos já perceberam a saturação de suas mensagens no horário gratuito. Pode-se imaginar que os programas mudarão e, se forem eficazes, provocarão um novo choque sobre as preferências, de acordo com o desempenho de cada candidato, na avaliação do eleitorado. Com seus nomes e figuras já firmados, é de se imaginar que, agora, passem a buscar mais ativamente veicular mensagens que os diferenciem uns dos outros, com os olhos postos nos indefinidos.

Terceira, a competitividade entre os seis principais candidatos deverá continuar aumentando. Assim, as intenções de voto se aproximarão de uma distribuição mais equilibrada, entre, pelo menos, quatro ou cinco deles. Os candidatos ficarão embolados em dois grupos competitivos, nessas últimas semanas. Isso faz prever maior polarização e o aumento dos conflitos e controvérsias entre eles.

Na boca da urna, o eleitor escreverá os nomes dos vencedores e, nas pesquisas, eles só aparecerão no momento imediatamente anterior à "hora da verdade", o 15 de novembro. Tudo o mais é fumaça estatística. Ou política.

* Cientista social e secretário Especial do governo do estado

Renegociar dívida interna? Duvido!

Com uma franqueza nordestina, o ministro Maílson da Nóbrega fulmina os programas dos candidatos à presidência da República que pregam, independente das diferenças ideológicas, o mesmo remédio para o imbroglio *da dívida interna: alongamento dos prazos dos papéis públicos. "Quero ver quem é macho o suficiente", desafia. E cita o seu próprio exemplo para mostrar a inviabilidade desta proposta: "Aplico meu salário no overnight para no fim do mês pagar minhas contas". O que o ministro quer dizer é que milhares de brasileiros seriam afetados se houvesse qualquer mexida no valor dos papéis que rodam US$ 60 bilhões, diariamente, no overnight. É lá que estão as contas remuneradas, o caixa da maioria das empresas, recursos das seguradoras, dos fundos de pensão, e até parte do dinheiro das cadernetas. "Eu duvido que sentado na cadeira de presidente alguém anuncie que vai renegociar a dívida". Em mais uma semana de boatos sobre sua queda, o ministro Maílson da Nóbrega recebeu para jantar uma equipe de jornalistas da Editoria de Economia do* JORNAL DO BRASIL. *Por várias horas falou sobre seu trabalho. Acha que o risco de hiperinflação está passando e garante que só "palpiteiros" estão falando em novo choque no país. Com grande sinceridade fala do seu passado em que foi um "burocrata servindo a um governo autoritário" e neste papel acabou ajudando a construir grandes fortunas na agricultura*

R T Fasanello — 18/10/89

— O sr. assumiu o ministério com uma inflação anual de 365% e este ano a inflação será de 1.600%. Como o sr. se sente como economista?

— Acho que fiz um bruta trabalho. Como economista e como ministro. Ninguém pode comemorar qualquer taxa de inflação. Mesmo baixa a inflação, é intolerável. Mas conseguimos manter uma situação próxima do normal apesar da herança que o governo recebeu e da amplificação das distorções provocadas pela Assembléia Nacional Constituinte. A pergunta que espero ouvir no futuro é como foi possível manter a economia funcionando num período tão conturbado, em que a Constituição devastou a política fiscal e as expectativas se deterioravam.

— Ministro, o sr. sempre repete críticas à Constituinte. Na sua opinião, a luta do país, durante vinte anos, para ter um ordenamento institucional fracassou? Como cidadão brasileiro, acha que ela não deveria ter havido?

— Acho que houve exageros. Um deles foi a partilha de recursos acima do que seria razoável. Eu escrevi um artigo em 87 dizendo que esta partilha era contra as regiões mais pobres e fui considerado um traidor do Nordeste e *persona non grata* nas assembléias legislativas da região. A história vai me dar razão. A partilha empobreceu a União e num Estado desigual como o brasileiro o governo central tem que contrabalançar os efeitos da concentração. Se não fossem os exageros da Constituição poderíamos ter reduzido a inflação para níveis mais decentes.

— O sr. tinha como meta chegar ao fim do governo sem hiperinflação. Acha que atingiu seu objetivo?

— O pior já passou. É muito difícil assegurar qualquer coisa neste ambiente de incertezas da economia brasileira, em uma crise profunda. Mas em outubro a hiperinflação não chegou e em novembro as primeiras indicações são de que a taxa não vai explodir. Em dezembro, janeiro e fevereiro vai depender muito da capacidade que tenhamos de evitar o agravamento das expectativas pessimistas. Uma taxa de inflação acima de 35% é intolerável, inaceitável, mas é aquilo que podemos fazer diante da ausência dos instrumentos adequados. A hiperinflação enfrentou uma mudança semântica. Hoje não é mais uma inflação alta e sim um momento em que há um colapso da ordem econômica, em que a perda de confiança da sociedade no governo e nas instituições e entre os agentes econômicos é total. A economia se desorganiza e passa a funcionar de maneira imprevisível. Não diria que está garantido, mas temos grandes chances de chegar ao fim deste processo sem que a economia se desorganize.

Congelamento

As pessoas que falam em choque não externam a opinião do presidente da República. São palpiteiros.

— O que ameaçaria este objetivo?

— A duras penas o governo vem conseguindo, com a colaboração da imprensa e do setor privado, evitar a ocorrência do pior. Estas reuniões e acordos têm ajudado. Tem um preço, que está sendo pago, que é o aumento do custo.

— Muita gente acha que este preço, além de insuportável, é inútil. Até gente do mercado financeiro acha que este juro alto é ineficaz diante do nível da inflação.

— Não concordo com esta avaliação. Ruim com a política de taxas de juros que estamos praticando, pior sem ela. A maioria expressiva dos analistas concorda comigo que o preço é menor do que o que pagaríamos por um descontrole total da economia. A falta de percepção sobre como funciona o mercado financeiro faz muitas pessoas fazerem certas considerações sobre o assunto que se caracterizam por um elevado grau de primarismo.

— O deputado Cesar Maia disse que se os juros continuarem altos a dívida terá um acréscimo de US$ 20 bilhões até março e será impagável por qualquer governo. É isto que o sr. chama de primarismo?

— Não. Chamo de primarismo a atitude de alguns deputados e senadores que propõem aumento de despesas porque imaginam que dinheiro nasce em árvore e quando este aumento de despesa provoca aumento do déficit, eles criticam o déficit. E em seguida dizem que a taxa de juro que o governo paga para se financiar é uma vergonha. Os políticos precisam entender que aumento de despesa sem contrapartida de receita gera endividamento. E quanto maior o endividamento num momento de incerteza como o que estamos vivendo, maior a taxa de juros que temos de pagar. Outro dia me ligou um deputado dizendo que nós tínhamos que emitir um papel do governo vinculado à produção agrícola e eu respondi que isto não existe em canto nenhum do mundo, expliquei que o mercado não iria aceitar o papel.

Autocrítica

Participei de várias reuniões em que sete pessoas baixavam um decreto-lei. Achava que estava com a verdade.

— Os candidatos estão propondo ampliação dos prazos dos títulos públicos. O que o sr. acha disto?

— Eu duvido e quero conferir isto quando um deles for presidente da República. Duvido que sentado na cadeira de presidente, de ministro da Fazenda e de presidente do Banco Central, alguém anuncie que vai renegociar a dívida. Isto não existe. É agredir a realidade. Discurso de campanha muda. Quero ver se alguém é macho o suficiente para assumir um risco que pode liquidar no nascedouro o seu governo. Isto gera uma desconfiança tão grande que provoca uma monetização imediata do déficit.

— Um governo com credibilidade não poderia fazer isto através da negociação?

— Não há exemplo de país sério que tenha renegociado a dívida, dado um calote, estabelecido novo prazo. Isto tudo é sonho e discurso. Em governo sério, o ministro da Fazenda não pode nem falar isto. Deve é fazer um programa competente que leve os financiadores a comprar papéis mais longos. Os fundos de pensão têm mais de um terço de seus recursos aplicados em títulos do governo. Com que cara ficaria um governo se um beneficiário de um fundo de pensão no dia de receber sua aposentadoria ouvisse que não poderia receber o que tem direito — após ter contribuído durante trinta anos — porque o governo renegociou a dívida. Vou dar o meu exemplo: eu aplico o meu salário no overnight todo o mês e no fim do mês uso este dinheiro para pagar a escola do meu filho, fazer as compras de supermercado e pagar as contas de água, luz, telefone e a prestação da minha casa. Imagina se no fim de um determinado mês, me chega um ministro da Fazenda e diz que quer renegociar a dívida dele. E eu vou pagar minhas contas com o quê? Agora vamos imaginar que sua casa incendeie. A empresa na qual você fez seguro aplicava parte dos recursos no overnight, obrigada pelo governo. Diante do sinistro ela diz: "Desculpa, eu não vou te pagar o seguro porque o governo renegociou a dívida." As pessoas não sabem do que estão falando.

Políticos

Alguns deputados e senadores pensam que dinheiro nasce em árvore. Eles têm um raciocínio simplista e primarista.

— O sr. já fez cálculos de quanto esta política de juros altos vai aumentar a dívida interna até a posse do próximo governo?

— Nós calculamos que a dívida em papéis junto ao público vai terminar o ano em 15% do PIB. Não é grande em termos relativos.

— No orçamento que o governo enviou para o Congresso está previsto no ano que vem um gasto só com juros de 7,2% do PIB. Se a dívida é de apenas 15%, este custo é enorme. Não lhe parece?

— Este é um problema de metodologia de cálculo. O novo governo, se fizer um plano econômico que inspire confiança, pode reduzir a zero este custo sem renegociar. No futuro vamos ver que este foi um custo baixo para se manter a economia sob controle.

— Porque o sr. acha que a economia está sob controle com uma inflação de 37%?

— Porque a economia continua funcionando, as pessoas continuam fazendo transações, os salários continuam sendo pagos, os aviões continuam decolando e a produção agrícola aumentando e as exportações andando. O Brasil continua funcionando.

— Mas o que convenceu o sr. de que são os juros altos que mantêm a economia sob controle?

— Esta é a opinião da maioria dos funcionários do governo que atuam na área econômica. Eu sou o líder de uma equipe que majoritariamente pensa assim. Temos debatido este assunto em reuniões freqüentes no ministério com o pessoal do Tesouro e do Banco Central.

— Uma das maiores realizações do seu período seria a lei para evitar a evasão de divisas. Mas agora existe a informação de que esta lei não vai sair porque estão existindo pressões contra ela. É verdade?

— Estamos trabalhando e vamos propor uma lei para punir os ilícitos cambiais. Isto vamos fazer. Outra coisa é, em final de um período de transição política, o governo fazer propostas de grandes transformações. O grande papel que temos na área econômica é inventar o mínimo e tudo que formos inventar, devemos submeter a um amplo debate. Temos cacoetes culturais, provocados pela inércia autoritária, de achar que somos donos da verdade. Falo isto com a tranquilidade de quem foi burocrata num regime autoritário durante vinte anos. Achava que estava com a verdade. Eu participei de várias reuniões em que um grupo de sete técnicos decidia baixar um decreto lei porque aquilo é que era o mais certo para o país. Quem garante que aquelas sete pessoas estavam certas? Então um grupo de burocratas do Banco Central decidiu fazer uma grande reformulação nas regras que regem o sistema cambial brasileiro. Quem me garante que eles têm razão? E quem garante que estas novas regras não vão trazer mais incerteza num momento em que não temos que fazer marola? O que é provocado por incerteza política não se combate com a polícia. Só vai deixar de haver mercado negro no Brasil quando houver câmbio livre, que um dia terá que ser feito. A hora de se fazer isto não é agora. A legislação é obsoleta. Nós tivemos cinqüenta anos para consertar esta legislação. Por que vamos fazer isto faltando alguns meses para terminar o governo?

— Existem hoje dentro do governo pressões por mais gastos. Estas pressões não serão a marola que o sr. quer evitar?

— Pressões são naturais em qualquer governo. São maiores num país em desenvolvimento e brutalmente ampliadas em momentos de crise. É preciso sangue frio e nervos de aço para lidar com este problema.

— Quanto do seu tempo é gasto diariamente administrando pressões por mais gastos?

— Uma grande parte do meu tempo é gasta explicando para as pessoas porque não podemos fazer o que elas estão pedindo.

— Existem também pressões por um novo congelamento. Quando o presidente Sarney fala nisto, o que o sr. responde?

— Ele não fala. Eu e o João Batista discutimos este assunto com o presidente há seis meses, quando estava começando a aceleração inflacionária. Disse para o presidente que nós íamos nos deparar com a hipótese de alguém nos propor um congelamento. E o presidente Sarney disse: "Ninguém vai acreditar nisto." As pessoas que falam em choque, vez por outra, não externam a opinião do governo nem do presidente da República. São palpiteiros. Hoje voltei a falar com o presidente sobre este assunto. E ele voltou a me dizer que isto não seria feito.

— Por que o sr. falou nisto com ele?

— Eu estava dizendo que nosso trabalho nas câmaras setoriais está sendo prejudicado pelos boatos de um choque. E reafirmamos nosso entendimento que o país não tem clima para isto.

— Se o sr. fosse ministro da Fazenda do próximo governo como dirigiria os recursos do setor privado da especulação financeira para a produção?

— O déficit público brasileiro foi construído durante um certo tempo pelo mecanismo do orçamento monetário, uma espécie de caixa dois do governo. Autorizávamos crédito sem limite para a agricultura, crédito para a exportação, subsídio para a compra de fertilizante. Era uma delícia! O pessoal do Banco do Brasil e do Banco do Nordeste ia recebendo título de cidadão por este país afora. Era uma festa fantástica!

— O sr. recebeu título da onde?

— Não recebi, mas assessorei muita gente que recebeu. Aliás, assessorei pouca gente que recebeu muitos títulos. A gente chegava com um diretor do Banco do Brasil numa cidade do interior e era recebido como reis. E assim desenvolvíamos o país com juro subsidiado e alguém pagava esta conta. E a gente não se apercebia disto. Fomos construindo fortunas na agricultura e o pessoal nos incentivava dizendo que éramos competentes. E tudo dava certo, só que a dívida estava começando a se formar.

Vou contar uma história: em 1970, eu estava em Campina Grande, quando o ministro Nestor Jost ligou para o Camilo Calazans, de quem eu era assessor, dizendo que tinha uma bruta seca no Nordeste e o presidente Médici precisava dois dias depois anunciar um programa durante uma viagem à região. Era preciso inventar este programa. Fomos para Maceió, assistimos o jogo Brasil e Tchecoslováquia na casa de um usineiro (para variar) regado a muito uísque. No dia seguinte, Camilo foi visitar o interior e disse que eu ficasse na agência preparando algum projeto de impacto, na área do crédito. Eu fiquei cavucando os arquivos da agência e achei lá uma lei, chamada Lei Aloísio Alves, que estabelecia um crédito de emergência. Eu peguei aquilo, misturei com as normas do banco e bolei uma resolução do Banco Central que criava um crédito de emergência para as regiões atingidas pelo fenômeno climático das secas. Era um nome complexo. A taxa de juros era de 5%. O Calazans achou ótimo. Fomos para Recife receber o Médici. Achei que meu projeto ia ser um fiasco. Tinha certeza que o governo vinha com um grande plano. Fizemos uma reunião na sede do Banco do Brasil e quem presidiu foi o Delfim Netto, então ministro da Fazenda. Não havia plano nenhum. Só o meu, que eu achava uma porcaria. Fomos para a Sudene e aí eu ouvi o Médici anunciando o plano, naquele famoso discurso dele. Virou a resolução 147 do Banco Central e daí saiu o Proterra.

— Nesta época que o sr. ajudava a gastar. O sr. tinha noção do que estava aumentando a dívida?

— Nenhuma. Achávamos que bastava criar um programa que tinha como financiar. Quando a gente dava dinheiro para os agricultores — e a palavra exata é mesmo *dava* — estávamos transferindo renda da sociedade para um grupo de pessoas e não nos dávamos conta disto. E quem criticasse era traidor. Nós tínhamos um sistema primitivo de finanças públicas e foi este governo quem modernizou este sistema, mesmo contra a burocracia. A grande herança deste governo — e o presidente Sarney vai ser lembrado por isto — é o avanço institucional na área das finanças públicas.

— Com o plano das câmaras setoriais o sr. está dando sua última cartada para evitar a explosão da inflação. Mas agora todos os setores estão obtendo aumento real nas câmaras. Isto não provocará a explosão?

— Não estávamos buscando a queda da inflação, mas sim um mecanismo que evitasse uma deterioração por razões psicológicas. A câmara era o foro para evitar o reajuste desenfreado. A ação foi altamente positiva.

— Os empresários estão se reunindo e aprovando para si aumentos reais. Todos os setores. Como o sr. vai segurar a inflação de novembro?

— O CIP seria mais vulnerável. É infinitamente melhor a câmara setorial do que o processo caótico do CIP. Não há nenhuma indicação de que haverá uma mudança brusca de patamar da inflação em novembro.

— O sr. faz parte de um governo que pleiteou mais um ano sem ter partido político, sustentação no Congresso e, principalmente, sem ter projeto. Para que mais um ano?

— Eu fui partidário dos cinco anos. Achava que existia um processo de consolidação institucional que precisava de mais um ano. E não só político. A unificação orçamentária começou este ano. Não haveria tempo de promulgar a Constituição em 5 de outubro e realizar uma eleição em 15 de novembro. Acho que foi uma decisão acertada.

— O sr. disse que o acordo com os bancos, feito no ano passado, foi o melhor já obtido por um país do Terceiro Mundo

— Realmente quando fizemos era o melhor acordo possível. Mas as negociações externas mostram que cada acordo é melhor que o outro. Por isto o novo governo tem obrigação de fazer uma negociação melhor do que a nossa. Não é desonra nenhuma para nós e é vantagem para o Brasil. É diferente fazer um acordo com as relações normalizadas com os credores e outra, bem mais difícil, é fazer outra depois de um período em que o país brigava com seus credores. Partimos da estaca zero. O próximo governo vai começar com reservas maiores do que encontramos e postura internacional melhor do que encontramos. Vamos exigir do próximo governo que faça um entendimento melhor do que o nosso porque vai encontrar condições mais favoráveis.

Dívida externa

O novo governo tem obrigação de fazer um acordo melhor do que o que fizemos. Não é desonra para nós.

— O que o sr. sentiu quando andou pela rua no Rio e ouviu todos aqueles comentários desagradáveis?

— Eu não tenho o que temer. Tenho a convicção que fiz o melhor para este momento difícil que o país vive. Andei nas ruas do Rio como ando nas ruas de Brasília. Ouço, às vezes, "que cara de pau, como se atreve!" Mas jamais fui agredido fisicamente e não ando com segurança. Não sou candidato a nada.

— Publicamos que o sr. vai votar em Mário Covas. Mas ele tem criticado a política econômica. Como o sr. fica?

— Ainda me incluo na legião dos indecisos, mas o Covas possui a melhor equipe. Pessoas que passaram pelo governo, têm visão avançada do processo econômico, não têm as ilusões dos ingênuos e têm um projeto para o Brasil.

Candidato

Mario Covas possui a melhor equipe. Sem a ilusão dos ingênuos, com uma visão avançada e projeto para o Brasil.

— As críticas à política econômica feita pelos candidatos irritam o sr.?

— Espero que a história faça justiça ao julgar o período em que estive no comando da economia e que leve em conta as condições em que trabalhamos. Operamos a economia com o campo operatório contaminado e sem os instrumentos próprios. O grande esforço que fizemos foi para salvar o doente.

— O sr. tem sido bombardeado frequentemente por boatos de que vai perder o emprego. É rara a semana em que não haja um dia de boatos. Por que tanta instabilidade?

— Talvez o aumento das incertezas tenha levado as pessoas a acharem que o ministro da Fazenda deve ser substituído. Há ainda pessoas que tiveram seus interesses contrariados e acham que o ministro da Fazenda devem ser substituído definitivamente. De preferência acham que não deveria nem ter ministro da Fazenda e que o cofre do Tesouro nem deveria ter chave.

Paralelo

Só vai deixar de haver mercado negro no Brasil quando houver câmbio livre. Mas a hora não é agora.

Economistas aconselham eleito a agir rápido para ter crédito

Luciana Nunes Leal

Se o presidente eleito em 15 de novembro quiser conquistar a credibilidade da população e obter sucesso com uma política de controle da inflação deverá tomar medidas econômicas nos seis primeiros meses de seu governo, pois este é o período em que a população está mais receptiva a mudanças. Em vez de formar equipe e organizar plano econômico depois da posse, o sucessor do presidente Sarney deverá aproveitar a chamada *lua de mel* — período de dois trimestres em que a sociedade tradicionalmente tem maior credibilidade no governo — para aplicar, com maior possibilidade de êxito, uma política antiinflacionária bem sucedida.

Esta conclusão é dos economistas Clarice Pechman, consultora de empresas, e Rodolfo Grandi, analista financeiro, que terminaram há pouco tempo estudo sobre a credibilidade da população brasileira em relação à Presidência, nos últimos 12 anos. Eles descobriram que o sistema econômico e particularmente as taxas de inflação e seu ritmo de crescimento ou queda (aceleração inflacionária) são os principais determinantes da credibilidade nos presidentes. O fenômeno da *lua de mel*, apontado como fator de cunho político, foi verificado, por exemplo, nos períodos após a posse do presidente João Figueiredo e José Sarney, em 1979 e 1985, respectivamente, alterando a tendência decrescente dos índices de credibilidade. Essa tendência mostra o desgaste ininterrupto dos governos federais da Velha e da Nova República.

O maior índice de credibilidade entre 1977 e 1989 aconteceu em 1986, durante o Plano Cruzado, com 59% de aceitação, quando o ritmo da inflação (aceleração inflacionária) caiu com maior rapidez. O pior percentual foi registrado no primeiro trimestre de 1989, com 66% de rejeição. Justamente pela dificuldade de medir o grau de credibilidade das pessoas em relação ao governo, Clarice Pechman definiu o termo como "a expectativa do público com relação à política econômica do governo", o que pode ser medido através de comparações da aceleração inflacionária com a credibilidade. Outros fatores influenciam na avaliação da população, como atitudes pessoais do presidente mas, além de muito subjetivos, não variaram muito os índices estudados, de pesquisas trimestrais realizadas pelos institutos de opinião pública Gallup e Ibope.

João Cerqueira

Clarice analisou o desgaste dos últimos governos

"A credibilidade é um conceito fluido, e nós determinamos uma medida para ele fazendo um paralelo com o sistema econômico e o comportamento da inflação", esclarece a economista. Ou seja, enquanto trabalhadores estiverem razoavelmente satisfeitos com seus salários e poder aquisitivo, o presidente tem maior aceitação. Também a capacidade de os sindicatos de trabalhadores terem acordos bem sucedidos com o governo influencia a credibilidade, ou seja, quando o "poder de barganha" dos trabalhadores tem sucesso, aumenta a credibilidade no presidente. Clarice Pechman explicou que o paralelo entre a aceleração inflacionária e a credibilidade no governo mostra que a população brasileira sabe analisar o governo e "também vota certo".

"As pessoas têm sensibilidade para saber o que é bom", resume Clarice. A população brasileira, diz a economista, avalia o governo de acordo com a estabilidade econômica que lhes proporciona. Por este motivo, um dos maiores desafios para o primeiro presidente eleito depois de 29 anos será acabar com a iminência de hiperinflação, o que terá maior apoio se for providenciado o mais rapidamente possível.

De olho na campanha

*Marcelo Medeiros **

Partindo do princípio de que o maior erro em política é perder a eleição, o PFL, em vista do fraco desempenho de seu candidato Aureliano Chaves, resolveu trocá-lo por Sílvio Santos, animador de televisão e empresário bem-sucedido. Acontece que esta *simples* operação inspirada e orientada à sorrelfa pelo presidente Sarney, precisava da concordância do candidato. Único dos presidenciáveis escolhido em votação direta pelos filiados do seu partido para ser confirmado em convenção nacional candidato à Presidência da República, Aureliano não concordou com o açodamento da cúpula do PFL em querer substituí-lo e negou-se a renunciar.

Afonso Camargo e Afif Domingos, sondados por emissários para cederem suas vagas, também recusaram, mas estes, com o apoio das respectivas direções partidárias.

Resta a Sílvio Santos negociar com os outros candidatos — os chamados *nanicos* ou *exóticos*. Como a legislação eleitoral não pode deixar de prever a substituição de nomes em caso de renúncia, impedimento ou morte, sempre estaremos à mercê de situações como essa. Ao eleitor, entretanto, cabe a aprovação final de procedimentos mais, ou menos, dignos na troca de um candidato.

Pedreira, Armando Corrêa e Celso Brant têm cinco minutos diários, divididos em dois programas. Presumindo-se que Sílvio Santos substitua um desses e inicie, em tempo recorde, sua propaganda na terça-feira, dia 31, terá até o dia 12, quando termina o horário gratuito, 65 minutos divididos equitativamente por 26 programas, em 13 dias. Se ocupar a vaga de Eudes Mattar, Enéas, Gabeira, Lívia Abreu, Manoel Horta, Marronzinho, Paulo Gontijo ou Zamir, todos eles com 30 segundos diários, terá 6 minutos e 30 segundos. Convenhamos que é necessário muito otimismo para achar que um animador de programa de calouros, sem passado político ou administrativo, tendo a seu favor somente o sorriso da boa comunicação televisiva, possa ganhar as eleições disputando num universo de 82 milhões de eleitores, com 6 ou 65 minutos divididos entre 26 programas gratuitos. E isso sem contar o tempo que levará para contestar as críticas dos concorrentes e livrar-se da imagem de *candidato do presidente Sarney*.

Afif continua repetindo seus programas e até o terno preto e a camisa cor-de-rosa. Enquanto era novidade despertou interesse, notadamente nas classes A e B. Duramente criticado por sua omissão nas votações da Constituinte parece ter perdido o fôlego. Suas aparições no vídeo não trazem mais inovações. Tornaram-se cansativas como o candidato. Alguns programas chegam a ser piegas. O eleitorado flutuante, considerando-o um blefe, transfere-se depressa para Covas, Maluf e Collor. Se não inverter esta sensação, vai despencar. Durante a semana, Covas, finalmente, modificou seus programas na TV. Passaram a ter vida eleitoral, com boas cenas de comícios em Alagoas e no Ceará. A participação desastrosa que teve no último debate dos presidenciáveis foi totalmente anulada pela veiculação de flashes isolados em que ele se saiu bem. Está repercutindo ao inverso, isto é: quem não viu o debate e vê o horário do TSE fica com a idéia de que ele foi o melhor. Sua candidatura já tem uma identificação: "Vou votar em Covas porque ele não é nem de extrema direita, nem de extrema esquerda", afirma na tela uma eleitora. Expõe de forma clara e competente o seu programa de governo. Ao justificar prioridade para o nordeste explica: "De 1962 a 1988 foram investidos no nordeste 4 bilhões de dólares. Menos do que se gastou na ponte Rio—Niterói." "Mário Covas: um estudioso dos problemas brasileiros", arremata Regina Duarte. Superou Afif, continua crescendo na classe A e critica Maluf, seu adversário mais próximo. Tenta capitalizar uma imagem de político sério e honesto: "O povo busca em cada um dentro do olho aquele que acredita no que está falando." Pretendendo transformar-se na opção do eleitorado da esquerda que recusar Freire, Lula ou Brizola, por não ter chance, ser radical ou caudilho, Covas tem tudo para atrair já no 1º turno o voto útil do PMDB e do PFL, e o voto anti-Brizola, no Rio de Janeiro e no Rio Grande do Sul. Está despontando tarde nas pesquisas. Para chegar ao 2º turno vai ter de redobrar esforços.

Apelando para o eleitorado cristão: "Lula e o líder do PDT propuseram tirar o nome de Deus da Constituição: quem não acredita em Deus como Lula e Brizola não merece o voto nem dos cristãos, nem dos religiosos e nem de ninguém." Maluf ataca os adversários à sua frente, poupando Covas logo atrás. Seus programas têm uma dinâmica moderna, cansam menos o telespectador e conseguem difundir suas principais mensagens: competência e otimismo. "Eu sou um otimista, eu acredito neste país, por isso quero ser Presidente do Brasil", declara Maluf. Basta o eleitor concordar...

Lula vem mantendo o bom nível jornalístico de seus programas. Como *novidade* da semana o apoio, nada surpreendente, do frei Leonardo Boff. Com linguagem radical tem impedido o crescimento de Brizola nas classes de baixa renda e atraído o voto útil da extrema-esquerda. Por pouco ainda não alcançou o 2º lugar nas pesquisas. Tem a seu favor nas classes operárias a alta desenfreada do custo de vida e da inflação.

As cenas vibrantes dos comícios da Cinelândia e de Porto Alegre deram mais calor aos últimos programas de Brizola. Tem falado menos, a não ser nos poucos segundos em que é focalizado discursando. Atropelado por Lula terá de polarizar com ele para se manter em 2º lugar. Esta polarização entretanto corre o risco de se transformar num bate-boca e repercutir desfavoravelmente aos dois, beneficiando sobretudo Covas.

Collor com 31% e 29%, respectivamente, nas duas últimas pesquisas do Ibope e do Gallup, e com mais de duas vezes o percentual atribuído ao segundo colocado — diferença que vem mantendo desde maio —, parece ter consolidado definitivamente uma vaga na final. Seus programas são os melhores, e de acordo com levantamento do Data Folha são os que mais agradam ao teleleitor.

* *É jornalista, ex-deputado federal e analista de campanhas eleitorais desde 1970*

Rebeca é solta na Bahia após seqüestro de 33 dias

CATU, BA — A menina Rebeca Candeias de Sousa, 8 anos, foi encontrada ontem na localidade baiana de Poço Verde, distrito de Cícero Dantas, a 287 quilômetros de Salvador. Rebeca foi seqüestrada no dia 26 de setembro, em Catu (a 78 quilômetros de Salvador), ao embarcar no ônibus que a conduziria para a escola. Três homens a levaram num Voyage verde metálico, depois de jogarem uma fita cassete dentro do ônibus, com instruções para a família. A menina é neta de Antônio Pena, empresário baiano, dono da Empresa Catuense de Transportes, cuja frota tem 800 ônibus.

Ao rever a mãe, Sayonara de Sousa, o tio-avô Luís Vilarin, e amigos que foram buscá-la em Poço Verde, Rebeca estava aparentemente bem de saúde. Ela foi libertada após pagamento de NCz$ 800 mil e US$ 6 mil, na sexta-feira à tarde, deixados por seu pai, Jensen de Sousa, em Estância, município de Sergipe.

Prisão — Embora a família de Rebeca tenha pedido que a polícia se mantivesse afastada do caso, policiais acompanharam o seqüestro durante os 33 dias em que ela ficou em poder do bando. Até o final da tarde de ontem, não havia confirmação sobre a prisão dos seqüestradores.

Os contatos que permitiram a libertação de Rebeca foram iniciados na sexta-feira da semana passada (dia 20), quando, através de telefonema para Catu, os seqüestradores acertaram com Jensen de Sousa a quantia de NCz$ 800 mil e US$ 6 mil pelo resgate de Rebeca. Desde o início, a família ofereceu US$ 6 mil e NCz$ 300 mil, recusados pelos seqüestradores. No dia 20, um dos seqüestradores disse a Jensen que, se o resgate não fosse pago até a segunda-feira seguinte (dia 23), eles mandariam para a família a orelha de Rebeca.

No dia 22, Jensen pediu provas de que a menina estava viva. Pediu que perguntassem a ela qual o nome de sua madrinha (Ana Paula), que presente Jussara, amiga de sua mãe, havia lhe dado (uma carteira de dinheiro), e que presente a avó paterna Maria do Resgate Pena lhe daria (uma nova mobília de quarto). No dia seguinte (segunda-feira, 23), os seqüestradores ligaram dando as respostas corretas e começou a negociação para a entrega do dinheiro.

A primeira tentativa de pagamento do resgate foi frustrada. Os seqüestradores marcaram um local para a entrega na noite do dia 24, mas a polícia não permitiu que Jensen fosse sozinho, como queria o bando. Após novo contato, ficou acertado que Edgar Candeias, avô materno de Rebeca, faria o pagamento, mas, novamente, a tentativa foi mal sucedida.

Libertação — Na quinta-feira, dia 26, em novo telefonema, os seqüestradores voltaram a exigir que a polícia ficasse afastada e orientaram Jensen de Sousa a deixar o dinheiro num matagal em Estância, em Sergipe, próximo à divisa com a Bahia. Jensen foi autorizado a levar um amigo, que, na verdade, era um policial.

Ao chegar no local, o pai de Rebeca não encontrou a bolsa sobre a qual deveria deixar o dinheiro. Desesperado, começou a gritar e ouviu: "Bradesco, Bradesco, é aí mesmo." Esse era o código usado pelos seqüestradores para se identificarem nos contatos com a família. Ao ouvir a resposta, Jensen perguntou pela filha e o seqüestrador respondeu que a devolveria no dia seguinte.

Ontem, às 12h20, o tio-avô de Rebeca, Luís Vilarin, recebeu um telefonema da menina em sua casa, em Catu. Depois de perguntar como estava o tio-avô, Rebeca começou a chorar, perguntou pelos pais e pediu que fossem buscá-la. Ela estava num posto policial na localidade baiana de Poço Verde. Após conversar com um dos policiais do posto, Vilarin, a mãe de Rebeca, Sayonara, e a madrinha, Ana Paula, seguiram para Poço Verde, onde a encontraram de banho tomado e aparentemente bem de saúde. Em Catu, parentes e amigos preparavam a festa para sua volta. Na casa dos pais da menina, duas faixas comemoravam o desfecho do caso: "Rebeca, te amamos. Você é insubstituível. Tios, amigos e colegas" e "Rebeca, você chegou para alegrar nossos corações. Te amamos, papai e mamãe."

Prefeitura aterra área do desastre

SÃO PAULO — Uma área calculada em cerca de 20 mil metros quadrados, onde estava localizada a Favela Nova República, no Morumbi, Zona Sul da capital — soterrada por aproximadamente 10 mil metros cúbicos de terra que desmoronaram de um aterro, destruindo 58 barracos e matando mais de 20 pessoas — será aterrada. Com isso, o vale, encravado entre o Cemitério Gethsêmani e o espigões de vários empreendimentos imobiliários — que estava sendo ocupado pelos favelados — sumirá. Na próxima segunda-feira a Prefeitura vai fazer a demarcação dos lotes, mas só autorizará o aterro depois que todos os corpos das vítimas da tragédia forem resgatados.

As chuvas que começaram na madrugada de quinta-feira atrapalharam os trabalhos de remoção da terra, prejudicando o resgate dos corpos que ainda se encontram sob os escombros. Até agora só foram retirados 12 corpos — 11 deles de crianças —, mas os moradores estimam que um número idêntico de vítimas ainda esteja soterrado. Durante a madrugada de ontem houve novos deslizamentos.

Cigarro pode ter causado incêndio

SÃO PAULO — O incêndio no prédio das lojas Mappin, na Praça Ramos de Azevedo, centro da capital, foi provocado por uma ponta de cigarro aceso jogada no 3º andar — onde fica a área de venda de colchões — por um desatento cliente ou algum funcionário da empresa. Essa é a opinião do diretor de Recursos Humanos do Mappin, Hélio Rheinfranck, ao garantir que as instalações elétricas do prédio haviam sido revisadas pelo corpo de bombeiros da própria empresa, que mantém nas lojas 130 homens especializados em controle de sinistros e que formam hoje a segunda força anti-incêndio, só superada pelos bombeiros.

Ontem os peritos da Polícia Técnica vistoriaram a área atingida pelo fogo, mas o laudo oficial sobre as causas do incêndio só deverá estar pronta na próxima semana. A direção do Mappin ainda não calculou as perdas do incêndio que provocou a paralisação das vendas anteontem à tarde e ontem — sábado é o dia de maior movimento. Calcula-se que cerca de 25 mil clientes passam pelas lojas. O prédio foi liberado pelos peritos para voltar a funcionar normalmente a partir de segunda-feira. Ontem os funcionários retornaram ao trabalho, mas para reorganizar as lojas e fazer a limpeza dos estragos provocados pelo fogo.

Rebeca é libertada após seqüestro que durou 33 dias

ÇATU, BA — A menina Rebeca Candeias de Sousa, 8 anos, foi encontrada ontem na localidade sergipana de Poço Verde, próxima ao distrito baiano de Cícero Dantas, a 287 quilômetros de Salvador. Rebeca foi seqüestrada no dia 26 de setembro, em Catu (a 78 quilômetros de Salvador), ao embarcar no ônibus que a conduziria para a escola. Três homens a levaram num Voyage verde metálico, depois de jogarem uma fita cassete dentro do ônibus, com instruções para a família. A menina é neta de Antônio Pena, empresário baiano, dono da Empresa Catuense de Transportes, cuja frota tem 800 ônibus.

Ao rever a mãe, Sayonara de Sousa, o tio-avô Luís Vilarin, e amigos que foram buscá-la em Poço Verde, Rebeca estava aparentemente bem de saúde. A quantia certa paga pelo resgate não foi divulgada pela família para não estimular novos seqüestros. O avô materno de Rebeca, Edgar Candeias, disse, porém, que foram pagos NCz$ 800 mil mais um valor que chega a US$ 200 mil. O resgate foi pago por Jensen de Sousa, pai da menina, na sexta-feira à tarde, em Estância, município de Sergipe.

Prisão — Embora a família de Rebeca tenha pedido que a polícia se mantivesse afastada do caso, policiais acompanharam o seqüestro durante os 33 dias em que ela ficou em poder do bando. No final da tarde de ontem, a polícia anunciou que havia identificado dois seqüestradores — cujos nomes não foram divulgados — que seriam fugitivos de uma penitenciária do Nordeste. Os policiais acreditam que o bando é formado por cinco pessoas.

Os contatos que permitiram a libertação de Rebeca foram iniciados na sexta-feira da semana passada (dia 20), quando, através de telefonema para Catu, os seqüestradores acertaram com Jensen de Sousa a quantia de NCz$ 800 mil e US$ 6 mil pelo resgate de Rebeca. Desde o início, a família ofereceu US$ 6 mil e NCz$ 300 mil, recusados pelos seqüestradores. No dia 20, um dos seqüestradores disse a Jensen que, se o resgate não fosse pago até a segunda-feira seguinte (dia 23), eles mandariam para a família a orelha de Rebeca.

No dia 22, Jensen pediu provas de que a menina estava viva. Pediu que perguntassem a ela qual o nome de sua madrinha (Ana Paula), que presente Jussara, amiga de sua mãe, havia lhe dado (uma carteira de dinheiro), e que presente a avó paterna Maria do Resgate Pena lhe daria (uma nova mobília de quarto). No dia seguinte (segunda-feira, 23), os seqüestradores ligaram dando as respostas corretas e começou a negociação para a entrega do dinheiro.

A primeira tentativa de pagamento do resgate foi frustrada. Os seqüestradores marcaram um local para a entrega na noite do dia 24, mas a polícia não permitiu que Jensen fosse sozinho, como queria o bando. Após novo contato, ficou acertado que Edgar Candeias, avô materno de Rebeca, faria o pagamento, mas, novamente, a tentativa foi mal sucedida.

Libertação — Na quinta-feira, dia 26, em novo telefonema, os seqüestradores voltaram a exigir que a polícia ficasse afastada e orientaram Jensen de Sousa a deixar o dinheiro num matagal em Estância, em Sergipe, próximo à divisa com a Bahia. Jensen foi autorizado a levar um amigo, que, na verdade, era um policial.

Ao chegar no local, o pai de Rebeca não encontrou a bolsa sobre a qual deveria deixar o dinheiro. Desesperado, começou a gritar e ouviu: "Bradesco, Bradesco, é aí mesmo." Esse era o código usado pelos seqüestradores para se identificarem nos contatos com a família. Ao ouvir a resposta, Jensen perguntou pela filha e o seqüestrador respondeu que a devolveria no dia seguinte.

Ontem, às 12h20, o tio-avô de Rebeca, Luís Vilarin, recebeu um telefonema da menina em sua casa, em Catu. Ela estava num posto policial na localidade sergipana de Poço Verde. Após conversar com um dos policiais do posto, Vilarin, a mãe de Rebeca, Sayonara, e a madrinha, Ana Paula, seguiram para Poço Verde, onde a encontraram de banho tomado e aparentemente bem de saúde. Em Catu, parentes e amigos preparavam a festa para sua volta. Na casa dos pais da menina, duas faixas comemoravam o desfecho do caso: "Rebeca, te amamos. Você é insubstituível. Tios, amigos e colegas" e "Rebeca, você chegou para alegrar nossos corações. Te amamos, papai e mamãe."

Prefeitura aterra área do desastre

SÃO PAULO — Uma área calculada em cerca de 20 mil metros quadrados, onde estava localizada a Favela Nova República, no Morumbi, Zona Sul da capital — soterrada por aproximadamente 10 mil metros cúbicos de terra que desmoronaram de um aterro, destruindo 58 barracos e matando mais de 20 pessoas — será aterrada. Com isso, o vale, encravado entre o Cemitério Gethsêmani e o espigões de vários empreendimentos imobiliários — que estava sendo ocupado pelos favelados — sumirá. Na próxima segunda-feira a Prefeitura vai fazer a demarcação dos lotes, mas só autorizará o aterro depois que todos os corpos das vítimas da tragédia forem resgatados.

As chuvas que começaram na madrugada de quinta-feira atrapalharam os trabalhos de remoção da terra, prejudicando o resgate dos corpos que ainda se encontram sob os escombros. Até agora só foram retirados 12 corpos — 11 deles de crianças —, mas os moradores estimam que um número idêntico de vítimas ainda esteja soterrado. Durante a madrugada de ontem houve novos deslizamentos.

Cigarro pode ter causado incêndio

SÃO PAULO — O incêndio no prédio das lojas Mappin, na Praça Ramos de Azevedo, centro da capital, foi provocado por uma ponta de cigarro aceso jogada no 3º andar — onde fica a área de venda de colchões — por um desatento cliente ou algum funcionário da empresa. Essa é a opinião do diretor de Recursos Humanos do Mappin, Hélio Rheinfranck, ao garantir que as instalações elétricas do prédio haviam sido revisadas pelo corpo de bombeiros da própria empresa, que mantém nas lojas 130 homens especializados em controle de sinistros e que formam hoje a segunda força anti-incêndio, só superada pelos bombeiros.

Ontem os peritos da Polícia Técnica vistoriaram a área atingida pelo fogo, mas o laudo oficial sobre as causas do incêndio só deverá estar pronta na próxima semana. A direção do Mappin ainda não calculou as perdas do incêndio que provocou a paralisação das vendas anteontem à tarde e ontem — sábado é o dia de maior movimento. Calcula-se que cerca de 25 mil clientes passam pelas lojas. O prédio foi liberado pelos peritos para voltar a funcionar normalmente a partir de segunda-feira. Ontem os funcionários retornaram ao trabalho, mas para reorganizar as lojas e fazer a limpeza dos estragos provocados pelo fogo.

Crise põe fim ao sonho do garimpo em Roraima

Expedito Perônnico

BOA VISTA — Quando foi anunciado, no final de 1987, como o mais novo eldorado do Brasil, por causa da descoberta de inúmeros veios de ouro em suas terras, o Estado de Roraima experimentou pela primeira vez nesta década uma escalada de negócios que fez aumentar o comércio em mais de 300%, lotou todos os hotéis da capital (mais 17 pequenos hotéis surgiram nos últimos dois anos), os bancos viram seus depósitos crescerem em 500% e a população inchou, passando de 130 mil para mais de 300 mil habitantes em um ano. Nesses dois anos, um pequeno grupo de pessoas enriqueceu, enquanto a grande maioria permanece pobre.

De outubro de 1987 — quando efetivamente teve início a corrida do ouro — até abril deste ano, 213 casas de compra e venda de ouro despontaram como filé mignon dos negócios em Boa Vista. A Varig operava 14 vôos regulares por semana e dobrou a freqüência, vencendo a Transbrasil, que tinha uma só linha diária para a capital. Os 35 vôos ainda eram insuficientes para fazer o transporte dos passageiros em direção a Roraima, mostrando que o aquecimento desse mercado se devia exclusivamente ao movimento dos garimpos.

Desilusão — Mas o sonho dourado está chegando ao fim. A indefinição do governo sobre a regularização das áreas minerais e o alto custo da aviação, que realmente é a responsável pela sobrevivência dos garimpos em locais de difícil acesso, vão tirando do garimpeiro o sonho do enriquecimento rápido e determinando o retorno às cidades de origem daqueles que conseguiram embolsar alguns trocados. A crise no comércio do ouro e em suas extensões é geral.

As vendas no comércio de Boa Vista caíram em torno de 50%, os hotéis enfrentam uma baixa diária de 40% em suas ocupações e algumas lojas de vendas exclusivas de material para garimpo estão fechando as portas. Várias casas de compra e venda de ouro chegam a fechar a zero o caixa do dia. O maior exemplo dos prejuízos da retração na atividade garimpeira é a diminuição no número de pousos e decolagens no Aeroporto Internacional de Boa Vista.

No mês de janeiro, conforme revela o superintendente da Infraero, Expedito Pamplona, o aeroporto bateu o recorde do país, com 7.995 pousos e decolagens, caindo para 3.908 em setembro. A aviação comercial também vem sofrendo os efeitos da crise do ouro, obrigando a Varig a cancelar metade de seus vôos semanais, inclusive uma freqüência internacional que ligava Boa Vista a Puerto Ordaz, na Venezuela.

Os empresários do setor de viagens prenunciam crise ainda maior se o garimpo continuar em queda. "O movimento de passagens aéreas é hoje restrito à comunidade garimpeira, uma pequena parte aos negócios e outra oferecida ao setor público. A retração no garimpo pode provocar uma diminuição de mais de 50% nas viagens para Roraima. Ainda existe uma pequena expectativa com as férias de final de ano. Depois disso, o futuro é incerto", diz o diretor da Agência Enesa Turismo, Paulo Vasconcelos.

Aviação cara derruba ouro

O líder da União dos Sindicatos e Associações de Garimpeiros daAmazônia Legal, José Altino Machado, responsabiliza o alto custo da aviação pela queda no comércio do ouro. Segundo Altino, uma viagem ao garimpo do Paapiu, a base dos trabalhadores na selva, custa hoje NCz$ 4,8 mil, preço inacessível à maioria dos donos de garimpos de Roraima. "O outro motivo é a demora no ordenamento das jazidas e as constantes ameaças de expulsão dos trabalhadores feitas pelo governo federal", diz Altino.

Os empresários estão desestimulados e é ascendente o número de residências à venda na capital, mostrando que já se prenuncia um êxodo. Há seis meses, nem pagando aluguel três vezes acima do valor normal do imóvel e adiantando um ano de pagamento era possível encontrar uma casa para morar em Boa Vista. Hoje, a situação é diferente e os classificados dos jornais mostram a imensa oferta de imóveis desocupados.

O diretor da Associação Comercial de Roraima, Célio Macedo, vê com muita preocupação a retração sentida na atividade garimpeira. Ele acha, porém, que passado o pique inicial, a tendência é de estabilização, permanecendo nos garimpos apenas as empresas mais organizadas e os empresários que vivem exclusivamente da atividade, independentemente da euforia sentida a cada descoberta de uma nova área de exploração. Célio considera a garimpagem uma atividade nômade. "A cada vez que surge uma *fofoca* (nova descoberta), com produção excepcional, todos correm para lá". (E.P.)

Medo diante do despejo

Eles são 60 mil e a maioria é de pais de família. Embora estejam extraindo ouro em terras pretendidas pela Funai, os garimpeiros acham que o governo brasileiro está cometendo um grande equívoco com a tentativa de expulsá-los das áreas minerais só porque elas são ocupadas por pouco mais de 7 mil índios ianomâmis. "Isso não pode acontecer assim de forma tão brusca, vai haver desespero e muita gente passando fome. Antes da expulsão, o governo tem que pensar primeiro na viabilidade econômica dessas áreas e nas famílias desses homens que tiram da terra a sua sobrevivência", alertou o presidente do Sindicato dos Garimpeiros de Roraima, José Teixeira Peixoto, em telex ao presidente José Sarney.

A expulsão dos trabalhadores já foi definida em decisão judicial expedida através de liminar pelo juiz Novély Vilanova da Silva Reis, da 7ª Vara da Justiça de Brasília. Só não se concretizou ainda por absoluta falta de condições dos órgãos e entidades notificadas para promover o desalojamento dos garimpeiros que ocupam as terras dos indígenas.

Operação gigante — Em Boa Vista, nenhum desses órgãos — Ibama, Funai, Polícia Federal, Exército — recebeu ainda qualquer determinação. O superintendente da Funai, coronel Airton Alcântara Gomes, afirma que a fundação não dispõe de dinheiro sequer para manter suas atividades normais no estado e que a retirada dos garimpeiros só poderia ocorrer em várias etapas — e com emprego de forças militares.

— A Funai sozinha não tem a mínima condição de retirar 60 mil homens. Atribuir à Funai a retirada de garimpeiros é um erro extremo. De qualquer forma, temos 20 dias para dar essa posição oficial - diz o coronel Airton. A Polícia Federal também avisou que não tem homens e equipamentos para esse tipo de operação. A Força Aérea Brasileira também alega falta de recursos para participar da operação. Para retirar os 60 mil garimpeiros, seriam necessários 466 vôos de aviões Hércules C-130 ou 1.166 de Búfalos. Os três pequenos aviões do governo teriam de fazer m,ais de 4 mil vôos entre Boa Vista e os garimpos da região. (E.P.)

Esterilização atinge 48,4% das mulheres em Brasília

Márcia Turcato

BRASÍLIA — A capital do Brasil é uma cidade estéril. Em pouco tempo não existirão crianças para brincar em suas superquadras. Quase metade da população feminina sexualmente ativa residente no Distrito Federal e de poder aquisitivo entre baixo e médio foi esterilizada nos últimos dois anos, através da ligadura de trompas. É o maior índice do país — chega a 48,4% — entre as mulheres que utilizam métodos contraceptivos. O indicador de esterilização feminina no Distrito Federal, cuja população total é de 1,8 milhão de habitantes, supera o do estado de São Paulo (38,4%) e o do Rio de Janeiro (41,4%), onde está concentrada a maior parte da população feminina.

Os dados alarmantes foram coletados em pesquisa realizada pela médica Corina Bontempo Duca de Freitas, epidemiologista da Secretaria da Saúde do Distrito Federal, e pelo ginecologista Cláudio Bernardo Pedrosa de Freitas, ex-coordenador do Programa de Assistência Integral à Saúde da Mulher, vinculado ao Ministério da Saúde, e que contou com a colaboração da Organização Panamericana de Saúde, no período de 1987 a 1988. Além disto, a opção preferencial pela ligadura foi constatada pela pesquisadora Regina Viola em trabalho realizado para o Setor de Saúde do Conselho dos Direitos da Mulher, subordinado ao Ministério da Justiça.

Violência — "Há uma relação direta entre baixo poder aquisitivo e falta de informação sobre planejamento familiar entre as mulheres que se submeteram à esterilização, que é irreversível, e uma violência física real porque provoca a mutilação do corpo", afirmou Regina.

A faxineira Edma Alves de Jesus, de 25 anos, é uma personagem do quadro revelado pelo trabalho de Regina Viola. Semi-alfabetizada, abandonada pelo primeiro marido com dois filhos, e mãe de um menino nascido no último dia 8 de setembro — que até agora não tem nome nem registro —, Edma é funcionária da empresa de locação de mão-de-obra Ipanema, recebe pouco mais do que um salário mínimo, mora num barraco de fundo de quintal na cidade-satélite de Taguatinga, não sabe explicar o que é planejamento familiar e não conhece a expressão "métodos contraceptivos".

Reprodução

Edma paga carnê pela ligadura

No entanto, ao entrar em licença para ganhar o último filho, foi aconselhada por um funcionário da Ipanema a fazer a ligadura. Por NCz$ 1.600 ela conseguiu facilmente que o médico José Maria de Barros, indicado por colegas, registrado no Conselho Regional de Medicina (CRM-DF) sob o número 2.032, fizesse seu filho nascer através de uma cesariana para depois esterilizá-la. Ao sair do Hospital Unitas, à beira de uma estrada na paupérrima cidade-satélite de Ceilândia, além de um bebê nos braços Edma levou na bolsa um vidro com formol onde estavam suas duas trompas. Ao invés de ligá-las, método mais comum, o médico preferiu extirpá-las. Parte da cirurgia ela pagou no ato, o restante está sendo quitado através de carnê bancário emitido pelo Bradesco. Em média, o médico José Maria de Barros realiza cinco extirpações de trompas por dia.

Processos — A exigência de *atestado de esterilização* é uma prática comum entre as maiores empresas de prestação de serviços do Distrito Federal, denunciou José Machado, presidente do Sindicato dos Trabalhadores em Empresas de Conservação e Asseio. Entre as 54 empresas em situação regular existentes em Brasília, onde transitam 44 mil trabalhadores temporários, 80% deles mulheres, a exigência do *atestado* garante ao patrão que ele não terá despesas com o pagamento da licença-maternidade de 120 dias.

O Conselho Regional de Medicina (CRM-DF) tem vários processos contra o médico José Maria de Barros, pernambucano radicado em Brasília há 15 anos. O ex-conselheiro do CRM Carlos Saraiva lembra que, em apenas um ano, dois processsos contra Barros passaram por ele. Porém, existem outros. A maioria de mulheres que descobriram que estavam sem as trompas.

Segundo o Dr. Cláudio Bernardo Pedrosa de Freitas, cujo trabalho à frente do Programa de Assistência Integral à Saúde da Mulher permitiu a descoberta desta realidade, explica que a ligadura consiste na amarração das trompas — tubos de 12 centímetros por um de espessura, cuja função é captar o óvulo no ovário e conduzi-lo até o útero para que seja fecundado pelo espermatozóide. De acordo com o ginecologista, a extirpação de uma trompa, ou das duas, só é indicada quando há doença grave no local.

Para Dom Luciano Mendes de Almeida, presidente da CNBB, a esterilização está sendo aplicada indiscriminadamente no Brasil. "Ninguém pode mutilar ou deixar que mutilem seu próprio corpo, a não ser em favor dele mesmo, em caso de doenças, para preservar a vida. As pessoas devem ter o direito de procriar livremente, mas o país não tem contribuído para isto", protestou Dom Luciano.

Deputado quer tornar lícita a cirurgia

Dois projetos polêmicos transitam no Congresso Nacional. Um deles, do deputado Nélson Seixas (PDT-ES), pretende tornar lícita a esterilização no Brasil para pessoas maiores de 21 anos e para aquelas consideradas "relativamente ou absolutamente incapazes". Analisado pelo Ministério da Justiça, o projeto de nº 1.167, foi considerado inconstitucional. Além disto, segundo o parecer do ministério, "a população não dispõe de informações necessárias para decidir conscientemente sobre a esterilização e seus riscos".

O parecer considera ainda que o projeto fere o Código Penal em vigor ao propor a "mutilação do aparelho reprodutor", o que é um crime de lesões corporais grave. O Conselho Federal de Medicina também é contrário à esterilização.

O outro projeto é de autoria do deputado Augusto Carvalho (PCB-DF), e propõe a proibição de "atividades de intermediação de mão-de-obra". O deputado pretende que os trabalhadores agenciados por estas empresas sejam contratados nos locais onde desempenham suas funções. Em Brasília, isto acontece em todos os órgãos públicos da administração federal, no Congresso, e também nas secretarias do governo do Distrito Federal. O projeto, sob o nº 1.889, já recebeu parecer favorável na Comissão de Constituição e Justiça da Câmara.

O presidente do Sindicato das Empresas de Conservação e Asseio de Brasília, Miguel Novaes, já encontrou no deputado Michael Temer (PMDB-SP) um lobista para fazer frente ao projeto do deputado Augusto Carvalho. Para o presidente do sindicato patronal, o projeto é inconstitucional. "Tudo que é dito sobre nossas empresas é mentira. Tratamos bem os funcionários e nunca exigimos atestado de esterilização, como denunciou o presidente do sindicato dos empregados", disse Miguel Novaes.

Entre as empresas que exigem atestado de esterilização, de acordo com denúncia do Sindicato dos Empregados, estão a Ipanema, Serviçan, Juiz de Fora, Manchester, Fiança e a Dinâmica, que é administrada por Eunício Lopes de Oliveira, casado com Mônica Paes de Andrade de Oliveira, filha do presidente da Câmara dos Deputados, Paes de Andrade. (M.T.)

Universidade abre à pesquisa arquivo secreto da CIA

Cilene Pereira

ARARAQUARA, SP — Alguns dos mais importantes e sigilosos documentos produzidos pelo governo norte-americano sobre o Brasil e a América Latina, entre as décadas de 40 e 60, através da sua principal rede de informações, a Agência Central de Inteligência (CIA), o Conselho de Segurança Nacional e o Departamento de Estado, deverão estar disponíveis para o público brasileiro a partir do próximo ano. Eles fazem parte da primeira grande aquisição do Centro de Estudos Latino-americanos (Cela), da Univesidade Estadual Paulista (Unesp), formado há três anos para ser uma espécie de centro de referência aos pesquisadores sobre a história da América Latina.

Ao todo, o Cela adquiriu do Arquivo Nacional dos Estados Unidos, responsável pela documentação, sete coleções, que somam 186 rolos de microfilmes. Juntos, estes rolos contêm milhões de folhas de documentos que durante anos estiveram mantidos sob sigilo absoluto. A tarja "confidencial" os restringia aos principais e mais seletos gabinetes norte-americanos. Estavam guardados a sete chaves, por exemplo, a situação dos exilados brasileiros no Uruguai depois do golpe militar de 1964, detalhados planos dos oficiais brasileiros para orquestrar o mesmo golpe, ainda em 1963, e até mesmo supostas negociações do hoje candidato à Presidência da República, Leonel Brizola, com o líder cubano Fidel Castro, para a preparação de movimentos de guerrilha no interior do Brasil, em 1967.

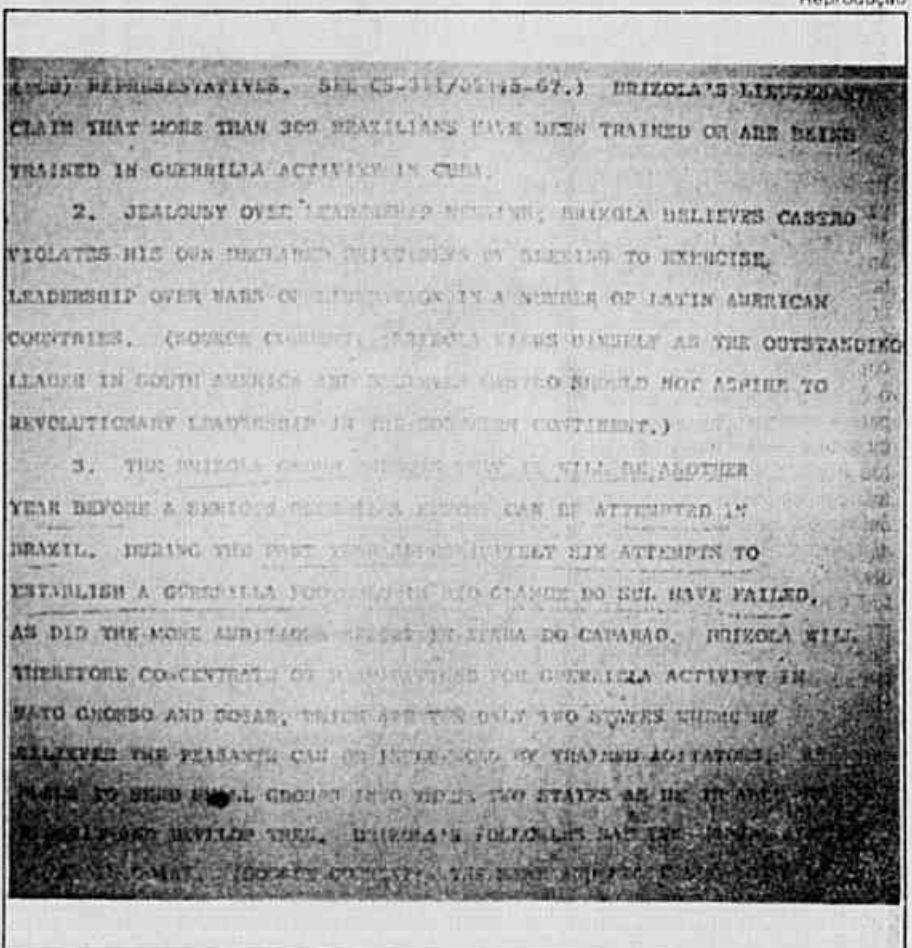
Interesses — Tudo isso, porém, está registrado em telegramas e relatórios enviados por informantes norte-americanos, que carregavam nas tintas de acordo com os interesses dos governos dos Estados Unidos. "É um material muito rico, que servirá para fundamentar as pesquisas e fornecer subsídios para entender a política dos Estados Unidos para a América Latina em uma série de eventos", avalia o historiador John Monteiro, coordenador do Cela. "Mas é preciso um distanciamento crítico para analisá-los, pois toda a documentação foi feita a fim de dar subsídios imediatos para a formulação da política externa americana para a América Latina", ressalva o historiador, de 33 anos, que teve seu primeiro contato com o acervo do Arquivo Nacional dos Estados Unidos há nove anos, quando desenvolvia uma pesquisa sobre a Revolução Mexicana desencadeada a partir de 1916.

Sonho antigo de Monteiro e sua equipe, a compra do acervo foi realizada através da University Publications of America, uma empresa americana particular especializada nestas transações, e levou dois anos para ser concretizada. Todo o material, que desembarcou no Brasil em maio deste ano, custou à universidade paulista cerca de US$ 13 mil (pouco mais de NCz$ 150 mil, pelo dólar no paralelo). Por enquanto, o acervo está instalado provisoriamente na Biblioteca da Faculdade de Letras e Filosofia da Unesp, em Araraquara (a 280 quilômetros de São Paulo), aguardando espaço físico numa das sedes da universidade na capital.

Anticomunista — Entre os milhares de documentos microfilmados estão registros e análises não só do Brasil, mas de todos os países latino-americanos. Uma das coleções resgata os relatórios produzidos pelo diplomata norte-americano John Moors Cabot, que entre os anos de 1929 e 1961 ocupou diversos cargos na América Latina, com passagem inclusive por aqui. Nesta coletânea, que na verdade é o próprio arquivo pessoal do diplomata, um anticomunista convicto, Cabot analisa momentos importantes da vida política dos países por onde passou, registrando entre outras coisas a ascensão do líder argentino Juan Domingo Perón e a renúncia de Jânio Quadros à Presidência do Brasil, em 1961.

Fazem parte do arquivo, ainda, algumas minutas de reuniões para a América Latina do Conselho de Segurança Nacional dos Estados Unidos durante os governos de John Kennedy e Lindon Johnson, entre 1961 e 1969. "Estes documentos fornecem o nível mais alto de informações sobre a formulação da política norte-americana para a América Latina", entende o historiador John Monteiro. Entre as minutas, telegramas e relatórios, estão registradas, segundo Monteiro, a discussão que culminou no envio de 20 mil fuzileiros americanos para a República Dominicana, em 1965, e a tolerância de Washington com as ditaduras militares que se instalavam no continente naquela época.

Na coleção de documentos produzidos pela Agência Central de Informações (CIA) — uma das partes mais importantes e reveladoras do arquivo —, estão relatórios resumidos sobre as crises políticas nos países latino-americanos entre 1946 e 1976, os movimentos de oposição nestes países e até mesmo as manobras secretas da agência para a fracassada invasão de Cuba, em abril de 1961, sob o governo de John Kennedy. "Através destes documentos, conseguimos entender claramente qual a visão dos Estados Unidos sobre os problemas vividos na América Latina naquele época", acredita Monteiro.

Reprodução

A CIA achava que os líderes Brizola e Fidel não se entendiam

Generais, Brizola e guerrilha

Um dos documentos fala dos planos iniciais dos golpistas de 1964, descrevendo as suas primeiras reuniões a partir de 1963. Enviado para a sede da CIA a 15 de março de 1963, o seguinte telegrama dá conta de uma reunião de oficiais-generais golpistas dois dias antes, ou seja, no dia 13 de março. No cabeçalho explica-se o assunto desta maneira: "Planos do grupo militar dirigido pelo general Amaury Kruel, ministro da Guerra, marechal Odylio Denys, general Nelson de Melo (*sic*) e outros a fim de discutir planos para um golpe antigoverno." A construção da frase com *planos* (no início) *para discutir planos* (no fim) vai por conta da CIA, que parece não se preocupar muito com questões de estilo. Eis o início do texto:

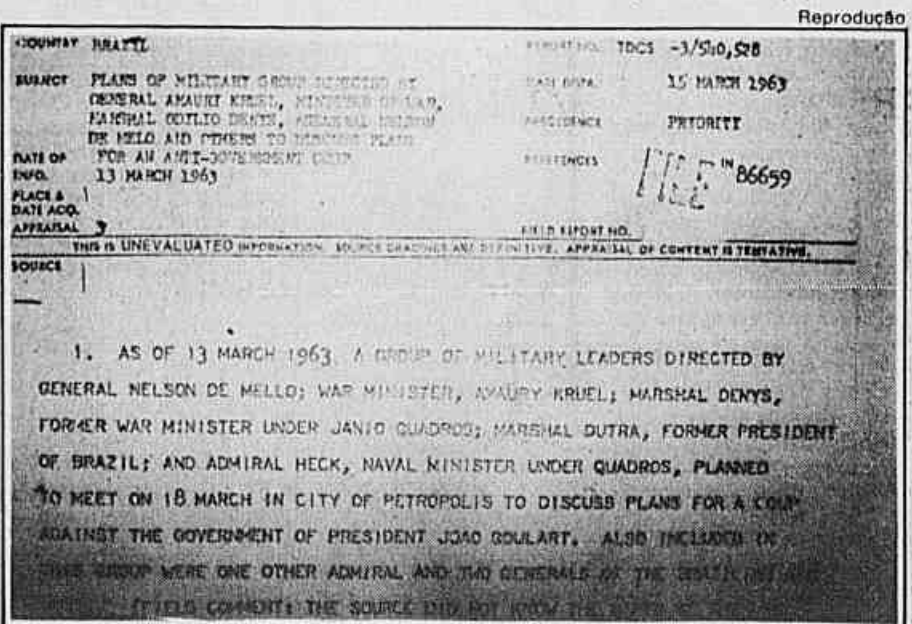
"13 de março de 1963. Um grupo de líderes militares dirigido pelo general Nelson de Mello (*sic*); o ministro da Guerra, Amaury Kruel; o marechal Denys, ex-ministro da Guerra de Jânio Quadros; o marechal Dutra, ex-presidente do Brasil; e o almirante Heck, ex-ministro da Marinha de Quadros, planejou reunir-se dia 18 de março na cidade de Petrópolis a fim de discutir planos para um golpe contra o governo do presidente João Goulart. Também se incluíam nesse grupo um outro almirante e dois generais da Força Aérea Brasileira. (Comentário do observador local: a fonte não sabia os nomes dos últimos" (...)

Um segundo documento descreve os entendimentos havidos entre Brizola e Fidel Castro. Uma das páginas microfilmadas desse documento, por exemplo, diz o seguinte, pegando o texto em meio:

"... (PCB) deputados. Ver CS-311/09345-67.) Tenentes de Brizola afirmavam que mais de 300 brasileiros tinham sido treinados ou estavam começando a ser treinados em atividade de guerrilha em Cuba.

"2. Continua a desconfiança sobre os líderes; Brizola acredita que Castro violou sua própria declaração de princípios tentando exercer liderança em numerosos países latino-americanos. (Comentário do observador local: Brizola vê a si próprio como um líder de projeção na América Latina e acredita que Castro não pretende ser um líder revolucionário no sul do continente.)

"3. O grupo de Brizola pensa que ainda deverá correr um outro ano até que se possa tentar um sério esforço de guerrilha no Brasil. Durante o ano passado, aproximadamente seis tentativas de estabelecer bases de operação de guerrilha no Rio Grande do Sul falharam, assim como o mais ambicioso esforço na Serra do Caparaó. Brizola, por isso mesmo, concentrará suas atividades preparatórias para a guerrilha em Mato Grosso e Goiás, que são os dois únicos estados onde, ele acredita, os camponeses podem ser influenciados por agitadores treinados. Ele planeja enviar pequenos grupos para esses dois estados assim que seja capaz de recrutá-los e desenvolvê-los. Os seguidores de Brizola afirmam que já existem dois grupos em Goiás. (Comentário do observador local: o tamanho e as localizações exatas de" (...)

Reprodução

Mais de um ano antes do golpe de 64 a CIA já ia às reuniões

Brizola usa só meio programa para dar resposta a denúncia

O candidato à Presidência pelo PDT, Leonel Brizola, usou apenas metade de seu tempo na propaganda eleitoral gratuita do TSE para responder às insinuações de seu envolvimento com o tráfico de drogas publicadas no jornal *O Globo*. Na edição de sexta-feira, ele aparece em uma foto ao lado de José Roque Ferreira, identificado pelo jornal como um traficante mas, na verdade, líder comunitário no Morro do Telégrafo (Zona Norte). Em dois minutos e meio, após uma rápida apresentação de Roque e sua luta pela comunidade, Brizola fez um pronunciamento onde pediu à todos que não mais levem em consideração as notícias publicadas pelo *O Globo* sobre ele e seu partido.

Na avaliação dos produtores do programa, a denúncia, de tão absurda, já foi suficientemente desmentida pela imprensa e, assim, desacreditada pela população. Por isso, a resposta também vai ao ar ao meio dia de hoje, mas não deve permanecer no horário gratuito do candidato. Um depoimento de Roque Ferreira chegou a ser gravado, mas acabou não sendo usado. O programa não foi ao ar ontem à tarde, como era esperado, por decisão de Brizola e sua assessoria. Como — para que pudesse ser transmitido no primeiro horário de ontem — a gravação devia ser entregue ao TSE até às 23h 30 min da noite de sexta, optou-se por adiar o programa para o horário noturno e, assim, ter mais tempo para edição final da resposta.

Na primeira parte, com cenas dos maiores comícios de Brizola — no Rio, Novo Hamburgo e Brasília —, um narrador diz que "a direita brasileira está em pânico" e que "os poderosos e chefões, vendo essas imagens, estão desesperados". E prossegue: "O crescimento da candidatura de Brizola é tão grande que os jornais da direita estão mentindo para seus leitores". É aí que a edição de *O Globo* é mostrada e, ainda em *off*, a voz diz que o jornal "como sempre, joga *baixo*", acusando de ser traficante de drogas um líder comunitário humilde e da raça negra. Surge, então, uma imagem congelada de Roque Ferreira, que é apresentado: presidente da Associação de Moradores do Morro do Telégrafo e funcionário do governo do Rio.

Em seu pronunciamento, sempre com a edição do jornal na mão, Leonel Brizola lembrou que, dias atrás, já alertara a população para a parcialidade do jornal *O Globo*. Com o falsa denúncia de sexta-feira, concluiu o candidato, isto estava comprovado. Após a resposta, o programa seguiu normalmente, com depoimentos de artistas — como Guilherme Karam falando dos Cieps e Beth Carvalho interpretando o Lá-lá-lá — uma prévia na OAB de Brasília, onde Brizola lidera com 27% e uma chamada para as carreata em Campina Brande e Mossoró e o comício de hoje em Maceió.

Irmão de Moreira acha Roque honesto

O coordenador de Promoção Social do Estado, Nélson Moreira Franco, irmão do governador, destacou ontem a atuação "sempre brilhante" de José Roque Ferreira, presidente da Associação de Moradores Pró-Melhoramentos do Morro dos Telegrafos, na luta em favor das comunidades carentes. De acordo com o coordenador, José Roque, candidato a vereador derrotado nas últimas eleições municipais, desempenhou, inclusive, importante papel no programa de construção da Vila Olímpica da Mangueira de várias quadras de esportes nos morros daquela área.

"São atividades de esporte e lazer que exatamente estão livrando a juventude da influência do narcotráfico. E devemos muito a Roque por isso", declarou Nélson Moreira Franco, que considerou completamente infundadas as acusações do inspetor Horácio Reis sobre o envolvimento de Roque com o tráfico de drogas. Ele lembrou ainda a participação do líder comunitário no auxílio aos desabrigados das enchentes do anos passado, "conquistado com sua luta a construção de 20 casas para os desabrigados".

Nélson abandonou ontem a tarde a comitiva do governador, que percorre o Noroeste do Estado, voltando ao Rio para prestar solidariedade ao líder comunitário. "Vim trazer meu abraço, estou a seu lado por conhecer seu caráter. Ele não nunca foi bandido e sua única preocupação é com a comunidade carente", justificou. Segundo o coordenador, Roque tem trabalhado muito,"desempenhado especial papel em prol das crianças, tanto na Fundação Leão XII como na Feem (Fundação Estadual de Educação do Menor)". Ele afirmou que, embora não seja seu assessor direto, Roque, pela própria posição que ocupa, tem funções específicas em seus locais de trabalho. "É uma pessoa da comunidada carente e como tal, conhece os problemas de seus vizinhos", explicou.

Carlos Mesquita

Roque: por esporte na favela

Fotógrafo — O fotógrafo profissional Vitor Teixeira, que fez a fotografia do candidato à Presidente da República Leonel Brizola ao lado do líder comunitário José Roque Ferreira, contou ontem que foi contratado pela assessoria do ex-governador para fazer fotografias de campanha para vereadores candidatos não só pelo PDT mas pelos pequenos partidos coligados a ele. Ele lembra, contudo, que no dia em que Brizola e Roque posaram, não era o único fotógrafo atuando. "Havia um outro profissional fazendo dezenas de fotografias de pessoas que estavam ao lado de Brizola", recorda. "Até eu posei ao lado dele e mandei a fotografia para minha família no Rio Grande do Sul", disse.

Vitor Teixeira afirmou ainda que o atual candidato à presidente posava ao lado de qualquer um. "Era só a pessoa encostar e pedir para ser fotografada, que o Brizola deixava", disse. O fotógrafo achou "uma indignidade" o que o jornal *O Globo* fez com José Roque Ferreira e fez questão de colocar à disposição de quem quiser, os negativos que ele possue das fotos tiradas durante o encontro entre Brizola e candidatos a vereadores.

Ele não é eleitor de Brizola — acha que ele é mal assessorado — e nem de Collor — é um farsante — e vai votar em Mário Covas — sob protestos de sua mulher, que é brizolista — e se acha muito parecido com o candidato dos *Tucanos*. "Tanto é que ninguem acredita que seja eu quem esteja ao lado do Brizola, naquela fotografia que tirei a seu lado. Todos acham que é Mário Covas", disse rindo.

■ **O candidato a vice-presidente na chapa do PDT, deputado Fernado Lyra, também criticou ontem o jornal O Globo pelas insinuações contra Brizola, contidas na edição de quinta-feira. "Foi um ato inconsequente e irresponsável que traduz descompromisso com a liberdade de imprensa e com a democracia", afirma Lyra. E acrescenta: "Lamentavelmente foi uma atitude irracional, levada pela idiossincrasia que se sobrepõe a um mínimo de bom senso".**

Andre Barcinski

Roberto Cid quer fazer uma auditoria para acabar com os funcionários fantasmas

Mudam os métodos na Câmara

Novo presidente apaga marcas de Regina Gordilho

Denise Assis

Eleito presidente da Câmara municipal há uma semana, o vereador Roberto Cid, 37 anos, já começa a imprimir seu estilo na administração do legislativo da cidade. O gabinete da presidência, movimentado no período em que era ocupado por Regina Gordilho, recebeu uma jarra de flores e nele ficam apenas dois assessores. Um deles, Hipólito Cid, chefe de gabinete, é tio de Roberto.

Na sala onde Regina Gordilho despachava, o *poster* dela foi substituído por uma paisagem, onde se lê: "Entrega teu caminho ao Senhor, confia nele e o mais ele fará (Salmos 37.5)." Não chega a ser a imagem de Cristo que o novo presidente prometeu pôr na sala, em substituição a de Buda, que Regina mantinha sobre a mesa, mas coincide com a definição de religiosidade de Roberto Cid: "Sou um amante da espiritualidade. Sou um cristão equilibrado que respeita evangélicos e católicos."

Roberto Cid, foi levado à política pelo vereador Wilmar Palis (ex-PDT e atualmente sem partido), que conheceu no Arouca Barra Clube, na Barra da Tijuca. Nasceu em Olaria, e foi criado na Praça do Carmo, entre a Penha e Irajá. Seu pai, Arthur Cid, ainda mora no local, onde há 60 anos é dono de uma serralheria, embora tenha se aposentado para trabalhar com o filho. "Em quem eu confiaria mais do que em meu pai?", justifica o vereador. "Seu salário é de NCz$ 1.169. Ele cursou a melhor faculdade que existe — a da vida — e minha mãe foi doméstica quando eu era pequeno.".

O novo presidente começou a trabalhar bem jovem: foi ajudante de servente, pintor de geladeiras e vendedor de livros. A exceção do curso de Direito, concluído na Suam, em Bonsucesso estudou sempre em escola pública e ajudava os dois irmãos, Solange, de 35 anos, e Walter, de 33. Foi eleito em 88 com 8.049 votos, atuando entre a Praça do Carmo, onde nasceu, e Vila Cosmos, passando por Irajá, onde mora. Deste eleitorado recebeu 6.700 votos em 86, quando candidatou-se a deputado estadual, incentivado pelos amigos.

Nestes dez meses de mandato Roberto Cid apresentou projeto de troca de nome de ruas, instituiu no calendário do município a passagem do ano nas praias e aprovou a instalação de um posto bancário na sede da câmara. Tratou também da área que representa, fazendo 50 indicações de asfaltamento, encanamento e iluminação para Irajá, Madureira, Vila da Penha e adjacências. Algumas foram atendidas.

A frente da Câmara, promete abrir uma auditoria "justa, acabando com os fantasmas, mas vendo caso a caso", além de contratar uma empresa de organização e métodos "para nos orientar a agilizar os trabalhos dentro desta casa, tornando-a mais produtiva. Cheio de planos, Roberto Cid evita falar sobre seu lado pessoal. "estou num momento difícil" diz, revelando apenas que tem só uma filha, Rosane, de 12 anos.

Um político que veio da falência

Se politicamente Roberto Cid gaba-se de não ter "telhado de vidro", o mesmo não se pode dizer de suas atividades no ramo imobiliário, na década de 70, no qual entrou "sem experiência e nenhum conhecimento", admite. "A princípio, tudo ia bem. A Roberto Cid Empreendimentos Imobiliários, cuja matriz era em Bonsucesso, tinha duas filiais, uma na Praça do Carmo e outra na Djalma da Fonseca, em Madureira". Mas, segundo ele, tudo acabou numa sexta-feira, "quando o presidente Geisel num ataque de mal humor acabou com o Sistema Financeiro de Habitação".

"Eu dormi rico e acordei pobre sem poder comprar sequer um cigarro. Dependia dos recursos que o governo repassava através deste sistema", lembra. Era o ano de 78 e os amigos, diz, viraram as costas. "Quando você cai as pessoas que estão a seu lado são as primeiras a calcarem o pé para irmos mais fundo", conta. Teve então que responder a processo na 14ª Vara Cível, no Rio, mas garante ter quitado seus débitos. "Foi uma grande lição. Com vinte e poucos anos isto me ajudou a formar um caráter reto. Honrei meus compromissos e me reergui do nada. A história está cheia de grandes homens que passaram por períodos parecidos"— ressalva. "Não me envergonho. Hoje estou aqui, na presidência da Câmara".

Tasso Marcelo — 9/11/88

Fotos de Carlos Mesquita

Há um ano soldados do Exército fizeram uma operação de guerra (E) para acabar com a greve na CSN e mataram três operários, lembrados hoje no monumento de Niemeyer

Um ano após, Volta Redonda não esquece 'massacre'

Roni Lima

Em Volta Redonda, é comum se ouvir que o *massacre* nunca será esquecido. Às vésperas de completar o primeiro ano da tragédia que marcou seus moradores, em 9 de novembro, quando três operários grevistas da Companhia Siderúrgica Nacional (CSN) foram mortos pelo Exército, a cidade prepara intensa programação de eventos para relembrar a greve. O ponto alto será o lançamento oficial do vídeo *Volta Redonda, Memorial da Greve*, dirigido por Eduardo Coutinho e Sérgio Goldenberg, que conta a história do município e a luta dos operários da usina.

O vídeo, encomendado pela Diocese de Barra do Piraí e Volta Redonda, será lançado simultaneamente, em 9 de novembro, no poderoso Sindicato dos Metalúrgicos de Volta Redonda, no Museu de Arte Moderna do Rio e no Museu da Imagem e do Som de São Paulo. Para o bispo de Volta Redonda, dom Waldyr Calheiros de Novaes, o vídeo é peça fundamental para "despertar os outros cristãos de forma a não ficarem indiferentes à injustiça em cima dos mais fracos".

Contendo depoimentos emocionados dos familiares das três vítimas fatais da greve que paralisou a CSN por 17 dias — os metalúrgicos William Fernandes Leite, Walmir Freitas Monteiro e Carlos Augusto Barroso —, o vídeo mostra a grande politização dessa região ao Sul do Estado, berço do sindicalismo mais combativo do Rio, e o trauma causado pela brutal ação militar. "Aqui existe uma repulsa a qualquer interferência do Exército. A chaga que eles abriram é muito profunda, e quando cicatrizar ficará para sempre a marca da cicatriz", completa dom Waldyr.

Ferida — A marca da desastrada intervenção — convocados para garantir a segurança do patrimônio da CSN, soldados do Exército abriram fogo contra os grevistas — está bastante viva na cidade. Afinal, as balas não atingiram apenas os operários William, Walmir e Barroso. Mais de dez trabalhadores também ficaram feridos. E alguns sofrem intensamente até hoje. O caso mais traumático é o de Adilson Lanchine, 29 anos, que acaba de sofrer a terceira cirurgia para tentar recuperar o movimento da perna direita.

Adilson Lanchine

'Depois de tudo o que aconteceu, queria nunca ter conhecido a CSN'

deixando o metalúrgico de muletas. Embora os médicos não dêem qualquer certeza de recuperação, ele confia que voltará a andar.

"Levei uma queda muito grande na vida. Se fosse um caboclo fraco de espírito, podia ter ficado louco", diz. Natural de Alegre, no Espírito Santo, Adilson mudou-se para Volta Redonda há 11 anos, com um sonho na cabeça: conseguir emprego na CSN. Hoje se arrepende da decisão: "Depois disso tudo, queria nunca ter conhecido a CSN e Volta Redonda". Recebendo um seguro mensal da empresa, que considerou seu caso como acidente de trabalho, Adilson prepara-se para processar a CSN e reivindicar indenização por perdas e danos.

Terror — Outros operários já estão processando a companhia, através do departamento jurídico do Sindicato dos Metalúrgicos. O manobreiro de trens Helvécio Goulart Alves, 34 anos, perdeu toda a articulação do punho direito, atingido por um tiro, e ficou incapacitado para trabalhar em sua antiga função. Longe de ser um ativista sindical, Helvécio estava dentro da usina paralisada, aguardando ordens de sua chefia para voltar ao trabalho. De repente, percebeu um corre-corre e explosões de bombas de gás lacrimogêneo.

Ao correr para uma região ao ar livre, para respirar melhor, percebeu uma tropa do Exército se aproximando de um grupo de grevistas. Como numa cena de guerra, ouviu o grito de "Atacar!". Helvécio ainda tentou fugir do tiroteio, mas não deu tempo. "Só escutei aquele estrondo. Pensei que tinha explodido uma bomba, e que havia perdido a mão. Uma dor como essa não quero mais sentir na vida."

Para o metalúrgico Evaldo Pontes da Silva, 39 anos, 9 de novembro foi "a noite do terror". Ao ver alguns soldados atirando em companheiros grevistas, Evaldo foi perseguido e se escondeu em sua unidade de trabalho. Com a usina às escuras, ficou três horas imóvel atrás de uma coluna, para não ser localizado pelos soldados. "Achei que ia morrer, e senti uma revolta muito grande. Pensei nos 16 anos que passei ali trabalhando, construindo trilhos para o progresso do país. E no entanto estava encurralado pelas forças do governo, que deveriam estar me defendendo."

Helvécio Alves

'Pensei que tinha explodido uma bomba'

Do lado de fora da usina, Adilson observava de longe o tumulto na porta da CSN, envolvendo grevistas e soldados. Quando os soldados começaram a atirar, Adilson saiu correndo mas uma bala perdida mudou radicamente sua vida: entrando pela costas e varando sua coxa direita, o projétil destruiu a parte superior de seu fêmur,

Confronto com pai operário põe fim a sonho de soldado

Em janeiro de 88, Marcelo Galdino Gomes alistou-se para começar a realizar o sonho da carreira militar. Um ano depois, o sonho transformara-se em pesadelo e ele deixou o Exército para nunca mais voltar. Como soldado do 22º Batalhão de Infantaria Motorizada de Barra Mansa, Marcelo esteve na Companhia Siderúrgica Nacional na fatídica noite de 9 de novembro e chegou a enfrentar, cara a cara, um grevista muito especial: seu pai, o metalúrgico Carlos Galdino Gomes, de 44 anos.

"Foi um momento muito triste, um trauma desses nunca vai morrer", diz. "Vou sempre lembrar como foi dura minha época no quartel." Quando os jovens soldados foram avisados de que deveriam entrar na usina, houve um clima geral de tensão. A economia de Volta Redonda gira em torno da CSN e na cidade se costuma dizer que não há um morador que não tenha parente ou amigos na usina. "A maioria do pessoal tinha parente lá dentro", confirma Marcelo, hoje com 20 anos e motorista de uma transportadora de cargas. Numa brincadeira em tom macabro, um soldado dizia ao outro que, se o colega matasse seu pai ou um parente, seria fuzilado na hora.

O momento de maior emoção ocorreu três horas antes dos primeiros tiros disparados por alguns soldados. Medindo forças, Marcelo e outros soldados ficaram frente a frente com um grupo de grevistas, esperando o choque iminente. "Foi duro ver meu pai, a menos de 30 metros, defendendo um direito que era justo." A princípio chocado, mais tarde Carlos Galdino conseguiu entender a posição do filho. "Foi um momento de emoção. Não tenho nem condições de expressar o que senti na hora, vendo meu filho com todo aquele armamento", relembra.

Irmãos — Para alívio de toda a tropa de Barra Mansa (município vizinho de Volta Redonda), o temido confronto não ocorreu. O anjo da guarda de Marcelo Galdino foi o coronel Mota, que comandava os soldados do batalhão. "Ele ficou o tempo todo segurando a gente. Dizia que estávamos ali para defender um patrimônio público, mas que tínhamos que lembrar que todos éramos irmãos."

Marcelo garante que nenhum tiro foi disparado pelo 22º Batalhão de Infantaria Motorizada — e, sim, pela 1ª Brigada de Infantaria Motorizada, de Petrópolis. Mesmo diante dos pedaços de ferro e pedras jogados por grevistas nos soldados de Barra Mansa, não houve reação. "Chegaram a jogar cal virgem na minha cara, mas mesmo assim não reagimos." Marcelo esclarece, porém, que os agressores não eram parentes dos soldados: "Era um pessoal de fora, que nunca vi na usina."

Após o trauma provocado pela greve de 88, Marcelo Galdino desistiu definitivamente da carreira militar. Por outro lado, o comandante da 1ª Brigada de Infantaria Motorizada, general-de-brigada José Luís Lopes da Silva, que comandou a operação de guerra na CSN, recebeu uma promoção. Após alegar que autorizara o uso de armas de fogo "como último recurso para evitar a desmoralização das forças federais", o general atualmente é chefe do Estado Maior do Comando Militar do Leste.

Família tenta fugir da dor

■ Criado em São Geraldo, interior de Minas, Donato Almeida Barroso (E), 57, procura uma casa para comprar nessa cidade e mudar-se com a mulher, Conceição. Ainda chocados com a morte, aos 19 anos, do filho Carlos Augusto Barroso, operário da CSN (na foto, quando servia ao Exército), os dois não vêem mais atrativos em Volta Redonda. "Nosso filho foi massacrado", diz Donato. Quase um ano depois, ele ainda não conseguiu forças para ir ao cemitério. "Minha mulher mandou fazer uma sepultura branca, mas até hoje não tive coragem de voltar lá. É muito difícil." A vida em Volta Redonda não acabou apenas para a família Barroso. Outras duas também tiveram seus mortos na CSN e foram, como ela, indenizadas em março, recebendo entre NCz$ 65 mil e NCz$ 100 mil.

Ato ecumênico, vídeo e palestra lembram invasão

De 30 de outubro a 9 de novembro, a invasão da Companhia Siderúrgica Nacional (CSN) no ano passado, por soldados do Exército, será lembrada em Volta Redonda com ato ecumênico, palestras, lançamento de livros, exibição de uma peça de teatro e apresentação de vídeos, entre outras atividades. Em pauta não apenas a greve, mas uma reflexão sobre um ano bastante difícil para a cidade. Após a paralisação da CSN, houve ainda a morte do prefeito Juarez Antunes, metalúrgico que liderou a greve de 88, o ato terrorista que destruiu o memorial 9 de novembro — mais tarde reconstruído pelos metalúrgicos — e a explosão do regenerador do alto forno, que matou dois metalúrgicos.

Além disso, a cidade corre o risco de comemorar o 9 de novembro com mais uma greve na CSN. Embora as lideranças sindicais mais conseqüentes queiram evitar nova paralisação, levando em conta o momento eleitoral e porque temem que seja vista como provocação, ela pode explodir por pressão das bases. Como no ano passado, os 30 mil metalúrgicos da usina reclamam dos baixos salários. Segundo o vereador Vanderlei Barcelos (PT), algumas reuniões espontâneas vêm pipocando dentro da usina. "A peãozada está exigindo um posicionamento do sindicato", diz.

A senha para a greve poderá ser o resultado do julgamento do dissídio coletivo dos metalúrgicos, marcado para 8 de novembro pelo Tribunal Superior do Trabalho, em Brasília. "A situação é parecida com a do ano passado", alerta Luís Albano, diretor do sindicato. Naquela época, os metalúrgicos lutavam, entre outras reivindicações, pelo turno de 6 horas, como garante a Constituição. Agora, o sindicato acusa a CSN de ainda não ter implantado o turno de 6 horas em alguns departamentos.

Por volta das 21h30 do dia 9, parte da tropa recebeu ordem para atirar. Pouco depois estavam mortos William Fernandes Leite, Walmir Freitas Monteiro e Carlos Augusto Barroso. Mais de uma dezena de pessoas ficaram feridas. A CSN está sendo responsabilizada também por danos ao patrimônio de metalúrgicos. Nesta semana, o sindicato entra com ações de reparação de perdas e danos por causa de mais de 100 bicicletas e uma moto que foram destruídas pelos blindados Cascavel e Urutu do Exército.

Fotos Nasa

As cores definem a fertilidade marítima. Quanto mais azul, como o Mar Mediterrâneo, mais pobre. Já o tom laranja mostra a riqueza em fitoplâncton do Oceano Atlântico (E)

Satélite grava as cores da vida nos oceanos

Wanda Nestlhener

SÃO PAULO — O futuro do planeta Terra pode depender de organismos microscópicos espalhados pelos oceanos do mundo. Trata-se do fitoplâncton, organismo que dá cor à água do mar e desempenha um papel importante para o controle do clima, retirando da atmosfera terrestre o dióxido de carbono produzido pelas queimadas e pelos combustíveis fósseis, um gás que ameaça transformar nosso mundo numa imensa estufa. Um instrumento sensível à cor dos oceanos, colocado no satélite americano Nimbus 7, permitiu que os cientistas observassem pela primeira vez a distribuição global do fitoplâncton. São imagens coloridas que revelam os *desertos* e as *pastagens* do mundo marinho.

O fitoplâncton é a base para a vida no mar. É através de sua fotossíntese que surge a matéria orgânica para alimentar todos os seres marinhos, do pequenino camarão à gigantesca baleia. Onde existe fitoplâncton o mar é cheio de vida, onde ele falta o oceano é pouco povoado. Aos olhos eletrônicos do Nimbus 7, as *pradarias* oceânicas revelam mudanças ao longo das estações do ano, exatamente como qualquer campo de vegetação sobre os continentes. Na Antártica, por exemplo, a chegada do verão e da luz do Sol é saudada por uma multiplicação explosiva dos pequenos animais marinhos, formando um anel alaranjado nas imagens do Nimbus 7. É a época em que as baleias viajam para essa região, para acasalar em meio ao alimento abundante.

Os cientistas ainda não compreendem exatamente para onde vai o carbono que o fitoplâncton retira da atmosfera terrestre. Acredita-se que metade do dióxido de carbono liberado pela queima dos combustíveis fósseis é absorvido por esses minúsculos organismos.

Fundo do mar — Sabe-se que uma boa parte do fitoplâncton é consumida pelos animais marinhos, mas uma pequena parte morre e vai para o fundo do oceano. O carbono incorporado (sob a forma de carbono orgânico) fica preso então nos sedimentos marinhos durante milhões de anos — sem se transformar em carbono inorgânico, que é o que ocorre com toda biomassa que se deteriora (o carbono das plantas terrestres não fica retido por mais do que décadas). Segundo os estudiosos, cerca de 99% do carbono hoje existente na biosfera está nestes sedimentos marinhos. Só sai de lá depois de uma série de processos físicos, relacionados com a mobilidade das rochas do fundo dos oceanos, que vai resultar na explosão de vulcões. As mudanças do clima na Terra, ao longo de eras geológicas, dependem da formação e destruição desse imenso reservatório de carbono no fundo do mar. Do mesmo modo, a destruição do fitoplâncton pela poluição dos oceanos pode acelerar o efeito estufa. Há quem ache que até mais rapidamente que a queima da Amazônia.

"As florestas terrestres não são o pulmão do planeta coisa nenhuma", afirma enfático o pesquisador José Galizia Tundisi, que dirige o Centro de Recusos Hídricos e Ecologia Aplicada da Escola de Engenharia de São Carlos, da Universidade de São Paulo (USP). Ele fala do fato de que o oxigênio produzido pela floresta durante o dia é praticamente todo consumido por ela mesma durante a noite. Os fitoplânctons também, da mesma forma que a floresta, captam dióxido de carbono durante o dia, e devolvem oxigênio para o ar, graças à fotossíntese. Durante a noite, também como as florestas terrestres, as concentrações dessas plantas aquáticas consomem o oxigênio de novo, só que o saldo de oxigênio liberado, neste último caso é muito superior à quantidade absorvida.

Os nutrientes do Rio Amazonas fertilizam a área de Marajó

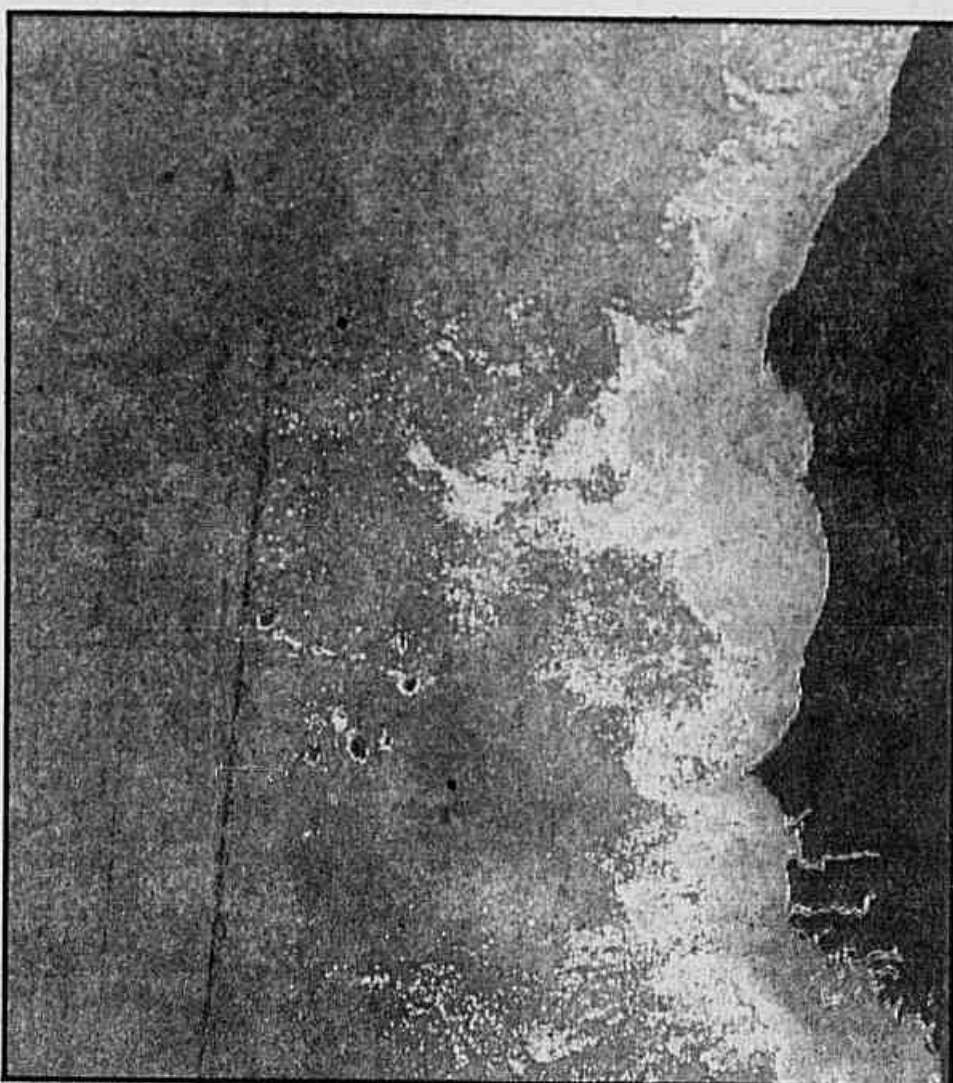
Imagens mostram a concentração de fitoplâncton

As imagens de satélite obtidas pela Nasa abriram uma nova perspectiva ao estudo do fitoplâncton e podem colaborar para a compreensão do real papel dos oceanos sobre a vida na Terra. As fotos da concentração de fitoplâncton na água do mar foram obtidas pelo sensor Coastal Zone Colour Scanner (CZCZ), que partiu para o espaço em outubro de 1978, a bordo do satélite americano Nimbus-7.

Durante oito anos (até 1986),o CZCS coletou dados que foram transformados em imagens dos 360 milhões de quilômetros quadrados de oceanos da Terra. A continuidade do estudo teve grande importância, pois a variação das concentrações de fitoplânctons é muito grande no correr de um ano. Para completar uma imagem global da concentração de fitoplânctons foram necessários 400 bilhões de dados primários do sensor.

Foi possível constatar, por exemplo, que, nos trópicos, as condições climáticas e de luz favoráveis à fotossíntese dessas plantas unicelulares permitem sua proliferação durante o ano todo. O aumento da população depende apenas da disponibilidade de nutrientes na parte superior do oceano, o que é determinado, em grande parte, pelos ventos. Já no Atlântico Norte e nas regiões de clima temperado de maneira geral, mesmo que se tenha a quantidade de nutrientes necessária, durante os meses de inverno a pouca luz solar inibe a produtividade do fitoplâncton. Tanto nos trópicos quanto nas regiões mais frias pode ocorrer um fenômeno chamado *bloom*, quando todas as condições — luz, calor, nutrientes — são favoráveis. Aí, há enorme proliferação de fitoplâncton.

No Oceano Atlântico, as regiões mais férteis estão ao longo da costa da Argentina, em torno do Golfo do México e diante do Noroeste da África. As águas do Pacífico, junto à costa do Peru, e do Atlântico, em frente ao Noroeste da África, são enriquecidas por correntes que trazem nutrientes do fundo do mar. Em contraste, o interior do Mediterrâneo e boa parte do Oceano Índico e do Pacífico Norte são pouco mais que um grande deserto marinho. No Brasil a maior concentração de fitoplâncton está no trecho que vai de Santa Catarina ao Rio Grande do Sul e no ponto onde as águas do Amazonas enchem de nutrientes o Atlântico.

O experimento da Nasa mostrou a grande vantagem dos satélites sobre os navios. Dois minutos de imagens do CZCS cobrem 2 milhões de quilômetros quadrados. Um navio, a 20 quilômetros por hora, precisaria de 11 anos para fazer a mesma tarefa. (*W.N.*)

Água do mar no Noroeste da África é das mais férteis do planeta

Observação foi feita a 995km da superfície

Para chegar às imagens coloridas que tão claramente ilustram as concentrações de fitoplânctons nos oceanos, os pesquisadores definiram, com o auxílio de computadores, vinte tonalidades diferentes que descrevem concentrações de 0,5 miligramas por metro cúbico até 30 miligramas por metro cúbico das plantas aquáticas. As informações coletadas pelo Coastal Zone Colour Scanner (CZCS) foram obtidas a uma distância de 955 quilômetros da superfície da Terra. Lá em cima, o CZCS captou a clorofila dos fitoplânctons através de canais de visão nas regiões azuis e verdes do espectro.

Acontece, porém, que as bandas no verde e no azul acabam captando, também, radiações de partículas em suspensão na atmosfera, que geram um certo ruído na informação final. Por isso, foi necessário acoplar aos dados às radiações emitidas nas faixas do vermelho e do vermelho próximo, que, combinadas com os modelos já conhecidos das emissões atmosféricas, permitiram depurar as informações. Além destes, o CZCS utilizou um canal termal (infravermelho), que serviu para fazer medidas concomitantes da temperatura da superfície do mar. (*W.N.*)

No Brasil, um indicador das áreas poluídas

SÃO JOSÉ DOS CAMPOS (SP) — *Em geral, onde há fitoplâncton, há muita vida, pois ele é a principal fonte de alimentação primária de crustáceos, uma grande quantidade de outros animais marinhos e peixes pequenos. Quando há um supercrescimento da população da planta, no entanto, especialmente no caso de corpos d'água pequenos e fechados, como represas, ela consome praticamente todo o oxigênio da água, matando seus outros habitantes. Como essa reprodução exagerada está relacionada com o incremento de nutrientes, como nitrogênio e fósforo, encontrados aos borbotões nos esgotos, as altas concentrações de fitoplânctons são ótimos indicadores de poluição.*

Os cientistas brasileiros não dispõem de ferramentas como o Coastal Zone Colour Scanner (CZCS), que circulou no espaço esquadrinhando os oceanos a bordo do satélite Nimbus-7. Mesmo assim, o Instituto de Pesquisas Espaciais (Inpe) e o Centro de Recursos Hídricos e Ecologia Aplicada da Escola de Engenharia de São Carlos, da Universidade de São Paulo (USP), estão desenvolvendo um programa de estudo das concentrações de fitoplânctons em represas brasileiras, para avaliar a qualidade de sua água, através de imagens de satélites.

Os subsídios para os estudos das duas instituições vêm de outro satélite, também americano, o Landsat. A 750 quilômetros da superfície da Terra, portanto 205 quilômetros mais baixo do que o Nimbus-7, o Landsat envia imagens com muito maior resolução. Enquanto um ponto nas imagens do Nimbus-7 representa uma área de aproximadamente 680 mil metros quadrados, um ponto da imagem do Landsat mostra espaço muito menor, de cerca de 900 metros quadrados na Terra. Embora essa definição seja ótima para o estudo de recursos naturais em território continental, não funciona para a observação dos oceanos, que são muitos extensos. Além disso, o Landsat não possui órbita em toda superfície oceânica.

A preocupação do Inpe e da USP está centralizada na criação de um modelo para o monitoramento da qualidade da água das represas brasileiras. Por enquanto, procura-se identificar as bandas (canais) do satélite mais adequadas à detecção das concentrações de fitoplânctons. As tonalidades obtidas nas imagens dos satélites são sistematicamente cruzadas com informações sobre a concentração dessas plantas aquáticas resultantes da análise de amostras de água coletadas nos mesmo dias e horários em que o satélite passa. Quantidades exageradas de fitoplânctons mostrarão a presença exagerada de nutrientes, que é associada aos esgotos, solo trazido pelas chuvas ou adubos.

Pesquisas — *"Quando tivermos esse modelo teremos avançado consideravelmente no equacionamento dos problemas e poderemos buscar soluções mais eficientes, pois partiremos de uma visão integrada das represas", garante José Galizia Tundisi, da USP. Nessa fase inicial, estão sendo pesquisadas três represas: a de Barra Bonita, a 308 quilômetros da capital paulista, formada pelos rios Piracicaba e Tietê — já bastante maltratados pela poluição; a de Tucuruí, no Pará; e a de Samuel, em Rondônia. Mas o trabalho poderá beneficiar todas as represas do país.*

"Não creio que vamos poder dispensar completamente as pesquisas de campo, mas elas certamente serão melhoradas com a ajuda dos satélites", avalia a bióloga Cláudia Zuccari Fernandes Braga, do Inpe. (W.N.)

Universidade cria horto de planta tóxica para pesquisa

ARARAQUARA, SP — Um pequeno horto no campus da Universidade Estadual Paulista (Unesp), em Araraquara, a 280 quilômetros de São Paulo, deverá ser usado — a partir do próximo ano — como o primeiro centro brasileiro de referência para plantas tóxicas e medicinais. A idéia, formulada pelos coordenadores do Departamento de Princípios Ativos e Naturais e Toxicologia da Faculdade de Ciências Farmacêuticas da Unesp, José Jorge Neto e Célia Cebrian Araújo, é fazer com que o horto acabe servindo como um guia para pesquisadores e indústrias farmacêuticas que queiram produzir comercialmente medicamentos à base de plantas.

Mais do que isso, porém, o horto deverá estabelecer um rigoroso padrão das plantas e seus verdadeiros princípios ativos, um instrumento poderoso que auxiliará a descobrir de que, na verdade, são feitos os remédios, cosméticos e todos os produtos cujos rótulos indiquem a procedência vegetal.

No horto, que ocupará uma área de pouco mais de 680 metros quadrados, estarão plantadas, lado a lado, algumas das plantas cultuadas pela população como remédios imbatíveis para determinadas doenças, como a camomila, a hortelã e a miliça, e também aquelas que enfeitam e são admiradas, mas escondem substâncias altamente tóxicas em suas folhas e caules, como a famosa comigo-ninguém-pode, colcha de noiva e coroa de Cristo. "Queremos ter as tóxicas por aqui, para ajudar na identificação pela população, para que se tome cuidado com elas", explica o farmacêutico-bioquímico José Jorge Neto, de 48 anos, há 23 dedicados à universidade paulista.

Segundo Jorge Neto, alguns pequenos pedaços da folha de comigo-ninguém-pode, por exemplo, são potentes o bastante para matar qualquer pessoa por asfixia. "A folha contém pequenas agulhas, que ficam enroscadas na garganta e interrompem a passagem de ar", adverte o bioquímico.

No começo, os pesquisadores irão cultivar no horto apenas as plantas mais comuns na região de Araraquara, formando um serviço voltado mais especificamente para a população das cidades vizinhas. "Já fizemos o levantamento das plantas locais, mas não vamos parar por aí", conta, entusiasmado, Jorge Neto. Os professores do departamento pretendem colocar no mesmo horto, onde plantas tóxicas e medicinais irão conviver, algumas espécies desconhecidas no país, mas com iguais propriedades.

Uma das primeiras candidatas à aclimação em solo e clima brasileiros é a belladona, uma planta típica da Itália conhecida secularmente como um potente dilatador de pupila. "Hoje, suas propriedades como analgésico já são conhecidas", assinala Jorge Neto, ao enumerar as qualidades da planta, cujo nome foi originado em sua fama como um durável artifício usado pelas damas italianas para sombrear os olhos com o pó roxo produzido por seu fruto. "O olho ficava pintado e a pupila dilatada. As mulheres ficavam lindas, embora enxergando muito mal", disse Jorge Neto.

Araraquara, SP — Ariovaldo dos Santos

Jorge Neto dirige as pesquisas

Chris Johns/NGS

Se as geleiras se movem, avançam sobre montanhas e florestas

Cientista propõe espaçonave viva

Robôs biológicos poderão explorar o Sistema Solar

Jorge Luiz Calife

A nave espacial do século 21 poderá ser um organismo vivo, criado num laboratório de engenharia genética. Capaz de assumir múltiplas formas ela se adaptaria às várias fases de uma missão no espaço. A teoria é do físico americano Freeman Dyson, autor do livro *Infinito em todas as direções*, que acaba de ser publicado no Brasil, pela editora Best-Seller. Dyson, que trabalha na pesquisa da fusão nuclear a altas temperaturas no Instituto de Estudos Avançados da Universidade de Princeton, e é consultor do Pentágono para projetos de alta tecnologia, acredita que o futuro da exploração espacial está nas mãos da biotecnologia, não da eletrônica. Já no início do próximo século, especula Dyson, a tecnologia genética estará em condições de aposentar as espaçonaves mecânicas e eletrônicas e iniciar a era dos *biots*, as espaçonaves vivas.

O nome *biot* vem da fusão das palavras inglesas *biological robots*, isto é, robôs biológicos. "Seres vivos são muito mais versáteis e eficientes do que máquinas e com o progresso da ciência logo seremos capazes de criar máquinas vivas", diz Dyson. Os primeiros passos para o desenvolvimento dessa tecnologia estão sendo dados nos laboratórios. Assim como os cientistas de hoje já conseguem mudar o código genético de uma bactéria, transformando-a numa fábrica viva de proteínas como interferon ou insulina, no século 21 será possível programar células vivas para crescerem e se multiplicarem, criando uma estrutura capaz de sobreviver e executar tarefas no espaço.

Num dos capítulos de *Infinito em todas as direções*, Dyson imagina como uma dessas espaçonaves biológicas poderá continuar a exploração do planeta Urano, iniciada pela nave Voyager 2 em 1986. Feita com peças mecânicas e eletrônicas, a Voyager pesa uma tonelada. Usando a biotecnologia, diz Dyson, será possível criar uma máquina feita com tecidos vivos, capaz de executar missão semelhante e pesando apenas um quilo. Dyson chama essa nave de *borboleta espacial* e diz que ela não será construída, será criada — com proteínas e moléculas de ADN.

Crisálida — Uma fusão de animal, planta e componentes eletrônicos, a *borboleta espacial* será colocada em órbita na forma de um ovo. Expostas ao ambiente espacial, as células do ovo começarão a se multiplicar e desenvolver, seguindo sua programação genética. O ovo se transformará em crisálida e da crisálida emergirão as asas: um painel solar com 100 metros quadrados, capaz de captar a energia do vento solar, impulsionando a nave biológica na direção de Urano com uma aceleração constante de um milésimo de gravidade. Essa aceleração é suficiente para se ir da Terra a Urano em dois anos, enquanto a Voyager levou nove anos.

Aproximando-se de Urano com uma velocidade de 50 quilômetros por segundo, o robô biológico roçará a atmosfera do planeta, usando suas asas solares como freio atmosférico. Por serem leves, as asas não serão submetidas a altas temperaturas na desaceleração. Entrando em órbita ao redor de Urano, a borboleta espacial se aproximará dos anéis escuros do planeta, em busca de matéria-prima para crescer e se desenvolver. Comendo gelo e hidrocarbonetos encontrados nos anéis, a *nave viva* fabricará seu combustível. Se um anel tiver *gosto ruim*, a nave voará para outro, até encontrar as partículas com a química certa para suas necessidades.

Com a matéria dos anéis de Urano, a borboleta espacial sintetizará antenas para comunicação com a Terra, pernas para pousar e andar na superfície das luas de Urano, olhos de inseto para captar imagens e um motor foguete biológico. Para quem acha que isto é ficção científica demais, Dyson lembra que uma coisa assim já existe na natureza — é o besouro bombardeiro, um inseto que usa um foguete químico biológico para bombardear seus inimigos com jatos de líquido escaldante. O foguete biológico da borboleta espacial permitirá que a sonda salte entre as luas de Urano, enquanto capta informações e as transmite para a Terra.

A borboleta espacial é apenas uma das possibilidades da engenharia genética. Dyson imagina trepadeiras adaptadas para viver na superfície de Marte ou dos cometas, criando uma estufa viva onde o homem poderá morar. Os ancestrais do homem viveram em galhos de árvores e seus descendentes poderão um dia voltar às origens — vivendo entre os galhos de uma trepadeira, a meio caminho entre a Terra e as estrelas.

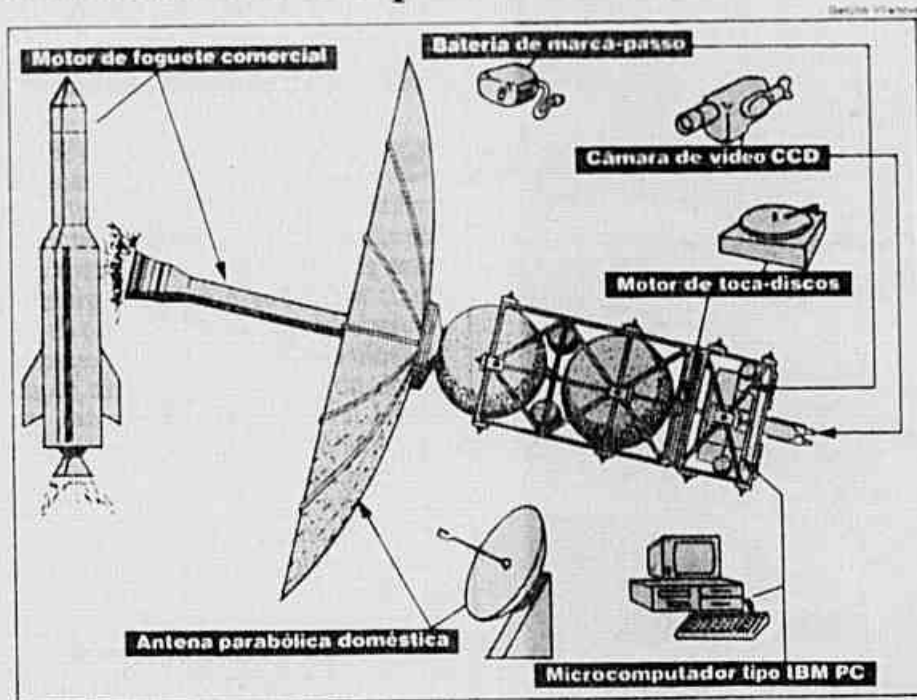
Já é possível montar sonda espacial em casa

A maior parte da tecnologia desenvolvida para o programa espacial já foi incorporada ao cotidiano. Para demonstrar esse fato o jornalista americano Bill Yenne editou um livro, *Interplanetary Spacecraft*, no qual propõe o projeto de uma sonda espacial, capaz de explorar o planeta Plutão, feita com componentes comprados em lojas de componentes eletrônicos e de eletrodomésticos.

A espaçonave de Yenne, batizada de Plutão 1, teria um desempenho até melhor que o das primeiras sondas espaciais. Quando a nave Pioneer, o primeiro objeto feito pelo homem a sair do Sistema Solar, foi construída, em 1969, não existiam relógios digitais de pulso, calculadoras de bolso e antenas parabólicas domésticas. Toda essa tecnologia surgiu depois. Hoje é possível comprar uma câmera de vídeo muito superior às usadas pelos astronautas das missões lunares Apolo.

No vôo da Apolo 12, a câmera de TV queimou porque um dos astronautas a apontou, distraidamente, para o Sol. As câmeras de vídeo atuais, equipadas com pastilhas de silício do tipo CCD (Charged Couple Device), compensam automaticamente o excesso de luminosidade e não queimam se apontadas para o Sol. Os computadores usados para controlar o lançamento das naves Ranger, em 1964, ocupavam um prédio de quatro andares em Cabo Canaveral. Hoje um computador doméstico, do tipo do IBM PC, faria o mesmo trabalho com muito mais facilidade.

Especificações — Além de mostrar como a tecnologia espacial faz parte do nosso dia-a-dia, o livro de Bill Yenne revela como são projetadas as naves- robôs que a Nasa lança para explorar planetas distantes. Uma nave como a Voyager 2 precisa ter uma série de componentes básicos. Isso inclui câmeras de TV coloridas para captar imagens do planeta-alvo, um computador de bordo para processar as imagens e controlar as várias fases do vôo, uma fonte de eletricidade para mover os equipamentos de bordo e um sistema de rádio, com antena parabólica, para comunicação com a Terra.

Escolhendo o computador de bordo para sua sonda de Plutão, Bill Yenne examinou vários micros à venda nos Estados Unidos. Acabou optando por dois modelos, o IBM XT ou o Apple Macintosh, por serem os mais leves e com a capacidade de memória necessária para a missão. Para funcionar no espaço, os computadores podem ser despidos de acessórios indispensáveis na Terra, como teclado, terminal de vídeo e impressora. Só é necessário o miolo da máquina — as unidades de memória e processamento.

Escolhido o computador, a nave precisa de câmeras para registrar imagens dos lugares por onde vai passar. Yenne foi à loja de vídeo mais próxima e escolheu a câmera mais sofisticada que encontrou: uma Sony CCD, que não tem partes móveis e portanto não vai emperrar no ambiente gelado de Plutão. A nave levaria duas câmeras, para o caso de uma delas pifar. Como as Voyager e as Pioneer, toda a espaçonave é envolta em cobertores térmicos, com aquecedores elétricos, para evitar que os componentes eletrônicos a bordo sejam prejudicados pelo frio intenso do espaço. O sistema de comunicações e a antena parabólica usam equipamento padrão, comprado em lojas de vídeo. A antena da nave é do mesmo modelo que se vê no telhado de motéis e residências de luxo. As câmeras da Plutão Um ficam numa plataforma móvel, semelhante à da nave Galileu, que gira movida por um motor de toca-disco.

A parte mais difícil do projeto foi a fonte de energia para a nave. Células solares não funcionariam em Plutão, porque o planeta está muito afastado do Sol. A energia atômica, que move as Voyager e a Galileu, é de difícil acesso a particulares. Bill Yenne encontrou a fonte de força para sua espaçonave numa firma de material biomédico: baterias de marcapasso, os pequenos aparelhos usados para regular os batimentos cardíacos de doentes do coração. São resistentes, duráveis e absolutamente confiáveis. Ao chegar em Plutão, todavia, a nave precisaria de uma voltagem maior que a fornecida para um marcapasso. Yenne resolveu o problema: a nave leva uma bateria química de alta potência, de tipo usado em assentos ejetores de aviões militares, e que são vendidas para uso civil nos Estados Unidos.

Pronta a nave, é preciso um foguete para lançá-la ao espaço. A firma americana Pacific American Launch Systems, que está construindo foguetes para lançar satélites comerciais, dispôs-se a oferecer seus serviços de graça. *(J.L.C.)*

Agricultor faz gelo virar capa protetora de morango

Agricultores americanos desenvolveram um meio engenhoso para usar o gelo como proteção para as plantas. Se a geada pode ser um desastre para muitas colheitas, uma capa de gelo é a salvação para a cultura do morango. Quando a meteorologia anuncia temperaturas muito baixas, agricultores, na Flórida, borrifam os morangos com água. Congelada, a película mantém os morangos a zero grau centígrado, temperatura que permite a sobrevivência da fruta, mesmo que a temperatura do ar em volta caia muito abaixo do ponto de congelamento.

Isso acontece porque o gelo, que não passa de água em estado sólido, é uma das substâncias mais estranhas do universo. A água tem a capacidade de liberar calor quando se solidifica e absorvê-lo enquanto se derrete. Além disso o gelo flutua, porque a água, diferente da maioria das substâncias, é mais leve em estado sólido do que líquido. Se não fosse essa propriedade os icebergs e os cubos de gelo num copo iriam diretamente para o fundo. O fundo de rios, mares e lagos se congelaria destruindo toda a vida.

No passado, o gelo desempenhou um papel importante na história da Terra. A última Idade do Gelo ainda não terminou. Vivemos num período de temperatura amena no meio de uma Idade do Gelo que começou há dois milhões de anos e os cientistas ainda não sabem quando essa temporada quente poderá terminar. Há 18 mil anos, as geleiras cobriam três décimos das regiões continentais do planeta. Hoje, as geleiras ainda cobrem um décimo dos continentes terrestres.

Se as geleiras começarem a avançar novamente, as cidades da América do Norte e da Europa estarão diretamente em seu caminho. Chicago seria esmagada e seus destroços arremessados em direção à cidade de Saint Louis. Quando as geleiras se movem, nada resiste ao seu avanço. Montanhas são derrubadas, florestas desintegradas, lagos e rios desaparecem sob a capa de gelo que pode atingir um quilômetro de espessura.

O efeito estufa — aquecimento da Terra pelo aumento de bióxido de carbono na atmosfera — pode atrasar a volta das geleiras. Mas se a temperatura aumentar muito e as geleiras dos polos derreterem, o resultado também será um desastre. Alguns cientistas calculam que o nível do mar pode subir seis metros em caso de derretimento dos polos, o suficiente para inundar a maioria das cidades costeiras do planeta, como o Rio de Janeiro.

Abelhas — Cientistas norte-americanos começaram uma intensa campanha contra as *abelhas assassinas* africanas que ameaçam a agricultura do país. Elas foram vistas pela última vez na costa Leste do México, viajando a uma velocidade de 30 a 60 km por mês, e devem chegar aos EUA em meados de 1990. Para bloquear o caminho das abelhas, foram instaladas mais de 40 mil colmeias falsas, feitas de papelão e impregnadas com o cheiro de hormônios que as atraem. Assim que são capturadas nestas armadilhas, as abelhas são sufocadas e morrem. As abelhas africanas foram trazidas para o Brasil em 1950 e, por um erro, algumas foram soltas na floresta em 1957, tomando diversas direções.

Doutorado — O Departamento de Medicina Preventiva da Universidade Federal da Bahia implantou um programa de pós-graduação em Epidemiologia que estará recebendo a primeira turma em março de 1990. O curso, que vai formar Doutores em Saúde Pública, destina-se a candidatos com grau de mestrado interessados nas seguintes linhas de pesquisa: Epidemiologia de Doenças Transmissíveis, Saúde Ambiental, Saúde Mental e Doenças Crônico Degenerativas. As inscrições estão abertas até o dia 30 de novembro e maiores informações podem ser obtidas pelo telefone (071) 245.0544.

Aids — Entre os países da Comunidade Européia, a Irlanda detém o maior índice de disseminação da Aids, segundo comunicado oficial feito em Dublin durante seminário da Organização Mundial de Saúde. O número de casos está dobrando a cada nove meses, disse o secretário de saúde irlandês, Liam Flanagan. Na Inglaterra, os casos duplicam a cada dois anos, na França e na Alemanha a cada dois anos e meio. Cinquenta e duas pessoas já morreram de Aids na Irlanda, que está entrando na fase epidêmica da doença. A principal causa do problema é o crescimento da comunidade de drogados em Dublin.

São Paulo pode beber água de esgoto no século 21

Wanda Nestlhner

SÃO PAULO — Há quem torça o nariz para a hipótese, mas são realmente grandes as chances de o paulistano reutilizar a água dos esgotos já na metade do próximo século. O uso da nova fonte de abastecimento deverá acontecer em etapas. Primeiro, o esgoto tratado vai substituir a água potável nos processos industriais; depois, aos poucos, seu uso se estenderá até chegar às torneiras das residências da Grande São Paulo, passando a freqüentar, naturalmente, copos e mamadeiras.

Para chegar a esse ponto, no entanto, será necessário antes de mais nada muito investimento em tecnologia e infra-estrutura. Esse será o custo que as grandes metrópoles brasileiras terão de pagar por não ter dedicado aos seus mananciais a atenção e o cuidado necessários.

O resultado inevitável do descaso com as fontes responsáveis pelo abastecimento de água de São Paulo será a falta de recursos hídricos. Já no início do século XXI, a Companhia de Saneamento Básico do Estado de São Paulo (Sabesp) planeja recorrer a mananciais a mais de 300 quilômetros da capital, no Vale do Ribeira, para captar água de boa qualidade destinada à população da Região Metropolitana. As fontes próximas da concentração urbana, até lá, estarão inutilizadas, especialmenente pelo despejo, *in natura*, de esgotos domésticos e industriais.

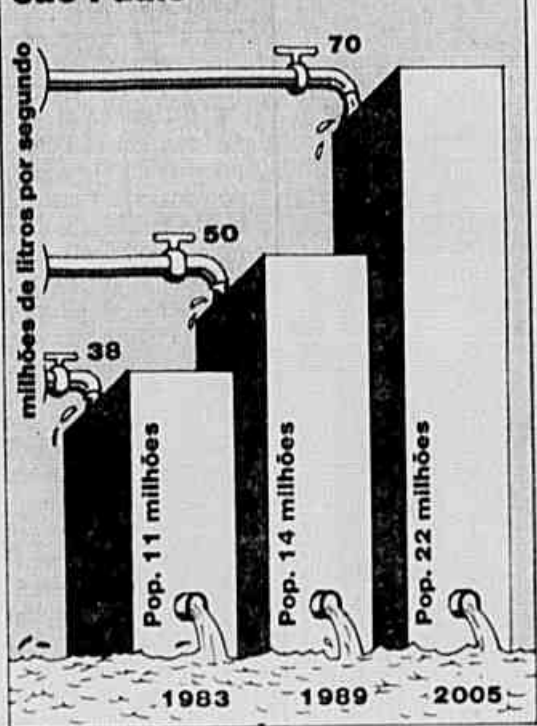
Especulação — Só de esgotos domésticos, a Grande São Paulo produz, hoje, cerca de 45 mil litros por segundo, ou seja, toda a água consumida, menos os 10% que se perdem pela infiltração. Desse total, a Sabesp coleta apenas 65%, dos quais não mais do que 20% recebem algum tipo de tratamento antes da devolução aos rios. As fontes mais ameaçadas pela poluição são as da represa do Guarapiranga e do Rio Cotia, ambas ao Sul da capital. São pelo menos 30% dos mananciais utilizados no abastecimento sob ameaça a curto prazo", avalia o presidente da Sabesp, Gastão César Bierrembach.

A principal razão do perigo não está nas indústrias, mas sim na ocupação irregular do solo, resultado da especulação imobiliária naquela região. Segundo Bierrembach, foram gastos, nos últimos quatro anos, cerca de US$ 50 milhões apenas na tentativa de reduzir a agressão à represa do Guarapiranga. O dinheiro foi transformado em interceptadores gigantes em quase toda a volta da represa para desviar os esgotos ali jogados. Mas ainda há irregularidades. Para construir redes de coleta e tratar secundariamente, ou seja, retirando 90% das impurezas, todo o esgoto de São Paulo, Bierrembach acredita que o governo precisa investir pelo menos US$ 2 bilhões.

Alcançada essa etapa, o esgoto poderá terminar sua depuração na própria água do rio em que for despejado. Seria quase a realização de um sonho, pois o fétido Tietê, por exemplo, poderia ter a qualidade das águas de um Tâmisa, o rio que cruza de Londres, ou de um Sena, o rio de Paris. "Isso é o mínimo que precisamos fazer", afirma o presidente da Sabesp. Caso seu plano não seja efetivado rapidamente, no entanto, os demais rios de São Paulo acabarão, como o Tietê, transformados em esgotos a céu aberto, e será necessário tornar essa água potável.

Tecnologia para isso existe, e nem é tão cara, mas necessita do mesmo investimento que deveria ser feito para salvar os rios, coisa muito mais racional. Pelos cálculos de Bierrembach, para se obter água própria para o consumo doméstico a partir dos esgotos, com a instalação do sistema terciário de tratamento, não seriam necessários mais do que US$ 500 mil em investimentos, além, é claro, dos US$ 2 bilhões anteriores, para a adoção do sistema secundário. Mas, mesmo assim, seria absolutamente imprescindível uma política firme de controle das fontes poluidoras, principalmente das indústrias, que jogam metais pesados nas águas.

"Precisamos eliminar os metais nas próprias indústrias e instalar algum timpo de controle que impeça a existência de fábricas clandestinas", adverte o engenheiro químico Antônio Carlos Delbin, da Logus Operações técnicas, empresa responsável pela Estação de Tratamento de Esgotos de Barueri, da Sabesp, 27 quilômetros ao Sul de São Paulo. Segundo Bierrembach, da Sabesp, a cidade tem numerosas oficinas de cromação de fundo de quintal que jogam níquel e cromo diretamente no esgoto doméstico. Quer dizer, embora se possa confiar na tecnologia, a política certamente estará interferindo na água que os paulistanos estarão bebendo lá pelo ano 2050.

Getúlio Vilanova

Fonte: Sabesp

São Paulo — Murilo Menon

Bierrembach quer investimentos

Tratamento ainda é deficiente

O Brasil tem absoluto domínio da tecnologia para o tratamento de esgoto, nos estágios primário, secundário e terciário. São Paulo, entretanto, só tem infra-estrutura para atender ao tratamento secundário da carga, e ainda assim em escala muito pequena. É um processo muito lento, no qual não é possível queimar etapas.

Uma estação primária de tratamento de esgotos é capaz de retirar 40% da poluição através da passagem da água por um gradeamento — uma espécie de peneira que remove os materiais flutuantes de grandes dimensões, como latas, papéis, pedaços de madeira etc. — e outros processos mais refinados. Nos decantadores primários mais uma parte dos poluentes se separa da água, ficando no fundo do tanque. O material sólido recebe outros tipos de tratamento, sendo aproveitado como fertilizante.

Os efluentes são tratados novamente no estágio secundário. Uma das técnicas utilizadas é a dos lodos ativados, baseada no fornecimento contínuo de oxigênio aos tanques, gerando a formação de uma massa sólida de microorganismos que se separa da água. A depuração secundária também pode ocorrer através do uso de filtros biológicos ou em lagoas de estabilização, onde o esgoto se depura quase que por conta própria, decompondo biologicamente as impurezas.

Quando saem desses processos secundários, os esgotos já foram purificados em cerca de 90% de sua carga poluidora, mas ainda têm muito fósforo e nitrogênio. É aí que entra o estágio terciário, que pode se utilizar de processos químicos ou biológicos. Os efluentes podem passar por outras lagoas de estabilização ou sofrer aplicação de sulfato de alumínio e cal. Para o engenheiro químico Antônio Carlos Delbin, não é aconselhável consumir essa água, que deveria merecer ainda mais alguns cuidados para ser considerada potável, mas ela poderia ser muito bem aproveitada em usos menos nobres, providência capaz de desafogar a produção dos mananciais. (W.N.)

No Rio, perspectiva otimista

Renata Moraes

"Essa visão é um pouco pessimista". A frase é de Vitor Coelho, chefe da Divisão de Água da Feema (Fundação Estadual de Estudos do Meio Ambiente), do Rio de Janeiro, referindo-se à possibilidade de que até meados do próximo século a água para consumo humano seja esgoto tratado. Ele explica que, junto com o aumento das populações e da produção industrial, crescem também as medidas de controle ambiental.

Hoje, uma série de medidas capacitam as autoridades a detectar irregularidades na qualidade da água dos rios, que abastece as torneiras. Com o controle ambiental efetivo não haverá a necessidade de recorrer ao tratamento do esgoto para torná-lo potável. "O Brasil tem muita água", afirma. "E o rio Paraíba do Sul, que abastece 80% da população carioca, está melhor do que o Reno, de onde as populações de países como a Alemanha e a Holanda tiram a água para consumo."

Apesar de ser satisfatória a qualidade da água consumida no Rio, disse o técnico, é preciso ainda aprimorar o controle junto às indústrias, para evitar a contaminação. Livrar a água desses produtos químicos é complicado, principalmente do cádmio, que tem maior solubilidade e demora a decantar. Outra medida que deve ser tomada é o tratamento das águas servidas das cidades à beira do Paraíba do Sul. "Os esgotos de Barra Mansa, Resende, Volta Redonda e Barra do Piraí são jogados de volta para o Paraíba sem nenhum tratamento", diz ele.

Já há estudos para a instalação de estações de alarme ao longo do rio Paraíba do Sul, para detectar a contaminação química. O rio Reno já tem várias dessas estações, que consistem na contenção da água bruta corrente em tanques onde vivem determinadas espécies de pequenos peixes que têm padrões de comportamento específicos. Qualquer alteração nesses padrões pode indicar que os animais foram atingidos por substâncias químicas.

Um relatório recente da Feema compara os resultados das análises sobre metais pesados e fenóis (poluição industrial) de 1980/85 e 1986/88 e indica um tendência geral de melhora da qualidade da água do Paraíba do Sul. A poluição gerada pelas atividades agrícolas (por agrotóxicos) ainda não foi medida.

Comparada a qualquer outro lugar do mundo, a água do Rio de Janeiro é bastante satisfatória. A contaminação microbiana já tem solução. "A preocupação agora é com a contaminação química, que pode ser perfeitamente controlada", diz Coelho.

Irrigação está salinizando o solo nordestino

PETROLINA, PE — A expansão desordenada da irrigação na região do submédio do Rio São Francisco — que separa os estados de Pernambuco e Bahia — está causando a salinização do solo, pois a maioria das propriedades rurais irrigadas não está usando sistema de drenagem para dar escoamento ao excesso de água. A constatação é de técnicos e cientistas que participaram da primeira conferência sobre o desenvolvimento da região do São Francisco, em Petrolina, a 760 quilômetros de Recife.

"O pior de tudo é que, para dessalinizar o solo, o custo é tão alto que não compensa para o produtor", afirmou o professor Manoel Correia de Andrade, diretor do Centro de Estudos e Documentação em História e Geografia da Fundação Joaquim Nabuco (Fundaj).

Manoel Correia, com mais de 50 livros publicados — o mais conhecido é *Nordeste, a terra e o homem* — é considerado o maior estudioso do Nordeste, não fez qualquer levantamento da área, mas garante que a conhece porque passou os últimos sete anos fazendo pesquisas para escrever dois livros que serão lançados no final do ano (*O sertão sul* e *Tradição e mudanças*).

Ariovaldo Luchiari Júnior, da Embrapa, também demonstrou preocupação com o processo de irrigação acelerado no Vale do São Francisco: "Além da salinização, pode haver erosão por causa do excesso de água", afirmou. Lembrou ainda que regras básicas para o desenvolvimento da agricultura estão sendo desobedecidas, como a rotação de colheitas. "Isso poderá resultar na infestação do solo por fungos", advertiu, pois o ciclo de pragas e doenças é ininterrupto, ou seja, infesta a cultura a cada safra.

A salinização é provocada pelo excesso de água na terra — quando a água evapora, os sais passam para a superfície do solo. "Como a maioria das propriedades daqui não possui sistema de drenagem, o solo fica salinizado", confirmou Roberto Gilson Campelo, da Companhia Hidrelétrica de São Francisco (Chesf), responsável pelo programa de preservação ecológica nos projetos da empresa. Segundo ele, 20% do solo já estão salinizados, o que torna inviável o plantio para qualquer cultura por causa da baixa produtividade.

"Deveria haver, na verdade, um sistema de drenagem integrado para as propriedades que estão distantes dos rios, pois são as que têm mais dificuldade para escoar a água", explicou, acrescentando que essa iniciativa deveria ser do governo federal. "Não adianta uma propriedade sozinha fazer a drenagem se a água vai passar pela propriedade do outro e, conseqüentemente, provocar a salinização do solo vizinho."

O técnico do Cepatsa (Centro de Pesquisas do Trópico do Semi-Árido) e responsável pelo setor de recursos naturais, Luciano Lins, disse que todos têm consciência dos problemas de depredação do ambiente causado pelos projetos de irrigação, mas nada se pode fazer.

Piracema susta pesca nos rios até fevereiro

CAMPO GRANDE — A pesca está proibida em Mato Grosso do Sul de 1º de novembro próximo a 31 de janeiro de 1990, período que corresponde à piracema (fenômeno em que os peixes sobem os rios para a desova). O Decreto 5.244 assinado pelo governador Marcelo Miranda e a Portaria 001/89 do Ibama (Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e Recursos Naturais Renováveis), publicados ontem no Diário Oficial do estado proíbem toda atividade pesqueira na bacia do Rio Paraguai e nos rios Paranaíba, Grande, Apa e Paraná. A Federação dos Pescadores ameaça impetrar mandado de segurança, alegando que a medida é "inconstitucional."

Pela primeira vez o estado baixou um decreto dessa natureza. Nos anos anteriores, foi permitida a pesca profissional (cada pescador teve direito a 15 kg e mais uma espécie de qualquer tamanho por mês), mas falhas na fiscalização acabaram provocando o descumprimento da legislação. "Durante as enchentes do Pantanal, os pescadores ficam sem pescar e até hoje ninguém morreu de fome", afirma o secretário do Meio Ambiente, Nilson de Barros. Os pescadores, no entanto — são mais de seis mil —, estão organizando uma passeata de protesto ao Parque dos Poderes, sede do governo. O governador Marcelo Miranda havia prometido o pagamento de meio salário mínimo para cada pescador, durante a proibição, mas recuou devido à crise financeira do estado (os funcionários públicos estaduais não recebem seus salários há 56 dias).

"Não aceitamos esmolas", reagiu o presidente da Federação dos Pescadores, Arthur dos Santos Moreira, para quem a pesca com anzol não é predatória. Somente aqueles peixes que não estão reproduzindo vêm ao anzol", alega. Para o secretário de Meio Ambiente, no entanto, o peixe é um elo da cadeia alimentar no Pantanal, onde estão catalogadas 231 espécies (número só inferior ao da Bacia Amazônica).

"Parte das 600 espécies de aves se alimenta do peixe e a queda do estoque provoca mudanças radicais ao ecossistema", diz Barros. A preocupação das autoridades em Mato Grosso do Sul não se limita à revolta dos pescadores, mas também as pouco interesse de Mato Grosso em adotar a medida.

No período da desova, os peixes sobem em direção às cabeceiras dos rios Cuiabá, São Lourenço e Piquiri, que ficam em Mato Grosso. Ontem, o capitão da Polícia Florestal, Ângelo Rabelo, atualmente a serviço da Secretaria Estadual do Meio Ambiente de Mato Grosso do Sul, recebeu a denúncia de que pescadores, incentivados por frigoríficos, estão fechando o Rio Cuiabá com tela de arame para segurar os cardumes.

A pesca, no período de três meses, está proibida nos locais considerados como reservas de recursos pesqueiros — toda a bacia dos rios Taquari, Aquidauana e Miranda — e nas águas de domínio da União (rios São Lourenço, Piquiri, Paraná, Paranaíba, Paraguai e Apa).

AP — 8/9/1980

Os trabalhadores do estaleiro de Gdansk cobram mudanças urgentes do Solidariedade

Bases do Solidariedade apóiam governo mas criticam arrocho

Três meses depois de formar o primeiro governo não comunista da Polônia em mais de 40 anos, o sindicato Solidariedade defende hoje um plano econômico de emergência para deter a inflação (4.000% até o fim do ano, segundo projeções), no mais puro estilo FMI, incluindo limites nos reajustes salariais e o fechamento de empresas deficitárias.

Mas como as aguerridas bases do Solidariedade reagem às diretrizes do governo, empenhado em preparar o "retorno da Polônia à economia de mercado"? Os dirigentes locais do sindicato vêm revelando, ao mesmo tempo, tolerância política com o governo e cobranças impacientes sobre a redução da inflação e novos aumentos salariais. "O governo do primeiro-ministro Tadeusz Mazowiecki é nosso governo" e "chamamos a direção nacional do Solidariedade a reagir mais rapidamente aos problemas cotidianos dos trabalhadores" dizem, em entrevista à revista francesa *Inprecor*, Malgorzata Calinska, Zygmunt Klatka e Ryszard Chaszczewicz, dirigentes de uma das mais importantes seções do sindicato, a da empresa Polar, principal fabricante polonês de geladeiras.

A Polar tem 8 mil empregados, 4.900 dos quais na fábrica de Wroclaw. Cerca de 40% dos funcionários pertencem ao Solidariedade, enquanto apenas 8% aderiram à central sindical OPZZ, ligada ao Partido Comunista. A seção sindical resistiu a oito anos de clandestinidade e é bastante combativa.

"Algumas pessoas criticam Lech Walesa e seu grupo por apoiar o governo. Mas quem, senão ele, soube aproveitar a pressão social para chegar a este momento, em que todos podem falar livremente? Não se pode mudar tudo de uma vez; é preciso tempo", diz Malgorzata. Os líderes sindicais reconhecem, entretanto, que pouco mudou no que se refere aos salários e à alta de preços. "O preço dos mantimentos sobe duas vezes por semana, e isso não acontece com os salários. Os dirigentes sindicais ligados ao PC aproveitam-se disso para radicalizar suas posições, na tentativa de conseguir maior influência entre os trabalhadores", afirma Zygmunt Klatka.

Para os três líderes sindicais, a única alternativa para melhorar a situação do país é uma profunda reestruturação econômica. "Temos que reduzir a burocracia e aumentar a autonomia das empresas; eliminar muitos 'colarinhos brancos', oferecendo incentivos para que eles retornem à produção", diz Ryszard Chaszczewicz. Quando questionado sobre quem deveria realizar esta reestruturação, o sindicalista demonstra cautela: "Já defendemos a autogestão dos trabalhadores, mas creio que esse processo agora deve ser encabeçado pelo governo", declara.

Chaszczewicz, Malgorzata e Klatka admitem que estão aumentando as pressões das bases do Solidariedade sobre seus dirigentes. "Fica difícil convencer as pessoas a ter calma, não fazer greves", diz Klatka. O próprio Lech Walesa, um *moderado* dentro da direção sindical, reconheceu a fragilidade da atual trégua. "Ainda é cedo para interromper a lua-de-mel com o governo, mas se não houver mudanças rápidas e substanciais, podemos retomar as greves, mesmo contra o governo do Solidariedade", disse ele na semana passada.

No reino da burocracia

A Polar, de Wroclaw, representa bem o funcionamento burocrático da indústria polonesa. De seus 4,9 mil empregados, apenas 1,7 mil estão diretamente ligados à produção. Há 900 pessoas exercendo cargos de chefia e 930 trabalhando nos escritórios.

Para cada tarefa a ser realizada, o operário recebe um cartão. Um apontador determina o tempo que deve ser gasto no trabalho e outra funcionária preenche o documento. Depois de realizada a tarefa, o operário entrega o cartão ao contramestre, que entrega a seu chefe, que o devolve ao escritório. O resultado é que um trabalhador pode receber até 50 cartões por dia e há cem funcionários só para controlá-los.

Inchada, a empresa opera apenas com 60% de sua capacidade produtiva e a maquinaria está obsoleta. O salário médio é baixo: 240 mil zlotys mensais, quando o Solidariedade calcula em 281 mil zlotys somente a cesta básica, para uma família de quatro pessoas.

Correspondência com o além

Alfredo

Cartas a Deus sofrem 'triagem' em Israel

Vera Gonçalves

JERUSALÉM — Encaminhar cartas para Deus é uma tarefa pouco usual, que o centro de triagem do correio de Israel enfrenta diariamente. Pela falta de um endereço exato, e que não seja o inacessível céu, milhares de pessoas mandam cartas endereçadas simplesmente a Israel ou à Terra Santa, na esperança de que sejam os lugares mais próximos possíveis de Deus.

Cristãos, judeus, muçulmanos e fiéis de diversas religiões escrevem para Deus, Jesus, Moisés, Alá e anjos em geral, na esperança de que suas cartas cheguem às mãos de algum intermediário divino. Papai Noel, Herodes, rei Salomão, Moshe Dayan e Yasser Arafat também têm muita popularidade nessa categoria.

Há os que preferem encaminhar suas cartas ao Muro das Lamentações, igrejas e instituições religiosas espalhadas pelo país, principalmente em Jerusalém, Belém, Nazaré e Jericó, em função da importância bíblica dessas cidades. Embora não exista um levantamento oficial, estimativas dos Correios e de igrejas indicam que o número de cartas chega a 1 milhão por ano, algumas com doações em dinheiro.

Fiéis de várias religiões, pessoas doentes ou excêntricas são as que escrevem com mais freqüência para Deus, de acordo com informações do correio e de algumas igrejas. Doentes imploram cura imediata, estudantes pedem sucesso nos exames, desempregados solicitam empregos, e de um modo geral cada um reivindica que suas necessidades e problemas mais urgentes sejam resolvidos o mais rápido possível.

"Pai, diga a Gina que estou disposta a voltar se ela me pedir perdão"; "Se for possível, eu quero apenas ser nomeado embaixador da Inglaterra" — esses são exemplos de pedidos feitos a Deus por carta. Jane B., de Minnesota (Estados Unidos), escreveu "ao grande rei Davi", pedindo-lhe para levá-la "com urgência" para o mesmo lugar de seu marido, "morto há cinco anos." Alguém de Mônaco, num envelope sem nome nem endereço, perguntou a Jesus, há seis meses, o que fazer para que Raquel Welch se interesse por ele.

Companheira — Jeremy, que assiduamente mantém sua correspondência unilateral com Deus, pediu uma companheira em sua carta mais recente, enviada do Canadá. "Assim como o senhor fez a primeira mulher para o primeiro homem, o senhor poderia, por favor, enviar-me uma mulher para eu amar. Assim não me sentirei tão deprimido e solitário", escreveu Jeremy. Ele envia suas cartas para Jerusalém e de acordo com o porta-voz dos correios, Ariel Olevisky, os funcionários do centro de triagem já estão acostumados com suas cartas, que chegam regularmente a cada 15/20 dias.

Cerca de 80% das cartas são enviadas sem o endereço do remetente, o que dificulta determinar sua procedência. Os selos e o carimbo postal são a principal forma de identificar a origem das cartas, mas em alguns casos eles também são ilegíveis. Austrália, França, Itália, México, Canadá, Nigéria, Angola e até mesmo Birmânia são alguns dos países de onde elas são enviadas.

Cristãos costumam escrever durante o mês de dezembro, pedindo sorte para o ano seguinte. Nessa mesma época, é grande o número de cartas e cartões para Papai Noel, enviadas principalmente por crianças.

Os judeus preferem escrever a Deus entre setembro e outubro, quando se comemora o Ano-Novo judaico. Um israelense enviou dois cartões coloridos de Ano-Novo, um "para o Anjo", outro para "o grande Senhor dos céus". Para dar mais segurança, ele colou uma etiqueta vermelha nos envelopes com a frase *Entrega especial*. Uma carta com benção ao "príncipe de Israel" foi enviada no último Natal por alguém que assinou em nome de todos os moradores de Nova Jersei (Estados Unidos) e anexou um nota de US$ 1 ao envelope.

Dinheiro solto nos envelopes não é comum, mas também chega em algumas cartas. Segundo informações do Correio israelense, cerca de 2% das cartas para Deus vêm acompanhadas por dinheiro do país de origem da correspondência. Todo dinheiro que acompanha as cartas é destinado ao Tesouro Nacional de Israel. Da Austrália, alguém mandou para a "Santa Terra de Israel e seu povo" um recibo no valor de US$ 2,4 mil, assinado com impressões digitais.

Todas as cartas enviadas a Deus com o nome e endereço legíveis eram devolvidas, até há cerca de um ano, com um carimbo do correio com o seguinte aviso em inglês: "o endereço do destinatário é insuficiente para que sua correspondência seja entregue". Várias experiências do Correio mostram que as pessoas que escrevem a Deus não gostam de ter suas cartas devolvidas, ou então "sentem-se estimuladas a escrever novamente", informa Olevisky.

Contratempos — O porta-voz relembra um dos vários contratempos provocados pela devolução de cartas endereçadas a Deus. Em 1987, segundo ele, uma carta chegou à agência central do correio de Jerusalém acompanhada de um pequeno livro de receitas. Tratava-se de uma sogra que, insatisfeita com a falta de conhecimentos culinários da mulher de seu filho, escreveu ao Muro das Lamentações, pedindo para Deus transmitir algumas receitas à nora. A correspondência e o livro foram devolvidos. A mulher foi pessoalmente ao correio. "Quem vocês pensam que são para recusar uma encomenda para Deus?", argumentou, ofendida.

O livro foi levado para o depósito de objetos cujos destinatários não são localizados e depois são leiloados, para o público, a cada dois anos. Agora, as cartas para Deus são arquivadas por um período de três meses e depois destruídas.

Uma das explicações do Centro Cristão de Estudos Arqueológicos de Jerusalém para essas cartas é a vontade de as pessoas sentirem-se mais próximas de Deus, transformando-o de algo inatingível materialmente a algo quase que personificado. Um exemplo disso é a carta de um homem de Tel Aviv, que escreveu ao Deus "que eu vejo como eu vejo, e não como os outros vêem, com quem me sinto à vontade para sentar lado a lado." Seu pedido, enviado à Igreja do Santo Sepulcro, em Jerusalém, era para Deus ajudá-lo a ser aprovado num concurso para chefe de cozinha.

Oposição se une a PRI no México

Lucy Conger

CIDADE DO MÉXICO — Uma aliança bipartidária que possibilitou a aprovação da reforma eleitoral pelo Congresso, semana passada, está mudando a paisagem política do México e pavimenta o caminho para futuras reformas, vitais para o programa econômico neoliberal do presidente Carlos Salinas de Gortari. A aliança, inédita, se deu entre o Partido Revolucionário Institucional (PRI), há 60 anos no poder, e o Partido de Ação Nacional (PAN), oposição de direita.

É a primeira vez na história do PRI que o partido governista uniu sua força à de uma agremiação oposicionista. A aliança PRI-PAN na Câmara dos Deputados foi essencial para aprovar a lei de reforma eleitoral redigida por José Córdova, o principal assessor do presidente Salinas. O PRI tem maioria na Câmara, mas precisava do voto de mais 71 deputados para obter os dois terços necessários à aprovação de mudanças na Constituição.

A reforma eleitoral causou controvérsia porque ela estipula que as eleições serão totalmente controladas pelo governo e o PRI controlará a maioria das cadeiras nos tribunais que julgam disputas eleitorais, muito comuns num país onde as eleições têm sido marcadas por denúncias de fraude.

A aliança PAN-PRI causou uma certa estupefação tanto nos meios políticos quanto entre pessoas comuns. Muitos analistas demonstraram certa surpresa pelo fato de o PRI, que historicamente é um partido de centro-esquerda, ter se identificado abertamente com as forças direitistas. A participação do PAN na aliança foi criticada por alguns dissidentes da agremiação e principalmente pelo Partido Revolucionário Democrático (PRD), oposição de esquerda, que acusou o PAN de abandonar sua luta de mais de 50 anos pela democracia.

"Essa aliança é um sintoma da atual fraqueza do PAN, que costumava opor-se ferrenhamente ao PRI", diagnosticou o motorista de táxi Eloy Vicente López, simpatizante do partido governamental.

Um efeito imediato da aprovação da reforma eleitoral foi o isolamento do PRD, organização formada em 1987 por dissidentes do PRI e que na eleição presidencial do ano passado superou o PAN em número de votos, tornando-se a segunda força eleitoral do México. A aliança no Congresso mostra que o PAN está deixando a postura oposicionista para adotar uma de colaboração com o governo.

Reformas — Esse novo alinhamento de forças abre caminho para o governo implementar reformas que aprofundarão a liberalização da economia mexicana. Atualmente o PAN é dirigido por agressivos empresários que compartilham das mesmas prioridades econômicas do governo Salinas de Gortari: reduzir o papel do Estado na economia, aumentar o investimento privado e estrangeiro, liberalizar o comércio e criar uma economia voltada para a exportação.

Uma reforma das leis trabalhistas será o próximo projeto da aliança PRI-PAN, afirma o ex-deputado do PRD Graco Ramírez. Tanto funcionários do governo quanto os líderes do PAN são a favor de uma nova legislação que reduziria o controle dos sindicatos sobre as demissões, diminuiria as restrições à inovação tecnológica e estabeleceria uma escala de salários.

Nos círculos oficiais, a reforma eleitoral foi saudada como o início da transição para um sistema bipartidário, mas os críticos do PRI não concordam. Um professor da Universidade Autônoma do México caracterizou esse *sistema bipartidário* como uma competição entre o partido da Coca-Cola e o partido da Pepsi-Cola. Políticos e analistas de todas as tendências condenaram a reforma eleitoral, considerando que ela reforçou o controle do PRI e um passo atrás no maior pluralismo político prometido por Salinas de Gortari.

Um ponto polêmico da lei é a chamada "cláusula da governabilidade", segundo a qual o partido que conquistar 35% dos votos nas eleições para o Congresso nacional receberá mais de 50% das cadeiras, através de um sistema de representação proporcional. "Mais do que a governabilidade, essa cláusula permite a dominação", escreveu Raúl Trejo, um intelectual próximo ao governo de Salinas, no jornal oficial *El Nacional*.

Além disso, a reforma eleitoral não inclui suficientes garantias para a realização de eleições limpas nem permite que todos os partidos concorram nas mesmas bases. Os candidatos do PRI continuarão tendo acesso a verbas públicas e nada garante o igual acesso dos partidos aos meios de comunicação. "As contrareformas de 1989 objetivam fortalecer o presidencialismo e o sistema de virtual partido único no poder. São um cheque em branco do PAN para o regime", escreveu o historiador Luis Javiér Garrido no jornal liberal *La Jornada*.

Policial negro vive um dilema na política da África do Sul

Scott Kraft
Los Angeles

MITCHELL'S PLAIN, África do Sul — Gregory Rockman, tenente da odiada Polícia Sul-Africana, estava comprando leite um dia desses, quando ouviu o vendedor e um freguês sussurrando seu nome. Alguns minutos depois, cerca de 150 ativistas jovens estavam reunidos, esperando-o na rua do distrito negro. Mas não era para hostilizá-lo, e sim para ouvir sua palavra, apertar sua mão.

"É impressionante", dizia ele depois. "As pessoas me reconhecem e me aplaudem onde quer que eu vá."

Não é uma coisa comum. Policiais negros e mestiços - o tenete é mestiço — são geralmente desprezados nos bairros negros da África do Sul, que os identificam como instrumentos da opressão branca.

Mas Rockman também não é um homem comum. Há algumas semanas, arriscou o emprego e a vida, descrevendo como alguns oficiais de polícia, seus colegas, provocaram distúrbios num distrito negro, ao espancar manifestantes pacíficos e espectadores inocentes.

A acusação, sem precedente nas fileiras da polícia, levou à barra do tribunal na Cidade do Cabo um major e um tenente brancos do esquadrão antimotim, acusados de agressão por terem ordenado à polícia a usar chicotes e cassetetes "de maneira ilegal" contra manifestantes. Em seu depoimento, Rockman, principal testemunha de acusação, disse que os homens se portaram como "cães raivosos". O juiz achou a conduta dos oficiais "não somente ilegal como extremamente repreensível", mas depois os absolveu, dizendo que eles não "se identificaram conscientemente" com os atos dos seus subordinados.

Mas a acusação de Rockman ultrapassou os limites do tribunal e contribuiu para forçar o governo a mudar de atitude. Poucos dias depois que ele botou a boca no mundo, a África do Sul proibiu a polícia de usar chicotes e declarou não fazer objeção a "protestos pacíficos e ordeiros", abrindo assim caminho às passeatas anti*apartheid* que milhares de ativistas passaram a fazer no país inteiro.

Protesto — No dia 5 de setembro, Rockman, 30 anos, casado, pai de dois filhos, ouviu o rádio da polícia informar sobre um protesto na praça da cidade. E seguiu para lá, achando que poderia resolver as coisas antes da chegada da unidade antidistúrbio. No local, havia cerca de 30 estudantes, cantando e portando cartazes que exigiam a libertação de ativistas detidos pela polícia. Rockman negociou com eles, argumentou que a reunião era ilegal e deu-lhes 20 minutos para concluírem a manifestação e se dispersarem.

Pouco depois, chegava ao local uma equipe antimotim com seis policiais brancos. Rockman mandou que recuassem. Um segundo esquadrão avançou de outro canto da praça e começou a espancar os manifestantes. Novamente, Rockman interveio, ordenando a retirada da polícia. Mas quando, 20 minutos depois, os estudantes começavam a sair, duas dezenas de oficias brancos atacaram.

"Estavam tão ansiosos para pegá-los que tropeçavam uns nos outros", conta Rockman. "Pareciam um bando de cães raivosos, atacando o povo." Segundo Rockman, até pessoas que faziam compras ou esperavam o ônibus foram atacadas pelos policiais.

Ameaçado de prisão por um major, Rockman foi levado à presença do general comandante da Polícia na Cidade do Cabo. "Mesmo na força policial, existe a opressão, a dominação branca. Nós, os negros e mestiços, somos pessoas de segunda classe."

No dia seguinte, durante as eleições parlamentares nacionais, ele contou a história a um repórter. "Temos regulamentos que nos obrigam a ficar de boca fechada", diz. "Mas eu estava farto, parecia que ia explodir. Jamais teria paz em meu coração, se não tivesse falado."

Pressionado pela opinião pública, o ministro da Lei e da Ordem Adriaan Vlok mandou abrir inquérito sobre as alegadas agressões e mortes cometidas pela polícia. Esta, por sua vez, abriu sindicância sobre Rockman, que teria violado os regulamentos policiais, ao dar entrevista a jornalistas.

Rockman tinha 18 anos quando entrou para a força policial da nação. Seu pai tentou dissuadi-lo. Os policiais negros e mestiços na África do Sul têm sido alvo dos guerrilheiros anti*apartheid*. Nos últimos cinco anos, já foram atacadas a bombas casas de mais de 1.500 oficiais. Muitos foram mortos.

Mas Rockman, que odeia o *apartheid*, achou que valia a pena. "Eu queria servir à minha comunidade como protetor — e não desempenhar o papel de opressor."

Hoje, apesar de, com sua coragem, ter atraído a ira dos brancos direitistas, incluindo policiais, e de ter recebido várias ameaças anônimas de morte, ele sabe que valeu a pena. "Preocupo-me com minha família, mas, que posso fazer? Alguém tem de estar preparado para o sacrifício", concluiu.

3º GRANDE LEILÃO DE AGILIZAÇÃO DA CARTEIRA DE IMÓVEIS RECEBIDOS EM DAÇÃO DE PAGAMENTO DO GRUPO ECONÔMICO E EX-AGÊNCIAS, IMÓVEIS RURAIS (GLEBAS DE TERRA E FAZENDAS), TERRENOS DE LAZER, CASAS, APTOS. E SALAS COMERCIAIS (ANDARES INTEIROS)

DIA: 8 DE NOVEMBRO DE 1989 ÀS 9:30 HORAS - LOCAL: AV. PRESIDENTE VARGAS, 598 CEDEPE DO ECONÔMICO - (AUDITÓRIO) ONDINA AO LADO DO ONDINA PRAIA HOTEL - SALVADOR (BA)
VISITAÇÃO: INFORMAÇÕES PELO TELEFONE: (071) 254-1823 C/SR. KLEBER FREITAS OU (011) 531-5599 SR. MOACYR

IMÓVEIS NO ESTADO DA BAHIA (BA)
CAPITAL:

SALVADOR (BA): PREDIO COMERCIAL NO CENTRO - Praça Marechal Deodoro, 08 - Centro Comercial e Bancario da Cidade Baixa - Terreno (foreiro de Marinha) com aprox. 130m² e 700m² de constr. Registro nº 12.523 CRI de Salvador - 4º Oficio de 09.05.85 - Estrutura de concreto armado servido por um elevador e escada, pavimento terreo, sobreloja e seis pavimentos. Sem vaga de garagem.

SALVADOR (BA): LOJA - EX-AGÊNCIA PITUBA PARQUE CENTER - Av. Antonio Carlos Magalhães, 1034 - Loja 9A e 10A - área total + mezanino 101m² á. priv. 54m², garagens nº 101 e 130 área total 28,00m² á. priv. 20,00m². Matric. 2.955 e 2.956 - 6º Oficio - CRI de Salvador. Localização excelente, bairro nobre, melhor valorização de Salvador. Localizado em Shopping de maior poder aquisitivo.

SALVADOR (BA): LOJA - EX-AGÊNCIA MERCÊS - Av. Sete de Setembro, 1009 - área de terreno 361m² - pavimento terreo 310m² - pavimento superior 225m². Matric. 2.234 CRI de Salvador 5º Oficio - Localizada na Zona Central do Comércio, bom acabamento. OBS.: Averbação da incorporação em andamento.

SALVADOR (BA): LOJA - EX-AGÊNCIA NORDESTE DE AMARALINA - Rua do Norte, 109 - área do terreno 172,50m², constr. 218,00m². Matric. 28.281 - 3º Oficio - CRI de Salvador. Bairro populoso comercial e residencial.

SALVADOR (BA): 9 SALAS COMERCIAIS - EDIFICIO SERRAVALLE - Rua Barão de Cotegipe, 36 - Calçada - **SALA** 201 c/48,60m² (á. priv.), **SALA** 204 c/49,20m² (á. priv.), **SALA** 205 c/49,20m² (á. priv.), **SALA** 206 c/100,10m² (á. priv.), **SALA** 209 c/43,80m² (á. priv.), **SALA** 214 c/105,50m² (á. priv.), **SALA** 215 c/49,20m² (á. priv.), **SALA** 216 c/49,20m² (á. priv.), **SALA** 217 c/49,20m² (á. priv.). Matric. 10.214, 10.217, 10.218, 10.219, 10.222, 10.226, 10.227, 10.228 e 10.229 - Localizado no Bairro Comercial da Calçada, sem vaga de garagem, em frente a Rede Ferroviária Leste Brasileira.

SALVADOR (BA): 5 SALAS COMERCIAIS NO CENTRO - Edificio Orixás Center - Rua Clovis Spinola - esquina c/o Viadutó do Politeama. Pavimento A lojas 19 a 23 do Edif. comercial e residencial. Área privativa total de 295,97m². Matric. 9.003, 3.685, 3.686, 3.687, 3.688 CRI de Salvador - 1º e 4º Oficio.

SALVADOR (BA): 3 ANDARES COMERCIAIS NO EDIF. LINCOLN - Rua Lopes Cardoso, 39/41 - Comércio - 9º andar 193,91m² á. total, (escritura em fase de registro) - 10º andar 193,91m² á. total. Matric. 16.749 - 4º Oficio CRI de Salvador - BA - 11º andar 170,31m² á. total. Matric. 16.749 - 4º Oficio de Salvador - BA. Centro Comercial e Bancario da Cidade Baixa, edificio composto de 11 andares, servido por 02 elevadores e escadas. Sem vaga de garagem.

SALVADOR (BA): 3 SALAS COMERCIAIS NO CENTRO - Edificio Augusto Borges - sito à Rua Visconde do Rosário, 03 no Centro Comercial e Bancário da Cidade Baixa - Salas 807, 808 e 810. Matric. 6.646, 6.639 e 6.640 CRI 4º Oficio. Ocupadas (aluguel vencido em 14.09.89), terreno de Marinha. Areas privativas: salas 807 c/41,71m², sala 808 c/23,53m², sala 810 c/41,95m². Sem vaga de garagem.

SALVADOR (BA): 01 ANDAR COMERCIAL NO CENTRO - Edificio Pernambuco - 1º andar - Rua Cons. Dantas, 05. Andar comercial c/198,00m² de área total e 113,10m² de área privativa. Edificio de 11 andares e loja no pavimento térreo servido por 02 elevadores sem vaga de garagem, no centro comercial da Cidade Baixa - terreno de marinha - Escritura de Incorporação - Registro nº 12.495 - Livro 3F - 3º Oficio de Reg. de Imóveis - Com recurso referente a taxas de ocupação no SPU.

SALVADOR (BA): 2 SALAS COMERCIAIS (UNIFICADAS) EDIF. EXECUTIVE CENTER - Av. Vasco da Gama, s/nº. Lojas A 1 e B 1 unificadas com 555,00m² (á. priv.) e 582,00m² (á. total), sem garagem. Registro 58.067 e 58.068 de 18.11.89 CRI de Salvador - BA - Sujeita a re-ratificação da área construida.

SALVADOR (BA): APARTAMENTO 3 DORMTS. - EDIFÍCIO COLINA DO VALE - Av. Centenário, 509 apto. 1.103 - Sala, jardim de inverno, circulação, 03 quartos, 01 sanitário social, cozinha, área de serviço, qto. e sanitário de empregada c/01 vaga de garagem e 93,22m² de área constr., 79,66m² de área privativa. Matric. 4/M 17.392 CRI de Salvador - 1º Oficio. (Ocupado).

SALVADOR (BA): 3 APARTAMENTOS RESIDENCIAIS C/2 DORMTS. CADA - COND. ARRAIAL DAS BARREIRAS - CABULA - Bloco "N" apto. 001 - Edif. Orquidea - 01 sala, 02 quartos, sanitário social, cozinha, área de serviço, qto. e sanitário de empregada, 67,57m² á. priv., 79,91m² á. total, prédio composto de 04 pavimentos, 02 aptos. por andar. Matric. 42.313 CRI de Salvador - 2º Oficio. Bloco "O" aptos. 001 e 002 Edif. Flór de Cactos - 1 sala, 2 quartos, sanitário social, cozinha, á. de serviço, qto. e sanitário de empregada c/67,57m² (á. priv.), 79,91m² (á. total), cada apto. Prédio composto de 4 pavimentos, 2 aptos. por andar. Matric. 48.893 e 47.688 CRI - 2º Oficio.

SALVADOR (BA): 3 LOTES C/TOTAL DE 3.192,00M² ILHA DE ITAPARICA - LAGOA DOURADA - Lote 01 Quadra 01 c/967,00m² - Lote 02 Quadra 01 c/1.011,00m² - Lote 09 Quadra 02 c/1.214,00m². Matric. 4.728 CRI de Itaparica - BA - Loteamento próximo ao Mediterranee, alto nivel, com infra-estrutura. Foreiros ao dominio da União.

SALVADOR (BA): 02 GLEBAS DE TERRA C/ 81.318,50M² - Gleba setor II c/ 37.991,50m² e Gleba setor III c/43.327,00m² denominado Periperi, zona residencial. Acesso pela Rua das Pedrinhas, 09 - subúrbio. Matric. 33.928 e 33.929 CRI de Salvador - BA. Cartório do 2º Oficio de Reg. de Imóveis.

SALVADOR (BA): TERRENO COM 19.732M² - Av. Paralela sentido Aeroporto/Rodoviária, próximo ao Conjunto Trobogy Mocambo. Matric. 39.085 - 2º Oficio CRI da Capital.

SALVADOR (BA): TERRENO COM 3.088,15M² - Av. Paralela sentido Aeroporto/Rodoviária, próximo ao Conjunto Trobogy Mocambo. Matric. 39.084 - 2º Oficio Reg. de Imóveis de Salvador - BA.

OUTRAS LOCALIDADES:
IMÓVEIS URBANOS

CAMAÇARI (BA): 21 LOTES DE 909,00M² A 2.140,00M² CADA - COND. PARQUE INTERLAGOS - Lote 03 c/1.575m², Lote 06 c/1.410m² e Lote 07 c/1.281m² Quadra 01 / Lote 02 c/1.544m², Lote 06 c/1.550m², Lote 10 c/1.556m², Lote 14 c/2.140m² e Lote 16 c/1.405m² da Quadra 02 / Lote 07 c/1.149m², Lote 08 c/1.037m² e Lote 09 c/1.193m² da Quadra 03 / Lote 08 c/1.380m² Quadra 04 / Lote 04 c/1.275m², Lote 09 c/970m², Lote 10 c/1.050m² e Lote 19 c/1.520m² da Quadra 05, Lote 06 c/909m², Lote 08 c/1.140m², Lote 17 c/1.969m², Lote 07 c/1.010m² e Lote 16 c/1.845m² todos da Quadra 06. Registros nºs. 13.281 e 13.282 do Livro 3 CRI de Mata do São João e Matric. 6.748 CRI de Camaçari- BA - Loteamento Parque Interlagos, Classe A com total infra-estrutura e segurança, sito na Estrada do Côco na altura do Km. 30 do lado da Praia, Municipio de Camaçari - BA.

CAMAÇARI (BA): CHÁCARA COM 19.535,00M² - CHÁCARA SÃO JOSÉ - situada à Av. Ponciano de Oliveira, s/nº, frente da Estação Rodoviária no Centro Comercial da Cidade de Camaçari - BRA. Matric. 4.242 - CRI de Mata de São João - BA.

FEIRA DE SANTANA (BA): 11 SALAS COMERCIAIS - EDIF. ANA MULLER FALCÃO - Av. Getulio Vargas, 159 - **SALA** 203 c/28m² de á. priv. (alugada até 19.10.89, foreiro, s/garagem) / **SALA** 204 c/28m² de á. priv. (ação despejo em andamento, foreiro, s/garagem) / **SALA** 305 c/27,77m² de á. priv. (alugada até 31.12.89, foreiro, s/garagem) / **SALA** 306 c/27,77m² de á. priv., (alugada até 04.10.89, foreiro, s/garagem) / **SALA** 407 c/28m² de á. priv. (desocupada, foreiro, s/garagem) / **SALA** 507 c/28m² de á. priv. (alugada até 18.09.89, foreiro, s/garagem) / **SALA** 205 c/27,72m² á. priv. (alugada até 04.12.89, foreiro, s/garagem) / **SALA** 604 c/28m² á. priv., (ação despejo em andamento, foreiro, s/garagem) / **SALA** 702 c/28m² á. priv., (alugada até 30.08.90, foreiro, s/garagem) / **SALA** 703 c/28m² á. priv., (alugada até 30.08.90, foreiro, s/garagem) / **SALA** 704 c/28m² á. priv. (alugada até 30.08.90, foreiro, s/garagem). Matric. 22.650 e 22.651 CRI - 1º Oficio de Feira de Santana - BA.

FEIRA DE SANTANA (BA): TERRENO COM 4.875M² - Rua Nova York, s/nº - esquina com a Av. Getulio Vargas e Mal. Castelo Branco. matric. 5.583 CRI - 2º Oficio de Feira de Santana - BA.

ITABUNA (BA): LOJA COMERCIAL COM 151,84M² - Situado na Rua Querubim Oliveira, 03 - Bairro de Pontalzinho. Matric. 16.053 CRI - 2º Oficio de Itabuna - BA. OBS.: Ocupado por inquilino, ação de despejo em andamento.

ITABUNA (BA): LOJA COMERCIAL COM 120,00M² - Situado na Rua da Republica, 26 - Bairro de Pontalzinho. Matric. 16.053 CRI - 2º Oficio de Itabuna - BA.

ITABUNA (BA): TERRENO COM 1.050M² - Situado no Bairro de Jaçana, Zona Burundanga. Matric. 6.828 CRI - 2º Oficio de Itabuna - BA.

ITAPEBÍ (BA): EX-AGÊNCIA - Av. 28 de Setembro, 143 - Área de terreno 112,00m² do dominio do Estado e área constr. 162,00m². Transcrição e Registro nº 1.765 no CRI de Belmonte - BA.

ITANAGRA (BA): GLEBA COM 296.074M² SÍTIO DAS CACHOEIRAS - Gleba equivalente a 53 lotes, sem infra-estrutura. Matric. 9.710 CRI de Mata de São João - BA.

JUAZEIRO (BA): 08 LOTES NO LOTEAMENTO ITAJUBA - Lotes 08 à 11 e 19 à 22 da Quadra H, localizados no Bairro de Piranga, com 200,00m² cada lote. Matric. R-4 - 7.635 CRI de Juazeiro - BA - Sem infra-estrutura (imóvel foreiro).

JUAZEIRO (BA): 2 LOTES COM TOTAL DE 400,00M² - LOTEAMENTO JARDIM FLORIDA - Lotes 203 e 204 Quadra 28, localizado no Bairro de Piranga, sem infra-estrutura, cada c/200,00m². Matric. 11.870 CRI de Juazeiro - BA.

JUAZEIRO (BA): TERRENO COM 1.800,00M² - PIRANGA - Matric. 11.869 - CRI de Juazeiro - BA (Foreiro).

RUY BARBOSA (BA): TERRENO URBANO C/ 561,00M² - Rua Cel. Adalberto Ribeiro Sampaio, 264. Matric. 1.711-A - CRI de Ruy Barbosa - BA. - Ótima localização.

WENCESLAU GUIMARÃES (BA): EX-AGÊNCIA - Rua Santo Antonio, 39, área construida 98,96m². Registro nº 2/2.178 CRI de Gandú - BA - Distante 360 Km. pela BR 101 da Capital e a 6 Km. da Cidade de Gandú.

IMÓVEIS RURAIS:

BARRA (BA): FAZENDA COM 6.200,00 HA. FAZENDA VENTURA - Imóvel com benfeitorias e casas. Plantio de forrageiras e carnaubeiras. Registro no Livro 02, fls. 236V e 237V. Matric. 140 Cartório de Registro de Imóveis de Barra - BA - INCRA 303.001.000.744-0

BELMONTE (BA): ÁREA COM 55,30 HA. - Conjunto de 03 fazendas "Bom Jesus da Lapa", Gouveia e Jundiai. Registradas no Cartório de Registro de Imóveis de Belmonte - BA sob nº 2035 (mat. da Jundiai), Livro 1-A, fls. 182V - INCRA 324.051.303.569-3 - Fica a margem do Rio Jequitinhonha, com diversas benfeitorias. Plantio de Cacau (27 ha.).

BELMONTE (BA): FAZENDA COM 18,80 HA. - Fazenda Araras - Benfeitorias: Plantio de cacau, casa, viveiro, matric. 2.037 - Registrada no Cartório de Registro de Imóveis de Belmonte - BA. - INCR 324.051.303.569-3

BELMONTE (BA): AREA COM 21,13 HA. - Conjunto de 02 fazendas "Niteroi I e II e Batatais". Registrada no Cart. de Reg. de Imóveis de Belmonte - BA. Matric. 2.036 (Niteroi) e 2.038 (Batatais) INCRA 324.061.303.569-3 - Fazenda com diversas benfeitorias para cultivo de cacau. Produção: 650 arrobas.

BREJÕES (BA): ÁREA COM 872,00 HA. - Fazenda Barriguda e Bahia - Fazenda de pecuária, com diversas benfeitorias. Registrada no Livro 02-B, fls. 166 - Matric. 99 Cartório de Registro de Imóveis de Brejões - BA - INCRA 314.030.263.214-3

CASA NOVA (BA): ÁREA DE 219,00 HA - FAZENDA OLHO D'ÁGUA - Desmatada e cercada. Fica a margem do Lago de Sobradinho. Registrada no Livro 02-E, fls. 33V sob nº 4.106 Cartório de Registro de Imóveis de Casa Nova - BA - Invadido por ex-proprietário.

IRAJUBA (BA): FAZENDA COM 1.435,60 HA. - Fazenda Pedrão - Benfeitorias: casa sede, cada de trabalhador, energia elétrica, pastagens e cercas. Reg. no Livro 02-C, fls. 238V Cartório de Registro de Imóveis de Santa Inês - BA - INCRA 314.056.283.363-0 - Localizada a margem da BR 116, junto ao Povoado Pedrão.

JEQUIÉ (BA): ÁREA 539,80 HA. - Fazenda Santa Rita e Boa Fé. Registrada no Livro 2-C - Matric. 777 Cart. de Registro de Imóveis de Jequié - BA - A fazenda Santa Rita com 362,21 ha., está localizada em terrenos do estado. A posse é do Banco - INCRA 314.102.002.810-0 - Benfeitorias: Casa sede, casa de trabalhador, curral, cercas. Fica a margem da Barragem de Pedra.

WENCESLAU GUIMARÃES (BA): ÁREA 200,00 HA. FAZENDA VERDE VALE - Registrada no Livro nº 02, sob nº 1.723 Cartório de Registro de Imóveis de Gandú - BA - INCRA 324.280.011.614 - Imóvel sem benfeitorias - Acesso: Jaguaquara/Apoarema, 27 Km., segue a esquerda mais 04 Km. até Fazenda Umburana, daí mais 05 Km. a esquerda.

WENCESLAU GUIMARÃES (BA): ÁREA 200,00 HA. FAZENDA BOA VISTA - Registrada no Livro 02, fls. 400, sob nº 1.724 Cartório de Registro de Imóveis de Gandú - BA - INCRA 324.280.006.580 - Imóvel sem benfeitorias - Acesso: Jaguaquara/Apoarema, 27 Km. segue a esquerda mais 04 Km. ate a Fazenda Umburana, daí mais 05 Km. a esquerda.

WENCESLAU GUIMARÃES (BA): ÁREA 100,00 HA. - FAZENDA FORMOSA - Registrado no Livro 02, fls. 81/82 sob nº 11.190 Cartório de Registro de Imoveis de Gandú - BA - Imóvel sem benfeitorias - Acesso: Sto. Antonio/Teolândia/Ponte Rio Preto, dobra a direita p/Cocão, 18 Km. depois em direção a Serra dos Cócos, mais 21 Km. - INCRA 324.280.004.235

WENCESLAU GUIMARÃES (BA): ÁREA COM 30,00 HA - Fazenda Pedra do Nascente - Registrada no Livro sob nº 1.821, fls. 12 Cartório de Registro de Imóveis de Gandú - BA - Imóvel sem benfeitorias - Acesso: Jaguaquara/Apoarema, 27 Km., segue mais 09 Km.

IMOVEIS NO ESTADO DE SERGIPE (SE)

RIBEIRÓPOLIS (SE): EX-AGÊNCIA - Rua Frei Inocêncio, 53 - área do terreno 170,00m², área construida 160,00m². Matric. 3.782 CRI de Ribeirópolis - SE - OBS.: Construção não averbada.

MALHADOR (SE): 09 TAREFAS DE TERRAS NA FAZENDA SACO TORTO - Área sem benfeitorias. Reg. no Livro 2M, fls. 190. Matric. 4.690 Cartório de Imóveis de Riachuelo - SE - INCRA,265.055.000.327-7 - Invadida por ex-proprietário.

CONDIÇÕES DE VENDA DOS IMÓVEIS:

Os lotes serão vendidos "um a um", a quem maior lance oferecer, reservando-se ao Comitente-Vendedor o direito de liberar ou não o lote pelo maior preço alcançado. Fica reservado ao Comitente-Vendedor o direito de retirar, desdobrar ou reunir os imóveis em lotes, de acordo com seu critério ou necessidade, através do Leiloeiro. No ato da arrematação, o comprador pagará a vista a importância equivalente a 20% do valor do lance, a titulo de sinal, ao Comitente-Vendedor e mais 5% sobre o total arrematado como comissão do Leiloeiro (em cheques separados), sendo que os 80% restantes deverão ser pagos em CHEQUE ADMINISTRATIVO, no ato da assinatura do respectivo Instrumento Particular de cessão de direitos quitados até 15 dias corridos da data da realização do Leilão, no escritório do Comitente-Vendedor, quando será dada a posse dos imóveis. O vendedor terá após a data da realização do Leilão o prazo de 60 dias úteis para lavrar o Instrumento Aquisitivo. Os imóveis se encontram livres e desembaraçados de quaisquer ônus ou encargos, respondendo o Comitente-Vendedor pela evicção dos mesmo. No ato do recebimento do Instrumento Aquisitivo serão fornecidos ao comprador Certidão Negativa de Ônus, Certidão Negativa do IAPAS e de Débitos Municipais. Fica esclarecido que outras Certidões e documentos que porventura venham a ser exigidos pelos compradores, correrão por conta dos mesmos, não sendo de forma alguma impeditivo para o pagamento no prazo estipulado. Decorrido o prazo para o recebimento do Instrumento Particular de cessão de direitos quitados até 15 dias, e não sendo o mesmo firmado pelo arrematante por culpa sua, perderá ele os valores pagos em favor do Comitente-Vendedor. No ato do pagamento de 20% de sinal, tendo o mesmo sido efetuado através de cheque, deverá o comprador aguardar a devida compensação para retirar junto ao Leiloeiro o recibo de venda do imóvel adquirido, documento este hábil para receber o Instrumento Aquisitivo. Após o pagamento do sinal, o comprador deverá apresentar-se ao Banco para entendimento com relação a data e hora do pagamento complementar pelos telefones (071) 254-1823 c/Sr. Kleber Freitas. Os Instrumentos Aquisitivos serão outorgados em Tabelião indicado pelo Comitente-Vendedor, sendo que as despesas com Cartório, SISA e Registro correrão por conta do comprador. Nos imóveis com inquilinos, todos os encargos para sua liberação (inclusive judiciários), posse ou adjudicação correrão por conta dos compradores. Os imóveis serão vendidos "AD CORPUS" e os arrematantes não poderão alegar desconhecimento das condições do Leilão e características dos imóveis adquiridos. As demais condições obedecerão ao que determina o Decreto Federal nº 21.981 de 19 de outubro de 1932 com as alterações introduzidas pelo Decreto Lei nº 22.427 de 1º de fevereiro de 1933, que regula a profissão do Leiloeiro Oficial.

CONDIÇÕES ESPECIAIS DE FINANCIAMENTO:

Os imóveis arrematados por valor superior à /NCz$ 300.000,00 (Trezentos mil cruzados novos), poderão ser financiados nas seguintes condições: 30% de sinal + 5% sobre o total do bem arrematado como comissão do Leiloeiro, e os 70% restantes em 9 parcelas iguais e sucessivas vencendo-se a cada 30 dias acrescidas do valor da BTN do mês e juros de 12% ao ano. Os Instrumentos Aquisitivos serão hipotecados à favor do Comitente-Vendedor até o pagamento final.

SERÃO ACEITOS LANCES VIA CARTA, TELEX, TELEFAX, CONSTANDO NOME, ENDEREÇO, TELEFONE, CIC E RG, ATÉ 24 HORAS ANTES DO LEILÃO PARA O SEGUINTE ENDEREÇO:
RUA GOMES DE CARVALHO, 1629 - V. OLÍMPIA - SP. CEP. 04547 - TELEX (11) 38.468 RMLO BR - TELEFAX (011) 240-8383 OU TEL: (011) 531-5599
O LEILÃO CONTARÁ COM A ASSESSORIA DO ESCRITÓRIO RONALDO MILAN LEILOEIRO OFICIAL E RURAL EM SÃO PAULO

MAIORES INFORMAÇÕES: Pelos Telefones: (071) 254-1823 c/Sr. Kleber Freitas ou (011) 531-5599 c/Sr. Moacyr

INFORME/Internacional

Gide na URSS

Mais uma conquista da *glasnost* no campo literário. Acaba de ser publicado em Leningrado *Retour de l'URSS*, obra do francês André Gide (foto), que relata o desapontamento do escritor comunista com a URSS de Stálin. Exaltado como *gênio* pelo PC francês, Gide foi convidado pelo governo soviético a conhecer a URSS, nos anos 30. Sua decepção, retratada em livro, valeu-lhe o tratamento de *renegado* por parte dos raivosos stalinistas franceses. O PC passou então a atacá-lo de todas as formas, inclusive utilizando seu homossexualismo para *provar a degradação moral* de Gide. *Retour de l'URSS* foi publicado pela revista *Zvezda* (*Estrela*).

Papa-defuntos

A grande atração da 108ª reunião dos 3 mil membros da Associação Americana de Agentes Funerários foi um caixão em forma de sarcófago de faraós egípcios lançado no mercado por um *papa-defuntos* de Baltimore. O caixão leva três anos para ser construído, é todo revestido em ouro folhado, tem a esfinge do faraó Tutancamon na tampa e custa ao interessado a bagatela de US$ 7,350.00 (quase NCz$ 90.000,00 no paralelo). Quem pagar a vista ganha de brinde um enterro de luxo, com direito a música ao vivo no velório e transporte até o cemitério num Cadillac funerário do ano.

■ ■ ■

Primeira-dama

Barbara Bush (foto), a primeira dama dos Estados Unidos começa a surgir como um poder autônomo dentro da Casa Branca. Ela faz o gênero avó, por causa de seus impecáveis cabelos brancos e sua presença constante entre crianças. Há dias em Nova Iorque, Barbara mostrou a sua independência em relação ao marido ao afirmar num discurso informal que o presidente nunca deu palpites no que ela deveria fazer ou dizer. E foi ainda mais longe: "Ele nem se atreveria". Barbara já tem hoje entre os americanos uma popularidade quase tão grande quanto a do seu marido.

Montoneros

Quinze anos depois de ter organizado o mais rendoso seqüestro já realizado no mundo, o ex-líder **montonero** argentino, Rodolfo Galimperti, 42 anos, encontrou-se novamente com Jorge Born, mantido em cativeiro durante seis meses pelos guerrilheiros peronistas. O encontro foi no dia 12 deste mês, cercado de todo o sigilo e ocorreu num dos salões do hotel Lancaster, em Buenos Aires, na presença de uma única testemunha. Durante quase três horas o ex-chefe dos seqüestradores e o homem mais rico da Argentina trocaram amabilidades, recordações e juras de amor à redemocratização do país. O encontro ocorreu no momento em que circulam informações de que mais da metade dos US$ 60 milhões pagos em resgate em 1974, saíram da Argentina para Havana, numa mala diplomática cubana. O dinheiro estaria até hoje em Cuba, sob a vigilância pessoal de Fidel Castro. Antes de se despedirem, marcando um novo encontro, Galimperti perguntou a Jorge Born se ele tinha recebido de volta um relógio Rolex de ouro que tinha no pulso, na hora do seqüestro. Born, que é um dos donos da multinacional Bunge y Born disse que não, ao que o ex-guerrilheiro acrescentou: "Fique tranqüilo que vou comprar um igual e lhe mando entregar".

Sindicato militar

A glásnost chegou ao Exército Vermelho, com a criação do primeiro sindicato militar autônomo. O Shchit, que em português quer dizer escudo, é formado por 500 oficiais da ativa e da reserva, a maioria deles coronéis e quase todos insatisfeitos com a desmobilização de quase 500 mil homens imposta por Gorbachev ao Exército Vermelho, no ano passado. O Comando Supremo do Exército soviético não gostou nada da decisão dos sindicalistas militares, acusando-os de subversivos, mas disse que não fará nada para impedir que eles continuem se reunindo. A tranqüilidade do Alto Comando tem sua razão: os membros do Shchit formam uma fração mínima dos cinco milhões de homens do Exército Vermelho.

Nova moeda

A Estônia, uma das repúblicas bálticas da URSS, resolveu tocar por conta própria a sua reforma monetária para substituir o rublo soviético pela sua própria moeda. As autoridades locais começaram a emitir certificados de vários valores que já estão sendo usados inclusive para pagar funcionários públicos. Os certificados começaram a circular um ano antes da entrada em vigor da autogestão econômica na Letônia, Estônia e Lituânia. Nesta última, já foram reintroduzidos os feriados religiosos de finados e natal, que em todo o resto da URSS são dias comuns de trabalho.

Loma Prieta

Não deve passar de 80 o número total de mortos no terremoto, apelidado de *Loma Prieta*, em San Francisco na semana passada. A lista oficial de vítimas contém 65 nomes, mas há desaparecidos ainda não localizados, principalmente entre os escombros do elevado Nimitz. Para um terremoto de 7.1 graus na escala Richter, o número de mortos foi considerado espantosamente baixo contrariando todas as previsões feitas por jornais e agências de notícias, que davam o total de vítimas entre 270 a 400. Na Armênia, no ano passado, um terremoto de 6.9 graus Richter matou 60 mil pessoas.

'Free shopping'

O aeroporto de Honolulu bateu todos os recordes de faturamento entre as lojas **free shops** (sem impostos) em todo o mundo, com um total de quase meio bilhão de dólares em vendas no ano passado. Em segundo lugar estão os aeroportos de Londres (Heathrow) e Hong Kong, com um faturamento de US$ 220 milhões. No mundo inteiro, as **free shops** venderam em 1988 um total de US$ 12 bilhões, dos quais US$ 3,7 bilhões em bebidas alcoólicas, US$ 2,7 bilhões em perfumes e US$ 2,7 bilhões em cigarros e charutos. Os restantes US$ 2,9 bilhões incluem aparelhos eletrônicos, relógios e brinquedos.

■ ■ ■

Chuva de recordes

A edição 1990 do *Guinness Book of World Records* (foto) acrescenta três mil novos recordes registrados no ano passado, quando o almanaque vendeu 60 milhões de exemplares em 35 idiomas. Entre os novos recordes estão: o novo mais alto salário do mundo (US$ 500 milhões, pagos pela corretora americana Drexel ao operador Michael Milken); a maior gorjeta (US$ 53 milhões, recebida pelo executivo F. Ross Johnson para deixar a presidência da multinacional americana RJR Nabisco); o 27º casamento do ex-pastor batista Glynn Wolfe que tem 41 filhos; e a persistência da inglesa Git Hayes, que só conseguiu sua carteira de motorista no 48º exame. O almanaque de 310 páginas e que é publicado anualmente desde 1955, contém ainda outras marcas curiosas: o americano Joe Ponder conseguiu erguer uma abóbora de quase 300 quilos a uma altura de 9 centímetros; o português Antônio dos Santos ficou 15 horas, 2 minutos e 55 segundos imóvel em pé num shopping center em Nazaré, Portugal; e o indiano Jugalchandra Kundu escreveu um poema de 437 caracteres hindus num grão de arroz. O *Guinness* foi criado para decidir discussões entre bêbados em pubs ingleses que vendem a cerveja preta Guinness.

Reagan

O ex-presidente Ronald Reagan (foto) foi durante seus oito anos de mandato um ferrenho defensor do nacionalismo econômico americano. Esta semana, em Tóquio, ele mudou radicalmente de posição, passando a defender a compra de empresas norte-americanas por japoneses. Para espanto de seus ex-colegas de Hollywood, Reagan elogiou a compra da Columbia Pictures pela Sony japonesa por US$ 2 bilhões. "Acho que Hollywood precisa de alguns estrangeiros para voltar aos bons tempos de decência e bom gosto", declarou o ex-presidente à TV japonesa. Reagan ganhou US$ 2 milhões pagos pela Fuji para fazer duas conferências em Tóquio, num momento em que as relações econômicas entre Japão e Estados Unidos estão cada vez mais azedas.

Carlos Castilho, com correspondentes

O farsante que enganou a França

O prisioneiro Roger Knobbelspiess, 42, acreditou intensamente no poder de fogo da esquerda francesa. Chegou até a ser anistiado por François Mitterrand em 81, depois de insistentes apelos de intelectuais. Contudo, sua prisão não está ligada a crimes políticos. Começou na semana passada seu julgamento por assaltos a mão armada e tentativa de assassinato, agora sem o apoio dos padrinhos ilustres.

A história desse filho de um limpador de chaminé alcoólatra começa em 1970. Preso, Roger escreve a várias personalidades pedindo ajuda para se livrar de uma pena de 15 anos, acusado de um assalto "que nunca havia cometido". Celebridades como o ator Yves Montand, o escritor Daniel Cohn-Bendit e filósofo Michel Foucault participaram da tentativa de libertar o pobre injustiçado. Na prisão, ele escreveu dois livros, elogiados pela crítica francesa e fundamentais no insólito processo de mobilização desses intelectuais.

Nas obras, Roger critica as condições dos presídios de segurança máxima, além de insistir na sua inocência. Consegue ser solto mas, em maio de 1981, após outro assalto, é novamente preso, vai a julgamento e recebe pena de cinco anos, mesmo sob entusiasmados aplausos da escritora Simone Signoret no tribunal. François Mitterrand, entretanto, liberta Roger com uma anistia concedida por decreto.

Membros da direita francesa viam, perplexos, fotos de jornais onde Roger aparecia ao lado de ninguém menos que o primeiro ministro Pierre Mauroy, brindando com champanhe sua libertação. Em 82, um ano e meio após o indulto, Roger envolve-se mais uma vez com o crime. Trocou tiros com a polícia num assalto a banco, voltou para a cadeia e, solto em 86 após novo julgamento, mas retornou à prisão. Desprestigiado pela esquerda após sucessivos retornos ao submundo, ele recorreu a uma dramática afirmação para tentar se explicar: "Vocês ainda não experimentaram o barulho das chaves trancando uma cela. Não vão me entender. Esse é o meu passado", disparou.

General conta em 4 volumes todos os crimes de Stálin

Luiz Recena

MOSCOU — Fisicamente Stálin morreu. Politicamente ainda não morreu, infelizmente. Historicamente, não vai morrer nunca, tantos são os rastros e outras marcas negativas deixadas por ele. Aos 60 anos, o general e historiador Dmitri Volkoganov pode dizer tranqüilamente essa frase na semana passada, no lançamento de seu livro *Triunfo e tragédia — um retrato político de J. Stálin.*

Enquanto seu biografado viveu e mandou na União Soviética, foi muito curto o período em que críticas assim poderiam ser feitas. Todas elas são do tempo em que ainda não assumira o poder total no país, o que só ocorreu alguns anos após a morte de Lênin, o fundador do Estado soviético, em 1924. Ditador absoluto, marcou a história do comunismo e a formação de muitos comunistas no Brasil e no mundo, que cegamente acreditavam e seguiam tudo o que dizia este autodenominado "guia dos povos", além de proibir toda e qualquer notícia sobre seus crimes.

Com quatro volumes e 300 mil exemplares na primeira tiragem, a obra de Volkoganov é a primeira obra séria e genuinamente soviética sobre o ditador comunista. Contém depoimentos, referências a conversas e entrevistas do personagem e, sobre ele, além de milhares de documentos, consultados em diversas e variadas fontes, civis ou militares, ou do próprio arquivo do autor, sem dúvida o melhor arquivo sobre Stálin existente no mundo, como apresenta, vangloriando-se, o general.

As vítimas de Stálin e do stalinismo contam-se hoje aos milhões e, quando começa-se a somar os que morreram, os que foram presos e torturados e os que foram ofendidos, perseguidos ou que sofreram constrangimentos de alguma ordem, o número passa atualmente dos 40 milhões. Maior e pior manifestação do que foi o stalinismo será impossível de ocorrer, diz o autor, também uma vítima do ditador. Os pais de Volkoganov morreram em campos de extermínio e ele foi criado em orfanatos, sem nunca deixar de ser um filho de "inimigos do povo", como eram batizados pela crueldade ditatorial os filhos dos dissidentes políticos.

Ainda no governo do ditador, Volkaganov fez os cursos militares e, depois da guerra, foi trabalhar no Departamento de Instrução Política do Exército Vermelho, no qual chegou a vice-chefe e de onde saiu há pouco mais de dois anos para escrever a grande biografia, editada pela agência Novosti. Volkoganov trabalhou muito perto de outro general soviético famoso, Epichev, criador e primeiro chefe do Departamento de Instrução Política do Exército e da Marinha. Epichev foi funcionário de Laurenti Beria, assessor direto de Stálin, chefe da polícia política e responsável direto por milhares de prisões e execuções durante o período stalinista.

Reprodução

Stálin massacrou 40 milhões

O escritor é o primeiro a informar que a proximidade de Beria não sujou nem a imagem nem o caráter de Epichev, que conseguiu sair muito limpo daqueles tempos de prostíbulo, como declarou na entrevista coletiva que marcou o lançamento do livro. Os soviéticos mais jovens não sabem do convívio de Epichev com Beria, pois essa informação não consta do seu verbete na enciclopédia da URSS. A enciclopédia, aliás, não traz sequer o nome de Laurenti Beria.

No livro de Volkoganov todos aparecem, além de outros nomes banidos por Stálin e mantidos no anonimato até bem pouco tempo, quando a *perestroika* começou a restabelecer o direito à informação na URSS e deu a conhecer aos soviéticos um pouco mais sobre sua verdadeira história. Assim, Bukharin, Kamenev, Trostki e tantos outros desfilam pelos quatro volumes da obra. O general anunciou, também, que seu próximo biografado será Leon Trotski.

Sobre o stalinismo e sua presença ainda hoje na União Soviética, Volkoganov diz que ele foi um fenômeno social e político, cujo reaparecimento, pelo menos do ponto de vista da teoria, não está totalmente excluído, embora na prática isso seja difícil de ocorrer. Para o autor da biografia, há dois caminhos para a União Soviética livrar-se definitivamente do stalinismo e de seus males: um processo educacional eficiente e livre, aliado a sensíveis e concretos avanços no campo do desenvolvimento econômico, que atinjam toda a população. Educação e progresso, para o autor, evitam a ditadura.

CARTA DE MOSCOU

Savoy, o paraíso dos estrangeiros

Dan Fisher
Los Angeles Times

Se pudesse ver o reformado Hotel Savoy de seu túmulo na Praça Vermelha, a algumas centenas de metros, o pai da Revolução soviética, Vladimir Lênin, sem dúvida se reviraria no caixão. O local dá novo significado ao termo *decadência burguesa* na capital do que se supõe ser o paraíso dos trabalhadores.

Não apenas por exibir uma meia dúzia de estátuas nuas no saguão, ou porque os garçons usem uniforme e o hotel tenha um cassino, o primeiro local onde o jogo é permitido na União Soviética. As características verdadeiramente revolucionárias para os que já se hospedaram em outros hotéis soviéticos são coisas como serviço de copa, secadores de cabelos embutidos nos banheiros e toalhas de banho fofas, macias, em vez dos panos de prato de tamanho grande que são a norma.

Produto de uma pioneira empresa mista desta era de reforma econômica, o Savoy — inaugurado oficialmente em 3 de outubro — pretende ser o local onde estrangeiros prósperos possam esquecer que se acham na terra de Lênin.

Como disse em entrevista o diretor-geral do hotel, Sergei Skobkin: "Construímos a imagem para esta casa de que o empresário não deve se sentir afastado de seus negócios depois de descer no aeroporto Sheremetyevo (de Moscou)."

No Savoy, ele pode assistir 24 horas por dia à programa do canal de televisão americano Cable *News Network (CNN)*, tomar um chope com amigos no *pub* de estilo britânico montado por um dos principais fabricantes de cerveja da Grã-Bretanha, e jantar lautamente num restaurante com murais e sancas folheadas a ouro e uma fonte de mármore que lembram a elegância da Viena do pré-guerra.

De certa forma, a INFA, a empresa mista finlandesa-soviética proprietária do hotel, está apenas tentando recriar a antiga glória do Savoy. O prédio, não muito distante do quartel-general do KGB, a polícia secreta soviética, na praça Dzerzhinsky, foi a residência de uma família russa aristocrática. Comprada por uma companhia de seguros local, foi depois ampliada e transformada num hotel de luxo chamado Savoy, pouco antes da Revolução de 1917.

Depois da ascensão do comunismo, a nova agência de turismo governamental, Intourist, assumiu o controle de suas instalações e em 1958 batizou-a de Hotel Berlim, em homenagem à capital da Alemanha Oriental.

No começo de 1987, a Intourist e a Finnair, a empresa aérea estatal finlandesa, formaram a INFA, como a primeira do que os reformadores econômicos soviéticos esperavam que fossem muitas firmas mistas. A INFA gastou US$ 16 milhões e mais de 18 meses para assumir e restaurar o hotel, restabeleceu seu nome original e em meados de agosto abriu suas portas em período de *soft opening*.

A gerência quer preparar gradualmente sua equipe para poder proporcionar a cerca de 150 hóspedes um "nível seguro de serviços", disse Skobkin, um russo designado pela Intourist para cuidar de sua participação (51%) no empreendimento.

As atividades comerciais soviéticas não se distingüem pelo bom serviço, sendo comumente vistas como uma traição do ideal de uma sociedade sem classes. Mas os proprietários do Savoy estão abertamente cortejando "os viajantes de alto nível", disse Skobkin. Para isso trouxeram até um especialista internacional em etiqueta e boas maneiras para, durante três semanas, instruir a equipe do hotel, desde o uso adequado de cosméticos a uma postura apropriada.

Num país há muito obcecado com gigantescos projetos de construções de todos os tipos, incluindo hotéis, o Savoy é pequeno. Skobkin é um crítico feroz desses "monstros de concreto que erguemos por toda a parte", e insiste em afirmar que pelo menos para um hotel não é possível ser "ao mesmo tempo grande e prestigioso".

Liberati

A INFA espera abrir outros hotéis de luxo pequenos no país em locais onde possa aproveitar prédios do passado pré-revolucionário. No momento está planejando restaurar um velho hotel de Kiev.

Por enquanto, pelo menos, Skobkin está pensando exlusivamente em termos de clientes estrangeiros e 80% dos apartamentos do hotel estão reservados para passageiros da Finnair. Os restantes devem ser reservados diretamente com a direção do hotel.

Rublos não são bem-vindos no Savoy, nem tampouco dólares ou marcos. O hotel só aceita cartões de crédito, em parte, segundo Skobkin, porque ajuda a reduzir a possibilidade de corrupção.

A diária de um apartamento vai do equivalente a US$ 100 para uma pessoa a US$ 550 por uma das quatro suítes de dois quartos do hotel. Um quarto para dois custa US$ 225 por noite, e um jantar típico para dois pode chegar a US$ 125. Os preços não são muito exagerados em comparação com os de hotéis menos elegantes de Moscou que atendem uma clientela estrangeira.

Até mesmo o cassino do Savoy — único na URSS e administrado pela Casino Amherst International, outra empresa finlandesa — lida exclusivamente com dinheiro plástico. Os jogadores são encorajados a comprar fichas com cartões de crédito e o dinheiro ganho é pago em eurocheque, que o hóspede felizardo pode descontar quando voltar para casa.

A existência de um hotel onde o dinheiro não tem vez, reforça a experiência surrealista que é sair do prédio por sua porta de vidro giratória com molduras de madeira. Na esquina, a poucos metros de todo esse luxo, o cidadão comum soviético, carregando sacolas de plástico, corre de loja em loja para completar os escassos produtos de sua cesta alimentar.

Enquanto isso, no Savoy, uma funcionária do centro comercial do hotel consulta na tela de um computador, preços de ações da Bolsa de Valores de Nova Iorque.

Decadência? Skobkin sorri e dá de ombros, lembrando o programa de reformas do presidente Mikhail Gorbachev. "Vivemos na *perestroika*", justifica.

Neo-religiões cobram caro e seduzem jovens japoneses

Mari Yamaguchi
AP

TÓQUIO — "Bem-vindos a esta casa", lêem os visitantes que ingressam num templo budista banhado a ouro no qual se destaca a estátua, vestida com um manto amarelo brilhante, do fundador vivo da religião.

Os jovens paroquianos, que usam xales longos e estreitos, caminham cerimoniosamente pelo vestíbulo. Outros contemplam em silêncio uma gravação de vídeo que mostra o fundador reiterando-lhes: "Você pode."

Trata-se do agon-shu, uma das muitas autoproclamadas neo-religiões que surgiram no Japão nas últimas décadas.

Seiuky Kiriyama, de 68 anos, o fundador do agon-shu, se converteu em abril no primeiro evangelista japonês a pregar via satélite. Seu sermão numa reunião mensal é televisionado através de um circuito de satélite privado — o canal Agon — para cerca de 30 templos em todo o país.

"Vocês só podem sobreviver e vencer nesta sociedade competitiva se aprenderem a aproveitar o poder psíquico e se livrar do demônio de suas almas", prega Kiriyama aos membros do grupo budista.

Felicidade — O agon-shu se baseia nos agon-sutras, os mais antigos ensinamentos de Buda. Foi formado há 11 anos e tem uns 300.000 seguidores, diz a porta-voz Hiroko Matsuo, de 29 anos, que se converteu quando era adolescente. Ela explica que metade dos fiéis tem entre 20 e 40 anos.

"As pessoas entram para o agon-shu para ser mais saudáveis, mais bem-sucedidas e mais felizes", diz. "Na realidade, já são ricas. Aqui elas desenvolvem um sentido de comunidade, e por ser esta a casa à que pertencem é que lhes digo bem-vindas quando entram no templo", acrescenta.

Para filiar-se a agon-shu se exige uma taxa de inscrição de 48.000 ienes (US$ 350) e uma mensalidade de 2.000 ienes (US$ 15). No momento em que um fiel recebe uma bênção deve pagar pelo menos 100.000 ienes (US$ 730).

Shigeru Nishiyama, professor de Sociologia na Universidade de Tóquio, diz que as neo-religiões em geral exigem muito dinheiro no começo devido à tendência dos fiéis de passar de uma seita para outra.

"Para torná-las mais acessíveis, salientam-se os milagres e a psicocinética em vez das teorias religiosas", declara.

Os jovens, em particular, se sentem atraídos por esses grupos. "Eles estão cansados da sociedade controlada em que vivem e buscam o desconhecido, o misterioso, para tornar suas vidas mais interessantes", explica Nishiyama.

Um exemplo citado por ele é uma religião chamada mahikari-kyo, que afirma que as pessoas podem curar doenças, pondo suas mãos sobre a fronte dos enfermos durante 10 a 15 minutos e transmitindo-lhes uma luz divina para purificar-lhes o corpo e a alma.

Os japoneses são há muito adeptos e criadores de religiões, e se se somarem os números de membros de cada religião, constata-se que cada japonês é membro de pelo menos duas religiões. Em 1988, as estatísticas do governo identificaram cerca de 230.000 grupos religiosos com pelo menos 210 milhões de seguidores. A população do país é de 122 milhões.

O maior grupo, com 110 milhões de seguidores, é o xintó, crença nacional considerada a religião comunitária do Japão. O budismo, chamada de religião familiar, tem 93 milhões de adeptos, o cristianismo 1,4 milhão, outras religiões, 1,1 milhão, e as neo-religiões cerca de 2 milhões.

Os eruditos divergem em suas definições dessas religiões novas. O Japão conheceu a primeira onda de novas religiões no final do século passado, depois que se viu forçado a sair de seu isolamento feudal e abrir-se às influências do mundo exterior. A segunda onda aconteceu em meados deste século, acelerada pela confusão após a desastrosa derrota japonesa na Segunda Guerra Mundial.

O mais conhecido da segunda onda é o soka gakkai, um grupo budista formado em 1930, que se expandiu muito depois da guerra e alega contar com 17 milhões de seguidores. O grupo deu origem a uma agremiação política, Komeito, o partido do governo limpo, e seu método de propagação — conferências e sessões de orientação - é característico dos grupos religiosos criados mais recentemente.

O *boom* das neo-religiões, que ainda continua, começou no início dos anos 70, quando o Japão passou a dar mostras de certas fraquezas sociais, simbolizadas por acidentes e contaminação industrial como resultado de um rápido desenvolvimento de pós-guerra na economia, ciência e tecnologia, afirmam os pesquisadores.

"As pessoas perderam a confiança em seu futuro e o interesse na ciência e tecnologia modernas", diz Takeo Nishijima, cujo livro *Deuses das novas religiões* explora o fenômeno. "Ele deu lugar ao interesse pelo ilógico, algo além da realidade."

Os jovens também desfrutam da religião e dos cultos como uma moda, um lugar de reunião e entretenimento, diz Nishijima.

Como antecedente do fenômeno cita a popularidade do livro da atriz americana Shirley MacLaine, *Minha Vida (Out on a limb)*, um relatório de suas experiências psíquicas e psicocinéticas.

Romanos escolhem hoje seus novos vereadores

ROMA — Mais de 2 milhões de habitantes de Roma têm um encontro marcado hoje com as urnas para eleger 80 vereadores e 500 administradores regionais. O prefeito será eleito indiretamente pela Câmara dos Vereadores que será escolhida hoje pelos moradores da capital italiana numa concorrida eleição com 23 chapas e 865 candidatos.

Os partidos variam das tradicionais forças políticas do Partido Comunista, da Democracia Cristã e dos Socialistas até pequenos partidos folclóricos como Rock para Crescer, Vontade de Viver e Movimento dos Automobilistas Europeus. Espera-se que o Partido Verde se torne a terceira força política de Roma com a possibilidade de obter de 12% a 15% dos votos.

A proliferação de candidaturas folclóricas levou o presidente do Partido Socialista, Bettino Craxi, a comparar a eleição municipal de Roma ao carnaval do Rio de Janeiro. Não faltam também candidatos independentes, como um professor universitário que se intitula de *Signor Nessuno, Senhor Ninguém.*

As pesquisas indicam que os romanos estão sensíveis à plataforma dos verdes porque não aguentam mais a politicagem dos partidos tradicionais e andam preocupados com a deterioração das condições de vida na cidade. Outra plataforma que vem causando muita polêmica é a da Liga Antiproibições, que defende a legalização das drogas como forma de acabar com o crime organizado. A liga sustenta que a produção de cocaína e o cultivo de maconha sob o controle do Estado são o remédio mais eficaz contra a Máfia.

□ **O líder líbio Muamar El Kadhafi ameaçou ontem tomar medidas contra a Itália se não receber uma indenização pelos danos sofridos pelos líbios durante a ocupação pelos italianos de 1914 a 1943. "Uma dúvida vai pairar sobre o Mediterrâneo se a Itália não nos atender", afirmou Kadhafi na TV. A Itália afirma já ter pago uma indenização e impediu que líbios desembarcassem em Nápolis para fazer manifestações.**

San José — Reuters

Menem (E), Baker e Bush jogaram uma partida de tênis antes de começar os encontros políticos

Polícia prende dissidentes no centro de Praga

PRAGA — Centenas de policiais atacaram ontem cerca de 10.000 manifestantes que se manifestavam contra o governo comunista ortodoxo de Milos Jakes, cantando, "Queremos outro governo". Os manifestantes reuniram-se na praça Wenceslao e fizeram o que a agência Reuters considerou o maior protesto no país nos últimos 20 anos.

A Tchecoslováquia comemorou ontem o 71º aniversário de sua independência com uma parada militar. A polícia invadiu a praça antes da manifestação começar e prendeu dezenas de pessoas e duas ambulâncias foram chamadas para remover os feridos. Os policiais conseguiram limpar a área, mas os manifestantes concentraram-se nas ruas centrais da capital tcheca, cantando e gritando: "Queremos diálogo, violência não".

O chefe do governo Milos Jakes foi responsável pelo expurgo de meio milhão de pessoas do Partido Comunista Tcheco na época da invasão soviética no país, a partir de maio de 1968, nos acontecimentos conhecidos como Primavera de Praga, quando a população pedia mais liberdades.

Os protestos foram organizados pelo Carta 77, o maior grupo de direitos humanos do país e por outras organizações independentes.

PC Italiano pode mudar o seu nome

Araújo Netto
Correspondente

ROMA — No caso de se confirmar a consistente perda de votos do Partido Comunista Italiano (PCI), antecipada por diversas sondagens para a eleição do Conselho Comunal de Roma, que se inicia hoje e terminará às 14h de amanhã, o mais provável é que nos próximos dias se antecipe e concretize a decisão de trocar o nome da segunda força política da Itália, agremiação fundada por Antonio Gramsci há 78 anos, há muito o maior PC ocidental, com uma longa tradição de originalidade e independência.

O dinâmico e radical processo de mudanças que se verifica nos países do chamado comunismo real do leste europeu foi instrumentalizado pelos principais adversários do PCI até o último minuto da dispendiosa e acirrada campanha eleitoral, que tumultuou e sujou ainda mais muros e ruas da capital italiana. Dificilmente deixará de sugestionar, senão condicionar, a escolha de uma grande percentagem dos 2 milhões 344 mil eleitores romanos. Nos últimos três dias de campanha e propaganda, o Partido Socialista e a Democracia Cristã desfecharam uma ofensiva bem coordenada para usar o caso da Hungria contra o PCI. Num primeiro tempo, afirmando que enquanto os comunistas italianos não seguirem o exemplo dos húngaros, que sepultaram o seu PC, não poderão reivindicar o direito de ser força de governo numa democracia ocidental.

Intervenção — *Contra Alfredo Reichlin, jornalista e parlamentar dos mais brilhantes e sérios, cabeça-de-chapa do PCI apoiado por um manifesto público assinado por 650 intelectuais que o consideraram o prefeito ideal para Roma, socialistas e democratas-cristãos não hesitaram em redescobrir e republicar um seu artigo de 1956, no qual Reichlin explicava e defendia a intervenção soviética na Hungria. Mesmo de Varsóvia e Budapeste, onde cumpriu duas visitas oficiais, o líder socialista Bettino Craxi não interrompeu sua guerra ao PCI. Primeiro disse que o nuovo corso do PCI apresenta um índice de novidade modestíssimo; depois completou, afirmando que a reforma do PCI procede mais lenta e incerta do que a que vem sendo feita no leste da Europa.*

Se as sondagens e pesquisas eleitorais promovidas e divulgadas por alguns dos mais importantes jornais e revistas da Itália não forem mentirosas, o PCI deve perder na eleição de hoje e amanhã em Roma entre 6% a 8% dos votos alcançados em 1985, nas últimas eleições administrativas da capital e da região do Lácio. Dos 30,6% dos votos obtidos naquela ocasião, os comunistas baixariam para 24% ou 22% - percentagens que seriam ainda mais modestas do que os 25% que, na opinião do secretário e líder do nuovo corso comunista, Achille Occhetto, seriam suficientes para assegurar a continuidade do processo de reformas que ele desencadeou há pouco mais de um ano no PCI.

Com qualquer resultado abaixo desses 25%, Occhetto sabe que com o seu projeto de reformas e renovação do partido entrará na área de turbulência a sua própria liderança. A sempre mais agressiva direita do PCI — formada por uma impaciente coalizão de velhos e jovens quadros e dirigentes, todos cansados de desempenhar o papel de maior força da oposição, excluídos do jogo do poder — não encontraria melhor ocasião para, em nome da recriação de uma esquerda moderna, pragmática e unida, integrar-se no Partido Socialista liderado por Bettino Craxi.

Composição — *As perspectivas para o nuovo corso do PCI não são animadoras, nem mesmo no caso de um bom e positivo resultado. Até no caso pouco provável de se verificar um aumento de dois ou três pontos dos 30,6% obtidos em 1985, a liderança de Occhetto continuará tendo vida difícil, porque para administrar Roma quase inevitavelmente terá que se aliar e compor com o Partido Socialista, que não abre mão do privilégio de fazer o futuro prefeito da capital. No caso, o empresário milanês Franco Carrara, um riquíssimo herdeiro que parece ter saído da campanha eleitoral um pouco menos rico.*

Depois do que se viu e ouviu na campanha eleitoral, será muito difícil qualquer aliança entre socialistas e comunistas. Ambos deverão superar-se em matéria de realismo e cinismo para esquecer os desaforos e agressões trocados nos últimos 40 dias. Além disso, a Democracia Cristã não aceitaria a opção dos socialistas em Roma pelos comunistas. Seria uma traição intolerável para os democratas-cristãos, uma coalizão que os excluiria da administração de Roma, feita por seus principais aliados — os socialistas — no governo nacional com seus mais hostis e tradicionais adversários, os comunistas. Nessa hipótese, a solução encontrada para tornar Roma uma cidade governável poderia fazer da Itália um país absolutamente ingovernável.

Ortega vira a mesa e anuncia o fim da trégua na Nicarágua

SAN JOSÉ — O presidente da Nicarágua, Daniel Ortega, virou a mesa nas comemorações dos 100 anos de democracia da Costa Rica com o anúncio de que ia acabar com o cessar-fogo unilateral em vigor há 19 meses. Ortega afirmou que a decisão se baseou no "aumento dos ataques terroristas" dos contrarevolucionários sandinistas financiados pelos Estados Unidos.

Ortega afirmou que nesses 19 meses os ataques dos *contras* mataram 736 pessoas, deixaram 1.156 feridos e 1.481 desaparecidos entre civis e militares. "Não faz sentido manter uma trégua enquanto os nicaragüenses continuam a ser assassinados", fuzilou Ortega, que deixou a capital da Costa Rica antes do final das festividades que reuniram 17 chefes de governo de todo o continente, incluindo o presidente José Sarney.

Ortega denunciou que os *contras* fazem uma campanha de sabotagem das eleições marcadas para fevereiro usando os US$ 4 milhões de dólares que recebem todo mês dos Estados Unidos a título de "ajuda humanitária". Só esta semana, 12 guerrilheiros contras e 17 soldados nicaragüenses morreram em choques armados na Nicarágua.

Numa entrevista coletiva, Ortega afirmou que poderá revogar sua decisão se os Estados Unidos deixarem de mandar dinheiro para os *contras*. Ele sugeriu que Washington entregasse os US$ 76,7 milhões destinados neste ano fiscal aos rebeldes antisandinistas para as Nações Unidas, que usariam o dinheiro para desmobilizar os 3.000 combatentes que desejam derrubar o governo de Manágua para instalar um governo aliado dos EUA, como o do falecido ditador Anastasio Somoza, deposto em 1979.

Ortega se queixou da comunidade internacional que, segundo ele, "não reage e nem se alarma quando os *contras* matam camponeses nicaragüenses e prometem sabotar as eleições. Tudo que sabem fazer é exigir sacrifícios do povo nicaragüense". Ortega destacou que as eleições se processam em condições bem distantes do que seria ideal e acusou os Estados Unidos de conspirarem contra as eleições ao manter o embargo comercial e o bloqueio de créditos internacionais a Managua.

O presidente nicaragüense declarou que não queria abusar da hospitalidade costarriquenha e, por isso, o cessar-fogo acabaria assim que ele pisasse de volta no solo do seu país, o que ocorreu ontem à tarde. Ortega disse que estava ciente do choque que suas palavras causavam aos ouvidos dos presidentes convidados para a festa democrática do dirigente Oscar Arias.

"Eu já conversei com o presidente de Honduras, José Azcona, ele me disse que não quer mais os contras em seu país mas os Estados Unidos o forçam a continuar aceitando os contras", afirmou Ortega, que contou um incidente que, segundo ele foi a "gota d'água" para o anúncio que fez na Costa Rica de voltar à guerra. Ortega contou que os contras atacaram uma seção de registro de eleitores no dia 22 de outubro e mataram 19 civis que estavam se inscrevendo para votar.

No tênis, uma dupla e tanto

■ **O presidente Bush chegou atrasado mais de uma hora ao encontro com a dirigente oposicionista nicaragüense Violeta Chamorro porque se entreteu numa animada partida de tênis. O cenário foi uma das quadras de tênis do hotel Cariari onde Bush teve como adversário o presidente da Argentina, Carlos Menem. Bush venceu Menem e depois fez dupla com ele contra o secretário de Estado americano, James Baker, e um brigadeiro argentino. Bush venceu de novo e Menem declarou, brincando: "Realmente fazemos uma bela dupla no tênis e espero que a gente consiga vencer na América e no mundo". Depois de um bom banho e de um café da manhã reforçado, cada um foi para seu lado cumprir a agenda do dia.**

Bush acusa Ortega de golpe

O presidente dos Estados Unidos, George Bush, acusou o presidente da Nicarágua, Daniel Ortega, de "dar um golpe vergonhoso contra a democracia" ao anunciar suspensão do cessar-fogo diante dos constantes ataques dos rebeldes financiados por Washington justamente na festa dos 100 anos de democracia na Costa Rica. Bush usou palavras duras contra Ortega, dizendo que ele comporta como "um animal indesejável numa festa".

Bush advertiu Ortega a não quebrar o cessar-fogo, referindo-se várias vezes ao presidente nicaragüense como "aquele homenzinho". O presidente americano recusou-se a dizer qual será a reação de seu país, observando que "atravessará a ponte quando chegar a hora". Ele também se referiu ao uniforme militar de Ortega como "coisa de escoteiro", afirmando que o dirigente nicaragüense fez todo o possível para aparecer: "Ele não perde a oportunidade de aparecer numa fotografia ao meu lado", comentou Bush.

Na sexta-feira, Bush e Ortega tiveram um encontro casual num corredor do hotel Cariari. "Estou feliz em cumprimentá-lo", afirmou Ortega. "Eu também", respondeu Bush. "Seria possível conversarmos mais amplamente sobre nossos países?", indagou Ortega. "Estamos aqui para uma reunião multilateral mas, no futuro, poderemos falar de forma bilateral", cortou Bush. Ortega insistiu: "Você pode contribuir para a democratização da Nicarágua, tem o poder de resolver os problemas. Resolveu aqueles com a União Soviética, os nicaragüenses são mais simples". Bush respondeu que a Nicarágua poderia resolver seus problemas e assessores vieram em seu socorro, alegando que ele tinha um compromisso e precisava ir.

O anfitrião da reunião deste final de semana, o presidente da Costa Rica, Oscar Arias, encerrou as festividades com a cerimônia de inauguração da Praça da Democracia, no centro de San José, diante de 15 dos 17 chefes de Estado. "Como líderes políticos de mais de 700 milhões de pessoas vimos proclamar um novo espírito. Não seremos mais prisioneiros de minorias que se refugiam na corrupção das drogas, na violência ou na covardia do terrorismo. Vamos construir a grande pátria da democracia, a pátria sem fronteiras e em liberdade", afirmou Arias.

Espanha elege hoje deputados e senadores

MADRI — Após 18 dias de campanha eleitoral em que os partidos gastaram mais de US$ 40 milhões, os 29,6 milhões de eleitores espanhóis vão hoje às urnas para eleger 350 deputados e 108 senadores que integram as Cortes — o Parlamento —, que por sua vez decidem em votação quem será o presidente (chefe) do governo. Segundo várias pesquisas, o dirigente Partido Socialista Operário Espanhol (PSOE), do primeiro-ministro Felipe González, tem ameaçada a renovação de sua terceira maioria absoluta, conseguida anteriormente em 1982 e 1986.

Apesar de um pluralismo político muito amplo — há 72 opções entre partidos, coalizões e agrupamentos — pouco mais de 12 partidos vão dividir as cadeiras parlamentares. Nas eleições gerais de hoje, as quintas desde a restauração da democracia na Espanha, após a morte do ditador Francisco Franco, em 1975, os principais candidatos são González, José Maria Aznar, do Partido Popular (PP), seu rival mais ameaçador, Adolfo Suárez, ex-chefe de governo e candidato do Centro Democrático e Social (CDS), e o dirigente comunista Julio Anguita, representando a coalizão Esquerda Unida (EU).

A distribuição de cadeiras para o Congresso se realizará de acordo com um sistema proporcional corrigido pela regra Dhont, concebida pelo matemático belga do mesmo nome, que consiste em dividir sucessivamente os votos de cada partido entre o número de deputados que corresponde a cada província.

Administrativa e eleitoralmente, a Espanha está dividida em 50 províncias, às quais se somam as duas cidades do norte da África sob soberania espanhola, Ceuta e Melilla. As províncias a que correspondem maior número de deputados, proporcionais ao número de seus habitantes, são Barcelona (33), Madri (32) e Valença (15), enquanto que as praças africanas elegerão um deputado cada uma.

No que respeita o Senado, que tem um papel secundário nas tarefas legislativas, em quase todas as províncias espanholas se elegem quatro membros para essa Câmara. Além disso, nas 17 regiões autônomas do país e que agrupam, cada uma, várias províncias, se elege um mínimo de mais um senador e mais outro por cada milhão de habitantes.

Como em eleições passadas, o voto rural será uma das grandes incógnitas, por ser o setor menos trabalhado pelos grandes partidos, que se dedicaram mais a fazer campanha nas grandes cidades. O grau de abstenção, que segundo as pesquisas beira 30%, junto com cerca de 1 milhão de indecisos, podem ser decisivos nesta consulta eleitoral em que a oposição critica a política socialista do *premier* Felipe González.

Igreja também pede votos

ROMA — O cardeal Ugo Poletti, vigário-geral do papa para a cidade de Roma e presidente da Conferência Episcopal, decidiu finalmente entrar na campanha para a eleição de hoje de um novo Conselho Comunal e um futuro prefeito romano. Ele fez o mais constrangido e constrangedor dos apelos ao eleitorado católico da capital italiana em favor dos candidatos da Democracia Cristã, que nos últimos 40 anos sempre foram recomendados e apoiados pelo Vaticano, bem como a grande maioria do clero italiano.

Ao falar para 800 sacerdotes, religiosos e laicos católicos reunidos no auditório da Universidade Lateranense, o cardeal Poletti — que vinha criticando a Democracia Cristã — esqueceu as divergências e recriminações que ele, o próprio papa e o clero italiano fizeram nos últimos meses à incompetência e à desonestidade dos dois últimos prefeitos democratas-cristãos de Roma, e pediu que os eleitores não deixassem de votar em candidatos católicos, mesmo que isso lhes custasse sacrifício e repugnância.

Antes do encabulado apelo eleitoral com que concluiu seu discurso ("E agora, caros cristãos laicos de Roma, ainda uma palavra: ninguém deve fugir das escolhas corajosas e claras, mesmo que custem sacrifício pessoal e repugnância, porque a vida social é lugar e tempo de escolhas no momento oportuno"), o cardeal Poletti tentou uma preparação do seu auditório. Ele falou da necessidade de unidade de todos os cristãos e lamentou o excesso de conflitos dentro dos movimentos católicos.

A tais conflitos, Poletti atribuiu o avanço que o paganismo estaria fazendo na capital italiana; expansão que, na opinião do cardeal-vigário de Roma, só pode ser combatida com a unidade que distinguiu as primeiras comunidades cristãs da Cidade Eterna. Prevenindo os eleitores católicos para as propostas tentadoras que diversos partidos (especialmente o Comunista) vêm formulando, pedindo que os romanos votem no próximo dia 29 em quem lhes assegurar os melhores programas, o cardeal Poletti disse que os programas não podem ser separados das pessoas — e ambos devem referir-se aos valores "que levem em conta a presença de Deus na sociedade".

Sempre com a preocupação de ser claro e bem entendido, o cardeal Poletti reforçou seu apelo aos cristãos romanos: "Tenham amor e atenção pela cidade de Roma, tendo sempre presente que no momento oportuno ninguém deve fugir ou abster-se das escolhas corajosas, mesmo com custo de sacrifícios pessoais e de repugnância".

A primeira reação dos 800 sacerdotes, religiosos e laicos católicos que ouviram o cardeal Poletti foi de grande perplexidade. Até os aplausos dados ao final do discurso do cardeal-vigário de Roma foram muito formais e contidos. Não faltou quem considerasse o apelo do cardeal muito parecido com o que, nas eleições nacionais de 1976, foi feito num artigo de primeira página pelo jornalista Indro Montanelli, que antecipou sua decisão de votar na Democracia Cristã tapando o nariz.(A.N.)

Durona — A primeira-ministra britânica Margaret Thatcher declarou ontem que não tem a menor intenção de renunciar e, pelo contrário, está convencida de que vai ganhar as próximas eleições. Nos últimos dias, depois da renúncia de seu ministro das Finanças, Nigel Lawson, Thatcher tem sido alvo de uma onda de críticas.

Cocaína — Trezentas mantas de alpaca e numerosos ponchos impregnados de pasta de cocaína, que no mercado equivaleria a cerca de 200 quilos da droga, foram apreendidos pela polícia espanhola num subúrbio de Madri. A polícia também confiscou centenas de litros de acetona, éter, ácido sulfúrico e outros produtos químicos destinados a retirar a pasta de cocaína dos ponchos e mantas.

Assassinato — José da Conceição de Carvalho, dirigente do pequeno Partido Socialista Revolucionário de Portugal foi assassinado na madrugada de sexta-feira em Lisboa por membros do grupo direitista *Skinheads*. Carvalho estava em frente à sede de seu partido com outros companheiros quando 12 *skinheads* o apunhalaram no peito.

Prêmio — O filme israelense *O verão de Aviya*, da diretora Eli Cohen, ganhou ontem o prêmio Espiga de Ouro no festival de cinema de Valladoli, na Espanha. A Espiga de Prata ficou com a produção soviética *Gorod Zero*, de Keren Shakhanazarov. O filme israelense conta a história de uma menina sem pai e com uma mãe neurótica de guerra, três anos depois da criação do Estado de Israel.

Arquivo

Diário — O diário de Agnes Von Kurowsky, o primeiro amor do escritor americano Ernest Hemingway (foto) e a inspiradora da heroína do seu romance *Adeus às armas* foi mostrado ontem pela primeira vez na Biblioteca John Kennedy, em Boston. Aos 19 anos, enquanto se achava hospitalizado em Milão durante a Primeira Guerra Mundial, Hemingway apaixonou-se por Agnes, que na época tinha 26 anos. Mas ela depois escreveu ao escritor, revelando que seu amor por ele era mais de mãe do que de namorada.

Vinho — O Licoroso Especial produzido pela Escola Vitivinícola Don Bosco, da província argentina de Mendoza, foi um dos vinhos mais apreciados pelos participantes de uma reunião internacional em Cocconato D'Asti, no Piemonte italiano, sobre os licores utilizados na missa e em outros ritos religiosos de todo o mundo. Os dados sobre essa indústria, que tem uma tradição milenar, são impressionantes: só na Itália se consome a cada ano um milhão de litros de *vinho santo*.

Terremoto — Um sismo de 7,2 graus de intensidade na escala Richter sacudiu ontem de manhã as ilhas Salomão, no Pacífico, mas as primeiras informações não falaram sobre vítimas nem danos. O epicentro do terremoto, que durou cerca de três minutos e foi cerca de 40% superior ao que atingiu San Francisco há duas semanas (de 7,1 graus na escala Richter), ocorreu a 320 km no sul da capital, Honiara. Ex-protetorado britânico e Estado independente desde 1978, as ilhas Salomão foram cenário de combates violentos entre forças americanas e japonesas durante a Segunda Guerra Mundial.

Extradição — A Suprema Corte de Justiça do Uruguai decidiu que o cidadão argentino Raúl Vivas, detido desde fevereiro numa prisão da cidade de Maldonado, a 140 km no leste de Montevidéu, seja extraditado para a Califórnia, EUA, onde é acusado da *lavagem* de milhares de dólares procedentes do tráfico de drogas.

Bogotá aumenta recompensa por 2 traficantes

BOGOTÁ — O governo colombiano aumentou para o equivalente a US$ 600 mil a recompensa para quem der informações que levem à prisão do ex-parlamentar Pablo Escobar Gaviria e seu sócio, José Rodriguez Gacha, chefes do tráfico internacional de cocaína. O anúncio, junto com a divulgação de fotos de Gaviria e Gacha, é transmitido diversas vezes por dia pela televisão estatal. Os dois traficantes estão sob pedido de extradição do governo dos Estados Unidos.

Um pistoleiro suicida burlou as estritas medidas de segurança do centro administrativo de Alpujarra, em Medellín, e assassinou com rajadas de metralhadora o dirigente da União Patriótica, Gabriel Jaime Santamaria, engenheiro de 43 anos que em um ano já escapara de duas tentativas de assassinato. O pistoleiro, não identificado, foi morto imediatamente pelos guarda-costas de Santamaria, que foram apanhados de surpresa, porque o prédio é um dos mais bem guardados de Medellín, capital do narcotráfico colombiano.

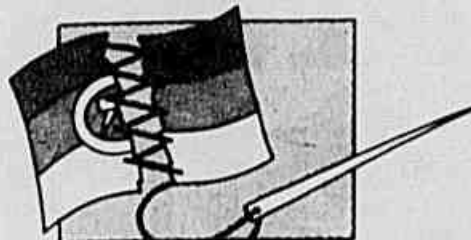
Pelo menos 10 jovens entre os 17 e 21 anos, incluindo cinco mulheres, foram assassinados a tiros em Medellín e no município vizinho de Bello entre a noite de sexta-feira e madrugada de ontem. A polícia acha que as mortes estão ligadas a disputas entre quadrilhas de delinqüentes juvenis.

Uma guerra silenciosa pela reunificação

Sílvio Ferraz
Correspondente

BONN — Por mais que se mostrem cautelosos, medindo palavras, uma coisa é certa: os corações dos alemães - a leste ou oeste - pulsam pela unificação de seu país. O êxodo dos alemães da Alemanha comunista só fez reacender a velha chama e hoje o debate se espalha por universidades, partidos políticos até transbordar pela imprensa de todo o mundo. Os alemães ocidentais incluem a unificação na sua Lei Fundamental, e acham, inclusive, que Constituição mesmo só existirá quando houver uma única Alemanha. A decisão esbarra em vários obstáculos e, entre os maiores, o temor dos aliados ocidentais, sobretudo França e Grã-Bretanha, que se arrepiam à simples menção deste acontecimento historicamente inevitável.

"Eu amo tanto a Alemanha que quero duas", foi a fórmula encontrada pelo célebre escritor francês François Mauriac, Prêmio Nobel de Literatura de 1952, para traduzir o que ainda hoje vai na alma dos franceses diante da polêmica questão. Sócios da prosperidade sem precedentes em que vive a Europa, a França e a Alemanha Ocidental não podem se permitir o luxo de deixar azedar sua deliciosa lua-de-mel com a discussão aberta, entre os dois países, sobre a reunificação.

Se dependesse dos seus parceiros europeus, dos Estados Unidos ou mesmo dos soviéticos, a chamada questão alemã permaneceria embrulhada no *freezer* da História com um espalhafatoso rótulo vermelho alertando os incautos para os riscos de sua abertura antes do ano 3.000. O *status quo* alemão é altamente conveniente para todo o mundo. A França, por exemplo, antes da Primeira Guerra Mundial pesava economicamente a metade da Alemanha de então. Hoje, a economia francesa representa 84% da economia da Alemanha Ocidental. No entanto, se reunificadas, as duas Alemanhas teriam um PNB (Produto Nacional Bruto) da ordem de US$ 918 bilhões - e a França seria apenas um

A QUESTÃO ALEMÃ

pouco mais da metade desta nova potência econômica.

"A construção da Europa foi feita a partir de um casamento de conveniência entre a França e a Alemanha. De um lado, a superioridade da bomba francesa, de outro, o marco alemão", diagnostica Dominique Moisi, diretor do Instituto Francês de Relações Internacionais.

Moisi faz contraponto com outros cientistas políticos que reagem à simples menção da palavra reunificação: "Nada será mais desastroso para a realidade e imagem da Europa do que vê-la enfrentar um desafio do presente invocando artificialmente medos do passado", alerta. Os próprios alemães-ocidentais vêem na reunificação uma tarefa silenciosa, sem estardalhaço e, sobretudo, longe das manchetes e dos palanques eleitorais.

De forma pouco convincente, Joseph Dolezal, analista político do Ministério das Relações Intra-Alemãs, da Alemanha Ocidental, diz que " ninguém está interessado na reunificação e não se deve complicar o processo". O que evita falar é que o governo alemão está com toda a sua máquina voltada para a reunificação. Mesmo assim, Dolezal exibe números para confirmar mais sua discrição do que o desinteresse pelo tema:"Se perguntarmos aos alemães se desejam a reunificação, 80% responderão afirmativamente. No entanto, se perguntarmos se tolerarão um aumento de impostos para financiar os investimentos do outro lado, apenas 40% acharão que a unificação é uma boa idéia".

A reunificação terá sido, então, um exagero dos jornalistas? Difícil sustentar esta tese quando milhares de alemães do leste arriscam suas vidas numa fuga para o Ocidente. Isso, somado à velocidade das mudanças políticas na Alemanha comunista, não poderia deixar de levar o assunto para as manchetes e provocar definições. A mais recente, na última quarta-feira, partiu de ninguém menos que George Bush. O presidente americano disse que a reunificação da Alemanha não apenas não o assusta, como é inevitável no futuro. Mitterrand e Margaret Thatcher permanecem em prudente silêncio em público, embora já tenham expressado suas reservas ao processo de reunificação.

Em 1955, um político alemão alertava: "Um dia, a leoa adormecida, a unidade alemã, despertará e sacudirá sua crina". Trinta e quatro anos depois, a leoa não se pôs de pé, mas seguramente está de olhos abertos. Principalmente quando vê e ouve o que se passa no leste. União Soviética, Polônia e Hungria fizeram, afinal das contas, barulho suficiente para que mesmo a mais adormecida das feras percebesse que não poderia continuar em seu sono próspero, onde os sonhos são realidade: a vida cada vez melhor, a moeda cada vez mais forte e seus cidadãos cada vez mais felizes. Enfim, a Alemanha teria que se juntar ao bloco dos que buscam a identidade nacional.

A perda dessa identidade começou quando a vencida Alemanha viu seu território dividido em dois, após a Segunda Guerra Mundial, e sua capital transformada num condomínio de quatro poderosos inquilinos. A construção do muro, em 1961, tornaria ainda mais dramática essa divisão. Como se não bastasse, sua metade menor - já batizada de República Democrática Alemã (RDA, a Alemanha Oriental) - seria sede de um sistema político diferente, abraçando parceiros igualmente diferentes. Enquanto a Alemanha Ocidental se aliaria política, econômica e militarmente aos países da Europa Ocidental e aos Estados Unidos, a Alemanha Oriental despertaria do pesadelo da guerra compulsoriamente socialista e militarmente atrelada ao Pacto de Varsóvia. Enfim, antagônicas.

Reuters — 16/8/1989

O jovem grafiteiro pintou uma porta de emergência no muro de Berlim

Arquivo — 1961

O regime comunista construiu o muro de Berlim para evitar um êxodo em massa para o Ocidente

As duas Alemanhas

	Alemanha Ocidental	Alemanha Oriental
População	60.931.000	16.588.000
Densidade populacional	244.4 por km²	396.6 por km²
Produto Nacional Bruto	US$ 735.940 milhões	US$ 186.751 milhões
Renda per capita	US$ 12.080	US$ 11.180
Exportações	DM 527.376.700 milhões	DM 91.505.100 milhões
Forças Armadas	488.700	172.000
Gastos de saúde	18,7%*	18,2% **
Gastos de educação	0,7%*	3,6%**
Gastos de Defesa	9,2%*	5,4%**
Nº de médicos	165.015(1)	39.157.000(A)
Aparelhos de TV	23.378.000(2)	6.181.860(B)
Aparelhos de rádio	26.391.000(3)	6.698.695(C)
Carros particulares	27.908.200(4)	3.462.184(D)
Telefones	40.288.000 (5)	3.755.000 (E)

* Percentual do orçamento anual de DM 582.830 milhões
** Percentual do orçamento anual de DM 291.180.400 mil
(1) Um por 370 habitantes — (A) Um por 424 habitantes
(2) Um por 2.6 habitantes — (B) Um por 2.7 habitantes
(3) Um por 2.4 habitantes — (C) Um por 2.5 habitantes
(4) Um por 2.1 habitantes — (D) Um por 4.8 habitantes
(5) Um por 1.5 habitante — (E) Um por 4.4 habitantes

Muitas peças de um grande quebra-cabeça

As duas Alemanhas permaneceram antagônicas por muitos e muitos anos - conforme desejo não-expresso de soviéticos, franceses, ingleses e americanos. Por ironia do destino, não coube a um paladino da democracia capitalista criar condições para que a leoa da unificação finalmente despertasse de sua letargia. Com sua ousadia política, foi Mikhail Gorbachev quem deixou abertos os portões para que, por eles, passasse o descontentamento represado de poloneses, húngaros e alemães do leste.

O calendário desse complicado processo é que são elas, porque não depende apenas dos alemães. Trata-se de um formidável quebra-cabeças. No seu aspecto militar, passa pela aceitação pelos americanos da ousada proposta soviética, para que tanto a Organização do Tratado do Atlântico Norte (Otan) como o Pacto de Varsóvia sejam desmontados até o fim da próxima década.

Se a Otan, como define um diplomata britânico, foi criada para "manter os russos fora, os americanos dentro e os alemães por terra", será preciso que as superpotências concluam acordos de desarmamento suficientemente ambiciosos para que a reunificação das Alemanhas deixe de ser um tabu nos Estados-Maiores até mesmo de seus aliados. O desmantelamento da Otan daria a Bush a oportunidade de mandar de volta para casa os quase 250 mil soldados americanos estacionados na Alemanha - dos quais o mais célebre foi, sem dúvida, o recruta Elvis Presley, estrela da base de Friedberg, em 1958.

Do lado econômico, passa pela reestruturação da Comunidade Européia a possibilidade de se aceitar uma Alemanha mais poderosa. No entanto, está na CEE a esperança de muitos estrategistas alemães especializados na reunificação. Os laços especiais que estão sendo criados para vincular ainda mais a Hungria e a Polônia ao Mercado Comum poderão servir para abrigar também uma Alemanha Oriental. Se seus novos dirigentes decidirem, como os outros dois países, mandar para o espaço o sistema comunista, não haverá por que vetá-los no clube europeu. E como a existência de duas Alemanhas separadas repousa atualmente em seus diferentes sistemas, na prática a fusão se dará automaticamente no momento em que a Alemanha Oriental atrelar seu vagão à locomotiva do Mercado Comum.

Apesar das dificuldades de um mergulho nas águas profundas do futuro da História, os laboratórios de ciência política, assim como universidades e a imprensa internacional não cessam de se desdobrar em estudos para criar possíveis cenários. O que mais irritou os alemães partiu do outro lado do mundo. Nas páginas do *Los Angeles Times*, o jornalista William Pfaff propôs simplesmente que a Alemanha Ocidental renunciasse de maneira explícita a seu objetivo de reunificação. " Ele não deve conhecer a Lei Fundamental alemã para fazer tal proposta", rebateu Rudolf Augstein, diretor do semanário *Der Spiegel*. Isso porque seria necessário emendar tal lei, tarefa que requer a aprovação de dois terços do Parlamento. (S.F.)

No Congresso de Viena, as potências européias criam a frágil Confederação Germânica, que incluía parte da Prussia e o Império Austríaco

O chanceler Bismarck, após a guerra franco-prussiana, transforma áreas fora da Austria num império sob dominação prussiana

Após a Primeira Guerra Mundial, o país se torna uma república, e sob o Tratado de Versalhes perde cerca de 10% do território e da população

No final da Segunda Guerra, a Alemanha é dividida em zonas, e em 1949 são criadas a República Federal (ocidental) e Democrática (oriental)

Fantasma do nazismo foi exorcizado

A Lei Magna alemã interpreta as atuais fronteiras da Alemanha comunista como uma linha demarcatória com peso equivalente às que separam os outros estados alemães. Por isso mesmo, ao governo alemão cabe defender a unificação como um objetivo nacional. E quando se fala em nacional, em se tratando da Alemanha, desperta-se sempre o fantasma do nazismo, o que novamente provoca justificadas reações. O ministro Heinrich Windelen, das Relações Intra-Alemãs, insurge-se contra a ligeireza com que se acrescentam restrições cada vez que os alemães fazem menção a direitos intra-germânicos ou pan-germânicos. " Creio ser isso injusto, já que nossos interesses nacionais em relação à República Democrática da Alemanha são não apenas naturais como legítimos".

A freqüente correlação nacionalismo-nazismo, quando se trata da Alemanha, parece já ter cansado os alemães. Para eles, o exorcismo já foi cumprido e não é razoável ver a suástica em qualquer projeto alemão. Peter Ruge, correspondente do *Die Welt* em Paris e autor do livro *Camaradas, passem a chave*, sobre a questão alemã, acredita ter chegado a hora de um basta. "Não é mais possível manter os jovens alemães como devedores da Segunda Guerra", adverte. Para Ruge, é urgente dar ao jovem alemão um sentido de identidade nacional, o que para ele não existe nos dias de hoje. "Afinal, o que se passa na União Soviética, na Polônia e na Hungria são manifestações legítimas de nacionalismo. Os jovens alemães terminarão por se convencer de que são os únicos a não ter direito à identidade na Europa". E vai mais além:" Se o preço para a unificação é o abandono da Comunidade Européia, da Otan, tenho a impressão de que os jovens estão prontos a pagar".

Mesmo assim, as propostas não deixam de trafegar nos corredores da diplomacia internacional. Há os que defendem uma fusão das duas Alemanhas, desde que adotem a neutralidade austríaca. Hipótese considerada inviável pela maioria dos analistas políticos alemães sob alegação de que os soviéticos não permitiriam que fosse inflado este formidável colchão de ar entre suas fronteiras e as do bloco ocidental. Outros, como o renomado professor Eberhard Schulz, vice-diretor da Sociedade Alemã de Política Exterior, propõem uma fórmula onde existirão duas Alemanhas, dois sistemas, abrigados por um amplo guarda-chuva comum: a nação alemã.

Filigrana jurídica? Seguramente, franceses e ingleses pensam que sim. Pelo sim, pelo não, o professor Shulz em seu gabinete na aprazível Bonn, prescreve sua receita: " Manteríamos sistemas políticos livres, assim como a liberdade de movimento e de assentamento, embora mantendo os Estados separados politicamente". Para tornar mais digestiva sua proposta para os estômagos franceses e ingleses, o professor Shulz recorda que a Alemanha já abdicou de ter em seus arsenais armas nucleares, enquanto que Grã-Bretanha e França as mantêm. Com gestos comedidos, desabafa: "Afinal, os vitoriosos da Segunda Guerra não podem passar eternamente dizendo aos alemães que são vitoriosos".

O habilidoso Hans-Dietrich Genscher, ministro das Relações Exteriores da Alemanha Ocidental, vem dar respaldo a esta proposta de Shulz: "As nações não se constroem sobre ideologias. Não existe uma nação alemã capitalista, nem uma nação alemã socialista. A existência de uma só nação alemã é parte da realidade sobre a qual deve estar baseada a construção de uma Casa européia".

Carsten Werner, 30 anos, cientista político da Fundação Friedrich Ebert, vinculada ao Partido Democrata Cristão, acredita que a reunificação está sendo tratada de forma sensacionalista. Mesmo assim, confessa: "Tenho que admitir que, como alemão, desejo a unificação de alguma forma e algum dia, mas seria ilusão acreditar que ela ocorrerá como num passe de mágica". Para ele, a unificação é uma ponte que está sendo construída pedaço a pedaço nas inúmeras rodadas de negociação entre as duas Alemanhas para tratar dos mais variados problemas.

"Até mesmo a ecologia tem sido objeto de acordos bilaterais", explica. E exemplifica: " Não dispondo de recursos para modernizar suas indústrias, a Alemanha Oriental volta seus investimentos para a produção, relegando a um segundo plano a questão ambiental. O resultado é que os rios Werra e Elba estão poluídos. A solução foi um acordo entre os dois governos pelo qual a Alemanha Ocidental financiará e executará o trabalho de despoluição". Assim, segundo Werner, a multiplicação de microacordos bilaterais está tecendo uma sólida e resistente teia de interesses comuns que a longo prazo desembocará na unificação.

Como sintetizou o ministro Genscher no mês passado em Viena, "tudo o que une os europeus do leste aos do oeste, reaproxima igualmente os cidadãos desta nação alemã indivisível. Tudo o que separa os europeus uns dos outros, separa apenas uma nação: a alemã". S.F.)

Alemanha Oriental: aberta para reformas

BERLIM ORIENTAL — Houve quem temesse o pior. A substituição de Erich Honecker, de 77 anos, o todo-poderoso líder da Alemanha Oriental, por Egon Krenz, de 52, o mais jovem membro do Politburo, poderia ser na realidade apenas a reafirmação da tradição ortodoxa e stalinista do PC alemão. Houve quem tremesse só em pensar que o responsável pela polícia secreta, defesa e Ministério do Interior, se instalaria na sede do governo na praça Marx Engels por muito tempo.

Houve mesmo quem afirmasse, com convicção encontrada em algum piquenique diplomático, ser Egon Krenz apenas uma solução fugaz na renhida luta pelo poder deste lado do muro. Até o momento, os indicadores são de que todos estavam equivocados. O novo líder da Alemanha comunista já partiu com insuspeitada disposição para enfrentar seu maior desafio: desarmar os alemães. Krenz, habilmente, preferiu o diálogo ao cassetete, e por isso mesmo já vai contando pontos favoráveis na comunidade internacional.

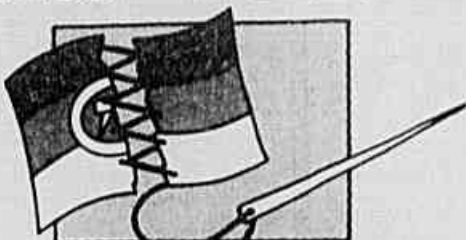
Gorbachev, que nunca o teve entre seus preferidos, já fez circular uma revisão mais favorável do substituto de Honecker. O Departamento de Estado já está informado por seu competente embaixador em Bonn, Vernon Walters, de que Krenz pode não ser o demônio que se esperava. E o próprio chanceler Helmut Kohl, numa conversa de 20 minutos pelo telefone, na última quinta-feira, propôs ao novo líder da Alemanha Oriental a instalação de um telefone vermelho entre as duas sedes de governo, enquanto desejava êxito na modernização da outra parte da Alemanha.

Enquanto os analistas políticos do Ocidente tomam fôlego para tentar interpretar afinal qual é a de Krenz, ele vai em frente. Seu último ato foi anistiar todos os que fugiram, buscando asilo no Ocidente, e os que participaram de manifestações contra o governo. Enquanto mandava recados aos quatro cantos do país de que a hora é de esperança e não de fuga, Krenz já deixou claro sua disposição de dialogar com todos os segmentos da sociedade; até mesmo com o Novo Foro, o maior grupo da oposição, com 130 mil membros, segundo estimativa dos institutos de pesquisa da Alemanha Ocidental.

Como em política boa vontade não basta, mas ajuda consideravelmente, depois de sete dias no poder Krenz já pode começar a relaxar. Um pouco, mas não muito, porque os desafios são imensos. Há que estancar a hemorragia fatal representada pelo êxodo em massa dos seus concidadãos, há que desmontar com grande habilidade a estrutura arcaica do Politburo. Há, enfim, que promover a modernização da economia do país e a renovação de quadros para criar uma situação real na qual os alemães do Leste já não sintam tanto o desejo de emigrar.

É tarefa para muito tempo. Embora a Alemanha Oriental goze do privilégio de estar no rol das 10 maiores economias do mundo, com uma população de apenas 17 milhões de habitantes e uma renda *per capita* de quase US$ 9 mil, além de uma estratégica localização no centro da Europa, há que reorganizar as prioridades econômicas em função das novas aspirações.

Conversa — "É claro que ele não será um Gorbachev *made in RDA*, observa Joseph Dolezal, do Ministério das Relações Intra-Alemãs da Alemanha Ocidental. Este cientista político tem por ofício viver com os olhos postos no outro lado do muro em busca de sinais de fumaça de paz. "Krenz irá navegar nas águas dos ortodoxos e dos reformadores, alternadamente, mas não abandonará o leme", prevê.

Um de seus primeiros passos foi conversar com os operários. Confiava em que a política do tapinha nas costas daria resultado. Aprenderia uma lição, mais sairia também com alguns pontos a seu favor. Krenz ouviu um operário reclamar que os televisores na Alemanha Oriental eram muito caros, e com seu salário de 1.500 marcos não poderia pagar 7 mil marcos — apelidados pejorativamente de *marquitos*. O novo líder respondeu, desastradamente, justificando ser a importação de peças a responsável pelo preço elevado. " Por isso, só um pequeno grupo pode ter televisores com relativa facilidade". Ouviu de volta uma incômoda indagação: "Mas não

A QUESTÃO ALEMÃ

estamos na República Democrática Alemã? Como um operário não pode ter televisão?". Batido, Krenz respondeu: "Vamos resolver isso com o diálogo". Este debate foi levado ao ar sem cortes ou censura de qualquer espécie.

Se no *front* externo Krenz terá muito o que aprender, no interno, entre as feras do Politburo - a maioria velha, é verdade, mas ainda com afiadas garras - Krenz terá um trabalho redobrado. O Politburo do PC alemão tem 18 dos 21 membros com mais de 60 anos - e nove com mais de 70. Juntos, eles têm a incômoda idade total de 1.418 anos. "Não há como convencer a juventude de que seus interesses estão sendo defendidos, quando se tem uma cúpula provecta como esta", afirma um privilegiado observador do cenário alemão.

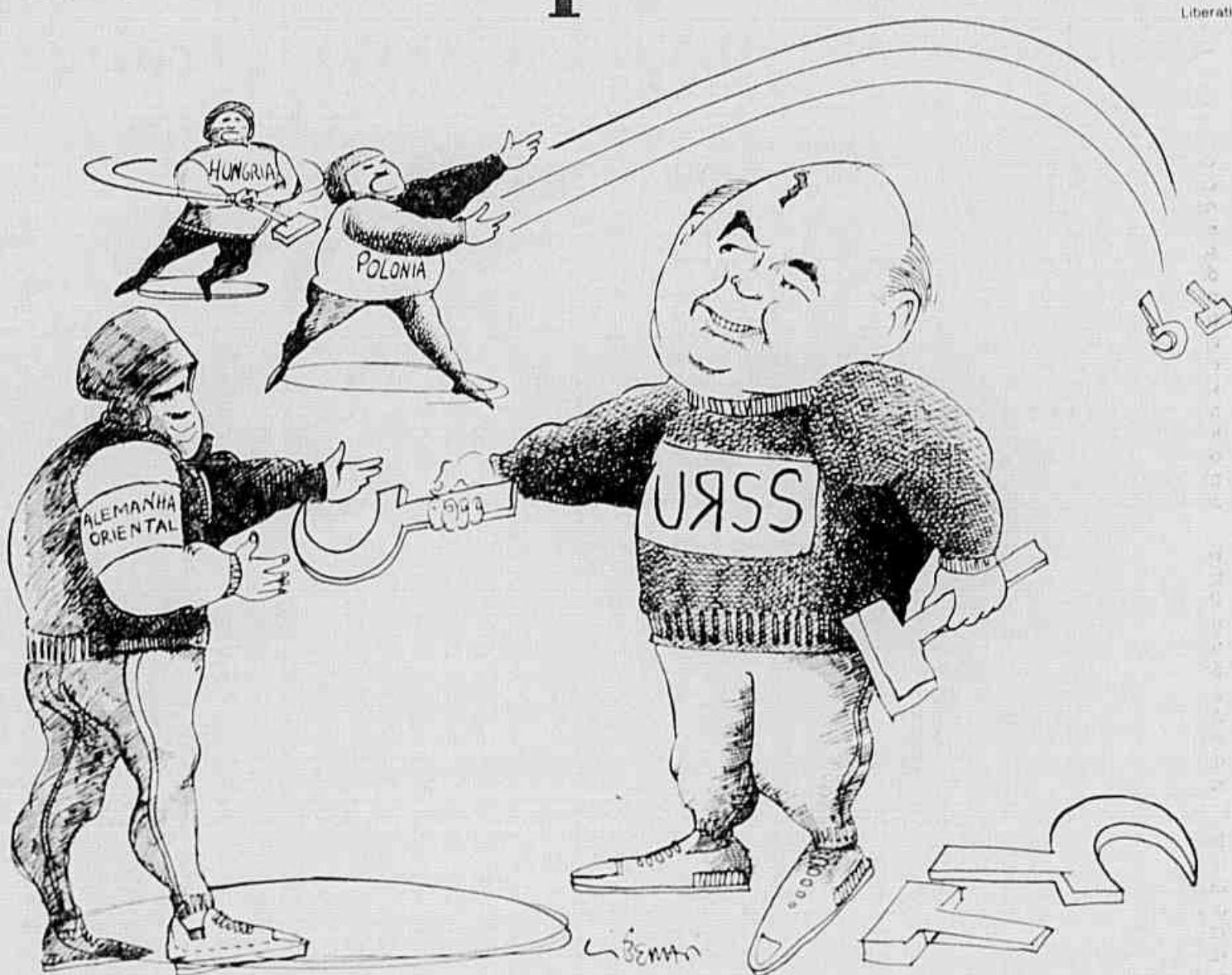
Por isso mesmo, Krenz tentará ainda em novembro remover alguns membros do Politburo, mas se não conseguir fazê-lo de vez, deixará tudo engatilhado para a convenção do partido em maio do próximo ano. Até lá tentará pescar entre os 167 membros do Comitê Central os nomes que poderão ajudá-lo diante do desafio. Hans Modrow, de 61 anos, chefão do PC em Dresden, o preferido de Gorbachev para o lugar de Honecker, seria um dos guindados por Krenz ao Politburo.

Economia — Se a farta cabeleira de Egon Krenz não ratear com os problemas políticos é muito possível que isso ocorra quando tratar da questão econômica. Fustigada por uma terrível e crônica baixa produtividade, a economia da Alemanha comunista se vê sem capital de investimento, sem tecnologia e com uma administração anacrônica. Um simples exemplo basta para retratar este quadro doloroso: a pasta de dentes foi inventada em Dresden, hoje na Alemanha Oriental, em 1864. Um século depois, seus químicos vêem com desespero seu parque industrial só produzir um produto ordinário de quinta categoria.

Mais grave é o paternalismo estatal, considerado pela velha cúpula do Partido como peça-chave para o funcionamento de todo o sistema. O transporte é quase de graça, os aluguéis simplesmente ridículos e os gêneros de primeira necessidade, tabelados. Para se ter uma idéia: quem tem um salário de 1000 marcos paga entre 40 a 60 marcos mensais por um apartamento com luz, água e calefação. "Nossa tarifa de energia elétrica é tão ridícula que as pessoas não se preocupam em apagar as luzes quando vão ao cinema", desabafa uma fonte do governo. O mesmo acontece com o gás. Quando a calefação está muito elevada, ao invés de desligá-la, os alemães abrem as janelas. Afinal, quem paga a conta é o governo, raciocinam.

Ao demitir o czar da economia, Gunther Mittag, e o chefe da propaganda, Joachim Herrmann, Krenz mostrou claramente que pretende levar a *perestroika* de Gorbachev para dentro de suas fronteiras, e por isso mesmo precisará também da *glasnost* para administrar o caos, enquanto não chegam os tempos das vacas gordas. O novo responsável pela economia será obrigado a batalhar por um realismo econômico, embora saiba que em nenhum momento poderá proferir a expressão *economia de mercado* e outros jargões ligados ao esquema ocidental.

Fritar Joachim Herrmann, o ás da propaganda do governo passado, é dar claro recado de que o blá-blá-blá proselitista está com seus dias contados. O principal porta-voz oficial da campanha anti-Alemanha Federal, von Schnitzler, deverá ser aposentado. Aliás, este verborrágico porta-voz é conhecido na Alemanha comunista pelo apelido de *Von Tchiiiii*, o ruído indicativo de os telespectadores desligando seus aparelhos assim que ele começa a falar. (S.F.)

Liberati

Gorbachev e a derrubada de Honecker

BERLIM ORIENTAL — Há dois anos e meio, à saída da Ópera, Valentin Alexejewitsch Koptelzew, assessor das duas Alemanhas no Comitê Central do Partido Comunista soviético, faria a um embaixador uma confidência tão grande quanto o seu nome.

"Como vai aquele tipo?", indagou desse embaixador ocidental.

"Vai se agüentando, aparentemente sem problemas", respondeu o embaixador.

"Mas nós acabaremos com ele. Quem que ele pensa que é?". E engrenou:

"Já temos o Modrow para colocar em seu lugar."

Koptelzew referia-se ao chefe político do PC alemão em Dresden, Hans Modrow, 61 anos, afinado com a *perestroika* de Gorbachev e adepto incondicional da substituição de Erich Honecker, 77 anos, 18 dos quais comandando a Alemanha comunista com mão de ferro.

O tempo passou, e a cada reunião do Comitê Central do PC alemão ou do Politburo, os participantes passaram a exercitar sua discordância com a intolerância de Honecker em abrir as janelas do país para o vento fresco que soprava do leste. Isso, evidentemente, se passava em segredo. Caso algo vazasse, discussões acaloradas entre membros da cúpula governante teriam certamente um efeito devastador.

Numa delas foi protagonista Konrad Naeumann, membro do Politburo, conhecido por seu amor à garrafa e aos esportes, e também à paixão com que se dedicava a suas funções no Politburo: cuidar de Berlim. Pois foi ele o autor da acusação que lhe custaria o cargo aos 80 anos. Numa azeda discussão com Honecker, Naeumann destemperou-se e soltou um "anão impotente", com o dedo em riste apontado para o líder máximo da Alemanha Oriental.

Os tempos não corriam fáceis para Honecker. A Polônia e a Hungria seguiam em ritmo acelerado rumo à liberalização. Na China, uma gigantesca manifestação contra o regime tomava as grandes cidades. Ao norte, Mikhail Gorbachev esgrimia com dificuldade, mas persistência, suas armas preferidas: a *perestroika* e a *glasnost*. Se a *perestroika*, ou reestruturação da economia, da administração soviética, não ia bem das pernas, pelo menos a *glasnost* — ou transparência — permitia uma inédita reivindicação coletiva por dias melhores, mais liberdade e abertura, que só de ouvir deixava Honecker crispado.

Mudança — Kurt Hager, secretário do Comitê Central para a Cultura e membro do Politburo, foi o encarregado de rechaçar qualquer tentativa de *perestroiquismo* nas fronteiras alemãs. " "Quando um vizinho muda o papel de parede não quer dizer que precisemos mudar o nosso também", afirmou numa frase cunhada como o *antigorbachevismo* da liderança stalinista da República Democrática Alemã.

Foi neste clima que Gorbachev desembarcou em Berlim para as comemorações do dia 7 de outubro por ocasião do 40º aniversário da fundação da RDA. Apesar do beijo caloroso nas bochechas de Honecker, encolhidas pelo emagrecimento provocado por uma cirurgia da vesícula e, diz-se, um câncer no pâncreas, Gorbachev chegou com a fria disposição de um competente cirurgião. Estava na hora de mandar o velho Honecker para casa.

A conversa entre os dois líderes não poderia ocorrer num pior clima. Depoimentos colhidos nesta cidade e no outro lado do muro permitem mesmo a reconstituição de alguns trechos. Num deles, Gorbachev diria, para criar um clima mais ameno para a conversa que se seguiria:

"Reclamam muito, mas vi que a situação econômica da Alemanha está muito boa. As lojas são bonitas e estão cheias."

"Aqui é sempre assim, mas as suas estão feias e desertas", responderia Honecker para surpresa de Gorbachev. O líder alemão fora recentemente à União Soviética, onde visitara a pequena cidade em que vivera e trabalhara após a guerra, retornando com uma fieira de reclamações dos cidadãos soviéticos.

Em outro trecho, diante das ponderações de Gorbachev sobre um socialismo mais atual, em que Honecker se sentiu atingido pela insinuação de que já estaria ultrapassado, o líder alemão foi curto e grosso:

"As pessoas supostamente mortas vivem mais."

Daí em diante, nada mais poderia reatar qualquer diálogo. Gorbachev passou para a esfera do Politburo e aconselhou a seus membros: " Não deixem outra China acontecer", referindo-se à repressão policial nos dias anteriores, marcados por protestos de rua.

O líder soviético aproveitou a oportunidade para pedir a modernização da estrutura partidária, referindo-se aos quadros dirigentes. Uma indireta que nenhum dos presentes deixou de entender com clareza no fundo de suas almas: livrem-se de Honecker, era o recado.

Cumpria-se, assim, parcialmente a profecia do soviético Valentin Alexejewitsch Koptelzew nas escadarias da Ópera: Honecker cairia por obra e graça dos soviéticos. Gorbachev só perdeu na indicação de Modrow para substituir Honecker. Egon Krenz, criação de Honecker, seria o substituto. No mais, o grande arquiteto cortou mais uma fita inaugural de um projeto político saído de suas pranchetas no Kremlin. (S.F.)

As rédeas do poder nas mãos de Krenz

Apesar das ginásticas que vêm fazendo, Egon Krenz ainda não terá as rédeas nas mãos. Elas ainda estão com o povo. Só passarão ao seu controle quando as reformas por que clama a sociedade como um todo começarem a aparecer. Foi o povo - e continua sendo - a mola propulsora de toda esta reviravolta, uma mudança política que cientistas políticos de todos os matizes não hesitam em classificar como o fenômeno mais importante desde a Segunda Guerra Mundial.

As manifestações em Dresden, Leipzig e, com mais timidez, em Berlim Oriental estão sendo articuladas por duas poderosas organizações. A veterana Igreja protestante, que controla 70% dos fiéis, e o Novo Foro, uma organização de intelectuais, ainda carecendo de estrutura suficientemente avantajada para servir de ancoradouro às aspirações de todos os segmentos da sociedade. "Por enquanto, o Novo Foro é um agrupamento da *intelligentsia* alemã e seus pontos de contacto com o proletariado são poucos", interpreta Joseph Dolezal.

Há ainda uma certa dúvida sobre os rumos do Novo Foro. Seria a semente de um movimento tipo Solidariedade, da Polônia? Até o momento, não. Seus líderes ainda não falam em mudar o socialismo e concentram seus esforços no pluripartidarismo, liberdades individuais e, sobretudo, livre trânsito.

Muro — Pular o muro é o primeiro sinal com que Krenz poderá marcar sua presença reformista à frente da Alemanha comunista. " Os que pensam que se derruba o muro por decreto, enganam-se. Abrir os portões significa uma despesa de 3,5 bilhões de marcos e o risco de ver nosso país despovoado", confessa um funcionário do governo da Alemanha comunista. Estes 3,5 bilhões de marcos derivam da contabilidade de manter um alemão na Alemanha Federal por sete dias, comendo, pagando hotel e se divertindo.

O Ministério dos Assuntos Intra-Alemães, da Alemanha Federal, tem uma proposta encaminhada a Krenz para facilitar seu primeiro passo. Ela consiste em trocar os combalidos "marquitos" (que valem um décimo do valor do marco alemão no mercado de câmbio) pelo mesmo valor em marcos alemães. E o que faria o governo alemão com este monte de notas que pouco ou nada vale? "Devolveríamos à RDA. Em contrapartida, pediríamos que os nossos motoristas deixem de pagar pedágio na auto-estrada que liga Berlin à Alemanha Federal ou que nossos cidadãos não paguem aos Correios as encomendas

AP — 24/10/1989

Egon Krenz: surpresa agradável

destinadas a parentes e amigos na RDA", responde Joseph Dolezal.

Compreende-se o esforço alemão em ajudar Krenz. Afinal, a Alemanha Ocidentall não poderá permitir-se a receber 300 mil emigrantes por ano (100 mil da Alemanha comunista e 200 mil da União Soviética e Polônia). Isso equivale a receber quase uma cidade do porte de Bonn por ano. Isso exigirá investimentos em habitação, infraestrutura urbana e na economia como um todo para abrigar esta massa de trabalhadores em busca da prosperidade.

E o que aconteceria se os portões do muro fossem abertos? " Acredito que a *intelligentsia* viria para cá, para a Alemanha Ocidental. Algo como 2 milhões de pessoas", responde o cientista político Carsten Werner, da Fundação Friedrich Ebert, ligada ao Partido Democrata Cristão. O êxodo também não está apenas produzindo bonança na Alemanha Ocidental. " Entre os mendigos já temos 20% a 30% procedentes do outro lado do muro", observa Werner. Por isso tudo é necessário que as reformas de Krenz dêem certo. O governo de Bonn sabe que o melhor que poderá acontecer é que cesse o jogo do troca-troca e que os alemães do Leste vivam lá mesmo em paz e em relativa prosperidade.

Uma coisa é segura: contrariamente aos poloneses e húngaros, obrigados a passar o pires para recolher o mínimo necessário para manter seus projetos nacionais navegando, os alemães do Leste sabem que poderão sempre contar com os recursos de Bonn. Isso já é um grande estímulo para que Krenz mantenha seu país aberto, apesar das reformas. (S.F.)

Os refugiados não terão uma vida tão fácil

GIESSEN, Alemanha Ocidental - A 40 km de Frankfurt, a cidade mais rica da Alemanha, este pequeno lugarejo de 40 mil habitantes não vê com estranheza dois mil novos rostos andando pelos cafés e as calçadas. Lá, desde 1948, funciona o maior centro de acolhimento de refugiados do Leste. Deixando a estação, o visitante caminha 300 metros e logo depara com a rua de acesso a este complexo coalhada de cartazes e avisos - ofertas de emprego, doações, móveis. Uma enxurrada de oportunidades de trabalho para os que conseguiram fugir da Alemanha Oriental. Mas, a vida não será tão fácil daqui para frente, apesar de todas as facilidades criadas pelo governo alemão, por entidades assistenciais e mesmo por pessoas cujo único interesse é ajudar aqueles que saíram com a roupa do corpo.

As ofertas são as mais diversas: vaga para aprendiz de padeiro com direito a moradia e bom salário; ajudante de pizzaiolo; treinador de cavalos; ofertas na construção civil, engenharia, medicina e até mesmo para jogador de handball especializado em ataque. Os alemães sabem estar recebendo, com o êxodo do Leste, o melhor da safra. A maioria entre 20 e 40 anos, estes alemães vêm atraídos pela liberdade - até mesmo a de consumir.

Consumo —" Não é vergonha gostar de consumir. Não vim por isso, vim até por isso", declara Olaf Jacke, de 33 anos, professor de tênis, que saiu legalmente da Alemanha Oriental acompanhado da mulher, Kestin, e da filha Linda, de 8 anos.

A sensação de estar entrando no paraíso é dominante entre os 150 mil refugiados que cruzaram a fronteira da Alemanha Federal. Por vezes, foram obrigados a um complicado périplo pelos países vizinhos apenas para chegar do outro lado do muro. Milhares de berlinenses orientais foram obrigados a fugir para Tchecoslováquia, Hungria ou Polônia, e pedir asilo nas embaixadas da Alemanha Federal até serem enviados para o outro lado, a Berlim iluminada, um verdadeiro show de pujança capitalista. Outros optaram pelos meios administrativos: saíram com vistos concedidos pelo governo comunista, muitas vezes depois de anos de espera, e automaticamente perderam sua nacionalidade.

"Ao pedir o visto tive imediatamente que renunciar a dois turnos das aulas de ginástica que ensinava a meus alunos, e com isso meu orçamento ficou reduzido a pouco mais da metade", conta Jacke. Kestin, sua mulher, não sofreu qualquer restrição, pois é enfermeira e trabalha num setor que não pode se permitir dispensa de pessoal. Em geral, os que pedem visto para emigrar

Reuters — 10/10/89

Os refugiados chegaram com pouca bagagem, mas grandes esperanças

passam a ser considerados cidadãos de segunda classe pelas autoridades da Alemanha Oriental. Seu gesto é sempre visto com uma traição ao socialismo, ao Estado, à sociedade em geral.

Não raro são até obrigados a mudar de apartamento, têm o telefone cortado e sofrem a hostilidade da vizinhança. A tramitação do pedido varia conforme a profissão do solicitante. Um engenheiro terá possivelmente negada a sua saída. Um aposentado certamente será atendido. Em todos os casos, as demoras são longas. Jacke esperou dois anos, mas saiu. Agora, se juntará ao irmão, também professor de tênis e proprietário de uma academia, para começar vida nova. Está cansado, mas confiante. "Saí porque decidiram que tênis é um hobby e que eu deveria ser professor de ginástica. Ora, isso não é o meu sonho. Por que confinar-me numa quadra dando aulas de ginástica?"

Enquanto Jacke falava, a seu lado, num banco no pátio do centro de acolhimento, uma senhora chorava baixinho. " É preciso que vocês, jornalistas, parem de dizer que saímos para consumir. Isso não é verdade", explodiu Urzel Wenzel, de 68 anos. Em seguida, mostrou as fotos de sua bela mansão em Erfurt, a 500 km no caminho de Leipzig. " Tive minha casa, construída por meu avô, repartida em quatro apartamentos. Fui obrigada a morar no porão e a pagar aluguel. No ano passado tentei trazer minha filha para morar lá, mas não consegui. É um inferno, é um inferno", repetia Ursel em meio ao choro. Sua filha, uma dentista casada com um geofísico, não conseguiu autorização para deixar a Alemanha Oriental. Ursel recomeçará sua vida, aos 68 anos, da estaca zero, como fez aos 23 anos, quando a Alemanha se rendeu aos Aliados.

A família Schaarschmidt - Guido, de 38 anos, sua mulher Gerda e o filho Maik, de 15 anos - está aliviada, mas abatida. Depois de esperar seis anos pela autorização, foi notificada às 7h da manhã de que deveria partir no trem das 8h25. " Em pouco mais de meia hora empacotamos o que pudemos e partimos. Parece até que queriam que perdêssemos o trem", diz Guido, enquanto saboreia um copo de cerveja na cantina do centro de acolhimento.

Ferramenteiro, Guido encontrará trabalho facilmente, e o mesmo deverá acontecer com Gerda, sua mulher, que é açougueira. " É claro que a televisão nos influencia. Queremos ter a mesma vida da outra metade da Alemanha. Afinal, éramos uma só nação. Por que comparar o nosso padrão de vida com o dos portugueses, como querem as autoridades? Temos que nos comparar com os alemães do lado de cá", afirma.

Recomeço —Para os refugiados, os dias no centro de acolhimento são quase todos dedicados a planejar o recomeço de suas vidas. Ao chegar recebem 15 marcos para dar telefonemas e são cadastrados pelo Ministério do Trabalho. A partir desse momento passam a ser considerados desempregados e, portanto, com direito ao seguro-desemprego, fixado em 68% do salário da classe a que pertencem. Um engenheiro refugiado disporá de 3.500 marcos mensais, em média, enquanto aguarda uma colocação.

"Mas a espera será muito curta, pois há uma grande oferta", garante Hans Heiser, porta-voz do governo. Para ele, 70% dos refugiados fogem por razões ideológicas, enquanto os demais se deixaram atrair pelo consumo.

O êxodo dos alemães do Leste significa uma hemorragia grave no corpo de um paciente combalido, como é a economia da Alemanha Oriental. Em contrapartida, uma verdadeira injeção de vitamina B12 na exuberante economia alemã-ocidental, ávida por mão-de-obra qualificada para responder aos desafios de seu desenvolvimento. (S.F)

Prateleira cai em mercado e fere mulheres

Duas mulheres ficaram gravemente feridas ao serem atingidas por uma prateleira do Supermercado Pão de Açúcar, na Rua Viveiro de Castro nº 38, em Copacabana (Zona Sul). Isaura Silva dos Santos, 40 anos, e Maria Candido Reis, 69 anos, faziam compras e quando a prateleira partiu-se, foram atingidas por sacos de arroz, feijão e latas de óleo e azeite. Ambas tiveram fraturas. Isaura Silva, em estado mais grave, teve contusão craniana e apresentava dificuldade de visão com o olho esquerdo.

O acidente ocorreu por volta das 8h 30 min. As vítimas foram socorridas pelos próprios funcionários, que as levaram para o Hospital Rocha Maia em dois táxis. De lá, devido à gravidade dos ferimentos, foram transferidas para o Hospital Miguel Couto. O estado de Isaura é mais grave porque a outra ferida, Maria Reis, tombou sobre seu corpo. Logo em seguida à queda da prateleira, o supermercado foi fechado e a as janelas de vidro foram cobertas com papel de embrulho. Lá dentro, os alimentos que tomabaram foram recolhidos.

Isaura Santos chegou ao Hospital Rocha Maia desacordada e suja de óleo. Foram constatadas fraturas de costela e do ante-braço direito, contusão craniana e diminuição da visão. Ela trabalha como empregada doméstica na Rua Belfort Roxo. Maria Reis teve fratura no ombro e um corte profundo na perna. Ela não tem intenção de processar o supermercado. "Essas coisas acontecem", disse.

Maria da Glória Ferreira de Jesus, 21 anos, que estava vendendo ervas e plantas em frente ao supermercado na hora do acidente, contou que ouviu um barulho forte e, ao se aproximar das vítimas, uma delas já estava desacordada. No Supermercado, que só reabriu às 15h, a gerência não quis dar informações sobre o motivo do desabamento da prateleira mas garantiu que a empresa daria total assistência médica às vítimas.

Ponte-aérea — O mau tempo obrigou o Aeroporto Santos Dumont a fechar três vezes, mas os atrasos de vôos foram de apenas 10 minutos. O Santos Dumont fechou para pouso e decolagem às 7h e reabriu às 7h43m. Fechou novamente para decolagem às 8h45 e reabriu às 9h15. E fechou mais uma vez para decolagem às 11h10, sendo reaberto às 11h45. Só um avião, o que saiu de São Paulo às 8h, teve de aterrisar no Aeroporto Internacional.

Passagens — As passagens de trens suburbanos estão mais caras a partir de hoje. O bilhete simples passou de NCz$0,30 para NCz$0,40 e o bilhete para cinco viagens foi de NCz$1,20 para NCz$1,60.

Desesperados — No dia de São Judas Tadeu, santo dos desesperados e dos negócios sem remédio, centenas de pessoas foram à Igreja de São Judas Tadeu, no Cosme Velho. O pároco da igreja, Monsenhor Bessa, admite que São Judas poderia ser o padroeiro do Brasil, por ser o santo dos desesperados. "Ele dá jeito em tudo, até no Brasil", diz ele. "Acho que nós nunca passamos por uma crise como essa e não há perspectiva de solução, que vem de Deus", acrescenta. De acordo com o pároco, as dificuldades do brasileiro fazem aumentar a cada ano o número de fiéis, o que aumenta a devoção ao santo.

Acidente — Fernando Alves de Paiva Júnior, 35 anos, morreu depois que seu carro, Santana cinza metálico placa VG 5582, capotou e ficou completamente destruído, ontem de madrugada, no Km 3 da Avenida Brasil, próximo ao viaduto Ataulfo Alves, em Benfica.

Briga — Pedro de Carvalho Rego, 77 anos, sofreu cortes e contusões na cabeça ao ser atacado pela mulher, Alzila Soares de Souza, 53, com uma garrafa de cerveja, durante uma briga. Pedro foi levado para o Hospital Getúlio Vargas.

Baleado — O servente de pedreiro João dos Santos Gomes da Silva, 29 anos, foi baleado próximo a sua casa, na rua Bianco nº514, Bonsucesso, na subida do Morro do Adeus. João foi levado para o Hospital Getúlio Vargas, com o estômago perfurado por um tiro. Disse para o policial de plantão que foi baleado na Rodoviária Novo Rio, mas entrou em contradição e acabou confessando que foi perto de sua casa. A polícia suspeita de envolvimento dele com marginais do Morro do Adeus.

Promotores acusam juízes de envolvimento com traficantes

Os juízes José Ignácio Biolchini da Silva e Renato Simoni, das Varas Criminais Regionais de Bangu (Zona Oeste do Rio), e o comandante do 14º BPM, sediado no mesmo bairro, tenente-coronel Airton Évio de Souza, são suspeitos de envolvimento com organizações de criminosos, principalmente traficantes, segundo relatório elaborado por um grupo de promotores que fez um levantamento da criminalidade nas áreas da 33ª DP, 34ª DP e Delegacia de Vigilância de Oeste. Os criminosos recebem também cobertura de policiais militares e federais, de acordo com o relatório dos promotores, enviado ao Tribunal de Justiça, à Procuradoria Geral de Justiça, à Polícia Federal e ao comando da Polícia Militar, com pedido de providências urgentes.

Dois promotores que participam das investigações — inclusive uma mulher — pediram garantias de vida ao secretário de Polícia Civil, Hélio Saboya, e foram atendidos. Uma sindicância foi aberta pelo Órgão Especial do Tribunal de Justiça para apurar as denúncias contra os dois juízes, acusados também de requisitar armas apreendidas pela polícia e entregá-las a outras pessoas. O relator da sindicância é o desembargador Décio Itabaiana, da 3ª Câmara Criminal. O comando da PM abriu Inquérito Policial Militar (IPM) para investigar o possível envolvimento do tenente-coronel Évio com o traficante Celso Luiz Rodrigues, o *Celsinho*, que domina o comércio de tóxicos na Vila Vintém. Ao longo da semana passada, repórteres do **JORNAL DO BRASIL** tentaram ouvir os juízes Biolchini — este já transferido — e Simoni, que não quiseram falar; o tenente-coronel Évio não foi encontrado.

O relatório enviado ao procurador-geral da Justiça, Carlos Antônio Navega, revela que "o crime organizado, em Bangu, está assumindo significativa proporção e criminosos altamente organizados, de posse de armamento pesado e sofisticadas aparelhagens, violam até mesmo o serviço de comunicação da Polícia Militar, interferindo em sua faixa privativa". Em outro trecho, afirma que "o crime organizado em Bangu se sente forte, desafia qualquer autoridade que queira cumprir seu dever e seu poderio econômico é muito grande, tendo infiltrações inesperadas e surpreendentes".

Suborno de US$ 30 mil é denunciado

Um dos promotores que investigam a criminalidade na Zona Oeste contou que desde 1985, quando assumiu a 2ª Vara Regional de Bangu, o juiz José Ignácio Biolchini da Silva vinha fazendo pressões para que a polícia prendesse Celso Luiz Rodrigues, o *Celsinho*, a qualquer custo, alegando que não admitia tráfico de drogas em sua área de atuação. Junto com o cabo Carlos Alberto Lopes — que serve na Diretoria do Pessoal Militar da PM e é acusado de integrar o grupo de extermínio que age na Zona Oeste do Rio — seu amigo, o magistrado passou a freqüentar as vilas Vintém, reduto de *Celsinho*, e Vila Aliança, dominada por Sérgio de Sousa Lima, o *Pitoco*, morto dia 20, a pretexto de conhecer o funcionamento dos pontos de venda de drogas.

A pressão foi tão grande, que, segundo o promotor, este ano *Celsinho* foi ao Fórum de Bangu falar com o juiz, acompanhado de seu advogado, Miguel Arcanjo. Conversaram no pátio do fórum, diante de muitas pessoas, que presenciaram uma discussão entre o juiz e o traficante. Mas, disse o promotor, a conversa acabou com um aperto de mão. No dia seguinte, o promotor foi informado de que tinha sido feito um acordo: o juiz recebeu US$ 30 mil (mais de NCz$ 150 mil, ao câmbio oficial atual). Em troca, *limpou* a ficha criminal de *Celsinho*.

Em junho, os promotores denunciaram à Superintendência de Polícia Federal no Rio e à Corregedoria de Polícia do estado a prisão irregular de Sandro Chagas Freire, *olheiro* do traficante, e a participação do juiz Biolchini e de policiais federais em um flagrante forjado. No dia 16 de junho, Sandro foi preso pelo cabo Lopes que já trabalhou com o juiz no Fórum de Bangu — na Vila Vintém, onde o PM "passava a caminho do trabalho", segundo seu depoimento, com um saco contendo pó branco, semelhante à cocaína. Mas, em vez de levar o preso para a delegacia da área, o cabo foi com ele para o fórum e o juiz Biolchini mandou deixá-lo na cela do prédio.

Os promotores do Fórum de Bangu protestaram e Biolchini lhes respondeu que impetrassem um habeas corpus. Como não havia nenhuma prova que caracterizasse o flagrante, os promotores decidiram aguardar as providências seguintes do juiz e viram quando ele chamou agentes da Delegacia de Vigilância Oeste, mandou que o preso fosse posto na *caçapa* de um carro e seguiu atrás, em seu automóvel. Foram todos para a Polícia Federal, onde o juiz determinou que Sandro fosse autuado por tráfico de entorpecentes e decretou sua prisão preventiva. Biolchini alegou que Sandro era traficante e estava envolvido em uma série de assassinatos, sendo pistoleiro do bando de *Celsinho*. Da ficha criminal do preso, no entanto, constava apenas uma prisão por porte de arma.

Várias irregularidades foram constatadas pelos promotores no flagrante da Polícia Federal. "Isso é uma afronta à Justiça. É um desrespeito à lei. Houve fraude na lavratura do flagrante realizado pelo delegado de polícia federal Wanderley Martins de Brito", disse um promotor.

Número de armas requisitadas é alto

Há quatro anos, os juízes Renato Simoni e José Ignácio Biolchini, titulares, respectivamente, da 1ª e 2ª Varas Criminais Regionais de Bangu, vêm requisitando da polícia as mais variadas armas — pistolas, revólveres e até uma escopeta — apreendidas em flagrantes de porte de armas para distribuí-las entre amigos.

Em levantamento feito nas delegacias da área de Bangu, Realengo e Senador Camará e na Divisão de Fiscalização de Armas da Secretaria de Polícia Civil, os promotores constataram que, de fato, é elevado o número de armas requisitadas pelos dois juízes desde 1985.

Os promotores verificaram que as prisões por porte de arma efetuadas por essas delegacias seguiam procedimento normal. O preso pagava fiança e era liberado, o auto de flagrante seguia para uma das Varas Regionais de Bangu e a arma ficava acautelada na polícia. Posteriormente, os juízes mandavam ofício às delegacias, requisitando a arma "com a máxima urgência e sob as penas da lei". Uma pistola calibre 45, número2 de série 459.020, com dois carregadores e sete cartuchos, que estava acautelada na Delegacia de Vigilância Oeste, foi requisitada por Renato Simoni e entregue a Emílio Gomes Duque Estrada, motorista da polícia, que trabalha para o juiz.

Mas não se sabe o destino de uma pistola Beretta, número A 00353, com empunhadura em plástico preto, de uma escopeta calibre 12, marca Winchester, número L 980856, de uma carabina Winchester, calibre 44, número 937866, de uma pistola marca Heckler & Koch, alemã, calibre 9 mm, tipo Parabelium, com capacidade para 18 tiros, número 81457, de um revólver Magnum, calibre 357, número 23136, com cabo de madeira, além muitas outras armas.

PM expulso incrimina seu comandante

O envolvimento do tenente-coronel Airton Évio de Souza com o crime organizado na Zona Oeste foi denunciado em depoimento na Justiça Militar pelo ex-soldado Manoel Moreira Pereira de Lima. O ex-soldado, expulso do 14º BPM depois de acusar o tenente-coronel de favorecer traficantes da região, disse que também o juiz José Ignácio Biolchini está envolvido com os bandidos. Na Justiça Militar, Manoel Pereira narrou a prisão de Celso Luiz Rodrigues, o *Celsinho*, por uma patrulha do 14º BPM, então comandado pelo coronel Newton José dos Santos. *Celsinho*, segundo o ex-soldado, foi levado diretamente ao juiz, porque os policiais da 33ª DP não queriam autuá-lo.

"O juiz ligou para a delegacia várias vezes, quando soube da prisão do chefe do crime organizado, perguntando se o

João Cerqueira

Ex-PM Manoel Pereira

Celsinho tinha chegado. Quando o traficante chegou ao fórum, foi imediatamente libertado", disse o ex-PM no depoimento, cujas cópias se encontram na Corregedoria e na Procuradoria de Justiça. Ele afirmou que a rebelião ocorrida no dia 13 de setembro no 14º BPM foi conseqüência da recusa da tropa em ir para a rua, como protesto contra punições impostas pelo tenente-coronel a soldados que perseguiam os traficantes.

O ex-soldado denunciou que o tenente-coronel recebia Ncz$ 40 mil por semana do crime organizado e que o dinheiro era levado ao quartel todas as sextas-feiras, no início da noite, por duas mulheres. Disse também que o tenente-coronel ganhou de *Celsinho* um Escort XR-3, que trocou depois por uma mototicleta CB 750, com o dono de uma padaria.

Contou ainda Manoel Pereira que Airton Évio de Souza freqüentava a Vila Vintém em companhia do capitão Uilze, chefe serviço secreto do batalhão, e que os dois foram visto várias vezes bebendo com traficantes. Também acusou o capitão Murilo de receber dinheiro de *Celsinho*, impedindo operações nas vilas Vintém e Aliança e no Curral das Éguas. Além disso, disse que a maior parte dos integrantes do serviço secreto do 14º BPM pertencem a grupos de extermínio que agem na Zona Oeste.

Tempo

RIO/NITERÓI

A Diretoria de Hidrografia e Navegação do Ministério da Marinha prevê para hoje: tempo instável, com chuvas esparsas. Ventos Sudoeste/Sul, fracos a moderados. Visibilidade moderada. Temperatura em declínio. A temperatura de ontem variou entre 24º e 29º.

MARÉS

Preamar: 02h32min 1.1 / 14h48min 1.1

Baixa-mar: 09h29min 0.3 / 21h35min 0.2

O SOL

Nascente: 06h[illegible]min

Ocaso: 19h01min

A LUA

Minguante 21.10 a 28.10

Nova 29.10 a 05.11

Crescente 06.11 a 12.11

Cheia 13.11 a 19.11

Leitura do Satélite: A frente fria que estava no Sul começa a penetrar no Sudeste. O Centro-Oeste apresenta um aglomerado de nuvens formada pela massa quente que abrange a região. No resto do país existe nebulosidade.

NOS ESTADOS

UF	Condições	Max.	Min.
RO			
AC			
AM			
RR			
PA			
AP			
MA			
PI			
CE			
RN			
PB			
PE			
AL	Não Fornecido		
SE			
BA			
MG			
ES			
SP			
PR			
SC			
RS			
DF			
MS			
MT			
GO			

NO MUNDO

Cidade	Condições	Max.	Min.
Amsterdã	nublado	13	09
Assunção	claro	24	13
Atenas	claro	23	12
Berlim	nublado	18	11
Bogotá	nublado	17	09
Bonn	nublado	19	10
Bruxelas	nublado	18	11
Buenos Aires	claro	22	07
Havana	claro	29	22
La Paz	nublado	15	03
Lima	nublado	20	13
Lisboa	chuvoso	23	16
Londres	claro	14	11
Los Angeles	claro	23	12
Madri	nublado	20	[illegible]
México	claro	27	[illegible]
Miami	nublado	29	[illegible]
Montevidéu	claro	22	07
Moscou	chuvoso	11	06
Nova Iorque	claro	25	11
Paris	claro	21	11
Pequim	nublado	12	[illegible]
Quito	nublado	[illegible]	[illegible]
Roma	claro	[illegible]	07
Santiago	claro	25	10
Tóquio	claro	23	15
Viena	nublado	19	09
Washington	claro	23	11

Obituário

Rio de Janeiro

Maria Tereza Dias da Silva, 51 anos, de acidente vascular cerebral, no Hospital Miguel Couto, no Leblon (Zona Sul). Carioca, dona-de-casa, morava no Vidigal (Zona Sul) e foi sepultada ontem no Cemitério São João Batista, em Botafogo (Zona Sul). Tinha três filhos.

Maria da Glória Reis Junqueira, 65 anos, de politraumatismo por acidente automobilístico, no Hospital da Santa Casa da Misericórdia, no Centro. Mineira, casada com Fábio Monteiro dos Reis Junqueira, dona-de-casa, morava em Ipanema e foi sepultada ontem no São João Batista. Tinha quatro filhos.

Eucário Pinto Malheiros, 87 anos, de insuficiência cardíaca, em casa, em Copacabana (Zona Sul). Carioca, viúvo de Zenaide da Cunha, aposentado, foi sepultado ontem no São João Batista. Tinha três filhos.

Maria Heloísa Bentes Cesar Mascaretti, 68 anos, de edema agudo de pulmão, em casa, em Laranjeiras (Zona Sul). Paraense, casada com Angelo Mascaretti, dona-de-casa, foi sepultada ontem no São João Batista. Tinha dois filhos.

Etelvina Ferreira da Silva, 63 anos, de doença de Chagas, no Hospital Dr. Luís Cardurelli. Mineira, casada, comerciante, foi sepultada ontem no São João Batista. Tinha dois filhos.

O COLÉGIO SÃO VICENTE DE PAULO
(COSME VELHO, 241-A)
Comemora na próxima 3ª feira, dia 31/10/89, seus 30 anos de existência. Convida os Ex-Alunos que nele concluíram o 2º grau, para a CELEBRAÇÃO DE AÇÃO DE GRAÇAS, às 19:00 h, seguida de confraternização no pátio.

JOSÉ BERNARDO SWALES BURLE DE FIGUEIREDO
(ZÉCA)
✝ A família com tristeza comunica seu falecimento ocorrido terça-feira 24 de Outubro, em Genebra, e convida para a Missa de 7º Dia a ser celebrada dia 31, terça-feira às 11 hs., na Antiga Catedral à Rua 1º de Março, Praça XV.

MARIA JOSÉ DE OLIVEIRA LOPES
SANTINHA
Moacyr Lopes Carneiro, seu marido Maria e Geraldo, Sheila e Guarino, seus filhos, nora e genro
Patricia, Sabrina, Eduardo e Moacyr, seus netos Agradecem o apoio dos parentes e amigos por ocasião do seu falecimento e convidam para a missa que farão realizar, como gratidão de nos ter sido permitido, com ela conviver.
Igreja Santo Afonso, rua Major Ávila 131
Dia primeiro de novembro, 18 horas.

JORCELINA ALVES DE AMORIM BANDEIRA
(MISSA DE 7º DIA)
✝ Dr. Gilberto Bandeira e família Amorim Rocha agradecem o comparecimento de amigos e parentes ao féretro e aproveito para convidá-los à Missa de 7º Dia a ser realizada na Matriz de São João de Meriti, 01 de novembro, às 08:00 hs.

COMENDADOR
ALBERTO PIRES RIBEIRO
(MISSA DE 7º DIA)
✝ ALDINA ANTUNES RIBEIRO, filhos, netos e bisnetos agradecem as manifestações de pesar, carinho e amizade demonstradas quando de seu falecimento e convidam parentes e amigos para a Missa de 7º Dia, a realizar-se na Igreja de N. Sª do Rosário de Fátima, Rua Bacairis, Praça N. Sª de Fátima — Taquara — Jacarepaguá, às 9:30 horas do dia 31/10/1989.

WASHINGTON DA SILVA BRAGA
(UM ANO DE SAUDADES)
✝ A família convida parentes e amigos para a missa em sua homenagem que será celebrada sábado, dia 4, às 9h, na Igreja S. Paulo Apóstolo, à rua Barão de Ipanema Copacabana

ALEXANDRE SOARES DE SOUZA MARQUES
(Walmor, Popoca, Escova)
MISSA DE 7º DIA
Agradecemos as manifestações de carinho recebidas por ocasião do seu falecimento e convidamos para a missa de 7º dia que será celebrada na Igreja do Mosteiro de São Bento, no dia 30 de outubro, 2ª feira, às 10 horas à Rua Dom Gerardo nº 68, Centro

✝ **JURANDYR CALAZANS**
MISSA 2 ANOS
Sua filha, convida parentes e amigos para Missa a ser realizada no dia 3 Novembro de 1989, às 10 horas, na Igreja do Rosário e São Benedito à Rua Uruguaiana, 77

ALEXANDRE SOARES DE SOUZA MARQUES
(WALMOR OU ESCOVA)
MISSA DE 7º DIA
✝ Celio Marques e Ieda Soares de Souza, agradecem as manifestações de pesar, recebidas por ocasião do falecimento de seu querido filho ALEXANDRE e convidam parentes e amigos para a Missa de 7º Dia que será celebrada dia 30 às 10:00 horas no Mosteiro de São Bento

MILTON STENZLER

Os amigos e funcionários da DOAREL JOIAS, comunicam o falecimento de seu titular e convidam para o sepultamento que se realizará hoje dia 29, às 11:30 hs no Cemitério Comunal Israelita do Caju.
Favor não mandar flores.

MILTON STENZLER

Dora, Eliana, Ariel, Joshua, Ilan, Daniel, Mischel, família e amigos, comunicam o falecimento de seu querido MILTON, e convidam para o seu sepultamento que se realizará hoje dia 29, às 11:30hs no Cemitério Comunal Israelita do Caju. Favor não mandar flores.

MARIA JOSÉ DE OLIVEIRA LOPES
(Santinha)
✝ LEMAC S/A e MEIRA S/A convidam os parentes e amigos para a Missa de 7º dia de sua querida SANTINHA, esposa de seu amigo e Ex-Diretor Moacyr Lopes Carneiro, a ser realizada no dia 1º de Novembro, quarta-feira, às 18:00 horas, na Igreja de Santo Afonso, à Rua Barão de Mesquita nº 275 Tijuca.

'Gordo' sai de hospital e vai para presídio

O diretor do Departamento do Sistema Penal (Desipe), Osvaldo Deleuze, enviou ontem ofício ao juiz de plantão, informando que o assaltante de bancos José Carlos Gregório, o *Gordo*, foi transferido no sábado à noite do Hospital Psiquiátrico Henrique Roxo, em Niterói (Grande Rio), para o Presídio Ary Franco, na Água Santa (subúrbio do Rio). Deleuze ressalva que ordenou a transferência de *Gordo* em obediência aos ofícios recebidos nos dias 25 e 27 deste mês da Vara de Execuções Penais, mas "discordando inteiramente" da medida.

Assinala também Deleuze que foram indicados ao juiz da Vara de Execuções Penais, Siro Darlan de Oliveira, diversos estabelecimentos de regime fechado, para os quais *Gordo* poderia ser transferido. "S. Exa. insistiu em nos determinar o cumprimento do ofício 162-GJ/89 (de 27 de outubro), que ordenou a transferência para um presídio de regime fechado", informa Deleuze, acrescentando que, tratando-se de preso condenado, a pena deveria ser cumprida em penitenciária.

Deleuze nega que tenham sido concedidos privilégios a *Gordo* no hospital, argumentando que "a cela individual é dever do Estado, como característica do regime fechado, e o direito à visita dos familiares, à recreação e ao contato com o mundo exterior pelos diversos meios de informação constitui direito garantido ao preso". Ele reitera que considera o Henrique Roxo o estabelecimento penal mais adequado para *Gordo*, "por questão de segurança" e devido às condições de saúde do preso, que sofre de hipertensão arterial crônica. *Gordo* estava no Henrique Roxo desde 3 de julho e no dia 26 de outubro o **JORNAL DO BRASIL** publicou declarações do juiz Siro Darlan de Oliveira, segundo o qual o preso estaria recebendo tratamento privilegiado.

Prateleira cai em mercado e fere mulheres

Duas mulheres ficaram gravemente feridas ao serem atingidas por uma prateleira do Supermercado Pão de Açúcar, na Rua Viveiro de Castro nº 38, em Copacabana (Zona Sul). Isaura Silva dos Santos, 40 anos, e Maria Candido Reis, 69 anos, faziam compras e quando a prateleira partiu-se, foram atingidas por sacos de arroz, feijão e latas de óleo e azeite. Ambas tiveram fraturas. Isaura Silva, em estado mais grave, teve contusão craniana e apresentava dificuldade de visão com o olho esquerdo.

O acidente ocorreu por volta das 8h 30 min. As vítimas foram socorridas pelos próprios funcionários, que as levaram para o Hospital Rocha Maia em dois táxis. De lá, devido à gravidade dos ferimentos, foram transferidas para o Hospital Miguel Couto. O estado de Isaura é mais grave porque a outra ferida, Maria Reis, tombou sobre seu corpo. Logo em seguida à queda da prateleira, o supermercado foi fechado e a as janelas de vidro foram cobertas com papel de embrulho. Lá dentro, os alimentos que tomabaram foram recolhidos.

Isaura Santos chegou ao Hospital Rocha Maia desacordada e suja de óleo. Foram constatadas fraturas de costela e do ante-braço direito, contusão craniana e diminuição da visão. Ela trabalha como empregada doméstica na Rua Belfort Roxo. Maria Reis teve fratura no ombro e um corte profundo na perna. Ela não tem intenção de processar o supermercado. "Essas coisas acontecem", disse.

Maria da Glória Ferreira de Jesus, 21 anos, que estava vendendo ervas e plantas em frente ao supermercado na hora do acidente, contou que ouviu um barulho forte e, ao se aproximar das vítimas, uma delas já estava desacordada. No Supermercado, que só reabriu às 15h, a gerência não quis dar informações sobre o motivo do desabamento da prateleira mas garantiu que a empresa daria total assistência médica às vítimas.

Promotores acusam juízes de envolvimento com traficantes

Os juízes José Ignácio Biolchini da Silva e Renato Simoni, das Varas Criminais Regionais de Bangu (Zona Oeste do Rio), e o comandante do 14º BPM, sediado no mesmo bairro, tenente-coronel Airton Évio de Souza, são suspeitos de envolvimento com organizações de criminosos, principalmente traficantes, segundo relatório elaborado por um grupo de promotores que fez um levantamento da criminalidade nas áreas da 33ª DP, 34ª DP e Delegacia de Vigilância de Oeste. Os criminosos recebem também cobertura de policiais militares e federais, de acordo com o relatório dos promotores, enviado ao Tribunal de Justiça, à Procuradoria Geral de Justiça, à Polícia Federal e ao comando da Polícia Militar, com pedido de providências urgentes.

Dois promotores que participam das investigações — inclusive uma mulher — pediram garantias de vida ao secretário de Polícia Civil, Hélio Saboya, e foram atendidos. Uma sindicância foi aberta pelo Órgão Especial do Tribunal de Justiça para apurar as denúncias contra os dois juízes, acusados também de requisitar armas apreendidas pela polícia e entregá-las a outras pessoas. O relator da sindicância é o desembargador Décio Itabaiana, da 3ª Câmara Criminal. O comando da PM abriu Inquérito Policial Militar (IPM) para investigar o possível envolvimento do tenente-coronel Évio com o traficante Celso Luiz Rodrigues, o *Celsinho*, que domina o comércio de tóxicos na Vila Vintém. Ao longo da semana passada, repórteres do **JORNAL DO BRASIL** tentaram ouvir os juízes Biolchini — este já transferido — e Simoni, que não quiseram falar; o tenente-coronel Évio não foi encontrado.

O relatório enviado ao procurador-geral da Justiça, Carlos Antônio Navega, revela que "o crime organizado, em Bangu, está assumindo significativa proporção e criminosos altamente organizados, de posse de armamento pesado e sofisticadas aparelhagens, violam até mesmo o serviço de comunicação da Polícia Militar, interferindo em sua faixa privativa". Em outro trecho, afirma que "o crime organizado em Bangu se sente forte, desafia qualquer autoridade que queira cumprir seu dever e seu poderio econômico é muito grande, tendo infiltrações inesperadas e surpreendentes".

Denúncia aponta pressão sobre tráfico

De acordo com a denúncia dos promotores que investigam a criminalidade na Zona Oeste, desde 1985, quando assumiu a 2ª Vara Regional de Bangu, o juiz José Ignácio Biolchini da Silva vinha fazendo pressões para que a polícia preendesse Celso Luiz Rodrigues, o *Celsinho*, a qualquer custo, alegando que não admitia tráfico de drogas em sua área de atuação. Junto com o cabo Carlos Alberto Lopes — que serve na Diretoria do Pessoal Militar da PM e é acusado de integrar o grupo de extermínio que age na Zona Oeste do Rio — seu amigo, o magistrado passou a freqüentar as vilas Vintém, reduto de *Celsinho*, e Vila Aliança, dominada por Sérgio de Sousa Lima, o *Pitoco*, morto dia 20, a pretexto de conhecer o funcionamento dos pontos de venda de drogas.

O relatório dos promotores mostra, porém, que com o passar do tempo e diante do comportamento assumido por José Ignácio Biolchini, ficaria evidenciado que a postura do magistrado tinha como objetivo central, muito mais do que a repressão ao tráfico, pressionar o grupo do traficante *Celsinho*. "Eles na verdade acabariam por se entender", afirmam os promotores. Como prova deste *entendimento*, os promotores citam a ocorrência de pelo menos um encontro entre *Celsinho* e Biolchini, no pátio do próprio fórum de Bangu, pressenciado por mais de uma testemunha ouvida pelos denunciantes.

A pressão, porém, não pararia. Em junho, os promotores denunciaram à Superintendência de Polícia Federal no Rio e à Corregedoria de Polícia do estado a prisão irregular de Sandro Chagas Freire, *olheiro* do traficante, e a participação do juiz Biolchini e de policiais federais em um flagrante forjado. No dia 16 de junho, Sandro foi preso pelo cabo Lopes — que já trabalhou com o juiz no Fórum de Bangu — na Vila Vintém, onde o PM "passava a caminho do trabalho", segundo seu depoimento, com um saco contendo pó branco, semelhante à cocaína. Mas, em vez de levar o preso para a delegacia da área, o cabo foi com ele para o fórum e o juiz Biolchini mandou deixá-lo na cela do prédio.

Os promotores do Fórum de Bangu protestaram e Biolchini lhes respondeu que impetrassem um habeas corpus. Como não havia nenhuma prova que caracterizasse o flagrante, os promotores decidiram aguardar as providências seguintes do juiz e viram quando ele chamou agentes da Delegacia de Vigilância Oeste, mandou que o preso fosse posto na *caçapa* de um carro e seguiu atrás, em seu automóvel. Foram todos para a Polícia Federal, onde o juiz determinou que Sandro fosse autuado por tráfico de entorpecentes e decretou sua prisão preventiva. Biolchini alegou que Sandro era traficante e estava envolvido em uma série de assassinatos, sendo pistoleiro do bando de *Celsinho*. Da ficha criminal do preso, no entanto, constava apenas uma prisão por porte de arma.

Várias irregularidades foram constatadas pelos promotores no flagrante da Polícia Federal. "Isso é uma afronta à Justiça. É um desrespeito à lei. Houve fraude na lavratura do flagrante realizado pelo delegado de polícia federal Wanderley Martins de Brito", disse um promotor.

Número de armas requisitadas é alto

Há quatro anos, os juízes Renato Simoni e José Ignácio Biolchini, titulares, respectivamente, da 1ª e 2ª Varas Criminais Regionais de Bangu, vêm requisitando da polícia as mais variadas armas — pistolas, revólveres e até uma escopeta — apreendidas em flagrantes de porte de armas para distribuí-las entre amigos.

Em levantamento feito nas delegacias da área de Bangu, Realengo e Senador Camará e na Divisão de Fiscalização de Armas da Secretaria de Polícia Civil, os promotores constataram que, de fato, é elevado o número de armas requisitadas pelos dois juízes desde 1985.

Os promotores verificaram que as prisões por porte de arma efetuadas por essas delegacias seguiam procedimento normal. O preso pagava fiança e era liberado, o auto de flagrante seguia para uma das Varas Regionais de Bangu e a arma ficava acautelada na polícia. Posteriormente, os juízes mandavam ofício às delegacias, requisitando a arma "com a máxima urgência e sob as penas da lei". Uma pistola calibre 45, numero2 de série 459.020, com dois carregadores e sete cartuchos, que estava acautelada na Delegacia de Vigilância Oeste, foi requisitada por Renato Simoni e entregue a Emílio Gomes Duque Estrada, motorista da polícia, que trabalha para o juiz.

Mas não se sabe o destino de uma pistola Beretta, número A 00353, com empunhadura em plástico preto; de uma escopeta calibre 12, marca Winchester, número L 980856; de uma carabina Winchester, calibre 44, número 937866; de uma pistola marca Heckler & Koch, alemã, calibre 9 mm, tipo Parabellum, com capacidade para 18 tiros, número 81457; de um revólver Magnum, calibre 357, número 23136, com cabo de madeira, além muitas outras armas.

PM expulso incrimina seu comandante

O envolvimento do tenente-coronel Airton Évio de Souza com o crime organizado na Zona Oeste foi denunciado em depoimento na Justiça Militar pelo ex-soldado Manoel Moreira Pereira de Lima. O ex-soldado, expulso do 14º BPM depois de acusar o tenente-coronel de favorecer traficantes da região, disse que também o juiz José Ignácio Biolchini está envolvido com os bandidos. Na Justiça Militar, Manoel Pereira narrou a prisão de Celso Luiz Rodrigues, o *Celsinho*, por uma patrulha do 14º BPM, então comandado pelo coronel Newton José dos Santos. *Celsinho*, segundo o ex-soldado, foi levado diretamente ao juiz, porque os policiais da 33ª DP não queriam autuá-lo.

"O juiz ligou para a delegacia várias vezes, quando soube da prisão do chefe do crime organizado, perguntando se o *Celsinho* tinha chegado. Quando o traficante chegou ao fórum, foi imediatamente libertado", disse o ex-PM no depoimento, cujas cópias se encontram na Corregedoria e na Procuradoria de Justiça. Ele afirmou que a rebelião ocorrida no dia 13 de setembro no 14º BPM foi conseqüência da recusa da tropa em ir para a rua, como protesto contra punições impostas pelo tenente-coronel a soldados que perseguiam os traficantes.

João Cerqueira

Ex-PM Manoel Pereira

O ex-soldado denunciou que o tenente-coronel recebia NCz$ 40 mil por semana do crime organizado e que o dinheiro era levado ao quartel todas as sextas-feiras, no início da noite, por duas mulheres. Disse também que o tenente-coronel ganhou de *Celsinho* um Escort XR-3, que trocou depois por uma motocicleta CB 750, com o dono de uma padaria.

Contou ainda Manoel Pereira que Airton Évio de Souza freqüentava a Vila Vintém em companhia do capitão Uilze, chefe serviço secreto do batalhão, e que os dois foram visto várias vezes bebendo com traficantes. Também acusou o capitão Murilo de receber dinheiro de *Celsinho*, impedindo operações nas vilas Vintém e Aliança e no Curral das Éguas. Além disso, disse que a maior parte dos integrantes do serviço secreto do 14º BPM pertencem a grupos de extermínio que agem na Zona Oeste.

Tempo

RIO/NITERÓI

Tempo instável, passando a bom, com céu quase encoberto a meio encoberto. Visibilidade de moderada a boa. Ventos Este/Nordeste de fracos a moderados. Temperatura estável. A temperatura de ontem variou de 18º a 28º.

MARÉS

Preamar: 03h07min/1.1 15h16min/1.1
Baixa-mar: 10h13min/0.3 22h20min/0.3

O SOL

Nascente: 06h09min
Ocaso: 19h03min

A LUA

Nova Até 05/11 — Crescente 06/11 — Cheia 13/11 — Minguante 19/11

O Sudeste está sob o domínio de uma frente fria que ocasiona nebulosidade e chuvas. No resto do país existe nebulosidade acompanhada de pancadas de chuvas apenas em algumas áreas do Centro-Oeste, Norte e Nordeste.

NOS ESTADOS

UF	Condições	Máx.	Mín.
RO			
AC			
AM			
RR			
PA			
AP			
MA			
PI			
CE			
RN			
PB			
PE			
AL	Não Fornecido		
SE			
BA			
MG			
ES			
SP			
PR			
SC			
RS			
DF			
MS			
MT			
GO			

NO MUNDO

Cidade	Condições	Máx.	Mín.
Amsterdã	nublado	13	9
Assunção	claro	27	10
Atenas	claro	24	12
Berlim	claro	15	10
Bonn	claro	21	11
Bruxelas	nublado	15	10
Buenos Aires	claro	22	8
Genebra	nublado	21	9
Guatemala	nublado	22	13
Havana	nublado	31	20
Lima	nublado	20	15
Lisboa	claro	21	16
Londres	chuvoso	14	12
Los Angeles	claro	23	12
Madri	chuvoso	21	10
México	claro	26	12
Miami	nublado	29	19
Montevidéu	nublado	26	15
Moscou	claro	7	6
Nova Iorque	claro	22	13
Paris	chuvoso	22	13
Pequim	claro	21	5
Quito	claro	21	9
Roma	claro	22	3
Santiago	claro	30	13
Tóquio	nublado	23	16
Viena	claro	28	10
Washington	claro	23	10

Obituário

Rio de Janeiro

Maria Tereza Dias da Silva, 51 anos, de acidente vascular cerebral, no Hospital Miguel Couto, no Leblon (Zona Sul). Carioca, dona-de-casa, morava no Vidigal (Zona Sul) e foi sepultada ontem no Cemitério São João Batista, em Botafogo (Zona Sul). Tinha três filhos.

Maria da Glória Reis Junqueira, 65 anos, de politraumatismo por acidente automobilístico, no Hospital da Santa Casa da Misericórdia, no Centro. Mineira, casada com Fábio Monteiro dos Reis Junqueira, dona-de-casa, morava em Ipanema e foi sepultada ontem no São João Batista. Tinha quatro filhos.

Eucário Pinto Malheiros, 87 anos, de insuficiência cardíaca, em casa, em Copacabana (Zona Sul). Carioca, viúvo de Zenaide da Cunha, aposentado, foi sepultado ontem no São João Batista. Tinha três filhos.

Maria Heloísa Bentes Cesar Mascaretti, 68 anos, de edema agudo de pulmão, em casa, em Laranjeiras (Zona Sul). Paraense, casada com Angelo Mascaretti, dona-de-casa, foi sepultada ontem no São João Batista. Tinha dois filhos.

Etelvina Ferreira da Silva, 63 anos, de doença de Chagas, no Hospital Dr. Luís Cardurelli. Mineira, casada, comerciante, foi sepultada ontem no São João Batista. Tinha dois filhos.

O COLÉGIO SÃO VICENTE DE PAULO
(COSME VELHO, 241-RJ)
Comemorará na próxima 3ª feira, dia 31/10/89, seus 30 anos de existência. Convida os Ex-Alunos que nele concluíram o 2º grau, para a CELEBRAÇÃO DE AÇÃO DE GRAÇAS, às 19:00 h, seguida de confraternização no pátio.

JOSÉ BERNARDO SWALES BURLE DE FIGUEIREDO
(ZECA)
† A família com tristeza comunica seu falecimento ocorrido terça-feira 24 de Outubro, em Genebra, e convida para a Missa de 7º Dia a ser celebrada dia 31, terça-feira às 11 hs., na Antiga Catedral à Rua 1º de Março, Praça XV.

MARIA JOSÉ DE OLIVEIRA LOPES
SANTINHA
Moacyr Lopes Carneiro, seu marido
Maria e Geraldo, Sheila e Guarino, seus filhos, nora e genro
Patricia, Sabrina, Eduardo e Moacyr, seus netos Agradecem o apoio dos parentes e amigos por ocasião do seu falecimento e convidam para a missa que farão realizar, como gratidão de nos ter sido permitido, com ela conviver.
Igreja Santo Afonso, rua Major Ávila 131
Dia primeiro de novembro, 18 horas.

JORCELINA ALVES DE AMORIM BANDEIRA
(MISSA DE 7º DIA)
† Dr. Gilberto Bandeira e família Amorim Rocha agradecem o comparecimento de amigos e parentes ao féretro e aproveito para convidá-los à Missa de 7º Dia a ser realizada na Matriz de São João de Meriti, 01 de novembro, às 08:00 hs.

COMENDADOR
ALBERTO PIRES RIBEIRO
(MISSA DE 7º DIA)
† ALDINA ANTUNES RIBEIRO, filhos, noras e netos agradecem as manifestações de pesar, carinho e amizade demonstradas quando de seu falecimento e convidam parentes e amigos para a Missa de 7º Dia, a realizar-se na Igreja de N. Sª do Rosário de Fátima, Rua Bacairis, Praça N. Sª de Fátima — Taquara — Jacarepaguá, às 9:30 horas do dia 31/10/1989.

JURANDYR CALAZANS
MISSA 2 ANOS
† Sua filha, convida parentes e amigos para Missa a ser realizada no dia 3 Novembro de 1989, às 10 horas, na Igreja do Rosário e São Benedito à Rua Uruguaiana, 77.

WASHINGTON DA SILVA BRAGA
(UM ANO DE SAUDADES)
† A família convida parentes e amigos para a missa em sua homenagem que será celebrada sábado, dia 4, às 9h, na Igreja S. Paulo Apóstolo, à rua Barão de Ipanema — Copacabana.

ALEXANDRE SOARES DE SOUZA MARQUES
(Walmor, Popoca, Escova)
MISSA DE 7º DIA
† Agradecemos as manifestações de carinho recebidas por ocasião do seu falecimento e convidamos para a missa de 7º dia que será celebrada na Igreja do Mosteiro de São Bento, no dia 30 de outubro, 2ª feira, às 10 horas à Rua Dom Gerardo nº 68, Centro.

ALEXANDRE SOARES DE SOUZA MARQUES
(WALMOR OU ESCOVA)
MISSA DE 7º DIA
† Celio Marques e Ieda Soares de Souza, agradecem as manifestações de pesar, recebidas por ocasião do falecimento de seu querido filho ALEXANDRE e convidam parentes e amigos para a Missa de 7º Dia que será celebrada dia 30 às 10:00 horas, no Mosteiro de São Bento.

MILTON STENZLER
✡ Os amigos e funcionários da DOAREL JOIAS, comunicam o falecimento de seu titular e convidam para o sepultamento que se realizará hoje dia 29, às 11:30 hs no Cemitério Comunal Israelita do Caju.
Favor não mandar flores.

MILTON STENZLER
✡ Dora, Eliana, Ariel, Joshua, Ilan, Daniel, Mischel, família e amigos, comunicam o falecimento de seu querido MILTON, e convidam para o seu sepultamento que se realizará hoje dia 29, às 11:30hs no Cemitério Comunal Israelita do Caju. Favor não mandar flores.

MARIA JOSÉ DE OLIVEIRA LOPES
(Santinha)
† LEMAC S/A e MEIRA S/A convidam os parentes e amigos para a Missa de 7º dia de sua querida SANTINHA, esposa de seu amigo e Ex-Diretor Moacyr Lopes Carneiro, à ser realizada no dia 1º de Novembro, quarta-feira, às 18:00 horas, na Igreja de Santo Afonso, à Rua Barão de Mesquita — nº 275 — Tijuca.

Gasto extra leva governo a emitir NCz$ 18 bilhões

Informe Econômico

E is uma historinha de sucesso, apropriada para um dia de descanso e reflexão como este domingo. Jorge Badin, de 54 anos, era um humilde estivador no porto de Paranaguá. Depois de algumas andanças, foi parar no mercado de ações de São Paulo, onde passou a ser operador de pregão. No *boom* ocorrido na Bolsa em 1971, usou a garra de estivador e o talento de operador. Ganhou dinheiro, comprou uma fazenda de 139 alqueires em Londrina, Norte do Paraná. Plantou. Colheu. Vendeu. Durante todo o tempo, continuou ganhando dinheiro na bolsa.

Hoje, já vendeu 12 alqueires da fazenda — que está no centro da cidade — para a construção de um shopping center. Outros 15 alqueires vendeu para um loteamento, arrecadando a bagatela de US$ 40 milhões. Mas ele quer mais. Vai procurar sócios, integralizar US$ 100 milhões e transformar a fazenda num condomínio de luxo, com campo de golfe, quadras de tênis, muita área verde e de lazer. Enquanto não fecha o negócio, ele continua plantando, colhendo e vendendo. E ganhando dinheiro na bolsa.

BC x boato

Tão despreocupado quanto Badin está Wadico Bucchi, presidente do Banco Central. Bucchi defende-se da boataria do mercado financeiro e das pressões incessantes do cargo esbanjando todo seu vigor sobre desavisados adversários, em calorosas partidas de futebol. No clube de campo de Alphaville — condomínio fechado na Grande São Paulo —, Bucchi é respeitado pelos oponentes. Considerado zagueiro de categoria, que não brinca em serviço, sagrou-se campeão da temporada, derrotando a equipe do Fly-B, por 1 x 0. Foi eleito o melhor em campo. E o mais temido.

Anônimo

Para deixar essa fama somente dentro do campo, Wadico Bucchi quer impedir a publicação de fotos suas nos jornais. Deseja continuar passeando com seus dois filhos pelas ruas, trajando calças jeans surradas, sem ser reconhecido por ninguém.

A mil por hora

Enquanto isso, passou pelo Brasil como um raio, o *chairman* da área internacional do Dai-Ichi Kangyo Bank, o maior banco do mundo, Yuko Oana. Chegou na terça-feira para participar de solenidade de comemoração da mudança do Unibanco em banco múltiplo. É que o Dai-Ichi, conhecido no Japão — origem do seu capital — como o banco do coração, possui participação acionária de 11,7% no capital do Unibanco. No dia seguinte, Oana seguiu para Nova Iorque e, de lá, partiu célere para a Europa. Na mesma velocidade, ele participara, antes de chegar ao Brasil, da reunião do FMI, visitou a Austrália e deu uma passadinha no Japão. Dizem que ainda está correndo nesse momento.

Buraco negro

A idéia de beteenização das duplicatas parece definitivamente afastada. Por absoluta falta de mecanismo que concilie os interesses da indústria, do comércio e do governo. Os especialistas vão continuar pensando em uma fórmula que evite a inclusão de expectativas exageradas de inflação nos juros a prazo e, ao mesmo tempo, impeça que a arrecadação caia. Embora todos reconheçam que alguma coisa precisa ser feita, o pessimismo em que se acha a solução é quase insuperável.

Prejuízo

A Mafersa, que esteve para ser privatizada, informa o BNDES, já tem um estudo completo da recuperação da empresa. Isso irá lhe custar, até 10 de novembro, US$ 5 milhões.

Energia no campo

Já estão no BNDES vários estudos e projetos solicitando recursos para a construção de miniusinas geradoras de energia em fazendas. Só há um complicador impedindo o progresso dos entendimentos: o BNDES briga por uma cláusula que garanta a distribuição da energia excedente.

Só terra

Talvez essa energia possa melhorar a situação das estradas, já que estudo feito pela Associação Rodoviária do Brasil (ARB) constata que as rodovias brasileiras pavimentadas não chegam a 10% da extensão total. Quando o levantamento radiografa os municípios, a situação é pior ainda, dos cerca de 1,3 milhão de quilômetros existentes menos de 1% é pavimentado. O prejuízo que isso provoca no transporte, por exemplo, de produtos agrícolas é incalculável.

Em queda

Outro estudo, esse feito pela Petroquisa, indica que o mercado internacional de produtos petroquímicos incorporará, dentro de três anos, um excedente de um milhão de toneladas de resinas termoplásticas. A participação brasileira nesse mercado foi de 2% a 4% durante a década de 80 e pretende alcançar índices de 8% a 10% nos anos 90. A disputa será feroz.

José Antonio Rodrigues (Interino)

Maria Luiza Abbott

BRASÍLIA — Nem só no controle da inflação fracassou o Plano Verão. Dez meses depois, as contas mostram que os gastos estão NCz$ 18 bilhões acima do que será arrecadado até o final do ano, o que inviabiliza o compromisso, assumido pelo governo com o Plano, de só gastar o que arrecadasse. Esse rombo é o resultado da aprovação de projetos dos ministros gastadores, do pagamento de reajustes de salários aos funcionários públicos e de uma queda na receita prevista com impostos. Sem meios para reduzir o buraco, o governo deve lançar mão de um conhecido recurso: a emissão de novos títulos da dívida pública para fazer cruzados novos, que depende de mudança na lei.

Essa será a quarta exceção que o governo pretende abrir na lei que criou o Plano Verão e na qual o Executivo se comprometia a só gastar o que arrecadasse. As regras foram mudadas para cobrir a dívida externa de estados e municípios, a dívida não mobiliária do Tesouro Nacional e o crédito rural. Essa última alteração foi iniciativa do Congresso e determina a emissão de NCz$ 9,8 bilhões em papeis — mais da metade do novo rombo — para que o Banco do Brasil assegure financiamento para os agricultores.

A alteração que deverá ser solicitada ao Congresso dessa vez, no entanto, difere das anteriores, porque a emissão vai cobrir despesas não-financeiras do Tesouro. Até setembro, a execução orçamentária vinha conseguindo superávits expressivos, desde que fossem desconsiderados os gastos financeiros. Ou seja, a arrecadação, ainda que 10% menor em valores reais — descontada a inflação — do que a receita do ano passado, vinha sendo suficiente para pagar manutenção da máquina administrativa, pessoal, obras previstas, campanhas de saúde e outras despesas. Até que as pressões se tornaram irresistíveis.

Programação — Esta semana, o governo concluiu sua projeção de despesas e receitas já engordadas por uma estimativa de inflação média de 39% ao mês de outubro a dezembro. De toda a arrecadação prevista, apenas NCz$ 18,3 bilhões não estavam comprometidos em projetos de lei de suplementação de verbas orçamentárias já encaminhados ao Congresso até 23 de outubro. E esse excedente deveria cobrir as despesas com pessoal que ultrapassaram a dotação inicial do orçamento, em função dos reajustes legais de salários e com os novos projetos aprovados pelo presidente Sarney para atender aos ministros gastadores.

As despesas com pessoal aumentaram depois que a lei salarial de reajustes mensais foi estendida aos servidores, em decorrência da aceleração inflacionária, e após o governo ter decidido pagar a inflação do Plano Bresser — 26,06% de junho de 1987 —, além de alinhar as gratificações. Com essas mudanças, serão gastos NCz$ 43,5 bilhões com a folha de pagamentos de outubro a dezembro, NCz$ 11,3 bilhões a mais do que estava previsto no orçamento para estes três meses. Apesar desse aumento expressivo, as despesas com pessoal não ultrapassarão o teto de 65% da receita corrente, imposto pela Constituição.

O peso das pressões — A lista de projetos que serão executados por força de pressões, se forem aprovados pelo Congresso, aumenta em NCz$ 6,7 bilhões as despesas que não serão cobertas pelo excesso de arrecadação — aumento nominal de receita tributária, como resultado da elevação inflacionária. Os projetos encaminhados pelo Executivo ao Congresso até agora têm como fonte de recursos esse excesso, que deixará de ser usado para pagamento de outras despesas inadiáveis, como a de pessoal. Ou seja, os recursos que poderiam ser usados para cobrir os gastos indispensáveis garantem a execução dos projetos dos ministros gastadores, e vai faltar para o resto.

Há casos em que os ministérios que têm a chave do cofre reconhecem a necessidade de gastar, mesmo que isso represente emissão de títulos — o que é inflacionário, segundo as teorias econômicas. Entre eles está um projeto que prevê aumento de NCz$ 2 bilhões nas despesas de custeio e manutenção dos ministérios, com exceção dos militares. "Se esse dinheiro não for liberado, começarão os cortes de luz e telefones, por exemplo", afirma uma graduada fonte da área econômica. Outro exemplo, é a previsão de gasto adicional de NCz$ 520 milhões em obras de irrigação e armazenagem, que já foram iniciadas e sua interrupção traria maior prejuízo.

Além dessas despesas extras, a queda de arrecadação também não estava nos planos do governo. Ao contrário, o orçamento foi elaborado com a previsão de um aumento real de 1,9% do PIB (Produto Interno Bruto) na receita de 1989, em relação ao ano anterior. Esse ganho seria proveniente de um esforço fiscal que deverá ser reduzido em dois terços, em conseqüência de dificuldades operacionais da Receita Federal e da Procuradoria da Fazenda. Mais do que isso, até setembro, a arrecadação apresenta uma queda real de 10%, em relação a 1988. Entre as causas apontadas para essa queda está o fim da correção monetária para os tributos determinada pelo Plano Verão — que provocou uma queda de 40% na arrecadação de janeiro e fevereiro, quando essa medida estava em vigor.

José Roberto Serra — Wilson Pedrosa

Reinaldo Tavares terá recursos sem o aval de Abreu

Transportes ficam com a maior fatia

A migo pessoal do presidente José Sarney, o ministro dos Transportes, José Reinaldo Tavares, foi o que recebeu a maior fatia de recursos para seus projetos. Do total de NCz$ 6,7 bilhões — resultado de uma emissão adicional de títulos públicos — o seu ministério recebeu NCz$ 2,24 bilhões, uma decisão polêmica que não teve o respaldo do ministro do Planejamento, João Batista de Abreu.

O ministro dos Transportes encaminhou sua proposta diretamente ao presidente Sarney e recebeu o "seja encaminhado nos termos da lei" do presidente, no início de outubro. Só então, o projeto foi repassado ao ministro do Planejamento, num procedimento não habitual. João Batista questionou a proposta do Ministério dos Transportes, alegando que ela não merecia a aprovação técnica de sua equipe. José Reinaldo Tavares voltou ao presidente e conseguiu dele um "de acordo", o que viabilizou o encaminhamento do projeto.

Cabe ao ministro do Planejamento encaminhar os projetos de suplementação orçamentária ao presidente e, habitualmente, ele apóia a proposta em uma Exposição de Motivos (E.M.). Dessa vez, no entanto, João Batista preferiu não assumir qualquer responsabilidade sobre a liberação de recursos para 181 projetos. Na sua E.M. encaminhada ao presidente Sarney o ministro diz que submete o projeto de lei por determinação do presidente.

A proposta, que não recebeu a aprovação técnica, prevê que 120 dos 181 projetos devam ser iniciados somente após a aprovação pelo Congresso — na melhor das hipóteses, depois das eleições, quando faltarão apenas quatro meses para o fim do atual governo. Esses projetos novos consumirão 40% da receita total do programa e a metade deles propõe a construção de estradas. Os técnicos, especialistas no exame desses projetos, estranharam a proposta de construção de estradas novas a apenas quatro meses do fim do governo e desaprovaram o seu encaminhamento. Por pressão do presidente, o projeto de lei foi encaminhado quarta-feira passada ao Congresso. (M.L.A.)

Paes e Maílson se encontram na volta de Sarney

BRASÍLIA — O presidente José Sarney desembarcou ontem de volta da Costa Rica e saiu da sala Vip da Base Aérea de Brasília ladeado pelo presidente da Câmara dos Deputados, Paes de Andrade — que assumiu interinamente a Presidência da República —, e pelo ministro da Fazenda, Maílson da Nóbrega. Os três posaram juntos para fotos, a fim de colocar um ponto final no confronto ocorrido na véspera entre Maílson e Paes de Andrade, em torno do pagamento do reajuste de 152% concedido aos funcionário do Banco do Brasil pelo Tribunal Superior do Trabalho.

Ao desembarcar, Sarney conversou por cerca de trinta minutos a sós com Paes de Andrade, antes de se juntar ao grupo. Ninguém quis dar entrevista e apenas Maílson da Nóbrega proclamou um lacônico "está tudo bem", antes de entrar no carro que o tirou da Base Aérea. Depois que Sarney saiu, Maílson e Paes chegaram a trocar um aperto de mão de despedida sob o olhar do chefe do SNI, general Ivan de Souza Mendes. Ironicamente, foi Mendes quem intermediou a solução para o impasse entre o ministro da Fazenda e o presidente interino. Como presidente, Paes havia dado ordem ao Banco do Brasil para pagar o reajuste dos funcionários, mas Maílson deu uma contra-ordem.

Venceu a ordem de Maílson, embora a questão tenha sido contornada pelo chefe do SNI, que monitorou a divulgação de uma polida nota da direção do BB negando que tivesse recebido a ordem do presidente interino para pagar o reajuste integral. Ontem, o porta-voz da Presidência da República, Carlos Henrique Santos, disse que foi Paes quem orientou o BB para que rodasse duas folhas de pagamento, uma com o aumento de 152% autorizado pela Justiça, e outra com apenas os 91% que o banco quer dar. No entanto, fora o presidente do BB, Mário Berard, quem informara ao Planalto que as duas folhas já estavam prontas, na expectativa de uma decisão do TST.

Quando o Boeing presidencial aterrissou, às 11h05, o presidente da República em exercício e o ministro da Fazenda estavam separados pelos ministros do Exército, Leônidas Pires Gonçalves; do Gabinete Civil, Ronaldo Costa Couto; dos Transportes, José Reinaldo, além do presidente interino da Câmara, Inocêncio de Oliveira (PFL-PE), e do presidente do Senado, Nélson Carneiro. Após receber um abraço de Sarney, Paes saiu atrás dele para a sala Vip da Base Aérea e passou por Maílson sem olhar.

Brasília — Antônia Márcia Vale

Maílson e Paes: aperto de mãos sob o olhar de Ivan Mendes

PDT e PT negam intenção de não pagar dívida interna

Joyce Jane

SÃO PAULO — Lula e Brizola são nomes que causam calafrios na espinha dos executivos financeiros. Mas, olhando de perto, esses dois fantasmas são muito menos assustadores do que pregam todos os alarmistas do sistema financeiro, que vêm usando esse trunfo para fazer disparar as cotações do ouro e do dólar. "Calote da divida interna é uma idéia que nunca passou pela minha cabeça", garante o candidato do PT à presidência da República, Luis Inácio Lula da Silva. Ele garante que, assim que assumir a presidência, senta à mesa para negociação e não vai dar prejuizo para ninguém que aplica no overnight.

Mas os dois partidos estão muito preocupados com a politica de juros reais que o atual governo vem praticando. "É um absurdo o governo insistir nessa politica de juros reais elevadissimos. Só em outubro, estão sendo pagos US$ 3,5 bilhões de juros reais, que equivalem a 1% do PIB", lamenta o economista do PDT, César Maia, dizendo que essa politica irresponsável que está sendo adotada agora é que vai dificultar a solução da questão da divida no próximo ano. O candidato do PDT à presidência, Leonel Brizola, foi procurado insistentemente durante três semanas, mas não quis se pronunciar sobre o assunto.

A preocupação dos dois partidos não é à toa. Pelas contas do economista do PT, Aluisio Mercadante, até março o governo vai pagar — apenas em juros reais — 3,9% do PIB aos aplicadores do overnight. "Descartamos totalmente a possibilidade de calote, mas quanto mais o governo aumenta absurdamente a divida, mais a solução sem traumas para o próximo presidente fica dificil."

Ameaça — Tanto o PT quanto o PDT temem mais o que o Banco Central está fazendo agora do que a rodada de negociações que terá que ser feita com os representantes do sistema financeiro. Os dois partidos temem que essa decisão do governo de pagar 1% do PIB em juros ao mês coloque o pais no caminho inevitável da hiperinflação. "Se o governo não colocar um fim agora nesses juros absurdos, o pais não conseguirá escapar da hiperinflação. Ou vamos enfrentar esse processo agora ou no inicio do próximo governo", alerta César Maia.

Embora condenem a política de juros altos, Brizola e Lula desmentem calote

Ele ressalta que se essa situação perdurar o sistema financeiro e a economia como um todo vão perder muito porque esse juro, se mantido, o pais enfrentará a hiperinflação onde todo mundo perde. "O sistema financeiro sabe disso e começa a apresentar propostas para evitar o caos", informa ele, garantindo que há projetos de mudança imediata na condução da politica interna, que estão circulando e foram idealizadas por representantes do próprio sistema financeiro.

Propostas — Mas, quais são as propostas do PT e do PDT? Os dois partidos falam em renegociação, mas as idéias para fazê-la são diferentes. O PT acha que a idéia de como fazer virá do próprio mercado e será analisada e negociada por um prazo que deve durar de três a seis meses. Isso significa que, no momento de sua posse, o PT não faria mudanças bruscas na administração da divida interna, mas sentaria à mesa para encontrar soluções que alongasse seu perfil.

De imediato, após a posse, o PT e o PDT garantem que será feita uma redução nas taxas reais de juros. "Tem que diminuir a margem de juros reais. Mas os poupadores serão respeitados, principalmente o pequeno poupador que não especula e só tenta mesmo uma proteção para seu dinheiro", tranqüiliza Lula.

César Maia também diz que essa politica real de juros é suicida porque torna os papéis públicos titulos de alto risco devido à impossibilidade de essa politica ser mantida. Na sua opinião, o mercado sabe disso, mas tenta criar um clima de pânico para poder ganhar mais agora e se proteger de qualquer perda futura. "O que o governo devia fazer já era engessar a divida interna como fez com a divida externa, a fim de preservar intacto esse instrumento de financiamento do Estado", imagina ele.

Mas a redução das taxas reais de juros não deve assustar nenhum investidor. Na verdade, o Brasil nunca viveu uma fase de histeria de taxas como está acontecendo agora. Basta lembrar que até o inicio desse ano as taxas do overnight praticamente empatavam com a inflação e, na maioria das vezes, a poupança e os titulos de renda fixa eram muito mais atraentes do que as aplicações de over. Aliás, no mundo inteiro é assim.

Desconfiança — No Brasil, a situação chegou a esse ponto devido ao descrédito do governo. Cada vez mais sem credibilidade, o governo foi vendo toda a divida passando para o curto prazo, até chegar ao aburdo de toda a divida ser girada por um dia. Em seguida, a desconfiança foi crescendo e o governo foi aumentando os juros para manter o interesse do aplicador pelos seus titulos. Com a credibilidade de um novo governo, os papéis federais devem voltar a ter também credibilidade.

Mas César Maia tem idéias mais precisas do que o PT. Ele defende, por exemplo, o fim da LFT (Letra Financeira do Tesouro) e retorno às antigas ORTNs fiscais e LTN monetárias. Ele pensa ainda que depois que o plano de estabilização do novo governo demonstrar sucesso, pode-se partir para um alongamento do perfil da divida.

Para alongar os prazos, ele sugere a venda de titulos finais com amplas garantias de liqüidez no vencimento dos juros e do principal. "Podiamos fazer um cardápio de trocas. Por exemplo, que ao invés de receber dinheiro, o aplicador recebesse o direito de trocar o rendimento dos papéis por imposto a pagar, por ações pereferenciais de estatais ou por serviços públicos. Poderiamos oferecer também a opção por diversos indexadores." César Maia diz que são idéias que podem ajudar no debate, mas que serão trocadas por outras melhores que aparecerem.

O que importa é que nenhum dos dois partidos pensa em prejudicar o investidor, reduzindo compulsoriamente a divida interna ou obrigando os aplicadores a comprarem titulos de longo prazo. Nenhum dos dois partidos também cogita a possibilidade de estatização do sistema financeiro ou qualquer medida semelhante. Isso prova que o pânico em relação a essas candidaturas, do ponto de vita financeiro, não passam de meras especulações sem fundamento. "Existem terroristas vendendo a idéia de que a inflação está crescendo por causa da estrela do PT. Tentar dizer que o ouro e dólar estão subindo em função do PT é canalhice", dispara Lula.

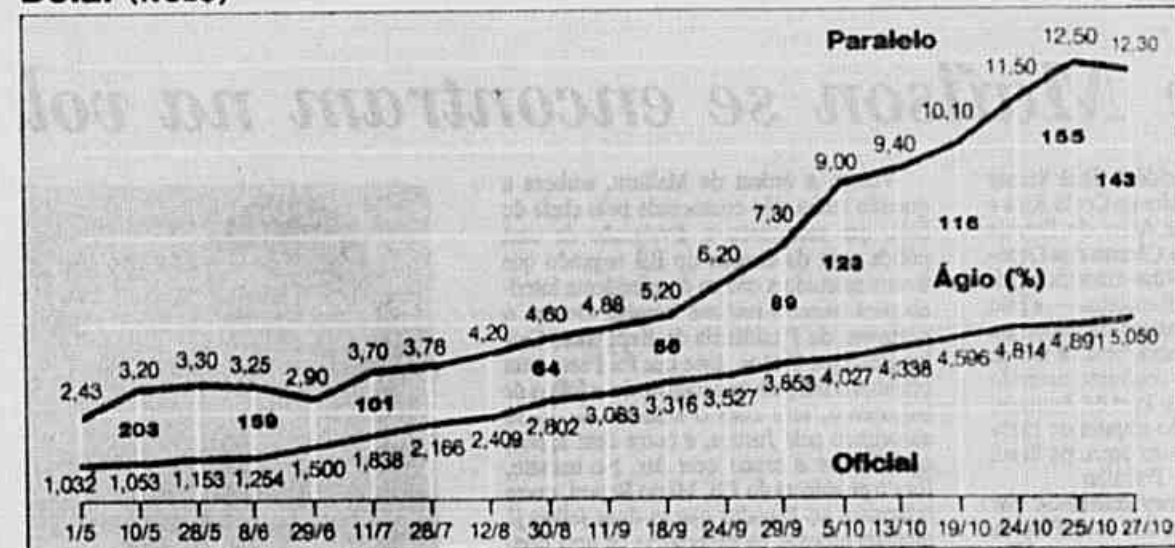
Momento é de prudência para investidor

Sônia Araripe

Os investidores, tanto os pequenos quanto os de maior poder de fogo, ficaram inteiramente confusos com o comportamento *louco* do mercado financeiro na semana passada. O ouro subiu, o dólar também disparou, as bolsas de valores fecharam com expressivas valorizações e o over também continuou no mesmo ritmo ascendente. Ou seja, tudo subiu, ao mesmo tempo, contrariando a lógica de que se alguém está ganhando, outro está perdendo. Por trás desta movimentação disparatada estava uma infinidade de boatos, como o de que o candidato do PRN à presidência, Fernando Collor de Mello, teria sofrido um atentado.

A grande dúvida que ficou na cabeça de muitos aplicadores é se existem alguns argumentos técnicos sustentando esta *febre* ou se tudo não passa de uma manobra de especuladores de peso. Analistas e consultores financeiros, que administram grandes carteiras de investimentos, advertem para o risco cada vez maior do mercado financeiro. Com a proximidade das eleições, o cenário ficará cada vez mais arriscado porque megaespeculadores estão apostando todas as fichas na tentativa de sairem desta transição muito mais ricos.

Cuidado — "Os pequenos investidores devem tomar muito cuidado para não fazerem operações erradas", adverte Gil Deschatre, diretor da empresa de consultoria Deschatre & Almeida Associados, administradora de grandes carteiras. O pequeno investidor, com a maior parte das suas economias na caderneta de poupança ou no overnight, que assistiu o dólar no mercado paralelo chegar aos NCz$ 13,00 na quarta-feira passada, e o ouro cotado na máxima a NCz$ 146,20, ficou com a nitida sensação de estar fazendo papel de bobo deixando o dinheiro nos titulos do governo.

Mas os especialistas recomendam muita calma. "O movimento foi especulativo. Chega a preocupar", alerta Jorge Gianelli, diretor da Planning Consultoria, que presta serviços para bancos e corretoras. Ele acredita que por trás de toda boataria está em jogo o lucro de um grupo de especuladores. "A população como um todo não se beneficiou destas manobras", diz.

Gianelli se preocupa com a existência de um verdadeiro compló, interessado não só em ganhar rios de dinheiro no mercado financeiro como também em inviabilizar a transição democrática em um clima pacifico. Os analistas que administram recursos de terceiros estão trabalhando com muita cautela para diminuir ao máximo a margem de erro. Afinal, perder em cima de um patrimônio de NCz$ 10 mil é uma coisa, mas errar na administração de um patrimônio de NCz$ 10 milhões é bem diferente.

Equilíbro — "Estamos tentanto chegar a um equilibrio", revela Alberto Arduam, diretor da Apar, administradora de grandes fortunas. Ele aconselha aos pequenos investidores o uso intensivo dos conselhos dos especialistas. "Se para nós está dificil traçar um cenário do dia seguinte, imagine para quem não tem subsidios técnicos", lembra. No seu escritório, no Centro carioca, Raduam acompanha o sobe-e-desce do mercado financeiro a cada 10 minutos. Qualquer distração pode signficar a perda de muito dinheiro.

O ágio (diferença entre a cotação do dólar no mercado paralelo e oficial) chegou a 155% na quarta-feira. Não é recorde no ano — bateu 203% no dia 10 de maio — mas é considerado altissimo pelos analistas. Se for levado em conta que naquela época o câmbio oficial estava congelado, o ágio recorde de 203% não tem o mesmo significado real do que os 155% da semana passada. "É como se fosse uma escada. Se subiu 155 degraus, pode despencar da noite para o dia. O tombo promete ser mais forte", adverte o diretor da Apar.

Deschatre não recomenda a compra nestes niveis, nem do ouro, nem do dólar. "Seria um mau negócio", acredita. Mas os consultores concordam que além da especulação há também uma procura por ativos reais, por causa do medo da hiperinflação chegar logo. "O mercado futuro está projetando uma inflação de 43% para novembro e as previsões para dezembro são ainda mais pessimistas", observa João Luiz Máscolo, diretor do Instituto Brasileiro do Mercado de Capitais (Ibmec).

Ele acredita que a economia está realmente caminhando para a hiperinflação e neste cenário a melhor tatica é procurar ativos reais. "Antes de março, quando assume o novo presidente, deveremos ter uma inflação de 50%, uma taxa que pode ser considerada a porta de entrada para a hiper", prevê.

Bancos — Se os pequenos investidores nunca sabem detectar com certeza o futuro dos investimentos, os bancos, com equipes técnicas de alto nivel, já previam a alta dos ativos reais. "Há pelo menos um mês tinhamos diagnosticado que isto iria acontecer", revela Sônia Villaboas, administradora de recursos do Banco Garantia, que tem uma divisão, a Gardi, somente para cuidar desta área. Como foi possivel prever com antecedência os rumos dos ativos financeiros, este banco pôde direcionar as carteiras que administra, principalmente para as bolsas de valores e ouro.

"Só não dava para prever o motivo deste movimento, ou seja, a subida do Lula", conta. A especialista admite que o mercado não está nem um pouco técnico. "O fator psicológico está influindo muito", diz. Ela revela como está sendo feita a estratégia de investimentos do seu setor: cerca de 80% na bolsa, 10% no ouro e os 10% restantes no curtissimo prazo, ou seja, no overnight.

Diversificar é a melhor estratégia

Os consultores de investimentos aconselham a diversificação como melhor estratégia para os pequenos aplicadores tentarem se proteger da inflação e driblar as armadilhas dos grandes especuladores. Um pouco de dinheiro nos ativos de renda fixa, como poupança, overnight e os fundos, e outra parte nos investimentos de risco, ou seja, ações, ouro e dólar.

"Assim se amenizam as perdas", acredita João Luiz Máscolo, diretor do Ibmec. Ele adverte, entretanto, para a dificuldade de determinar a hora certa de comprar ou vender um ativo. "Tentar definir o timing certo dá realmente muita dor de cabeça", diz. Ele adverte que os investidores devem deslocar um pouco mais dos recursos para os ativos de risco conforme a inflação for mostrando sinais de estar muito perto dos fatídicos 50%.

Alberto Raduan sugere aos pequenos investidores que procurem bons analistas, pessoas com capacidade de ajudar nesta dificil tarefa de decidir o que fazer com as economias. "Deixar um pouco nos ativos de risco e outro nos de renda fixa é a atitude acertada para tentar chegar a um equilibro. A dosagem depende de cada um", diz.

Alto — *Gil Deschatre não recomenda a ninguém a comprar ouro ou dólar agora porque os preços já estão muito altos. "A melhor opção são as ações de empresas com bons resultados, principalmente as exportadoras", aconselha. Ele aposta principalmente nos papéis do setor de alimentos, porque com a queda do poder aquisitivo esse consumo tende a se manter estável. "Empresas avicolas, como Avipal e Perdigão, são excelentes oportunidades de investimento", sugere.*

Jorge Gianelli, da Planning, não concorda muito com os outros especialistas. Ele acredita que a melhor estratégia agora é realmente deixar o dinheiro apenas no curtissimo prazo, ou seja, no overnight, ou nos fundos de renda fixa ou de curto prazo. "Pelo menos até a decisão do primeiro turno", diz. Ele adverte que apesar da alta repentina do ouro e dólar na última semana, a rentabilidade acumulada no ano não é fantástica. "Estes ativos são para quem está esperando o pior. Os dados da economia, como produção industrial e taxa de desemprego, provam que o cenário não é catastrófico como alguns pregam", adverte. (S.A)

Geraldo Viola

Lourdes: garantindo o "dinheirinho que sobra"

Inflação populariza dólar

Operar com moeda americana não é mais privilégio

Marco Antonio Monteiro

Comprar e vender dólar deixou de ser uma operação limitada aos brasileiros mais privilegiados ou um ato puro e simples de especulação. A conturbada e insegura situação econômica do país alteraram esta lógica natural do mercado negro do dólar que, segundo o diretor da Área Externa do Banco Central, Arnim Lore, movimenta diariamente US$ 50 milhões. Hoje, comprar uns *dolarzinhos* no paralelo passou a fazer parte do vocabulário dos mais humildes, como estudantes, donas de casa e até desempregados.

A resposta para o fenômeno é quase unânime: comprar e vender dólar significa lucro certo, sobretudo no atual periodo politico do pais, em que as incertezas da economia contribuem para que o *povão* não dedique a mesma confiança apenas na velha e conhecida caderneta de poupança. "Todo dinheirinho que sobra, prefiro comprar dólar do que colocar na poupança", diz Lourdes Pimentel, desempregada desde julho.

Lourdes afirmou que não sabia da blitz realizada pela Policia Federal, na última quarta-feira, nas casas de câmbio e nos aeroportos do Galeão e Santos Dumont para reprimir, coibir e fiscalizar as operações de dólar turismo. Surpresa com a revelação de que a compra de dólar exige apresentação de passaporte e bilhete de passagem, ela retrucou: "Acabei de comprar US$ 20 na Casa Behar, pagando NCz$ 246,00, e não me pediram nada disso."

A estudante Silvana Santos tampouco teve dificuldades para trocar US$ 200 que sua irmã lhe emprestou para pagar aluguel e custear despesas de supermercado. "O único problema foi a demora, porque a casa de câmbio estava muito cheia", disse ela, mostrando-se surpresa com a noticia de que a Policia Federal estava reprimindo o câmbio negro. "É uma pena, pois o dólar é mais prático do que a poupança. A gente não precisa esperar um mês para usar o dinheiro, no caso de necessidade urgente", acrescenta.

A crescente preferência pelo dólar provocou um fato bastante peculiar na casa de câmbio PM Turismo do Centro da cidade. Foi no final da tarde da última quarta-feira — dia em que o dólar chegou a NCz$ 13,00, o que levou a Policia Federal a desencadear a blitz. Uma senhora, que preferiu não se identificar, teve um rápido bate-boca com o balconista da casa de câmbio, que se recusava trocar US$ 100. A senhora, trajando roupas simples, alegava que não teria como pagar a prestação de um crediário, que vencia naquele dia, e que tampouco teria dinheiro para voltar para casa em Niterói. O balconista manteve-se irredutível, porque naquele dia a loja fora autuada pela Policia Federal e estava temporariamente proibida de operar com o dólar turismo. Muito nervosa, a senhora disparou porta a fora e juntou-se à multidão do Centro do Rio.

Tasso Marcelo

Silvana: "O único problema foi a demora"

Novo governo herdará atraso de 5,2 bilhões na dívida

Miriam Leitão

Quando o novo presidente assumir o governo, no dia 15 de março, estará exatamente no olho de um furacão no que se refere à dívida externa. Encontrará nas reservas cambiais brasileiras US$ 7 bilhões, poupados pelo governo Sarney, mas estará com juros atrasados com os bancos privados de aproximadamente US$ 5,2 bilhões. E, por coincidência ou azar, vai estrear a faixa presidencial no mesmo dia em que baterá no Banco Central mais um dos grandes *papagaios* que, de seis em seis meses, desabam sobre o Brasil. Quinze dias depois, outro problema: expira o acordo com o Clube de Paris, o que obrigará o pagamento de parcelas do principal e do serviço de uma dívida de US$ 4 bilhões 992 milhões, que foi rolada exatamente para o dia 1º de abril de 1990.

A concentração de problemas só pode ser aliviada se o atual governo conseguir realizar seu plano no pouco tempo que lhe resta: os negociadores brasileiros, chefiados pelo ministro Mailson da Nóbrega, querem um acordo com o Fundo Monetário Internacional, de seis meses, com base em metas rígidas de déficit público para o primeiro ano do próximo governo. Esse acordo dispararia um *efeito dominó* ao contrário: com ele seria possível haver uma liberação de pelo menos US$ 200 milhões do FMI. Isto seria o sinal verde para que o Banco Mundial liberasse para o Brasil algo em torno de US$ 300 milhões. O dinheiro do BIRD permitiria a liberação pelos bancos credores da terceira parcela do dinheiro prometido no último acordo feito em 1988. Este empréstimo — de US$ 600 milhões — seria somado aos outros dois e mais uma parte sacada das reservas brasileiras. Todo o dinheiro dessa complicada engenharia financeira, junto, seria entregue aos bancos internacionais para abater aquela conta de juros que, se não for paga, estará no dia 15 de março subindo a rampa para os US$ 5,2 bilhões. Muita gente do governo acredita que é possível, apesar de estar correndo contra o relógio. "Continuo acreditando no acordo", diz, com sua habitual calma, o embaixador brasileiro em Washington, Marcílio Marques Moreira.

Conta de chegar — Os técnicos do atual governo que se dedicam à questão da dívida externa não liberam a informação de quanto de juros vence a cada mês, desde julho, quando os pagamentos foram suspensos, até março do próximo ano. Um deles explica que "esta conta só aumenta o ambiente de tensão no país em que a dívida externa é tratada emocionalmente". Mas não é difícil fazer os cálculos com grandes chances de acerto.

Getúlio Vilanova

Dívida externa (estoque)
Em US$ bilhões

Ano	71	72	73	74	75	76	77	78	79	80	81	82	83	84	85	86	87	88	89
US$ bilhões	6,62	9,52	12,57	17,16	21,17	25,98	32,03	43,51	49,90	53,84	61,41	70,19	81,31	91,09	95,85	111,04	121,17	114,94	109,01

Fonte: Banco Central

Fonte: Banco Central

Um técnico do governo, que tem sobre a sua mesa o dia-a-dia do vencimento das contas brasileiras, autoriza o seguinte raciocínio: pelos dados que constam do documento *Brasil: programa econômico* — uma publicação onde constam metas e números da economia brasileira —, o Brasil teria que pagar a todos os seus credores, em 89, US$ 11,2 bilhões. Desse total, uma parte é juros devidos ao Banco Mundial, FMI e BID — dinheiro sagrado, que não pode deixar de ser pago. A outra parte, mais ou menos 70%, representa os juros da banca privada, que é comandada pelo Citibank, maior credor brasileiro. Durante os doze meses deste ano deveríamos pagar aos bancos US$ 7 bilhões 840 milhões. Os juros foram suspensos em julho. Trabalhando-se com a hipótese de que nada seja pago até março, quando o presidente assumir vai estar completando nove meses de atraso, o que dá mais ou menos US$ 5,2 bilhões. "Use este número como estimativa sua, mas é mais ou menos isto", incentivou esse técnico.

Contas de março — Pelo último acordo feito com os bancos internacionais privados, ao quais o Brasil deve a gorda quantia de US$ 69,4 bilhões, há uma grande concentração de pagamento de juros exatamente no dia 15 de março de 1990. Os funcionários do governo guardam este número a sete chaves, mas confirmam que a conta de março é quase do mesmo tamanho que os juros vencidos em setembro, de exatos US$ 1 bilhão 625 milhões.

Um brasileiro mais inflamado com os discursos da campanha eleitoral, em que todos os candidatos pregam o não-pagamento dos juros, pode pensar que essa contabilidade é inútil, já que o caminho é mesmo a moratória. É bem menos simples do que parece no horário gratuito do TSE.

Os bancos internacionais privados têm uma grande arma contra o Brasil, ainda nunca usada porque tem o efeito de uma bomba atômica: os US$ 15 bilhões das linhas de curto prazo, que são usados para financiar o comércio exterior brasileiro e os bancos brasileiros no exterior. Se essas linhas começarem a ser suspensas podem detonar um colapso brasileiro. Além desse velho, mas vivo, fantasma, há outros problemas, como o Clube de Paris.

Esse clube reúne todos os bancos oficiais dos grandes países ricos. Enfrentá-lo significa cutucar com vara curta os mais poderosos leões do planeta. Por isso, o caminho sempre foi negociar. A situação com eles está no seguinte pé: o acordo de agosto de 88 jogou para 31 de março de 1990 o início do pagamento dos juros vencidos neste período e do principal não pago desde janeiro de 87. A dívida chega aos US$ 4 bilhões 992 milhões. Não precisa ser toda paga, evidentemente, mas os primeiros pagamentos terão que ser feitos no dia 1º de abril. De juros são US$ 170 milhões nesse dia. E tem ainda o principal.

Plano Brady não faria o país crescer

Uma das perguntas feitas pelos especialistas hoje é que vantagem concreta o Brasil poderia ter com um esquema de redução de dívida ao estilo mexicano. O Banco Mundial decidiu medir isto e fez um ensaio econométrico prevendo cinco alternativas de diminuição do que o Brasil tem a pagar e o resultado é melancólico. Nas várias hipóteses o Brasil conseguiria crescimento entre 0,2% e 1% do PIB ao ano no período de 1989 a 1994.

O estudo realizado imagina alternativas já conhecidas, como a da conversão da dívida externa brasileira, e outras revolucionárias, como pagar em cruzados os débitos assumidos em dólares. O trabalho, intitulado Dívida, ajustamento macroeconômico e crescimento: resultados preliminares de simulações sobre o Brasil, além de um pequeno texto nomais cristalino economês tem uma sucessão de indigestas fórmulas matemáticas, de enlouquecer os leigos, através das quais chega às suas conclusões. A principal delas, não escrita, é que o Plano Brady pode não ser o melhor caminho. O cenário no qual as projeções são feitas é de um país que fez mudanças fiscais e monetárias que levaram à redução da inflação para para 30% anuais.

Propostas — *A primeira proposta é conversão da dívida em capital de risco: US$ 5 bilhões em 1990 e US$ 4 bilhões por ano nos anos seguintes, com um desconto de 30%. Como conseqüência, haveria um aumento da taxa de investimento público e um crescimento do PIB de 1% no período. Um outro efeito é previsto: incremento do investimento privado, devido às expectativas positivas geradas pela redução do débito. Neste cenário haveria deterioração da taxa real de câmbio, pela maior demanda por bens domésticos, e os papéis da dívida externa iriam se valorizar no mercado secundário.*

Outra proposta é a de compra, pura e simples, de US$ 22,5 bilhões da dívida brasileira, com deságio de 60%, pela utilização de US$ 10 bilhões das reservas nacionais. O produto teria um incremento de 1% em 1990 e manteria esse nível nos anos seguintes.

A terceira alternativa consistiria na troca de dívida externa por dívida nova, com garantias. Vinte bilhões de dólares seriam trocados ao valor de face e com juros fixos de 6%. O impacto quanto ao crescimento seria desprezível. A quarta seria a troca de US$ 10 bilhões da dívida externa por interna, com resgate em dois anos. Esse resgate, em 1992, provocaria uma queda nos investimentos de 7,1% e, portanto, queda de crescimento.

Finalmente, o trabalho propõe uma redução de 35% no principal da dívida — uma das três alternativas assinaladas pelo Plano Brady —, e que ocorreria no ano que vem. Esta seria a mais significativa proposta para o aumento dos níveis de investimento e crescimento, bem como do próprio valor da dívida brasileira no mercado secundário.

□ *Tentando prever o comportamento da economia com base em complicadas equações matemáticas como estas, a econometria passa, muitas vezes, por um exercício de pura ficção: o cenário que serviu de base para as simulações foi um Brasil com inflação anual de 30%.*

FMI quer esperar o novo presidente

Fechamento do acordo só deve sair em janeiro

O diretor-gerente do Fundo Monetário Internacional, Michel Camdessus, convidou um grupo de autoridades latino-americanas para jantar na quinta-feira passada no luxuoso salão do próprio prédio do Fundo, que costuma impressionar os visitantes pela suntuosidade dos seus candelabros. Entre piadas para descontrair o grupo, Camdessus deu um recado no seu discurso: "Dívida é para ser paga, mas hoje o Fundo está aberto para discutir em que condições ela deve ser paga." Seu subordinado, Sterie Bessa, que ocupa o cargo de diretor do Departamento do Hemisfério Ocidental da instituição, deu uma informação ainda mais importante aos seus companheiros de mesa: o FMI só quer fechar um acordo com o Brasil em janeiro, quando já for conhecido o vencedor das eleições. Ele deixou claro que não haverá acordo por enquanto.

O representante brasileiro no jantar, o inevitável Alexandre Kafka, que cuida dos interesses do Brasil no FMI há trinta anos, repetiu que ainda tem esperanças. Arredio à imprensa e com seu corpo magro e curvado, ele tem um ar um pouco sinistro. Mas seu maior mistério é sobreviver a todas as mudanças de governo que ocorrem no Brasil.

Esgrimindo um espanhol da Espanha, Camdessus falou por uma hora sobre os novos tempos das relações entre credores e devedores. Mesmo exibindo simpatia para seus 40 convidados, ele não dispensou o pequeno púlpito em que costuma usar em seus discursos. Lá alternou recados sérios e pequenas brincadeiras. Disse que o FMI é o "bode expiatório máximo" na América Latina. Na platéia estavam o presidente do Banco Interamericano de Desenvolvimento, Enrique Iglesias, o ex-ministro mexicano Jesus Herzog e representantes de vários países latino-americanos que estavam em Washington participando de um seminário promovido pelo BID. Os economistas brasileiros Pedro Malan, do Banco Mundial, e Edmar Bacha, da PUC do Rio, só não foram porque não quiseram. Estavam convidados.

Quem esteve acha que a noite foi imperdível e não só pelo mil-folhas de *champignon* silvestre, pelo *supreme* de salmão canadense, ou pelo *charlotte* de peras. O melhor prato da noite foi a possibilidade de se conhecer o pensamento dos credores a respeito da questão da dívida. Numa das duas mesas em que se dividiram os comensais, Sterie Bessa não se cansava de elogiar a Argentina. Aliás, no almoço promovido nesta mesma quinta-feira no seminário falou o poderoso subsecretário do Tesouro, David Mulford, que fez, de público, rasgados elogios à Argentina e ao México. Bessa confidenciou que está para sair um empréstimo para o governo Carlos Menem de US$ 900 milhões.

Camdessus explicou que, na sua opinião, o tempo do confronto passou. Ele acha que esta definição foi feita em 1985, quando fracassou a reunião de Havana, em que o primeiro-ministro cubano, Fidel Castro, tentou formar uma aliança dos devedores em que fez água o plano do presidente Alan Garcia, do Peru, de estabelecer um teto para os juros.

O diretor-gerente do Fundo disse que está se fazendo agora uma revolução silenciosa na terra dos endividados, e em quatro campos: fiscal, cambial, político e setor público. No primeiro está ficando claro que é inevitável um corte de gastos. No segundo, também é evidente que o câmbio deve se manter realista. E deu duas alfinetadas nos devedores favoritos: México e Argentina estão com pequenas defasagens cambiais.

A revolução na área política, na opinião de Camdessus, é que já não é considerada ortodoxa a idéia de que os gastos precisam ser cortados. O último ponto desta revolução é a necessidade de se reorganizar o Estado em todos os países devedores. (*M.L.*)

Negociação mexicana fracassa

Em abril o México parecia que tinha descoberto o caminho das pedras. Negociava o primeiro acordo com os bancos credores para reduzir sua dívida de US$ 52,7 bilhões com os bancos privados (o México deve, ao todo, quase tanto quanto o Brasil). Para viabilizar seu plano, o secretário do Tesouro americano, Nicholas Brady, empenhou-se pessoalmente e deu um ultimato aos banqueiros, que contrariados decidiram assinar o *term sheet*, uma espécie de resumo do acordo.

Pelo complicadíssimo ritual de negociações externas, para que este resumo vire um acordo concreto, precisa da adesão da maioria dos bancos credores. No próximo dia 31 de outubro vence o primeiro prazo de adesão e os bancos continuam arredios. Não querem aderir a um acordo que parece não ser bom para nenhuma das partes. A curto prazo provoca um aumento do estoque da dívida mexicana e o alívio dos juros de menos de US$ 1 bilhão ao ano.

O acordo prevê que os bancos podem optar entre trocar seus créditos, com desconto de 35%, por bônus de 30 anos com juros iguais aos da Libor, ou efetuar a troca com juros fixos de 6,25%, ou ainda fornecer novos empréstimos no valor de 25% dos créditos nos próximos quatro anos. Terão garantias e receberão seus juros, mas estão ariscos.

Queda dos títulos da dívida brasileira no mercado secundário
(%; eixo 20 a 70; 1986, 1987, 1988, 1989)
Fonte: Salomon Brothers

O acordo que está sendo negociado com as Filipinas só será implantado depois que o mexicano deslanchar, mas ele tem parecido mais interessante aos especialistas. Prevê a recompra da dívida no mercado secundário com desconto. Hoje, na verdade, a idéia de recomprar a dívida parece irresistível. "É uma tentação", diz o embaixador brasileiro em Washington, Marcílio Marques Moreira.

Como os títulos esta semana começaram a ser negociados a 22% do seu valor real, em dois anos e quatro meses uma empresa ou um país que comprasse a sua dívida teria o retorno do capital investido. Isto porque o devedor paga 10% de juros ao ano, que ao final daquele período, compensaria o desembolso feito para a compra. (*M.L.*)

País já pagou US$ 130 bilhões a credor

SÃO PAULO — A política monetária praticada pelos Estados Unidos, que eleva as taxas de juros para conseguir poupança externa, tem sido desastrosa para o Brasil. Quanto mais a taxa de juros sobe, mais a dívida brasileira cresce. O resultado disso é que, nos últimos 20 anos, o Brasil já pagou US$ 130 bilhões de juros e sua dívida só cresce. Atualmente, o país ainda deve US$ 114 bilhões. De 1971 para cá, o montante de juro pagos foi de US$ 122,77 bilhões e o estoque da dívida acumula um total de US$ 109,01 bilhões.

Esse é um ponto que não pode ser desprezado seja qual for o presidente que assuma o governo. Há alguns bancos credores que admitem que a alta das taxas de juros poderia fazer parte da negociação que o Brasil vai fazer com os credores, tentando mostrar o disparate de pagar uma taxa de até mais de 20% ao ano (como já aconteceu em 1981) procurando fixar um patamar de juros fixos.

Fernando Sefton, diretor da área internacional do Banespa, fez um estudo sobre a evolução das taxas de juros e a desvantagem do Brasil possuir uma dívida quase que totalmente em dólar. Ele não acredita que o próximo governo consiga evitar esse efeito danoso da alta dos juros fixando uma taxa porque dificilmente haverá condições do mercado absorver um contrato de longo prazo sem taxas flutuantes. Para resolver o problema, ele sugere que o governo brasileiro negocie a troca de todo o estoque da dívida que está em dólar por franco suíço.

Getúlio Vilanova

* Projeção para dezembro de 89
Fonte: Banco Central

Poupança financeira — "A Suíça não tem dívida externa, não tem déficit e administra a poupança financeira internacional", defende Sefton, lembrando que a necessidade de os Estados Unidos recorrerem à poupança externa vai fazer com que o país mantenha as taxas de juros altas, o que é extremamente oneroso para os países que têm dívidas em dólares.

Os Estados Unidos possuem uma dívida externa de US$ 2,8 trilhões. Até 1994 essa dívida deverá chegar a US$ 3,6 trilhões (projeções americanas), embora o déficit esteja decrescendo. A partir de 1994, o déficit vai ser zerado — de acordo com determinação do Congresso americano — e o governo começará a resgatar sua dívida externa, através da recompra de seus títulos.

"Essas medidas vão aumentar ainda mais a confiança no dólar, o que só tende a fortalecê-lo frente às demais moedas fortes", acredita Fernando Sefton. Ele fez uma análise da evolução do dólar em relação às demais moedas nos últimos 20 anos e concluiu que se a dívida externa brasileira fosse em francos suíços, o Brasil teria economizado US$ 71,7 bilhões no pagamento dos juros nos últimos 20 anos. Pelas suas projeções, se a situação se repetir — e ele acredita que não há indícios de reversão no fortalecimento do dólar — o Brasil poderá economizar US$ 231 bilhões nos próximos 20 anos.

Sem proteção — Ele ataca a defesa de muitos economistas de que as exportações sendo feitas na mesma moeda em que o país contraiu a dívida equivalem a um *hedge* (mecanismo de proteção) para o país devedor. "Não é verdade. Este é um conceito errado. Se o dólar se valoriza, isso significa que teremos que exportar mais produtos recebendo a mesma quantidade de dólares. Isto só piora a situação", explica Selfton.

Ele acredita que os credores também teriam interesse em transformar a dívida em outra moeda. Para fazer isso, o Brasil emitiria bônus conversíveis em francos suíços e os credores seriam avalistas desses papéis (a fim de que os títulos fossem vendidos no euromercado sem nenhum deságio). Com esse dinheiro, os credores encerrariam a dívida e passariam a ser avalistas dessa nova dívida brasileira. Ele diz que o franco suíço é menos vulnerável às presões americanas do que o iene ou o marco alemão.

Fernando Sefton analisou todos os dados disponíveis em relação à dívida brasileira. Sua conclusão é de que o Plano Brady, na prática, equivale a aplicação de um desconto tão inexpressivo que não torna o país devedor mais viável. "A vantagem é que o Plano Brady demonstra uma mudança de postura do governo americano em relação aos países devedores. Mas não alivia em quase nada a questão da dívida", garante ele.

Ele está há 41 anos no mercado e acha que uma auditoria na dívida traria à tona muitos acordos feitos desfavoravelmente ao Brasil, com *spreads* muito acima dos praticados pelo mercado na época de sua contratação. Mas ele afirma que o efeito dos juros altos foi mais danoso para o conjunto da dívida do que as irregularidades que ela contém. E acha que o país pode obter um desconto e depois fazer a conversão do estoque da dívida para outra moeda mais favorável aos interesses do país. (*Joyce Jane*)

Internacionalização do ouro moderniza mercado

Nilton Horita

SÃO PAULO — O mercado de ouro, que nas últimas semanas está traduzindo em fortes elevações de preços todo o clima de expectativas em relação ao presente (ameaça de hiperinflação) e ao futuro (possibilidade de calote na dívida interna e vitória das esquerdas nas eleições), vai sofrer uma radical transformação. O Banco Central, através do seu Departamento Internacional, está preparando um ambicioso projeto de internacionalização do mercado de ouro, de forma a colocar o país na rota da modernidade. As bolsas brasileiras que negociam com ouro vão estar ligadas diretamente com os principais mercados do mundo, entre os quais a Bolsa de Nova Iorque.

Será, além disso, um primeiro passo para internacionalizar o mercado de outros ativos, como as *commodities* agrícolas, para os principais centros de negociação do mundo. Será possível um brasileiro comprar e vender ouro no exterior e o investidor internacional fazer o mesmo no Brasil. Atualmente, o Brasil possui uma reserva de ouro de 120 toneladas, que estão custodiadas nos principais centros finenceiros do mundo, como Londres, Paris, Zurique e Nova Iorque.

Como o mundo possui um mercado internacionalizado, uma instituição financeira pode comprar ouro em um mercado e vender em outro obtendo lucro por conta do *spread*. Por exemplo, o ouro pode estar mais barato em um país que no outro em razão de desequilíbrio cambial ou forte valorização de uma moeda em relação a outra.

Os mercados Internacionais, porém, como são constituídos livremente no que se refere ao fluxo físico de ouro e financeiro entre os países, o *spread* (diferença) entre as cotações do metal de um país para outro são pequenos, permanecendo entre US$ 0,10 e US$ 0,20 por grama, na média. Em casos excepcionais chega a ser de US$ 1,00. Esse *spread* se estreita entre um mercado e outro porque o preço do ouro é internacionale não pode fugir muito à sua referência mundial.

O Brasil, porém, por ser fechado ao fluxo financeiro e físico de ouro, chega a abrir uma diferença de até 5% entre o preço do metal no mercado interno e aus cotação no exterior. A procura de oferta, lei que comanda a cotação do ouro, é formada entre compradores e vendedores apenas do mercado interno. Quando a demanda aumenta muito, como nesse mês, o preço abre uma grande diferença em relação ao exterior. A oferta diária de ouro novo no Brasil não ultrapassa os 350 quilos. Ou seja, o ouro que chega dos garimpos é estimado nesse volume.

Pelo projeto em preparação pelo BC, a instituição se tornaria o *clearing* (câmara de custódia e liquidação das operações) entre os mercado brasileiro e as bolsas internacionais, de acordo com um dos maiores operadores de ouro do país. Cada operação seria intermediada pelo Banco Central, que escolheria um grupo de corretoras para atuarem como suas *dealers* (vendedoras ou representantes) para todo o mercado.

Sucessor herdará atraso de US$ 5,2 bilhões na dívida

Miriam Leitão

Quando o novo presidente assumir o governo, no dia 15 de março, estará exatamente no olho de um furacão no que se refere à dívida externa. Encontrará nas reservas cambiais brasileiras US$ 7 bilhões, poupados pelo governo Sarney, mas estará com juros atrasados com os bancos privados de aproximadamente US$ 5,2 bilhões. E, por coincidência ou azar, vai estrear a faixa presidencial no mesmo dia em que baterá no Banco Central mais um dos grandes *papagaios* que, de seis em seis meses, desabam sobre o Brasil. Quinze dias depois, outro problema: expira o acordo com o Clube de Paris, o que obrigará o pagamento de parcelas do principal e do serviço de uma dívida de US$ 4 bilhões 992 milhões, que foi rolada exatamente para o dia 1º de abril de 1990.

A concentração de problemas só pode ser aliviada se o atual governo conseguir realizar seu plano no pouco tempo que lhe resta: os negociadores brasileiros, chefiados pelo ministro Mailson da Nóbrega, querem um acordo com o Fundo Monetário Internacional, de seis meses, com base em metas rígidas de déficit público para o primeiro ano do próximo governo. Esse acordo dispararia um *efeito dominó* ao contrário: com ele seria possível haver uma liberação de pelo menos US$ 200 milhões do FMI. Isto seria o sinal verde para que o Banco Mundial liberasse para o Brasil algo em torno de US$ 300 milhões. O dinheiro do BIRD permitiria a liberação pelos bancos credores da terceira parcela do dinheiro prometido no último acordo feito em 1988. Este empréstimo — de US$ 600 milhões — seria somado aos outros dois e mais uma parte sacada das reservas brasileiras. Todo o dinheiro dessa complicada engenharia financeira, junto, seria entregue aos bancos internacionais para abater aquela conta de juros que, se não for paga, estará no dia 15 de março subindo a rampa para os US$ 5,2 bilhões. Muita gente do governo acredita que é possível, apesar de estar correndo contra o relógio. "Continuo acreditando no acordo", diz, com sua habitual calma, o embaixador brasileiro em Washington, Marcílio Marques Moreira.

Conta de chegar — Os técnicos do atual governo que se dedicam à questão da dívida externa não liberam a informação de quanto de juros vence a cada mês, desde julho, quando os pagamentos foram suspensos, até março do próximo ano. Um deles explica que "esta conta só aumenta o ambiente de tensão no país em que a dívida externa é tratada emocionalmente". Mas não é difícil fazer os cálculos com grandes chances de acerto.

Um técnico do governo, que tem sobre a sua mesa o dia-a-dia do vencimento das contas brasileiras, autoriza o seguinte raciocínio: pelos dados que constam do documento *Brasil, programa econômico* — uma publicação onde constam metas e números da economia brasileira —, o Brasil teria que pagar a todos os seus credores, em 89, US$ 11,2 bilhões. Desse total, uma parte é juros devidos ao Banco Mundial, FMI e BID — dinheiro sagrado, que não pode deixar de ser pago. A outra parte, mais ou menos 70%, representa os juros da banca privada, que é comandada pelo Citibank, maior credor brasileiro. Durante os doze meses deste ano deveríamos pagar aos bancos US$ 7 bilhões 840 milhões. Os juros foram suspensos em julho. Trabalhando-se com a hipótese de que nada seja pago até março, quando o presidente assumir vai estar completando nove meses de atraso, o que dá mais ou menos US$ 5,2 bilhões. "Use este número como estimativa sua, mas é mais ou menos isto", incentivou esse técnico.

Contas de março — Pelo último acordo feito com os bancos internacionais privados, ao quais o Brasil deve a gorda quantia de US$ 69,4 bilhões, há uma grande concentração de pagamento de juros exatamente no dia 15 de março de 1990. Os funcionários do governo guardam este número a sete chaves, mas confirmam que a conta de março é quase do mesmo tamanho que os juros vencidos em setembro, de exatos US$ 1 bilhão 625 milhões.

Um brasileiro mais inflamado com os discursos da campanha eleitoral, em que todos os candidatos pregam o não-pagamento dos juros, pode pensar que essa contabilidade é inútil, já que o caminho é mesmo a moratória. É bem menos simples do que parece no horário gratuito do TSE.

Os bancos internacionais privados têm uma grande arma contra o Brasil, ainda nunca usada porque tem o efeito de uma bomba atômica: os US$ 15 bilhões das linhas de curto prazo, que são usados para financiar o comércio exterior brasileiro e os bancos brasileiros no exterior. Se essas linhas começarem a ser suspensas podem detonar um colapso brasileiro. Além desse velho, mas vivo, fantasma, há outros problemas, como o Clube de Paris.

Esse clube reúne todos os bancos oficiais dos grandes países ricos. Enfrentá-lo significa cutucar com vara curta os mais poderosos leões do planeta. Por isso, o caminho sempre foi negociar. A situação com eles está no seguinte pé: o acordo de agosto de 88 jogou para 31 de março de 1990 o início do pagamento dos juros vencidos neste período e do principal não pago desde janeiro de 87. A dívida chega aos US$ 4 bilhões 992 milhões. Não precisa ser toda paga, evidentemente, mas os primeiros pagamentos terão que ser feitos no dia 1º de abril. De juros são US$ 170 milhões nesse dia. E tem ainda o principal.

Getúlio Vilanova

Fonte: Banco Central

Fonte: Banco Central

Plano Brady não faria o país crescer

Uma das perguntas feitas pelos especialistas hoje é que vantagem concreta o Brasil poderia ter com um esquema de redução de dívida ao estilo mexicano. O Banco Mundial decidiu medir isto e fez um ensaio econométrico prevendo cinco alternativas de diminuição do que o Brasil tem a pagar e o resultado é melancólico. Nas várias hipóteses o Brasil conseguiria crescimento entre 0,2% e 1% do PIB ao ano no período de 1989 a 1994.

O estudo realizado imagina alternativas já conhecidas, como a da conversão da dívida externa brasileira, e outras revolucionárias, como pagar em cruzados os débitos assumidos em dólares. O trabalho, intitulado Dívida, ajustamento macroeconômico e crescimento: resultados preliminares de simulações sobre o Brasil, além de um pequeno texto nomais cristalino economês tem uma sucessão de indigestas fórmulas matemáticas, de enlouquecer os leigos, através das quais chega às suas conclusões. A principal delas, não escrita, é que o Plano Brady pode não ser o melhor caminho. O cenário no qual as projeções são feitas é de um país que fez mudanças fiscais e monetárias que levaram a redução da inflação para para 30% anuais.

Propostas — *A primeira proposta é conversão da dívida em capital de risco: US$ 5 bilhões em 1990 e US$ 4 bilhões por ano nos anos seguintes, com um desconto de 30%. Como conseqüência, haveria um aumento da taxa de investimento público e um crescimento do PIB de 1% no período. Um outro efeito é previsto: incremento do investimento privado, devido às expectativas positivas geradas pela redução do débito. Neste cenário haveria deterioração da taxa real de câmbio, pela maior demanda por bens domésticos, e os papéis da dívida externa iriam se valorizar no mercado secundário.*

Outra proposta é a de compra, pura e simples, de US$ 22,5 bilhões da dívida brasileira, com deságio de 60%, pela utilização de US$ 10 bilhões das reservas nacionais. O produto teria um incremento de 1% em 1990 e manteria esse nível nos anos seguintes.

A terceira alternativa consistiria na troca de dívida externa por dívida nova, com garantias. Vinte bilhões de dólares seriam trocados ao valor de face e com juros fixos de 6%. O impacto quanto ao crescimento seria desprezível. A quarta seria a troca de US$ 10 bilhões da dívida externa por interna, com resgate em dois anos. Esse resgate, em 1992, provocaria uma queda nos investimentos de 7,1% e, portanto, queda de crescimento.

Finalmente, o trabalho propõe uma redução de 35% no principal da dívida — uma das três alternativas assinaladas pelo Plano Brady —, e que ocorreria no ano que vem. Esta seria a mais significativa proposta para o aumento dos níveis de investimento e crescimento, bem como do próprio valor da dívida brasileira no mercado secundário.

□ Tentando prever o comportamento da economia com base em complicadas equações matemáticas como estas, a econometria passa, muitas vezes, por um exercício de pura ficção: o cenário que serviu de base para as simulações foi um Brasil com inflação anual de 30%.

FMI quer esperar o novo presidente

Fechamento do acordo só deve sair em janeiro

O diretor-gerente do Fundo Monetário Internacional, Michel Camdessus, convidou um grupo de autoridades latino-americanas para jantar na quinta-feira passada no luxuoso salão do próprio prédio do Fundo, que costuma impressionar os visitantes pela suntuosidade dos seus candelabros. Entre piadas para descontrair o grupo, Camdessus deu um recado no seu discurso: "Dívida é para ser paga, mas hoje o Fundo está aberto para discutir em que condições ela deve ser paga." Seu subordinado, Sterie Bessa, que ocupa o cargo de diretor do Departamento do Hemisfério Ocidental da instituição, deu uma informação ainda mais importante aos seus companheiros de mesa: o FMI só quer fechar um acordo com o Brasil em janeiro, quando já for conhecido o vencedor das eleições. Ele deixou claro que não haverá acordo por enquanto.

O representante brasileiro no jantar, o inevitável Alexandre Kafka, que cuida dos interesses do Brasil no FMI há trinta anos, repetiu que ainda tem esperanças. Arredio à imprensa e com seu corpo magro e curvado, ele tem um ar um pouco sinistro. Mas seu maior mistério é sobreviver a todas as mudanças de governo que ocorrem no Brasil.

Esgrimindo um espanhol da Espanha, Camdessus falou por uma hora sobre os novos tempos das relações entre credores e devedores. Mesmo exibindo simpatia para seus 40 convidados, ele não dispensou o pequeno púlpito em que costuma usar em seus discursos. Lá alternou recados sérios e pequenas brincadeiras. Disse que o FMI é o "bode expiatório máximo" na América Latina. Na platéia estavam o presidente do Banco Interamericano de Desenvolvimento, Enrique Iglesias, o ex-ministro mexicano Jesus Herzog e representantes de vários países latino-americanos que estavam em Washington participando de um seminário promovido pelo BID. Os economistas brasileiros Pedro Malan, do Banco Mundial, e Edmar Bacha, da PUC do Rio, só não foram porque não quiseram. Estavam convidados.

Quem esteve acha que a noite foi imperdível e não só pelo mil-folhas de *champignon* silvestre, pelo *supreme* de salmão canadense, ou pelo *charlotte* de peras. O melhor prato da noite foi a possibilidade de se conhecer o pensamento dos credores a respeito da questão da dívida. Numa das duas mesas em que se dividiram os comensais, Sterie Bessa não se cansava de elogiar a Argentina. Aliás, no almoço promovido nesta mesma quinta-feira no seminário falou o poderoso subsecretário do Tesouro, David Mulford, que fez, de público, rasgados elogios à Argentina e ao México. Bessa confidenciou que está para sair um empréstimo para o governo Carlos Menem de US$ 900 milhões.

Camdessus explicou que, na sua opinião, o tempo do confronto passou. Ele acha que esta definição foi feita em 1985, quando fracassou a reunião de Havana, em que o primeiro-ministro cubano, Fidel Castro, tentou formar uma aliança dos devedores em que fez água o plano do presidente Alan Garcia, do Peru, de estabelecer um teto para os juros.

O diretor-gerente do Fundo disse que está se fazendo agora uma revolução silenciosa na terra dos endividados, e em quatro campos: fiscal, cambial, político e setor público. No primeiro está ficando claro que é inevitável um corte de gastos. No segundo, também é evidente que o câmbio deve se manter realista. E deu duas alfinetadas nos devedores favoritos: México e Argentina estão com pequenas defasagens cambiais.

A revolução na área política, na opinião de Camdessus, é que já não é considerada ortodoxa a idéia de que os gastos precisam ser cortados. O último ponto desta revolução é a necessidade de se reorganizar o Estado em todos os países devedores. (*M.L.*)

A difícil arte de sentar à mesa

Quando chegou ao restaurante em Nova Iorque para jantar, depois de uma dura reunião com os bancos credores, o ministro Mailson da Nóbrega percebeu que estava mal-humorado. Com um olhar em volta, constatou que este era o *astral* dos outros negociadores que tinham naquele dia enfrentado um tema delicado do acordo de 88: o Brasil queria apagar das relações com os bancos uma cláusula que dava aos credores o direito de sacar as reservas cambiais brasileiras em caso de atraso no pagamento dos juros. Na conversa que se seguiu à mesa, os funcionários do governo brasileiro levantaram a hipótese de que o mau humor era conseqüência das técnicas de negociação usadas pelos banqueiros, homens experientes nesse tipo de enfrentamento.

O ex-presidente do Banco Central, Fernando Milliet, que já esteve no comando do grupo brasileiro em reuniões como esta, admite que teve a mesma sensação. Os banqueiros deixam o interlocutor esperando tempo demais, dão a impressão de reviravoltas de última hora e sugerem que acertos estão sendo feitos diretamente com as autoridades em Brasília. O economista Adroaldo Moura da Silva tem, entre as lembranças do período em que esteve negociando cláusulas do último acordo, a certeza de que os banqueiros queriam que ele se sentisse desautorizado. "Os banqueiros estão melhor preparados para a negociação", diz uma autoridade brasileira.

Não só os banqueiros. Para neutralizar os efeitos psicológicos das técnicas de desestabilização usadas pelos credores, o chefe dos negociadores mexicanos foi vacinado com oito anos de dedicação ao assunto. Angel Gurria tem sob seu comando exatos dez PHDs e a seu favor o fato de estar cuidado de dívida externa desde o *setembro negro* de 1982, quando a inadimplência do México detonou a crise da dívida.

Quando o presidente eleito tiver abandonado o discurso inflamado da campanha e começar a governar, ele poderá recolher junto a técnicos do Banco Central e do Ministério da Fazenda que cuidam do assunto a mesma impressão: a de que é preciso formar uma equipe que trate disto de uma forma sistemática. Afinal, até para não pagar será necessário negociar. E o maior risco a correr é enfrentar profissionais da técnica de negociação com a ingenuidade dos leigos. O novo governo está condenado a dominar o tema dívida externa, com todos os seus indigestos detalhes técnicos, se quiser atingir o que todos prometem: uma solução soberana. (*M.L.*)

País já pagou US$ 130 bilhões a credor

SÃO PAULO — A política monetária praticada pelos Estados Unidos, que eleva as taxas de juros para conseguir poupança externa, tem sido desastrosa para o Brasil. Quanto mais a taxa de juros sobe, mais a dívida brasileira cresce. O resultado disso é que, nos últimos 20 anos, o Brasil já pagou US$ 130 bilhões de juros e sua dívida só cresce. Atualmente, o país ainda deve US$ 114 bilhões. De 1971 para cá, o montante de juro pagos foi de US$ 122,77 bilhões e o estoque da dívida acumula um total de US$ 109,01 bilhões.

Esse é um ponto que não pode ser desprezado seja qual for o presidente que assuma o governo. Há alguns bancos credores que admitem que a alta das taxas de juros poderia fazer parte da negociação que o Brasil vai fazer com os credores, tentando mostrar o disparate de pagar uma taxa de até mais de 20% ao ano (como já aconteceu em 1981) procurando fixar um patamar de juros fixos.

Fernando Sefton, diretor da área internacional do Banespa, fez um estudo sobre a evolução das taxas de juros e a desvantagem do Brasil possuir uma dívida quase que totalmente em dólar. Ele não acredita que o próximo governo consiga evitar esse efeito danoso da alta dos juros fixando uma taxa porque dificilmente haverá condições do mercado absorver um contrato de longo prazo sem taxas flutuantes. Para resolver o problema, ele sugere que o governo brasileiro negocie a troca de todo o estoque da dívida que está em dólar por franco suíço.

Getúlio Vilanova

Pagamentos da dívida externa
Em US$ bilhões
Período 71 a 89

Total do pagamento dos juros	Total do estoque da dívida
122,77	109,01*

* Projeção para dezembro de 89
Fonte: Banco Central

Poupança financeira — "A Suíça não tem dívida externa, não tem déficit e administra a poupança financeira internacional", defende Sefton, lembrando que a necessidade de os Estados Unidos recorrerem à poupança externa vai fazer com que o país mantenha as taxas de juros altas, o que é extremamente oneroso para os países que têm dívidas em dólares.

Os Estados Unidos possuem uma dívida externa de US$ 2,8 trilhões. Até 1994 essa dívida deverá chegar a US$ 3,6 trilhões (projeções americanas), embora o déficit esteja decrescendo. A partir de 1994, o déficit vai ser zerado — de acordo com determinação do Congresso americano — e o governo começará a resgatar sua dívida externa, através da recompra de seus títulos.

"Essas medidas vão aumentar ainda mais a confiança no dólar, o que só tende a fortalecê-lo frente às demais moedas fortes", acredita Fernando Sefton. Ele fez uma análise da evolução do dólar em relação às demais moedas nos últimos 20 anos e concluiu que se a dívida externa brasileira fosse em francos suíços, o Brasil teria economizado US$ 71,7 bilhões no pagamento dos juros nos últimos 20 anos. Pelas suas projeções, se a situação se repetir — e ele acredita que não há indícios de reversão no fortalecimento do dólar — o Brasil poderá economizar US$ 231 bilhões nos próximos 20 anos.

Sem proteção — Ele ataca a defesa de muitos economistas de que as exportações sendo feitas na mesma moeda em que o país contraiu a dívida equivalem a um *hedge* (mecanismo de proteção) para o país devedor. "Não é verdade. Este é um conceito errado. Se o dólar se valoriza, isso significa que teremos que exportar mais produtos recebendo a mesma quantidade de dólares. Isto só piora a situação" explica Selfton.

Ele acredita que os credores também teriam interesse em transformar a dívida em outra moeda. Para fazer isso, o Brasil emitiria bônus conversíveis em francos suíços e os credores seriam avalistas desses papeis (a fim de que os títulos fossem vendidos no euromercado sem nenhum deságio). Com esse dinheiro, os credores encerrariam a dívida e passariam a ser avalistas dessa nova dívida brasileira. Ele diz que o franco suíço é menos vulnerável às presões americanas do que o iene ou o marco alemão.

Fernando Sefton analisou todos os dados disponíveis em relação à dívida brasileira. Sua conclusão é de que o Plano Brady, na prática, equivale a aplicação de um desconto tão inexpressivo que não torna o país devedor mais viável. "A vantagem é que o Plano Brady demonstra uma mudança de postura do governo americano em relação aos países devedores. Mas não alivia em quase nada a questão da dívida", garante ele.

Ele está há 41 anos no mercado e acha que uma auditoria na dívida traria à tona muitos acordos feitos desfavoravelmente ao Brasil, com *spreads* muito acima dos praticados pelo mercado na época de sua contratação. Mas ele afirma que o efeito dos juros altos foi mais danoso para o conjunto da dívida do que as irregularidades que ela contém. E acha que o país pode obter um desconto e depois fazer a conversão do estoque da dívida para outra moeda mais favorável aos interesses do país. (*Joyce Jane*)

Negociação mexicana não agrada nenhum dos lados

Em abril o México parecia que tinha descoberto o caminho das pedras. Negociava o primeiro acordo com os bancos credores para reduzir sua dívida de US$ 52,7 bilhões com os bancos privados (o México deve, ao todo, quase tanto quanto o Brasil). Para viabilizar seu plano, o secretário do Tesouro americano, Nicholas Brady, empenhou-se pessoalmente e deu um ultimato aos banqueiros, que contrariados decidiram assinar o *term sheet*, uma espécie de resumo do acordo.

Pelo complicadíssimo ritual de negociações externas, para que este resumo vire um acordo concreto, precisa da adesão da maioria dos bancos credores. No próximo dia 31 de outubro vence o primeiro prazo de adesão e os bancos continuam arredios. Não querem aderir a um acordo que parece não ser bom para nenhuma das partes. A curto prazo provoca um aumento do estoque da dívida mexicana e o alívio dos juros de menos de US$ 1 bilhão ao ano.

O acordo prevê que os bancos podem optar entre trocar seus créditos, com desconto de 35%, por bônus de 30 anos com juros iguais aos da Libor, ou efetuar a troca com juros fixos de 6,25%, ou ainda fornecer novos empréstimos no valor de 25% dos créditos nos próximos quatro anos. Terão garantias e receberão seus juros, mas estão ariscos.

Fonte: Salomon Brothers

Para dar as garantias aos bancos, o México receberá US$ 6 bilhões do FMI, BIRD e japoneses e terá de sacar mais US$ 1 bilhão das reservas. ESte dinheiro ficará imobilizado, quando poderia estar sendo investido no crescimendo do país. E há um problema extra: dívida com esta garantia das instituições multilaterais tem que ser paga. Os atrasos são intoleráveis pelos estatutos do FMI e BIRD.

O acordo que está sendo negociado com as Filipinas só será implantado depois que o mexicano deslanchar, mas ele tem parecido mais interessante aos especialistas. Prevê a recompra da dívida no mercado secundário com desconto. Hoje, na verdade, a idéia de recomprar a dívida parece irresistível. "É uma tentação" diz o embaixador brasileiro em Washington Marcílio Marques Moreira.

Como os títulos esta semana começaram a ser negociados a 22% do seu valor real, em dois anos e quatro meses uma empresa ou um país que comprasse a sua dívida teria o retorno do capital investido. Isto porque o devedor paga 10% de juros ao ano, que ao final daquele período, compensaria o desembolso feito para a compra. (*M.L.*)

Universitários reforçam equipes de vendas no Natal

Carla Rodrigues

E o comércio criou o vendedor à imagem e semelhança do cliente. Como se fosse o reflexo num espelho, o consumidor de classe média que entra numa butique costuma se deparar com uma figura muito parecida com ele mesmo — idade entre 18 e 25 anos, universitário, boa aparência, bom nível sócio-cultural, algumas vezes com domínio de um idioma estrangeiro. O critério da igualdade de perfil, largamente utilizado pelas lojas que têm como público alvo as classes média e alta, prevalece de forma mais acentuada no final do ano. Para reforçar suas equipes de vendedores, o comércio contrata universitários, a maioria sem experiência anterior, que ganha em dezembro para gastar em janeiro e fevereiro. No primeiro mês de férias escolares, muitos destes jovens mal acabam de fazer as provas e já podem ser vistos vendendo roupas de grifes que costumam manter no guarda-roupa ao longo do ano.

Este mercado de trabalho já começou a dar os seus primeiros sinais — na Smugler, a expectativa da proprietária, Pina Ilário, é de aumentar em 60% o quadro de cem vendedores que hoje se dividem nas dez lojas. "É o mesmo número do ano passado", diz ela, preocupada em treinar este pessoal para que o novo grupo não fique diferente da equipe efetiva. Este cuidado faz com que algumas empresas, como o Cantão, por exemplo — que nas suas dezesseis lojas no Rio está contratando cinqüenta vendedores para reforçar o quadro de 160 —, submeta os estreantes a cinco dias de um treinamento igual ao das funcionárias efetivas. "Os que querem permanecer na empresa costumam dar o melhor de si para serem aproveitados. Estes já estão preparados", explica Alexandra Sanglard, gerente de seleção e treinamento do Cantão.

Por enquanto, os candidatos ainda não sabem quanto este trabalho extra pode engordar a conta bancária — até porque a remuneração é um percentual que oscila entre 3% e 5% sobre o total das vendas —, o que não chega a ser um obstáculo para os estreantes, que muitas vezes procuram no comércio sua primeira experiência profissional. É o caso, por exemplo, de Renata Riechelmann, 15 anos, já aprovada nas duas primeiras etapas de seleção da Smugler. Ela própria cliente da loja, Renata sonha em conseguir o seu primeiro emprego para saborear o gosto da independência. "É bom não depender dos pais", explica ela, que nem sabe ainda quanto pode ganhar.

Mães — Moradora de São Conrado, filha de uma família de classe média alta, Renata cursa a 1ª série do 2º grau no Colégio Teresiano, estuda inglês, faz teatro no Tablado e aulas de dança na academia da Carlota Portela. Ela e amiga Luciana Neumayer — 16 anos e colega de turma de Renata — se inscreveram em cerca de dez lojas, todas as que encontraram aceitando menores de 18 anos. "Quero comprar minhas roupas sem precisar perguntar à minha mãe se pode", diz Luciana, garantindo que não encontrou oposição familiar a sua iniciativa de trabalhar no Natal. Se se tornarem vendedoras, suas primeiras clientes serão as mães de suas amigas. "Pelo menos uma já prometeu comprar comigo", comemora Renata.

André Câmara

Fernanda Araújo: "Quero melhorar minha situação financeira"

Esta ansiedade de conquistar clientela não precisa afligir quem estiver entre os 611 vendedores que a Mesbla está contratando para as sete lojas do Rio. Eles têm garantido um salário mínimo de 200 BTNs (cerca de NCz$ 700,00), independente do desempenho nas vendas, o que não significa que o vendedor não possa conseguir faturar mais alto. "Quem entra só um mês para ganhar algum dinheiro corre atrás mesmo", atesta a coordenadora de recrutamento da Mesbla, Tânia Sant'Anna. No ano passado, a Mesbla aproveitou entre 30% e 40% dos profissionais que começaram a trabalhar como reforço de Natal, se destacaram na equipe e ficaram no quadro de funcionários efetivos.

Até porque quem entra para ganhar um extra e consegue administrar os horários de trabalho com os de estudo acaba se mantendo na atividade profissional, mesmo sabendo que também é temporário. Fazendo uma verdadeira *ginástica* para conciliar o curso de Jornalismo na Faculdade da Cidade com a função de vendedora da Corpo e Alma na loja do Rio Sul, Elisa Mussi, 21 anos, trabalhou dois anos seguidos somente no mês do Natal. Desde dezembro ela ficou no emprego e pretende guardar dinheiro para fazer um curso de Jornalismo em Washington quando terminar a faculdade.

Por muitas vezes desejarem se manter no quadro efetivo, nem sempre estes novatos são bem-vindos. "É comum que exista um clima de competição", explica a gerente de Recursos Humanos da Corpo e Alma, Márcia Braga, que se prepara para contratar mais 15 vendedores, principalmente para reforçar as equipes das seis lojas de shopping, onde o movimento é maior. Ao todo, a Corpo e Alma tem 12 lojas no Rio, empregando 95 vendedores.

Confiança — Impedida de ter um emprego fixo por dedicar a maior parte do seu dia ao curso de Educação Física na UERJ, a universitária Fernanda Araújo, 21 anos, se candidatou ao cargo de vendedora da butique Corpo e Alma e espera juntar algum dinheiro para passar um mês de férias em Arraial do Cabo, onde costuma ir com os pais no Verão. "Quero melhorar minha situação financeira", diz Fernanda, moradora de Vila da Penha, que tem como única experiência profissional a venda de sanduíche na praia durante o carnaval. "O trabalho não é difícil", diz, confiante.

Com uma experiência de trabalho no comércio durante quatro meses, a estudante de Comunicação Social da PUC Juliana Carnaval, 19 anos, é candidata a uma vaga de vendedora no Cantão. Moradora da Urca, ela tem preferência pela loja do Rio Sul — perto de casa e onde acha que pode faturar mais, algo em torno de NCz$ 5.000,00 — e, se não surgir a oportunidade de ficar no emprego, Juliana pretende viajar para o Sul em fevereiro. A partir de março, ela só estará estudando na parte da manhã e terá as tardes livres. "Trabalhar em loja é uma das poucas coisas que o estudante pode fazer enquanto estuda e ainda ganhar algum dinheiro", constata ela.

Maré Mansa passa ao largo da crise com novo público

Tim Lopes

Cid Moreira, quem diria, teve como um dos seus primeiros trabalhos o de locutor de um anúncio da cadeia carioca das lojas Impecável Maré Mansa, que ficou conhecida como *a loja dos paraíbas*. Isso há mais de 25 anos, quando o sergipano Antônio Sampaio, 57 anos, começava a ampliar o seu negócio, a partir da loja localizada na Rua Marechal Floriano com Rua da Conceição, no Centro do Rio, que ficou famosa como a *esquina da maré mansa*. Atualmente a cadeia é formada por seis lojas que tiveram faturamento, no ano passado, de NCz$ 13,2 milhões e que aposta chegar este ano a NCz$ 54 milhões.

Zé Trindade, Chico Anísio, Luiz Gonzaga e o locutor do *Jornal Nacional*, dentre outros, com suas vozes, ajudaram a Impecável a ficar conhecida no Brasil inteiro, principalmente junto aos nordestinos. Com apenas a carteira assinada, sem fiador e sem juros era possível abrir um crediário. É sucesso até hoje. Mas o marketing mudou. No lugar das piadas de *Zé Trindade* e Chico Anísio, do baião do saudoso Luiz Gonzaga, os comerciais da Maré Mansa têm agora outros personagens que nada fazem lembrar o perfil de um nordestino: o vozeirão de Tim Maia e os acordes modernos do conjunto Roupa Nova.

"Eu não posso viver de saudade. Hoje apenas 10% de nordestinos chegam ao Rio. O êxodo acabou. Estamos investindo no mercado carioca", disse Antônio Sampaio, que nesses últimos meses de anúncios nas rádios e nas televisões aumentou em 25% o número de novos clientes. Só no mês passado o custo da publicidade chegou a NCz$ 500 mil. "Hoje entre dez clientes que entram em nossas lojas, oito são cariocas", diz com orgulho de quem venceu na vida.

Início — Esse sergipano baixinho que chegou ao Rio em 1949 para ser oficial da Marinha viu o seu sonho frustrado por um problema de audição. Lembrou do tempo de infância quando colhia bananas num sítio da família, em Floriano, há 10 quilômetros de Aracaju, e vendia direto ao consumidor. Voltou ao comércio e, pelo jeito, para nunca mais sair. Fora da Marinha e com um sócio, abriu uma pequena lojinha, na Rua Visconde de Inhaúma, perto do Arsenal de Marinha. Os marinheiros tinham acabado de ganhar o direito de andar à paisana e, por isso, foram os seus primeiros fregueses. "Eu mesmo dei o nome. Na caserna, os oficiais sempre falavam que a farda tinha que estar impecável e eu dizia que era maré mansa comprar comigo e o nome ficou", conta Sampaio, pai de sete filhos.

São seis lojas, a matriz da Rua Marechal Floriano, a outra em Madureira (Zona Norte), depois Campo Grande (Zona Oeste) e a seguir a de Caxias e Nova Iguaçu (Baixada Fluminense) e a última em Niterói.

Sampaio diz que perdeu a conta dos afilhados que tem entre os dos 700 funcionários que ele considera "filhos adotivos". Morador em Copacabana, ele é um católico convicto, não dispensa a Bíblia, onde, diz ele, há a solução para tudo, e passa o tempo escutando os baiões de Luiz Gongaga, o Tim Maia, de quem é um admirador e, quando tem tempo, lê seus autores preferidos: Jorge Amado e José Lins Rêgo. Mas o que ele gosta mesmo é criar frases, *jingles* e piadas. Mas não esquece da sua Maré e dá a receita para tanto sucesso nesse momento de crise: "Ao invés de ganharmos muito de poucos ganhamos pouco de muitos".

Um nova porta para o mercado de trabalho

Além daqueles que se candidatam a um trabalho temporário só para aproveitar o tempo livre nas férias e ganhar algum dinheiro extra, existem também os que entram para o mercado de trabalho em dezembro — quando há procura por mão-de-obra não especializada — dispostos a exibir uma boa performance que depois justifique a contratação efetiva. Lojas que estão investindo na formação de pessoal têm dado preferência a este tipo de candidato — a Richards, por exemplo, começou a selecionar donas de casa para prencher dezesseis vagas de auxiliar de caixa. Mesmo que não possam ser aproveitadas imediatamente, a empresa pretende dar prioridade a elas quando precisar contratar um profissional.

Foi isso, por exemplo, que a dona de casa Sônia Parpinelli, 41 anos, formada em Letras e com alguma experiência como caixa de banco se habilitou à vaga. Sobrevivendo da pensão alimentícia que recebe do ex-marido, mãe de um adolescente, Sônia vê na oportunidade de ganhar NCz$ 1.300,00 uma chance de entrar para o mercado de trabalho. "É difícil encontrar vaga porque as empresas fazem muitas restrições à idade", queixa-se ela. "O trabalho me interessou porque tem alguma chance de aproveitamento depois", explica a dona de casa Aparecida Lopes, 46 anos, formada em Direito. Divorciada, além da pensão que recebe do ex-marido, ela tem algum rendimento extra, que pretende engordar com o trabalho na Richards.

Cristina Bocayuva

Sônia: chance de aproveitamento

"São pessoas com mais maturidade e vivência", explica a gerente de recursos humanos da Richards, Cristina Wrabel, encarregada ainda de contratar 30 vendedores que serão distribuídos nas sete lojas do Rio, que hoje empregam 48 vendedores. Para o trabalho de vendas, a Richards quer jovens acima de 25 anos, universitários que de preferência falem um idioma e que possam vir a integrar o quadro de funcionários da empresa posteriormente. Este é o mesmo critério que está norteando as contratações extras na rede de 26 lojas da Elle et Lui.

"Estamos tentando evitar aquele universitário que só quer descolar uma nota", explica o gerente de recursos humanos da Elle et Lui, Olavo Ribeiro. Segundo ele, o vendedor ideal da rede Elle et Lui deve ser de classe média alta e dominar um idioma, além do tradicional requisito da boa aparência. "Esta é a pessoa que se sente mais bem adaptada ao trabalho, porque tem um nível sócio-cultural muito parecido com o da nossa clientela", diz Olavo. Os que apresentam um bom desempenho durante o mês de Natal passam a integrar o quadro de reserva da empresa e podem ser chamados a qualquer momento (C.R.)

Renato Velasco

Sampaio: nordestinos agora são apenas 10% dos compradores

Anúncios do 'Zé Trindade'

Os clientes mais antigos da Impecável Maré Mansa, hoje em torno de 100 mil, com certeza lembram de um dos primeiros anúncios da loja que eram veiculados na antiga rádio Mayrink Veiga. A voz inconfundível e o estalido com a língua era do lendário Milton da Silva Bittencourt, 74 anos, mais conhecido como *Zé Trindade*.

Estrela de mais de trinta filmes, *Zé Trindade*, que mora numa rua que leva o seu nome em Iguaba Grande, na Região dos Lagos, diz que enriqueceu muitas pessoas. "Eu dou sorte. Quando era pequeno lá na Bahia, tinha um vendedora de cuscuz que só começava a vender depois de eu comprar o primeiro". Como amigo e compadre de Antônio Sampaio, *Zé Trindade* diz que mais uma vez seus bons fluidos ajudaram o empresário. "Ele sabe disso. O Sampaio merece, é um bom sujeito, um grande homem e um grande amigo", se emociona.

Zé Trindade diz, hoje, que quando vê os anúncios da Impecável na televisão e nas rádios lembra dos áureos tempos da Mayrink Veiga e do seu inseparável companheiro de anúncio, o cômico Matinhos. E fala também com seu antigo guarda-roupa onde havia os ternos impecáveis, os sapatos lustrosos que não dispensavam a pasta Nugget e as elegantes camisas sociais, de algodão. Para o humorista era melhor "comprar em casa do comprar na rua". (*T.L.*)

Inflação dos anos 80 chega a 921.696%

Paulo Fona

BRASÍLIA — Nos últimos oito anos — de janeiro de 81 a dezembro de 88 —, o Brasil conheceu uma inflação de 921.696%, com base na variação do INPC (Índice Nacional de Preços ao Consumidor), que explica em parte a queda de 1,3% na renda per capita do país na década de 80. A revelação é do Anuário Estatístico de 1988, divulgado semana passada pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), que também traça um bom quadro da distribuição de renda no país: dos 104 milhões de brasileiros com mais de dez anos de idade, 33% possuem uma renda mensal de dois salários mínimos (NCz$ 763,46) enquanto apenas 1,43% dessa população recebe mais de vinte salários (NCz$ 7.634,60).

Dos 59,5 milhões de trabalhadores que compõem a População Economicamente Ativa, 27,9 milhões ganham apenas dois pisos salariais por mês e representam 46% do total de assalariados. O número de trabalhadores que ganham apenas um salário mínimo mensal chega a 14,8 milhões, o que equivale a 24% da PEA. O anuário do IBGE constata ainda que 42,1 milhões de pessoas simplesmente não possuem qualquer tipo de rendimento.

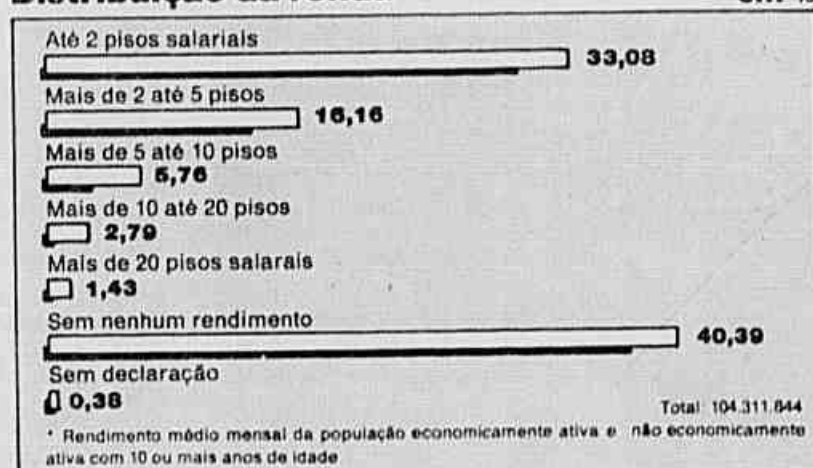
Essa distorção da realidade salarial do país é ainda mais massacrante para mulher. Apesar de nas últimas quatro décadas a mulher ter aumentado significativamente sua participação no mercado de trabalho — em 1940 representavam 19% e no final de 1987 já eram 34,7% da força do trabalho do país —, ela recebe, em média, somente 52% da remuneração masculina. Mas tanto homens com mulheres trabalham mais do que a legislação permite. Nas contas do IBGE, mais da metade dos assalariados trabalhavam de 40 a 48 horas por semana e 28% — algo em torno de 16 milhões — cumpriam jornada de trabalho semanal superior a 49 horas. Somente 20% trabalhavam menos de 39 horas.

Distribuição da renda* — em %

Faixa	%
Até 2 pisos salariais	33,08
Mais de 2 até 5 pisos	16,16
Mais de 5 até 10 pisos	5,76
Mais de 10 até 20 pisos	2,79
Mais de 20 pisos salarais	1,43
Sem nenhum rendimento	40,39
Sem declaração	0,38

Total: 104.311.644

* Rendimento médio mensal da população economicamente ativa e não economicamente ativa com 10 ou mais anos de idade

Fonte: IBGE

Brasileiro tem casa própria

IBGE indica que donos ocupam 60% dos domicílios

Os dados recolhidos pelo IBGE para compor seu capítulo "Habitação" também fazem uma revelação surpreendente: o brasileiro mora em casa própria. Entre 26,3 milhões de casas (o país possui 32,1 milhões de domicílios), 65,1% são habitadas por seus proprietários, 19,5% alugadas e 15,4% cedidas a terceiros. No caso dos 2,9 milhões de apartamentos, a situação não é diferente: 57,5% pertencem a quem mora neles, 35,9% são alugados e 6,6% são cedidos a outros.

As estatísticas do anuário mostram que há uma relação direta entre rendimento salarial e número de dormitórios da residência da família brasileira. Um pouco mais de 10% dos domicílios — 3,6 milhões — são de um quarto e um dormitório e 29,1% de seus ocupantes recebem até um salário mínimo.

O anuário do IBGE registra ainda uma melhoria nas condições de moradia da população brasileira. "Comparando com os anos anteriores houve uma melhora", analisa Charles Mueller, presidente do instituto. O país possui 32,1 milhões de moradias permanentes que abrigam 138,2 milhões de pessoas, instaladas, em quase sua totalidade, em casas — os apartamentos representam apenas 6,25% das residências, algo em torno de 2,9 milhões.

Cerca de 70% dos domicílios são servidos diretamente por rede geral de água, em 60% deles é feita a coleta de lixo, embora 60 milhões de moradores joguem o lixo em terrenos baldios, queimem ou o enterrem.

Detalhista em sua avaliação das condições de moradia do brasileiro, o IBGE seleciona alguns parâmetros básicos para avaliar como ele vive e os meios de que dispõe para melhorar sua qualidade de vida. Assim, o IBGE registra que 84% das residências têm energia elétrica, contra 75% no início da década. A eletricidade permite que 67% dos domicílios disponham de geladeira, situação melhor do que a existente no começo da década de 80 — somente 57% possuíam o eletrodoméstico.

Menor trabalha e é explorado

Os implacáveis números do anuário do IBGE não escondem uma triste realidade social: 7 milhões de crianças e adolescentes entre 10 a 17 anos de idade trabalham, sendo que pelo menos 2 milhões (28,5%) não recebem qualquer tipo de remuneração. Mais grave ainda, dos 7 milhões dos jovens, 65,7% — 4,6 milhões — trabalham jornada superior a 40 horas semanais, o que é proibido. E ganham apenas 80% do piso salarial — NCz$ 305,38.

A exploração do trabalho do menor é mais acentuada entre as crianças de 10 a 14 anos. Dos 2,7 milhões de crianças nesta faixa etária, 1,1 milhão (40,7%) nada ganha pelo trabalho realizado. Dos 4,2 milhões de adolescentes entre 15 a 17 anos, 880 mil (19%) também ficam sem perceber rendimentos.

Na zona rural, a exploração de crianças entre 10 e 17 anos é mais expressiva. Dos 3,7 milhões de garotos que vivem no meio rural, 1,7 milhão (45,9%) nada recebe. Essa relação se reduz nos centros urbanos onde, dos 3,9 milhões de menores, 319 mil não são remunerados — menos de 10%. Na área urbana, a quase totalidade desses garotos é regularmente empregada enquanto que na zona rural mais da metade não possui qualquer tipo de registro.

Das 1,5 milhão de crianças entre 10 e 14 anos que vivem e trabalham no meio rural 73,3% delas — 1,1 milhão — nada recebem e apenas 438 mil estão empregadas. O IBGE não registra, no anuário, nenhuma informação sobre a existência de empregadores para a faixa de garotos entre 10 e 14 anos embora assinale que 647 patrões empregam adolescentes entre 15 e 17 anos.

Sem escola — O anuário do IBGE constatou que há 23,8 milhões de crianças e jovens na faixa etária de 10 a 17 anos. Desses, exatos 722.064 não trabalham, não estudam e nem desempenham qualquer atividade doméstica — 468 mil entre 10 e 14 anos e 254 mil entre 15 e 17 anos.

Dos 23,8 milhões de menores, 28% (6,7 milhões) não vão à escola, 1,8 milhão fica ocupada com afazeres domésticos e 14,1 milhões somente estudam, outros 2,9 milhões também trabalham e 4,2 milhões só trabalham. (P.F.)

Metalúrgicos paulistas driblam perda salarial

Denise Neumann

SÃO PAULO — Se os sindicatos dos metalúrgicos de São Paulo, Osasco e Gurulhos tivessem concordado em reajustar apenas pela política salarial oficial os salários dos 500 mil metalúrgicos de sua base sindical, teriam feito um péssimo negócio. A perda salarial acumulada ao longo dos últimos meses pelos metalúrgicos era de 22,75% em 1º de outubro. Sem a negociação alternativa, acertada em julho entre os três sindicatos e a Federação das Indústrias do Estado de São Paulo (Fiesp), a perda seria de 51,63%.

Esses dados constam de um estudo elaborado pelo economista Alexandre Loloian, da subseção do Departamento Intersindical de Estatísticas e Estudos Sócio-Econômicos (Dieese) no Sindicato dos Metalúrgicos de São Paulo e divulgado no *Visão Trabalhista* do Sindicato dos Metalúrgicos de Osasco.

O trabalho aponta um outro dado revelador da política salarial: a defasagem crese à medida em que aumentam os salários nas faixas superiores a três salários-mínimos. Assim, quem ganha até três mínimos, e tem data-base em 1º de novembro, por exemplo, já acumulou uma perda de 51,63% nos seus rendimentos até 1º de outubro. Quem ganha seis mínimos, por outro lado, registra um atraso de 51,63% nos seus rendimentos e quem ganha 10 salários-mínimos já soma uma queda de 61,96% no seu poder aquisitivo.

Diferenças — O presidente do Sindicato dos Metalúrgicos de Osasco, Cláudio Camargo Crê, atribui a diferença entre a perda acumulada até agora pelos metalúrgicos, de 22,75%, e a perda provocada pela aplicação exclusiva da nova política salarial, à mobilização que envolveu mais de 70% dos 46 mil metalúrgicos de Osasco nos meses de março e abril. Depois dessas manifestações, que provocaram a paralisação da produção em dezenas de empresas da região, o sindicato fechou acordos com a Fiesp garantindo 40% de reajuste em maio e mais 65%, em duas parcelas, em julho.

Neste último acordo foi acertado um mecanismo próprio de correção dos salários, à revelia da legislação oficial. Ao invés de deduzir 5% do IPC do mês anterior para identificar o percentual de reajuste salarial para quem ganha de três a 20 salários mínimos, a política alternativa estipulou em 90% do IPC do mês anterior o índice de reposição. Um exemplo: pela política oficial, em outubro, o reajuste para essa faixa (três a 20 mínimos) deve ser de 29,4%; pelo acordo, será de 32,36%.

O trabalho da subseção do Dieese demonstra que o efeito cascata está realmente funcionando, garantindo perdas menores para os salários mais baixos. Quem recebe até três mínimos (NCz$ 1.145,19 em outubro) tem garantida a correção pela inflação pelna do mês anterior; quem recebe acima deste valor tem a parcela do seu salário que vai até NCz$ 1.145,19 também corrigida pela inflação cheia; já a parcela restante, recebe um reajuste menor. É por isso que a defasagem dos salários aumenta na medida em que cresce o valor dos salários. Afinal, a fatia sujeita ao reajuste menor, fica maior.

Negociações — Atualmente, os metalúrgicos destas três bases sindicais estão em campanha salarial. Como o percentual de reposição de perdas é pequeno, em comparação com anos anteriores quando era comum chegar-se à data-base com defasagens de até 100%, os sindicatos estão jogando pesado para garantir um bom percentual de aumento real. Apesar de até agora a proposta oficial da Fiesp ser de um aumento de 2,8% reais, é considerado certo que este índice chegará, no mínimo, a 8%. Isso porque este foi o percetual oferecido aos metalúrgicos do interior e do ABC que encerraram negociações na quinta-feira e estão fora da data-base.

A praxe da negociação manda pagar mais a quem está em data-base. Além disso, os negociadores sabem que um maior percentual de aumento real (um índice mais próximo dos 13%) é o que os sindicalistas esperam para suspender a greve marcada para o dia 7 de novembro. "Se ficar em 8%, vamos parar", garantiu o presidente do Sindicato dos Metalúrgicos de São Paulo, Luiz Antônio de Medeiros, após uma das reuniões chamadas de *fantasmas* ou *espíritas*, porque acontecem em hora e local incertos, longe da imprensa.

Economia invisível se expande na URSS

*Gloria Alvarez**

Às vésperas de realizar uma *revolução dentro da revolução*, como vem sendo chamada a reforma do sistema econômico que está em votação no Parlamento, a União das Repúblicas Socialistas Soviéticas — com seus 285 milhões de habitantes distribuídos por 22 milhões 402 mil km² e 15 repúblicas federativas — vive na sua perestroika uma perigosa crise. Até mesmo o chamado apoio do presidente norte-americano, George Bush, é visto como uma forma de "esconder a falta de desejo em cooperar com a URSS em pé de igualdade, mesmo porque a emenda Jackson-Vanick, que bloqueia o desenvolvimento dos contatos econômicos-comerciais bilaterais, não deixou de vigorar" — conforme diz Igor Sedykh, da Agência Nóvosti, que falou semana passada em Moscou para o **JORNAL DO BRASIL**.

Tal e qual — A quase 12 mil quilômetros de distância, Brasil e União Soviética têm um fantasma comum que ronda suas economias: a nossa velha conhecida economia invisível. Um sintoma de que a centralização e o controle econômicos não funcionam. Uma sinalização de que domar a lei da oferta e da procura pode significar dar impulso à burocracia e facilitar o aparecimento de operações por baixo do pano, que não são computadas oficialmente.

Lá, como cá, pelas contas dos técnicos especializados, os números que fazem a alegria do caixa dois, da nota fria, do ágio e do mercado negro, dos fabricantes ilegais de peças de automóveis, dos artesãos e camelôs são os mesmos: em torno de 40% do PIB, o que na URSS representa cerca de US$ 550 bilhões e no Brasil US$ 160 bilhões.

Mas a comparação fica por aí. Eles têm uma inflação anual que oscila entre 5% e 7% — o que corresponde a cerca de uma semana de inflação brasileira — e uma dívida externa grande: US$ 55 bilhões. Mesmo assim, bem inferior à do Brasil.

Sabonete & Cia — A economia invisível na URSS convive aliada com um problema crônico: a escassez. É ela o principal propulsor que alimenta os US$ 550 bilhões que rolam à margem da economia oficial. Um exemplo é o que acontece hoje com a falta de sabonetes.

Igor Sedykh

O ocidental que chegar desprevenido à União Soviética por estes dias, isto é, sem um sabonete na bagagem, tem três opções: ou convive com um sabão grosseiro — parecido com o Sabão Português, que não faz espuma — ou dá a sorte (quase impossível) de encontrar alguém que venda a preciosidade no câmbio negro. Ou, então, entrega os pontos e enfrenta uma *beriozka* — lojas específicas para estrangeiros — investindo dólares na compra de um sabonete importado. Isto acontece há cerca de seis meses e nem daqui a outros tantos a situação estará resolvida.

Segundo Igor Sedykh, esta é "uma herança da era Brejnev — o líder Leonid Brejnev, já morto —, quando toda a economia estagnou e a corrupção floresceu". A supercentralização do sistema de distribuição dos produtos facilitou este florescimento. No caso dos sabonetes, bastou a ação da *máfia* — como são chamados os grupos organizados capazes de operações gigantescas como a de sonegar sabonetes para 285 milhões de pessoas — nos grandes armazéns intermediários entre a loja de comércio e a fábrica. Uma espécie de operação tartaruga, onde o fornecimento do produto atrasou cerca de um mês, foi o bastante: as lojas esgotaram seus estoques — mesmo porque o povo que já sofre do mal na pele também faz seus estoques caseiros e a demanda é provocada — e a agiotagem também entrou em ação. A partir daí, passou a ser necessário produzir-se cinco vezes a quantidade tradicional para equilibrar os estoques. Só que a economia é planificada e quem decide a produção é o governo. E isto passa a ser uma grande operação que deverá levar um ano.

Essa é uma das manobras comuns que fazem com que, por exemplo, os proprietários de automóveis, ao estacionr seus veículos, retirem os limpadores de pára-brisa para que não sejam roubados. Ou então circulem com pára-brisas colados com esparadrapo. O preço de tabela de um pára-brisa é 150 rublos. Mas no mercado negro chega até a 1.500 rublos.

Ou ainda que, na terra do caviar — onde grande parte da produção é canalizada para o mercado externo —, os restaurantes não tenham a preciosa ova à mesa. Mas, debaixo do guardanapo do garçom, quase sempre é possível comprar uma lata de 50g por US$ 10 — quase a quarta parte do preço das *beriozcas*.

*Gloria Alvarez passou duas semanas na União Soviética.

Escassez impacienta os consumidores

Um soviético bem-humorado e crítico tem na ponta da língua a resposta para justificar a crise de abastecimento que poderá, em breve, resgatar o velho uso do cartão com limite de compras de cada família:

— São quatro as causas da falta de alimentos nas prateleiras: o inverno, o verão, a primavera e o outono.

Ou seja: as desculpas oficiais são as mesmas — o clima. Mas ao se entrar no mercado de Samarcanda (o Bazar, como chamam os soviéticos), uma linda cidade-monumento na república de Uzbekistán, na Ásia Central, custa-se a acreditar em crise de abastecimento. Verduras, frutas e legumes bem arrumados nos balcões são tão viçosos quanto as mulheres com lenços na cabeça que estão por trás. São as *kolkhoz* (cooperativas agrícolas) que, reunidas, disputam o consumidor — não com tanta ganância quanto no Ocidente, mas com muitas de suas malandragens.

Os camponeses estão vendendo o que plantaram — apesar de alguns atravessadores já operando — e o que sobrou depois da cota que têm de fornecer ao Estado, como arrendamento de suas terras, para ser vendido a preço tabelado nas lojas de alimentos.

Cooperativas ou estatais — O bolso do consumidor é que mais sente as diferenças entre as cooperativas e as estatais. Uma boa parte da população está absolutamente impaciente, sem conseguir enxergar que há um saída para melhorar os preços e encher as prateleiras — muito embora seja uma alternativa ocidental, uma lição capitalista onde a mola mestra é o velho estímulo à competição e o estímulo à lei da oferta e da procura.

Nos bastidores dessa verdadeira batalha, em linhas gerais, as diferenças se processam da seguinte maneira: as cooperativas pagam ao Estado pelo fornecimento de matéria-prima seis vezes mais do que as estatais. E 60% a 80% de seus lucros também seguem para a União. Mas estas operam com liberdade de preços. Com isso, oferecem um produto bem melhor do que o de uma estatal e pagam salários até cinco vezes maior. Um salário médio numa estatal está em torno de 220 rublos e uma cooperativa oferece até 1.000 rublos por mês, operando agora, na perestroika, não mais como comunas russas — o antigo sistema de ocupação da terra da era czarista na qual a terra era de propriedade inalienável —, mas como verdadeiras cooperativas.

Glória Alvarez

Fartura das cooperativas esbarra na distribuição

Um filão à espera dos brasileiros

Percorrer o Gum — o concorridíssimo shopping center que fica na Praça Vermelha em Moscou — num sábado à tarde, entupido de soviéticos que vêm à capital nos fins de semana, e tentar saber que fila é aquela que dá voltas em uma das quadras de lojas por vezes revela surpresas. O começo da fila pode ser, nada mais nada menos, do que uma joalheria e a compra tão cobiçada a de brincos de ouro.

Por aí dá para perceber que dinheiro não chega a ser o grande problema do povo, mas, sim, onde investi-lo. E o Ocidente está de olho nesse mercado carente. Especialmente os italianos — que ocupam espaços publicitários na televisão e montam inúmeras empresas para captação de investidores.

O embaixador Ronaldo Sardenberg — servindo há quatro anos em Moscou e às vésperas de se instalar em Madri depois de promover não só a ampliação da embaixada (de quatro para 11 funcionários, a partir de janeiro do ano que vem), como também servir de ponte para empresários brasileiros que estão descobrindo o mercado soviético — tem uma definição para o momento:

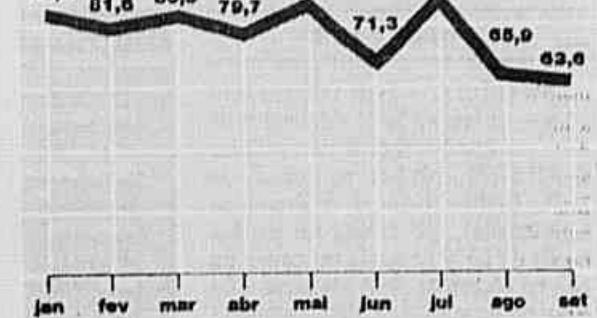
— O Brasil tem que decidir agora se quer ou não participar da abertura comercial soviética. Não pode ficar em cima do muro. É entrar ou desistir.

Jeans, suco de laranja e café brasileiros já chegaram por lá. Na Moldávia, a empresa mista soviética Staremo — criada pela União Fabril de Costura de Tirasopol e pela firma brasileira Staroup, de jeans — está em operação. E mais dois acordos comerciais foram fechados. Um na cidade de Lipetsk, onde a firma soviético-brasileira-sueca Progress está contruindo uma fábrica de suco de laranja na qual os brasileiros fornecerão o concentrado e a tecnologia, enquanto os sucos se encarregarão da embalagem. E outro entre a brasileira Cacique e a soviética Soyuzplodimport, onde café será trocado por vodca.

Mas o desenvolvimento dessas cooperações econômicas tem sido complicado. Em primeiro lugar, porque é difícil encontrar parceiros adequados: as cooperativas, que têm mais capacidade de manobra, são poucas e não têm grande peso no mercado soviético. E pela impossibilidade de se converter rublos em dólares.

Esse problema, no entanto, já está se resolvendo: o rublo deverá ser cotado para operações econômicas internacionais a partir do ano que vem e sua cotação no mercado internacional deverá se dar daqui a um ano. Enquanto isto não acontece, só o recém-criado dólar-turismo — 900% superior à cotação do dólar oficial — começa a atender aos turistas que chegam; nas operações comerciais ainda funciona o velho sistema de trocas por matéria-prima ou artigos soviéticos.

Evolução do salário real
(base: dezembro 1983 = 100)

jan	fev	mar	abr	mai	jun	jul	ago	set
86,2	81,6	85,5	79,7	88,7	71,3	91,8	65,9	63,6

Sindicatos e governo na Argentina disputam salários 'mano a mano'

Maurício Cardoso
Correspondente

BUENOS AIRES — O governo oferece 15%, os sindicatos pedem 30%, mas deverá haver acordo. Afinal todos sabem que o êxito do plano econômico passa neste momento pela solução do problema salarial. A questão foi aberta nesta semana com o início das negociações entre sindicatos, empresários e governo para estabelecer as bases de reajuste para os convênios que deverão vigorar por seis meses até março do ano que vem. O governo, tendo como referência as previsões de inflação neste período, quer que os aumentos não superem os 15%. Os sindicatos, com a inflação passada como argumento, pedem recomposições salariais que partem de um piso de 30% e chegam em alguns casos a 80%. "Esta é uma decisão fundamental para o futuro do plano econômico", diz a economista Nuria Susmel, da Fundação de Investigações Econômicas Latinoamericanas (Fiel).

Atuando como patrão, o governo decretou um aumento fixo de 12 mil austrais (NCz$ 205) para os funcionários públicos. Para impor seu preço, contava com a divisão da Confederação Geral do Trabalho (CGT), mas tanto a União do Pessoal Civil da Nação (UPCN), que integra a ala sindical alinhada com o presidente Menem, quanto a oposicionista Associação dos Trabalhadores do Estado (ATE) tomaram posição contra a oferta governamental. Na média dos salários públicos, estes 12 mil austrais representam um aumento de 12%. Fica abaixo da inflação futura prevista e muito distante da recomposição salarial pretendida pelos empregados, cujos salários reais diminuíram 30% nos últimos 12 meses.

No caso dos salários do setor privado, o governo deveria atuar apenas e tão somente para homologar os convênios celebrados entre empresários e trabalhadores. É o que prevê a lei de negociações paritárias, que entrou em vigor no início do ano passado com o governo radical. Na verdade, o Estado nunca pode ficar à margem das negociações e agora muito menos. Assim o Ministério de Economia estabeleceu de maneira informal, mas muito clara e indiscutível, que os aumentos para estes seis meses não devem passar os 14,5%. É o que se prevê que aumente o custo de vida neste período. E está disposto a não arredar o pé deste limite.

Advertência — "Não queremos voltar aos tempos negros da hiperinflação, quando as pessoas tinham de se armar para defender seus negócios dos saques", advertiu o presidente Carlos Menem na semana passada. "E não queremos também outro *Rodrigazo*, lembrou Menem, agora aludindo à sucessão de greves que fez cair o ministro Celestino Rodrigo e em seguida o governo de Isabelita Peron em 1976. Os sindicalistas contestam repetindo a promessa de campanha eleitoral de Menem de que "os salários não serão mais a variável de ajuste da economia" e pedem um tratamento equitativo com os empresários.

"Os dois lados estão certos", diz a economista da Fiel Nuria Susmel. "O problema é que cada um fala uma coisa diferente de acordo com seus interesses". Nestes primeiros meses, o governo preferiu aplicar remendos locais que permitissem aos assalariados chegar ao fim de cada mês. Em julho, mês da hiper histórica de 196,6%, todos os trabalhadores receberam um abono de oito mil austrais (NCz$ 136) mais um adiantamento igual ao salário do mês até o limite de trinta mil austrais (NCz$ 512). Medidas similares foram repetidas nos meses seguintes e poderão voltar a ser empregadas no futuro. Na semana passada, o presidente anunciou que o 13º, cuja metade já foi paga em junho, poderá aparecer integralmente no contracheque do fim do ano.

O ministro da economia, Nestor Rapanelli, não gostou da idéia e, constrangido, tentou desmenti-la. Ele está decidido a estabelecer regras claras para as negociações salariais. Já conseguiu empurrar para os sindicatos convênios por seis meses e pretende chegar aos acordos anuais depois de março. Sua esperança é que neste momento a inflação já esteja dominada e sob um cerco que não a deixe escapar além dos 15% em 12 meses. Para o ministro, a recuperação dos salários começará a ocorrer quase que naturalmente quando a economia voltar a crescer.

Em maio, no primeiro mês hiperinflacionado, o Indec, que vem a ser o IBGE argentino, constatou que 7,7% da população economicamente ativa estavam desocupados. E de julho até setembro os apertos das empresas que não tinham como escoar sua produção obrigaram a recorrer às suspensões forçadas de operários. Com a suspensão prevista em lei, o trabalhador vai para casa e recebe apenas parte do salário. Em agosto foram suspensos 10% dos trabalhadores da indústria, taxa que declinou para 5% em setembro, com uma tendência à normalização em outubro.

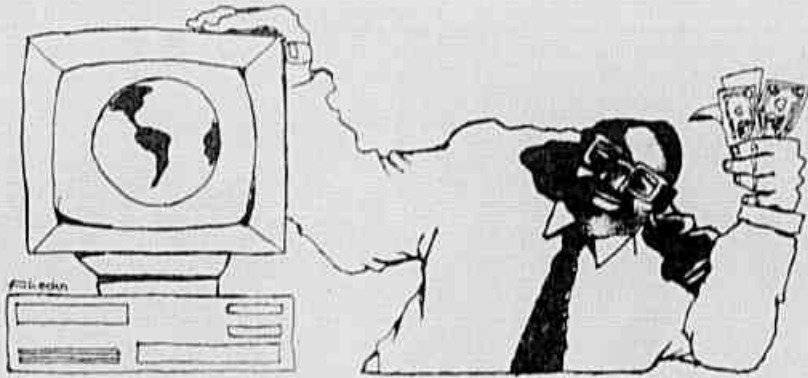
O poder de compra dos salários hoje está 24 pontos percentuais abaixo dos níveis de dezembro passado de modo geral. Cálculos oficiais indicam que uma família padrão necessita de 270 mil austrais (NCz$ 4.600) para satisfazer suas necessidades básicas. O salário báico do operário industrial, no entanto, está por volta de 60 mil austrais (NCz$ 1.025). A solução mais justa talvez estivesse em estreitar as margens de lucros das empresas. Mas quem pode garantir que, ao conceder aumentos mais generosos, elas não acabarão por recuperá-los repassando a diferça aos preços dos seus produtos? O governo prefere garantir-se pelo lado onde pode exercer maior controle.

Informática deve integrar-se ao setor industrial

Claudia Bensimon

Considerado o mais importante segmento da indústria eletrônica mundial, a informática deverá assumir papel de destaque dentro de um projeto mais amplo de desenvolvimento industrial no Brasil, a exemplo do que já acontece em outros países. A oportunidade de retirar a política nacional do setor do isolamento atual para que seja capaz de se integrar e alavancar outros setores produtivos acontecerá já no novo governo, por ocasião da votação do II Plano Nacional de Informática e Automação, prevista para abril de 1990. A manutenção dos instrumentos de proteção em vigor — como o controle de importações e as limitações ao capital estrangeiro e à reserva de mercado em determinadas faixas de mercado — deverá ser alvo de intensos debates no Congresso Nacional.

Mas não é só o Brasil que se utiliza de mecanismos protecionistas para consolidar sua indústria. A característica estratégica da informática — capaz de promover ganhos de produtividade e eficiência em qualquer outro segmento industrial ou comercial — estimulou o desenvolvimento de políticas protecionistas em todo o mundo, inclusive no Japão e nos EUA, hoje na liderança mundial. É o que constata estudo comparativo de políticas de informática praticadas nos EUA, Japão, Europa, México, Argentina e nos países asiáticos, elaborado pelo embaixador Sebastião do Rego Barros, secretário-geral para assuntos econômicos e comerciais do Itamaraty. Ele observa que "os mecanismos de estímulo e arranjos governamentais praticados demonstram que estamos distantes de um mundo onde prevaleça uma ordem liberal plena".

Ao analisar os instrumentos de política adotados pelos líderes da indústria eletrônica mundial, o embaixador Rego Barros conclui também que os países se diferenciam cada vez mais pela sua capacidade de utilizar novas tecnologias de informação, pela rapidez de absorção pelo setor produtivo na eficiência de sua aplicação. Para se ter uma idéia, estimativas indicam que, nos próximos anos, 10% do PIB americano vão depender de chips produzidos pela indústria de informática.

Construída a partir de mecanismos como o controle de importações, a compra selecionada de tecnologia e a reserva de mercado, a indústria nacional do setor conta com mais de 300 empresas, já fatura US$ 4,5 bilhões anuais e responde por mais de 40% do parque instalado de equipamentos.

O interesse em fomentar políticas de informática, de acordo com o estudo do embaixador Rego Barros, pode ser explicado, entre outras coisas, "pelas altas taxas de expansão do mercado mundial e pelos efeitos decisivos sobre a reestruturação econômica, particularmente em relação ao aumento da produtividade, através da automação". O embaixador encontrou alguns pontos em comum entre as várias políticas mas não viu "correlação entre o grau de desenvolvimento de um país e a estratégia escolhida para o setor".

Ele exemplifica mostrando que México e Argentina apresentam "evidentes semelhanças quanto ao estágio de desenvolvimento econômico, mas suas políticas de informática diferem em pontos essenciais: a primeira é mais aberta do que a segunda. Estas diferenças, na opinião do embaixador, "mostram que não há fórmula padrão para o salto tecnológico e que o êxito de uma política de informática parece estar vinculado à coerência, à coesão e à continuidade dos programas adotados".

O embaixador enfatiza que este estudo comparativo de políticas de informática "parece revelar que uma das questões essenciais está ligada antes à qualidade e às modalidades da ação reguladora do Estado sobre a indústria do que à existência ou ausência de uma regulação". Lembra ainda que regulação pode significar "liberalização e não necessariamente proteção", citando a experiência japonesa para ilustrar: "Foi só depois de 17 anos de relativa proteção que a indústria japonesa iniciou sua liberalização, com excelentes resultados, ao flexibilizar o controle sobre importações e investimentos estrangeiros no setor, a partir de 1975".

Países ricos também são protecionistas

O estudo do embaixador Sebastião do Rego Barros aponta que o modelo de desenvolvimento tem como característica principal "o forte entrelaçamento de objetivos estratégicos e comerciais, o que confere ao Estado papel preponderante na determinação dos avanços tecnológicos". Uma das formas de apoio do governo foi a garantia da demanda por parte do complexo militar-espacial e concessão de maciços recursos para atividades de pesquisa e desenvolvimento, o que foi viabilizado pelo *Buy American Act*, instrumento através do qual o Departamento de Defesa dava preferência de compra aos equipamentos de indústrias nacionais desde que seus preços não ultrapassassem em mais de 50% os preços dos concorrentes estrangeiros.

O embaixador avalia que, "embora se neguem a aceitar o conceito de políticas governamentais voltadas para favorecer setores industriais específicos, o fato é que os EUA têm recorrido a iniciativas deste tipo desde o pós-guerra, que tiveram reflexo na estrutura industrial do país". Atuando praticamente sem ameaças no mercado internacional por quase três décadas, os EUA começaram a perder terreno para o Japão na década de 80. E para enfrentar o *desafio japonês*, conforme constata Rego Barros, "o governo americano, no plano externo, busca, através de negociações, *liberalizar* o comércio em áreas onde detem situação privilegiada, como software e serviços".

Prova de que o poder de compra do setor público tem sido usado como alavanca para o investimento em desenvolvimento tecnológico é que parte considerável dos recursos destinados à pesquisa no programa *Iniciativa da Defesa Estratégica* (SDI), relativo à defesa espacial, lançado no governo Reagan, se concentra em problemas relacionados ao armazenamento e processamento de dados, aponta o estudo. Os US$ 26 bilhões reservados para o programa no primeiro qüinqüênio, na avaliação de Rego Barros, não deverão gerar resultados apenas na área militar. "As empresas de tecnologia envolvidas terão condição de desenvolver projetos — intensivos em capital — de longo prazo, com um mínimo de risco, uma vez que o Estado será responsável pela viabilidade dos investimentos. "A formação de consórcios e as fusões tem sido utilizadas para assegurar a liderança dos EUA no setor", conclui.

Exemplo — O Japão é considerado pelo embaixador "exemplo típico onde a informatização aparece como fator dinâmico de desenvolvimento". Ele classifica o Japão "como o mais bem-sucedido entre os países que adotaram políticas protecionistas e de incentivo aos fabricantes locais — como França, Inglaterra e Alemanha Ocidental —, uma vez que foi "o único capaz de reduzir sensivelmente sua diferença em relação aos EUA, especialmente no segmento dos semicondutores. O Japão, aponta o estudo, não tem buscado apenas atingir o *estado da arte* da tecnologia e tem como estratégia a capacitação em vários segmentos.

O modelo da conglomeração — com grandes bancos vinculados a grupos industriais líderes — permitiu, na opinião de Rego Barros, "maior grau de liberdade às empresas nipônicas para realizarem, sem a tirania do retorno imediato, estratégias de pesquisa e desenvolvimento, produção e marketing". Ele lembra que a política japonesa de informática tem visão abrangente do complexo eletrônico e coordena amplo conjunto de setores industriais.

Os principais elementos da política industrial japonesa para o setor, de acordo com o estudo foram: proteção à indústria nascente, em setores selecionados; aplicação de política seletiva de importações; implementação de medidas liberalizantes apenas em setores consolidados; recurso à transferência seletiva de tecnologia; monitoramento dos investimentos estrangeiros; preferência de compra dos órgãos governamentais; consideráveis níveis de financiamento e incentivos fiscais para pesquisa e desenvolvimento e intensivo treinamento de recursos humanos altamente especializados.

A flexibilização do mercado japonês só começou por volta de 75, identifica o estudo. Em 79, a IBM deixou de imperar no mercado japonês cedendo lugar à Fujitsu, e "as empresas japonesas assumiam a liderança mundial em segmentos de alta tecnologia como os semicondutores". Para se ter uma idéia, as exportações eletrônicas do Japão em 88 correspondiam a oito vezes o total de suas importações. A participação japonesa no mercado mundial de semicondutores praticamente dobrou na última década e atingiu 49% do total das exportações mundiais deste segmento. No caso dos EUA, verificou-se redução de 55% para 39%. (*C.B.*)

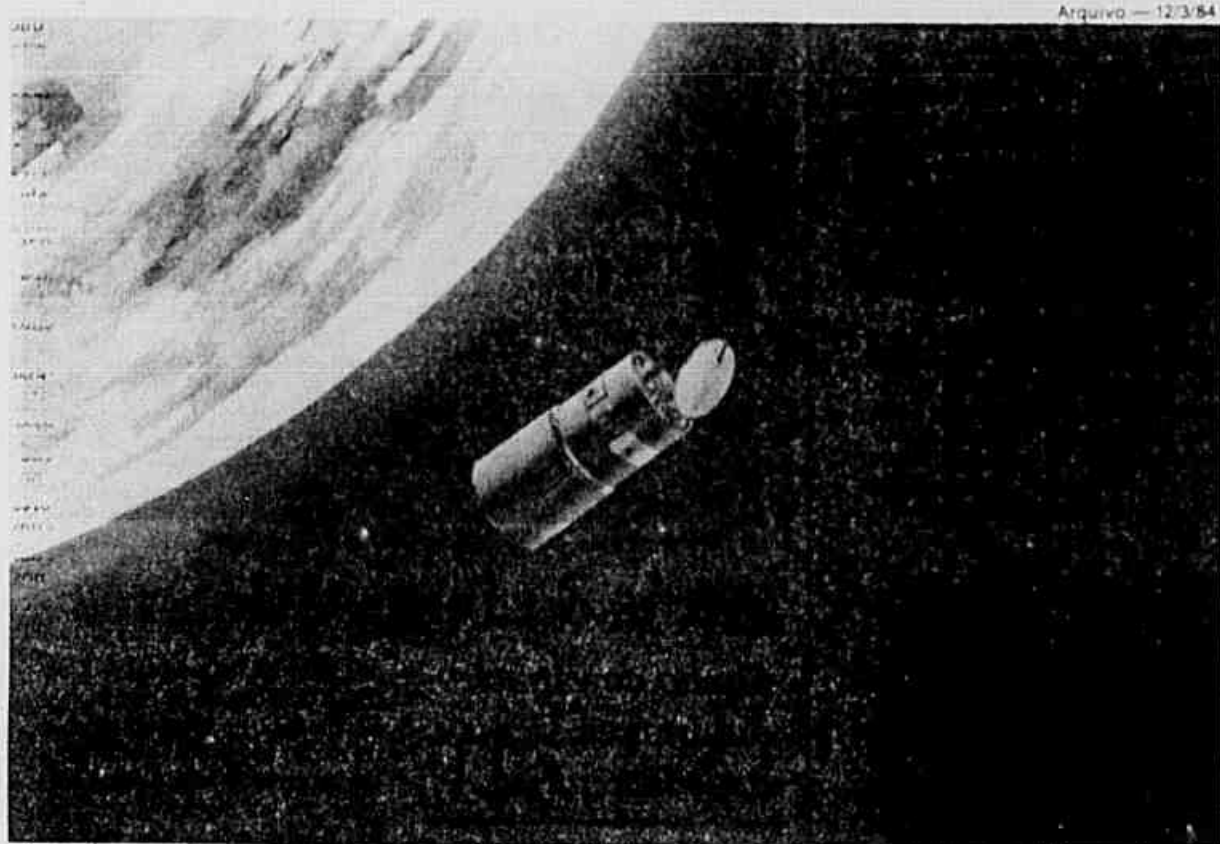
França — Alternada por períodos de maior ou menor intervenção estatal, a política de informática na França, desenhada na década de 60, ganhou fôlego nos anos 80 com o governo socialista, através de programa especial chamado *Filiere Electronique*. Recursos de US$ 20 bilhões foram destinados no período 82/86 a um amplo projeto de fabricação abrangendo desde computadores e semicondutores até sistemas de telecomunicações, que se centrava em quatro grandes empresas, sob controle estatal. A expectativa era alcançar o 3º lugar no ranking mundial. A política preferencial de compras do setor público foi um dos principais instrumentos do programa, que não teve o êxito esperado e resultou, inclusive, em reprivatizações. O objetivo de independência tecnológica nunca foi absoluto, na avaliação de Rego Barros, uma vez que importações e cooperação tecnológica aconteceram de forma sistemática.

Inglaterra — O apoio governamental iniciou-se na década de 60 através da participação minoritária no capital da ICL, principal empresa do setor, concessão de recursos subsidiados para pesquisa e desenvolvimento e preferência das compras estatais, para barrar, principalmente a hegemonia da IBM no mercado. Embora mantenha este tipo de incentivo a Inglaterra parte para a privatização.

Alemanha — O primeiro plano (quinqüenal) para o setor foi implantado em 1967 e destinava-se a fornecer recursos para pesquisa e desenvolvimento, privilegiar o capital local e praticar políticas de compras prefenciais do Estado, que beneficiaram especialmente as duas maiores empresas alemãs Siemens e AEG-Telefunken. Ainda assim a Alemanha não conseguiu frear a internacionalização do mercado, liderada pela IBM. Hoje, ao invés de centrar o apoio aos grandes grupo, o governo alemão beneficia empresas de variados portes.

Tigres asiáticos — Com políticas voltadas para a exportação de bens eletrônicos de consumo e componentes semicondutores, os países asiáticos vêm, a partir desta *indústria de base*, dando prioridade à diversificação através do desenvolvimento de produtos de maior complexidade tecnológica. Apoio governamental com maciço fornecimento de recursos para pesquisa e desenvolvimento e através do poder de compra estatal. Embora se enfatize a política liberal do setor praticada pelos asiáticos, a Coreia também adotou medidas protecionistas à indústria nascente com preferência à utilização, por exemplo de micros de produção nacional. Embora apresentem superávit nas exportações, os asiáticos (Coreia, Taiwan e Cingapura) ainda não detém tecnologia própria para produção de computadores de médio porte, como superminis.

Argentina — Foi no início desta década que a Argentina começou a trabalhar no desenvolvimento de uma política para o setor. O modelo proposto previa exportações no médio prazo, restringia a 20% a participação estrangeira no capital acionário das empresas e criava órgão semelhante à SEI brasileira, mas que se ocuparia também das telecomunicações e da eletrônica. As duas últimas propostas não vingaram. A partir de 85, a política de proteção se deu em função das possibilidade de produtos serem fabricados internamente. Embora o licenciamento de tecnologia seja prática bastante utilizada e sejam permitidas associações com até 49% do capital estrangeiro há exigências de geração de tecnologia própria num segundo estágio.

México — O mercado é totalmente aberto à participação estrangeira. Restrições para estimular o desenvolvimento local foram impostas somente a partir de 81 para segmentos específicos. Para produzir computadores de grande porte não há restrição mas também não existem incentivos. A única limitação ao capital estrangeiro foi feita no segmento dos micros, posteriormente eliminada. A IBM lá se instalou e a indústria local, pela proximidade da fronteira americana, sofre ainda os efeitos negativos do contrabando. O único instrumento efetivo de proteção e fomento é a licença de importação, que garante isenção tarifária nas compras externas de insumos às indústrias locais com projetos de fabricação.

Arquivo — 12/3/84

Americanos temem que futuro satélite brasileiro possa servir para planos militares

EUA pedem que França não ceda tecnologia espacial ao Brasil

Rosental Calmon Alves
Correspondente

WASHINGTON — Os Estados Unidos estão fazendo tudo o que podem para evitar que o consórcio francês seja o escolhido na concorrência do novo satélite brasileiro de comunicação. O motivo não é proteger o outro participante da concorrência, um consórcio americano. A razão, explicam funcionários de Washington, é evitar que a França transfira para o Brasil uma tecnologia de lançamento de foguetes, que poderia ser algum dia usada para a fabricação de mísseis de longo alcance.

O governo americano está tão preocupado com isso que enviou funcionários a Paris para tentar convencer os franceses de que eles estarão violando um tratado que os países desenvolvidos ocidentais assinaram, há dois anos, a fim de controlar a proliferação da tecnologia para fabricação de mísseis. Os signatários se comprometem a só ceder tecnologia espacial a outros países quando for comprovado que isso não contribuirá para o desenvolvimento de sistemas de transporte de armamentos nucleares.

A França contra-argumenta usando o mesmo tratado, que permite a transferência de tecnologia para uso pacífico. Os franceses insistem que é possível estabelecer salvaguardas, para garantir que o Brasil não usará para fins militares a tecnologia do foguete *Viking*, movido a combustível líquido e usado pela *Ariane* para lançamento de satélites. Os americanos, porém, alegam que quem domina essa tecnologia pode perfeitamente fazer mísseis e que o Brasil poderia começar logo a fabricá-los, não somente para suas forças armadas, como também para exportar.

Pressões — Além de tentar convencer a França, os Estados Unidos estão também em contato com outros países europeus, alarmando-os para o eventual perigo desse negócio que envolve transferência de tecnologia. Chamam a atenção para o tamanho da indústria bélica brasileira e a acusam de falta de critério na venda de armas. Tudo isso para tentar fazer com que esses europeus, como a Inglaterra e a Alemanha, se juntem às pressões sobre Paris. O Brasil assiste a tudo isso aparentemente de forma passiva, embora ratifique sempre sua posição de só deseja adquirir essa tecnologia para ter auto-suficiência no lançamento de satélites.

O consórcio franco-canadense, que se dispõe a ceder a tecnologia do *Viking*, é o Spar-Ariane. O concorrente americano é um consórcio formado pela Hughes, fabricante do satélite de comunicações que o Brasil precisa, e pela McDonald Douglas, que se oferece para fazer o lançamento.

Como o edital de concorrência diz que o negócio tem de estar atado a algum tipo de transferência de tecnologia, os americanos também incluiram certos atrativos nesse campo. Mas não podem nem se comparar com o que os franceses oferecem. Em vez de tecnologia para dar independência aos primeiros estágios das ambições espaciais do Brasil, a McDonald Douglas oferece algo bem mais modesto, como, por exemplo, bolsas para dois engenheiros brasileiros estudarem nos Estados Unidos.

Oito segundos para o sucesso ou uma fratura exposta

Ricardo Fonseca

SÃO PAULO — *"Meninada do chapéu grande, da bota de bico fino, vamos chegando para conhecer os vaqueiros e acompanhar seus destino."*

A voz forte e ritmada do bem pago Asa Branca (NCz$ 50 mil por mês), nome artístico de Waldemar Ruy dos Santos, um dos mais populares narradores de rodeio do Brasil, interrompe a execução de *Coração*, sucesso da dupla sertaneja Chitãozinho e Xororó, convocando o público que ainda perambula por entre as barracas de comidas típicas, jogos, roupas e assessórios. Vai começar o rodeio.

O palco é o estádio da Portuguesa de Desportos, que abrigou por três semanas as provas eliminatórias da Copa Brasil de Rodeo. Porém, poderia ter sido outra cidade do interior paulista ou do chamado Brasil caipira, que engloba o sudoeste de Minas Gerais, Goiás, Mato Grosso do Sul, parte do Paraná e qualquer lugar, onde haja gado e homens trabalhando no campo.

"Ao som do berrante, os vaqueiros vão à pista, rezar para São Sebastião do Rodeio, que proteje todo artista."

A religiosidade e o patriotismo são características marcantes destes homens simples, que vão mostrar a arte de permanecer oito segundos sobre o lombo de um cavalo ou touro bravios. Fazer o sinal da cruz é quase obrigatório para o vaqueiro, antes de abrir a porteira e liberar o animal que pode lhe dar um bom prêmio, muitas vezes um carro zero quilômetro, ou ainda uma fratura exposta.

Um vaqueiro que participe de quatro rodeios por mês — e há sempre mais de um rodeio por semana em qualquer dessas regiões — pode ganhar no fim do mês, mesmo não sendo o melhor, perto de Cz$ 5 mil. "Bem mais que os NCz$ 1 mil que eu ganhava na lida com o gado", conta Fabrício Alves, 17 anos, nascido em Agudos (SP), o primeiro peão do dia a ficar os oitos segundos sobre um touro.

"É hoje que a terra treme, é hoje que a casa cai, a mulher larga o marido e a filha deixa o pai, para viajar com o vaqueiro, sem saber para onde vai."

Três meses parado — Vitor de Souza, 23 anos, saiu de Araçatuba (SP) para se tornar o campeão brasileiro de 1988. Peão de gado, mudou de vida atraído pelo dinheiro, pelas viagens e pelo sonho de ser famoso. "Já ganhei até moto em rodeio, mas também tive fraturas que me deixaram três meses parado". Hoje, com a Associação Brasileira de Vaqueiros, em substituição a Associação Brasileira de Rodeios e Associação Paulista de Montadores de Touros, os profissionais deste esporte estarão mais amparados, podendo contar até com um seguro contra acidentes pessoais.

Djanguinho, 34 anos, e Espinafre, 32, vindos de Pirapozinho, são, à primeira vista, dois palhaços brincalhões, que fazem molecagem perigosas como esquiar segurando o rabo dos touros. Na verdade, são os corajosos salva-vidas dos montadores de touro, que recebem NCz$ 5 mil por um final de semana para arriscar a própria pele, distraindo os touros que se voltam contra os vaqueiros derrubados. "Quando os promotores não querem pagar a gente para estar lá dentro, os vaqueiros fazem greve e não montam", revela Djanguinho, enquanto exibe as cicatrizes das chifradas e pisões de touros que sofreu na sua carreira.

"O que amansa burro é viagem, o que amansa mulher é beijo e abraço."

A impressão de brutalidade que o esporte transmite logo se desfaz no contato com estes homens simples. "O vaqueiro é um homem puro, apaixonado e idealista, que se desmanha por uma canção de amor e é incapaz de uma maldade", garante a atriz Lúcia Veríssimo, frequentadora assídua de rodeios. "O preconceito com o sertanejo não deixa as pessoas — crentes que o Brasil é só Rio de Janeiro e São Paulo —, perceberem que este é o Brasil real, um dos muitos *Brasis* reais."

"Meu cavalo e minha mulher eu perdi no mesmo dia. Do cavalo tive dó, da mulher senti alegria. Cavalo bom é difícil de arrumar, mulher boa eu arrumo todo dia."

Asa Branca

O machismo imbutido em algumas músicas sertanejas e nas frases jocosas com que Asa Branca tempera os rodeios mostram que a mulher ainda não consegue competir no campo com o homem. Mas Django, um dos tropeiros mais conhecidos, afirma que isto está mudando e logo a mulher estará participando de rodeios no Brasil, como já faz nos Estados Unidos. "Estou treinando 15 meninas", revela. "É claro, como elas são mais frágeis, têm que usar coletes de proteção, luvas, cotoveleiras, tornozeleiras e usar as duas mãos."

"Hoje a festa terminou, foi embora com o dia, e todo vaqueiro que aqui montou, só nos deixou alegria."

Se usar as duas mãos, nota zero

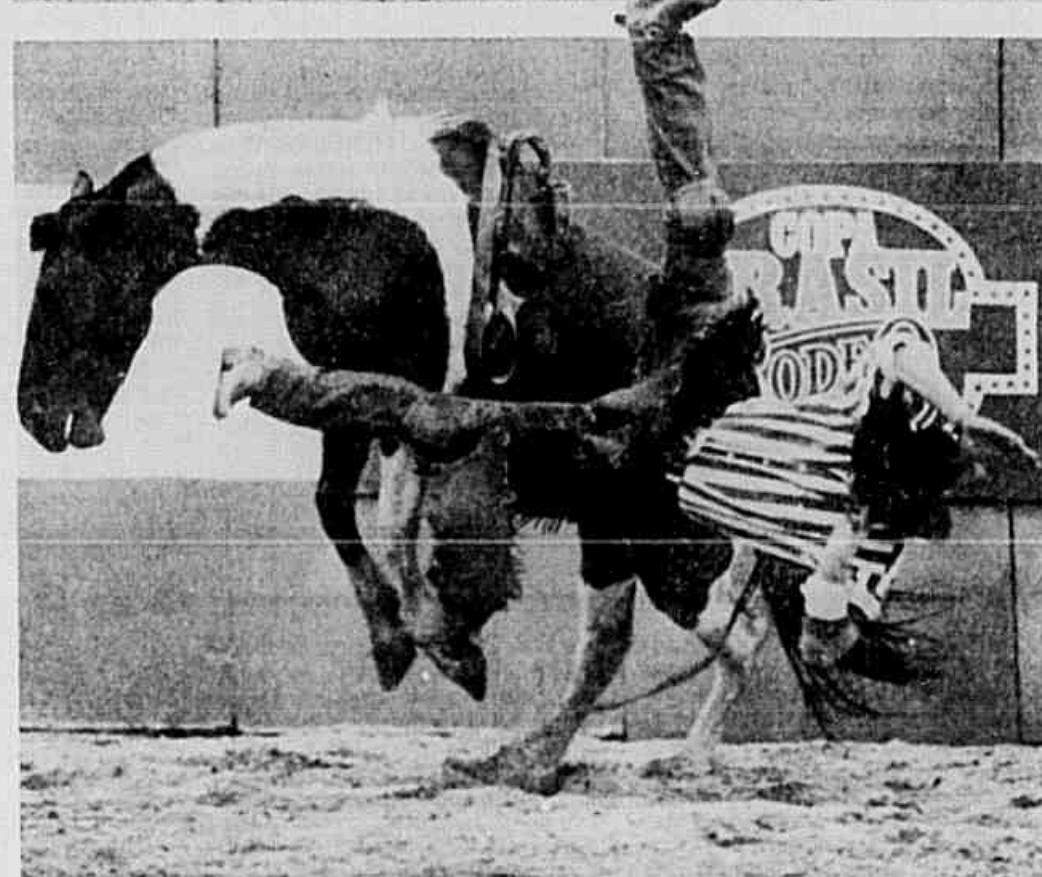
A Copa Brasil de Rodeo (sem o *i*, como escrevem os norte-americanos), primeira iniciativa de padronizar a prática deste esporte no país, reúne apenas duas modalidades de provas, entre as muitas que são disputadas no Brasil: cavalo e touro. Nas duas, o objetivo do vaqueiro é o mesmo, ou seja, permanecer no mínimo oito segundos sobre o lombo do animal, procurando manter o equilíbrio com estilo e, ao mesmo tempo esporear a montaria para que ela salte o máximo possível, valorizando a sua exibição. Após os oitos segundos, ele salta ou é recolhido por cavaleiros, que acompanham de perto todas apresentações.

Na modalidade touro, mais impressionante pelo tamanho do animal e pelo risco do concorrente ser pisoteado ou ferido pelos chifres, o vaqueiro monta com auxílio da *corda* — espécie de laço que passa no peitoral do touro e seguro em cima com apenas uma das mãos. Sob o touro fica um grande sino para irritá-lo. Ao tentar tirá-lo com as patas, dá saltos cada vez maiores.

Na modalidade cavalo, é utilizado apenas o *bareback*, um alça presa na altura da cernelha (base do pescoço) e que o vaqueiro deve segurar com apenas uma mão, enquanto o cavalo corcoveia e escoiceia. Sob as ancas do animal, passa ainda um arreio, cujo objetivo é provocar o cavalo para que ele, tentando se libertar, salte com mais empenho.

Para subir no animal, é usado um pequeno retângulo de cercas, que tolhe o movimento da montaria até a porteira ser aberta. Os vaqueiros iniciam a exibição deitados sobre o lombo do animal, com os pés para a frente e esporas prontas para fustigar o pescoço da montaria. Uma mão no *bareback* (cavalo) ou na *corda* (touro) e a outra para o alto, não podendo nunca tocar a montaria com as duas mãos, sob pena de eliminação.

O único juiz pune com a nota zero quem não consegue ficar o mínimo de oito segundos montado, ou usa as duas mãos para se segurar. São dadas duas notas, uma para o animal e outra para o vaqueiro, depois somadas para definir a nota final. Quanto mais trabalho der a montaria, maior a nota numa escala de zero a 50. O vaqueiro recebe nota na mesma escala. É considerado seu estilo e se ele consegue esporear o pescoço do animal para melhorar seu desempenho.(*R.F.*)

São Paulo — Fotos de José Carlos Brasil

As quedas espetaculares se repetem durante toda a competição

Dependendo da griffe, o traje caipira completo custa NCz$ 12 mil

Bons negócios no interior

Embora seja o esporte com o maior público pagante do país, recebendo de 20 mil a 200 mil pessoas por final de semana, em cidades de população inferior, o rodeio, assim como quase todas as manifestações da cultura sertaneja, ainda é encarado com preconceito nas grandes cidades. À maioria dos moradores das capitais não interessa se o rodeio esteja superando o futebol ou se duplas sertanejas, como Chitãozinho e Xororó, tenham sua música liderando as paradas de sucesso. Para os urbanos, tudo isso "é coisa de caipira."

Mas a situação está mudando. "Quando saio com roupas *contry* no Rio de Janeiro, ainda tenho que ouvir engraçadinhos, perguntando onde deixei o cavalo. Mas, em São Paulo, mesmo nos Jardins, já posso andar tranquilamente com meu chapéu e botas de *cowboy*", conta a atriz Lúcia Veríssimo, proprietária da LV Western, uma sofisticada grife caipira com quase 200 itens.

Lúcia é apaixonada por rodeios, patrocina o peão Nelson Pertolin, compete em provas de apartação de gado e há dois anos é escolhida como a madrinha dos peões boiadeiros do Brasil. "Amo tudo que é rural, inclusive a música sertaneja, com suas belíssimas canções de amor."

O mercado das grandes cidades não é seu público alvo, nem a de outras grifes (que preferem usar a palavra *country* à caipira) como a do cantor Sérgio Reis, que comercializa 26 itens, através de representantes espalhados por todo o país. "O *country* é moda há 400 anos no Brasil sertanejo e é para este público que dirijo minhas vendas", conta a atriz.

Hercília de Albuquerque, sócia de Sérgio Reis, também está preocupada com o público rural, que pode pagar de NCz$ 3 mil a NCz$ 12 mil por uma vestimenta completa, com direito à bota, chapéu, fivelas e ponteiras. "Somos a opção de qualidade para os fazendeiros, que antes tinham que comprar suas roupas nos Estados Unidos."

Não há cidade do interior paulista e regiões próximas que não realize pelo menos um rodeiro por ano. Mas, a tradicional Festa do Peão Boiadeiro, de Barretos, excede e mostra até onde o rodeio pode chegar como esporte organizado. Situada na região noroeste de São Paulo, a 425 quilômetros da capital, Barretos tem estádio para rodeio, em forma de ferradura, com capacidade para 50 mil pessoas, projetado pelo arquiteto Oscar Niemeyer.

"As licenças para vender produtos nessas feiras são disputadas a preço de ouro", diz Ruy Brisola Filho, promotor de feiras rurais e shows de música popular, que vai investir NCz$ 1,3 milhão na Copa Brasil Rodeio do próximo ano. "Produtos agrícolas, animais, comidas típicas, roupas, selas, discos de música sertaneja, tudo o que pode imaginar relacionado a rodeio é vendido nestas feiras."(*R.F.*)

Django arriscou a sorte nos Estados Unidos e depois voltou

No Sul, sem profissionalismo

Sandra Rodrigues

PORTO ALEGRE — Um bom cavalo *aporreado*, ou seja, indócil, um ágil *ginete* (cavaleiro), um público entusiasmado e está feito o excitante espetáculo proporcionado pelo rodeio no Rio Grande do Sul. Os *ginetes*, que participam dos mais de 200 rodeios realizados no estado, são peões de fazendas, acostumados à doma de cavalos nas propriedades em que trabalham e que fazem das *gineteadas* uma diversão.

"Não existe ginete profissional no Rio Grande do Sul", diz Flávio Guazzelli, *patrão* (presidente) do Centro de Tradições Gaúchas (CTG) Porteira do Rio Grande, em Vacaria, a 241 quilômetros da capital, organizador, a cada dois anos, do Rodeio Crioulo de Vacaria, um dos mais tradicionais do estado. A sua décima oitava edição, de 11 a 18 de fevereiro de 1990, deverá reunir cerca de 200 ginetes no estado, além de paulistas, argentinos e uruguaios.

Os prêmios em Vacaria para os primeiros lugares são convidativos, como uma camionete Chevy para o melhor ginete, além de touros, vacas, cavalos e dinheiro, tudo patrocinado por empresas e proprietários rurais. Mas, a grande maioria dos rodeios no Sul só oferece troféus, medalhas e poucos prêmios em dinheiro.

O rodeio gaúcho é diferente do rodeio paulista. Os peões não montam touros, somente em cavalos crioulos, vestem indumentária simples, comum aos homens que trabalham no campo, ou seja, *pilcha* completa — vestimenta típica gaúcha composta de bombachas, camisa, botas e chapéu, e um infalível lenço no pescoço.

Os gaúchos fazem distinções bem claras entre a doma e a *gineteada*. O vice-presidente do Movimento Tradicionalista Gaúcho, Nei Zardo, explica: "A doma é um processo lento de tornar um cavalo manso, feito em fazendas e haras, enquanto que a gineteada é uma exibição artística com um cavalo *aporreado*, agressivo, de má índole, como um galo de rinha". Os rodeios gaúchos incluem também as provas de *tiro de laço* (em que o peão a cavalo consegue laçar um boi em correria) e prova de rédea, para mostrar a habilidade em dirigir um cavalo já manso.

Um touro desses pesa entre 600 e 800 quilos

Atrás da fama e dólares

Sonho de vaqueiro é morar em Denver, onde fica a PRCA

Não há vaqueiro que não fique com os olhos brilhando, quando se fala do circuito de rodeio dos Estados Unidos. Afinal, a pátria do rodeio sofisticou a tal ponto este esporte, que só a rodada final, em Las Vegas, movimenta US$ 20 milhões em negócios e prêmios. O sonho de qualquer vaqueiro é ir morar em Denver, Colorado, onde fica a sede da Professional Rodeo Cowboys Association — PRCA —, entidade que organiza todo o circuito americano, estabelecendo quem pode ou não participar de cada prova, nos moldes do que a ATP — Associação dos Tenistas Profissionais — faz no seu circuito.

O primeiro brasileiro a tentar a sorte nos Estados Unidos foi Milton Barbosa Santiago, mais conhecido como Django. Nascido em Pereira Barreto, Django, hoje com 35 anos, mudou-se para São Paulo com 17 anos, disposto a virar ator de cinema. Foi *doublê* em filmes de cangaço, participou dos primeiros rodeios profissionais do país e, mesmo sem falar inglês, usou o dinheiro dos prêmios para viajar aos Estados Unidos em 1979.

"Cheguei pensando que era o bom, mas tive que fazer curso na escola da PRCA para receber a licença para montar". Lá, Django viu pela primeira vez a modalidade *bareback* de montaria de cavalos, que ele introduziu no Brasil ao retornar. Em quatro temporadas nos Estados Unidos, o máximo que Django conseguiu foi um segundo lugar com US$ 3.700 de prêmio. "Na verdade, tudo o que eu ganhei foi gasto com as viagens, ou para me manter". Ele pagava até US$ 100 por inscrição num torneio pequeno para o padrão americano.

Com centenas de provas e as mais diversas premiações, as incrições para os rodeios da PRCA são feitas pelo computador da entidde. "Só os mais bem colocados no ranking de somas ganhas conseguem entrar nos melhores rodeios", explica Roy Carter, 37 anos, juiz da PRCA especialmente trazido ao Brasil para julgar as eliminatórias da Copa Brasil, que se encerra hoje, no estádio da Portuguesa. Nascido no Texas, Carter foi um premiado *cowboy* com duas participações na final nacional. Hoje, além de trabalhar como juiz, cria animais para rodeios.

Um dos peões que trabalham para Carter é Ismar Ribeiro, nascido em Barretos. Largou o estudo depois de mudar-se para São Paulo e tronou-se um *cowboy*, ao invés de vaqueiro. Há um ano nos Estados Unidos, ele aprendeu que o caminho do sucesso não é fácil para um brasileiro, por melhor vaqueiro que seja. "Até eu provar para os gringos que sabia montar, tive que morar nas cocheiras, junto com os cavalos".(*R.F.*)

Os melhores do Brasil correm em São Paulo

Paulo Gama

O Festival ANPC (Associação Nacional de Proprietários de Cavalos de Corrida) é a grande atração do turfe nacional, hoje à tarde, no Hipódromo de Cidade Jardim, em São Paulo. Serão disputadas quatro provas na raia de grama, com destaque para o oitavo páreo, a Copa ANPC clássica em 2.400 metros, reunindo os melhores animais em atividade no Brasil. Ken Graf, de São Paulo, é o favorito, mas o turfe carioca está bem representado, com Jack Bob, Ego Trip e Gay Charm, a única égua inscrita no campo de 16 concorrentes.

Ken Graf não repetiu no GP Brasil deste ano as grandes atuações de Cidade Jardim. Animal de temperamento agitado, sempre foi prejudicado pelas viagens. A sexta colocação, entretanto, pode ser atribuída também ao péssimo estado da raia, muito pesada, e aos prejuízos sofridos na reta final, onde ficou encerrado por dentro, sem passagem, subindo nas patas de Laurus e Troyanos. De volta a seu ambiente e recuperado de ligeiro contratempo, pode aparecer nos metros finais com a mesma atropelada violenta que lhe deu a vitória no GP São Paulo de 1988, quando derrotou Corto Maltese no olho mecânico.

Os cariocas — A representação carioca chegou a São Paulo com alguns de seus mais dignos representantes. A responsabilidade de manter a hegemonia conquistada por Troyanos, que ganhou todas as principais provas nacionais na última temporada, é muito grande. Jack Bob, de propriedade do Stud Topázio, volta a Cidade Jardim credenciado por excelentes resultados no turfe carioca, sendo o mais recente a vitória sobre Ego Trip, no GP Doutor Frontin. Quinto colocado no último GP São Paulo, quando atropelou pelo pior trecho de uma pista enlameada, mostrou consistência, a característica marcante de sua campanha vitoriosa. Alberto Nahid, que já venceu a Copa ANPC com Kew Gardens, espera disputar a vitória.

"No Rio ele tem mostrado superioridade. Perder para Troyanos é normal, mas, no GP Brasil, ele só chegou atrás de Laurus e Carteziano porque foi prejudicado nos momentos decisivos da prova", lembrou Nahid. "Em São Paulo, em maio, pegou um terreno muito ruim e a corrida não valeu. Não vejo problemas de adaptação porque esteve aqui quando era potro e chegou em segundo lugar no Derby Paulista."

Esperança — O maior ídolo do turfe carioca, Jorge Ricardo, também estará presente. Ganhador da Copa ANPC em 1987, na milha, com Kew Gardens, Ricardinho conduzirá o castanho Ego Trip, de criação e propriedade do Haras Santa Ana do Rio Grande. Quando esteve em São Paulo, o puro-sangue de propriedade de José Carlos Fragoso Pires fracassou no Derby Paulista. Ainda inexperiente, a única credencial do pensionista de João Maciel era ter derrotado Troyanos, o *bicho-papão* do turfe brasileiro e grande ausente hoje à tarde — vai para os Estados Unidos.

Jorge Ricardo espantou a fama de só ganhar páreos comuns depois das vitórias no GP Osaf do Rio (duas vezes), no Osaf paulista, na milha internacional carioca de 1984, na Copa ANPC paulista de 1987 e no GP Major Suckow deste ano. Hoje à tarde ele tem a chance de vencer outra vez uma daquelas provas nobres que os exigentes fãs sempre lhe cobram: "O cavalo está muito bem e deve disputar a vitória".

A terceira oportunidade de prevalecer o turfe carioca é uma vitória da única representante feminina na prova, Gay Charm, de criação e propriedade de Fazenda Mondesir. Bem preparada por Eduardo Caramori e contando com a direção de José Aurélio, a filha de Ghadeer tentará manter a escrita favorável à Fazenda Mondesir, que sempre obtém resultados expressivos em São Paulo com as éguas do seu campo de criação.

"O momento é muito bom para ela e, caso supere a viagem e a pista de grama paulista, muito castigada, pode cumprir atuação de destaque. É um dos melhores animais que tive oportunidade de treinar", afirma Eduardo Caramori.

Jigo, montaria de Edson Ferreira, e Corto Maltese, que será dirigido por Estevam Gelaski, também podem chegar brigando pela vitória.

R. T. Fasanello — 11/09/89

Jack Bob é uma das atrações cariocas em Cidade Jardim

Programa tem mais três bons páreos

Além da Copa ANPC clássica, em 2.400 metros, mais três provas nobres serão disputadas hoje à tarde no Hipódromo de Cidade Jardim. Às 15h50m, há a disputa dos 2.000 metros da Copa ANPC das éguas, com os melhores animais do turfe paulista. Às 16h25, será a vez dos velocistas se enfrentarem no retão do prado paulista e, às 17h, alguns dos melhores milheiros nacionais estarão na reta dos 1.609 metros.

A prova das éguas está equilibrada. Four Leaf Clover, ganhadora do GP Diana no Hipódromo da Gávea, e Puntilla, que brilhou no GP Osaf em Cidade Jardim, parecem ter melhores credenciais, mas tradicionalmente este páreo reserva surpresas e nem sempre vencem as favoritas.

Os cariocas têm bons representantes no quilômetro: Umitirus, com direção do chileno Gabriel Meneses, Eryngium, com José Aurelio, Just Jane, montaria de Reisinho, Ange Gardien, com Luis Alves, e Fast Poker, conduzido pelo líder Jorge Ricardo. Na raia leve Fast Poker e Just Jane vão correr bem. Na pesada, apenas Umitirus pode figurar contra o favorito Giorgio Vergano.

A milha reune os principais especialistas de Cidade Jardim e, talvez por este motivo, os cariocas mandaram só um representante — Qualificado, de propriedade da *turfwoman* Marlene Fernandes Serrador. Qualificado está à vontade em Cidade Jardim, onde começou a campanha.

Copa ANPC

8º PÁREO — Copa ANPC — Clássico — Às 17h40
NCz$ 152.000,00 — 2.400m — Grama

	Cavalo, jóquei	Peso	Nº
1—	1 Ken Graf, J. Garcia	57	5
—	1 Javigarbo, I. Ribeiro	61	11
2—	2 Jigo, E. Ferreira, E. Ferreira	58	13
—	3 Concealment, A. Barroso	56	2
3—	4 Jack Bob, I. Pereira Fº	51	10
—	5 Laurus, L. Saldanha	56	1
4—	6 Ego Trip, J. Ricardo	56	6
—	7 Very Lazy, I. Quintana	56	3
5—	8 Hollabaches, A. Bolino	61	7
—	9 Super Nova, L. Duarte	53	4
6-	10 Gay Charm, J. Aurelio	57	12
—	11 Lampairon, J. Paulielo Jr	52	8
7-	11 Corto Maltese, E. Gelaski	61	15
—	11 Oil Dream, R. Lopes	61	3
8-	12 Erase The Yale, G. Assis	56	16
—	12 From The North, N. Lima	56	14

Outros clássicos

6º Páreo — Copa ANPC — Éguas — Às 15h50 — NCz$ 45.000,00 — 2.000m — Grama

		Cavalo, jóquei	Peso	Nº
1	—	1 Bicho Alta, A. Barros	56	5
2	—	2 Divalia, G. Assis	61	2
3	—	3 Four Leaf Clover, A. Bueno	56	3
4	—	4 K. Barbosa, I. Gonçalves	56	6
5	—	5 Luamar, L. Saldanha	56	4
6	—	6 Puntilla, G. Menezes	61	8
7	—	7 Una, Quintana	61	1
8	—	8 Fille Du Liban, N. Andre	56	7
	—	9 Miss March, M. Fortura	53	6

8º Páreo — Copa ANPC — Velocidade — Às 16h25 — NCz$ 36.000,00 — 1.000m — Grama

		Cavalo, jóquei	Peso	Nº
1	—	1 Giorgio Vergano, J. Escobar	58	13
	—	2 Lion D'Or, O. Canuto	54	8
2	—	3 Omni, I. Quintana	56	3
	—	4 Bella Mia, G. Assis	57	8
3	—	5 Laurent Da Torre, O. Pereira Fº	54	1
	—	6 Catuninha, J. Gonçalves	57	5
4	—	7 Ares D'Quadri, J. Garcia	58	12
	—	7 Delai, N. Souza	56	15
5	—	8 Umitirus, G. Menezes	56	12
	—	8 Just Jane, E. Ferreira	57	11
6	—	9 Basel, A. Barroso	52	9
	—	9 Fast Poker, J. Ricardo	56	14
7	—	10 Ange Gardien, L.A. Alves	56	16
	—	10 Aventurado, L. Duarte	58	2
8	—	11 Let's Go Again, M. Lourenço	56	17
	—	12 Eryngium, J. Aurelio	58	4
	—	12 Flickering, P. Santos	58	7

7º Páreo — Copa ANPC — Milha — Às 17 horas — NCz$ 45.000,00 — 1.600m — Grama

		Cavalo, jóquei	Peso	Nº
1	—	1 Jae, O. Canuto	58	1
2	—	2 Charrette, J. Garcia	60	4
	—	3 Pas Of, N. Souza	53	2
3	—	4 Leap Year, A. Barroso	56	11
	—	5 Gold Colour, I. Gonçalves	56	14
4	—	6 Excellent Jean, O. Camargo	60	13
	—	7 Master Of Wonderful, M. Andre	60	5
5	—	8 Gaburano, G. Assis	60	8
	—	9 Qualificado, F. Pereira Fº	60	7
6	—	10 I Am Good, J. Cardoso	56	10
	—	10 Keep Vip, G. Menezes	60	3
7	—	11 Huenec, I. Quintana	58	12
	—	11 Quiet Night, M. Lourenço	60	8
8	—	12 Eastern Tale, L. Duarte	60	5
	—	12 Ling, E. Ferreira	56	15

No Rio, dez provas equilibradas

Num programa de poucas atrações — os melhores jóqueis e animais do turfe carioca estarão em São Paulo para o Festival ANPC — o Jóquei Clube pelo menos conseguiu formar 10 provas, de qualidade discutível, mas equilibradas e de difícil prognóstico. Além das 10 carreiras, haverá ainda um páreo extra, sem apostas, com apenas três concorrentes disputando NCz$ 4.350,00 em 2.400 metros na grama.

The Killer, de criação do Haras True e de propriedade do Stud Revira, é o favorito do terceiro páreo da corrida desta tarde no Hipódromo da Gávea. Bem preparado por Gladston Santos e conduzido por Edvaldo Rodrigues, vem de excelente atuação na turma na última apresentação, em que obteve a terceira posição para Four Dollars. O páreo é destinado a produtos de três anos e tem a dotação de NCz$ 4.350,00 para o proprietário do ganhador.

A disputa pela segunda colocação é equilibrada. Early Morn trabalhou bem e pode reabilitar-se dos fracassos anteriores na direção de Carlos Geovani Lavor. Hadji Baba foi preterido por Edvaldo Rodrigues, que ficou com The Killer. Mas tem boa atuação na turma e pode render mais na raia de grama. Free Of Tax também deve ser cogitado nas apostas de triexata.

Favoritismo — Pineapple é o maior favorito da programação. Ganhador de inúmeras provas, vai enfrentar turma fraca para seu padrão e dificilmente será derrotado em corrida normal. Boa oportunidade para Antônio Ramos, ex-instrutor da Escola de Aprendizes. Herel, apesar de ser mais velho do que a turma, aprecia a raia leve e a reta grande e deve atropelar para formar a dupla exata. Os demais vão lutar por colocação honrosa no marcador.

O proprietário da égua Gold Chop, Roberto Teixeira, espera a reabilitação da filha de Hidden Treasure na pista de grama, no oitavo páreo.

Hoje na Gávea

PÁREO EXTRA (SEM APOSTAS) ÀS 14h15m. NCz$ 4.350,00 — 2.400 metros (GRAMA) PRÊMIO R. HUMBERTO DE CAMPOS

Cavalo, jóquei	Nº	Peso
1 Largo Galeno, E.S. Rodrigues	1	58
2 Acaron, J. Pessanha	2	58
3 Un Air Majeur, C. Lavor	3	58

1º páreo — Às 14h20m — 1.100 metros NCz$ 1.350,00 — TRIEXATA-DUPLA-EXATA PRÊMIO R. BARINA GUILHERME

Cavalo, jóquei	Nº	Peso
1 Karamâncio, M. Pinto	1	57
2 Gar Prince, E. Martins	2	57
3 Kunck, L. Esteves	3	57
4 Elônico, C. Lavor	4	58
5 Bearing, D. Netto	5	57
6 Lenora, J.S. Gomes	6	58

2º páreo — Às 15 horas — 1.200 (GRAMA) NCz$ 4.350,00 — TRIEXATA—DUPLA—EXATA PRÊMIO AV. AFRANIO DE MELLO FRANCO PÁREO DE LEILÃO

Cavalo, jóquei	Nº	Peso
1 Quisuki, R. Rodrigues	1	58
2 Grand Africano, E.G. Ferreira	2	58
3 Hadlani, J. Pessanha	3	58
4 Hemuronos, C. Lavor	4	58
5 Costão, C.G. Netto	5	58
6 John Hancock, A. Machado Fº	6	58
7 Clod Ber, C. Xavier	7	58

3º páreo — Às 15h30m — 1.600 (GRAMA) NCz$ 4.350,00 — TRIEXATA—DUPLA—EXATA PRÊMIO R. CARLOS GÓES (PÁREO LEILÃO)

Cavalo, jóquei	Nº	Peso
1 Early Morn, C. Lavor	1	58
2 Hadji Baba, S. Santos	4	58
3 The Killer, E.S. Rodrigues	5	58
4 Fundamental, C.G. Netto	6	58
5 Free Of Tax, M. Cardoso	7	58
6 Maraja, R. Freire	8	58
7 El Flaco, C.A. Martins	9	58
8 Kings Joker, E.S. Gomes	2	58
9 Friend Mario, J. Pessanha	3	58

4º páreo — Às 16 horas — 1.600 metros NCz$ 2.600,00 — TRIEXATA—DUPLA—EXATA INÍCIO DO CONCURSO DE SETE PONTOS PRÊMIO R. DIAS FERREIRA

Cavalo, jóquei	Nº	Peso
1 Pineapple, A. Ramos	1	54
2 Nenem Russo, S. Santos	2	53
3 Adonheno, C.G. Netto	3	57
4 Don Massimo, J.P. Oliveira	4	53
5 Herel, J. Garcia	5	53
6 Costurovsky, A. Machado Fº	6	58

5º páreo — Às 16h30m — 1.300 (GRAMA) NCz$ 2.750,00 — TRIEXATA—DUPLA—EXATA PRÊMIO R. JOÃO LIRA

Cavalo, jóquei	Nº	Peso
1 Ilustríssimo, M. Cardoso	1	58
2 Astro dos Pampas, R. Antonio	2	58
3 Pavioio, C. Lavor	3	58
4 Kyanelmar, C.G. Netto	4	58
5 Elamaga, D. Netto	5	58
6 Delírio Orgânico, J. Queiroz	6	58
7 Zuly, C. Lavor	7	58
8 Cartante, G.F. Silva	8	58

6º Páreo — Às 17 horas — 1.000 (GRAMA) NCz$ 2.750,00 — TRIEXATA-DUPLA-EXATA PRÊMIO PRAÇA ANTERO DE QUENTAL

Cavalo, jóquei	Nº	Peso
1 Lagos, C. Lavor	1	58
2 Rolo Novi, M. A. Santos	2	54
3 Jacona, M. Penafiel	3	52
4 Tatisah, J.S. Gomes	4	54
5 Granítico, G.F. Silva	5	58
6 Emancipation, R. Rodrigues	6	58
7 Argentina Rae, J. Queiroz	7	58
8 Heredera, S. Santos	8	58
9 Ecossan, E.G. Ferreira	9	58
10 Napeno, M. Pinto	10	54

7º Páreo — Às 17h30m — 1.200 (GRAMA) NCz$ 4.350,00 — TRIEXATA-DUPLA-EXATA PRÊMIO AV. DELFIM MOREIRA (PÁREO LEILÃO)

Cavalo, jóquei	Nº	Peso
1 Midnoon, G.F. Silva	1	58
2 Moonflower, A. Machado Fº	2	58
3 Jacinne, S. Santos	3	58
4 White Machine, C.G. Netto	4	58
5 Four Stars, M. Cardoso	5	58
6 Cyssa, J. Machado	6	56

8º Páreo — Às 18 horas — 1.200 (GRAMA) NCz$ 3.600,00 — TRIEXATA-DUPLA-EXATA PRÊMIO AV. BARTOLOMEU MITRE

Cavalo, jóquei	Nº	Peso
1 Emancipação, M. Cardoso	1	57
2 Dory Victory, M. Penafiel	2	57
3 Vista da Gávea, C.G. Netto	3	57
4 Panorâmica, D. Netto	4	57
5 Fileira, E.S. Rodrigues	5	57
6 Lady Aveia, E.G. Ferreira	6	57
7 La Guajira, J.F. Reis	7	57
8 Hothshock, J. Malta	8	57
9 Quatree Danas, M. Monteiro	9	57
10 Gold Chop, M. Cardoso	10	57
11 Je Suis Delie, G.F. Silva	11	57
12 Lady Fenomenal, M. Ferreira	12	57

9º Páreo — Às 18h30m — 1.100 metros NCz$ 4.350,00 — TRIEXATA-DUPLA-EXATA PRÊMIO AV. ATAULFO DE PAIVA (LEILÃO)

Cavalo, jóquei	Nº	Peso
1 Tussot, J. Malta	1	58
2 Igor Tour, G.F. Silva	2	58
3 Conde Neri, M. B. Santos	3	58
4 Presidente, E.S. Rodrigues	4	56
5 Abramis, R. Rodrigues	5	58
6 Mar Lilo, C. Xavier	6	56
7 Monhanti, F. Cardoso	7	56
8 Paisain, E.G. Ferreira	8	56

10º Páreo — Às 19 horas — 1.200 metros NCz$ 2.600,00 — TRIEXATA-DUPLA-EXATA PRÊMIO R. GENERAL SAN MARTIN

Cavalo, jóquei	Nº	Peso
1 Maroni, C.G. Netto	1	58
2 Quillbooker, F. Marinho	2	52
3 Morenco, D. Netto	3	58
4 Hoster Flag, J.S. Gomes	4	57
5 Dame Dement, M. Almeida	5	54
6 Mabinte, F.A. Alves	6	55
7 Palm-Arco, M.A. Santos	7	58
8 Zaneto	8	57
9 Carpeteador, J. Garcia	9	57
10 Luce, M. Penafiel	10	57

Indicações

1º Páreo: Elônico ■ Karamâncio ■ Gar Prince
2º Páreo: Clod Ber ■ Grand Africano ■ Quisuki
3º Páreo: The Killer ■ Early Morn ■ Hadji Baba
4º Páreo: Pineapple ■ Herel ■ Nenen Russo
5º Páreo: Cartante ■ Ilustrissimo ■ Pavioio
6º Páreo: Granitico ■ Rolo Novi ■ Tatisah
7º Páreo: Four Stars ■ Midnoon ■ Moonflower
8º Páreo: Lady Fenomenal ■ La Guajira ■ Fileira
9º Páreo: Tussot ■ Paisain ■ Abramis
10ºPáreo: Palm-Arco ■ Carpeteador ■ Maroni
Acumulada: 4º1(Pineapple), 6º5(Granitico) e 10º7(Palm-Arco)

Os melhores do Brasil correm em São Paulo

Paulo Gama

O Festival ANPC (Associação Nacional de Proprietários de Cavalos de Corrida) é a grande atração do turfe nacional, hoje à tarde, no Hipódromo de Cidade Jardim, em São Paulo. Serão disputadas quatro provas na raia de grama, com destaque para o oitavo páreo, a Copa ANPC clássica em 2.400 metros, reunindo os melhores animais em atividade no Brasil. Ken Graf, de São Paulo, é o favorito, mas o turfe carioca está bem representado, com Jack Bob, Ego Trip e Gay Charm, a única égua inscrita no campo de 16 concorrentes.

Ken Graf não repetiu no GP Brasil deste ano as grandes atuações de Cidade Jardim. Animal de temperamento agitado, sempre foi prejudicado pelas viagens. A sexta colocação, entretanto, pode ser atribuída também ao péssimo estado da raia, muito pesada, e aos prejuízos sofridos na reta final, onde ficou encerrado por dentro, sem passagem, subindo nas patas de Laurus e Troyanos. De volta a seu ambiente e recuperado de ligeiro contratempo, pode aparecer nos metros finais com a mesma atropelada violenta que lhe deu a vitória no GP São Paulo de 1988, quando derrotou Corto Maltese no olho mecânico.

Os cariocas — A representação carioca chegou a São Paulo com alguns de seus mais dignos representantes. A responsabilidade de manter a hegemonia conquistada por Troyanos, que ganhou todas as principais provas nacionais na última temporada, é muito grande. Jack Bob, de propriedade do Stud Topázio, volta a Cidade Jardim credenciado por excelentes resultados no turfe carioca, sendo o mais recente a vitória sobre Ego Trip, no GP Doutor Frontin. Quinto colocado no último GP São Paulo, quando atropelou pelo pior trecho de uma pista enlameada, mostrou consistência, a característica marcante de sua campanha vitoriosa. Alberto Nahid, que já venceu a Copa ANPC com Kew Gardens, espera disputar a vitória.

"No Rio ele tem mostrado superioridade. Perder para Troyanos é normal, mas, no GP Brasil, ele só chegou atrás de Laurus e Carteziano porque foi prejudicado nos momentos decisivos da prova", lembrou Nahid. "Em São Paulo, em maio, pegou um terreno muito ruim e a corrida não valeu. Não vejo problemas de adaptação porque esteve aqui quando era potro e chegou em segundo lugar no Derby Paulista."

Esperança — O maior ídolo do turfe carioca, Jorge Ricardo, também estará presente. Ganhador da Copa ANPC em 1987, na milha, com Kew Gardens, Ricardinho conduzirá o castanho Ego Trip, de criação e propriedade do Haras Santa Ana do Rio Grande. Quando esteve em São Paulo, o puro-sangue de propriedade de José Carlos Fragoso Pires fracassou no Derby Paulista. Ainda inexperiente, a única credencial do pensionista de João Maciel era ter derrotado Troyanos, o *bicho-papão* do turfe brasileiro e grande ausente hoje à tarde — vai para os Estados Unidos.

Jorge Ricardo espantou a fama de só ganhar páreos comuns depois das vitórias no GP Osaf do Rio (duas vezes), no Osaf paulista, na milha internacional carioca de 1984, na Copa ANPC paulista de 1987 e no GP Major Suckow deste ano. Hoje à tarde ele tem a chance de vencer outra vez uma daquelas provas nobres que os exigentes fãs sempre lhe cobram: "O cavalo está muito bem e deve disputar a vitória".

A terceira oportunidade de prevalecer o turfe carioca é uma vitória da única representante feminina na prova, Gay Charm, de criação e propriedade de Fazenda Mondesir. Bem preparada por Eduardo Caramori e contando com a direção de José Aurélio, a filha de Ghadeer tentará manter a escrita favorável à Fazenda Mondesir, que sempre obtém resultados expressivos em São Paulo com as éguas do seu campo de criação.

"O momento é muito bom para ela e, caso supere a viagem e a pista de grama paulista, muito castigada, pode cumprir atuação de destaque. É um dos melhores animais que tive oportunidade de treinar", afirma Eduardo Caramori.

Jigo, montaria de Edson Ferreira, e Corto Maltese, que será dirigido por Estevam Gelaski, também podem chegar brigando pela vitória.

R. T. Fasanello — 11/09/89

Jack Bob é uma das atrações cariocas em Cidade Jardim

Programa tem mais três bons páreos

Além da Copa ANPC clássica, em 2.400 metros, mais três provas nobres serão disputadas hoje à tarde no Hipódromo de Cidade Jardim. Às 15h50m, há a disputa dos 2.000 metros da Copa ANPC das éguas, com os melhores animais do turfe paulista. Às 16h25, será a vez dos velocistas se enfrentarem no retão do prado paulista e, às 17h, alguns dos melhores milheiros nacionais estarão na reta dos 1.609 metros.

A prova das éguas está equilibrada. Four Leaf Clover, ganhadora do GP Diana no Hipódromo da Gávea, e Puntilla, que brilhou no GP Osaf em Cidade Jardim, parecem ter melhores credenciais, mas tradicionalmente este páreo reserva surpresas e nem sempre vencem as favoritas.

Os cariocas têm bons representantes no quilômetro: Umitirus, com direção do chileno Gabriel Meneses, Eryngium, com José Aurélio, Just Jane, montaria de Reisinho, Ange Gardien, com Luis Alves, e Fast Poker, conduzido pelo líder Jorge Ricardo. Na raia leve Fast Poker e Just Jane vão correr bem. Na pesada, apenas Umitirus pode figurar contra o favorito Giorgio Vergano.

A milha reúne os principais especialistas de Cidade Jardim e, talvez por este motivo, os cariocas mandaram só um representante — Qualificado, de propriedade da *turfwoman* Marlene Fernandes Serrador. Qualificado está à vontade em Cidade Jardim, onde começou a campanha.

Copa ANPC

8º PÁREO — Copa ANPC — Clássica — Às 17h40
NCz$ 152.000,00 — 2.400m — Grama

Dupla	Cavalo, Jóquei	Peso	Partida
1	1 Ken Graf, J. Garcia	61	9
—	1 Jangarbo, F. Ribeiro	61	11
2	2 Jigo, E. Ferreira, E. Ferreira	59	13
—	3 Enrichment, A. Barroso	56	2
3	4 Jack Bob, F. Pereira Fº	61	10
—	5 Lavron, L. Saldanha	56	1
4	6 Ego Trip, J. Ricardo	56	6
—	7 Very Lazy, I. Quintana	59	3
5	8 Horoshchew, A. Bolino	51	7
—	9 Super Noie, L. Duarte	53	4
6	10 Gay Charm, J. Aurélio	57	12
—	Lamparon, Z. Paulino Jr.	52	5
7	11 Corto Maltese, E. Gelaski	61	15
—	Oh Dram, W. Lopes	61	5
8	12 Frank The Yank, G. Assis	58	16
—	1 From The North, N. Lima	59	14

Outros clássicos

5º Páreo — Copa ANPC — Éguas — Às 15h50 — NCz$ 41.000,00 — 2.000m — Grama

Dupla		Cavalo, Jóquei	Peso	Partida
1	—	1 Bionic Ace, A. Barros	56	5
2	—	2 Dinorah, G. Assis	61	2
3	—	3 Four Leaf Clover, A. Bolino	56	3
4	—	4 Ki Barbosa, J. Gonçalves	56	1
5	—	5 Luamar, L. Saldanha	58	4
6	—	6 Puntilla, G. Menezes	61	6
7	—	7 Urta, Quintana	61	1
8	—	8 Fille Du Liban, N. André	56	7
	—	9 Miss March, M. Fortura	52	8

6º Páreo — Copa ANPC — Velocidade — Às 16h25 — NCz$ 58.000,00 — 1.000m — Grama

Dupla		Cavalo, Jóquei	Peso	Partida
1	—	1 Giorgio Vergano, J. Escobar	54	15
	—	2 Lori O Dr, C. Canuto	54	8
2	—	3 Onirio, I. Quintana	56	3
	—	4 Bala Mia, G. Assis	57	6
3	—	5 Laurier De Toca, O. Pereira Fº	54	1
	—	6 Esquimha, J. Gonçalves	57	5
4	—	7 Assis di Quadri, J. Garcia	56	12
	—	7 Dezati, N. Souza	55	11
5	—	8 Umitirus, G. Menezes	56	10
	—	8 Just Jane, E. Ferreira	57	11
6	—	9 Basel, A. Barroso	52	9
	—	9 Fast Poker, J. Ricardo	58	14
7	—	10 Ange Gardien, L. A. Alves	56	16
	—	10 Aventurado, L. Duarte	58	2
8	—	11 Lara Do Again, M. Lourenço	56	17
	—	12 Eryngium, J. Aurélio	56	8
	—	13 Pickering, F. Santos	58	7

7º Páreo — Copa ANPC — Milha — Às 17 horas — NCz$ 40.000,00 — 1.600 m — Grama

Dupla		Cavalo, Jóquei	Peso	Partida
1	—	1 [illegible], C. Canuto	58	1
2	—	2 Diamante, J. Garcia	60	4
	—	3 Pay Off, N. Souza	53	2
3	—	4 Leap Year, A. Barroso	58	11
	—	5 Good Colour, J. Gonçalves	58	14
4	—	6 Excellent Jean, O. Camargo	60	13
	—	7 Master Of Woodbine, N. André	60	4
5	—	8 [illegible], G. Assis	60	6
	—	9 Qualificado, F. Pereira Fº	60	7
6	—	10 Am Good, I. Cardoso	55	10
	—	11 [illegible], G. Menezes	60	7
7	—	11 [illegible], I. Quintana	58	12
	—	11 Dusk Night, M. Lourenço	60	9
8	—	12 Eastern Tale, L. Duarte	60	5
	—	12 [illegible], E. Ferreira	59	15

Ontem na Gávea

1º Páreo: 1º High Class C.Lavor 2º Cats Beauty J.Queiroz 3º Golden Sunset C.G.Netto — Vencedor(2)1,8 D.Inexata(23)23,2 Placês(2)1,6 e (3)8,1 D.Exata(2-3)32,5 Triexata(2-3-6)106,0 tempo: 96s1/5.

2º Páreo: 1º Valet Du Roi J.Ricardo 2º Kolares L.A.Alves 3º Guacuri R.Rodrigues — Vencedor(6)1,1 D.Inexata(36)3,2 Placês(6)1,1 e (3)1,3 D.Exata(6-3)3,4 Triexata(6-3-1)11,0 tempo: 101s.

3º Páreo: 1º Wolf's Heart E.S.Rodrigues 2º Her Highness J.Aurelio 3º Qui Valente M.Almeida — Vencedor(7)2,7 D.Inexata(57)1,1 Placês(7)1,0 e (5)1,0 D.Exata(7-5)6,2 Triexata(7-5-8)43,0 tempo: 95s4/5.

4º Páreo: 1º Grecian Girl C.G.Netto 2º Finistrella L.Esteves 3º All Blues M.Cardoso — Vencedor(11)2,2 D.Inexata(8-11)170,7 Placês(11)2,2 e (8)8,4 D.Exata(11-8)145,7 Triexata(11-8-4)200,0 tempo: 69s2/5.

5º Páreo: 1º Cristal Nobre J.Ricardo 2º Apolete E.S.Gomes 3º Vitória Santa R.Rodrigues — Vencedor(1)2,5 D.Inexata(17)5,0 Placês(1)1,7 e (7)1,7 D.Exata(1-7)7,7 Triexata(1-7-6)265,0 tempo: 1m10s2/5.

6º Páreo: Clássico Paulo e Nelson Monte — 1º Bat Masterson J.Ricardo 2º Jaguapen J.F.Reis 3º Bay Point J.Machado — Vencedor(1)1,3 D.Inexata(12)1,0 Placês(1)1,0 e (2)1,0 D.Exata(1-2)2,0 Triexata(1-2-3)5,0 tempo: 3m26s3/5.

7º Páreo: 1º Fiore Chiaro L.A.Alves 2º Daflon J.Ricardo 3º Jangabeiro F.Pereira Fº — Vencedor(3)7,0 D.Inexata(39)3,5 Placês(3)2,1 e (9)1,2 D.Exata(3-9)8,7 Triexata(3-9-6)29,0 tempo: 1m41s3/5.

8º Páreo: 1º Chapasca G.F.Silva 2º Sarará Crioula J.Malta 3º Grace Sola M.Penafiel — Vencedor(12)2,0 D.Inexata(11-12)9,9 Placês(12)1,7 e (11)2,6 D.Exata(12-11)12,2 Triexata(12-11-7)52,0 tempo: 1m09s2/5.

9º Páreo: 1º I'll Be There J.Aurélio 2º Celebrate M.Cardoso 3º Triestino J.Ricardo — Vencedor(2)1,4 D.Inexata(24)30,0 Placês(2)1,3 e (4)20,2 D.Exata(2-4)37,8 Triexata(2-4-7)201,0 tempo: 1m10.

10º Páreo: 1º Comprador E.S.Gomes 2º Go To Grenada M.A.Santos 3º Bali-Feat E.O.Ferreira — Vencedor(7)1,7 D.Inexata(67)5,0 Placês(7)1,4 e (6)2,7 D.Exata(7-6)12,4 Triexata(7-6-3)132,0 tempo: 1m22s3/5.

Hoje na Gávea

PÁREO EXTRA (SEM APOSTAS) ÀS 14h 15m. NCz$ 4.350,00 — 2.400 metros (GRAMA) PRÊMIO R. HUMBERTO DE CAMPOS

1 Largo Salerno, E.S. Rodrigues — 1 — 56
2 Acapon, J. Pessanha — 2 — 56
3 Un Air Anglais, C. Lavor — 3 — 56

1º páreo — Às 14h30m — 1.100 metros NCz$ 3.500,00 — TRIEXATA-DUPLA-EXATA PRÊMIO R. RAINHA GUILHERMINA

1 Karamâncio, M. Pinto — 1 — 57
2 Gar Prince, E. Marinho — 2 — 57
3 [illegible], L. Esteves — 3 — 57
4 Elônico, C. Lavor — 4 — 56
5 [illegible], D. Netto — 5 — 57
6 [illegible], J.S. Gomes — 6 — 56

2º páreo — Às 15 horas — 1.200 (GRAMA) NCz$ 4.550,00 — TRIEXATA—DUPLA—EXATA PRÊMIO AV. AFRÂNIO DE MELLO FRANCO PÁREO DE LEILÃO

1 Quisuki, R. Rodrigues — 1 — 56
2 Grand-Africano, E.O. Ferreira — 2 — 56
3 [illegible], J. Pessanha — 3 — 56
4 [illegible], C. Lavor — 4 — 56
5 Costão, C.G. Netto — 5 — 56
6 John Hancock, A. Machado Fº — 6 — 56
7 Clod Ber, C. Lavor — 7 — 56

3º páreo — Às 15h30m — 1.600 (GRAMA) NCz$ 4.550,00 — TRIEXATA—DUPLA—EXATA PRÊMIO R. CARLOS GÓES (PÁREO LEILÃO)

1 Early Morn, C. Lavor — 56
2 Hadji Baba, S. Santos — 56
3 The Killer, E.S. Rodrigues — 56
4 Fundamental, C.G. Netto — 56
5 Free Of Tail, M. Cardoso — 56
6 [illegible], R. Freire — 56
7 El Flaco, C.A. Martins — 56
8 King's Joker, E.S. Gomes — 56
9 Friend Mario, J. Pessanha — 56

4º páreo — Às 16 horas — 1.600 metros NCz$ 3.500,00 — TRIEXATA—DUPLA—EXATA INÍCIO DO CONCURSO DE SETE PONTOS PRÊMIO R. DIAS FERREIRA

1 Pineapple, A. Ramos — 1 — 54
2 Nenem Russo, S. Santos — 2 — 55
3 [illegible], C.G. Netto — 3 — 57
4 [illegible], J.F. Oliveira — 4 — 53
5 Herel, J. Garcia — 5 — 53
6 Dostoievsky, A. Machado Fº — 6 — 56

5º páreo — Às 16h30m — 1.300 (GRAMA) NCz$ 2.750,00 — TRIEXATA—DUPLA—EXATA PRÊMIO R. JOÃO LIRA

1 Ilustríssimo, M. Cardoso — 1 — 56
2 Astro dos Pampas, R. Antunes — 2 — 56
3 Paviolo, C. Lavor — 3 — 56
4 [illegible], C.G. Netto — 4 — 56
5 Llamada, D. Netto — 5 — 56
6 Delírio Cigano, J. Queiroz — 6 — 56
7 [illegible], C. Lavor — 7 — 56
8 Cartante, G.F. Silva — 8 — 56

6º Páreo — Às 17 horas — 1.000 (GRAMA) NCz$ 2.750,00 — TRIEXATA-DUPLA-EXATA PRÊMIO PRAÇA ANTERO DE QUENTAL

1 [illegible], C. Lavor — 1 — 56
2 Rolo Novi, M.A. Santos — 2 — 54
3 [illegible], M. Penafiel — 3 — 52
4 Tatisah, J.S. Gomes — 4 — 54
5 Granítico, G.F. Silva — 5 — 56
6 Emancipation, R. Rodrigues — 6 — 58
7 [illegible], J. Queiroz — 7 — 56
8 [illegible], S. Santos — 8 — 56
9 [illegible], E.O. Ferreira — 9 — 58
10 [illegible], M. Pinto — 10 — 54

7º Páreo — Às 17h70m — 1.200 (GRAMA) NCz$ 4.350,00 — TRIEXATA-DUPLA-EXATA PRÊMIO AV. DELFIM MOREIRA (PÁREO LEILÃO)

1 Midnoon, G.F. Silva — 1 — 56
2 Moonflower, A. Machado Fº — 2 — 56
3 [illegible], S. Santos — 3 — 56
4 White Machine, C.G. Netto — 4 — 56
5 Four Stars, M. Cardoso — 5 — 56
6 [illegible], J. Machado — 6 — 56

8º Páreo — Às 18 horas — 1.200 (GRAMA) NCz$ 3.500,00 — TRIEXATA-DUPLA-EXATA PRÊMIO AV. BARTOLOMEU MITRE

1 [illegible], M. Cardoso — 1 — 57
2 Glory Victory, M. Penafiel — 2 — 57
3 Vista da Glória, C.G. Netto — 3 — 57
4 Pertinência, D. Netto — 4 — 57
5 Fileira, E.S. Rodrigues — 5 — 57
6 Lady Away, E.O. Ferreira — 6 — 55
7 La Guajira, J.F. Reis — 7 — 57
8 Hollyhock, J. Malta — 8 — 57
9 [illegible], M. Monteiro — 9 — 57
10 Gold Chop, M. Cardoso — 10 — 57
11 [illegible], G.F. Silva — 11 — 57
12 Lady Fenomenal, M. Ferreira — 12 — 57

9º Páreo — Às 18h30m — 1.100 metros NCz$ 4.350,00 — TRIEXATA-DUPLA-EXATA PRÊMIO AV. ATAULFO DE PAIVA (LEILÃO)

1 Tussot, J. Malta — 1 — 56
2 Igor Tour, G.F. Silva — 2 — 56
3 Conde Neil, M.B. Santos — 3 — 56
4 Pretendente, E.S. Rodrigues — 4 — 56
5 Abramis, R. Rodrigues — 5 — 56
6 [illegible], C. Xavier — 6 — 56
7 [illegible], P. Cardoso — 7 — 56
8 Paisain, E.O. Ferreira — 8 — 56

10º Páreo — Às 19 horas — 1.200 metros NCz$ 3.500,00 — TRIEXATA-DUPLA-EXATA PRÊMIO R. GENERAL SAN MARTIN

1 Maroni, C.G. Netto
2 [illegible], E. Marinho
3 [illegible], D. Netto
4 House Flag, J.S. Gomes
5 [illegible], M. Almeida
6 [illegible], F.A. Alves
7 Palm-Arco, M.A. Santos
8 [illegible]
9 Carpeteador, J. Garcia
10 [illegible], M. Penafiel

Indicações

1º Páreo: Elônico ■ Karamâncio ■ Gar Prince
2º Páreo: Clod-Ber ■ Grand Africano ■ Quisuki
3º Páreo: The Killer ■ Early Morn ■ Hadji Baba
4º Páreo: Pineapple ■ Herel ■ Nenen Russo
5º Páreo: Cartante ■ Ilustríssimo ■ Paviolo
6º Páreo: Granítico ■ Rolo Novi ■ Tatisah
7º Páreo: Four Stars ■ Midnoon ■ Moonflower
8º Páreo: Lady Fenomenal ■ La Guajira ■ Fileira
9º Páreo: Tussot ■ Paisain ■ Abramis
10º Páreo: Palm-Arco ■ Carpeteador ■ Maroni
Acumulada: 4º1(Pineapple), 6º5(Granítico) e 10º7(Palm-Arco)

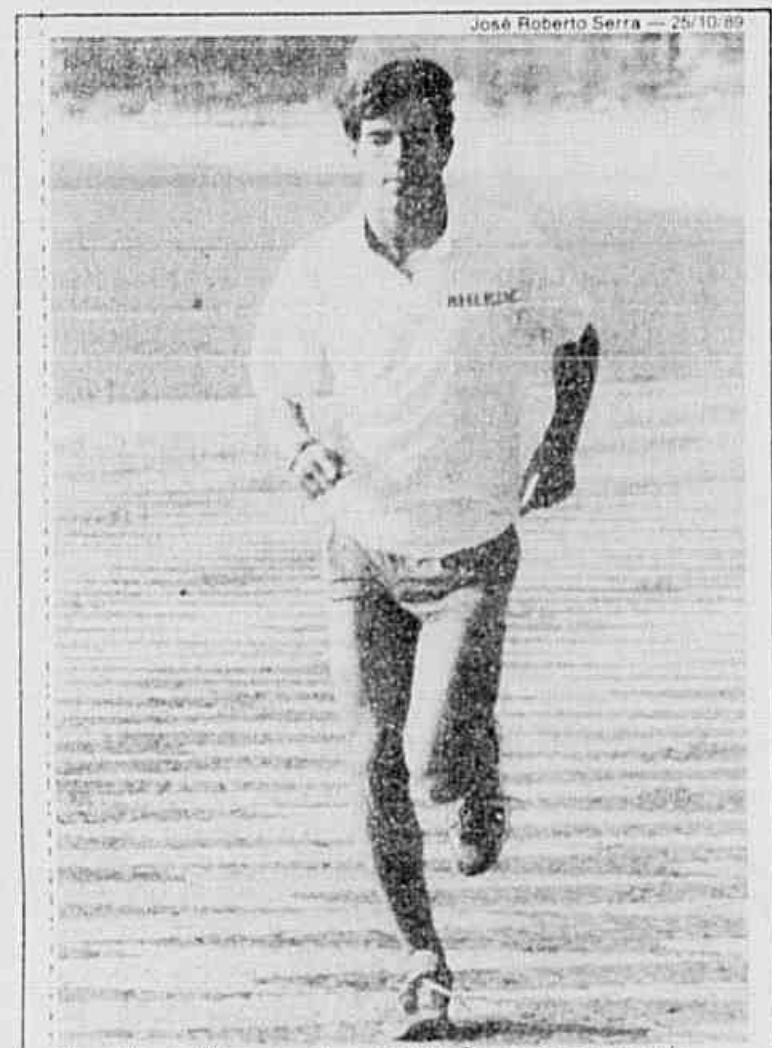
Rafael é 1º brasileiro a completar o Ironman

Desde 16 de outubro, o carioca Rafael de Almeida Magalhães representa para o Brasil uma espécie de Super-homem tupiniquim (ou, nos dias atuais, melhor seria dizer um Batman tupiniquim). Nesse dia, Rafael foi o primeiro brasileiro a completar o Iroman do Havaí — o triatlo mais famoso e difícil do mundo, no qual o atleta tem que nadar 4Km, pedalar 180Km e correr uma maratona (42,195Km). Ele estabeleceu o novo recorde nacional para a prova, com o tempo de 9h28m13s, 4 minutos a menos do que o anterior.

A façanha se tornou maior porque há duas semanas do Iroman, Rafael estava inativo, com uma tendinite no joelho e problemas na panturrilha. Mesmo com estes imprevistos, o triatleta embarcou para o Havaí, apoiado por um treinamento semanal de 20Km de natação, 450Km de ciclismo e 80Km de corrida. "Só fui porque tinha certeza de que iria melhorar meu tempo. O que eu não podia esperar, nas minhas condições, era bater o recorde."

Um fator importante para este desempenho foi a idade de Rafael. Com 31 anos, ele atravessa a melhor fase da carreira de um triatleta, cuja faixa de idade ideal está entre 30 e 35 anos. "O norte-americano David Scott tem 35 anos, foi o segundo colocado e bateu o recorde da prova (8h10m13s)", conta Rafael. O primeiro colocado, e evidentemente recordista também, foi outro norte-americano, Mark Allen, com 8h9m15.

Apesar da condição de recordista brasileiro do Iroman, Rafael enfrenta as agruras de atleta de país sub-desenvolvido. "Estou há um ano sem patrocínio e, com a total desorganização da Federação do Rio, não temos nem calendário. Como podemos enfrentar os norte-americanos, de igual para igual, se eles têm 30 triatlos por fim de semana e nós não temos este número nem por ano?" Tantos problemas não desanimam Rafael, que não se arrepende de ter largado a faculdade de engenharia para ser um *homem-de-ferro*. "Não ganho tanto quanto se estivesse debruçado sobre uma prancheta, mas sou feliz, muito feliz."

José Roberto Serra — 25/10/89

Ornellas, 18, escondeu contusão para competir

Há novidade no Triatlo

Ornellas vence gente experiente e vira estrela

A vitória do niteroiense Marcus Vinicius Ornellas, 18 anos, na primeira etapa do Campeonato Paulista de Triatlo, no último domingo, serviu para confirmar o surgimento de uma nova estrela deste esporte no Brasil. Com o tempo de 2h01m48s, Marcus venceu o triatlo na sua versão olímpica — estabelecida em 1,5Km de natação, 40Km de ciclismo e 10Km de corrida, para ser disputado como esporte de exibição em Barcelona, em 1992 — e desbancou triatletas mais conhecidos e experientes como Armando Barcellos e Carlos Dolabella.

O nome de Marcus Ornellas começa a ganhar certa notoriedade no Brasil depois de já ter se destacado em Portugal. Há dois meses, aproveitando uma estada de 20 dias na Europa, patrocinada por uma fábrica de chocolates, para disputar o Mundial, na França, Marcus deu uma esticada até Portugal para participar de uma das duas provas do Campeonato Ibérico. "O pior é que, após o Mundial, fiquei com dores terríveis na perna, mas não contei nada aos meus pais. Queria competir."

O desejo de voltar para o Brasil com um bom resultado era tanto que Marcus armou-se de uma estratégia suicida para enfrentar a versão olímpica da prova. "Decidi dar o máximo na natação e no ciclismo e depois ver no que ia dar durante a corrida". A tática deu certo e, para surpresa dos incrédulos portugueses, cruzava a linha de chegada um desconhecido triatleta que, com seu corpo franzino, derrotava os fortes espanhóis e portugueses e estabelecia o novo recorde da prova: 1h58m26s.

Vitória brasileira — No dia seguinte, os jornais locais davam destaque em suas páginas esportivas para a aventura de Marcus. "Vitória brasileira no Triatlo de Peniche", estampava o *Correio da Manhã*; "Ornellas surpreende estrelas da Espanha", noticiava o *Diário de Notícias*.

Até tomar contato com o triatlo, Marcus era apenas um esforçado nadador do Canto do Rio. Nos campeonatos estaduais, conquistava, no máximo, um discreto oitavo lugar. Aos 11 anos, ele leu uma reportagem sobre o esporte numa revista e se apaixonou. "Botei na cabeça que ia ser um triatleta". A chance de descobrir, se a paixão correspondia o talento, só veio em novembro de 86, quando, ao disputar um *short-triatlo*, com 15 anos, Marcus arrancou um terceiro lugar em sua categoria.

O resultado serviu, sobretudo, para Marcus descobrir que o triatlo o livrara de um drama que enfrentava sempre na natação. "A espectativa pelo início da competição me enervava. A curta duração de uma prova de natação, não permitia que o nervosismo se dissipasse. Com triatlo, isto acabou". A idade, que o coloca na fase de crescimento, desaconselha Marcos a competir nos triatlos de longas distâncias, como o Iroman do Havaí.

No momento, ocupa sua cabeça um só objetivo: fazer parte do pequeno e seleto grupo que irá representar o Brasil nos Jogos Olímpicos de Barcelona. O técnico Marcelo Borges, que divide suas orientações entre Marcus e Fernanda Keller, atual recordista sul-americana do triatlo, vislumbra um futuro promissor para seu pupilo. "Marcus possui uma vida dedicada à natação e mostrou que é, naturalmente, o melhor triatleta do Brasil no ciclismo. O fato de ter apenas 18 anos e, no mínimo, mais 12 de carreira, faz com que eu acredite que será o melhor triatleta do país. Mas, ainda tem um longo caminho a percorrer."

Rivalidade no futebol provoca briga de torcidas no basquete

O primeiro turno do Campeonato Estadual de Basquete masculino terminará na próxima sexta-feira, mas a segunda rodada, disputada dia 16, só será concluída hoje. A partir das 14h, no ginásio do Tijuca, Vasco e Botafogo terminam um jogo interrompido devido à invasão da quadra de São Januário e, em seguida, o time da casa complementa partida contra a AABB de Brasília, suspensa por causa de uma briga entre os jogadores. Mas a violência que tem assustado o público não surpreende as pessoas ligadas ao basquete, que vêem na grande rivalidade entre as torcidas de clubes de futebol a causa do problema.

"Não é culpa do basquete. Se fosse peteca seria igual", aposta o técnico do Vasco, Emanuel Bonfim. Ele culpa também a situação do país pelo clima de revolta e insatisfação que atinge os torcedores. O treinador do Flamengo, Zé Boquinha, acostumado às grandes confusões do basquete paulista, também não se espanta com o que vem acontecendo no Rio. "Isso não é novo. Já dirigi um jogo em Limeira com um sujeito sentado atrás de mim com uma peixeira. Cada vez que me levantava para dar instruções ele ameaçava me matar. Não sei quantas vezes saí de ginásios com escolta policial por causa de brigas." Prevenido, Zé Boquinha nunca permite que a família vá a jogos dos times que dirige. "Na hora em que o *pau come*, só tenho que me preocupar comigo mesmo."

Aqueles que gostam do esporte acabam tomando a mesma atitude. O publicitário Ronaldo Conde, 39 anos, que jogou basquete em vários clubes do Rio, é um destes. Ele deu graças a Deus por não ter levado o filho de 12 anos ao Mourisco, dia 20, para ver a vitória do Flamengo sobre o Botafogo. A partida chegou a ser interrompida e, no final, as torcidas dos dois clubes deixaram o ginásio aos tapas. "Antes, as partidas serviam como confraternização. Hoje, estou assustado. Há torcedores profissionais, que vão aos jogos só para brigar."

O professor universitário Amâncio César, 39 anos, também acha tudo lamentável. Chefe da TOV (Torcida Organizada do Vasco), ele acredita que há torcedores que vão aos ginásios já pensando em brigar. "Pensam que o poder de uma torcida se mede pela força física e nem sempre o apelo das lideranças pode detê-los." Mas César não é tão inocente assim. Foi ele o pivô da interrupção da partida entre Vasco e Botafogo. Amâncio não gostou da atuação do árbitro Manoel Tavares e os dois trocaram ofensas. O torcedor acabou invadindo a quadra de São Januário atrás do juiz. "Foi uma reação intempestiva. Ninguém pode garantir que não vai cometer uma violência um dia."

Para o árbitro Rafael Serour, que apitou Flamengo e Botafogo e o início de Tijuca e AABB, os brigões são uns fanáticos. "Enquanto eles não interferem na partida, prefiro ignorá-los. Pode ser que se cansem e resolvam ver os jogos." Ele considera ruim para o esporte a sugestão do presidente da Federação, Benedito Cícero Tortelli, o Paulista, de concluir jogos interrompidos com portões fechados. "Sem o calor da torcida, ninguém se motiva. O melhor seria reforçar o policiamento."

O armador Maury, do Flamengo e da seleção brasileira, acha que não é preciso tanto. "O policiamento é suficiente, não vejo motivo para preocupação. Em São Paulo é muito pior, cansei de deixar os ginásios abaixado dentro do ônibus para fugir de pedrada." Maury pensa que o público não deve deixar de ir aos jogos. Para maior segurança, Alberto Bial, técnico do Botafogo, sugere que os brigões sejam identificados e barrados na entrada dos ginásios: "O basquete é que não pode ser prejudicado."

Mostério vence com aplicação

SÃO PAULO — Pela primeira vez desde 1984, quando começou a ser disputada a Taça Brasil de basquete feminino, o técnico campeão não é Antônio Carlos Vendramini, nem Maria Helena Cardoso. Nos últimos cinco anos, eles monopolizaram as principais equipes do país e as seleções brasileiras. A batalha teórica e tática deste ano foi vencida pelo pouco conhecido Nestor Mostério, 36 anos, nascido em Jundiaí e que levou a equipe da cidade, o Perdigão-Divino, ao primeiro título brasileiro.

Agência Folhas — 22/10/89

O técnico da Perdigão surpreendeu na Taça Brasil

O feito de Mostério foi ainda mais admirável porque sua equipe, mesmo não sendo favorita, perdeu apenas uma partida, já na fase final, para o BCN de Piracicaba, no campo adversário. As demais equipes, incluindo a milionária Arisco-Mineral de Hortência, não conseguiram superar o basquete solidário do Perdigão-Divino, nem a pequena experiência em jogos decisivos da maioria de suas jogadoras.

Mostério começou a montar a equipe campeã em 1988, quase por acaso. Ele havia procurado o padre Olivo Binotto, um entusiasta do basquete e diretor do Colégio Divino Salvador, que mantém a equipe, para pedir afastamento do cargo de técnico, após 15 anos de trabalho. Para sua surpresa, o padre concordou com a montagem de um time também competitivo e logo apareceu com o patrocínio da Cica, grande fabricante de doces e temperos enlatados, com sede em Jundiaí, que tentava recuperar sua imagem após uma concordata.

Título paulista — Com o dinheiro da Cica foi possível trazer de volta a cestinha Paula, formada nas divisões inferiores do Divino, e contratar as norte-americanas Brandley e Kelly, que deram o título paulista de 1988 ao clube. Todo o resto da equipe continuava com jogadoras formadas pelo próprio Mostério ao longo dos anos.

Em 1989, Paula foi para o Tintoretto, de Madri, na época conhecido mundialmente por ter a gigante soviética Uleana Semenova. A Cica também deixou o time, e foi substituída pela Perdigão. Mostério conseguiu reforçar a equipe com as selecionáveis Marta e Janeth e a veterana Suzete, mas mesmo assim só começou a treiná-las após os compromissos da seleção brasileira.

Mostério já trabalhou como auxiliar técnico de três seleções juvenis em campeonatos sul-americanos e como técnico de uma seleção infantil campeã continental. Este ano, foi chamado para auxiliar Vendramini, na seleção adulta, no Sul-Americano de Santiago. "É claro, todo técnico sonha com a seleção brasileira e, quando chegar a minha hora, estarei preparado."

Lakers, nova fase sem Jabbar

LOS ANGELES, EUA — Nos últimos 11 anos, o Los Angeles Lakers conquistou cinco títulos na NBA (National Basketball Association, a liga profissional dos EUA) jogando da mesma forma. No ataque, os dois armadores e os dois alas trocavam a bola enquanto seu veterano pivô esperava em um dos lados da garrafão. A tentativa de cesta podia sair de uma infiltração ou de um arremesso longo mas o Lakers sempre tinha a alternativa de usar o imarcável gancho de seu velho astro. Nos dois meses de treinamento para esta temporada, que começa no dia 3 de novembro, o técnico Pat Riley preocupou-se em fazer sua equipe aprender a jogar sem a colocação, o gancho e a lentidão do lendário Kareem Abdul-Jabbar.

"Nós precisamos ser rápidos como jamais fomos. Usar a rotatividade no ataque como nunca. Kareem era um pivô que jogava sempre de costas para a cesta, foi o melhor que existiu. Agora, vamos jogar com pivôs que se movimentam mais", explica Riley. Para surpresa dos próprios torcedores, o Lakers usou uma solução doméstica para substituir Abdul-Jabbar, que abandonou o basquete no fim da temporada passada, aos 42 anos. O herdeiro é Mychal Thompson, reserva do grande pivô nos últimos três anos, natural das Bahamas e naturalizado americano, com 2,10m de altura e 34 anos.

O vice-campeão da NBA (derrotado pelo Detroit Pistons na final) vai mudar seu modo de jogar. "Eu quero que o time seja muito mais veloz. Vamos jogar mais abertos, com mais infiltrações, mais movimentação. Se perdemos poder ofensivo, vamos ganhar nos rebotes, pois Kareem (de 2,20m) já não tinha força para conseguir tantos como Mychal", argumenta Riley.

Mychal Thompson preferia ter mais um pivô na equipe, mesmo que ele voltasse para o banco. "Estou me acostumando à idéia de ser titular", diz o pivô, ainda desconfiado. Até agora, o novo esquema vem dando certo e o time venceu quase todos os seus jogos amistosos. "É uma nova vida", admite Thompson, que apareceu com o cabelo raspado dos lados e alto no meio em vez do corte tradicional que sempre usou. Mas o novo Lakers, com novo estilo e novo pivô, só começa a ser testado na próxima sexta-feira, quando a equipe estréia contra o Dallas Mavericks, na sua primeira temporada em 11 anos sem a figura alta, careca e carismática de Kareem Abdul-Jabbar.

Vitória hoje leva Pirelli a nono título

SÃO PAULO — O jogo entre Pirelli e Banespa, hoje às 19h no ginásio do Ibirapuera, não atrai apenas pela presença da quase totalidade dos jogadores da seleção brasileira adulta de vôlei masculino, distribuídos pelos dois times. A partida se caracteriza por uma situação histórica, seja qual for o vencedor. A Pirelli, do técnico José Carlos Brunoro, busca o nono título paulista consecutivo, enquanto o Banespa, de Josenildo de Carvalho, pretende acabar com essa hegemonia da equipe de Santo André.

A tradição joga a favor da Pirelli, mas as duas últimas partidas indicam que não existe favorito. O Banespa, atual bicampeão do circuito nacional, venceu na semifinal por 3 a 1, enquanto a Pirelli deu o troco na última quinta-feira, fazendo 3 a 0. Hoje, Josenildo conta com a determinação, característica de seus jogadores, para voltar a vencer e levar a decisão para uma terceira partida, amanhã. Para o técnico, a decisão é um "jogo de leões".

Depois de ver o teipe da partida do meio da semana, os jogadores e o técnico do Banespa treinaram forte no próprio ginásio da decisão, buscando aprimorar alguns fundamentos como o bloqueio e o saque, já que o passe é considerado ponto alto da equipe. "Também erramos muito no ataque e isso precisa ser corrigido", comentou Josenildo.

Pirelli — Já no lado da Pirelli, apesar do respeito pelo adversário, Brunoro não esconde satisfação pela apresentação da equipe, que superou o mal-estar causado com a derrota na semifinal. "Todos estiveram bem, especialmente no saque. Agora, vamos exigir bastante concentração, para que não haja surpresa". O treinador acha que o time está bastante motivado para ganhar mais um título regional, um problema que há alguns anos chegou a ser preocupante na Pirelli. Sem adversários no estado, Brunoro tinha de estabelecer novos desafios — como o de vencer uma partida dentro de um tempo pré-determinado — para que os jogadores se empenhassem.

Amauri

Os times-base para a partida de hoje, que será transmitida ao vivo pela Rede Bandeirantes, são os seguintes: **Pirelli** — Willian, Maurício, Luís Alexandre, Pampa e Xando; **Banespa** — Maurício, Montanaro, Tande, Paulo Rogério, Amauri e Léo.

'Bodyboarding' e surfe sofrem com altas taxas

O surfe e *bodyboarding* deixaram a água e partiram para suas reivindicações na areia. Agora, a luta é pela redução das taxas cobradas pelas prefeituras do Guarujá (SP), e Rio de Janeiro na utilização da praia e de faixas e cartazes de publicidade nos eventos organizados por esses esportes.

Segundo Evelyn Levy, diretora de prova da Associação Brasileira de *bodyboarding* (Abrasb), as cotas prejudicam a organização dos eventos das pequenas agremiações desses esportes. A diretora enfrentou dificuldades na praia do Guarujá, onde hoje será a final da terceira etapa do circuito nacional da Abrasb. "Essas taxas fogem totalmente ao nosso orçamento. Cheguei aqui e tive que pagar NCz 10 mil pela área de 300m² ocupada."

No caso do Guarujá, por exemplo, Evelyn ainda pagou um fundo de solidariedade para a prefeitura, no valor de NCz 3.300,00. Essas cotas cobradas às associações de surfe e *bodyboarding* (e a outros esportes praticados na praia) têm respaldo em decretos ou regulamentações das prefeituras locais. Pelas determinações, deverá ser paga uma quantia de acordo com a metragem da área pública ocupada. Além dessa taxa, será cobrada também uma outra pela publicidade feita no local, seja através de faixas ou cartazes.

No Rio de Janeiro, há cerca de dois meses, o prefeito do Rio, Marcello Alencar, regulamentou um decreto que disciplinava os eventos da orla marítima. A medida visava limitar os abusos de utilização do espaço da praia em eventos importantes como o Mundial de Vôlei de Praia e o Banespa Open, competição de tênis. Os organizadores do Mundial de surfe no Rio, dia 30 de setembro, foram multados através desse decreto.

Há outros critérios que também determinam o pagamento, como a divisão da cidade em três áreas: A (zona oeste e Pavuna), B (zona norte) e C (sul e central). Os pagamentos por dia são 0,06 Unif na zona A (hoje em NCz 35,56), 0,08 Unif na B (47,41) e 0,01 Unif na C (5,92), segundo explicação da diretora de coordenação e fiscalização da Secretaria de Fazenda do Rio de Janeiro, Rosilene Farjardo. O Rio e Guarujá são os únicos municípios, segundo Evelyn, que cobram essas taxas. No Guarujá, por exemplo, as taxas variam de NCz 4,50 pelo m² ocupado até NCz 150,00 pelo m² de publicidade, de acordo com a Lei Municipal de número 1.579 do ano passado.

Zagalo leva Emirados Árabes à Copa

Mariucha Moneró

O técnico brasileiro Zagalo disputará na Itália sua quinta Copa do Mundo. Após conquistar dois títulos para o Brasil como jogador (58 e 62) e dirigir a seleção brasileira na campanha do tricampeonato, em 70, e também em 74, o treinador classificou ontem a seleção dos Emirados Árabes, que empatou com a classificada Coréia do Sul em 1 a 1 e tornou-se a 12º país com vaga garantida na Itália.

Chegar à frente do Qatar, China, Arábia Saudita e Coréia do Norte foi uma surpresa para Zagalo, que se sente "gratificado" em levar os Emirados Árabes pela primeira vez a uma Copa do Mundo. "Nós éramos a zebra. Sabíamos que a classificação era muito difícil, por isso comemoramos com entusiasmo. Foi a vitória de um trabalho que deu certo", disse o treinador, que conta na comissão técnica com outros três brasileiros: o preparador físico Admildo Chirol, o massagista Getúlio e o preparador de goleiros Miguel Banana.

Para realizar o sonho de chegar à Itália, a seleção dos Emirados Árabes contou com a ajuda de outros resultados. A Arábia Saudita, de Carlos Alberto Parreira, venceu a Coréia do Norte por 2 a 0 enquanto o Qatar, de Dino Sani, derrotou a China por 2 a 1. "Entramos para enfrentar a Coréia do Sul querendo empatar. Mesmo sabendo que ficaríamos na dependência dos outros jogos", explicou Zagalo. Sem dois titulares do meio-campo, cumprindo

André Durão — 29/12/87

Zagalo armou seleção na defesa

suspensão por punições disciplinares, o time do brasileiro jogou contra o mais forte adversário — a Coréia terminou com 8 pontos, invicta — sabendo de sua inferioridade e sem querer arriscar.

O primeiro tempo terminou conforme os planos de Zagalo. Com um empate de 0 a 0 e os resultados das outras partidas, que estavam sendo disputadas simultaneamente em outros estádios, a seleção garantia a vaga. Tudo pareceu ficar mais complicado aos 8 minutos do segundo tempo, quando Wang marcou o gol da Coréia do Sul. Mas o sufoco durou pouco — oito minutos mais tarde, Adna Khamis empatou.

Desespero mesmo bateu quando faltavam quatro minutos para o final do jogo. "Foi anunciado o gol da China que, se vencesse, ficaria com a vaga. Mandei o time ir todo à frente", contou Zagalo. Mas, mais uma vez, a estrela do técnico brasileiro brilhou: nove minutos depois o Qatar empatou e em mais dois minutos virou o jogo. "Mandei todo mundo recuar. O importante era garantir o empate de qualquer maneira."

Zagalo ainda não sabe como vai ser a preparação para a Copa. Surpreso com a classificação, ele só vai pensar no futuro quando voltar aos Emirados, após a visita de final de ano ao Brasil. "Disputaremos a Copa do Golfo a partir de 20 de fevereiro. Aí sim começaremos a nos preparar." Disputar a Copa da Itália não estava nos planos do brasileiro. "Entramos nas eliminatórias para participar. Essa mesma equipe não foi bem na Copa da Ásia. Perdeu para o Qatar para a Coréia do Sul e para o Irã. Chegamos lá e isso é muito bom. É mais uma Copa e, mesmo não sendo pelo Brasil, a satisfação é grande. A história é outra, mas o prazer é o mesmo."

Colômbia não pensa no empate contra Israel

TEL AVIV — Dois times jogando no ataque, buscando a vitória de todas as formas. Essa é a expectativa que cerca o jogo de amanhã, no estádio Ramat Gan de Tel Aviv, entre Israel e Colômbia, decidindo uma vaga para a Copa do Mundo de 90, na Itália. As declarações do treinador colombiano, Francisco Maturana, de que sua seleção não pretende conseguir a classificação com o empate — a vitória no primeiro confronto, em Barranquilla, dia 15, por 1 a 0, dá esta vantagem aos colombianos — servem como demonstração da disposição das seleções.

Yaacov Grundman, técnico de Israel, sabe que sua tarefa é muito difícil. O time israelense só conseguirá chegar ao Mundial — repetindo a participação de 70, no México — com uma vitória por dois gols de diferença. "Teremos que jogar no ataque, sem nos preocupar com prováveis buracos na defesa", afirmou Grundman.

Todos os 50 mil ingressos da partida estão vendidos desde quarta-feira e até o presidente de Israel, Chaim Herzog, garantiu sua presença no estádio. A Colômbia também terá o apoio de sua torcida: cerca de 500 colombianos *invadiram* Tel Aviv para assistir ao jogo que pode levar seu país à sua segunda Copa — a primeira vez que a Colômbia esteve nas finais de um Mundial foi em 62, no Chile. Os dois treinadores estão fazendo mistério para divulgar a escalação dos times.

Stefani marca a 'pole' em Goiânia

GOIÂNIA — Tom Stefani, piloto da Texaco-Petrópolis, está cada vez mais perto do seu primeiro título de campeão brasileiro de Fórmula Ford. Ele conseguiu ontem a *pole-position* — a quinta na temporada — para a prova de hoje, em Goiânia, e, em caso de vitória, conquistará o campeonato por antecipação. A largada será às 11 horas, com transmissão direta pela rede Manchete.

A vantagem de Tom — 32 pontos sobre o Rubens Barrichello, segundo colocado — permite que mesmo não vencendo ele seja campeão. Para que isso aconteça, basta que ele chegue à frente de Barrichello e André Ribeiro. A disposição de Stefani em conquistar o título é tanta que ele foi quase um segundo mais rápido que seu companheiro de equipe, Ricardo Mattos, que lhe faz companhia na primeira fila.

A superioridade da equipe carioca é flagrante. Seus carros foram os únicos a marcar menos de 1m34s por volta. Esta é a quinta vez que os dois pilotos fazem a primeira fila de um *grid* na temporada. Além do recorde de pilotos inscritos (32), os organizadores esperam um comparecimento maciço dos torcedores. Mais de 50 mil ingressos foram distribuídos e é grande a animação do público em ver um *filho* da cidade pela primeira vez campeão nacional. Stefani nasceu em Uberlândia, mas mudou-se para Goiânia com apenas seis meses de idade.

Classificação

Pos.	Piloto	Tempo
1º	Antonio Stefani Neto	1m32s83
2º	Ricardo Mattos	1m33s60
3º	Rubens Barrichello	1m34s18
4º	André Ribeiro	1m34s35
5º	Pedro Diniz	1m34s58
6º	Djalma Fogaça	1m34s73
7º	Paulo Garcia	1m34s86
8º	José Renato	1m35s20
9º	José Krupp	1m35s53
10º	Alexandre Andrade	1m35s84

Campeonato

Pos.	Piloto	Pontos
1º	Antonio Stefani Neto	104 pontos
2º	Rubens Barrichello	72
3º	Pedro Paulo Diniz	68
4º	André Ribeiro	65
5º	Djalma Fogaça	59
6º	Ricardo Mattos	56
7º	Edgard Pereira	37
8º	José Renato Garcia	35
9º	José Luiz Krupp Filho	25
10º	Válter Garcia Neto e Marcelo Carneiro	16

Conta giros

Fórmula 3 — O argentino Nestor Furlan fez ontem, no circuito de San Juan, na Argentina, o melhor tempo para a nona etapa do Campeonato Sul-Americano de Fórmula 3. O atual líder da temporada, com 42 pontos, marcou 1m06s89, apenas dois centésimos a menos que o brasileiro Christian Fittipaldi, que ocupa a terceira posição, com 27 pontos. As outras posições do **grid** são: 3º) Guilhermo Kissling (Arg), 1m07s04; 4º) Leonel Friedrich (Bra), 1m07s19 e 5º) Augusto Cesário (Bra), 1m07s30.

Stock — O paulista Fábio Sotto Mayor garantiu a *pole-position* para a 8ª etapa da Copa Chevrolet, hoje, em Interlagos (SP). O atual campeão brasileiro fez 3m00s771, seguido por Zeca Giaffone. O líder do campeonato, Ingo Hoffman, teve problemas com o carro e largará em sétimo.

Festival — Os três brasileiros que brigam para ir à final do Festival Mundial de Fórmula Ford, em Brands Hatch, conseguiram se classificar: Niko Palhares venceu sua bateria, Gil de Ferran foi o terceiro e Carlos Eduardo da Rosa ficou em quinto. As quartas-de-final devem ser transferidas para amanhã, pois um furacão, deve atingir a Inglaterra nas próximas horas.

Cerezo volta hoje ao Sampdoria contra Juventus em Turim

TURIM, Itália — Enquanto o líder Napoli vai até Gênova para tentar garantir sua vantagem de três pontos, dois vice-líderes — Juventus e Sampdoria — enfrentam-se em Turim, no clássico da 10ª rodada do Campeonato Italiano. Na Sampdoria, a novidade é a volta do brasileiro Toninho Cerezo, que, contundido, não jogou as duas últimas partidas, enquanto a Juventus não tem desfalques. A partida será transmitida pela TV Bandeirantes, a partir das 11h30.

Com 15 pontos, o Napoli viajou cheio de confiança para enfrentar o Genoa. "Temos hoje o mesmo entusiasmo e a mesma confiança que nos deu o título em 1987", disse o argentino Diego Maradona. O técnico dos napolitanos, Alberto Bigon, afirmou que não pretende correr riscos. "Vamos esperar o Genoa para tentar ganhar nos contra-ataques em velocidade com Careca e Carnevale."

O Genoa, com apenas oito pontos, acredita que pode surpreender o líder. "Basta não repetir os erros na defesa cometidos pela Inter (que perdeu para o Napoli por 2 a 0) na semana passada", garantiu o técnico Francesco Scoglio. O Genoa escalará seu meio-campo uruguaio formado por Perdomo, Rubem Paz e Aguillera.

Também vice-líder, a campeã Internazionale receberá, em Milão, o Lazio, uma das surpresas do campeonato, liderado pelo craque uruguaio Rubem Sosa. O Lazio é um dos quatro times do campeonato com 10 pontos — cinco atrás do líder, a dois dos vice-líderes e um atrás do Roma, terceiro colocado. A posição é dividida com o Lecce — que recebe exatamente o Roma —, Bologna e Atalanta, que enfrentam-se na cidade do primeiro. No Bologna, a expectativa é pela atuação do brasileiro Geovani, novo ídolo e líder do time. O Atalanta colocará em campo, pela primeira vez na temporada, o ataque dos sonhos de sua torcida, formado pelo argentino Claudio Caniggia, que cumpria suspensão, e o brasileiro Evair, finalmente recuperado de uma fratura no tornozelo.

A 10ª rodada do Campeonato Italiano terá ainda a tentativa de recuperação do Milan, campeão europeu, contra o Ascoli, de Casagrande; um jogo de desesperados entre a decepcionante Fiorentina e a Cremonese; o Bari, dos brasileiros Gerson Caçapa e João Paulo, enfrentando a retranca do Cesena; e a luta do Verona, último colocado, para conseguir, contra a Udinese, sua primeira vitória.

Copa do Mundo

Oldemário Touguinhó

Oldemário Touguinhó

Lazaroni visitou e elogiou o centro olímpico, perto de Pisa

Brasil fica no norte da Itália

Na série de visitas que fez para escolher a concentração do Brasil na Copa do Mundo, o técnico Lazaroni, sempre acompanhado de seu auxiliar Nielsen, gostou da maioria, como as do Milan, da Inter, do Juventus e outras no norte da Itália. No entanto, uma das que mais elogiou foi o centro olímpico, do Comitê Olímpico da Itália, perto de Pisa. "Além de ser muito bonita, tem tudo para atender a um atleta. Até exames do coração podem ser feitos ali mesmo. Vou estudar tudo isso, mas definitivo mesmo é que vamos ficar no norte da Itália."

E quanto a isso não deve restar dúvida, porque Luca di Montezemolo, chefe do Comitê Organizador da Itália, defende o privilégio brasileiro. Alega que um país que já teve Pelé, Garrincha e ganhou três Copas do Mundo tem direito adquirido junto à FIFA. "Só vou parar de falar quando a Fifa indicar o Brasil para jogar em Milão."

Lazaroni insistiu e os iugoslavos vêm aí

A seleção iugoslava, também classificada para a Copa, só vem jogar no Brasil, dia 14 de novembro, em João Pessoa, porque Lazaroni convenceu o treinador Ivica Osim, num encontro que tiveram recentemente na Europa. Ivica era contra o amistoso, por achar que, naquela data, não poderia contar com a maioria dos titulares que atuam em outros países. Lazaroni mostrou que muitas seleções estarão jogando pelas eliminatórias naquela semana e, com isso, a liberação de jogadores, pelos clubes, seria mais fácil.

Alemães se rendem ao trabalho do 'Kaiser'

Os alemães ocidentais andaram criticando bastante o estilo de sua seleção. Achavam que Beckenbauer tentava impor seu estilo altamente clássico, mudando por completo o esquema competitivo da equipe. Hoje, o ambiente está bem melhor para o técnico. Embora os alemães não tenham garantido vaga na Copa ainda (perdeu a disputa no grupo para a Holanda), todos reconhecem que o trabalho do *Kaiser* vem sendo produtivo.

Placar JB

FUTEBOL

Campeonato Inglês

Arsenal 1 x 1 Derby
Charlton 1 x 1 Coventry
Aston Villa 2 x 1 Crystal Palace
Chelsea 1 x 1 Manchester City
Manchester United 2 x 1 Southampton
Millwall 1 x 1 Luton
Norwich 1 x 1 Everton
Nottingham 2 x 2 Queen's Park Rangers
Sheffield Wednesday 0 x 1 Wimbledon

Classificação: 1) Everton, 20; 2) Chelsea, 19; 3) Liverpool, Arsenal, Southampton, Norwich, Aston Villa, 18.

Campeonato Escocês

Aberdeen 1 x 0 Motherwell
Dundee United 0 x 0 Dundee
Dunfermline 2 x 0 Celtic
Hearts 4 x 0 St. Mirren
Rangers 3 x 0 Hibernian

Classificação: 1) Celtic e Aberdeen, 14; 3) Dunfermline e Rangers, 13; 5) Hearts e Moterwell, 12.

Campeonato Soviético

Zalgiris Vilnius 2 x 1 Spartak Moscou
Dnepropetrovsk 2 x 2 Torpedo Moscou
Chernomorets 3 x 2 Zenit Leningrado
Dynamo Moscou 1 x 0 Rotor Volgograd
Dynamo Minsk 2 x 0 Ararat Yerevan
Dynamo Kiev 2 x 2 Dynamo Tbilisi
Lokomotiv Moscou 1 x 0 Shakhtyor
Pamir Dushanbe 0 x 0 Metallist Kharkov

Classificação: 1) Spartak Moscou, 44; 2) Dnepropretovsk, 42; 3) Dynamo K, 38; 4) Zalgiris Vilnius, 36.

TÊNIS

Torneio da Comunidade Européia

(Antuérpia, Bélgica)

Semifinais
Ivan Lendl 6/2, 6/3 Michael Chang

Torneio de Brighton

Semifinais
Steffi Graf 4/6, 6/3, 6/3 Jana Novotna
Monica Seles 6/3, 6/2 Manuela Maleeva

Torneio de Porto Rico

Quartas-de-final
Natalia Zvereva 6/2, 6/0 Donna Faber
Helen Kelesi 6/0, 6/4 Patricia Tarabini
L.Gildesmeister 6/3, 7/5 C.Benjamim

Brastemp Open — Qualifying

Nelson Aerts 6/4, 7/6 Borja Uribe
Alexandre Hocevar 6/7, 6/2, 6/0 Francisco Clavet
Pablo Arraya 7/6, 5/7, 6/2 Marcelo Saliola
Carlos Costa 7/5, 6/4 Ricardo Acioly

VÔLEI

Copa Lubrax de Vôlei de Praia

(Rio)

Nilo/Anginho 15/13 Serginho/Túlio
Guilherme/André 15/10 Maurício/Wagner

TÊNIS DE MESA

IV Copa Brasil de Clubes Campeões

(Aracaju, Sergipe)

Masculino
Deicmar (SP) 3 x 0 Estrela do Mar (PB)
Banorte (PE) 3 x 0 Asbac (DF)
Mello (RJ) 3 x 0 Petroclube (SE)
Guaru (SP) 3 x 0 Jao (GO)
Sonibram (PR) 3 x 0 Ferroviário (CE)

PENTATLO MODERNO

Campeonato Pan Americano

(Porto Alegre)
Resultado final
Masculino
1º EUA — 16.115 pontos
2º Canadá, 13.719 pontos
3º Brasil, 12.563 pontos
Individual
1º Robert Stull (EUA), 5.474 pontos
2º Paul Messenger (EUA) 5.375 pontos
3º Conrad Adans (EUA), 5.266 pontos
Feminino
Equipe — 1º Chile, 11.989 pontos
2º Brasil A, 11.657 pontos
3º Brasil B, 8.246 pontos
Individual
1º Lory Norwood (EUA), 5.468 pontos
2º Suzane Aschenz (Chile), 4.638 pontos
3º Lilian Athayde (Brasil), 4.378 pontos.

Brighton, Inglaterra — Reuter

Steffi Graf chegou a semifinal sem muita dificuldade

Zagalo leva Emirados Árabes à Copa

Mariucha Moneró

O técnico brasileiro Zagalo disputará na Itália sua quinta Copa do Mundo. Após conquistar dois títulos para o Brasil como jogador (58 e 62) e dirigir a seleção brasileira na campanha do tricampeonato, em 70, e também em 74, o treinador classificou ontem a seleção dos Emirados Árabes, que empatou com a classificada Coréia do Sul em 1 a 1 e tornou-se a 12º país com vaga garantida na Itália.

Chegar à frente do Qatar, China, Arábia Saudita e Coréia do Norte foi uma surpresa para Zagalo, que se sente "gratificado" em levar os Emirados Árabes pela primeira vez a uma Copa do Mundo. "Nós éramos a zebra. Sabíamos que a classificação era muito difícil, por isso comemoramos com entusiasmo. Foi a vitória de um trabalho que deu certo", disse o treinador, que conta na comissão técnica com outros três brasileiros: o preparador físico Admildo Chirol, o massagista Getúlio e o preparador de goleiros Miguel Banana.

Para realizar o sonho de chegar à Itália, a seleção dos Emirados Árabes contou com a ajuda de outros resultados. A Arábia Saudita, de Carlos Alberto Parreira, venceu a Coréia do Norte por 2 a 0 enquanto o Qatar, de Dino Sani, derrotou a China por 2 a 1. "Entramos para enfrentar a Coréia do Sul querendo empatar. Mesmo sabendo que ficaríamos na dependência dos outros jogos", explicou Zagalo.

André Durão — 29/12/87

Zagalo armou seleção na defesa

Sem dois titulares do meio-campo, cumprindo suspensão por punições disciplinares, o time do brasileiro jogou contra o mais forte adversário — a Coréia terminou com 8 pontos, invicta — sabendo de sua inferioridade e sem querer arriscar.

O primeiro tempo terminou conforme os planos de Zagalo. Com um empate de 0 a 0 e os resultados das outras partidas, que estavam sendo disputadas simultaneamente em outros estádios, a seleção garantia a vaga. Tudo pareceu ficar mais complicado aos 8 minutos do segundo tempo, quando Wang marcou o gol da Coréia do Sul. Mas o sufoco durou pouco — oito minutos mais tarde, Adna Khamis empatou.

Desespero mesmo bateu quando faltavam quatro minutos para o final do jogo. "Foi anunciado o gol da China que, se vencesse, ficaria com a vaga. Mandei o time ir todo à frente", contou Zagalo. Mas, mais uma vez, a estrela do técnico brasileiro brilhou: nove minutos depois o Qatar empatou e em mais dois minutos virou o jogo. "Mandei todo mundo recuar. O importante era garantir o empate de qualquer maneira."

Zagalo ainda não sabe como vai ser a preparação para a Copa. Surpreso com a classificação, ele só vai pensar no futuro quando voltar aos Emirados, após a visita de final de ano ao Brasil. "Disputaremos a Copa do Golfo a partir de 20 de fevereiro. Aí sim começaremos a nos preparar." Disputar a Copa da Itália não estava nos planos do brasileiro. "Entramos nas eliminatórias para participar. Essa mesma equipe não foi bem na Copa da Ásia. Perdeu para o Qatar para a Coréia do Sul e para o Irã. Chegamos lá e isso é muito bom. É mais uma Copa e, mesmo não sendo pelo Brasil, a satisfação é grande. A história é outra, mas o prazer é o mesmo."

Iugoslávia termina eliminatórias invicta

ATENAS — Já classificada, a Iugoslávia venceu ontem mais uma partida pelo Grupo 5 das eliminatórias européias para a Copa do Mundo da Itália. Confirmando a liderança da chave, com 14 pontos, os iugoslavos derrotaram o Chipre, por 2 a 1, e mantiveram a invencibilidade. Na última colocação na classificação geral, o Chipre joga dia 15 contra a Escócia, segunda colocada, com 9 pontos, enquanto a França, que ocupa o terceiro lugar, com 7 pontos, enfrenta a Noruega. Os escoceses garantem a vaga na Copa do Mundo com um empate.

A Iugoslávia abriu a contagem logo aos quatro minutos, com um gol de Stanojkovic. O Chipre empatou ainda no primeiro tempo, aos 38 minutos, em uma cobrança de pênalti, convertida por Marco Pittas. O gol da vitória da Iugoslávia, que estava desfalcada dos jogadores que atuam no exterior, foi marcado por Pancev, aos três minutos da etapa final. Além da Iugoslávia, estão classificados para a Copa, Argentina, Itália, Brasil, Uruguai, Costa Rica, Espanha, Inglaterra, Suécia, Bélgica, Coréia do Sul e Emirados Árabes.

Grupo 5

Classificação	J	V	E	D	GP	GC	P
1 Iugoslávia	8	6	2	0	16	6	14
2 Escócia	7	4	1	2	11	8	9
3 França	7	2	3	2	8	7	7
4 Noruega	7	2	1	4	9	8	5
5 Chipre	7	0	1	6	6	17	1

Stefani marca a 'pole' em Goiânia

GOIÂNIA — Tom Stefani, piloto da Texaco-Petropolis, está cada vez mais perto do seu primeiro título de campeão brasileiro de Fórmula Ford. Ele conseguiu ontem a *pole-position* — a quinta na temporada — para a prova de hoje, em Goiânia, e, em caso de vitória, conquistará o campeonato por antecipação. A largada será às 11 horas, com transmissão direta pela rede Manchete.

A vantagem de Tom — 32 pontos sobre o Rubens Barrichello, segundo colocado — permite que mesmo não vencendo ele seja campeão. Para que isso aconteça, basta que ele chegue à frente de Barrichello e André Ribeiro. A disposição de Stefani em conquistar o título é tanta que ele foi quase um segundo mais rápido que seu companheiro de equipe, Ricardo Mattos, que lhe faz companhia na primeira fila.

A superioridade da equipe carioca é flagrante. Seus carros foram os únicos a marcar menos de 1m34s por volta. Esta é a quinta vez que os dois pilotos fazem a primeira fila de um *grid* na temporada. Além do recorde de pilotos inscritos (32), os organizadores esperam um comparecimento maciço dos torcedores. Mais de 50 mil ingressos foram distribuídos e é grande a animação do público em ver um *filho* da cidade pela primeira vez campeão nacional. Stefani nasceu em Uberlândia, mas mudou-se para Goiânia com apenas seis meses de idade.

Classificação

1º Antonio Stefani Neto	1m32s83
2º Ricardo Mattos	1m33s60
3º Rubens Barrichello	1m34s18
4º André Ribeiro	1m34s35
5º Pedro Diniz	1m34s58
6º Djalma Fogaça	1m34s73
7º Paulo Garcia	1m34s86
8º José Renato	1m35s20
9º José Krupp	1m35s53
10º Alexandre Andrade	1m35s84

Campeonato

1º	Antonio Stefani Neto	104 pontos
2º	Rubens Barrichello	72
3º	Pedro Paulo Diniz	68
4º	André Ribeiro	65
5º	Djalma Fogaça	59
6º	Ricardo Mattos	56
7º	Edgard Pereira	37
8º	José Renato Garcia	35
9º	José Luiz Krupp Filho	25
10º	Válter Garcia Neto e Marcelo Carneiro	16

Conta-giros

Fórmula 3 — O argentino Nestor Furlan fez ontem, no circuito de San Juan, na Argentina, o melhor tempo para a nona etapa do Campeonato Sul-Americano de Fórmula 3. O atual líder da temporada, com 42 pontos, marcou 1m06s89, apenas dois centésimos a menos que o brasileiro Christian Fittipaldi, que ocupa a terceira posição, com 27 pontos. As outras posições do **grid** são: 3º) Guilhermo Kissling (Arg), 1m07s04; 4º) Leonel Friedrich (Bra), 1m07s19 e 5º) Augusto Cesario (Bra), 1m07s30.

Stock — O paulista Fabio Sotto Mayor garantiu a *pole-position* para a 8ª etapa da Copa Chevrolet, hoje, em Interlagos (SP). O atual campeão brasileiro fez 3m00s771, seguido por Zeca Giaffone. O líder do campeonato, Ingo Hoffman, teve problemas com o carro e largará em sétimo.

Festival — Os três brasileiros que brigam para ir à final do Festival Mundial de Fórmula Ford, em Brands Hatch, conseguiram se classificar. Niko Palhares venceu sua bateria, Gil de Ferran foi o terceiro e Carlos Eduardo da Rosa ficou em quinto. As quartas-de-final devem ser transferidas para amanhã, pois um furacão, deve atingir a Inglaterra nas próximas horas.

Cerezo volta hoje ao Sampdoria contra Juventus em Turim

TURIM, Itália — Enquanto o líder Napoli vai até Gênova para tentar garantir sua vantagem de três pontos, dois vice-líderes — Juventus e Sampdoria — enfrentam-se em Turim, no clássico da 10ª rodada do Campeonato Italiano. Na Sampdoria, a novidade é a volta do brasileiro Toninho Cerezo, que, contundido, não jogou as duas últimas partidas, enquanto a Juventus não tem desfalques. A partida será transmitida pela TV Bandeirantes, a partir das 11h30.

Com 15 pontos, o Napoli viajou cheio de confiança para enfrentar o Genoa. "Temos hoje o mesmo entusiasmo e a mesma confiança que nos deu o título em 1987", disse o argentino Diego Maradona. O técnico dos napolitanos, Alberto Bigon, afirmou que não pretende correr riscos. "Vamos esperar o Genoa para tentar ganhar nos contra-ataques em velocidade com Careca e Carnevale."

O Genoa, com apenas oito pontos, acredita que pode surpreender o líder. "Basta não repetir os erros na defesa cometidos pela Inter (que perdeu para o Napoli por 2 a 0) na semana passada", garantiu o técnico Francesco Scoglio. O Genoa escalará seu meio-campo uruguaio formado por Perdomo, Rubem Paz e Aguillera.

Também vice-líder, a campeã Internazionale receberá, em Milão, o Lazio, uma das surpresas do campeonato, liderado pelo craque uruguaio Rubem Sosa. O Lazio é um dos quatro times do campeonato com 10 pontos — cinco atrás do líder, a dois dos vice-líderes e um atrás do Roma, terceiro colocado. A posição é dividida com o Lecce — que recebe exatamente o Roma —, Bologna e Atalanta, que enfrentam-se na cidade do primeiro. No Bologna, a expectativa é pela atuação do brasileiro Geovani, novo ídolo e líder do time. O Atalanta colocará em campo, pela primeira vez na temporada, o ataque dos sonhos de sua torcida, formado pelo argentino Claudio Caniggia, que cumpria suspensão, e o brasileiro Evair, finalmente recuperado de uma fratura no tornozelo.

A 10ª rodada do Campeonato Italiano terá ainda a tentativa de recuperação do Milan, campeão europeu, contra o Ascoli, de Casagrande; um jogo de desesperados entre a decepcionante Fiorentina e a Cremonese; o Bari, dos brasileiros Gerson Caçapa e João Paulo, enfrentando a retranca do Cesena; e a luta do Verona, último colocado, para conseguir, contra a Udinese, sua primeira vitória.

Copa do Mundo

Oldemário Touguinhó

Oldemário Touguinhó

Lazaroni visitou e elogiou o centro olímpico, perto de Pisa

Brasil fica no norte da Itália

Na série de visitas que fez para escolher a concentração do Brasil na Copa do Mundo, o técnico Lazaroni, sempre acompanhado de seu auxiliar Nielsen, gostou da maioria, como as do Milan, da Inter, do Juventus e outras no norte da Itália. No entanto, uma das que mais elogiou foi o centro olímpico, do Comitê Olímpico da Itália, perto de Pisa. "Além de ser muito bonita, tem tudo para atender a um atleta. Até exames do coração podem ser feitos ali mesmo. Vou estudar tudo isso, mas definitivo mesmo é que vamos ficar no norte da Itália."

E quanto a isso não deve restar dúvida, porque Luca di Montezemolo, chefe do Comitê Organizador da Itália, defende o privilégio brasileiro. Alega que um país que já teve Pelé, Garrincha e ganhou três Copas do Mundo tem direito adquirido junto à FIFA. "Só vou parar de falar quando a Fifa indicar o Brasil para jogar em Milão."

Lazaroni insistiu e os iugoslavos vêm aí

A seleção iugoslava, também classificada para a Copa, só vem jogar no Brasil, dia 14 de novembro, em João Pessoa, porque Lazaroni convenceu o treinador Ivica Osim, num dos encontros que tiveram recentemente na Europa. Ivica era contra o amistoso, por achar que, naquela data, não poderia contar com a maioria dos titulares que atuam em outros países. Lazaroni mostrou que muitas seleções estarão jogando pelas eliminatórias naquela semana e, com isso, a liberação de jogadores, pelos clubes, seria mais fácil.

Alemães se rendem ao trabalho do 'Kaiser'

Os alemães ocidentais andaram criticando bastante o estilo da seleção. Achavam que Beckenbauer tentava impor seu estilo altamente clássico, mudando por completo o esquema competitivo da equipe. Hoje, o ambiente está bem melhor para o técnico. Embora os alemães não tenham garantido vaga na Copa ainda (perdeu a disputa no grupo para a Holanda), todos reconhecem que o trabalho do *Kaiser* vem sendo produtivo.

Placar JB

FUTEBOL

Campeonato Brasileiro da 2ª Divisão

Grupo B
Vila Nova-GO 1 x 2 Atlético-GO
Grupo F
CRB-AL 1 x 0 CSA-AL
Grupo H
Americano-RJ 1 x 1 Rio Branco-ES
Desportiva-ES 0 x 2 Colatina-ES
Grupo I
América-SP 0 x 0 Botafogo-SP
Uberlândia-MG 0 x 0 Goiatuba-GO
Grupo J
Santo André-SP 5 x 0 Volta Redonda-RJ
Grupo L
Tupi-MG 0 x 1 Valério-MG
Grupo M
Ponte Preta-SP 0 x 1 Rio Branco-MG
XV de Piracicaba-SP 1 x 0 América-MG
Mogi-Mirim-SP 2 x 2 Juventus-SP
Grupo P
Caxias-RS 0 x 0 Joinville-SC
Grupo Q
Criciúma-SC 6 x 0 Figueirense-SC
Pelotas-RS 0 x 0 Avaí-SC
Novo Hamburgo-SC 1 x 1 Santa Cruz-RS

Campeonato Inglês

Arsenal 1 x 1 Derby
Charlton 1 x 1 Coventry
Aston Villa 2 x 1 Crystal Palace
Chelsea 1 x 1 Manchester City
Manchester United 2 x 1 Southampton
Millwall 1 x 1 Luton
Norwich 1 x 1 Everton
Nottingham 2 x 2 Queen's Park Rangers
Sheffield Wednesday 0 x 1 Wimbledon

Classificação: 1) Everton, 20; 2) Chelsea, 19; 3) Liverpool, Arsenal, Southampton, Norwich, Aston Villa, 18.

Campeonato Alemão Ocidental

Karlsruhe 2 x 0 Hamburg
Borussia M. 1 x 2 Bochum
Nuremberg 0 x 2 VFB Stuttgart
Borussia Dortmund 1 x 0 B. Uerdingen
Homburg 2 x 3 Eintracht Frankfurt
Waldhof Manheim 1 x 3 Cologne
St Pauli 0 x 2 Bayern Munich
Werder Bremen 4 x 0 Kaiserlauten

Classificação: 1) Bayer Leverkusen, Bayern Munich, Cologne, 21; Eintracht Frankfurt e VFB Stuttgart, 19.

Campeonato Escocês

Aberdeen 1 x 0 Motherwell
Dundee United 0 x 0 Dundee
Dunfermline 2 x 0 Celtic
Hearts 4 x 0 St. Mirren
Rangers 3 x 0 Hiberninan

Classificação: 1) Celtic e Aberdeen, 14; 3) Dunferline e Rangers, 13; 5) Hearts e Moterwell, 12.

Campeonato Soviético

Zalgiris Vilnius 2 x 1 Spartak Moscou
Dnepropretovsk 2 x 2 Torpedo Moscou
Chernomorets 3 x 2 Zenit Leningrado
Dynamo Moscou 1 x 0 Rotor Volgograd
Dynamo Minsk 2 x 0 Ararat Yerevan
Dynamo Kiev 2 x 2 Dynamo Tbilisi
Lokomotiv Moscou 1 x 0 Shakhtyor
Pamir Dushanbe 0 x 0 Metallist Kharkov

Classificação: 1) Spartak Moscou, 44; 2) Dnepropretovsk, 42; 3) Dynamo K., 38; 4) Zalgiris Vilnius, 36.

TÊNIS

Torneio da Comunidade Européia

(Antuérpia, Bélgica)
Semifinais
Ivan Lendl 6/2, 6/3 Michael Chang

Torneio de Brighton

Semifinais
Steffi Graf 4/6, 6/3, 6/3 Jana Novotna
Monica Seles 6/3, 6/2 Manuela Maleeva

Torneio de Porto Rico

Quartas-de-final
Natalia Zvereva 6/2, 6/0 Donna Faber
Helen Kelesi 6/0, 6/4 Patricia Tarabini
I. Gildesmeister 6/3, 7/5 C.Benjamim

Brastemp Open — Qualifying

Nelson Aerts 6/4, 7/6 Borja Uribe
Alexandre Hocevar 6/7, 6/2, 6/0 Francisco Clavet
Pablo Arraya 7/6, 5/7, 6/2 Marcelo Saliola
Carlos Costa 7/5, 6/4 Ricardo Acioly

VÔLEI

Copa Lubrax de Vôlei de Praia

(Rio)
Nilo/Anginho 15/13 Serginho/Tulio
Guilherme/André 15/10 Maurício/Wagner

Brighton, Inglaterra — Reuter

Steffi Graf chegou à semifinal sem muita dificuldade

A 'Constituinte' do Flamengo

Clube prepara o novo estatuto e inventa moeda

Tadeu de Aguiar

Todo país tem sua própria moeda. Por isso, a imensa *nação rubro-negra* não poderia ficar sem a sua: ao cruzar os portões da Gávea, a partir do primeiro dia de 1990, seus *habitantes* passarão a usar um novo padrão de referência. A *rublo-negra* — uma bem-humorada adaptação da moeda soviética —, que chegou para facilitar a economia do clube, terá um valor para tudo o que se cobrar dentro de suas *fronteiras*. Essa é, sem dúvida, a mais original das inovações que os nove *constituintes* do Flamengo elaboram há dois meses para o novo estatuto do clube, a entrar em vigência em 1º de janeiro.

O Flamengo é o primeiro clube a se prevalecer do item I do artigo 217 da Seção III da Constituição Brasileira — "a autonomia das entidades desportivas dirigentes e associações, quanto à sua organização e funcionamento". Presidida pelo advogado Álvaro César de Andrade, a *Constituinte rubro-negra* é formada pelos juízes Walter D'Agostini, Marcos Faver, Gérson Arraes e Onurb Couto Bruno, advogado Wilson Peixoto, desembargador Martinho Campos, procurador Paulo Martins Pereira e o coronel reformado Antônio Brochi, único representante da oposição.

Até o próximo dia 14, os sócios do Flamengo opinarão, da maneira mais democrática possível, sobre os cerca de 150 artigos que regerão os destinos de 648 funcionários e o bem-estar de mais de 50 mil associados, entre titulares e dependentes. Não é só: será com base nas novas leis que o presidente Gilberto Cardoso Filho administrará no próximo ano um orçamento de US$ 20 milhões — superior aos da maioria dos municípios brasileiros — e os 75 mil metros quadrados que compõem o território da nação rubro-negra.

Por isso, a responsabilidade da nova *Carta Magna* do Flamengo será repartida entre os associados, que poderão propor emendas e substituições num prazo de 15 dias. A idéia dos *constituintes* é chegar a um modelo consensual, de maneira que o novo estatuto seja o mais representativo das lideranças e manifestações flamenguistas. O seleto grupo de juristas trabalha incansavelmente há dois meses para cumprir os prazos estabelecidos. Até agora, com mais de 4.920 minutos de debates e reuniões, definiram 80 dos 150 artigos previstos, além de ter o restante projetado.

"O novo estatuto é a redenção do Flamengo", diz Eduardo Mota, ex-vice-presidente do clube, ligado à corrente política do ex-presidente Dunshee de Abranches e um dos mais críticos opositores da atual gestão. A opinião de Mota comprova que a *Constituição Rubro-negra* pode não unificar todas as tendências, mas é, seguramente, consensual. "Só nos ficará faltando um presidente competente". O criminalista Clóvis Sahione, também da oposição, reforça todas as palavras de Eduardo Mota. "A reforma do estatuto é histórica. Talvez seja a única coisa boa que o presidente Gilberto Cardoso Filho fará na sua gestão". Mas Sahione adverte que já tem alguns anteprojetos.

Até o presidente do Vasco, Antônio Soares Calçada, poderá influir na elaboração do estatuto, como qualquer outro sócio proprietário do Flamengo. Para evitar uma inconveniente interferência na vida futura do clube, a nova *Carta Magna* preparou uma armadilha, de olho em Calçada: agora, o sócio proprietário terá de se inscrever no Conselho Deliberativo, se quiser fazer parte dele, deixando de ser automática a sua adoção. É uma medida aparentemente simples, mas a que Calçada não está disposto a se submeter. "Não me interessa. Entrei para sócio do Flamengo para ajudar um amigo e fazer um investimento". Ele não contém a gargalhada, ao ouvir que este foi o único título do Flamengo que teve de comprar e não *roubou* nos gramados cariocas.

Mas ri por pouco tempo — sustentam os dirigentes rubro-negros. A *Constituição Rubro-negra* virá para modernizar o clube. A criação do Conselho Especial de Administração — CEA — é considerada um ponto vital. Substituindo o antigo Conselho Consultivo, o CEA terá cerca de 100 membros (metade será eleita e outra formada por Grandes Beneméritos e ex-presidentes de poderes) e tira do Conselho Deliberativo o direito de decidir assuntos importantes, como a discussão sobre orçamento anual, aprovação de verbas suplementares e apreciação do relatório anual da presidência (outra novidade).

"O CEA agilizará a administração no Flamengo", afirma Álvaro César de Andrade, presidente da *Constituinte*. Não é só: os próximos presidentes do Conselho Executivo — deixa de ser Conselho Diretor — serão eleitos em Assembléia Geral, por todos os sócios em dia e maiores de 18 anos, à exceção do sócio-atleta.

Aliedo

Quase um século de leis reflete vida do Brasil

O primeiro estatuto do Flamengo, um manuscrito composto por apenas 32 artigos e ainda bem preservado, está a menos de uma década de seu centenário — exatamente como o clube, fundado em novembro de 1895. Apesar do velho estatuto admitir a dissolução do *Grupo de Regatas do Flamengo* no artigo 31, se assim fosse o desejo de 2/3 dos associados, o Flamengo resistiu ao tempo e chega à sua oitava *Carta Magna* — uma história onde se refletem os mais variados e conturbados momentos políticos do país no século 20.

O futebol só ganhou espaço no segundo estatuto, de 1915. O anterior só tratava de remo, pois o Flamengo foi fundado "com o fim de realizar regatas e outros divertimentos náuticos", definia o primeiro artigo. O segundo estatuto, mais abrangente, tinha 68 artigos. Era bem moralista, conforme se atesta pelo texto do artigo 62, que proibia não só jogos de azar e a dinheiro, mas até um simples carteado no clube. Nem mesmo o estatuto de 1928, com seus 116 artigos, foi mais liberal.

Ainda no estatuto de 1935, o mais longo, com 187 artigos, o futebol era tratado de forma secundária. O artigo 179 dizia: "O Club manterá uma secção de football profissional enquanto convier, não podendo pertencer ao quadro social os respectivos jogadores". No mesmo artigo, havia um parágrafo único: "Não poderão ser sócios os funcionários e empregados do Club".

Somente em 1968, mesmo ano do Cruzeiro Novo e do AI-5, o clube fez sua quinta reforma estatutária e criou sua comissão de sindicância, com o objetivo de levantar dados dos que pretendiam entrar para o quadro social. Cinco anos depois, o Flamengo fez a sexta reforma, também em plena ditadura militar. Foi quando os associados deixaram de ser membros natos do Conselho Deliberativo e perderam o direito de eleger diretamente o presidente do Flamengo. Em 80, começou a abertura rubro-negra, com um estatuto mais moderno, composto por 147 artigos. Mas não havia a mesma expectativa de avanço democrático que se espera para o estatuto a ser promulgado até o fim do ano. (T.A.)

Murilo Menon — 26/7/88

Neto volta ao time pensando no julgamento de terça-feira

Neto volta ao Coríntians para enfrentar o Santos

SÃO PAULO — Coríntians e Santos repetem, esta tarde no Morumbi, um clássico que ganhou tradição nos anos 60, quando o time santista era francamente superior e ficou mais de dez anos sem perder para o adversário. Hoje a situação é diferente. O Santos, salvo por *milagre* do rebaixamento para o *torneio da morte*, enfrenta um Coríntians líder do campeonato com 14 pontos ganhos e que tem a volta de Neto, seu principal jogador. Mas o técnico Basílio não quer ouvir falar em favoritismo e pede muita atenção aos jogadores.

O clima de euforia que tomou conta da Vila Belmiro desde a vitória do Vasco sobre o Sport — que livrou o Santos do *torneio da morte* — parece justificar o receio corintiano. O técnico Pepe montou uma equipe mais ofensiva e garantiu que o time vai mudar daqui para frente. "Quero um time competitivo, atacando em bloco". A única tristeza foi o fracasso na tentativa de registrar na CBF o centroavante Serginho, contratado até dezembro, para que ele pelo menos pudesse ser uma opção de banco. O passe do jogador ainda está preso ao Malatyaspor, da Turquia, e, apesar do esforço dos dirigentes, que enviaram um representante à sede da CBF, no Rio, na última hora faltou o telex de liberação do clube turco.

A tranqüilidade corintiana se baseia na volta de Neto, Wilson Mano e Márcio, suspensos durante os dois jogos finais da primeira fase. "O time está novamente completo e pronto para retomar o seu ritmo", comentou Basílio. O treinador conversou bastante com Neto, ameaçado de receber uma longa suspensão no julgamento de terça-feira no tribunal da CBF. Apesar do apoio do treinador e dos companheiros, Neto admite que o problema está tirando o seu sono. "Vou jogar pensando nisso."

Coríntians: Ronaldo; Wilson Mano, Marcelo, Jorge Luís e Ailton; Márcio, Gilberto Costa e Neto; Fabinho, Viola e João Paulo. *Santos*: Sérgio; Ditinho, Luisinho, Luís Carlos e Wladimir; César Sampaio, César Ferreira e Jorginho; Juary, Paulinho e Totonho.

Liminar do Coritiba ameaça jogo

Inconformada com a suspensão de um ano e conseqüente rebaixamento para a segunda divisão do Campeonato Brasileiro no próximo ano, a diretoria do Coritiba partiu ontem para nova luta fora de campo: conseguiu liminar na 27ª Vara Cível, concedida pelo juiz Marcos Tules Alves, e com ela exige o retorno do clube à competição, além da suspensão da partida de hoje, entre Coríntians e Santos, no Morumbi.

De posse dessa liminar, o advogado do Coritiba, Élcio Sartri, procurou ontem pelo presidente da CBF, Ricardo Teixeira, a quem pretendia comunicar sua nova *jogada* nos tribunais. Não o encontrou e outra reunião, amanhã, na sede do Coritiba, ficou de definir o próximo passo do clube. Existem dois caminhos a serem percorridos. O primeiro parece ser o mais provável: apresentar o documento a Ricardo Teixeira, amanhã. O segundo seria entregar a liminar nas mãos de Luís Cunha Martins, juiz do jogo entre Coríntians e Santos, que a anexaria à súmula.

A diretoria do Coritiba garante que, caso Ricardo Teixeira mantenha a punição e se negue a acatar decisão da Justiça Comum, a CBF correrá sério risco de ter o Campeonato Brasileiro suspenso. Só que o departamento jurídico da entidade está tranqüilo e assegura ter trunfos necessários para derrubar qualquer pretensão do clube paranaense.

Segundo o diretor jurídico, Carlos Eugênio Lopes, o Coritiba só irá sofrer novas sanções caso insista em querer resolver seus problemas na Justiça Comum. Ele fundamenta sua tese em três itens. O regulamento do Campeonato Brasileiro, *Artigo 4º*, reconhece a Justiça Desportiva como única instância a ser recorrida pelos clubes. Já o *Estatuto 48* da Fifa ameaça punir severamente o clube que trocar os gramados por cartórios, sem contar a Nova Constituição Brasileira, *Artigo 217*, que prevê idêntico castigo.

Atlético enfrenta Goiás preocupado com campanha

BELO HORIZONTE — O jogo contra o Goiás, hoje à tarde, no Mineirão, tem um sabor especial para o Atlético Mineiro, desclassificado pela equipe goiana da Copa do Brasil após sofrer uma goleada de 3 a 0 no primeiro jogo no Estádio Serra Dourada. O técnico Jair Pereira alertou seus jogadores para o perigo que o Goiás representa e pediu muita tranqüilidade para tentar superar a retranca do adversário.

Mas o pior adversário do Atlético parece ser a fraca campanha que o clube vem realizando, refletida nas cinco últimas partidas sem vitória — três delas em casa. "O nosso time é muito jovem e os maus resultados geraram intranqüilidade, agravada por causa da cobrança dos torcedores", comentou o treinador, que espera colaboração da torcida.

Preocupado com a situação, o presidente Afonso Paulino reuniu-se com os jogadores, ontem, e fez algumas cobranças. O treinador Jair Pereira aproveitou e lembrou que o time deve manter a "cabeça fria" nestes jogos, decisivos para o Atlético.

Jair não poderá escalar o meia Marquinhos e o ponta-esquerda Éder, suspensos com três cartões amarelos, e o lateral-direito Carlão, contundido no joelho direito. O treinador optou por dois centroavantes — Saulo e Gérson —, para marcar os gols que andam escassos. Na direita entra Luís Cláudio e no meio-campo Moacir ganhou uma oportunidade.

No Goiás, a grande expectativa é a atuação de Péricles, que estava sendo poupado por sentir uma contusão no joelho. Ontem ele foi liberado pelo médico Magno Machado e participou do coletivo. O campeão goiano treinou com o time já escalado pelo técnico Carlos Gainete, que pretende manter na segunda fase a mesma tática do 4-3-3, que classificou a equipe na sexta posição do grupo B.

Isaías Feitosa — 20/2/87

Gainete manterá esquema

Atlético-MG: Maurício; Luís Cláudio, Batista, Paulo Sérgio e Paulo Roberto; Éder Lopes, Moacir e Saulo; Mauricinho, Gérson e Ailton. *Goiás*: Eduardo; Wallace Carioca, Gomes, Ronaldo Castro e Jorge Batata; Richard, Dalton e Wallace; Robson, Péricles e Luiz Carlos.

A 'Constituinte' do Flamengo

Clube prepara o novo estatuto e inventa moeda

Tadeu de Aguiar

Todo país tem sua própria moeda. Por isso, a imensa *nação rubro-negra* não poderia ficar sem a sua: ao cruzar os portões da Gávea, a partir do primeiro dia de 1990, seus *habitantes* passarão a usar um novo padrão de referência. A *rublo-negra* — uma bem-humorada adaptação da moeda soviética —, que chegou para facilitar a economia do clube, terá um valor para tudo o que se cobrar dentro de suas *fronteiras*. Essa é, sem dúvida, a mais original das inovações que os nove *constituintes* do Flamengo elaboram há dois meses para o novo estatuto do clube, a entrar em vigência em 1º de janeiro.

O Flamengo é o primeiro clube a se prevalecer do item I do artigo 217 da Seção III da Constituição Brasileira — "a autonomia das entidades desportivas dirigentes e associações, quanto à sua organização e funcionamento". Presidida pelo advogado Álvaro César de Andrade, a *Constituinte rubro-negra* é formada pelos juízes Walter D'Agostini, Marcos Faver, Gérson Arraes e Onurb Couto Bruno, advogado Wilson Peixoto, desembargador Martinho Campos, procurador Paulo Martins Pereira e o coronel reformado Antônio Brochi, único representante da oposição.

Até o próximo dia 14, os sócios do Flamengo opinarão, da maneira mais democrática possível, sobre os cerca de 150 artigos que regerão os destinos de 648 funcionários e o bem-estar de mais de 50 mil associados, entre titulares e dependentes. Não é só: será com base nas novas leis que o presidente Gilberto Cardoso Filho administrará no próximo ano um orçamento de US$ 20 milhões — superior aos da maioria dos municípios brasileiros — e os 75 mil metros quadrados que compõem o território da nação rubro-negra.

Por isso, a responsabilidade da nova *Carta Magna* do Flamengo será repartida entre os associados, que poderão propor emendas e substituições num prazo de 15 dias. A idéia dos *constituintes* é chegar a um modelo consensual, de maneira que o novo estatuto seja o mais representativo das lideranças e manifestações flamenguistas. O seleto grupo de juristas trabalha incansavelmente há dois meses para cumprir os prazos estabelecidos. Até agora, com mais de 4.920 minutos de debates e reuniões, definiram 80 dos 150 artigos previstos, além de ter o restante projetado.

"O novo estatuto é a redenção do Flamengo", diz Eduardo Mota, ex-vice-presidente do clube, ligado à corrente política do ex-presidente Dunshee de Abranches e um dos mais críticos opositores da atual gestão. A opinião de Mota comprova que a *Constituição Rubro-negra* pode não unificar todas as tendências, mas é, seguramente, consensual. "Só nos ficará faltando um presidente competente". O criminalista Clóvis Sahione, também da oposição, reforça todas as palavras de Eduardo Mota. "A reforma do estatuto é histórica. Talvez seja a única coisa boa que o presidente Gilberto Cardoso Filho fará na sua gestão". Mas Sahione adverte que já tem alguns anteprojetos.

Até o presidente do Vasco, Antônio Soares Calçada, poderá influir na elaboração do estatuto, como qualquer outro sócio proprietário do Flamengo. Para evitar uma inconveniente interferência na vida futura do clube, a nova *Carta Magna* preparou uma armadilha, de olho em Calçada: agora, o sócio proprietário terá de se inscrever no Conselho Deliberativo, se quiser fazer parte dele, deixando de ser automática a sua adoção. É uma medida aparentemente simples, mas a que Calçada não está disposto a se submeter. "Não me interessa. Entrei para sócio do Flamengo para ajudar um amigo e fazer um investimento". Ele não contém a gargalhada, ao ouvir que este foi o único título do Flamengo que teve de comprar e não *roubou* nos gramados cariocas.

Mas rí por pouco tempo — sustentam os dirigentes rubro-negros. A *Constituição Rubro-negra* virá para modernizar o clube. A criação do Conselho Especial de Administração — CEA — é considerada um ponto vital. Substituindo o antigo Conselho Consultivo, o CEA terá cerca de 100 membros (metade será eleita e outra formada por Grandes Beneméritos e ex-presidentes de poderes) e tira do Conselho Deliberativo o direito de decidir assuntos importantes, como a discussão sobre orçamento anual, aprovação de verbas suplementares e apreciação do relatório anual da presidência (outra novidade).

"O CEA agilizará a administração no Flamengo", afirma Álvaro César de Andrade, presidente da *Constituinte*. Não é só: os próximos presidentes do Conselho Executivo — deixa de ser Conselho Diretor — serão eleitos em Assembléia Geral, por todos os sócios em dia e maiores de 18 anos, à exceção do sócio-atleta.

Aliedo

Quase um século de leis reflete vida do Brasil

O primeiro estatuto do Flamengo, um manuscrito composto por apenas 32 artigos e ainda bem preservado, está a menos de uma década de seu centenário — exatamente como o clube, fundado em novembro de 1895. Apesar do velho estatuto admitir a dissolução do *Grupo de Regatas do Flamengo* no artigo 31, se assim fosse o desejo de 2/3 dos associados, o Flamengo resistiu ao tempo e chega à sua oitava *Carta Magna* — uma história onde se refletem os mais variados e conturbados momentos políticos do país no século 20.

O futebol só ganhou espaço no segundo estatuto, de 1915. O anterior só tratava de remo, pois o Flamengo foi fundado "com o fim de realizar regatas e outros divertimentos náuticos", definia o primeiro artigo. O segundo estatuto, mais abrangente, tinha 68 artigos. Era bem moralista, conforme se atesta pelo texto do artigo 62, que proibia não só jogos de azar e a dinheiro, mas até um simples carteado no clube. Nem mesmo o estatuto de 1928, com seus 116 artigos, foi mais liberal.

Ainda no estatuto de 1935, o mais longo, com 187 artigos, o futebol era tratado de forma secundária. O artigo 179 dizia: "O Club manterá uma secção de football profissional enquanto convier, não podendo pertencer ao quadro social os respectivos jogadores". No mesmo artigo, havia um parágrafo único: "Não poderão ser sócios os funcionários e empregados do Club".

Somente em 1968, mesmo ano do Cruzeiro Novo e do AI-5, o clube fez sua quinta reforma estatutária e criou sua comissão de sindicância, com o objetivo de levantar dados dos que pretendiam entrar para o quadro social. Cinco anos depois, o Flamengo fez a sexta reforma, também em plena ditadura militar. Foi quando os associados deixaram de ser membros natos do Conselho Deliberativo e perderam o direito de eleger diretamente o presidente do Flamengo. Em 80, começou a abertura rubro-negra, com um estatuto mais moderno, composto por 147 artigos. Mas não havia a mesma expectativa de avanço democrático que se espera para o estatuto a ser promulgado até o fim do ano. (T.A.)

São Paulo — José Carlos Brasil

O apoiador Biro-Biro (D) cresceu de produção no segundo tempo

Flamengo volta a perder no dia do seu santo padroeiro

SÃO PAULO — No dia do padroeiro do clube, São Judas Tadeu, o Flamengo mostrou que precisará da força do seu santo protetor para superar a má fase. Uma equipe confusa, sem inspiração e criatividade perdeu de 2 a 0 para a Portuguesa de Desportos, ontem, no Morumbi, pela primeira rodada da segunda fase do Campeonato Brasileiro. Foi a terceira derrotada consecutiva do time rubro-negro para equipes paulistas.

Com a vitória, a Portuguesa passou a ter 13 pontos ganhos e está um atrás de Vasco e Palmeiras, líderes do Grupo B. No jogo de ontem, o Flamengo voltou a mostrar os mesmos erros das derrotas para o São Paulo (3 a 0) e Inter-SP (1 a 0). Falhou na marcação, não teve criatividade no meio campo e o ataque não ameaçou a defesa adversária.

No primeiro tempo, as jogadas de ataque do Flamengo ficaram reduzidas ao apoio do lateral-direito Josimar. Ele, no entanto, falhava seguidamente, o que reduzida ainda mais o poder ofensivo do time. A única boa oportunidade dos cariocas aconteceu aos 42 minutos, quando Renato entrou livre e obrigou o goleiro Sidmar a fazer difícil defesa.

A Portuguesa voltou mais disposta para o segundo tempo. O time passou a explorar a velocidade de Jorginho. Aos 11 minutos, Célio cobrou escanteio e Toninho se antecipou ao goleiro Zé Carlos, marcando o primeiro gol da equipe paulista. A desvantagem não alterou o Flamengo, que continuou apático. Aos 29 minutos, Jorginho recebeu livre de marcação e tocou para Lê fazer o segundo e último gol da partida.

Portuguesa: Sidmar, Zanata, Henrique, Eduardo (Vladimir) e Célio Gaúcho; Biro-Biro, Capitão e Toninho (Bentinho); Jorginho, Roberto e Lê. *Flamengo*: Zé Carlos, Josimar, Márcio Rossini, Fernando e Rogério; Júnior, Ailton, Zico e Renato; Bujica e Zinho. *Renda*: NCz$ 81.295,00, com 5 mil 491 pagantes. *Juiz*: Renato Marsiglia (RS); *Cartões Amarelos*: Biro-Biro, Josimar, Márcio Rossini, Rogério, Renato e Bujica.

Desfalques — Além de ser derrotado, o Flamengo perdeu três jogadores para a próxima partida, provavelmente contra o Vasco. O lateral-direito Josimar, o lateral-esquerdo Rogério e o atacante Renato, que receberam o terceiro cartão amarelo. É mais um problema para o técnico Valdir Espinoza, que certamente terá uma semana bem agitada.

Em Porto Alegre, o Grêmio derrotou a Inter-SP por 2 a 0, gols de Paulo Egídio e Kita.

André Barcinski

Botafogo e Cruzeiro não foram bem das pernas no Maracanã

Cruzeiro vira jogo em dois minutos e derrota Botafogo

A intenção do técnico Edu até era boa. Com o Botafogo três pontos atrás do Corinthians, e com apenas oito jogos para tirar a desvantagem, ele tentou mudar o esquema de jogo do time, abandonando a tradicional armação defensiva e lançando a equipe ao ataque. O que Edu não esperava era que seus jogadores não tivessem competência para jogar na frente e acabassem perdendo a partida — depois de começarem em vantagem —, por 2 a 1, para o Cruzeiro, no Maracanã.

O Botafogo chegou a dar a impressão que tinha assimilado as instruções de Edu. O time começou bem e para completar a alegria, com oito minutos de jogo Milton Cruz — depois de receber passe de Mauro Galvão —, desviou, involuntariamente do goleiro Paulo César e, auxiliado por um toque de Eduardo, colocou o Botafogo em vantagem.

A felicidade dos torcedores durou pouco. Os dois times começaram a jogar mal, com uma semelhança: só conseguiam realizar alguma jogada até a intermediária. O segundo tempo não foi melhor que o primeiro. Com a vantagem, o Botafogo parecia acomodado em campo, e acabou derrotado por falhas individuais de seus jogadores. A torcida botafoguense comemorava o primeiro gol da Portuguesa, em São Paulo, quando Carlos Alberto recuou mal para o goleiro Gabriel. Betinho avançou e acabou tropeçando na bola. O juiz José de Assis Aragão marcou pênalti, que Edson cobrou com categoria. Com o empate, o Botafogo ficou perdido em campo e pouco depois Israel encobriu o goleiro, marcando um lindo gol contra e definindo a vitória mineira.

Botafogo: Gabriel; Paulo Roberto, Wilson Gottardo, Mauro Galvão e Marquinho; Carlos Alberto, Luisinho e Milton Cruz; Maurício, Donizete (Israel) e Helder (Marquinhos). *Cruzeiro*: Paulo César; Dinho, Gilson Jáder, Adilson e Eduardo; Ademir, Betinho e Careca; Heider, Hamilton (Ramon) e Edson. *Renda*: NCz$ 115.515,00. *Público*: 6.944. *Gols*: Milton Cruz, aos oito minutos do primeiro; Edson, aos 29, e Israel (contra), aos 31 minutos do segundo tempo.

Coritiba apela à Justiça Comum para suspender jogo

Inconformada com a suspensão de um ano e consequente rebaixamento para a segunda divisão do Campeonato Brasileiro no próximo ano, a diretoria do Coritiba partiu ontem para nova luta fora de campo: conseguiu liminar na 27ª Vara Cível, concedida pelo juiz Marcos Tules Alves, e com ela exige o retorno do clube à competição, além da suspensão da partida de hoje, entre Corintians e Santos, no Morumbi.

De posse dessa liminar, o advogado do Coritiba, Élcio Sartri, procurou ontem pelo presidente da CBF, Ricardo Teixeira, a quem pretendia comunicar sua nova *jogada* nos tribunais. Não o encontrou e outra reunião, amanhã, na sede do Coritiba, ficou de definir o próximo passo do clube. Segundo o diretor jurídico, Carlos Eugênio Lopes, o Coritiba só irá sofrer novas sanções caso insista em querer resolver seus problemas na Justiça Comum. O regulamento do Campeonato Brasileiro, *Artigo 4º*, reconhece a Justiça Desportiva como única instância a ser recorrida pelos clubes.

Alheios a esse novo recurso, Corintians e Santos estão preparados para o jogo de hoje no Morumbi onde a novidade é a volta de Neto ao ataque corintiano. No Morumbi, na outra partida pelo segundo turno do Campeonato Brasileiro, o Atlético Mineiro precisa vencer o Goiás para evitar que o Corintians se distancie na liderança do Grupo A.

Em campo, todas as estrelas vascaínas

Lédio Carmona

O verdadeiro Vasco, com Tita e Quiñonez, entra em campo pela primeira vez hoje à tarde, no Maracanã, contra o São Paulo. O grande time prometido pela diretoria, avaliado em NCz$ 20 milhões e responsável por despesa superior a NCz$ 500 mil mensais, tem a obrigação de justificar a fortuna investida em sua formação e o status de melhor equipe do país e principal favorito ao título do Campeonato Brasileiro.

Da equipe titular, nove jogadores já vestiram a camisa da seleção brasileira. Sem contar o zagueiro Quiñonez, líbero titular da seleção equatoriana há cinco anos. "Nunca joguei numa equipe com tantas *feras*", conta o pernambucano Zé do Carmo, que apesar de não possuir o carisma de Bismarck, Bebeto e Mazinho, é considerado intocável pelo técnico Nelsinho, outro integrante da seleção brasileira — é auxiliar de Sebastião Lazaroni, mesma função exercida pelo preparador físico Ademar Braga, que divide seu trabalho com Luís Henrique. "É uma satisfação ter várias opções de uma só vez", diz Nelsinho.

Selevasco — No papel, um time capaz de sustentar qualquer sonho do torcedor vascaíno. Existe de tudo um pouco dentro desse grupo de jogadores, já apelidado pelos mais fanáticos de *Selevasco*. São funções definidas e que vão ficar ainda mais transparentes a partir do momento em que o entrosamento for aperfeiçoado — o que Nelsinho espera para as próximas rodadas. "Não existe mistério. Todo mundo aqui sabe jogar".

O goleiro Acácio garante defesas importantes. A tranqüilidade na defesa fica a cargo de Quiñonez e da cobertura de Zé do Carmo. Os dois laterais, Luís Carlos Winck e Mazinho, jogam da mesma forma que os alas de Lazaroni. Os gols ficam por conta de Bebeto e Bismarck, que recebem, juntos, NCz$ 110 mil mensais, e cujos passes são estimados acima de US$ 10 milhões, cada um. "Só temos que ter cuidado para não deixar números e elogios atrapalharem nosso trabalho", aconselha o experiente Andrade, 32 anos, jogador mais velho do time.

O Vasco prometido, com a festa de debutante marcada justamente contra outro time de estrelas — o São Paulo — é um dos assuntos prediletos de Nelsinho. Esse experiente treinador, 51 anos, incapaz de esconder sua paixão pelo Madureira, imagina uma equipe totalmente ofensiva, atacando e defendendo com pelo menos oito jogadores.

Os jogadores partilham do entusiasmo de Nelsinho. Apesar de a maioria ter experiência — somente Marco Aurélio e Boiadeiro não jogaram por seleções — a oportunidade de jogar no *time da moda* mexeu até com os mais frios. "Sonhei com a minha volta. Aqui é muito melhor que na Itália", conta Tita, que não guarda boas recordações do modesto Pescara, clube onde sofreu a maior goleada de sua vida (Torino 7 a 0) e que está a um passo da *terceirona* no Campeonato Italiano.

Fama — A fama da equipe ultrapassou as fronteiras brasileiras. É o que prova o sempre sorridente Hoger Quiñonez. "Falaram tanto do Vasco que forcei minha saída", admite o ex-zagueiro do Barcelona de Guaiaquil. A euforia é tanta que Bebeto questiona sua possível transferência após a Copa. "Sair daqui, só por muito dinheiro", diz o já milionário artilheiro da seleção brasileira — salários de NCz$ 70 mil e proprietário de luxuosa casa no Condomínio Santa Mônica, investimento feito com as luvas recebidas na transferência para São Januário.

Até o incômodo banco de reservas não chega a ser encarado como castigo. "Sentar no banco é ruim, mas aqui tem suas vantagens", lembra Willian. É com esse otimismo que o verdadeiro Vasco, equipe prometida ou *Selevasco* entra em campo pela primeira vez.

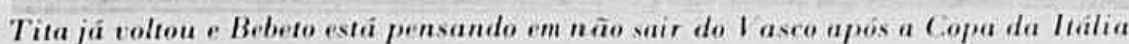
Das estrelas, o único ausente é Luís Carlos Winck, suspenso com três cartões amarelos. O palco desta festa só poderia ser o Maracanã. Na opinião dos dirigentes, São Januário seria pequeno para este festival de apresentações. "Esse time precisa de conforto e bons tratos", diz o supervisor Paulo Angione.

Vasco	São Paulo
Acácio 1	1 Anselmo
Mazinho 4	2 Zé Teodoro
Marco Aurélio 6	3 Adilson
Quiñonez 3	4 Ricardo
Cassio 2	6 Nelsinho
Zé do Carmo 5	5 Bernardo
Andrade 8	8 Bobô
Tita 7	10 Raí
Bismarck 10	7 Mário Tilico
Bebeto 9	9 Nei
Tato 11	11 Edivaldo
Técnico	**Técnico**
Nelsinho	Carlos Alberto Silva

Local: Maracanã. **Horário:** 17 horas. **Juiz:** Arnaldo César Coelho. **Arquibancada:** NCz$ 15,00. As rádios Globo (1220 khz), Tupi (1180 khz) e Nacional (1130 khz) transmitem a partida.

Frederico Rozário

Tita já voltou e Bebeto está pensando em não sair do Vasco após a Copa da Itália

Investimentos de rentabilidade certa e segura

Para surpresa de muitos, a filosofia tradicional da administração Antônio Soares Calçada, no Vasco — Vender muito, comprar pouco — sofreu significativa transformação no último ano. A diretoria do clube resolveu abandoná-la e tentar outra estratégia. Pagar caro agora, para lucrar depois, confessa o dirigente, sem constrangimento.

O português Antônio Soares Calçada, abastado comerciante do ramo de carnes bovinas, chegou à conclusão, após sete anos presidindo o Vasco, de que não basta vender — nesse período, mais de 100 jogadores foram liberados —, mas sim valorizar a mercadoria.

Comprar jogadores de seleção passou a ser o alvo principal da diretoria. Dinheiro não falta para esses investimentos. As vendas de Romário para o holandês PSV e de Geovani para o italiano Bologna — cerca de US$ 10 milhões, no total — arranharam o mito de que português gosta de guardar dinheiro sob o travesseiro. A quantia foi aplicada em over, open e cadernetas de poupança, que, em pouco tempo, renderam o dobro.

O novo comportamento explica porque o dinheiro corre solto nas contratações. Pagar US$ 2 milhões por Bebeto (NCz$ 7 milhões e 600 mil, na época), não doeu nada aos bolsos vascaínos. Além de o jogador trazer retorno com grandes rendas e peças publicitárias, a diretoria tem a certeza de que, após a Copa do Mundo, seu passe será vendido pelo triplo, possivelmente ao Atlético de Madrid.

O zagueiro Quiñonez também sabe que sua passagem pelo Vasco nada mais é do que uma ponte para o milionário futebol europeu. Tanto que insistiu para que seu contrato fosse de apenas três meses. No mesmo caso estão Luís Carlos Winck e Boiadeiro. Antônio Soares Calçada agiu com os pés no chão para montar esse time. Bons exemplos foram as contratações de Tita e Andrade, ambos com mais de 30 anos e sem chance de retorno ao futebol europeu. O dirigente sabia que seriam bons reforços, e só não os trouxe de graça porque não conseguiu. Mas pechinchou até o último momento. "Temos que comprar de olho no lucro", receita. (L.C.)

Jogador	Origem	Preço
Luís Carlos Winck	Inter-RS	NCz$ 560 mil
Quiñonez	Barcelona (Equ)	NCz$ 3 milhões
Andrade	Roma	NCz$ 500 mil
Boiadeiro	Guarani	NCz$ 850 mil
Tato	Elche	NCz$ 600 mil
Tita	Pescara	NCz$ 1 milhão (*)
Bebeto	Flamengo	NCz$ 7 milhões e 600
Total: NCz$ 14 milhões e 300 mil		

(*) Ao negociar a volta de Tita, os dirigentes deram prioridade ao Pescara para a compra de Mazinho, provavelmente por US$ 900 mil.

São Paulo confia na força do time

SÃO PAULO — O São Paulo está apostando no poder de reação de uma equipe acostumada a chegar às decisões para superar a decepcionante campanha do primeiro turno. Em dez jogos, o time só conseguiu duas vitórias, empatou seis e perdeu dois, terminando em sétimo lugar no Grupo A. Muito pouco para um dos elencos mais caros do futebol brasileiro. O coletivo de sexta-feira serviu para que o técnico Carlos Alberto Silva definisse a entrada de Nei no lugar do Edmilson, que está contundido.

Os jogadores se mostram otimistas com as possibilidades do time no returno. "Aquela pressão pela classificação acabou e o time está mais descontraído", garante Nelsinho. A estréia contra um grande time também agrada ao meia Raí. "É uma equipe com característica parecida com a nossa e que vai jogar sem pensar em retranca". O goleiro Gilmar, recuperando-se de um estiramento na perna esquerda, treinou em separado e não sentiu nada. Mas, os médicos preferiram não arriscar o seu retorno. "É uma contusão delicada e uma precipitação pode piorar tudo", indicou o médico Eduardo Gomes. Anselmo continuará em seu lugar.

João Saldanha

Justiça e injustiça

Ontem, eu e alguns colegas perguntávamos como ia o campeonato nacional. Quem está na frente, quem está no páreo, como andam as coisas. Só respostas evasivas. Sim, a grosso modo o torcedor sabe que seu time está bem, mas a grande torcida não está sabendo quais as chances. É meio complicado. Nos jornais de ontem se podia ler que o Corintians é o líder de seu grupo, mas com muita atenção. Difícil acompanhar o negócio dos tais turnos e grupos.

A idéia centenária e comprovada do campeonato simples, de turno e returno e por pontos corridos se impõe. Dois países da Europa tentaram modificar as coisas e inventaram dar mais pontos por vitórias e por placar. Queriam estimular os gols e até instituíram prêmios de artilheiros e outros. Nada feito. Prevaleceu sempre o negócio do primeiro, de acordo com os pontos conquistados naquela velha base: dois para a vitória, um para cada um no empate.

Quanto aos resultados, devido à disparidade dos jogos, a galera prefere fazer seus cálculos por pontos perdidos. Mas aí é apenas uma posição de circunstância. Claro que o ideal seria todos jogarem todas as rodadas no mesmo final de semana. A prática internacional demonstra que o melhor é que sejam os jogos realizados no mesmo dia. Ou num sábado, como a religião anglicana determina, ou num domingo, como nos demais países. Num dia só é o ideal.

Mas aqui temos confusões terríveis. Nossa organização alcança o máximo de bagunça quando em alguns estados, onde dois ou três clubes sustentam a vaidade e os negócios de dois ou três sabidões, aparecem coisas incríveis. Dou como exemplo os campeonatos gaúcho e mineiro. Como se sabe, no mineiro, a cada dez anos aparece o América, mas no gaúcho, o Grêmio e o Inter são donos. Acontece que um arruma uma excursão, vai ganhar seu dinheirinho e manda tudo para o beleléu.

Volta de excursão depois de três ou quatro rodadas e aí ninguém sabe mais quem é quem, quem está na frente e como é que fica. Não raro melam o campeonato. No Rio-São Paulo, que mais tarde virou Rio-São Paulo-Minas e Rio Grande, temos três ou quatro competições que não terminaram. Em uma delas, para ninguém chatear, temos quatro campeões. Fosse melhor a organização, o Coritiba, que foi justamente punido, não passaria da primeira para a terceira divisão.

Justo o rebaixamento, mas injusto o tamanho da pena. Rebaixar duas divisões de uma vez só não é certo. A lei está errada. Parece que vai ser revista.

Olhar eletrônico

São Paulo usa vídeo para vender craques e conhecer inimigos

Fernando Barbosa

SÃO PAULO — Um dos principais segredos do sucesso do São Paulo no último Campeonato Paulista estava nas arquibancadas. Com sua câmera indiscreta, o operador de vídeo Paulo Roberto Braga Leal percorreu os campos dos adversários filmando os jogos. Os teipes serviram para o técnico Carlos Alberto Silva armar os esquemas que levariam o clube a mais um título nos jogos finais contra Guarani, Bragantino e São José. Mas essa é só uma das funções de Paulo Roberto, que opera, no segundo andar do Morumbi, a sala de vídeo do tricolor. Outra, talvez ainda mais importante e certamente mais rendosa, são as montagens com jogadas dos atletas que o clube pretende vender.

Foi um vídeo assim, com 22 minutos das mais sensacionais jogadas e gols de Pita, que convenceu os dirigentes do Racing de Estrasburgo, da França, a comprar o meia (atualmente no Guarani) por US$ 1,2 milhão no início do ano passado. Com exceção de Müller, todos os jogadores vendidos pelo São Paulo para o exterior nos últimos dois anos tiveram antes uma fita de vídeo de propaganda feita por Paulo Roberto, que está no clube desde o Campeonato Paulista de 1987.

O sistema, em VHS, existe desde 1980, mas só foi mais bem aplicado ao futebol a partir da chegada do técnico Cilinho, quatro anos depois. E a cada ano é aperfeiçoado. Hoje, Paulo Roberto trabalha com três vídeos, uma câmera, um gerador de efeitos e caracteres, três transcodificadores e três monitores. Com esses instrumentos, ele grava todos os jogos no Morumbi e mais as partidas fora, quando o treinador pede.

Os adversários são sempre monitorados da cabine de Paulo Roberto, que nunca vê os jogos ao vivo. Dali ele gera imagens para as seis luxuosas tribunas do estádio, onde as pessoas podem ver imediatamente o *replay*, implantado no Brasileiro do ano passado, dos principais lances. Para o recente jogo entre São Paulo e Flamengo, ele preparou um compacto com gols de encontros anteriores entre os dois clubes, que foi exibido antes do início da partida no circuito interno.

Paulo Roberto costuma utilizar a imagem das geradoras de televisão nos jogos no Morumbi. Quando vai ao interior para filmar uma partida, se insinua com sua câmera pelas cabines de TV, aproveitando a experiência de cinco anos como fiscal da Federação Paulista.

Natural de Araraquara, interior paulista, Paulo Roberto seu sonho é trabalhar como locutor, mas já se sente feliz no Morumbi trabalhando com duas coisas de que gosta: o futebol e o São Paulo. "Me sinto útil", diz Paulo, que é sempre procurado pelos jogadores do time júnior, interessados em se aperfeiçoar por meio da análise dos seus jogos, que também são filmados.

Fluminense vai ao ataque contra o Náutico

Sem marcar gol há 324 minutos, o Fluminense não demonstra qualquer aflição para balançar as redes do Náutico no jogo de hoje, a partir de 17h, no Estádio dos Aflitos, em Recife. O motivo tem nome: Telê Santana. O substituto de Procópio deu novo ânimo à equipe, que começa a segunda fase do Campeonato Brasileiro jogando de forma completamente diferente da utilizada até a partida contra Palmeiras. A ordem agora, nas Laranjeiras, é atacar. "Vamos arriscar porque precisamos de vitórias", explica Telê.

Os tricolores vão a Recife sem o lateral Lucas e o ponta Marquinho. Carlos André e Rinaldo serão os substitutos e, como os outros jogadores, têm ordem expressa de marcar por pressão e tentar jogadas de ataque o tempo inteiro. No meio-campo, Donizete e Vitor ficarão mais adiantados para pressionar os apoiadores adversários, tentando recuperar a bola ainda no campo do Náutico. Os maiores problemas estão na defesa, que, nos treinos, mostrou-se vulnerável aos contra-ataques e não conseguiu cobrir os espaços deixados pela nova forma de jogar.

Telê não parece preocupado. "Os times que dirijo sempre jogam dessa forma. Acredito no futebol dessa maneira." Ricardo Pinto lembra que é preciso ir ao ataque, mas sem aflição. "Não adianta tentar fazer gols e deixar a defesa desprotegida", alerta, lembrando que a tranqüilidade é o mais importante para o Fluminense superar seu mais difícil teste no campeonato.

Náutico — Com o ponta-direita Newton no lugar do meia Augusto (suspenso por dois jogos pelo Tribunal Especial da CBF), o Náutico vai a campo disposto a decidir a partida no primeiro tempo. O técnico Carpegiani vai manter o esquema ofensivo que caracterizou o time na primeira fase do Brasileiro, quando teve o ataque mais positivo, com 16 gols. "Os jogadores assimilaram bem o nosso esquema. Estamos quase no ponto", garante Carpegiani, que passou a semana ensaiando jogadas de ataque e acertando o sistema de marcação e cobertura.

Náutico	Fluminense
Mauri 1	1 Ricardo Pinto
Jorginho 2	4 Carlos André
Freitas 3	3 Vágner
Vavá 4	2 Torres
Júnior 6	6 Edgar
Gena 5	5 Vitor
Léo 10	8 Donizete
Erasmo 8	10 Vânder Luiz
Newton 7	7 Marcelo Henrique
Bizu 9	9 Hélio
Nivaldo 11	11 Rinaldo
Técnico	**Técnico**
Paulo César Carpegiani	Telê Santana

Local: Estádio dos Aflitos (Recife). **Horário**: 17h. **Juiz**: Dalmo Bozzano (PR). As redes Globo e Manchete e a rádio Eldorado (1180 khz) transmitem a partida.

Estrela de Telê acende fé tricolor em um novo tempo

Aydano André Motta

Desde o início do Brasileiro, o Corintians é o time de Neto e o Vasco é o time de Bebeto. Agora, o Fluminense é o time de Telê. Depois de mais uma vez recuar na sua promessa de despedida, o ex-técnico da seleção volta ao futebol para assumir a condição de estrela e ídolo de uma equipe sem destaques. Se o pobre futebol tricolor vai melhorar, ninguém sabe. Uma coisa, porém, já é certa — a simples presença de Telê devolveu ao Fluminense a motivação perdida há tempos.

Dentro das quatro linhas nada mudou no limitado time que perdeu suas últimas três partidas no campeonato. Fora de campo, entretanto, existem agora as frases de Telê, sua promessa de jogo ofensivo e sem faltas e a fé de uma torcida que voltou a sonhar. "É como o boxe — o lutador que ataca vence, mas deixa a guarda aberta". "Não sou estrela. Isso é para os jogadores". "Mudou tudo. Agora o negócio é ir ao ataque", são alguns dos pensamentos de Telê. Os torcedores deliram.

Os caçadores de autógrafos estão de volta, atrás da assinatura do homem que devolveu o otimismo ao Fluminense. Entre seus comandados, Telê também é um sucesso. "Ele entende mesmo do assunto. Dá para notar isso só na conversa", admira-se Edgar. "Telê tem competência e vai provar que temos condições de modificar nossa forma de jogar", elogia Ricardo Pinto, fervoroso defensor do ex-técnico Procópio, que foi conquistado pela nova e reluzente estrela tricolor.

Recife — Solano José

Os artilheiros Bizu (E) e Nivaldo

Sem meios-termos

Náutico tem o time com a pior defesa e o melhor ataque

Gilvandro Filho

RECIFE — Quando entrar em campo logo mais contra o Fluminense, no Estádio dos Aflitos, o Náutico, campeão pernambucano deste ano, estará carregando não apenas a responsabilidade de ser o único clube do Nordeste na segunda fase do Campeonato Brasileiro. Vai levar para o campo, também, um curioso recorde: o de ter, ao mesmo tempo, o ataque mais positivo e a defesa mais vazada de todo o torneio. Se o time pernambucano marcou 16 gols — média de 1,45 por partida —, também passou o vexame de buscar outras 16 vezes a bola no fundo das próprias redes.

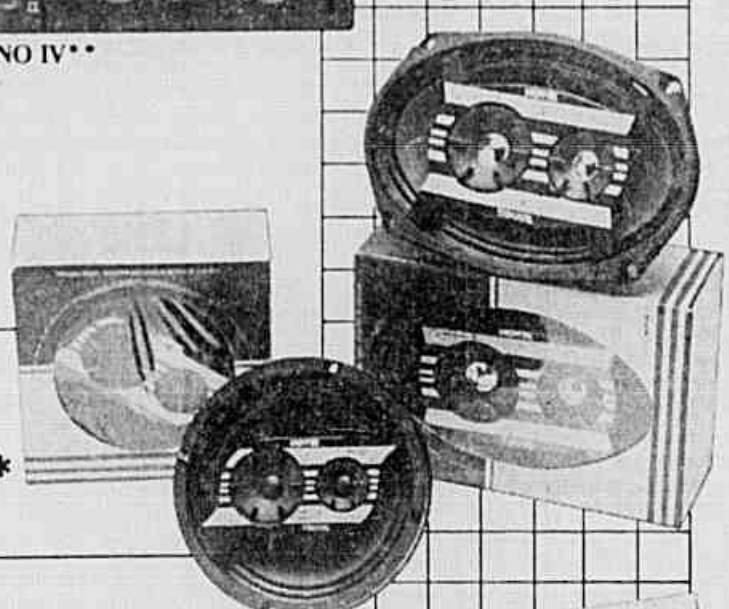
Com um ataque desconhecido — Nivaldo, Bizu e Augusto —, mas rápido e oportunista, o Náutico teve, durante toda a primeira fase, a ousadia de se lançar sobre os adversários. Esqueceu-se, entretanto, de fechar o meio campo e proteger a defesa. Isto quase acaba valendo ao clube o desatino de, com 16 gols marcados, ser rebaixado para o *torneio da morte*, que reúne os piores do campeonato e indica quem cai para a segunda divisão do ano que vem.

Os jogadores falam das falhas de cobertura como algo que ficou na primeira fase. "Nos últimos jogos, já começamos a voltar mais, a fazer uma marcação mais compacta e os resultados estão aparecendo", diagnostica o centroavante Bizu, artilheiro do time no Campeonato Brasileiro, com seis gols, e maior ídolo da torcida do Náutico.

Para o treinador Paulo César Carpeggiani, contratado a três rodadas do final da primeira fase, esta preocupação em adequar um esquema eficiente de marcação à alta ofensividade do Náutico virou, em seus primeiros dias no clube, uma obsessão. São dois treinos por dia, em regime puxado, onde os sistemas de cobertura são repetidos à exaustão. "Tem dado certo. Na segunda fase não vamos repetir os erros que cometemos", acredita o lateral Jorginho. Segundo Carpeggiani, o Náutico vai continuar ofensivo na segunda fase, mas num sistema compacto, com todos marcando e recuando quando for necessário.

☐ **O desafio de dirigir uma equipe nordestina, colocando-a entre os grandes times do país. Este foi o motivo que fez com que o gaúcho Paulo César Carpeggiani, 40 anos, se interessasse em dirigir o Náutico. "Só trabalho onde me sinto bem", explica o treinador que se deu ao luxo de ficar um ano e meio fora do futebol, vivendo apenas do rendimento de suas empresas e do dinheiro acumulado em 1984 e 1985, quando dirigiu o Al Nasser, da Arábia Saudita. Em seu currículo, ele tem os títulos de bicampeão da Taça Guanabara, campeão carioca, campeão da Taça Libertadores e do Mundial Interclubes pelo Flamengo, entre 81 e 82.**

Rio de Janeiro, 29 de outubro de 1989 — Ano I Nº 17

Não pode ser vendido separadamente

JORNAL DO BRASIL

Idéias

ENSAIOS

Sumário

De volta ao centro do mundo

■ ***Por Henry A. Kissinger***

As mudanças políticas na Europa recolocam o velho continente no fulcro das tensões mundiais. (Páginas 4 e 5)

Unesco

Renovação ou morte

Pierre de Senarclens

A vigésima-quinta Conferência Geral da Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura, que se reuniu, este mês, em Paris provocou um debate político sobre o novo plano 1990-1995 proposto pelo diretor geral da Unesco, Federico Mayor. A conferência debateu também o orçamento 1990-1991. Esses dois documentos de importância fundamental para a Organização, contudo, não contribuíram para que ela pudesse restaurar a sua credibilidade. Mais uma vez, o secretariado da Unesco propõe inúmeros projetos: procura realizar objetivos extraordinários, mas sem os meios necessários.(...)

No início dos anos 80, a Unesco perdeu dois de seus principais contribuintes, os Estados Unidos e a Inglaterra. A maioria dos intelectuais ocidentais desertaram dela. Os Estados ricos deixam as suas próprias instituições gerirem a sua cooperação educacional. Os países pobres não recebem o suficiente da Unesco para que possam se socorrer. O aperfeiçoamento das comunicações contribuiu largamente para tornar obsoletas as suas organizações de estruturas burocráticas. Depois, a *expertise* não é mais apanágio das instituições governamentais: ela pode ser obtida através de organizações não governamentais. O naufrágio é inevitável?

Há vergonha em levantar essa questão. Mas uma organização que, após anos de crise, gasta a maior parte de suas verbas em Paris, cujos programas são pouco visíveis ou mal avaliados, que promove idéias geralmente confusas ou contraditórias, que cada vez mais está ausente dos grandes projetos de assistência técnica, pois bem, uma tal organização acaba por deixar dúvidas na sua própria razão de ser, qualquer que tenha sido o seu sucesso passado.

No umbral do terceiro milênio afirma-se mais do que nunca o imperativo da cooperação internacional em matéria de educação, ciência e de cultura. A reconstituição da Unesco é, portanto, necessária, mas ela implica uma revisão de seu Ato constituitivo no todo, ou ao menos, uma reinterpretação de suas exigências.

A Unesco deve abandonar suas ilusões intelectuais e a conversa fiada que camufla o empobrecimento de sua criatividade. É importante que ela cesse de proclamar seus objetivos utópicos com poucas verbas; que ela se coloque a serviço da cooperação internacional com uma equipe com um mandato interpretado de maneira restritiva; que ela se abra para a competência de um secretariado qualificado, restrito, móvel; que ela inspire ou gere um número limitado de programas; que ela se torne uma autoridade pela qualidade de suas análises no domínio da educação. *Last but not least*, ela deve reduzir consideravelmente reduzir as suas estruturas. Essas modificações são ainda possíveis, mas o tempo da conversa fiada parece que não acaba. Se ficar eternizado, isto será a morte da Unesco.

Idéias
ENSAIOS

Editor: José Castello/ **Editor-assistente**: Wilson Coutinho

Diagramador: Antoninho de Paula/ **Capa**: Liberati

Colaboram nesta edição:

■ **Henry A. Kissinger** foi Secretário de Estado do governo Nixon. Este artigo foi publicado originalmente no caderno de opinião do diário norte-americano *Los Angeles Times*.

■ **Eduard Shevardnadze** é ministro das Relações Exteriores da União Soviética. Este artigo adaptado para o inglês foi originalmente uma palestra, pronunciada este mês pelo ministro na *Foreign Policy Association*, em Nova Iorque, e publicada no *Washington Post*.

■ **Jean Baudrillard** é filósofo francês, autor de *Para uma crítica da economia política do signo* (ed. Martins Fontes) e *O sistema dos objetos* (ed. Perspectiva). Esteve semana passada em Belo Horizonte convidado pelo Colóquio Internacional de Ciências Humanas e Educação na França e no Brasil, por iniciativa do Mestrado em Educação da Universidade Federal do Rio de Janeiro.

■ **Cláudio de Moura e Castro** é chefe do programa de treinamento da Organização Internacional do Trabalho, em Genebra, Suíça.

■ **Pierre de Senarclens** é professor de Relações Internacionais da Universidade de Lausanne, Suíça. Autor de *La crise des Nações Unidas* (ed.PUF), e dirigiu a divisão dos Direitos do Homem e da Paz na Unesco em 1980-1983, antes de pedir demissão da Organização. Este artigo foi publicado originalmente no diário *Le Monde*.

Universidade

Adolescente

Eles formam um contingente em torno de 30 milhões de brasileiros entre 10 e 20 anos, ou seja, 25% da população brasileira. São os adolescentes do país, para os quais não existe nenhum atendimento especializado, segundo o médico Daniel Juckowsky Filho, coordenador do Centro de Atendimento Integrado ao Adolescente (Ceaia), do Hospital São Lucas da PUC/RS. Inaugurado graças ao convênio firmado entre a universidade e a Fundação Maurício Sirotsky Sobrinho, o Centro presta aos jovens e suas famílias atendimento ambulatorial e internação hospitalar.

Cinema

Na Casa de Cultura Laura Alvim terá início dia 6 de novembro o curso *Cinema: história e modernidade I*, sob a coordenação do professor John Howard Szerman, Master of Arts pelo Royal College of Art de Londres. John recebeu, entre outros prêmios, o Kikito de melhor direção de som em Gramado com o filme *Fonte da Saudade*. Informações pelo tel 227-2444.

Visita

No Solar Grandjean de Montigny da PUC/RJ, o convidado é o escritor espanhol Eduardo Subirats que, além de autografar seu mais recente lançamento pela Nobel *A cultura como espetáculo*, fará uma palestra sobre suas obras de arte e arquitetura. Terça-feira, às 18h.

Homenagem

Já na Universidade do Estado do Rio de Janeiro (Uerj), a terça-feira é reservada às homenagens ao paisagista Burle Marx, que receberá, às 19h, o título de *Doutor Honoris Causa*, concedido pela universidade.

Sangue

Mais um ponto para a Uerj: na opinião do Instituto Estadual de Hematologia, é a Uerj a instituição que melhor tem contribuído na campanha de doação de sangue. Neste semestre mais de 200 doadores da universidade, já participaram da campanha.

Intercâmbio

A cem quilômetros de São Paulo, a Universidade Estadual de Campinas (Unicamp), está investindo alto em seus contatos internacionais. Depois de assinar um convênio de intercâmbio com a École de Hautes Études de Paris, a universidade paulista agora namora um futuro acordo com a Comunidade Econômica Européia (CEE). Recentemente o diretor-geral da CEE, Alejandro Herrero, visitou o campus da Unicamp pela primeira vez e já demonstrou seu interesse nas áreas de biotecnologia, ciências marinhas, química fina, meio ambiente, e ciências dos materiais.

Eleição

Começaram na COPPE/RJ as primeiras manifestações para eleição do novo diretor da casa. Nos corredores o tema das conversas é a participação das categorias com pesos asssim definidos pelo Conselho Deliberativo da COPPE: professores (50%), funcionários (30%), alunos (20%). As reações partem principalmente dos funcionários que em plebiscito defendem a participação paritária.

Em tempo: até agora só existe um candidato, o vice-diretor da instituição, Nelson Maculan.

O ideal republicano de Angelo Agostini será o tema dos debates, filmes e exposição na Casa de Cultura Laura Alvim

Agostini

Ardoroso defensor dos ideais republicanos, fundador da *Revista Ilustrada*, Angelo Agostini registrou com seu traço irônico e mordaz o nascimento e os desvios de rota da nossa República, denunciando a corrupção e o nepotismo da época. Precursor da charge política, Agostini é tema do projeto *O ideal republicano de Angelo Agostini*, promovido pela Casa de Cultura Laura Alvim e pelo Banerj Cultural. São filmes e palestras, com a participação de José Murilo de Carvalho e Sergio Abranches, além da exposição dos mais significativos desenhos e charges do artista republicano. A partir desta quarta-feira, às 18h30, na Casa de Cultura Laura Alvim, até o dia 9. (Av. Vieira Souto, 176, Ipanema).

Saúde

De 5 a 30 de março de 1990, em Santiago do Chile, o Ministério da Saúde do Chile e a Agência de Cooperação Internacional do Japão (Jica) promoverão o *Décimo Curso Internacional de Avanços em Gastroenterologia*. O objetivo do curso é difundir as novas técnicas de diagnóstico e tratamento em gastroenterologia. Para os médicos estrangeiros a direção do curso oferece bolsas (passagens e estadia). Os interessados deverão enviar currículo antes do dia 10 de dezembro, endereçado ao Centro de Diagnóstico del Cancer Gástrico; Hospital Paula Jaraquemada, Santa Rosa nº 1234, Santiago do Chile.

Diversos

■ *Seminário sobre alfabetização de adultos*, no Salão de Atos II da Reitoria da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, de segunda a quarta-feira. ■ *I Seminário Simonsen de Recursos Humanos*, nas Faculdades Integradas Simonsen, dias 11 e 12 de novembro, telefone 331-3022. ■ Até o dia 10 de novembro a COPPE/UFRJ recebe inscrições para o mestrado e doutorado em Planejamento Energético e Meio Ambiente e Engenharia Biomédica. ■ No Instituto de Letras da Uerj, o prazo de inscrições para o mestrado na área de Literatura Brasileira encerra-se dia 2 de dezembro. ■ E na Universidade Federal Fluminense os prazos para inscrições em cursos de pós-graduação são os seguintes: mestrado em Química (8 de dezembro), mestrado em Patologia (31 de outubro), mestrado e doutorado em História (de 20 de novembro a 22 de dezembro).

Tina Correia

Cartas

Escola experimental

Enquanto a escola tradicional aplica uma educação padronizada em esteriótipos, sustentados pelo medo, e anula o aluno como ser pensante, por visar simplesmente a reprodução, a escola experimental ao absorver as referências individuais no processo educacional, enriquece o conhecimento, respeita o ser humano e reforça-lhe a capacidade de transformação da realidade.

No caderno *Idéias/Ensaios* do JORNAL DO BRASIL de domingo, 1º de outubro deste ano, um artigo com o título "A obrigação de ser moderno" assinado por Ana Maria Nicolacci-da-Costa, põe em questionamento a liberdade desenvolvida pela educação experimental, afirmando: "o desejo de modernidade leva uma fé cega a educação experimental. Mas ela também controla as crianças". A fé cega em qualquer proposta, por qualquer motivo, deve realmente ser esclarecida, e é com este fim, o de ampliar a visão dos que se preocupam com o processo educacional, que questiono determinadas afirmações da matéria citada.

Partindo do princípio de que toda educação controla e vigia, o artigo ressalta que na escola tradicional a repressão atua sobre os papéis estabelecidos socialmente, e não sobre o que realmente o indivíduo é na sua essência, ou seja, a tradicional não reprimiria as fantasias dos estudantes; enquanto na escola experimental, que absorve as referências individuais no processo de aprendizagem, estaria reprimindo o lado mais íntimo do ser humano.

Questiono a utilização das palavras "controle e vigilância" como princípios de toda educação. Creio que um processo educacional moderno está mais calcado nas tarefas de observar e orientar. Controlar e vigiar são princípios mais apropriados para um sistema carcerário. Mas na escola tradicional como se não bastasse a posição acima da ignorância humana que é colocado o professor, alguns outros aspectos marcam uma doutrina profundamente autoritária, a disposição das cadeiras voltadas apenas para o professor, o tablado, o uniforme... enfim estas entre outras características do ensino tradicional, não criam um ambiente propício à educação, pois instaura o medo e a conseqüente rejeição ao ambiente escolar, o que desfavorece a aprendizagem.

"We don't need education
we don't need mind control"

Os versos do grupo inglês Pink Floyd refletem muita sensibilidade ao exteriorizar o sentimento do estudante para com a escola tradicional. No filme "Pink Floyd, the wall" o diretor americano Alan Parker, ao som da música que protesta contra esse controle mental, colocou a imagem de diversos adolescentes marchando uniformizados, com suas caras totalmente iguais e deformadas, caindo numa máquina que os transforma em carne moída. A crítica a esse processo fica mais clara ainda no filme, quando os estudantes queimam as cadeiras, os livros, o professor e no final da cena a escola também.

Questiono também se realmente as fantasias estão livres numa educação que trabalha com os esteriótipos. O fato das fantasias não serem trabalhadas, não significa que não estão sendo tocadas, e que estão livres, até pelo contrário, estão presas, pois não são incentivadas a fluir como algo original que existe dentro de todos. Neste processo esteriotipado as fantasias são reprimidas e cercadas de neuroses e paranóias.

A estereotipia das relações, o controle e a vigilância fazem com que os esquemas referenciais individuais se tornem algo "criminoso", porém, muito interessante. Assim progressiva e conseqüentemente o proibido vai se tornando uma necessidade de auto-afirmação da criança e do adolescente. A partir deste dado, vamos até o problema da venda de drogas nas portas das escolas. Se o principal atributo da droga, seja ela qual for, é a possibilidade de "viajar" para fora deste mundo castrador, mesmo tendo que conviver nele, ora, não é difícil chegar à conclusão de que quanto menor a gaiola maior é a vontade de voar. Não posso afirmar se há ou não venda de drogas, mas creio que nas escolas experimentais o grau de ansiedade, por parte dos alunos, deva ser menor.

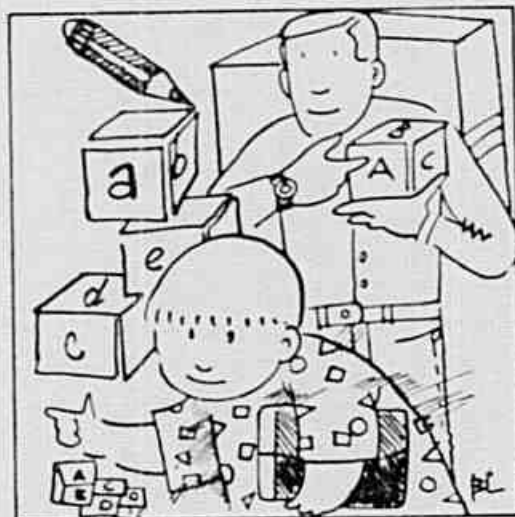
O medo, de parte do corpo docente, de desesteriotipar a posição idolatrada do professor e a posição submissa do estudante é o reflexo de uma educação padronizada, que simplesmente reproduz o que já existe e não transforma. Esta é a diferença básica das duas escolas: enquanto a tradicional, em nome da objetividade, ignora o caráter individual do aluno e valoriza o acúmulo de conhecimentos, a escola experimental vê os esquemas referenciais individuais como fatores que enriquecem o processo de aprendizagem do aluno e do grupo, e quanto aos conhecimentos não se valoriza o acúmulo, mas a utilização dos mesmos como instrumento para indagar e atuar sobre a realidade.

A absorção do aspecto psicológico na aprendizagem moderna não significa uma castração das fantasias dos estudantes, mas sim uma abertura para que estas venham à tona respirar e assim ajudar o ser humano a conviver bem com elas e a compreender e respeitar o universo que o cerca e principalmente a si próprio, sem preconceitos, traumas ou medo de um dia os sonhos virem a se tornar realidade.

Quanto ao professor acostumado com o sistema padronizado, talvez fosse necessário ela passar por uma experiência educacional moderna, para que ele descubra um novo status, diferente desta posição de superioridade, o status de se ter uma relação próxima, humana, onde ele, professor, não é temido, mas valorizado e respeitado por promover em seus alunos o prazer de estudar e aprender, e ele também sentir este prazer.

Para finalizar, é bom que fique bem claro que mais importante do que a opção por um tipo ou outro de ensino é a conscientização, por parte dos professores, pais e alunos, dos métodos e das finalidades dos diversos processos de formação educacional.

Anderson Guimarães — Professor da Universidade Estácio de Sá — Rio

Recado

Vamos ao MAM

Depois de um longo tempo fechado, o Museu de Arte Moderna volta a ser um símbolo da cidade

Wilson Coutinho

Toda a cidade cosmopolita tem, como forma de identificar-se com os tempos contemporâneos, um museu que funciona como termômetro do que ocorre de mais profundo, de mais superficial, de mais exagerado e de mais ridículo numa cidade. Nova Iorque tem o MoMa para servir-se de espelho; Paris, com Mitterrand, ergueu ou reformou vários museus. Um deles foi a criação de La Villette, que nesta edição é severamente criticado pelo semiólogo francês Jean Baudrillard. Não importa suas críticas. O fato é que ele está lá. Mas, o reflexo de Paris esbate-se melhor no seu museu de arte contemporânea, o Beaubourg, com sua combatida arquitetura hidráulica, já transformada em *souvenir* de uma cidade, que desde da torre Eiffel odeia e depois venera o desregramento. Na Alemanha, cada cidade, que atinge um certo grau de modernização, luta para ter o seu museu, muitas vezes pouco se importando com o que vão botar lá dentro. Critica-se — e muito — os seus acervos apressados, alguns entulhados de obras pós-modernas caras, e, talvez, desnecessárias. O que é fundamental é que o museu esteja fincado numa cidade como, outrora, erguia-se nos burgos medievais uma catedral, que deixava o homem perto da fé, e, principalmente, perto de imagens. O MAM é um espelho de uma cidade como o Rio. Castigado por um incêndio, ele lutou — e luta ainda — para a sua completa reconstrução, que o tornará um dos mais bem equipados de todo o país. Assim, mais uma vez, é um prédio de arquitetura que serve de exemplo ao espírito de modernização de uma cidade, do desejo que ela deseja ser. O MoMa, de Nova Iorque, tinha telas cubistas, quando a cidade ainda passava por se ambientar numa atmosfera provinciana; hoje, os humoristas e amantes da cidade acham que as telas é que ficaram provincianas. Reaberto na quarta-feira, com a mostra *O Rio Hoje*, o MAM é devolvido à cidade. Vá, então, ao MAM. Para confirmar ou contestar que, por exemplo, Iberê Camargo é o maior pintor vivo brasileiro; para amar ou detestar a Geração 80. Não importa. O que importa é que, a partir de agora, o MAM está presente para a cidade. Um sinal de cosmopolitismo. Bate-se na mesa. O Rio não vai virar sertão.

A Europa volta ao centro das tensões

Com a nova situação mundial, a Alemanha retoma o seu papel de importância. Qual deve ser a estratégia da URSS e dos EUA?

Com a mudança do xadrez político internacional, principalmente com o fim do regime comunista na Hungria e com o poder na Polônia nas mãos do Solidariedade, as duas grandes potências, EUA e URSS, não podem mais exercer no tabuleiro da Europa as mesmas estratégias nascidas na Guerra Fria. É preocupado com as profundas transformações políticas que estão ocorrendo, que o ex-Secretário de Estado do governo Nixon, Henry Kissinger, examina quais seriam as opções políticas que deveriam ser levadas a cabo numa Europa, que reassume o seu papel de importância na arena mundial.

Beatriz

Henry A. Kissinger

O ano passado assistiu a uma impressionante evolução nas relações Leste-Oeste. O mundo comunista está inquieto; a Aliança Ocidental busca um conceito para se acomodar às novas realidades. Mas a retórica ocidental está emperrada em categorias conhecidas, o misterioso catecismo de um tratado de armas estratégicas ou uma diplomacia equipada para *ajudar* Mikhail Gorbachev.

A União Soviética vem perdendo o controle da agenda política na Europa Oriental, ao mesmo tempo que os Estados Unidos perdem o controle sobre sua agenda de segurança na Europa Ocidental.

Quatro fatores estão subjacentes a esta realidade: a acelerada tendência, no Leste Europeu, para ficar independente da URSS; a agitação pró-autonomia em numerosas repúblicas da URSS; a decrescente disposição para bancar os ônus da defesa na Europa Ocidental e nos EUA, e as crescentes pressões pela unificação das Alemanhas.

Por ocasião da conferência de cúpula da próxima primavera, o avanço rumo a um acordo de limitação de armas estratégicas (Start) é tão provável quanto periférico ao perigo central emergente. *Ajudar* a Gorbachev só contribui para a paz se o dirigente soviético estiver preparado para ajudar a construir um sistema internacional mais estável. E, nesse caso, nós no Ocidente não estamos ajudando a ele mas a nós mesmos.

Qualquer análise baseada no interesse mútuo deve começar pelo reconhecimento de que o fulcro das tensões internacionais retornou ao seu lugar de origem — o centro da Europa. Um novo projeto para a Europa deve pôr fim à dominação soviética na Europa do Leste como a um possível confronto militar das superpotências no centro. No decorrer da próxima década, as forças terrestres americanas e soviéticas devem ser progressivamente retiradas da Europa central de forma ordenada, negociada com o poderio ofensivo soviético, especialmente tanques, que devem voltar para o interior da URSS.

> A desnuclearização da Alemanha Ocidental ameaçaria o contrato pelo qual as forças americanas estão na Europa há 40 anos

No Leste europeu, têm ocorrido as mudanças mais espantosas. Depois de monopolizar a educação e a burocracia por quatro décadas, o Partido Comunista Polonês conseguiu ganhar apenas uma cadeira na primeira eleição quase livre desde a 2ª Guerra Mundial. O PC da Hungria deve se dividir em dois grupos no próximo congresso do partido; as pesquisas indicam que seu apoio popular anda em torno de 40%. Embora a Tchecoslováquia não tenha permitido eleições livres, seu Partido Comunista seguramente não é mais popular.

Moscou está a ponto de perder o controle sobre a evolução política da Europa Oriental. Historicamente, os partidos comunistas têm se apresentado com as forças de vanguarda da história destinadas a conduzir — e se necessário compelir — a maioria na grande estrada para a ortodoxia comunista.

Por isso, os partidos comunistas que brincam de democracia enfrentam um dilema filosófico: se se tornam verdadeiros democratas, deixam de ser verdadeiros comunistas. Se permanecem comunistas, tratarão de minar o novo sistema democrático — por exemplo, culpando o Solidariedade pela austeridade exigida para superar a desordem econômica deixada pelos comunistas. Mas, qualquer que seja seu motivo, os dirigentes dos partidos comunistas na Europa Oriental enfrentam um fato esmagadoramente novo: tendo perdido a capacidade de mandar pelo terror, devem se voltar para a opinião pública, apelando para o nacionalismo e desafiando Moscou.

Pelo menos por enquanto — e desde que a participação no Pacto de Varsóvia não seja contestada — o monólito comunista está enfraquecendo com a aquiescência de Moscou. Sustentar o domínio soviético no Leste europeu por meios militares parece demasiadamente arriscado para uma liderança soviética relutante em pôr em perigo a nova imgaem cuidadosamente elaborada. Moscou parece ter esperança de que cálculos de interesse nacional mútuo, apoiados pela vizinhança, possam substituir até certo ponto a submissão ideológica.

Ainda não se sabe se essa estratégia vai dar certo na Hungria e Polônia. Mas não pode funcionar na Alemanha Oriental. Aí, o Partido Comunista não está em posição de mobilizar os sentimentos nacionais, porque esses sentimentos se opõem à própria existência do estado alemão oriental.

A Alemanha Ocidental, por definição, e cada vez mais por suas políticas, mantém viva a esperança da reunificação. A Alemanha Oriental enfrenta um dilema: a oposição à reforma a transformará num anacronismo ao passo que a liberalização minará sua razão de ser. Este dilema ideológico na Europa Oriental torna-se o dilema geopolítico da URSS.

Tendências desintegradoras também existem dentro da URSS. Gorbachev seguramente lançou a *glasnost* e a *perestroika* na crença de que, diminuindo a repressão, atrairia apoio para as reformas. Mas as nacionalidades não-russas — especialmente as adquiridas no pacto Stalin-Hitler — marcham no seu próprio ritmo. Tão forte é o sentimento público que mesmo os partidos comunistas locais têm se sentido obrigados a desafiar Moscou. A descentralização econômica — essencial para a *perestroika* — libera pressões pela autonomia, se não pela independência total, dentro da estrutura da *glasnost*.

As advertências sinistras de Gorbachev até agora se mostraram inúteis. No dia 23 de setembro, o Parlamento lituano, por 70 votos a zero, declarou nulo o pacto Stalin-Hitler e sem efeito a anexação soviética.

Muitos dirigentes ocidentais aparentemente acham que essas tendências quase não precisam de respostas além de judiciosas doses de assistência econômica. Eu sou firmemente a favor de muito maior ajuda à Polônia e à Hungria. Mas isso não substitui um conceito sobre o futuro da Europa. Um império armado num período de 400 anos pela força não vai se desintegrar passivamente. E a Aliança Ocidental tem de ser sacudida pelos próprios eventos que comemora.

Durante 40 anos a Aliança Atlântica manteve-se unida pelo temor da agressão soviética. Sua reação tem sido acumular forças convencionais integradas, acrescidas pelas armas nucleares baseadas na Europa e apoiadas por uma confiança fundamental na dissuasão nuclear americana. Agora, cada um desses elementos está sob ataque. A fermentação no mundo comunista tem feito a agressão soviética parecer menos plausível, enquanto a personalidade de Gorbachev deu à diplomacia soviética um aspecto quase afável, mais notadamente na Alemanha Ocidental.

Uma combinação de pressões orçamentárias, negociações sobre controle de armas e euforia geral tem provocada a crescente tentação para reduzir unilateralmente as forças militares convencionais da Organização do Tratado do Atlântico Norte (Otan). Não

somente vem se tornando invencível a oposição à modernização das armas nucleares de curto alcance na Alemanha Ocidental, como são contestadas todas as instalações nucleares em solo alemão. A desnuclearização da Alemanha Ocidental ameaçaria o contrato político pelo qual as forças americanas estão instaladas na Europa há quatro décadas. Finalmente, um acordo Start enfraquecerá a justificativa para iniciar uma guerra nuclear, reduzindo ainda mais a credibilidade da dissuasão nuclear americana.

As correntes nas duas Alemanhas combinam essas tendências divergentes. Qualquer governo alemão ocidental está obrigado a buscar para o povo da Alemanha Oriental os mesmos privilégios já concedidos às populações da Polônia e Hungria. A não ser que a Alemanha Ocidental mantenha sua política externa bem dentro de uma estrutura européia e sua política de segurança intimamente ligada à Otan, a nação pode repetir a falha histórica alemã do auto-isolamento e se tornar alvo das suspeitas ocidentais e das tentativas soviéticas de deter as tendências centrífugas em seu império.

Tanto o Leste quanto o Ocidente estão sendo desafiados a uma nova visão do futuro da Europa. O Ocidente deve definir para si três conceitos: para defesa numa era de orçamentos minguados e crescente oposição às instalações nucleares americanas na Europa central; para um controle de armas que promova maior liberdade para os povos da Europa Oriental, e para planejar obstáculos políticos à pressão soviética — sobre a Europa ocidental e a dominação soviética no Leste europeu — em parte para substituir o aspecto militar do processo de desgaste.

A URSS enfrenta um desafio ainda mais profundo. Sua presença militar maciça na Europa é um sorvedouro de recursos econômicos; mais, apresenta Moscou com uma opção de Hobson: a humilhação de aquiescer a mudanças políticas fundamentais embora suas tropas estejam presentes, ou a repressão com conseqüências imprevisíveis.

O teste de estabilidade é saber se, pela primeira vez na história, a Europa pode viver em equilíbrio com o império russo, sem nenhum lado temer ser invadido pelo outro.

Se Gorbachev trabalhar para esse objetivo, merece um apoio generoso. Caso contrário, seu governo terá sido um interessante episódio psicológico a caminho do aventureirismo e da repressão, ou de ambos.

Supondo que opte pelo primeiro rumo, um novo sistema de segurança poderia ter os seguintes componentes: as forças terrestres soviéticas na Europa retornariam ao território nacional; o poderia ofensivo sovitético — especialmente forças blindadas — na região a oeste de Moscou seria limitado, sob inspeção internacional.

Em troca, os EUA deveriam estar preparados para retirar por fases a maior parte de suas forças terrestres do Continente. Ambas as superpotências nucleares poderiam manter, sob acordo, forças aéreas e depósitos de material na Europa, a fim de deixar claro que um ataque implicaria um inaceitável risco de guerra.

Esses remanejamentos militares projetariam inevitavelmente a Alemanha Ocidental para a linha de frente da política européia, porque a Alemanha Oriental enfrentará novas pressões internas, especialmente quando forem retiradas as forças terrestres soviéticas. De qualquer forma, o problema alemão não poderá mais ser evitado. Para manter a coesão ocidental, os aliados da Alemanha devem apresentar um programa plausível que atenda às aspirações alemãs sem desestabilizar a Europa Central.

A contribuição da Alemanha Ocidental deve ser aceitar as atuais fronteiras da Alemanha como definitivas e abandonar a atual retórica ambígua, que apenas renuncia à força na mudança de fronteiras. Esta é a pré-condição para negociações sobre um adequado sistema de eleições livres para a Alemanha Oriental, talvez primeiro de acordo com o modelo polonês. O resultado quase certo de tal processo seria uma fusão passo a passo da estrutura interna dos dois estados. Nesse ponto, é essencial uma garantia plausível de que a mudança não estenderia as fronteiras da Otan para o Leste — talvez por uma gradual confederação da Alemanha Oriental e Ocidental, com a Alemanha Oriental tornando-se essencialmente desmilitarizada.

Imagino um processo em três estágios.

O primeiro seria a redução das forças descritas na proposta do presidente Bush em maio passado. O princípio da retirada soviética total das forças terrestres deve ser estabelecido neste estágio pela retirada completa de pelo menos um país europeu, como a Hungria.

O próximo estágio estabeleceria quatro zonas de segurança: do Atlântico ao Reno; do Reno à fronteira leste da Alemanha Ocidental; desta à fronteira polaco-soviética; da fronteira polaco-soviética à área de Moscou. As forças a oeste do Reno e entre a fronteira polaco-soviética e Moscou seriam aproximadamente iguais, assim como as forças em ambos os lados das linhas divisórias nos setores centrais.

O estágio final — por volta do final dos anos 90 — constaria de eleições livres na Alemanha Oriental, depois do que esse território ficaria sob um regime no modelo austríaco, talvez em federação livre com a Alemanha Ocidental.

Essas metas não podem ser atingidas rapidamente. Mas sem algum conceito da nova Europa existe grande perigo de resvalar para uma série de crises que fujam ao controle dos países-chaves. Uma nova abordagem, de outro lado, levaria a relacionar o controle de armas com uma evolução política, contribuiria para desenvolver a estabilidade, fazer a Europa retornar às suas dimensões históricas e colocar o relaxamento das tensões em bases mais permanentes.

> No estágio final — por volta do final dos anos 90 — haveria eleições livres na Alemanha Oriental

Massarani

Uma nova versão do 'New Deal'?

Pode-se comparar a perestroika *com a política vivida pelos EUA para sair da crise de 1929*

A Grande Depressão econômica de 1929 lançou os Estados Unidos numa das maiores crises de sua história. Existiam filas de pobres para tomarem sopa distribuída gratuitamente, milhares de desempregados vagueavam de cidade em cidade em busca de trabalho e uma desesperança sem fim tomava conta da alma da potência economicamente mais forte do mundo. Em 1931, a revista Business Week *registrava que cerca de 100 mil norte-americanos desejavam trabalhar e viver na União Soviética. A reação contra esse estado de penúria foi a politica do* New Deal *de Franklin Roosevelt. O ministro das Relações Exteriores da União Soviética, Eduard Shevardnadze, traça um paralelo entre a* perestroika *e a política norte-americana que tirou o país da miséria.*

Beatriz

Eduard Shevardnadze

Todo mundo nos Estados Unidos tem dúvidas sobre o que está acontecendo na União Soviética, sobre o modo como enfrentamos nossos problemas e sobre nossa capacidade de resolvê-los. É crescente o pessimismo. Isto é compreensível porque o estado da economia soviética e alguns acontecimentos em nosso país causam preocupação.

Não quero simplificar demais a situação, que também não deve ser superdramatizada. Tenho certeza de que, daqui a alguns anos, ao relembrar o árduo caminho da *perestroika*, as pessoas dirão que "por volta do fim de 1989 surgiram sérias apreensões com o seu futuro".

Permitam-me começar traçando alguns paralelos entre a atual situação de nossa economia e a Grande Depressão Americana. Em 1929, um estado poderoso e confiante teve um grande baque econômico. Havia filas para conseguir pão na Times Square de Nova Iorque e barracas de desempregados se amontoavam ao longo da Riverside Drive. Em Washington, soldados combatiam a Bonus Army (manifestação de cerca de 15.000 veteranos da 1ª Guerra Mundial, desempregados) que invadira a capital. As pessoas morriam em manifestações, greves e desordens. A 7 de outubro de 1931, a revista *Business Week* informava que 100.000 americanos queriam emigrar para trabalhar e viver na URSS.

É sabido que naqueles anos havia amplas expectativas nos círculos da esquerda de que a grave crise do sistema capitalista provocaria finalmente a revolução mundial. E muito tempo depois ainda se acreditava que só a 2ª Guerra Mundial ajudou esse sistema a ficar de pé e sobreviver.

Hoje, falamos com respeito das realizações dos EUA. Houve uma época em que esse reconhecimento era visto em nosso país como subserviência ao Ocidente. Quando eu era jovem, o slogan talvez mais popular falava em igualar os EUA e ultrapassá-los na produção per capita. A ideologia militar estendia suas garras até às granjas de laticínios. De fato, não havia grande distância entre entre o irônico slogan russo "Cuidado, vaca de Iowa" e a sombria advertência de Krutchev "Nós vamos enterrar vocês".

Uma percepção igualmente sinistra e primitiva dos fenômenos sociais também esteve em voga nos EUA. Para manifestar simpatia ao nosso país, as pessoas eram expulsas de firmas, associações ou universidades. A "caça às feiticeiras" varreu este país como uma epidemia.

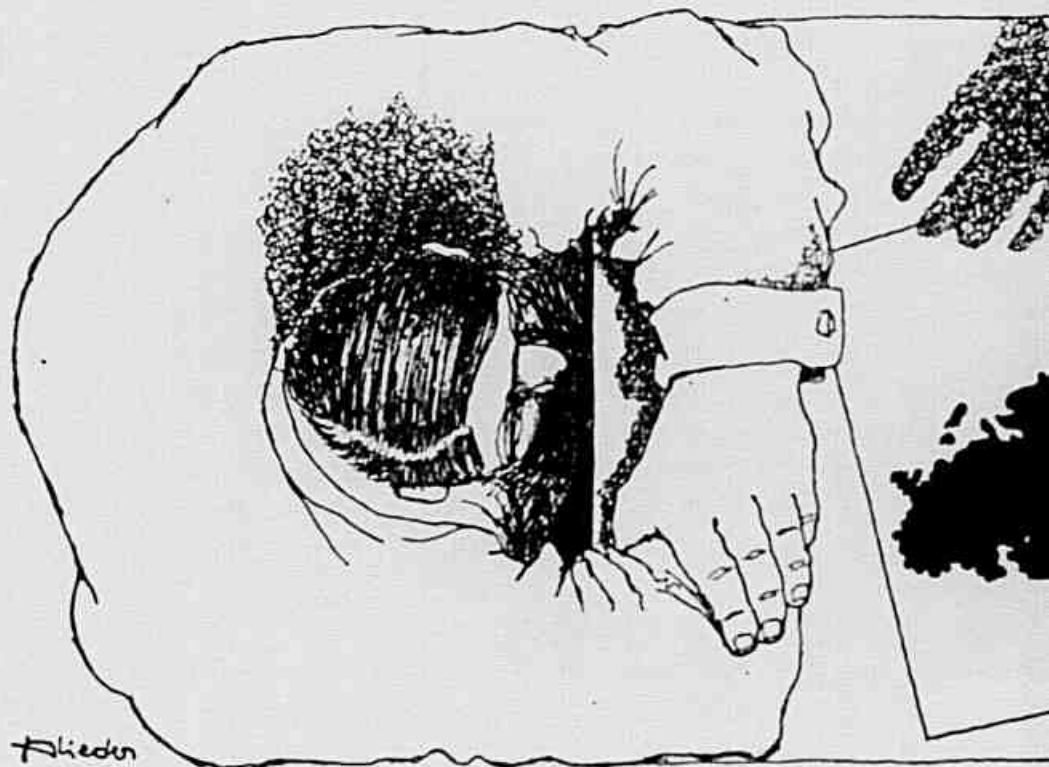
Passaram-se décadas para que houvesse uma avaliação mais realista das intenções, capacidade e possibilidades de ambos os lados para suplantar essas idéias grosseiras. Mas, cada vez que um dos sistemas entrava em dificuldades, ressurgia o primitivo pensamento ideológico. Havia previsões sobre o iminente colapso do outro lado e sobre seu destino: as cinzas da história.

Nós soviéticos nos tornamos mais abertos e sinceros do que ninguém na denúncia de nossos equívocos, erros e distorções. Fazemos isso porque necessitamos. Necessitamos disso para iniciar uma vida nova própria.

A acumulação de enorme poder nas mãos dos chamados chefes supremos trouxe desgraças para muitas pessoas. Hoje denunciamos a rígida centralização e estamos desmontando o superinflado sistema de comando. Os tempos mudaram, e o futuro do nosso país e do nosso povo não pode mais ser entregue a tal sistema.

Mas, encaremos os fatos — houve uma época em que o centralismo era necessário por motivos objetivos. Lembrem-se da intervenção ocidental em 1918 e 1919 e do bloqueio imposto ao meu país. Lembrem-se da 2ª Guerra Mundial, quando em apenas alguns meses transportamos nossas indústrias para além dos Urais, e em poucos anos reconstruímos nosso país em ruínas. Sem essa vontade centralizada, o país poderia ter sido dominado pela máquina nazista e não teria sido capaz de salvar a civilização mundial naquela batalha. Sem essa vontade, nosso país talvez não tivesse sobrevivido depois da guerra, ante a chantagem atômica e a ameaça nuclear

Aqui chegamos ao problema da nossa responsbilidade comum. Temos denunciado publicamente os erros dos nossos antecessores. Estamos preenchendo com a verdade os pontos vazios em nossa história. Mas ainda há espaços vazios em nossa história comum. Há um ponto negro, deixado pela primeira explosão da bomba atômica.

Do ponto de vista militar, não havia necessidade de lançar bombas nucleares sobre Hiroxima e Nagasáqui. Foi uma decisão política tomada para nos intimidar. Esta tragédia do nosso século deve ser esclarecida e os que a praticaram devem ser denunciados globalmente. Se não conseguirmos isso, as futuras gerações o farão.

Tenho orgulho da contribuição do meu país ao progresso da humanidade. Orgulho-me de que meu país tenha posto fim ao monopólio nuclear e esteja lançando das bases para um mundo sem armas atômicas. Sinto orgulho porque, através da *perestroika* e do pensamento novo, está abrindo novas perspectivas para si e para o mundo.

□ □ □

Às vezes, ouvimos as pessoas dizerem que nosso pensamento novo é uma fantasia, que tal coisa é impossível. O novo pensamento, dizem, exige cérebros novos que não temos, uma vez que os arquitetos da *perestroika* nasceram no antigo sistema e sua preocupação primordial é preservá-lo.

Bem, é verdade que nosso pensâmento novo se originou dentro do velho sistema. Mas surgiu como um protesto contra horríveis deformações, como um esforço para livrar o país e o povo dessas deformações e dar às pessoas uma perspectiva de vida decente em seu próprio país e na comunidade mundial. Muito antes de abril de 1985, quando Mikhail Gorbachev articulou o credo da *perestroika*, ele e muitas pessoas que compartilhavam de suas opiniões vinham alimentando a idéia. Agora que foi traduzida em programa e mobilizou o país e mudou tantas coisas no país e no mundo, preservar o sistema não é o mais importante.

Analogias e comparações têm valor limitado. Mas eu diria que, até certo ponto, nossos problemas econômicos de hoje são semelhantes aos problemas que os EUA enfrentaram no início da década de 1930. Então, um individualismo inflexível e descontrolado prejudicou o equilíbrio de sua economia, cujos grandes componentes eram perfeitamente saudáveis e efi-

cientes. Como disse um americano, havia demasiada ênfase na produção, descuidando a distribuição e o consumo.

Em nosso país, uma rigorosa regulamentação em certo estágio sufocou nosa economia — que, de modo semelhante, sofreu devido à ênfase demasiada sobre a produção pela produção.

Hoje, estamos sendo criticados por introduzir elementos do mercado capitalista, supostamente minando as empresas estatais e, portanto, o socialismo. Mas, na verdade, nosso sistema econômico está sofrendo um ajustamento, uma mudança em sua trajetória. Algo semelhanate aconteceu nos EUA há 60 anos.

É bom lembrar algumas opiniões debatidas na sociedade americana naqueles anos. Segundo o conhecido historiador econômico George Soule, durante os primeiros anos da Grande Depressão falou-se muito da probabilidade de uma revolução na América e da conveniência de alguma forma de comunismo no país. Pode-se ler sobre tudo isso no número de agosto de 1932 da revista *Harper's*. E, de fato, forças poderosas procuraram frear as reformas de Roosevelt. Basta lembrar quantas vezes a Suprema Corte decretou que suas medidas de regulamentação econômica eram inconstitucionais. A comunidade dos negócios sabotou-as abertamente.

Mudanças na balança de um país como o nosso provocam debates, discussões e previsões de desastre iminente. Mas estou convencido de que só se pode discutir a velocidade com que a economia soviética pode mudar para uma nova forma de operação, e não sua capacidade de adaptação.

Reconhecemos que nosso partido não tem sido capaz de acompanhar o ritmo da *perestroika*, da democratização e renovação de nossa sociedade. Isso, também, não deve ser superdramatizado, pois devemos ter em mente que o partido continua a operar principalamente dentro de suas velhas estruturas pré-*perestroika*. Necessitamos de uma nova constituição para o partido, que será adotada no 28º Congresso do PC. * No próximo estágio, será preparado novo programa partidário.

O problema das relações interétnicas tornou-se preocupação extremamente grave para nós. Para ser honesto, deve-se dizer que ele sempre teve arestas agudas, às vezes amortecidas pela propaganda ou forçosamente suprimidas. Agora que a propaganda não mente mais e a força não é um fator, magoados sentimentos nacionais vieram à tona. Mas o paradoxo é que a energia nacional que teve as rédeas afrouxadas pela *perestroika* é prejudicial à *perestroika*, quando assume formas radicais, exageradas.

Não fazemos segredo dos problemas existentes nas relações entre as repúblicas, regiões autônomas e o centro. São, entretanto, problemas políticos e, em princípio, podem ser resolvidos com a ajuda do centro. Os prolemas de relações étnicas que causam separatismo são mais difíceis de resolver. Como foi concebida, a *perestroika* deve resultar na união de nossas nações numa base fundamentalmente nova.

Estou convencido de que muitas tensões serão removidas ou, no mínimo, aliviadas pela expnsão da economia, maior independência econômica das nações, melhor legislação e um genuíno império da lei. Por mais paradoxal que possa parecer, em nossa sociedade super-regulamentada, o mecanismo regulador — a lei — tem-se mostrado fraco. A reforma política, pela primeira vez na história do nosso estado, nos habilita a projetar e adotar leis que reflitam a vontade e os interesses do povo.

□ □ □

Já não vivemos numa época em que alguns estados ou mesmo um importante grupo de estados possam decidir tudo no mundo. Hoje necessitamos de um consenso, uma abordagem internacional dos problemas globais — não porque seja um imperativo moral, mas por razões objetivas, porque o mundo é um todo único e independente, no qual o chamado Terceiro Mundo já desempenha e continuará a desempenhar um papel cada vez mais importante.

Tracemos novamente uma analogia com o passado da América. Não estaremos agindo como aqueles políticos que não viam grande perigo na crise de 1929 e esperavam que esta passasse por si própria?

Bem diante de nossos olhos, o mundo está resvalando para uma profunda depressão econômica. A dívida das países do Terceiro Mundo, os juros que têm de pagar e o ritmo de seu desenvolvimento econômico — não são sinais de uma crise iminente? A resposta, entretanto, tem sido a mais inadequada. As medidas adotadas até agora só podem mitigar temporariamente ou retardar algumas tendências. Não oferecem uma saída ou uma solução. São necessárias medidas radicais, ousadas, uma espécie de *New Deal*, uma transição para uma política que leve os países em desenvolvimento para a revolução científica, tecnológica e informática. Será necessário superar uma certa barreira psicológica, ir além das preocupações nacionais e começar a pensar em termos globais.

Na verdade, demoramos a adotar o novo pensamento. Serão necessários enormes esforços para recuperar o tempo perdido. E isso não é fácil.

É minha convicção que a primeira coisa que devemos rejeitar e abandonar é o total e generalizado controle ideológico em nossas relações. Continuaremos diferentes, cada um com seus próprios interesses e suas próprias realidades. À primeira vista, nossos conjuntos de conceitos são incompatíveis. No entanto, se algumas de suas camadas externas forem removidas, pode-se verificar que estamos falando das mesmas coisas — liberdade, igualdade e justiça. Isso possibilita a formulação de um amplo consenso internacional baseado nas idéias de solidariedade humana universal, nos direitos e liberdades do indivíduo, e numa preocupação com a paz e o ambiente natural e espiritual do homem.

A dissuasão nuclear mútua é outra fonte de tensões. Não simplifiquemos demais nossa atitude em face disso, embora, devo admitir, nós mesmos sejamos freqüentemente culpados dessa supersimplificação.

Damos o devido crédito a essa doutrina, reconhecendo que por um longo período de tempo foi de certa utilidade para manutenção da paz. A questão, entretanto, é que os novos tempos exigem uma nova política, porque a dissuasão nuclear perpetua inevitavelmente as relações de confronto entre os estados.

Estamos convictos de que as armas nucleares devem ser abolidas. Na verdade, temos necessidade de pensar quais os nossos rumos e qual deve ser o ideal realista de nossa coexistência. Conhecemos bem o código de confronto e os limites da escalada, mas temos pouco conhecimento das regras de ação conjunta e cooperação. Não será tempo de começar a preencher essa lacuna?

> **Estamos sendo criticados por estarmos minando as bases do socialismo**

□ □ □

Aos que continuam a refletir sobre o problema de ajudar ou não à *perestroika*, gostaria de dizer que, se pensam em termos de caridade, estão enganados. Não estamos pedindo isso. A cooperação entre nós tem de ser mutuamente benéfica, atendendo aos interesses de ambos os lados.

Agora, estamos adotando medidas firmes, incluindo ação legislativa, para tornar nossa atividade empresarial compatível com a de vocês. Não é uma caminhada fácil. É provável que surjam problemas, particularmente devido à não conversibilidade do rublo.

Saudamos a declarada disposição do governo Bush para tornar a política regional livre de elementos de rivalidade entre as URSS e os EUA, entre o Leste e o Ocidente. Esse "desengajamento" já começou, produzindo resultados práticos em várias regiões.

Não estaria sendo sincero se dissesse que os resultados até agora são plenamente satisfatórios. Não são. Os conflitos continuam, e nossos esforços nem sempre são coerentes e às vezes não produzem os resultados desejados. Mas foi dada a partida, e devemos nos basear no equilíbrio de interesses criado através dos esforços de ambos os lados.

O fato de ter sido tão difícil lançar as bases para nossa cooperação é um bom motivo para termos esperança de que as fundações são sólidas. Pois qualquer grande estrutura pode ser realmente sólida se está apoiada em interesses nacionais ou simplesmente humanos. Se esses interesses são apoiados por sentimentos e pensamentos genuínos. Se são sustentados pela vontade de proteger os resultados do trabalho feito.

Para concluir, permitam-me enfatizar minha convicção de que a coragem é a coisa mais importante na política de hoje. Atualmente, não basta ser um realista que vê a vida como ela é. Além disso, é preciso visão e até idealismo e um agudo senso de inovação. Olhemos para a frente, para o futuro, em vez de nos mantermos voltados para o passado.

* *Nota da redação. O 28º Congresso do PC da União Soviética será realizado em outubro de 1990.*

A reforma do ensino deve ser cautelosa

As experiências de reforma educacional dos países desenvolvidos são úteis. O perigo é copiá-las sem crítica

Cláudio de Moura Castro

A Lei de Diretrizes e Bases da Educação está por ser revista. Voltamos assim a discutir a veneranda questão: Onde pendurar a formação profissional? Certamente, ela merece ser discutida. Há pesados custos nesta formação e há também o futuro de uma geração e as conseqüências para o país de soluções desastradas.

Como em todas as ocasiões deste gênero, são momentos em que se confrontam as utopias com as defesas da ordem (ou da desordem?) reinante. O momento abre possibilidades de mudanças bem-vindas e corajosas, tanto quanto para reformas trapalhonas e irrealistas — como a de 1970 que obrigou todas as escolas de segundo grau a se tornarem profissionalizantes.

Falta a alguns a coragem de mudar e enfrentar o desconhecido. Sobra ingenuidade e desconhecimento da natureza das organizações aos que propõem reformas mirabolantes. Andando na contramão das pessoas que inevitavelmente vão implementá-las, não há reforma que dê certo.

Há uma arte de reformar e consertar instituições. É como saber equilibrar-se em uma estreita pinguela. É preciso evitar cair no lado do excesso de temores e das oportunidades perdidas. Do outro lado, desaba-se no mundo dos sonhos impossíveis, cheios de emendas piores do que os sonetos.

Uma saudável vacina contra as utopias impossíveis é ver como outros países resolvem tais problemas. Embora cada país tenha as suas coisas próprias e que as instituições que vicejam em um possam falhar em outros, há sempre muito a se aprender nestes passeios internacionais. Proponho duas regrinhas práticas para rever estas experiências. Primeira: o que funciona acolá pode não funcionar dentre nós. Segunda: o que não funciona acolá corre graves riscos de também não funcionar dentre nós (Cabe ao proponente mostrar porque falhando alhures funcionará conosco).

Vejamos como os países industriais organizam a sua formação profissional. Comecemos a nossa volta ao mundo com os três países cujos sistemas são unanimemente tomados como o modelo de maior êxito: Alemanha, Suíça e Áustria. Fixemo-nos na Suíça (os outros apresentam pequenas variações que não têm conseqüências para os argumentos aqui apresentados). Ao chegar ao décimo ano de escolaridade, três quartos dos alunos deixam a escola regular para entrar nos cursos de aprendizagem. Ali eles passam quatro anos, a metade do tempo trabalhando em uma empresa e a outra metade em um centro de treinamento, estudando matérias tecnológicas, línguas, matemática, ciências etc. Ao fim disto tudo, submetem-se a um exame. Há 300 profissões oferecidas, indo desde ferreiro a funcionário de banco. Note-se que ao entrar para o programa os aprendizes se separam dos seus colegas que se encaminharão para a universidade e perdem também o direito de postular a sua entrada no ensino superior. Suas carreiras fecham a opção universitária no momento da matrícula na aprendizagem. Mas nem por isso estão bloqueados em sua trajetória ocupacional. Não são poucos e nem raros os diretores de bancos suíços que começaram como aprendizes — e, portanto, não têm curso universitário.

As principais características do sistema são o alto prestígio destes cursos de aprendizagem, a solidez teórica e prática da formação recebida e a proximidade dos cursos ao mercado de trabalho. Conhecido como Sistema Dual (por combinar trabalho e estudo), é o cavalo de batalha da assistência técnica alemã que tenta exportá-lo a qualquer custo para outros países. Estes esforços muitas vezes não foram bem-sucedidos, por conta de dificuldades de coordenar o emprego com o curso, mais o acompanhamento nas empresas e outras complicações práticas.

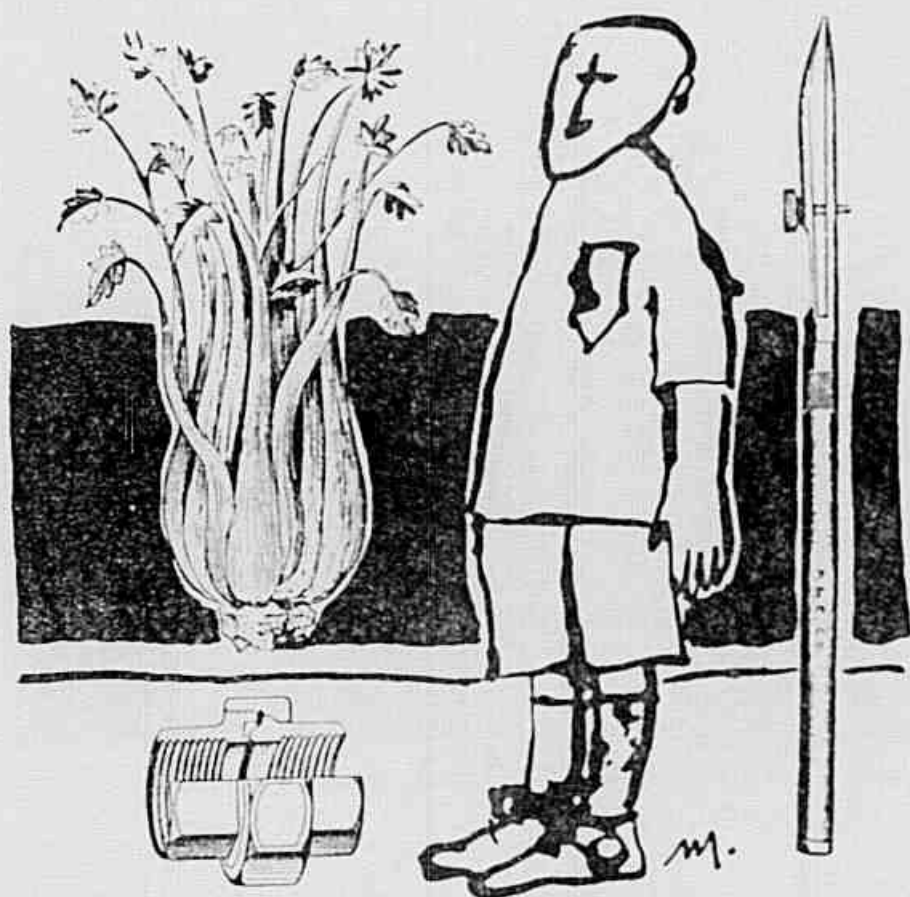
O sistema francês é bastante diferente. É importante frisar que teve muitos imitadores. Portanto, entender o sistema francês é entender muito do que acontece pelo mundo afora.

A maioria dos jovens franceses freqüenta cursos que têm, pelo menos no papel, o mesmo nível acadêmico (isto é, não impedem o acesso à universidade). Mas note-se que não é um sistema único onde todos os alunos freqüentam a mesma escola. A partir do início do secundário, aparecem as bifurcações. Sem entrar nos detalhes, há o caminho do "collège" para os academicamente mais ambiciosos e que visam a um curso superior. E há o caminho dos liceus técnicos que oferecem uma formação profissional. Embora as portas das universidades não estejam legalmente fechadas para este segundo grupo, na prática o acesso é difícil.

Vale enfatizar que estes liceus técnicos tendem a ser de boa qualidade, tanto na parte prática quanto na teórica. Sua desvantagem principal reside em uma certa rigidez curricular e no seu distanciamento dos mercados de trabalho. Os ministérios da educação, aqui como lá, são pesados e pouco sensíveis às necessidades das empresas. Para compensar tal rigidez, a França é pródiga em cursos avulsos de curta duração, em muitos casos, ligados a um sistema reminiscente ao nosso SENAI (desconto em folha de um tributo para formação profissional).

Mas quando reproduzido em países em desenvolvimento, os liceus técnicos nem sempre sobrevivem bem. Suas fraquezas, toleráveis na França, são amplificadas nestes países. A menor aceitação das ocupações manuais nas sociedades menos industriais reduz excessivamente o seu prestígio. Dificuldades financeiras minam a parte profissional dos currículos. A dinâmica das escolas distancia os programas do mercado de trabalho. Não se pode dizer que seja um sistema falido nos países que o adotaram. Há diversos casos de êxito, pelo menos parcial. Mas tampouco é um sistema muito robusto.

Outro sistema muito importante em termos de sua influência sobre outros países é o americano. Sua característica mais marcante é manter até o fim do segundo grau todos os estudantes sob o mesmo teto. É a chamada escola "comprehensive", politécnica ou diversificada. Tudo que é para acontecer antes do ensino superior é feito ali mesmo. Latim, solda, meditação transcendental, cestaria e matemática compartilham o mesmo prédio. A beleza do sistema é que todo o grupo permanece junto até o fim do secundário, não havendo triagens progressivas, onde alguns são desviados para as formações profissionais e outros mantidos nas avenidas que conduzem à universidade.

Por estas razões, este sistema se mostra muito sedutor para outros países. Curiosamente, atrai grupos muito disparatados. Atrai aqueles mais preocupados com eqüidade e igualdade de oportunidade, geralmente, grupos situados mais à esquerda. Mas atrai também aqueles que tiveram muito contato com os Estados Unidos — e que tendem a estar mais para a direita.

Tal como o sistema francês, trata-se de uma solução muito imitada. O Banco Mundial, sempre muito a reboque das maneiras americanas de fazer as coisas, financiou no Brasil muitas escolas deste tipo. Ainda que não admitam a influência americana, muitos outros países tendem a sair com coisas parecidas. Esta é uma solução meio inevitável quando se tenta manter todos os estudantes juntos até o fim do secundário.

Infelizmente, este parece ser um dos modelos de mais difícil aclimatação em países menos industrializados. Tal como o modelo francês, aqueles defeitos que são toleráveis em seus países de origem tendem a se amplificar na periferia. Viram monstrengos feiosos quanto distanciados das luzes da industrialização. Nos próprios Estados Unidos, como nos revela um relatório da Carnegie Commission, o êxito da "comprehensive school" em oferecer formação profissional é altamente discutível. Já que a escola não pode permitir a evasão dos seus alunos, os mais problemáticos são empurrados para os ramos profissionalizantes. Isso é quase uma punição. Cria-se então dentro da escola um processo de triagem e segmentação dos alunos.

Em comparação com outros países que triam os alunos e os enviam para escolas diferentes, este sistema pode até ser pior, por estar o aluno cotidianamente defrontado com seus pares que seguem os caminhos prestigiosos da universidade. Todavia, em países como os Estados Unidos, onde atividades manuais são muitíssimo menos estigmatizadas do que no nos-

so, essa separação não tem conseqüências tão deletérias.

Parece haver um certo consenso entre os pesquisadores que acompanhavam estes assuntos: o modelo da escola polivalente ou politécnica de nível secundário é o que mais sistematicamente fracassa, fora de ambientes como Estados Unidos, Suécia ou Israel. Mas note-se que, nos Estados Unidos, há também uma rede pequena mais importante de cursos técnicos de nível secundário que correm paralelo às "comprehensive high schools". Estes são cursos fortemente especializados em certas famílias de ocupações, nada tendo em comum com o secundário convencional que tenta fazer tudo ao mesmo tempo. Por outro lado, boa parte das ocupações qualificadas passa cada vez mais a ser oferecida ao nível pós-secundário, sobretudo nos "community colleges".

Vale mencionar pelo seu peso e importância quantitativa os estilos do Leste Europeu. Nas suas linhas gerais, o que ali se faz não difere muito da estrutura francesa. Nestes países, a formação profissional se dá principalmente em escolas profissionais de nível secundário, correndo paralelo às escolas acadêmicas que são voltadas para preparar candidatos à universidade. A grande diferença é o gigantesco porte deste sistema de cursos secundários profissionais, em contraste com a alta seletividade dos secundários acadêmicos. Ao contrário da França, a maioria esmagadora é encaminhada para o profissionalizante. Países como a Alemanha Oriental oferecem este profissionalizante a quase toda a faixa etária e os demais países não deixam por muito menos.

No embalo da *perestroika*, a maioria destes países (exceto a Alemanha do Leste) está reformando o seu sistema profissionalizante. Ainda é cedo para dizer exatamente o que vai acontecer. Contudo, algumas tendências parecem já claras. Há descontentamento com o desempenho dos secundários profissionalizantes. Estão muito distanciados dos problemas reais das indústrias, tendem a ser rígidos em demasia e respondem com muito atraso à evolução tecnológica. Buscam-se hoje soluções mais leves, flexíveis e com laços mais estreitos com as indústrias. As propostas vigentes tendem a deixar o secundário com um currículo bem mais geral e com menos pretensões de preparar para o mercado de trabalho. Ficaria a verdadeira profissionalização para cursos técnicos subseqüentes e mais especializados. Um modelo similar aos "*community colleges*" americanos está sendo proposto. Busca-se também aproximar mais a formação profissional do mercado de trabalho. Veja-se, por exemplo, que na Bulgária cresce o número de programas operando com cursos encomendados pelas empresas e financiados também por elas.

A América Latina, apesar de pouco inspirada para questões de educação, na área de formação profissional gerou seu próprio modelo, inaugurado nos idos de 1940 pelo SENAI. De certa maneira, é uma mutação do sistema suíço-alemão. Coincide com este em oferecer a formação profissional em centros desvinculados do sistema acadêmico (e do Ministério da Educação) e por ter laços mais estreitos com o setor produtivo. A grande diferença é que a combinação simultânea de emprego e treinamento revelou-se difícil de operacionalizar em grandes escalas. A solução, praticamente universalizada no continente, é oferecer a formação profissional em tempo completo e, em seguida, conduzir o jovem aprendiz a um estágio nas empresas. Em linhas gerais, o sistema vem apresentando bons resultados. Um relatório recente do Cinterfor/Banco Mundial mostra um balanço muito lisonjeiro para esta fórmula latino-americana de formação profissional em centros especializados e relativamente próximos do mercado de trabalho.

O Japão distingue-se dos demais países industrializados por concentrar a formação profissional nas grandes empresas. O secundário, de excelente qualidade e muito competitivo, apenas oferece um programa geral com muita matemática e ciência. A preparação para o trabalho é feita nas empresas depois de contratado o jovem. Pela sua própria natureza, tal sistema só pode funcionar no Japão, onde a rotatividade do pessoal entre empresas é próxima de zero. Note-se também a fragilidade da preparação dos que vão trabalhar em pequenas empresas.

Finalmente, por uma razão muito especial, vale mencionar o sistema inglês. No bojo da crise econômica que abalou aquele país nas últimas décadas, houve uma grave deterioração no volume e na qualidade da formação profissional. Como resultado, há hoje consenso acerca das conseqüências nefastas que este desinvestimento teve sobre a indústria britânica. Apesar de que se recuperaram os níveis de gastos com treinamento e que algumas soluções altamente inovativas foram criadas, o país ainda paga o preço de ter permitido uma queda na qualidade da sua força de trabalho. Que esta lição não passe despercebida das nossas gentes!

Na high school pelo menos os estudantes aprenderão a consertar ferro de engomar

É muito difícil mudar as instituições segundo os nossos desejos. Mas não é difícil destruí-las nas tentativas de mudanças

Como ficamos nisso tudo, diante dos reacionários e dos utópicos que breve se defrontarão, brigando pelos seus modelos?

Uma das lições principais que se pode derivar disso tudo é a fragilidade das soluções que propõe a coabitação da formação acadêmica com a formação profissional. Este tem-se revelado um casamento com incompatibilidade de gênios. De resto, mesmo os países do Leste Europeu jamais fizeram conviver nas mesmas escolas os que vão para a universidade e os que necessitam adquirir ofícios manuais especializados. Mais ainda, nestes países, a própria solução mais branda dos secundários profissionalizantes está em via de reforma.

Uma advertência ao apontar tais exemplos é que são todos de países ricos que se podem permitir certos luxos. Por exemplo, quando se descobre que a "high school" americana não profissionaliza, a conclusão filosófica é que pelo menos aprenderão a consertar ferro de engomar ou pendurar quadros na parede. Ora, em nosso país estamos longe de poder nos permitir tais prodigalidades. Antes de oferecer "hobbies" a jovens de classe média temos que atender aos que necessitam de uma profissão.

Cuidado adicional deve-se ter ao definir em que níveis serão oferecidos este ou aquele tipo de profissionalização. Não é porque assim se faz nos Estados Unidos que devemos fazer igual. Já fizemos o erro de oferecer profissionalização em níveis altos demais, todos os que tão longe chegavam já haviam perdido o interesse por tais carreiras. Pelo fato de que dá certo preparar lanterneiros nos "community colleges" americanos não significa que devemos fazer igual. Quem chega ao ensino superior no Brasil não se presta a desentortar pára-lamas.

Que aprendemos disto tudo? Tentemos encontrar alguns denominadores comuns.

(i) Há uma hierarquia de prestígio e *status* nas ocupações. Quando instituições misturam sob seu teto áreas muito díspares, há um grande perigo de que se depreciem de tal modo as de *status* mais baixo que se frustrará o ensino destas menos prestigiadas. Daí que no ensino vocacional funcionam melhor as instituições especializadas (dentro ou fora do sistema formal) que, separando os alunos, podem criar uma atmosfera mais propícia ao que tentam ensinar.

(ii) As instituições secundárias de cunho acadêmico e que conduzem ao ensino superior tendem a ter dificuldades em aproximar-se o bastante das necessidades do setor produtivo. E sem esta aproximação, torna-se maior o risco de disfunções graves.

(iii) É muito difícil mudar as instituições segundo os nossos desejos. Contudo, não é muito difícil destruí-las nestas tentativas de mudança.

São muito salutares os esforços de rediscutir nosso ensino profissional. Mas não tem sentido repetir em grande escala experimentos que falharam alhures, às vezes até em condições mais favoráveis. Novidades radicais devem passar por etapas experimentais onde sejam testadas em pequena escala, para que não seja muito grande o prejuízo se não derem certo. O que dá certo em projetos-piloto pode ser candidato a uma vigência mais ampla. O que falha nesta fase é candidato, no máximo, a um enterro de luxo.

Arquitetura

O claustro moderno do século 21

O conjunto La Villette, em Paris, confina o público num cenário fechado de um monastério sem êxtases

A arquiteta e aluna do mestrado de filosofia da UFMG, Hygina Bruzzi de Melo, é a autora da tradução do texto de Jean Baudrillard, em quem se baseou para escrever seu livro A cultura do simulacro. *De acordo com ela, na apresentação que faz do filósofo, ele é "uma das mais controvertidas figuras do pensamento francês das três últimas décadas".*

'É pela argúcia, pela atenção poligonal, com que nos descreve a sociedade de consumo e a cultura de massas, que ele se impõe como um pensador extremamente original", explica Hygina. "Assim, a quem quer que hoje se aventure na compreensão do mundo da imagem, seria aconselhável uma passagem pelo universo inquietante e exigente que é a obra de Baudrillard, para acompanhá-lo com a experiência de um novo olhar e de um modo mais eficaz de interrogar o mundo contemporâneo", diz a arquiteta.

*Baudrillard nasceu em 1929. Seu doutorado foi orientado por Roland Barthes, e tese publicada em 1968 (*O sistema de objetos, *São Paulo, Perspectiva, 1969), ainda sob influência do estruturalismo e da semiologia dos anos 60, trajetória que ele progressivamente abandona. Atualmente, o pensador francês leciona na Universidade de Nanterre e é professor visitante de várias instituições de ensino superior nos Estados Unidos e Japão. Faz parte do Centro de Estudos sobre o Atual e o Cotidiano da Sorbonne.*

O texto editado em Belo Horizonte faz parte de um livro editado em Paris sobre o Parque La Villette. Segundo a tradutora Hygina, os textos sobre arquitetura, o design *e a vida urbana pontuam com certa freqüência a obra de Baudrillard. 'Quem, contudo, desavisadamente alimentar a expectativa de um discurso especializado, ou de uma crítica da arquitetura no sentido estrito, certamente vai se surpreender com a emboscada que Braudrillard prepara à conduta afirmativa da arquitetura", comenta Hygina.*

Beatriz

Jean Baudrillard

Após o hiper-realismo vertical, moderno, maximalista dos grandes conjuntos culturais, eis o hiper-realismo horizontal, minimalista, conceitual, pós-moderno de La Villette. No funo, ninguém é capaz de fazer *tabula rasa*, nem de imaginar um espaço conceitual desconstruido, despojado das conotações mortas da arquitetura e da vida cotidiana. Por que não abrir espaço para a ilusão total, por que não construir uma gigantesca câmara negra, onde pudéssemos passar do outro lado da objetiva (lado pelo qual somos vistos, pelo qual o objeto nos vê), ou então um gigantesco holograma, por onde poderíamos ser introduzidos no interior da luz, tornando-nos, nós mesmos, corpúsculos luminosos, transformando-nos em nossa própria alegoria luminosa? Sobre o xadrez de Alice, além do espelho, tudo pode acontecer, na passagem de uma casa a outra.

Quanto mais a vida cotidiana se corrói, se populariza, se banaliza, se interativiza, tanto mais é necessário contra-atacá-la por meio de objetos e regras de jogo complexas e iniciáticas. Quanto mais a realidade (a da arquitetura, a do sujeito, a de vida cotidiana, a da arte) se reconcilia com seu conceito numa generalidade sem objeto, tanto mais se torna necessário buscar a ruptura iniciática e o poder da ilusão. Se não podemos fazer do mundo objeto de nossos desejos, podemos pelo menos fazer dele o objeto de uma convenção superior, que é justamente o que escapa a nosso desejo (ufa!). Toda ilusão, toda iniciação passa por uma regra severa. Cada objeto recém-criado deve responder a todas as dimensões simultâneas do jogo, cujo leque de categorias Caillois se encarregou de estabelecer. Reencontrar todas as dimensões do jogo em uma só: o aleatório, o vertiginoso, o agonóstico e o alegórico. Recompor o espectro: uma obra, um objeto, um parque, uma arquitetura, uma antiarquitetura, um crime, um acontecimento, tudo isso deve ser a alegoria de algo, o desafio a alguém, colocando em jogo o acaso e provocando a vertigem.

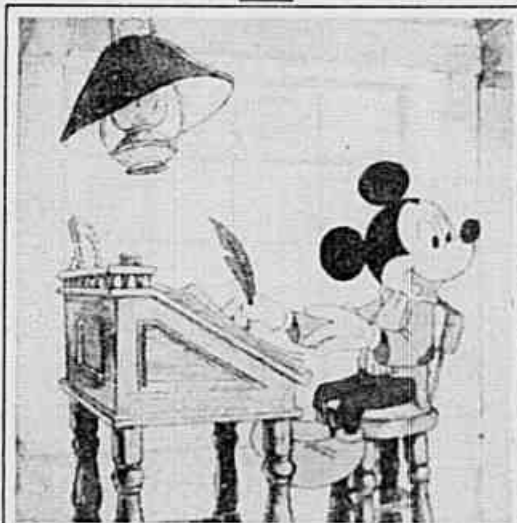
Walt Disney inaugurou a era da paralisia infantil da imaginação

A iniciação se opõe, decididamente, à justaposição das coisas. Ela é um percurso irreversível. Ninguém sabe aonde leva, mas sabe-se que, tanto quanto em qualquer jogo, não se trata aqui de um contrato, negociável e reconciliável — trata-se de um pacto. É impossivel vagar sobre um tabuleiro de xadrez, tal como se fosse uma *videotela minitel* ou uma quadra poliesportiva; não há versão pós-moderna do jogo de xadrez, nem de sedução, nem de qualquer outro jogo. Ou antes, para ser mais exato; há um florescimento de jogos pós-modernos. Não são mais jogos iniciáticos, porém; são jogos interativos, táticos, lúcidos — trata-se de outra coisa. Talvez a arquitetura, ela própria, tenha se tornado "outra coisa". É possível que tenha renunciado ao compromisso. Existe um pacto de arquitetura? Um pacto iniciático, aquele que muda as coordenadas do real e da ilusão, aquela linha para além da qual os visitantes, por exemplo, do parque de Tschumil pudessem ser iniciados em um outro espaço, seduzidos por um outro objeto que não o seu próprio comportamento cotidiano (sintetizado e reduzido, é verdade, mas o que importa se o subúrbio aí encontra uma residência secundária — tudo isso, em resumo, tem um ar de condescendência: o subúrbio é um universo original que não necessita ser repatriado, não necessita nem mesmo de jardim de aclimação). Numa extrapolação violenta e livre, eu diria a mesma coisa do objeto, da massa, do mundo tal qual ele é: são coisas originais, que não têm necessidade de serem justificadas, repatriadas, solicitadas ou encenadas (sobretudo a arquitetura, que deve antes de tudo tratar de ser ela própria um objeto imanente e inapelável.

Em outros tempos, víamo-nos ameaçados por nosso duplo, todas as coisas estavam ameaçadas por seu duplo, hoje elas o são por sua residência secundária. Museu: residência secundária para as obras. Parque: residência secundária para as árvores e a paisagem. Galerias de comércio, feiras de exposição: residências secundárias para as mercadorias e para o valor de troca. Áreas livres, locais de expressão múltipla: residências secundárias da espontaneidade e da criatividade. *Minitels roses**; residências secundárias da sexualidade. A tela, todas as telas em geral: residências secundárias da imagem e da imaginação.

Não se arrisca, a própria arquitetura, em se tornar a residência secundária do espaço — um lugar onde se tenta salvar um espaço simbólico em extinção, ou manejar vazios, interstícios no espaço operacional, um asilo espacial em última instância, com pequenas loucuras preventivas? Sugerir uma ligeira loucura, uma discreta neurose do espaço como alternativa para fazer face à psicose que nos ameaça a todos? Há um risco da arquitetura como simples terapêutica do espaço como se este fosse uma forma em extinção ou um doente. Ainda bem que os parques são sempre feitos para as sombras. O que é um parque sem as sombras que nele circulam? Abstrações encantadoras que contam umas às outras a vida passional do mundo que as rodeia (já bem longínquo), que dizem umas às outras, ao longo das diagonais e das *promenades* cinemáticas, das paixões e dos prazeres da arquitetura. Sombras ciumentas, entretanto, das quais é preciso desconfiar.

É sempre o mesmo problema: a arquitetura, como a pedagogia, como o poder, esforça-se em desaparecer para deixar transparecer não se sabe qual verdade, qual realidade social, qual criatividade que nada estaria pedindo, a não ser surgir e falar. Implanta-se o significante que flutua, regras do jogo flutuantes, a fim de que o sentido e os atos aí possam desabrochar livremente. Implantar uma rede descontruída, uma trama de descontração que confere a um sujeito hipotético toda a autonomia para inventar suas próprias regras do jogo. Mas as regras do jogo jamais são próprias, nem propriedades de ninguém. Isso é uma utopia. É preciso contar com a reversão inelutável de todo modelo, qualquer que ele seja. Se se constrói uma televisão de alta definição cultural, o público terá dela um uso vulgar e redutor: é nisso que ele será o autor autônomo que se pretende que ele seja. Se se lhe oferece uma televisão vulgar, de baixa definição, ele fará dela um uso complexo ou desenvolto, buscará sua autonomia ora na inferioridade, ora na superioridade do modelo. Não há privilégio de uma ou de outra; assim, não há jamais nenhum estado constitutivo nem desconstrutivo da cultura. Se se lhe serve a desconstrução, trata-se ainda de uma escolha nomativa e inteligente — não há qualquer razão para que um público ou uma massa lambada não se oponha decididamente a uma escolha inteligente tanto quanto a uma escolha estúpida. Se se lhe oferecem estruturas rígidas, eles inventarão a flexibilidade, se se lhes apresentam as flexíveis, inventarão outra coisa — tal como fazem as crianças com seus brinquedos. Essa reação, nenhuma arquitetura, nenhuma prospecção é capaz de inte-

grar. Ela pode integrar, com grande sutileza, o imaginário tecnológico e filosófico de sua época, ainda que cada vez existam mais coisas impossíveis de serem imaginadas, visto que elas habitam vida corrente, freqüentemente realizadas com mais evidência e felicidade que qualquer projeto artístico ou imaginário.

Sobre que campos de novos desejos, individuais e coletivos, pode atualmente se abrir um projeto arquitetônico? Não só os espaços geográficos, mas todos os espaços mentais já foram colonizados. Todos os fantasmas já foram solicitados, extirpados e congelados. Um a um, os dois hemisférios de nosso cérebro foram beatificados. Walt Disney inaugurou a era de uma paralisia infantil da imaginação — o vírus da onitopausa, bem mais perigoso que o da menopausa, estágio já ultrapassado de nossas culturas, ameaça qualquer empreendimento projetivo, e por excelência a arquitetura, na medida em que ela não pode mais reclamar para si uma imaginação projetiva do indivíduo ou do grupo relativamente a seus próprios desejos. Qualquer que seja tal campo, nenhuma arquitetura, nenhum projeto é capaz de integrar em seu cálculo essa distorção, essa perversão, essa forma sutil de sedução que é o próprio poder antagônico do objeto, o qual não pode vir de fora, de um ponto cego. No caso, de um público opaco em sua incompetência para antecipar o que deseja. É simples: sua desconstrução não é certamente a mesma do programa. E isso não é uma objeção ao programa, visto que ela não pode ser programada. É necessário, muito simplesmente, evitar iludir-se, pois o programa é sempre um contrato, e nada lhe resta senão preencher os termos de seu contrato. Mas ele não dá conta do pacto simbólico, da cartada iniciática que se desenrola no nível do objeto e do parceiro enigmático — essa parte maldita que impregna a materialidade das coisas, do acidente, da resistência, da denegação cega, do gênio do mal, da massa, da indiferença, das paixões antiprogramáticas. O próprio objeto é sempre algo como o monstro de *Alien* espreitando nos circuitos do foguete. Esse programa busca — eis seu papel — circunscrever essa parte maldita. Ele se obriga, em seu foro íntimo, a absorver-lhe as vibrações malignas. Trata-se de uma ilusão necessária. Mas, afinal de contas, é possível uma arquitetura da parte maldita? Paul Virilio, ao propor um Museu do Acidente, apostava em algo extremamente arriscado. O máximo a que a arquitetura pode almejar é ser a alegoria ideal da cidade, mas a parte maldita, esta escapa à sua conceituação (salvo entre os astecas, mas La Villette não é Teotihuacan). É a parte maldita que se apodera da arquitetura, a revela desta, transformando eventualmente suas produções em monstros.

Não se pode separar o conjunto de La Villette do conjunto dos monstros urbanos que surgiram ou vão surgir nos dias de hoje (deles Beaubourg permanece o protótipo) e que correspondem ao destino moderno da arquitetura, consagrada à teatralidade experimental na cidade que está, por sua vez, condenada à linhagem do urbanismo. O que quer que se faça, a arquitetura nada mais constrói, em sua força ambiciosa, senão monstros — na medida em que eles não testemunham a integridade da cidade, mas sua desintegração, não sua organicidade, mas sua desorganização. Não modulam o ritmo da cidade e de suas trocas: projetam-se sobre ela como destroços de espaçonaves provenientes de um obscuro desastre. Nem centro, nem periferia desenham uma falsa centralidade e, em torno de si mesmos, uma falsa movimentação; na realidade o que testemunham é a satelização da existência urbana. Sua atração é da ordem da estupefação turística e sua função, como a dos lugares de tráfego em geral, a de um lugar de expulsão, de extradição, de êxtase urbano. Aliás, todos os grupos marginais e da subcultura que aí se aglomeram buscam o seguinte: o êxtase vário, uma greve cosmopolita, um sítio parasitário.

Tal não é, certamente, o sentido das coisas, mas é, pelo menos, sua curvatura. Beaubourg, Forum, Défense, Villette, Bastille: já não se trata mais de objetos de comemoração, de irradiação, nem de contemplação, mas dos lugares de absorção e de dejeção, dos convertedores de fluxo, das máquinas *input-output*, mais próximas do Roissy que do Louvre, ainda que exibam o selo da arte, de cultura e do museu.

Parecem muito mais objetos extraviados de uma exposição universal que emanações da cidade, testemunhando o movimento cosmopolita e descompassado de nossas sociedades. Permanecem ainda o epicentro de uma utopia pesada, de uma culturalidade pesada, que não é capaz de desvencilhar de sua própria sombra. Com o Parque de La Villette parece desenhar-se o cenário de uma utopia mais leve, a de uma osmose de todas as atividades, a de uma função social, por assim dizer, clorofiliana; absorção das toxinas, regeneração das células e do ar ambiente por oxigenação — mas também a de um objeto que não mais se abre para a cidade, mas que se tornou ele próprio cidade, no sentido de que aí tornaria de novo possível o movimento e o burburinho, o que justamente não é mais possível em qualquer outra parte, onde só nos é permitido circular. Onde andar, observar, jogar, repousar resultam eles próprios numa "*folie*"**, numa fantasia.

Não se pode separar o conjunto de La Villette dos monstros urbanos, consagrados ao teatro experimental da cidade

Pode-se imaginar La Villette, o Parque de La Villette como o claustro moderno do século XXI. O claustro, o mosteiro, ele também engloba toda uma vida com suas atividades, mas é distinto da cidade e do mundo, implica uma deambulação contemplativa, preserva um movimento ordenado, "regular", e não se abre para a confusão "secular". Assume as obrigações do trabalho e do mundo, mas essas confinam com a súbita liberdade de andar, de pensar e de repousar próprias do claustro. La Villette como claustro, de que as alamedas são o ambulatório, as *folias* são as *capelas*, e os *jardins* são os divertículos. Um sonho... É verdade que no horizonte perfila-se a sombra compacta do Museu das Artes e Técnicas, e catedral *bunker* cuja presença já assinale um outro reino o do clericato e o fim dos *claustros*, e o Geodo, incrivelmente semelhante à bolha transparente que envolve os demônios depravados de Jerônimo Bosch, e a Halle, que viu correr mais sangue que todas as batalhas da Idade Média...

No Beaubourg, a arquitetura ainda é o invólucro de uma polissemia cultural, de uma aprendizagem social da cultura. Há ainda uma utopia moderna da cultura. Apesar de aí comparecer a soldo é numa promoção massiva, ela ainda não se confunde com a encenação pura e simples do modo de vida. É ainda um mausoléu. Mas tudo leva a pensar que continuamos irresistivelmente a avançar rumo a uma indistinção entre a cultura e a vida, rumo a uma denegação pela própria cultura de seus traços definitivos, e as múltiplas tentativas de aclimação das obras — em particular da arquitetura — à banalidade social, vão sempre nesse sentido. Desse modo, o conjunto de La Villette pode configurar-se, levando-se em conta todos os seus componentes, como o jardim de aclimação da vida cotidiana. Não se pretende mais criar o objeto excepcional, insólito, que incendeie a imaginação. Não. Cria-se uma antologia sinótica dos percursos urbanos, dos modos de ser urbanos, sintetizados em uma cohabitação experimental.

Ora, aí é que está o problema: nesse esmagamento, nessa erosão inelutável do relevo cultural, nesse deslizamento progressivo para a verificação pura e simples do social, e a indiferença do social diante de sua própria cultura, qual é o destino da arquitetura, na medida em que se pretende como a figuração hieroglífica, indecifrável, de uma vontade de potência que excede qualquer sociedade, e não apenas seu comportamento modal ou suas modalidades comportamentais? A invenção de um espaço público é, com efeito, uma grande coisa. Mas o que significa querer recriá-lo em um recinto designado e protegido (ainda que se tenha) quando todo o problema é o do desaparecimento do espaço público no resto da cidade? A não ser salvar a *idéia* do espaço público e inaugurar um museu do espaço público? Ali, em La Villette, estão todos os atores, todos os figurantes, os fantasmas da arquitetura, os da cidade, os da cultura, os da técnica, os da arte, numa distribuição mais completa e mais inteligente. Mas não há drama, tem-se a impressão que se vai assistir à reedição em estéreo e em circuito integrado, de seqüências ou de efeitos especiais suficientemente domesticados. Capilaridade demais, osmose demais, transições demais, vasos comunicantes demais, lubrificação demais, interação demais. O menor denominador comum da loucura e do delírio. Na realidade estes, os espaços devastados permanecem ali bem em volta, já os da cidade, na desconstrução, desertaram para bem mais longe que o Museu da Desconstrução Ideal que eles delimitam — tal como Los Angeles, lançada para muito além do *kitsch* fantástico que é a Disneylândia. É essa devastação, desertificação da cidade, que o parque e o museu procuram ocultar, exorcizar. Mas a cena verdadeira é a da cidade devastada e é entre esta e a Cidade Ideal que tem lugar o verdadeiro drama.

* *Minitel*. Trata-se de um sistema de prestação de serviços a domicílio que opera através de videotela e terminal de computador acoplados ao aparelho telefônico. O *minitel rose* é a modalidade erótica de tais serviços. Sem correspondente em nossa cultura urbana atual. (N.T.)

** "*Folie*": "loucura". O destaque do termo no texto original sugere uma alusão irônica à denominação conferida por Bernard Tschumi a seus objetos arquitetônicos. (N.T.)

O que eles estão pensando

As casas projetadas por arquitetos modernos são boas para morar?

Cláudio Bernardes
Arquiteto

■ Depende. Toda casa deve ser um reflexo da pessoa que vai morar nela, independente do estilo arquitetônico adotado. Portanto, a questão central para o arquiteto é conhecer bem o futuro morador, para traduzir seus anseios no espaço projetado.

João Ubaldo Ribeiro
Romancista

■ Não. Não sou autoridade no assunto, mas não tenho nenhum entusiasmo pela tão decantada arquitetura moderna e seus monstrengos de concreto, que sequer podem funcionar sem ar-condicionado. Na Paraíba, fecharam um centro cultural por falta de dinheiro para pagar a conta de luz.

Paulo Casé
Arquiteto

■ Depende. Essa pergunta, carregada de justificada ironia, revela uma crítica séria a um tipo de arquitetura muito desenvolvido entre nós, que tem privilegiado valores estranhos a uma verdadeira obra arquitetônica. É uma questão oportuna neste momento de revisão conceitual.

Ascânio MMM
Escultor

■ Sim, desde que o espaço interno obedeça a uma planta harmonizada com os limites do morador. O espaço amplo, característica das habitações modernas, pode se tornar enfadonho se exceder as necessidades do morador.

Rubem Braga
Cronista e crítico de artes plásticas

■ Depende. Ninguém gosta de morar numa casa toda envidraçada - um exagero do estilo moderno -, mas acho também que aqueles sobradões antigos são fechados demais. Me parece que em termos de comodidade, e principalmente, de higiene, a arquitetura moderna supera a antiga.

Adriano de Aquino
Pintor

■ Depende. O Rio está repleto de *caixas de mal-morar*, construções projetadas em função do lucro da indústria da construção civil. Mas há também os bons arquitetos modernos, comprometidos com a idéia de transformar o espaço em benefício do bem-estar humano.

O que ela está fazendo

Marilena Chauí

■ Militante do PT desde a sua fundação, a secretária municipal de Cultura de São Paulo, Marilena de Souza Chauí, dedica-se atualmente à releitura de sua tese de livre docência *As nervura do real: Spinoza e a questão da liberdade*, onde interpreta os textos do filósofo holandês. Além de analisar a questão dos falsos e verdadeiros profetas, destaca o rompimento de Spinoza com o dualismo de estilo cartesiano, para o qual o critério de verdade é exterior à própria verdade. "Se ninguém tem razão em política, é porque os homens são impulsionados por paixões e não pela razão", conclui. Defendida em 1977, a tese está sendo transformada em livro - ainda sem editora. Além de ministrar o curso de pós-graduação *Spinoza e a cultura judaica*, na USP, a secretária está empenhada em dois outros projetos. Criar uma Divisão de Literatura no Centro Cultural São Paulo e um Departamento Cultural no Diretório Municipal do PT, "para que o partido possa acumular experiências nessa área", declara a autora de *Cultura e democracia* (reeditado pela Cortez), e *O que é ideologia* (27ª edição pela Brasiliense), entre outras publicações.

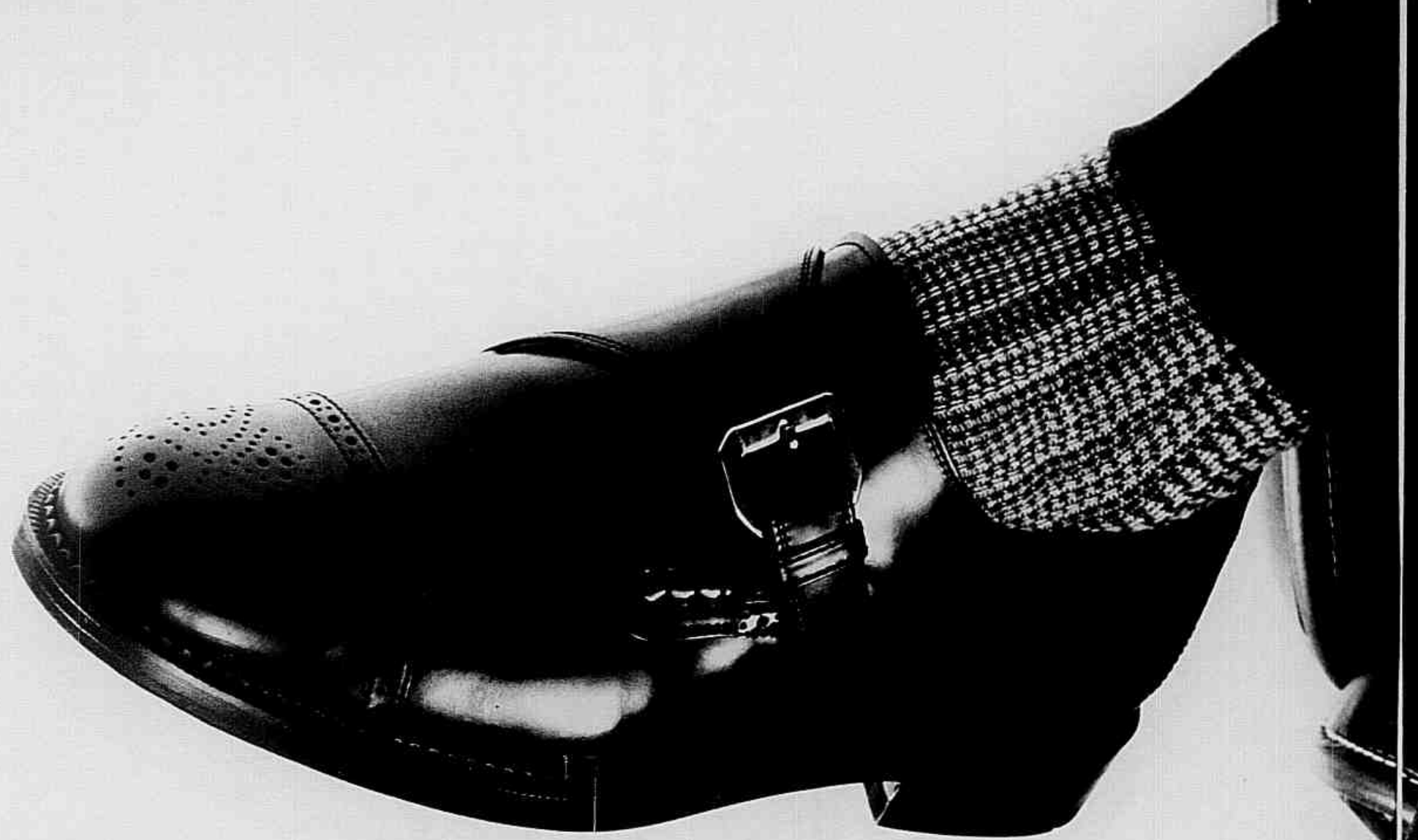
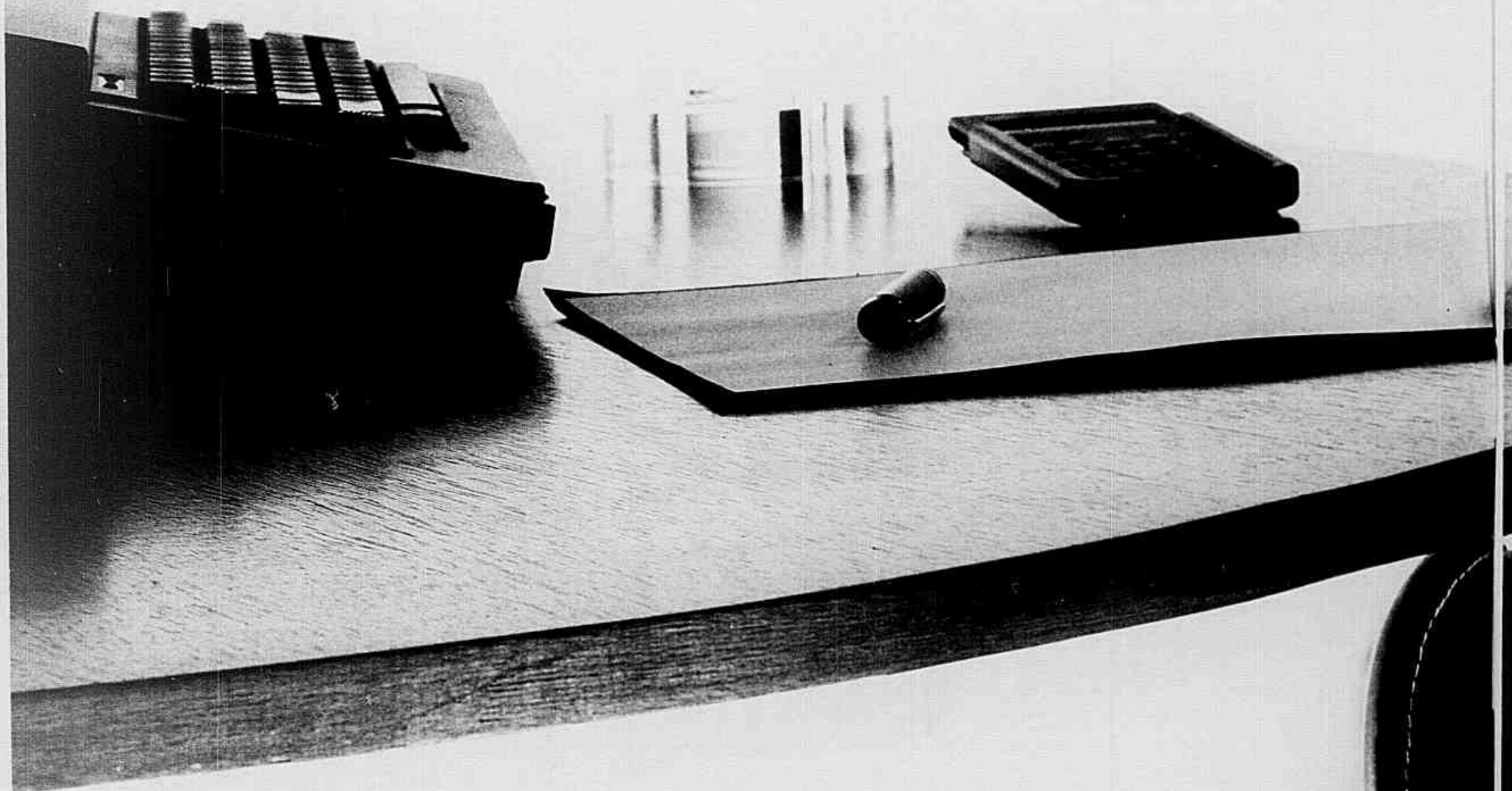
Feiffer

COM A RECUPERAÇÃO SOVIÉTICA-
O QUE ACONTECERÁ COM O ANTICOMUNISMO?
QUEM VAI EMPREGAR RICHARD PERLE? EDWARD LUTTWACK?
FRANK GAFFNEY? NORMAN PODHORETZ? MARSHALL GOLDMAN? A HERITAGE FOUNDATION?
EU, KISSINGER?
PRIMEIRO, O DECLÍNIO DOS EMPREGOS QUALIFICADOS
DEPOIS, O JAPÃO NOS ULTRAPASSA NO RAMO DA ELETRÔNICA.
AGORA, HÁ O IMINENENTE COLAPSO DA INDÚSTRIA DA GUERRA FRIA.
A AMÉRICA ESTÁ EM CRISE.

Ano 14, nº 704, 29 de outubro de 1989. Não pode ser vendida separadamente
JORNAL DO BRASIL

Domingo

Ana Kutner de Souza, 18 anos, como os hippies dos anos 60, sonha em morar no mato e adora Janis Joplin

Geração bicho-grilo

CALÇADOS TERRA
COURO & TALENTO

BOYS
BARRA SHOPPING ADULTO, INFANTIL - FÓRUM IPANEMA

CLAROSCURO
BOYS AND

CAN
TÃO
RIO / BRASÍLIA / SALVADOR / FORTALEZA / CURITIBA / RECIFE / ARACAJU

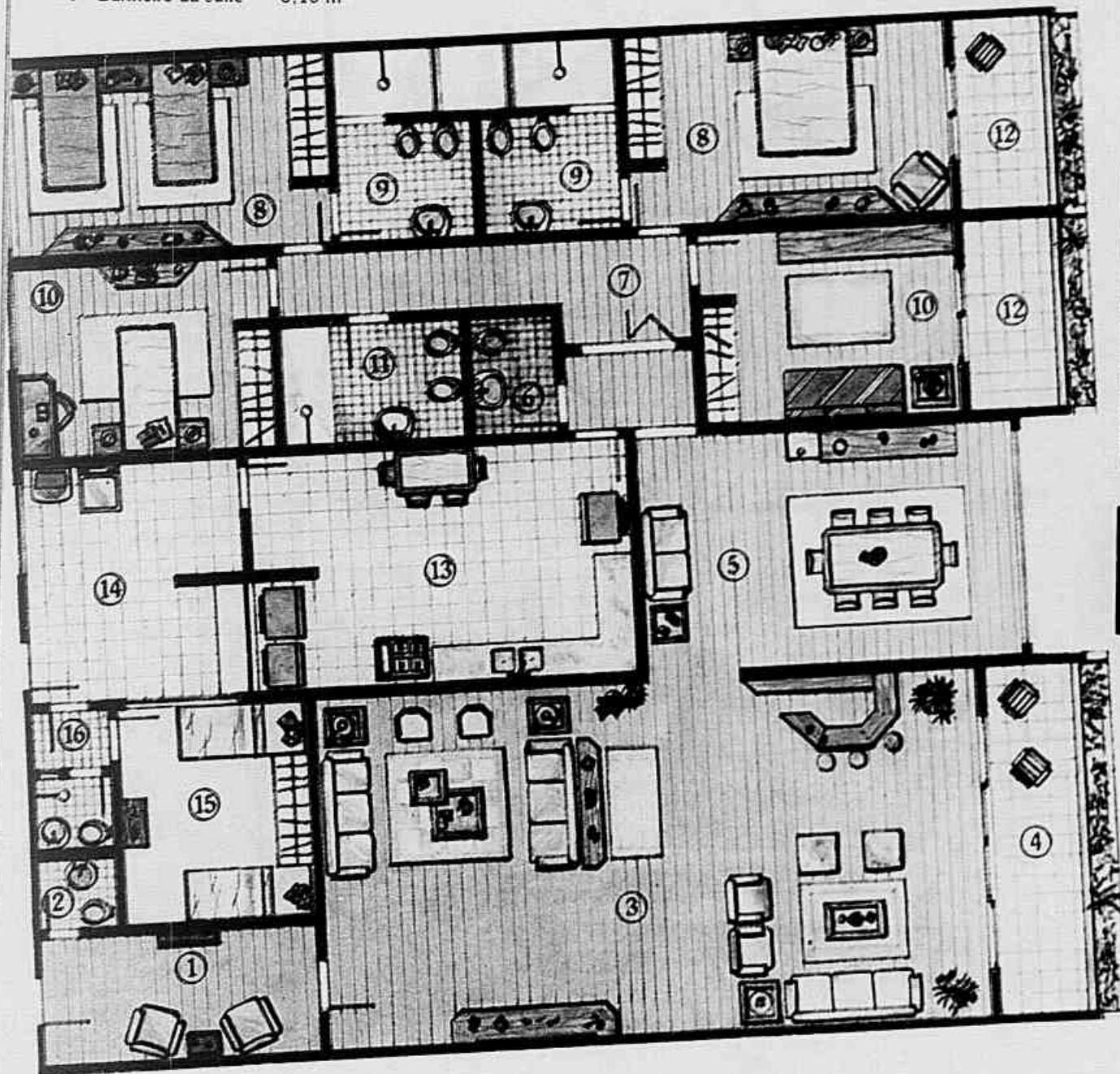
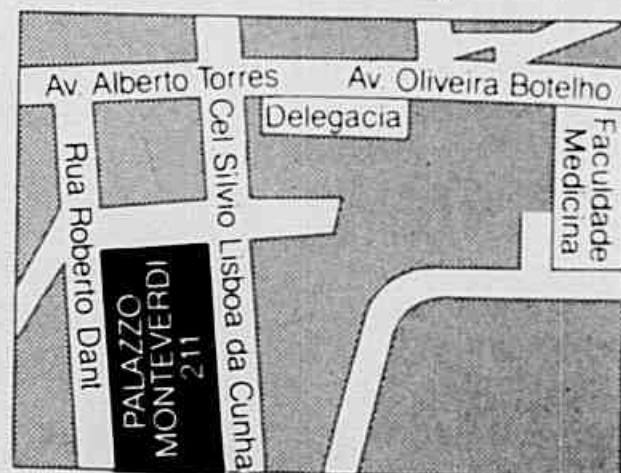
PALAZZO MONTEVERDI

Nada igual em Teresópolis

Para quem quer morar bem, com classe, sofisticação, segurança e exclusividade. Condomínio *Palazzo Monteverdi*, um projeto residencial que garante o estilo de quem sabe viver com requinte, tranqüilidade e bom gosto.

Área de lazer que oferece as melhores opções de um clube privê, com piscinas, saunas seca e a vapor, salão de festas e de jogos. Prédio todo ajardinado com portão e porteiros eletrônicos.

285 m² de área privativa para você viver com liberdade.

1 - Foyer	8,80 m²
2 - Lavabo	1,44 m²
3 - Living	57,75 m²
4 - Varanda	13,20 m²
5 - Sala de jantar	22,20 m²
6 - Lavabo	2,56 m²
7 - Circulação	10,11 m²
8 - Suite	15,30 m²
9 - Banheiro da suite	6,10 m²
10 - Quarto	12,30 m²
11 - Banheiro social	5,22 m²
12 - Varanda	4,20 m²
13 - Cozinha/copa	24,79 m²
14 - Área de serviço	10,36 m²
15 - Aposento para empregados	10,20 m²
16 - Banheiro para empregados	1,44 m²

A NOBREZA DE SUA LOCALIZAÇÃO
Alto de Teresópolis

Rua Coronel Sílvio Lisboa da Cunha, 211

Construção e Incorporação

PETRUCCELLI ENGENHARIA

Qualidade em primeiro lugar.

Informações e Vendas

Local: **742-1787**
Rio: **228-6595**
228-6816

CORRETORES NO LOCAL

Creci 10.938

LM PROPAGANDA

PRESERVE O
NATURAL.

CONVERSA DE DOMINGO

Sabe da última? Está pintando aí uma turma de gente cabeluda, que antevê a Era de Aquário, tece pulseiras, curte alimentação natural, planeja viver no mato, se amarra em Janis Joplin, Led Zeppelin, Pink Floyd e Mutantes. Não faz muito tempo, descobriu a Tropicália. Acreditem: a novidade foi apurada agora, outubro de 89, pelo repórter Sérgio Rodrigues, que conferiu a retomada do movimento hippie entre os jovens deste final de década para escrever a capa de **Domingo** — a partir da página 26. É incrível, mas essa turma pensa de maneira muito parecida com os cabeludos que tomaram o mundo na virada dos anos 60 e início dos 70. Vem aí "uma grande mudança energética no planeta", anuncia Ana Kutner de Souza, 18 anos, filha de Dina Sfat e Paulo José, que na hora agá pretende estar vivendo no mato, embalada pela voz áspera de Janis Joplin. É sério.

Eduardo Coutinho, fã dos Mutantes e Pink Floyd

Na véspera dos 90, eles redescobriram uma velha maneira de enfrentar velhos conflitos. É natural, acredita Luiz Carlos Maciel, 51 anos, o escritor que mais fez a cabeça dos cabeludos de 20 anos atrás. "Os hippies passaram a ser considerados velharias, mas nenhum dos problemas que determinaram seu surgimento foi resolvido." Como se alguma coisa tivesse ficado engasgada na garganta de uma geração para se manifestar mais tarde. Eles estão de volta, os hippies e os yippies (*Youth International Party*), também. É o caso de Eduardo Coutinho, 22 anos, colaborador do jornal sandinista *Barricada Internacional*, fã dos Mutantes e de Pink Floyd, cabeludo de pontaria atestada em 86, quando acertou um ovo no Landau do embaixador dos EUA na ONU, Vernon Walters. **Domingo** pegou carona no assunto de capa e trouxe de volta para as suas páginas Elvis Presley, Jerry Adriani, o fusca e o casario que resiste ao tempo no centro da cidade. É isso aí, bicho!

ALFREDO RIBEIRO

SUMÁRIO

Domingo

Editores Alfredo Ribeiro e Joaquim Ferreira dos Santos. **Subeditores** Fabio Rodrigues e Paulo Vasconcellos. **Redator** Cadu Ladeira. **Reporteres** Claudio Figueiredo, Helena Tavares, Maria Silvia Camargo, Marcia Vieira, Mauro Ventura, Ney Reis, Sidney Garambone, Sergio Rodrigues. **Arte** Fabio Dupin (editor), Fernando Pena (subeditor). **Diagramadores** David Lacerda, Eliana Kruiesi, Ila Maria Kohen, Melanie Guerra. **Colaboradores** Braulio Tavares, Dulce Caldeira, Iago Ostrovsky, Tutty Vasques, Patricia Paladino, Roni Filgueiras, Apicius, Danusia Barbara, Marilia Sampaio, Bruno Liberati. **Secretaria** Oneir Pinho. **Fotografia** Bruno Veiga, Dilmar Cavalher, Flavio Rodrigues, Luciana Leal, André Câmara. **Moda** Regina Martelli. **Secretário gráfico** José Fernando Cordeiro. **Gerência comercial** Heloysa Helena C. Magalhães — RJ Tels. 585-4324 e 585-4322; Tiie Avelaira — SP Tel. (011) 284-8133. **Redação** Av. Brasil, 500 6º andar. Tel. 585-4697. **Composição e Fotolito JORNAL DO BRASIL. Impressão JB** Industrias Graficas S.A. Rua P, nº 200, Penha. Uma publicação do **JORNAL DO BRASIL**.

Nº 704, 29 de outubro de 1989
Capa: Foto de Flávio Rodrigues

o que há de NOVO

PARA PARTICIPAR LIGUE: Tel. 580-8046

Produção: SIC/Sérgio

Estudando em casa

Deficiências do ensino trazem professoras de volta às salas de estar

Elas há muito se despiram do ar autoritário da preceptora mas voltaram com força total às casas da classe média. São as professoras particulares, convocadas por pais angustiados com o desempenho deficiente das escolas. A moda, que faz a educação escolar pesar dobrado nos bolsos paternos, é tão intensa que já existe até uma proposta de antídoto no mercado. "Professora particular vira uma verdadeira muleta", alerta a professora Rosa Rich, diretora da Oficina da Palavra, na Tijuca, criada justamente para livrar as crianças dessa dependência. "Queremos que elas aprendam a estudar sozinhas", assinala Rosa, lembrando que recebe alunos da 5ª série que conhecem todo o mecanismo de leitura mas não conseguem absorver o conteúdo.

Confusos e perdidos no meio de uma infinidade de propostas educacionais, os pais se entregam que nem crianças à idéia de que seus filhos só estarão bem nas mãos dessa nova safra de preceptoras. Os motivos são muitos e, às vezes, diametralmente opostos. Alguns pais querem mudar o filho de um colégio experimental para um tradicional. Outros querem o contrário. Os pais de Érica Monteiro, 12 anos, pagaram NCz$ 320 em outubro para suprir falhas da escola. "O ensino de português do meu colégio é muito fraco e com essas aulas está bem melhor", relata Érica, aluna do Colégio São José, na Tijuca, que cobrava no mês passado uma mensalidade de NCz$ 350. Bem melhor também está para a professora de Érica, Wilma Favorito, que desistiu de sobreviver com os salários que recebe do estado, do município e do Centro Educacional Anísio Teixeira (Ceat). "Não deu mais. A inflação me atropelou e eu voltei às aulas particulares", admite.

E a mãe de Érica, o que acha disso tudo? "Uma tristeza. Afinal, eu pago quase o mesmo valor para o colégio e a professora particular", resmunga Tânia Monteiro. Quando não basta pagar por mês o equivalente a um salário mínimo para garantir um ensino bom e consistente para seu filho, começa a bater o desespero. Ainda mais porque, com os pais trabalhando fora e as crianças ficando apenas 4 horas por dia no colégio (leia quadro na pág. 18), a professora particular acaba fazendo as vezes de mãe. Aquela mãe que acompanhava o dever de casa do filho, ajudava a *tirar a lição* e podia apontar, com segurança, os pontos fortes e fracos de seu filhote não é mais tão comum.

Alana Jordão, mãe de Daniel, 9 anos, aluno da 4ª série, enfrenta esse problema. "Eu trabalho das 8h30 às 17h30 e não consigo dar a assistência que eu queria. Às vezes eu prefiro ser descontada um dia de trabalho só para passar

André Câmara

Wilma (E) trocou as salas de aula pela casa de alunos como Érica

CUSTO DA EDUCAÇÃO (*)

Escolas (4h diárias)
NCz$ 350 a NCz$ 480

Aulas particulares (2h semanais)
NCz$ 320 (média)

Escolas (tempo integral)
NCz$ 650 a NCz$ 950

(*) *Preços de outubro*

André Barcinski

Para Rosa Rich, a professora particular pode virar uma muleta

a manhã com Daniel", relata Alana, que é funcionária da Dataprev. Com esse complemento forçado, o orçamento de Alana "levou uma paulada". São 10 BTN's por hora de aula particular, duas vezes por semana, o que em cruzados se aproxima dos NCz$ 400 por mês, ou seja, praticamente a mesma quantia de uma mensalidade escolar. Os pais começam a descobrir que a professora particular acaba dando o acompanhamento que só uma escola de tempo integral garantiria. Tanto é assim que o colégio São Bento, incluindo tempo integral, refeições e transportes, cobra NCz$ 907.

O caso de Alana e Daniel não é único. As professoras particulares atendem diariamente casos semelhantes."Nos dias em que eu não dou aula, as crianças geralmente reclamam que não conseguiram fazer os deveres porque os pais não ajudaram", conta Daniela Fernandes, que, depois de dar aulas em quatro escolas e "não ganhar nada", desistiu do circuito e hoje cobra NCz$ 40 por hora para resolver problemas extraclasse. Às vezes, no entanto, recorrer ao ensino particular é uma opção absolutamente consciente dos pais. Ilana Strozemberg, professora universitária, contratou professora para seu filho por achar que a relação entre a mãe e a criança deve ser preservada. "Mãe já é uma chata que manda escovar os dentes, tomar banho, dormir, etc.; imagine ensinando", ironiza.

RENDIMENTO. A omissão da escola também pode contribuir para engordar os rendimentos das professoras particulares. "Se você colocar 40 crianças numa sala de aula e esperar que todas tenham o mesmo rendimento não vai dar certo. Aí se procura a solução fora", dispara Judy Galper, diretora da Escola Dinâmica de Ensino Moderno (Edem), que se orgulha de ter no máximo 3% de seus alunos com acompanhamento particularizado.

Há casos, no entanto, em que o reforço do professor é absolutamente indispensável. Não são poucos os pais que sonham em ver o filho longe das pesadas mensalidades, estudando nos ainda conceituados Colégio de Aplicação da Uerj, Pedro II ou Colégio Militar, mas aí a disputa é árdua. "É uma competição muito desleal. As matérias pedidas são de 5ª e 6ª séries e minha filha está na 4ª série", reclama Josimar Ferreira da Costa e Silva, mãe de Adriana, 10 anos, que não se queixa de pagar aulas particulares para que a filha queime etapas. A aluna, principal interessada, também não reclama das muitas horas extras de ensino. "Estou bem na frente das matérias do colégio", se orgulha.

TEMPO DE AULA

País	Dias letivos	Carga horária semanal
Japão	240	32 a 37 horas
França	220	27 a 30 horas
Itália	200 (*)	27 a 33 horas
Inglaterra	200	30 a 35 horas
EUA	190	38 horas
Brasil	180 (*)	20 a 25 horas

(*) No mínimo
□ Fonte: Consulados e Conselho Federal de Educação

Renan Cepeda

Judy Galper acha impossível 40 crianças terem rendimento igual

Luciana Leal

Daniela ajuda no dever de casa

Quando os pais e os alunos procuram adaptação entre a parafernália de métodos que a escola brasileira cultiva, são muitas as pedras no caminho. Josimar, mãe de Adriana, acha o ensino experimental um absurdo por causa do excesso de liberdade. Na contramão está Tânia, mãe de Erica, que quer trocar o tradicional São José rumo ao Ceat, de Santa Teresa. Daniela relata o caso de um pai que decidiu tirar o filho da Escola Parque e colocá-lo no exigente Santo Agostinho: "O menino não tinha uma noção muito clara de separar sílaba, mas o concurso exigia a explicação de paroxítonos. Não deu, né?"

Diante da necessidade, o ensino particular se sofistica. A professora Wilma Favorito, por exemplo, saca de uma apostila específica para a 5ª série, criada em conjunto com as professoras Marisa Rodrigues, Heloisa Villas Boas, todas do Ceat. Na prática, o estudo do cruel infinitivo pessoal não é feito através da tradicional decoreba, mas da leitura do poema *Para Pintar o Retrato de um Pássaro*, de Jacques Prevet. "É uma obra rara totalmente escrita no infinitivo pessoal. Diante disso deixa de ser uma coisa abstrata para a criança", explica Wilma. O método funciona? "No começo é mais difícil, mas você guarda muito melhor", testemunha a aluna Erica.

No meio desse turbilhão de métodos, escolas e concursos, não há sinais no final do túnel de que o professor particular deixe tão cedo as salas de estar da classe média. Uma solução ou uma distorção? Vício ou única saída para um sistema educacional que cada vez prepara menos a criança? Com certeza um pouco de tudo. Não é à toa que uma professora, que pede pelos deuses que não revele seu nome, confessa dar aulas particulares para pagar o psicanalista. Na loucura brasileira, compreende-se perfeitamente.

RICARDO DAVID

Tudo em nome de uma vaga

Passar ou passar! Esse bem que poderia ser o slogan da professora particular Neusa Maria Lourenço, especializada há muitos anos em aprovar alunos para os temíveis concursos do Colégio Militar, Pedro II e Aplicação da Uerj, entre outros. "Eu poderia dar aulas individuais, mas o que gosto mesmo é de concursos, da disputa, dessa verdadeira guerra por uma vaga", confessa.

Na acanhada cozinha de seu apartamento no Grajaú, Neusa acolhe cerca de 30 crianças na faixa de 10 anos, divididas em grupos de 10. Cada um de seus alunos lhe rende NCz$ 60 por mês, um preço irrisório se comparado com o mercado e que se explica pela sua paixão pelos concursos. Uma vez lá dentro, as crianças são submetidas durante um ano a uma vigorosa bateria de testes.

Tia Neusa, como é conhecida pelos seus pimpolhos, torce o nariz para os métodos das escolas experimentais. "Quem quiser passar num concurso desses tem que ter muita disciplina", assinala, apontando para o que considera um exagero de liberdade das chamadas intituições abertas. De uma forma geral, a professora não culpa as escolas pela fraca preparação das crianças. "Essas provas apresentam matérias da 5ª série e as crianças ainda estão na 4ª série. Se você não der um reforço não tem jeito", acredita.

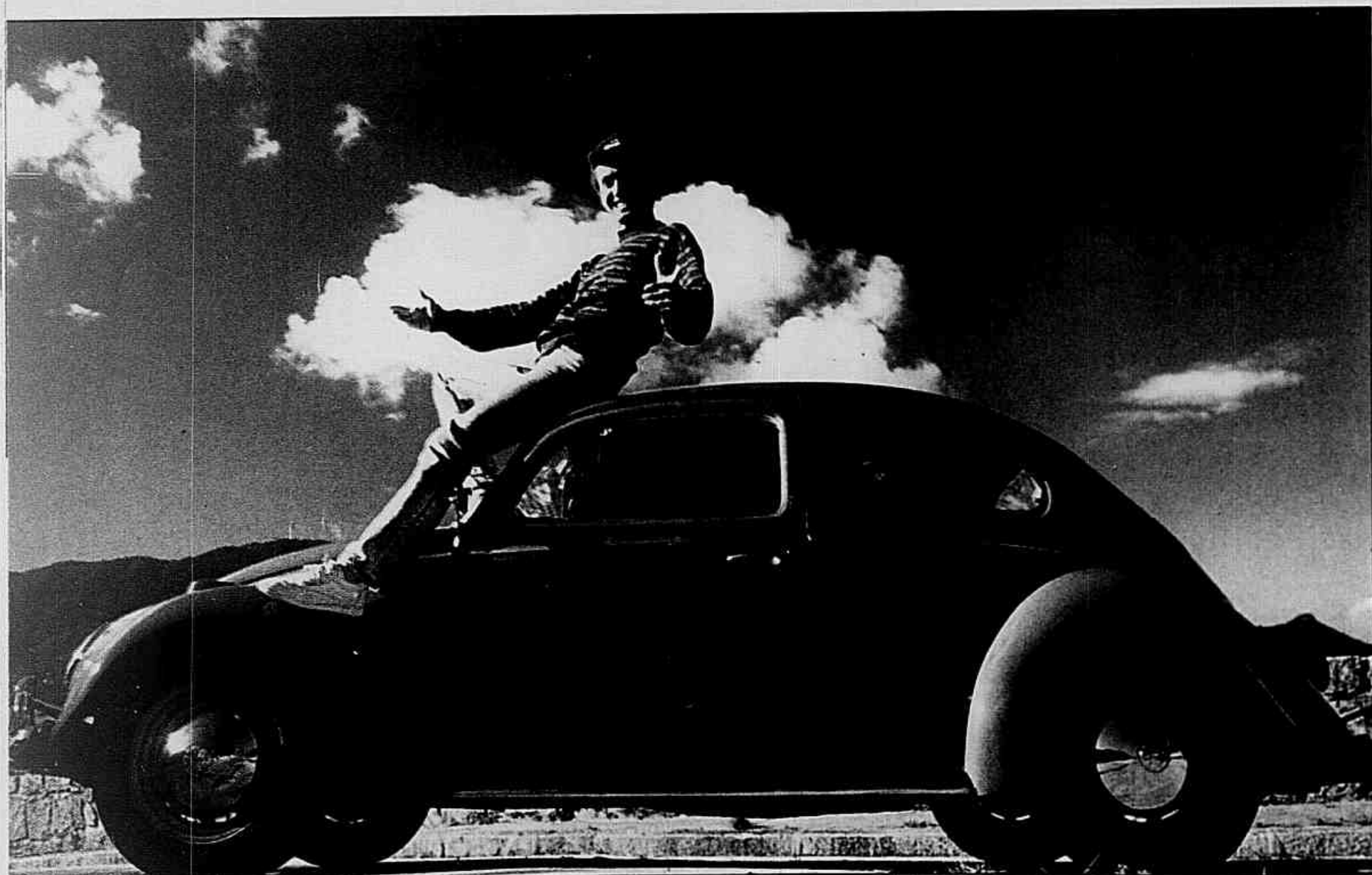
Dona Neusa vem de longe e por isso não abre mão de seus métodos. Em 1956, assim que se formou, começou dar aulas no município e também em casa. No emprego público já se aposentou, mas não pensa em largar seus alunos e não tem motivos para isso: para o ano que vem já não dispõe de vagas.

André Câmara

Neusa Lourenço gosta de preparar alunos para concursos difíceis

COMPORTAMENTO

Saudades do fusquinha

Há três anos ele saiu de linha e deixou fãs inconsoláveis

Fotos de Dilmar Cavalher

O roqueiro Dusek cresceu curtindo o carrinho e comprou um modelo 67 que não empresta a ninguém

Luiz Morier

O advogado Bruce e seu Fusca 61

Ele não se chama Getúlio, mas saiu de linha para entrar na História. Desde o dia 31 de outubro de 1986, o Fusca — apelido brasileiro do Sedan Volkswagen de origem alemã — parou de ser fabricado pela montadora de São Bernardo do Campo. Estava encerrado um capitulo da história da indústria automobilistica no Brasil, depois de 27 anos de reinado do "carro do povo" — uma alcunha que em nosso pais nunca teve muita procedência, pois o Fusquinha custava, em 1959, quando virou carro nacional, o equivalente a 83 salários minimos e, em 86, 53 vezes. Hoje, um dos 850 Sedans da última série (outubro de 1986) pode chegar a NCz$ 30 mil, mais de 60 vezes a mixaria legalmente denominada de menor salário. A justificativa para o fim do carro criado pelo engenheiro Ferdinand Porsche em 1936 a pedido de Hitler (leia box na pág. 24), dada pela direção da Volkswagem do Brasil em 86, baseou-se na "atual fase de sofisticação a que chegou a indústria automobilistica brasileira, caracterizada pela crescente exigência do consumidor por automóveis mais completos e equipados com itens de maior conforto". Ingratos!

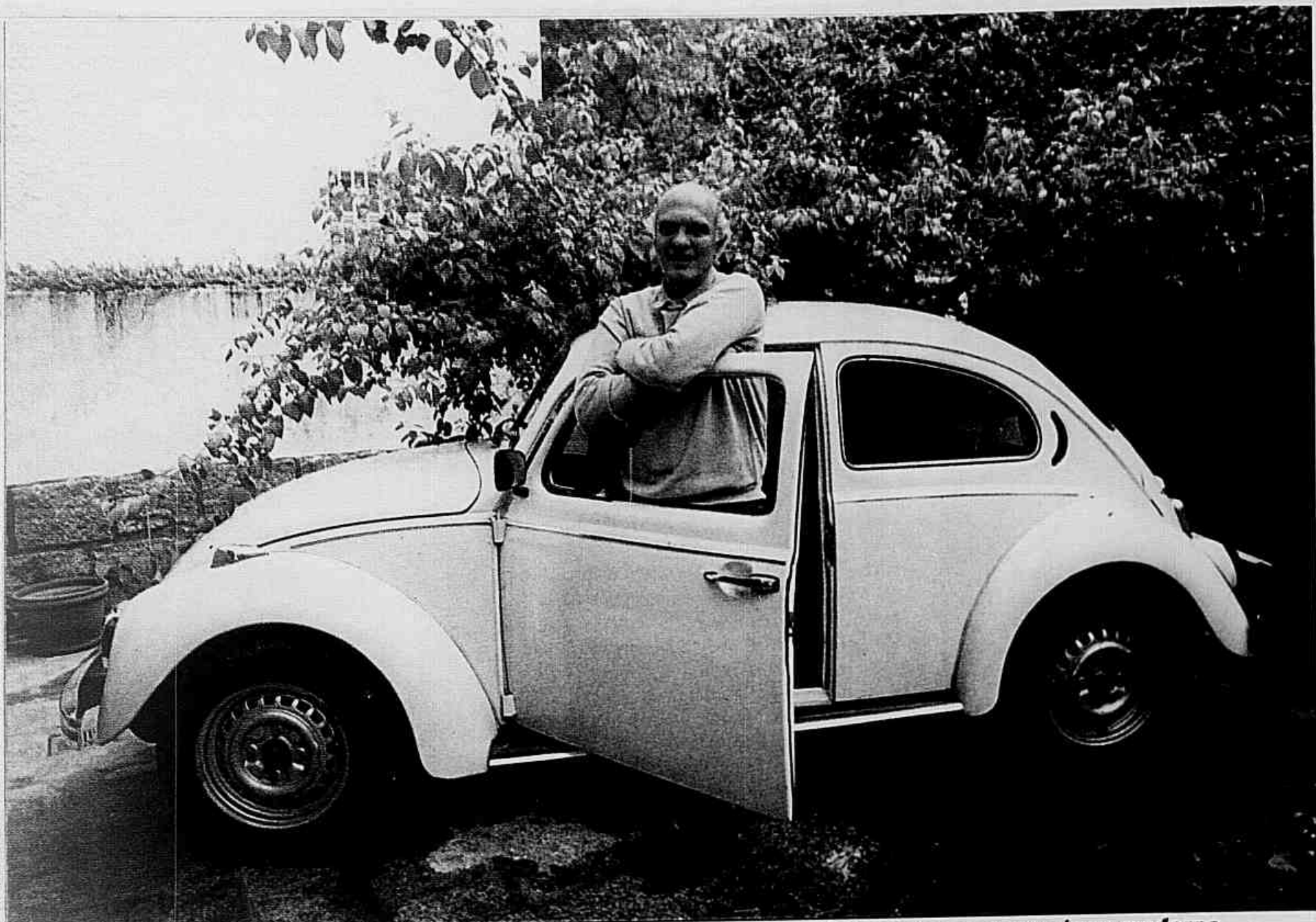
Quando o sedan Volkswagen assumiu o controle de 80% do mercado brasileiro, em 1968, de cada cinco carros novos vendidos no pais, quatro eram fuscas. Mas a idéia do fim já estava na cabeça dos executivos da Volks alemã. Tanto que, às 11 horas da manhã do dia 1º de julho de 1974, saia das linhas de montagem da Wolksburg (a cidade-fábrica da empresa na Alemanha) o último Volks do tipo "besouro" — o apelido mais antigo, e internacionalizado, do Sedan VW. Daquela data em diante, o Fusca seria produzido nas filiais da fábrica espalhadas por vários paises, entre eles o Brasil, o Uruguai e o México (o único a ainda fabricar o modelo). Hoje, só no Brasil, circulam cerca de 2,3 milhões de unidades, de um total mundial de 10 milhões. É Fusca pra ninguém botar defeito.

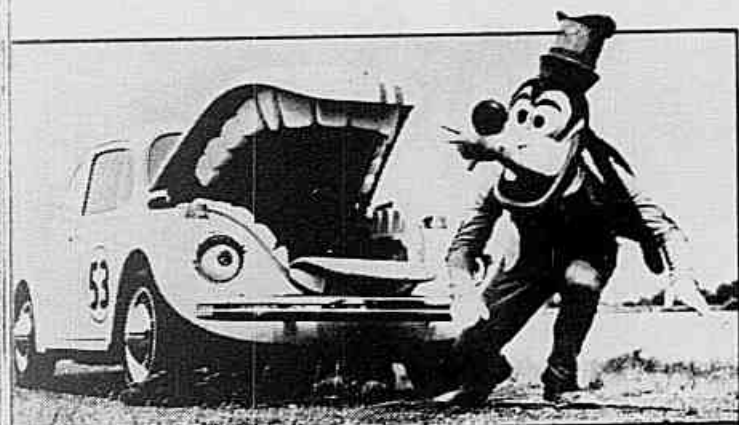
Por falar em defeito, o carrinho é dos mais resistentes e fáceis de consertar, segundo a maioria dos mecânicos. "Ele é um carro forte. Não dá muita oficina e, quando dá, é o carro mais fácil de se mexer", garante Francisco Dionisio de Freitas, chefe de oficina da revendedora autorizada Besouro Veiculos, localizada na Praça da República, nº 69, no Centro do Rio de Janeiro. Segundo Francisco, que também é proprietário de um modelo Sedan 1.300, ano 75, só o Fusca a álcool apresenta mais problemas, principalmente de regulagem. "O Fusca 1.300 a álcool era uma novela para pegar. Engasgava muito", diz ele. O mecânico tem um palpite malicioso para o fim da produção do fusquinha. "Carro que não dá oficina acaba sem dar serviço...", insinua ele. No setor de peças da Besouro, a maior procura dos proprietários daquele modelo é por velas de ignição, filtros, pastilhas e lonas de freio. "Também são muito procurados os materiais de carburador e os amortecedores", explica o vendedor Odemir Oliveira.

PRIMEIRO E ÚLTIMO. Na mesma Besouro Veiculos, inaugurada há 20 anos pela familia Monteiro de Carvalho, está guardada uma reliquia: um Volks 54, montado no Brasil com peças alemãs (as primeiras unidades do Fusca começaram a ser montadas no pais em 1953, num pequeno armazém localizado no bairro do Ipiranga, em São Paulo, com todas as peças importadas). O modelo azul claro, placa RU 9868, motor 1.200, pertence ao empresário Joaquim Monteiro de Carvalho. Com pneu de banda branca, setas colocadas na lateral do carro e sem marcador de gasolina, o fusquinha é tratado com carinho pelos mecânicos e até pelo gerente de serviços, o português Carlos Valle, 64 anos, que trabalha há 30 anos na Volks e já fez estágio na Alemanha. Segundo ele, e milhares de outros *experts*, o Fusca "é o melhor carro que a Volkswagen já produziu". Palavra de especialista.

Noutra concessionária Volks, a Guanauto, em São Cristóvão, um Fusca também é exibido como jóia rara. Trata-se de um modelo da famosa "última série", de 1986. O modelo cinza metálico, do tipo "Fafá de Belém" (apelido ganho a partir de 79, quando o Fusca recebeu lanternas traseiras grandes e pára-lamas rechonchudos), está exposto no salão da Guanauto, sob um enorme cartaz de louvor ao modelo. Recentemente, o fusquinha-estrela foi retirado dali, para limpeza do local, mas nunca saiu das dependências da concessionária. E anda meio solitário, sem companhia, pois há alguns meses a Guanauto não vende um sedan e é raro ver um no pátio ou na oficina. "Quem tem, não se desfaz. Por isso temos vendido pouco. Conheço gente que compra outro carro *zero* mas não vende o fusca. Ele sempre teve um pouco essa imagem de segundo carro", explica o vendedor Paulo César Teixeira, para quem, na linguagem de vendas, o fusquinha é "dinheiro em caixa".

O ex-prefeito do Rio, Saturnino Braga, é da mesma opinião. "Ele é o que se chama de 'cheque ao portador', porque valoriza muito e é fácil de vender", teoriza o dono de um conservadissimo Fusca 79, motor 1.300 e cor bege, com 87.828 quilômetros rodados. Para um politico que sempre se identificou com a chamada esquerda (ele hoje é membro do Partido Socialista Brasileiro), ter um Fusquinha é bastante positivo em termos de imagem. Mas Saturnino afirma que o motivo de sua opção preferencial pelo carro popular é outro. "Não sou colecionador nem maniaco por carros. Para mim, o automóvel é o simbolo do consumismo, um dos escravizadores do homem moderno. Por isso tenho um Fusca, que é econômico e não dá problema".

Luiz Morier

O ex-prefeito Saturnino Braga elegeu seu Volks 79 o carro perfeito contra o consumismo moderno

Um irresistível sedutor

Herbie: se o Fusca falasse...

JK inaugura a Volks do Brasil

"Fusca? Qualé Fusca?!" A distração do detetive Mário Fofoca invariavelmente durava alguns segundos, até que ele lembrasse do que se tratava. Na verdade, o Fusca prateado, com tala larga, televisão no console, frigobar e outros badulaques era o maior sonho do atabalhoado personagem vivido pelo ator Luis Gustavo, na novela Elas por elas, da *TV Globo (1982)*. Trapalhão, simpático, mal-vestido e simplório, Mário Fofoca era a cara do seu idolatrado Fuscão: sedutor, irresistível. Tanto quanto o famoso Herbie, o Sedan 63 com garra e coração dignos de um Ayrton Senna, que conquistou o personagem do ator Dean Jones e quatro milhões de espectadores nos cinemas dos Estados Unidos. O filme era Love Bug *(EUA, 1969)*, batizado no Brasil com o nome de Se meu Fusca falasse, de Robert Stevenson, com Dean Jones, Peter Ustinov, Michele Lee e David Tomlinson, produzido pelos Estúdios Disney.

A história de Love Bug começa quando o Fusquinha 63, dotado de sentimentos humanos, escolhe para seu dono um piloto de corrida (Jones), quando este o vê numa loja e o carro pisca para ele. O piloto é seduzido pela piscadinha e resolve comprar Herbie. A partir daí, os dois passam por incríveis aventuras, com muita ação, velocidade, cenas cômicas e acrobacias de tirar o fôlego. Há outros Fuscas na história do cinema e da tevê, como o conversível vermelho de Diane Keaton em Annie Hall (Noivo neurótico, noiva nervosa), de Woody Allen. Já houve até noivos que usaram um Fusca no casamento, como o casal numa antiga foto de divulgação da Volkswagen, sem falar no presidente JK, que inaugurou a subsidiária da Volks no Brasil a bordo de um conversível, em 1959. Populismo ou não, o Fusca está em todas. Até dentro d'água. Basta ver a foto do "anfíbio" adaptado pelo irlandês Malc Buchanan, em 1985, que atravessou o mar da Irlanda até a Inglaterra no seu Yellow submarine, com luzes de navegação e um propulsor apropriado para o mar. Faltou gasolina a 400 jardas da costa, mas um vento salvador empurrou o Fusquinha até a praia. Todo craque precisa de sorte.

O xodó dos Monteiro de Carvalho

explica o político e engenheiro aposentado do Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social (BNDES), que diz já ter ido a Brasília com o carrinho. Hoje, o destino mais comum é Resende, onde tem um sítio.

AZUL CALCINHA. O jornalista e escritor Otto Lara Rezende, da Academia Brasileira de Letras, tem motivos mais prosaicos para possuir um humilde Fusquinha 1970. "Ele é um atestado de inocência pública. Ninguém te ofende nem te inveja por causa dele. Pelo contrário. Até no posto de gasolina você é discriminado. Ninguém te oferece prospectos de apartamentos ou vende drops no sinal, porque te julgam um pobre coitado", brinca o escritor, completando com uma gozação sobre a cor de seu carro. "Dizem que é *azul calcinha*. Mas que calcinha é essa, eu não sei..." O roqueiro Eduardo Dusek ri da estória. "Vai ver que é o mesmo azul do *Volkswagen blues*, a música do Gilberto Gil", arrisca ele. Dono de um simpático fusquinha 67 azul escuro, o roqueiro — que já cantou a troca de um cachorro por uma criança pobre — não troca seu carro de estimação por dinheiro nenhum. "Tenho ele há 10 anos e aqui em Ipanema todo mundo já sabe que sou eu, quando vê o Fusquinha passar. Tenho outro carro, uma Paraty, que empresto para os amigos. Mas o Fusca, só eu dirijo", revela. Todo original, com pneu de banda branca e um ventilador instalado no painel, o Fusca, segundo Dusek, é bem *rock'n roll*. "Quando eu era moleque, meus irmãos tinham Fusca e era aquela coisa de pegar o carro, botar o rádio bem alto e sair por aí. Até hoje, a sensação que eu tenho quando entro no Fusca, é a de que roubei o carro da minha mãe", brinca o cantor grandalhão (1,90 metro de altura).

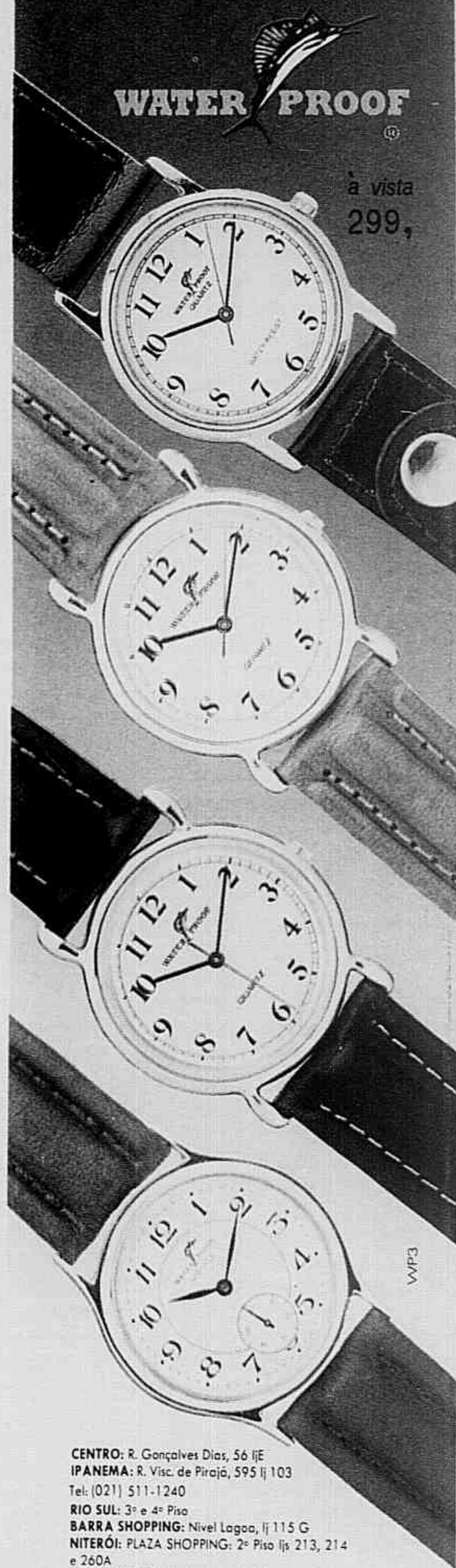
Fotos de Dilmar Cavalher

Míriam gosta até dos defeitos de seu Fuscalhufa

Uma janela também para o amor

Irlanda: bom até dentro d'água

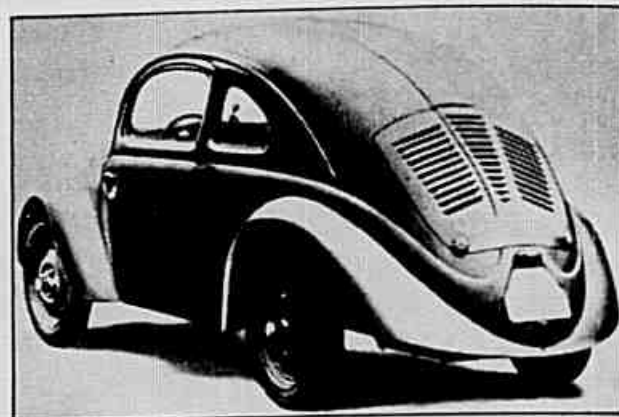
Se até o grandão Dusek consegue se virar no Fusca, imagine a *mignon* Míriam Villas Lemos, 31 anos, produtora de criação da agência MPM, de publicidade. Proprietária há seis anos de um sedan 64, apelidado de *Fuscalhufa*, Míriam sobra dentro do carrinho, com o qual costuma viajar para Cataguases (MG), onde nasceu, e vive carregando "tralhas" de produção. "Ele é temperamental. Quando fica gripado, vira o *Caidinho*, porque se recusa a sair de casa. Também só pega comigo. Mas já ficou um mês e meio sem ligar e, na primeira virada de chave na ignição, pegou no ato", conta ela. Apesar da afeição, Míriam não esconde seus defeitos. "Sinto falta de um automóvel, às

Carlos Mesquita

Na Guanauto, o histórico modelo da última série, de outubro de 86

vezes, mais possante e confortável. O Fusquinha é só um carro, nada mais."

O advogado Bruce Junqueira, 26 anos, concorda em parte. "No início você acha ele feio. Mas acaba se acostumando. A vantagem do Volks é a mecânica, a resistência e a economia", comenta o advogado, que tem um Fusca 61, presenteado pelo tio. "Ele é uma espécie de patinho feio de estimação", diz Junqueira. A implicância com o Fusca é antiga. Por volta de 1936, quando Ferdinand Porsche desenvolvia os primeiros modelos na Alemanha, a passagem dos "besouros feios" pelas cidades era sempre acompanhada com risos e galhofas, e ninguém, a não ser Porsche e seus ajudantes, acreditava naqueles carrinhos que traziam um motor colocado na traseira — inédito — e não tinham radiador. Décadas depois, no dia 17 de fevereiro de 1972, quando o 15.007.034º "besouro" deixou a linha de montagem da fábrica-matriz de Wolksburg, superando o recorde do antigo Ford T (o "Bigode"), o Fusquinha transformava-se no carro de maior produção na História. Com o seu fim, pode-se dizer que o Pelé dos carros parou exatamente como o jogador de futebol: no auge da forma e com o prestígio intacto.

NEY REIS

O filhote do nazismo

O primeiro Volks, de 1937

Ferdinand Porsche

O velho e bom Volkswagen — "carro do povo" em alemão —, quem diria, foi um filhote da ditadura. Nazista... Em 1933, Adolf Hitler encomendou ao engenheiro Ferdinand Porsche, nascido na Boêmia, o projeto de um carro econômico, para ser vendido por menos de 1.000 marcos. Porsche e seu sócio Karl Rabe já trabalhavam em algo semelhante, para a Zundapp, que não topou o projeto. Mas o Fuehrer, sim. Ainda em 33, surgia uma viatura Porsche, com motor traseiro (uma inovação na época) de quatro cilindros opostos, quatro lugares, 30 cavalos e velocidade final de 115 quilômetros horários. Era o predecessor do Fusca. Mais tarde, Porsche construiu três modelos, e depois mais 30. A 26 de maio de 1938, Hitler lançava a pedra fundamental da fábrica Volkswagen de Wolksburg, perto de Hannover. Durante a Segunda Guerra, similares do Volks foram criados para as batalhas da Líbia e da Rússia, inclusive um anfíbio. Depois do conflito, a fábrica esteve sob intervenção das tropas de ocupação inglesas e, em 1948, a administração — ainda sob controle britânico — foi entregue ao engenheiro Heinz Nordhoff, que continuou presidente da empresa quando esta passou ao controle da República Federal da Alemanha. No dia 18 de novembro de 1959, Nordhoff e o presidente Juscelino Kubitschek inauguravam, em São Paulo, a fábrica da Volkswagen no Brasil.

Eduardo, como um yippie, toma posição a favor da Nicarágua

Parece que foi ontem

Vinte anos depois os jovens assumem os ideais hippies

Há dois anos, quando tinha 16, a gatinha Ana Kutner de Souza, filha de Dina Sfat e Paulo José, descobriu uma cantora radicalmente nova, diferente de tudo que já tinha ouvido. Foi uma prima que deu o toque: "Quero que você ouça isso aqui." Aninha ouviu e se apaixonou. "Não acredito! De onde saiu essa mulher?" Foi assim que conheceu a *blueseira* Janis Joplin, que projetava sua voz rouca de uma certa região do passado — região tornada remota pelo cinismo dos anos 80, mas que, para um monte de gente da geração de Aninha, envia sinais irresistíveis de uma paisagem mais fresca, libertária e hospitaleira. Nostalgia? Não. Quando os hippies levantavam flores como bandeiras e criavam piolhos em comunidades, há 20 anos, Ana Kutner não existia. Nasceu dois anos depois de Woodstock. Enquanto aprendia a andar, os grupos que fizeram a trilha sonora do grande desbunde viraram superbandas e partiram para viagens sinfônicas. Estava no primário quando Sid Vicious, do Sex Pistols, jogou uma pá de cal punk na cova dos cabeludos: "Quando me dá vontade, saio na rua e mato um hippie." Nostalgia? De jeito nenhum. Estamos falando da geração 90.

Que ninguém se deixe enganar: nunca deixou de existir cabeludo no Brasil nos últimos 20 anos, mas a revisitação dos 60 proposta pela geração de Ana Kutner é outra história — uma postura meticulosa, ideológica mesmo, de recusa dos valores de seu tempo e resgate de algo que ficou perdido. Às vésperas de uma nova década, tem cheiro de futuro nisso — algo que não se pode dizer dos ripongas, bichos-grilos e naturebas que resistiram, comprando discos de Flávio Venturini e Beto Guedes, à rotação do planeta desde 68. Cazuza quer uma ideologia para viver. Aninha já achou a sua. "A Era de Aquário vai provocar uma mudança energética no planeta", acredita ela. Sua identificação com os hippies é assumida, mas ela explica: "Veio naturalmente, não como um rótulo. Quando você vive numa sociedade que te leva a competir, você

começa a se questionar. Até para ser bonita você tem que adotar o padrão que te impõem. Isso castra sua criatividade toda." Aluna do 1º ano do 2º grau do Centro Educacional Anísio Teixeira, em Santa Teresa, Aninha resolveu ser bonita a seu modo: batas esvoaçantes, cabelos longos em fios retos, muitas pulseiras que ela tece em seu quarto e até um colar com o símbolo hippie. Já foi agredida na rua por causa disso. "Já me chamaram de hippie e prostituta, sem mais nem menos", diz.

Por essas e outras, ela quer ir embora da cidade grande, "trabalhar a terra", como fez este ano quando passou duas semanas num sítio-comunidade no Recreio dos Bandeirantes. "No Rio, às vezes sinto que vou explodir. Sou espírita, misturo kardecismo e umbanda branca, e acho que as pessoas deveriam voltar para o campo", explica. Aonde for, levará na bagagem arroz integral, missô, tofu e castanha-do-pará. Além, claro, de seus discos preferidos: Janis, Jimmy Hendrix, Ten Years After, Led Zeppelin, o Pink Floyd dos primeiros anos, Homem de Bem com seus mantras indianos, a Rita Lee da época do Tutti Frutti, o

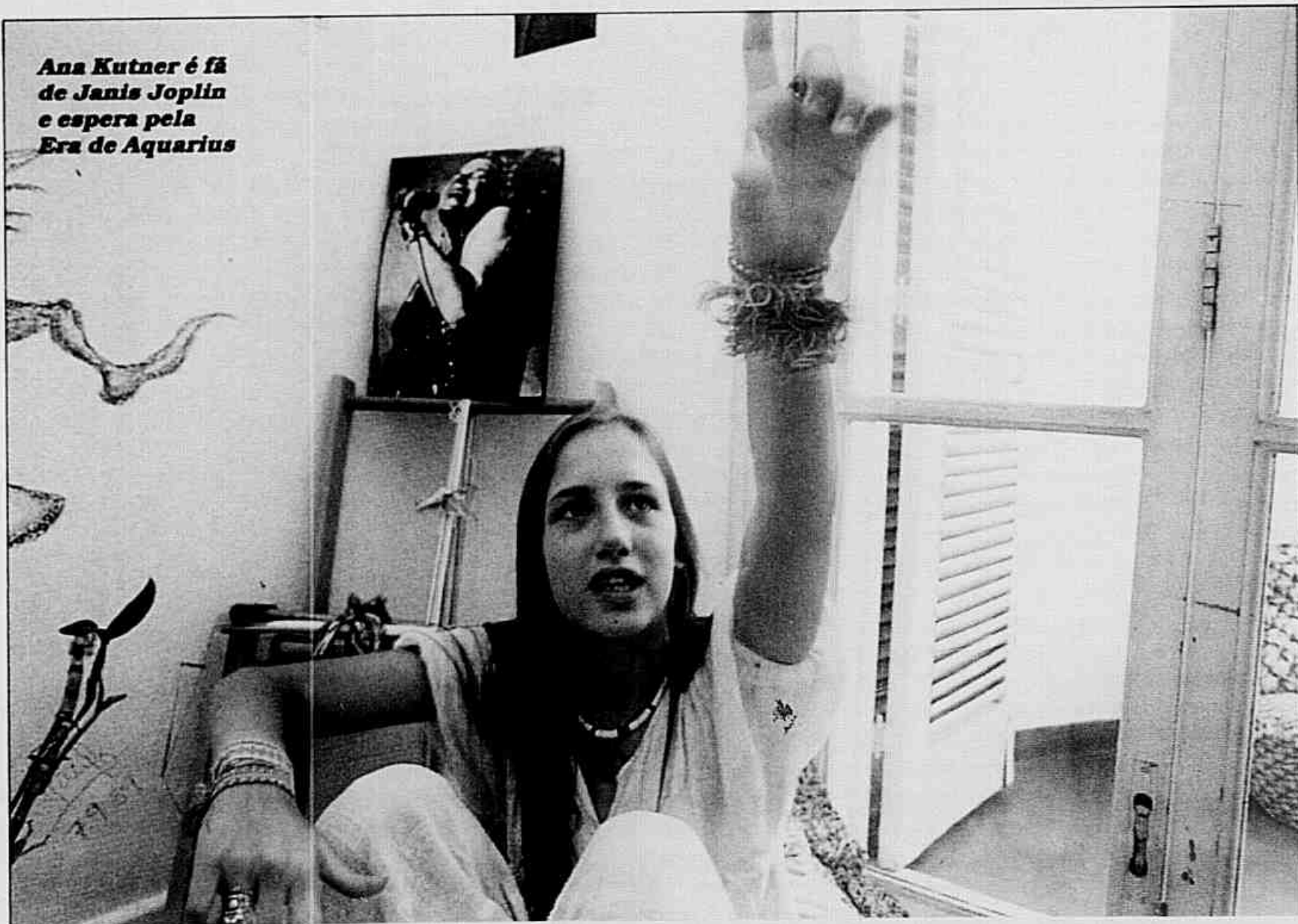
Fernanda Polastri

"Punk não, sou hippie. Os hippies dos anos 60 fizeram um movimento de liberdade jovem"

japonês Kitaro e, em posição de honra no fim da fila, uma unanimidade entre os novíssimos cabeludos: Mutantes (veja quadro na página 31). "Amo, amo, amo os Mutantes. Eles eram geniais, uma coisa pirante", vibra Aninha. Da corrente dominante nos 80, talvez os Titãs pegassem uma vaguinha em sua viagem, mas não é certo. Ela não gosta da batida seca dos pós-punks. "Os punks usaram sua energia para agredir, em vez de construir. Quero que todo mundo seja feliz", professa.

PUNK, NÃO. Sid Vicious responderia a isso com uma garrafada na jugular, mas muita gente concorda com Aninha. Como a tijucana Fernanda Rayol Polastri, 17 anos, que leva sua opção de comportamento e visual ao ponto de assumir o rótulo sem problemas. Por pura desinformação, a mãe a chama de punk. Ela sorri com condescendência antes de se identificar: "Punk não, sou hippie." Aluna do colégio Van Gogh, justifica a classificação: carrega *buttons* com o símbolo hippie e com uma folha de maconha na bolsa de corda colorida, deixou de comer carne e tem vontade de morar no mato. "Os hippies fizeram um movimento de

Fotos de Flávio Rodrigues

Ana Kutner é fã de Janis Joplin e espera pela Era de Aquarius

Sarah quer se mudar para Lumiar, longe da paranóia urbana e da TV

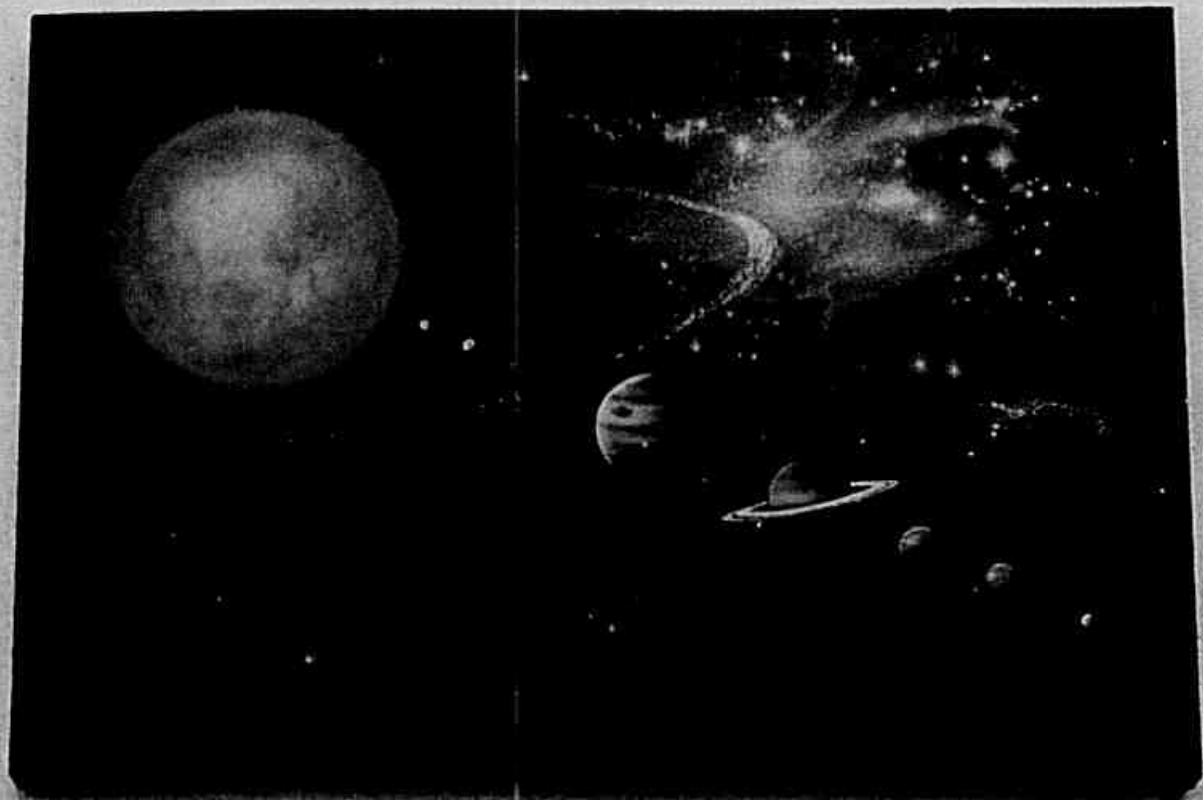
liberdade jovem. Graças a isso, temos mais capacidade de nos colocar nas coisas", avalia, antes de reconhecer que está reagindo a um modelo de juventude que marcou os anos 80: "Esse negócio de vestir preto é muito agressivo." Branco é a cor escolhida por Sarah Lavigne, 18 anos, para protestar contra os grandes inimigos da felicidade: a paranóia urbana, a televisão, o excesso de informação, "que faz as crianças perderem a pureza muito cedo". A saída: morar em Lumiar, distrito de Nova Friburgo. Ela já passou algum tempo lá e hoje estuda técnicas de *silkscreen* para ter do que viver quando voltar — dessa vez para valer.

Se Fernanda assume o rótulo de hippie com um sorriso cândido, muita gente, como Sarah, recusa o nome veementemente: "Eu sou eu." Não importa. Os elementos

Rebelde dos 60 vira empresário

Se a nova geração dos alternativos repudia as regras do jogo capitalista defendidas pelos yuppies, buscando nos 60 a matriz hippie da rebeldia, há quem tenha feito o caminho inverso. É o caso do empresário Murillo Penna Firme, rebelde na virada dos 60/70 e hoje sócio da HM de Economia, uma empresa de assessoria econômica que tem clientes — inclusive multinacionais — em áreas como farmacêutica e petroquímica. "Temos bom relacionamento com os centros de decisão, nas áreas empresarial e governamental, mas não fazemos *lobby*: resolvemos conflitos", diz Murillo. Largado no mundo em sua juventude, "sem compromisso com nada", ele morou durante anos num barracão de obras perto da faculdade, enquanto estudava economia. "Eu era um desorientado", afirma, lembrando que chegou ao limite da contradição: lutou boxe e estudou balé. Um emprego no governo, como coordenador de pesquisas, abriu caminho para a nova carreira e seus frutos: mulher, quatro filhos e uma "propriedade rural média" no interior do Estado.

Uma trajetória muito semelhante, guardadas as proporções, à de Jerry Rubin, um dos líderes dos hippies politizados, os yippies, que comandaram as célebres manifestações pacifistas durante a convenção do Partido Democrata dos EUA, em 68. Rubin, cabelos devidamente aparados, voltou ao noticiário em 80, quando se tornou analista de investimentos em Wall Street, em Nova York, o coração financeiro do mundo. "O importante não é a política, mas ter dinheiro e tomar decisões sobre dinheiro", radicalizou. Mas nem todos os hippies capitularam diante do sistema: Abbie Hoffman, ex-companheiro de Rubin, lutava pela soberania da Nicarágua quando morreu em abril deste ano, vitimado por uma dose cavalar de barbitúricos — suicídio, segundo os médicos, ou assassinato, segundo seus companheiros.

Murillo não tinha compromissos e hoje é consultor de empresas

Liana sonha com o dia em que os conservadores serão minoria

do *revival* estão todos aí, em cores nítidas: naturalismo, misticismo oriental, incenso, roupas com toques artesanais, cabelos compridos, aversão à competitividade da vida urbana. Nada disso surpreende o escritor Luiz Carlos Maciel, 51 anos, que se tornou uma espécie de teórico e guru da geração contracultural do final dos 60. "Os hippies foram banidos, considerados velharias, no Brasil como no mundo inteiro. Mas nenhum dos problemas que determinaram seu surgimento foi resolvido. Pelo contrário: se agravaram. A robotização da sociedade atingiu limites tão extremos que nos 80 ficou parecendo que não existe mais", analisa. Para ele, é inevitável que a recusa global do *establishment* pregada pelos hippies volte à tona mais cedo ou mais tarde: "É uma necessidade quase biológica."

A volta está aí mesmo, mas nem sempre essa recusa tem hoje um caráter tão global. Assim como temas dos 60 retornam com toda a força em diversas áreas da indústria cultural, como música e moda (veja quadro na página 32), mas nunca com a mesma cara que tinham há 20 anos, a busca da novíssima geração tem caráter próprio. É o caso de Pedro Amaral, aluno do Pedro II, que está totalmente livre de possíveis acusações de passadismo: acabou de completar 15 anos. Para ele, a recuperação dos 60 — sobre os quais tem informações de fazer inveja a muito quarentão — é apenas um dos ingredientes de um projeto de vida para os 90. "Não me sinto totalmente identificado com a utopia dos 60, nem com a coisa yuppie dos 80. Acho que tenho mais a ver com uma mistura dos dois", diz. Guitarrista com cara de intelectual, acha que "rock é dos anos 60 e 70" — considera o Police "meio deprimente" — e que a melhor coisa da MPB foi a Tropicália. Mas não quer ir para o mato: seu projeto inclui a universidade, "alguma coisa como literatura ou filosofia". Passou três anos sem comer carne e diz que já se interessou "por essa coisa de tribo", mas isso é passado.

OVO PARA WALTERS. Outro que não assume totalmente a identifi-

Pedro Amaral: "Tenho a ver com uma mistura de 60 com 80"

cação com os hippies, mas se parece pra burro com um, é Eduardo Coutinho, 22 anos, flautista e estudante de Comunicação da UFRJ. "Os hippies eram pacifistas. Eu acho que para chegar à paz você tem que brigar primeiro por algumas coisas", explica. Eduardo trabalha no escritório brasileiro do *Barricada Internacional*, um jornal sandinista, e virou manchete de jornal há dois anos, quando jogou um ovo no Landau do embaixador dos EUA na ONU, Vernon Walters, que visitava o Rio. Por tudo isso, está mais para um yippie, membro do *Youth International Party*, vertente politizada do movimento hippie (veja quadro na página 28). Uma das coisas que mais o preocupam é "a destruição do Pantanal, da Amazônia, dos índios", questões que voltaram com força neste final de década, dando atualidade a preocupações marcantes naquela virada dos 60/70. Se é vital para Eduardo, a

Ulysses: louco, mas responsável

questão política não está ausente da cabeça de nenhum dos neo-hippies. A maioria absoluta vota em Lula.

É o caso de Ulysses Cappelletti, 19 anos, que mora em Copacabana e trabalha num escritório de administração. Ele também recusa o rótulo de hippie — "hippie era quem estava lá na época", diz, cheio de razão — mas gosta da "porralouquice dos 60, só que ao mesmo tempo mais responsável". Em termos práticos, isso significa passar o fim de semana no mato e estar segunda-feira de manhã no trabalho. Um esquemão que incomoda sua amiga Liana Fonseca, 16 anos, que transa tarô e não come carne, mas acha que só será "totalmente alternativa" quando sair do Rio para viver numa comunidade. Essa opção não será oferecida a Nasta, a mais jovem neo-hippie desta matéria: ela já nasceu na casinha que a mãe, Márcia Tereza Quintela, 30, divide com duas

Nasta, um bebê neo-hippie, mora em Lumiar com a mãe, Márcia

amigas em Lumiar, onde fabricam chocolate para viver. Com seis meses de idade, Nasta não trocaria essa vida por nenhuma outra, garante a mãe, que por dois anos morou num barraco de taipa na Ilha de Marajó: "Ela adora viver no meio dos bichinhos."

A MORTE DE JANIS. Há pontos de divergência frontal entre os hippies originais e seus sucessores, como a higiene: a maioria dos novíssimos cabeludos parece ter saído há pouco do banho. O conforto burguês, afinal, tem seus lados positivos. "Não gosto de largação. Quero uma vida tranqüila, mas quero produzir", sintetiza Sarah Lavigne. A relação com as drogas também é diferente. A grande piração do início dos 70 é lamentada por Ana Kutner: "A morte da Janis foi estúpida." Fuma-se maconha, naturalmente, e um ácido tem seu tempo e lugar, mas "só como experiência individual, não para mudar o mundo", nas palavras de

Sempre mutante

Nem Pink Floyd, um lugar-comum na discoteca de hippies velhos e novos, dá tanto ibope entre os novíssimos bichos-grilos quanto os Mutantes. E não tem nada a ver com a gravação de Ando meio desligado *feita por Marisa Monte, nem com o lançamento de* Sanguinho novo, *uma revisitação da obra do líder Arnaldo Baptista por bandas de hoje. Os jovens estão ouvindo o som mais louco do rock brasileiro na fonte mesmo, no vinil meio arranhado pelo tempo ou em relançamentos. "Fico orgulhosamente humilde", diz Arnaldo, 41 anos, multiinstrumentista e alma da banda debandada, curtindo uma vida pacata em Juiz de Fora. "Gosto muito de saber dessa reverberação. Enquanto a gente fazia uma espécie de desbravamento na música de guitarra e contrabaixo, eu já apostava que a coisa iria além daquele momento, ou de dali a um ano."*

Depois da tentativa de suicídio em 81, quando se jogou do terceiro andar, e da penosa recuperação, Arnaldo é um exemplo de coerência hippie. "Briguei com o Serginho (irmão e ex-mutante) porque ele se recusa a tocar numa Gibson, só quer Fender. Defendo que o sonho não acabou ainda. Tem muita coisa a ser feita na Gibson", queixa-se, cada vez mais envolvido com a materialidade do som em si. Em seu estúdio caseiro — chamado de Ar — prepara seu sexto disco solo, Let it bed. *"A parte de estúdio está quase pronta. Agora estou fazendo a capa."*

Arnaldo: coerência hippie

Maria Luzia, da Capu Ricardo, vende roupa indiana para adolescentes

do". Um diagnóstico confirmado por Maria Luzia Pinto, que em 69 abriu no Largo do Machado a Capu Ricardo, a mais tradicional loja de roupas e adereços indianos do Rio. "É muito grande o número de garotos de 14, 15 anos que está aderindo ao nosso estilo", diz ela, aliviada: há quatro anos, a freqüência andou em seu ponto mais baixo, golpeada pelo auge do estilo anos 80. Para Luiz Carlos Maciel, a agitação pode ser resultado apenas de mais um modismo — "de tempos em tempos, o que era velho fica tão velho que vira novo e é redescoberto" —, mas pode também ter a consistência de um resgate da Grande Recusa de que falava Marcuse, o filósofo de 68, e que manteve os anos 60 como uma espécie de reserva de sonho da humanidade, perpetuando seu "encanto secreto". Qual é o caso, só o futuro vai dizer. Porque uma coisa é certa: ao contrário do que diziam os punks, o futuro existe.

SÉRGIO RODRIGUES

Maciel: necessidade biológica

um novo hippie que prefere não se identificar. Outra diferença é que eles não andam em bandos, nem freqüentam *points* na cidade (embora alguns possam ser encontrados no Baixo Gávea). O amor livre, um dos temas teóricos e práticos da geração hippie, também caiu em desuso por motivos óbvios. "A Aids foi uma porrada séria, mas também não dá mais para retroceder. O resultado é uma coisa muito confusa", lamenta Aninha.

Pode-se prever uma nova tribo para os 90? Talvez não, mas Liana Fonseca acha que "os alternativos ainda são poucos, mas estão crescendo, enquanto os convervadores são muitos, mas estão diminuin-

Sonho e consumo

É só olhar e ver: às portas dos 90, sinais dos 60 invadem a cultura de massa em diversas frentes, principalmente na moda e na música. Não é coisa para hippies: trata-se de incorporar influências dentro de um quadro de consumo, aparência em vez de ideologia. É o caso da roupa de couro de Frankie Amaury, que traz a nostalgia dos 60 em detalhes como cintura baixa, pedrarias com um ar vagamente oriental e cores fortes. A modelo que aparece na foto é Giselle Carneiro da Rocha, maquiada por Irajá Júnior.

Sinal ainda mais claro dos sixties é o símbolo criado pelos gaúchos do Engenheiros do Hawaii para as capas de seus discos: a logomarca dos hippies aparece dentro de uma engrenagem. "Só o sonho dos 60 ou só o ceticismo dos 80 ficaria muito chato, por isso botamos o sonho dentro da engrenagem. Não se trata de voltar no tempo, mas de criar um novo símbolo para os 90", diz o baixista Humberto Gessinger. Neste caso não se trata de mero símbolo. De cabelos longos como os do baterista Carlos Maltz (cabe ao guitarrista Augusto Licks um visual mais clean), Humberto gosta dos 60 "por aquela coisa meio ingênua de se criar algo novo, de se acreditar na experimentação". Também distingue traços quase hippies em seu som: "Os 80 são muito rítmicos. A gente tenta fazer um som mais melódico, com a bateria um pouco atrás."

Moda retrô de Frankie Amaury

agenda

Não esqueça: Aqui, o que você promove no domingo liquida na segunda.

Edições especiais em NOVEMBRO e DEZEMBRO.

Solicite uma visita.
TELS: 266-5096 e 266-8261

CAMPELLE Produtos Naturais é a sua nova marca de sucesso nas linhas de colônias, shampoos, sabonetes, loções, cremes e bronzeadores.

Seja um revendedor exclusivo em seu bairro ou cidade.

INFORMAÇÕES: CURITIBA: R. Saldanha Marinho, 1314 CEP 80410
Tel.: (041) 224-7638

UM SHOPPING EM SUA CASA

Nos dias de hoje, conforto e comodidade além de um atendimento domiciliar e personalizado são indispensáveis. Pensando nisto **HAROLDO COUTO** monopolizou o mercado de tecidos para decoração, levando para você mostruários de tecidos de todas as lojas do ramo existente no Brasil, além de algumas importadas, mantendo os mesmos preços e condições de faturamento e entrega das lojas, dando ainda a vantagem de medir e indicar profissionais altamente especializados para confeccionar ou reformar seus estofados, cortinas, almofadas e colchas em matelassê, além de colocadores de papel, tecidos e persianas.

HAROLDO COUTO é ainda representante único de **EMBORRACHAMENTO DE TECIDOS**.

Condições muito especiais para Restaurantes, Boites e Hotéis.

Av. Atlântica, 3.806 loja E Tel: 267-6497 ● 267-3241

ATENDIMENTO EM TODO O BRASIL

PROMOÇÕES DO 1º TURNO

ME *mobiliária esmeralda*

Conjunto de mesas ninho em mogno/poliuretano com tampos de vidro. (três mesas) VISTA 990,00

BRINDE: Uma garrafa de vinho personalizado.

BAR espelhado de canto em mogno com iluminação À VISTA 1.650,00

Conjunto de 3 + 2 lugares em couro sintético: À VISTA 1.350,00

BAR em mogno, espelhado comduas banquetas em poliuretano. À VISTA 2.700,00

Diariamente das 8 às 18 hs.

CENTRO

R. Estácio de Sá, 163 — (021) 273-9248
R. Estácio de Sá, 143 — (021) 273-9299

ZONA SUL

R. Jardim Botânico, 216/C — (021) 266-6688

Ladeira abaixo

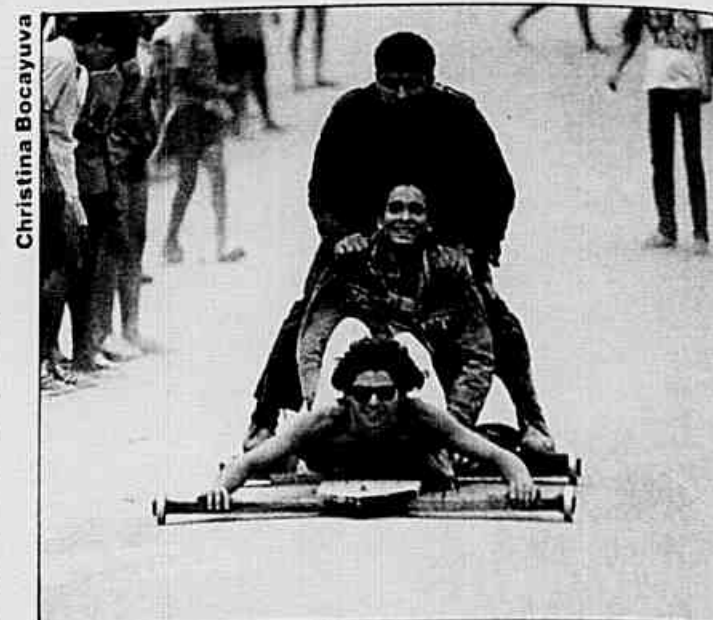
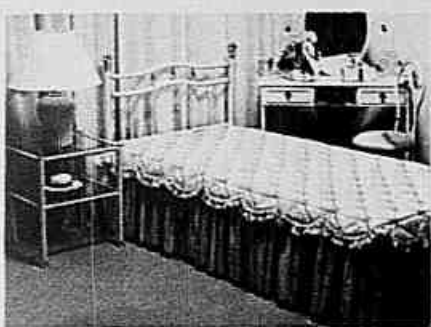
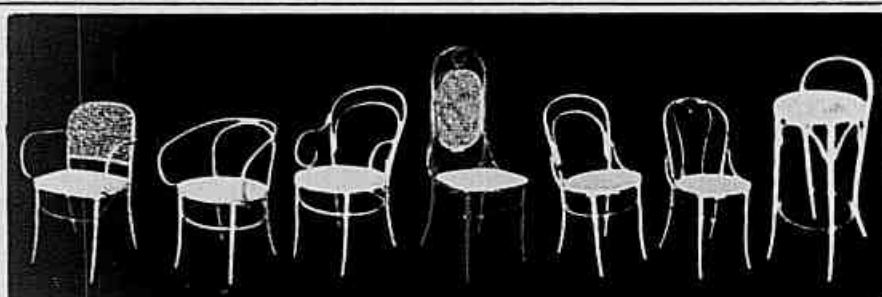
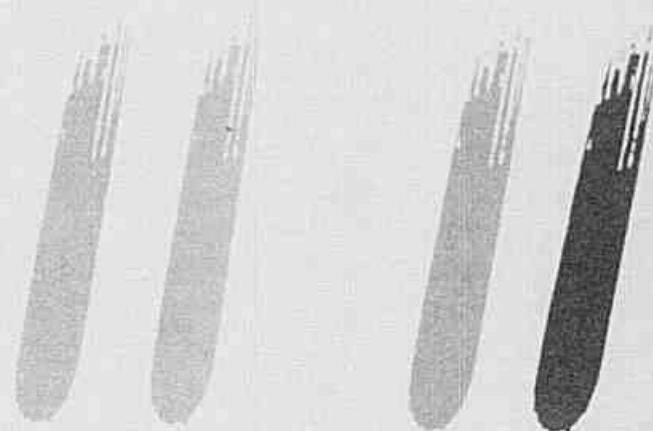
Aventuras e riscos que agitam Vila Valqueire

Christina Bocayuva

Vale tudo no carrinho de rolimã

Para quem não nasceu no Japão, ser chamado de *kamikase* pode soar estranho. Mas se a referência for feita a algum dos freqüentadores do bilhódromo, criado há sete anos numa escarpada ladeira de Vila Valqueire, a troça não vai ser tão descabida. É ali que todas as semanas, de sexta a domingo, jovens vindos de vários bairros da Zona Norte da cidade se transformam em intrépidos pilotos de carrinhos de rolimã, para delírio de uma torcida tão assídua quanto eles. O ponto, que ficou desativado por um tempo devido a pressões da polícia, há mais ou menos um mês voltou a funcionar. Uma volta que foi saudada com entusiasmo pelos moradores do bairro. "Era a maior festa. Eu ficava no portão para ver o pessoal passar e foi bom ver tudo recomeçar de novo", conta Maria das Graças Carvalho, 47 anos, moradora do local.

Apesar do tamanho da pista, de apenas 200 metros, não são pequenos os riscos que emprestaram aos craques a alcunha de *kamikases*. O ponto mais perigoso da descida é conhecido como "curva da morte", e muitos têm espalhadas pelo corpo marcas das batidas e tombos que sempre ocorrem. Luiz Frederico Ferreira, de 20 anos, por exemplo, sofreu há pouco tempo uma luxação no quadril e vai ter que ficar de molho durante seis semanas. Isso apesar da extravagante parafernália de acessórios que dá um tom bizarro às corridas. O que vale é a criatividade. São luvas e galochas de lixeiro, gorros, capacetes antigos de motocicleta, macacões de postos de gasolina e do exército e mesmo pequenas lixeiras, que fazem às vezes de capacete. Até a máscara do Jaspion, herói japonês da televisão, é usada como protetor de rosto.

E não só rapazes se dispõem a enfrentar os perigos da descida em nome do prazer proporcionado pela mistura de aventura com curiosidade. As mulheres também estão presentes, e muitas delas já realizaram a descida várias vezes. Quando isso acontece, a galera não deixa passar em branco, e as meninas são chamadas em coro de *Tieta* ou *cabrita*. "É uma coisa normal. Nunca liguei para esses apelidos, e meu namorado dá a maior força. Está até construindo um carrinho para mim", diz Cátia Gisele Coutinho, 19 anos. Homem ou mulher, o certo é que para sair ileso dessas façanhas tem que seguir a cartilha do lugar. Precisão, domínio do carrinho, muita prática e, acima de tudo, bons ouvidos para os conselhos de quem já tem carteira assinada.

Inventor de modas

Carlos Horcades criou o primeiro selo holográfico do Brasil

Metade do Rio de Janeiro conhece Carlos Horcades pelo menos de vista. Figurinha fácil em festas e eventos na Zona Sul, Horcades é o famoso conhecido-desconhecido. Ninguém sabe ao certo, por exemplo, qual sua profissão. Quem disser fotógrafo, acertou. *Designer* e inventor, também. Horcades é um pouquinho disso tudo, como prova com seu último invento: o primeiro selo holográfico brasileiro. Criado em conjunto com Laís Scuotto, da Associação Filatélica de Brasília, o selo é o segundo do gênero no mundo — o primeiro foi lançado na Áustria este ano. "Um projeto desses é uma pérola em meio ao caldeirão de mediocridades que é o Brasil", comenta Horcades.

Formado em Design pela Escola Superior de Desenho Industrial (Esdi), Horcades divide seu tempo entre projetos reais — como a marca do Grupo Ipiranga e a foto da capa LP do Barão Vermelho — e de fantasia. Entre esses, há de tudo: a maquete de uma casa de cabeça para baixo, projetos de móveis dadaístas, cartões-postais de peixes. "Vivo rabiscando, sou uma espécie de especialista em porcarias", diz. A maquete, por exemplo, foi feita por puro prazer, mas de alguns dos móveis dadaístas, como a mesa apoiada em dois livros gigantes que enfeita a casa do inventor no Jardim Botânico, ele chegou a produzir cópias. Na verdade, Horcades gostaria de tornar real tudo o que sonha, mas não consegue tempo nem patrocínio. "Os postais são simples. Eu fotografo os bichos no meu aquário e mando para os amigos", conta.

Amigos não lhe faltam. Horcades é da tribo do cantor Cazuza, amigão de Miúcha e Bebel Gilberto, *chapa* do cineasta Neville D'Almeida, entre tantos. Por conta deles e de uma voz "legalzinha", como diz, ele fez coro em discos de Chico Buarque, Tom Jobim e Miúcha. Foi com a aprovação de outro amigo, o falecido poeta Carlos Drummond de Andrade, que Horcades conseguirá dentro um mês tornar real mais um de seus sonhos: criar uma praça entre a ruas Rainha Elizabeth e Conselheiro Lafayete, em Copacabana, e decorá-la com frases do poeta. Mas o que Horcades adora é dirigir seu Tatraplan 1950 — o modelo do primeiro carro aerodinâmico do mundo — e circular na noite.

Carlos Mesquita

Horcades criou "uma pérola"

Flávio Rodrigues

O selo é o segundo do mundo

Elvis de lamê

Elvis está vivo. Mesmo. Desta vez não se trata de especulação. Ele acaba de ressuscitar na pele do cantor Jerry Adriani (da turma do lamê da Jovem Guarda), que já começou a domar o cabelo e desenferrujar as cadeiras para estrear, em janeiro, no Teatro da Galeria, o musical *Elvis vive!*, sob a direção de Attílio Riccó. Conhecido produtor de comédias, há muito Attílio andava de olho no que chama de "renascimento do musical", cujo borderô de *Splish splash*, da produtora Cláudia Raia, é a expressão máxima. Difícil saber se *Elvis vive!* será um sucesso, mas Jerry acha-se a expressão ideal do mito: "Sou seu fã desde os 12 anos quando era crooner dos *Rebeldes*", revela com seu timbre grave no estilo de Mr. Pelvis. A-wop-bop-aloop-bop-alop-bam-boom!

Renato Velasco

***Jerry vai estrelar o musical* Elvis vive!**

Agência Keystone

Simon, Rose e Yasmin

Bom retorno

Yasmin Le Bon está de volta às passarelas da moda inglesa. Para quem não sabe, ela é mulher de Simon Le Bon, vocalista do Duran Duran, e estava afastada dos desfiles há sete semanas, quando nasceu Amber Rose, a primeira filha do casal. Yasmin garante que a volta é pra valer: "Não posso me aposentar com apenas 24 anos."

Exagero

☐ Os diplomatas brasileiros que servem na Suíça — e não são poucos, já que ali se instalam vários organismos internacionais — terão no dia 15 de novembro que se deslocar até Paris para votar para presidente.

☐ As leis locais — em nome da proverbial neutralidade suíça — impedem que eles o façam em seu território.

Humano

☐ O governo Bush está se mostrando mais humano que o anterior.

☐ Acaba de derrubar uma lei que negava visto a estrangeiros notoriamente portadores de doenças contagiosas.

Seguro caro

☐ O presidente do Codiseg, Rubem Dias, está para fechar com a TV Globo o grande **case** de **merchandising** do ano.

☐ Em oito inserções na novela **Tieta**, o Codiseg vai segurar todos os **moradores** de Mangue Seco, na eventualidade de eles virem a ser prejudicados pela instalação, prevista pelos autores da novela, de uma fábrica de chumbo tetraetil na região.

☐ Na novela, Tieta vai ficar tão entusiasmada com o projeto que acaba fazendo também um gordo seguro de suas propriedades.

☐ É negócio, embora não revelado, para milhões de dólares.

Já é Natal

Já é uma tradição pré-natalina. Há seis anos Maria do Carmo Borges e Maria José Magalhães Pinto organizam a Exposição de Mesas de Natal, com renda revertida para a creche Santa Terezinha, que atende 250 crianças carentes. Dessa vez, a mostra acontece hoje e amanhã no Othon Palace, reunindo 40 mesas ornamentadas e 10 *stands*, com árvores e arranjos.

Maria José e Maria do Carmo: Natal

Picasso caracterizado de arlequim, pintado por ele próprio, ao lado da modelo Germaine Pichot. A tela, de 1905, chamada **Au Lapin Agile**, um dos últimos exemplares importantes do período rosa do artista, é o carro-chefe do leilão da Sotheby's, dia 15 de novembro, em Nova Iorque. Estima-se que vá ser arrematada por mais de 50 milhões de dólares.

Do rock à opera

O tenor gaúcho Sérgio Sisto, 23 anos, hoje apadrinhado por Fernando Bicudo e com o palco do Teatro Municipal à sua disposição, já foi expulso de uma banda de rock de garagem. "Achavam que eu gritava demais", recorda ele, que terça-feira faz seu primeiro solo na ópera **Manon Lescaut**, como Edmondo. O tenor chegou ao Rio, em julho, apenas para participar de um concerto da Orquestra Sinfônica Brasileira, sob a regência do maestro Flávio Chamis, e acabou ficando. "Concorri com 300 cantores e ganhei uma vaga no coro da Ópera Brasil", conta ele, referindo-se à Companhia de Fernando Bicudo, que pretende percorrer o Brasil apresentando espetáculos. Apesar de ter começado cantando em corais e tocando órgão em igrejas, Sisto garante que só descobriu a música lírica quando entrou para a OSPA, aos quinze anos. "Queria ser cantor de rock", revela o tenor, que em 88 foi escolhido pelo governo americano para representar o Brasil num intercâmbio de três meses. "Lá os jovens estão mais abertos a todos os estilos de música", argumenta.

Ricardo Leoni

Sisto no Municipal

O colecionador

□ Só a opção preferencial de alguns candidatos a presidente da República pelo populismo pode explicar o fato de o ex-governador Paulo Maluf exibir-se sempre com camisas sociais de punhos fechados a botão.

□ Maluf, curiosamente, é possuidor de uma extraordinária coleção de abotoaduras, segredo que ele só expõe aos amigos muito íntimos.

Beleza é fundamental

Para ajudar empresas a encontrar uma boa saída para os atuais tempos bicudos, três **designers** deram-se as mãos e montaram a EChO, um escritório de sistemas visuais instalado em Botafogo.

□ Maria Luz Schneider, Ana Maria Battaglia e Stella Ramos vendem **glamour** para empresas sob encomenda. Criam uma programação visual específica, embalagens, marcas e imagens corporativas diferenciadas de acordo com as necessidades de cada um.

— Criamos pacotes com projetos especiais que cuidam desde a fachada até a xícara do cafezinho — diz Maria Luz. — Queremos provar que a beleza é fundamental até mesmo no mundo dos negócios.

Maria Luz, Ana Maria e Stella:* designer *para os novos tempos

JOAQUIM FERREIRA DOS SANTOS

O coral da Comlurb

Depois do carnaval, agora é a vez de o Natal virar o lixo pelo avesso e transformá-lo em luxo. Trinta e dois lixeiros da Comlurb reuniram-se no Coral dos Garis e vão embalar a data máxima da cristandade com uma apresentação nos Arcos da Lapa. No repertório, *spirituals*, folclore alemão, *Cesta de Natal*, *Azulão*, *Andança*, *Noite dos mascarados* e até *Adesto Fidelis*, um hino religioso português do século XVIII, cantado em latim. "Eu cantava em grupo de pagode e quis aperfeiçoar a voz", explica um dos garis, o baixo José Luiz da Silva, 29 anos, passista da Tradição. "Gosto de cantar em banheiro e quis educar a voz", diz a contralto Márcia Cristina de Oliveira, 28 anos, que limpa Botafogo. A maestrina Wally Borgoff rege a turma. Fino lixo.

O Coral dos Garis da Comlurb vai cantar até hino religioso em latim, no Natal dos Arcos da Lapa

Foto de Ricardo Leoni

Mozart Catão

Em 81, o alpinista Catão, 27 anos, despencou de 40 metros numa escalada no morro Santo Antônio Mirim, em Teresópolis. O grampo se soltou. Sofreu fraturas expostas, lanhou todo o corpo e teve a pele arrancada da coxa e das costas. Um mês e meio depois, ainda enfaixado, já estava escalando o Pão de Açúcar. Hoje em dia, dedica-se ao projeto de vencer as montanhas mais altas de cada continente. Já subiu sozinho o Aconcágua (6.949m), na América Latina, e o Mont Blanc (4.810), na Europa. Agora vai para o Kilemanjaro (5.810), na África. O Himalaia depende de patrocínio. "Preciso de 25 mil dólares para conseguir vaga numa expedição", diz. O último Natal Catão passou pendurado na face oeste da Pedra do Sino, a via mais difícil do Brasil. Subir pelas paredes, no caso de Catão, é puro prazer. "É um lance interno, uma vontade de se auto-superar. Afinal, ninguém está vendo você lá."

Teresa Ricou

A palhaça Teté, 43 anos, é portuguesa e criou em Lisboa em 80 a Escola de Circo da Colectividade Cultural e Recreativa de Santa Catarina, que ensina todas as formas de expressão artística — do cinema ao teatro, do circo às artes plásticas —, principalmente a meninos recolhidos nas ruas. "É um projeto inovador na Europa", garante. Exilada da ditadura salazarista, Teté foi para a França, onde trabalhou na construção civil, vendeu jornais de rua, limpou o chão e tomou conta dos leões do Cirque Amar. Está no Brasil a convite da secretaria estadual de Bem-Estar de São Paulo, onde participou no início do mês do seminário *Criança de baixa renda na metrópole*. Animou-se com a situação da arte circense no Brasil. "O pessoal de circo aqui está muito ativo, dinâmico, com pique e propostas novas."

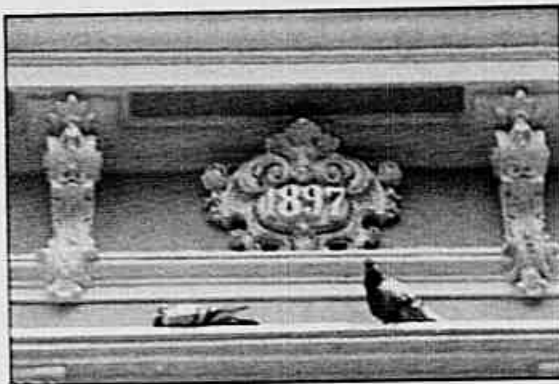
Catão quer subir o Himalaia; a palhaça Teté, portuguesa, faz circo em Sampa

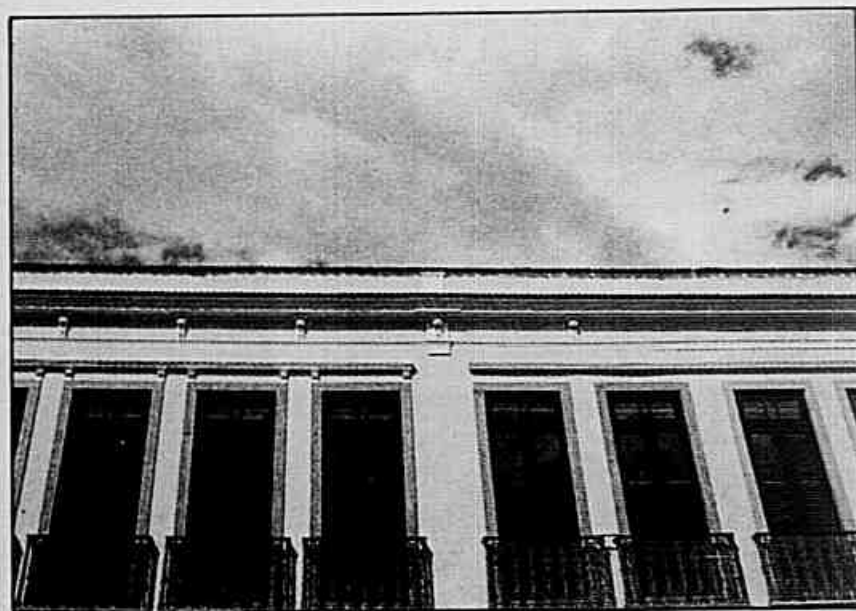
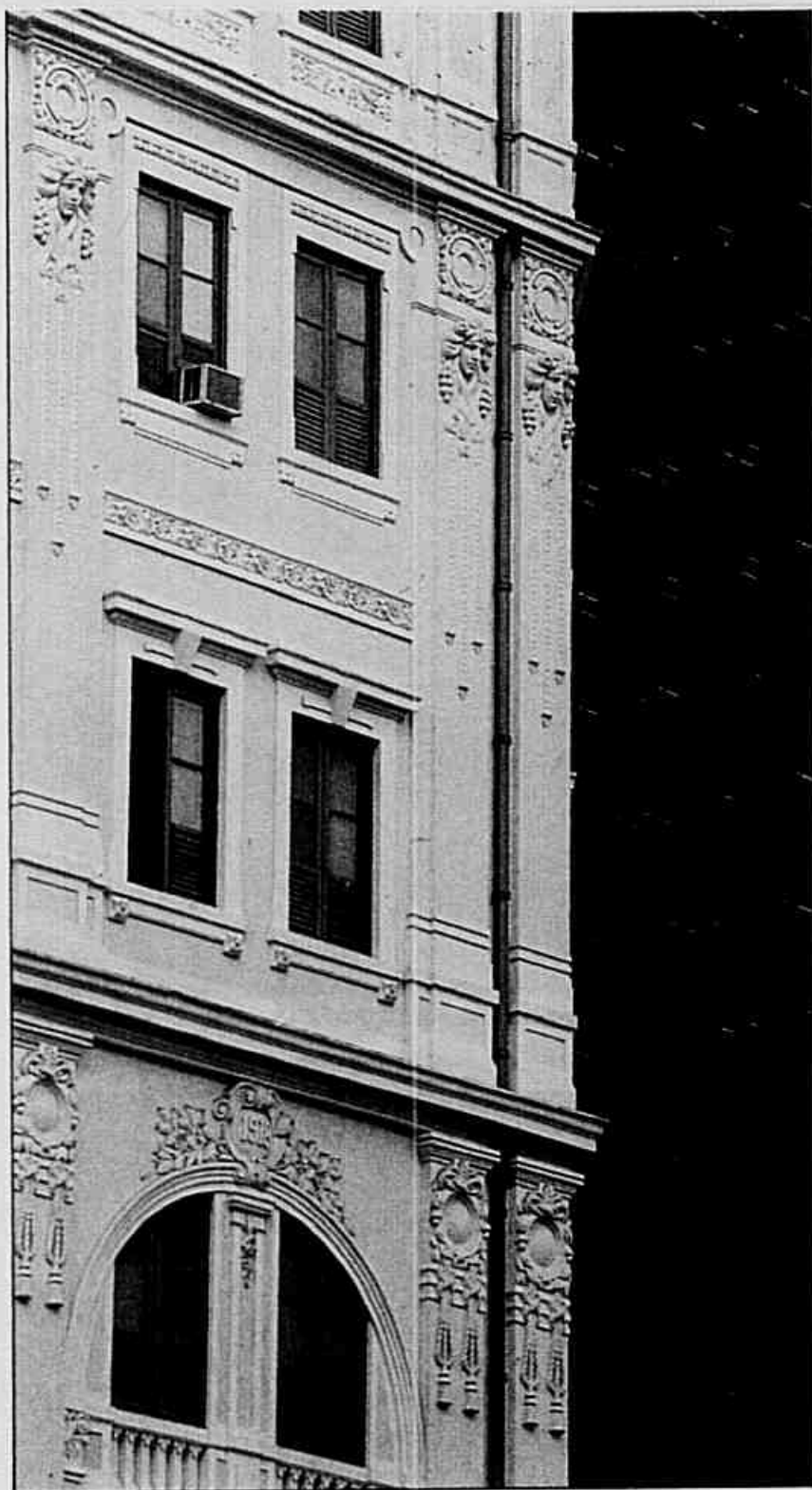
Fotos de Dilmar Carvalho

A restauração do conjunto de prédios do Palácio das Ferramentas deu nova vida à Rua Buenos Aires

Nem tudo está perdido

Projeto do Corredor Cultural recupera o casario antigo do Centro

Quando em 1979 o arquiteto Augusto Ivan de Freitas Pinheiro desembarcou no Galeão, nem mesmo ele podia imaginar que as idéias que trazia junto com sua bagagem estavam fadadas a mudar tanto a cara do Centro do Rio. As idéias, no caso, eram de preservação, e surgiram durante o curso de pós-graduação em Planejamento e Urbanismo que Augusto tinha acabado de concluir na Holanda. O alvo era a área central da cidade, onde havia muito o que preservar da remanescente arquitetura histórica típica que havia sobrevivido ao crescimento e reurbanização da cidade depois do início da década de 70. "Como era funcionário da prefeitura, quando voltei ao Brasil apresentei um projeto ao prefeito Israel Klabin", conta Augusto. Na época preocupada em revitalizar o Centro, a prefeitura resolveu casar as idéias do arquiteto com o empreendimento e usar a preservação das construções para garantir o ressurgimento de atividades culturais que marcaram o passado da região.

Com o Corredor, já foram reformadas 400 fachadas, e 1.600 imóveis estão catalogados, da Lapa à Cinelândia, da Praça 15 à Saara

Deu certo, e foi assim que nasceu o chamado Corredor Cultural, um trabalho que em 1984, no governo de Marcello Alencar, saía definitivamente das pranchetas. Hoje, com 400 fachadas recuperadas e mais de 1.600 imóveis catalogados, o projeto já conseguiu preservar antigos casarões e conjuntos da Lapa/Cinelândia, São Francisco/Saara e Praça 15. "São construções que não podem ser demolidas ou descaracterizadas. Nossa intenção é convencer os proprietários a restaurá-las, deixando como eram no início do século", explica Augusto. No momento, sua maior expectativa são as obras de uma construção da Avenida Passos. "Trata-se da super-restau-

O prédio do Rio Hotel (E), sobrado da Avenida Passos (acima), e a obra na Rua Buenos Aires (abaixo): resultado dos incentivos

ração do prédio-pavão, que por sua mistura arquitetônica do início do século foi considerado símbolo do nosso projeto."

INCENTIVOS. Mas a tarefa não é fácil. "Delineamos áreas, definimos objetivos, leis e procuramos revitalizar o Centro compatibilizando o crescimento com a preservação de ambientes tradicionais", diz ele. Ganhar os comerciantes e proprietários dos imóveis para a idéia também foi uma das preocupações do projeto, que oferece incentivos fiscais, como a isenção do IPTU, para os que se dispõem a restaurar suas fachadas como manda o figurino. "Isso é muito bom, mas o processo deveria ser mais rápido. A Secretaria de Fazenda demora para

Fachadas reformadas preservam memória da cidade na Rua da Conceição

nos dar a isenção", reclama José Tiago Marinho Gomes, 53 anos, comerciante da área do São Francisco/Saara. Como um dos sócios do Palácio da Ferramenta, que ocupa seis prédios da Rua Buenos Aires, seu José fala com orgulho sobre a restauração de sua fachada. "Gastamos na época cerca de NCzS 12 mil só com o material. Mas ficou uma beleza."

Na Saara a onda da restauranção pegou mesmo. Fred Riche, 43 anos, é um dos que procurou o Corredor Cultural para reformar suas lojas 284 e 235 da Rua da Alfândega. "A rua ficou mais clara, limpa e bonita. Precisei trocar portas, restaurar os desenhos e deixar as fachadas com cara antiga, mas valeu a pena." Se na restauração da loja 284 as coisas foram mais fáceis, para os trabalhos na 235 Fred teve de recorrer a especialistas. "Contratei a Preserve Empreiteira, que me cobrou, na época, 365 OTN", lembra. Seu primo Nelson Riche, 32, também comerciante, seguiu o exemplo. Já está na terceira restauração. Em 88 deixou a fachada da Rua da Alfândega 310 novinha em folha. "A obra ficou em torno de NCzS 2 mil. Agora dá até para saber que o casarão foi construido em 1907", conta.

Histórias como essa, aliás, não faltam na rua. A de seu Abraham e dona Rosa Grinfeld, um casal de poloneses que veio para o Brasil em 47 fugindo da Segunda Guerra Mundial, tem até um toque sentimental. "Chegamos aqui com uma trouxa na mão e nos fizemos na Saara", conta dona Rosa, 68 anos. Donos da loja nº 293, quando foram procurados pelo patrimônio histórico os dois aceitaram na hora

Os Grinfeld, 40 anos de Saara

Fred já recuperou dois prédios

Augusto Pinheiro comanda o projeto do Corredor

restaurar a fachada. "Vimos isso aqui crescer e temos que pensar em melhorias. Acho que fomos os primeiros a entrar em reforma", fala seu Abraham, 73. Como resultado, a nova fachada, pintada de rosa e verde, faz sucesso, principalmente pela sacada antiga. A obra custou NCz$ 150 mil em 1987.

FREGUESES DA REFORMA. Outro bom exemplo desse sucesso que a restauração pode proporcionar é o do Rio Hotel (Praça Tiradentes com Rua da Carioca), que passou a atrair um número maior de hóspedes depois da reforma. "O prédio, construído no início do século, ficou como nos velhos tempos", conta o espanhol Rosalino Novo Fandiño, um dos sócios. Empolgado com a fachada de paredes cor areia, ornatos brancos e esquadrias colorado, seu Rosalino diz que agora só falta instalar o toldo da entrada. Obras como essa ou a realizada pelos proprietários de um casarão da Rua Senhor dos Passos com Regente Feijó são normalmente feitas por empresas especializadas. No caso do casarão, foi a TET Construção e Comércio Ltda. "Mas tudo passa pelo crivo do Corredor Cultural", explica Maria Helena McLaren Maia, arquiteta do projeto.

Empolgação é sempre um bom ingrediente quando se trata de restaurações. Os irmãos João e Murilo Franklin Machado, proprietários do imóvel que virou a menina dos olhos do Corredor Cultural, o prédio-pavão, se deixaram contagiar e investiram cerca de NCz$ 500 mil na obra que restaura a fachada e a parte interna dos números 36 e 38 da Avenida Passos. Tradicionais no ramo de tecidos, os dois pretendem instalar no local uma loja de departamentos, com três andares. "O importante é que estamos devolvendo ao prédio a sua cara original, recuperando a clarabóia, os vitrais, piso, telhado e incluindo até um elevador panorâmico", conta Murilo, 50 anos. Segundo Augusto Ivan, o prédio, que deve seu nome a um vitral na fachada que lembra o leque do pavão, foi inaugurado em 1911 e pertencia à antiga loja de materiais elétrico e hidráulico, a Casa Lucas. "Pelo que descobrimos, era a mais moderna loja da época neste tipo de comércio." Concebido como uma mistura de estilos de arquitetura, o prédio possui ainda no seu topo uma imensa e vistosa águia, que também foi restaurada.

Para orientar um trabalho meticuloso como esse, a prefeitura criou, em 1987, a Lei nº 1139, de dezembro de 1987, que substitui outra de 1984 e atualmente regulamenta as reformas. Pela lei, as características artísticas e decorativas do conjunto das fachadas e coberturas dos prédios deverão ser mantidas nas restaurações, inclusive clarabóias e suas projeções. Quanto a elementos que comprometem a forma original das edificações, como as marquises, devem ser retirados e, se possível, substituídos por toldos. Mas os vôos dos projetos do Corredor Cultural não param por aí. "Já estamos em outra. Agora nossa atenção está voltada para os problemas das fiações, iluminação e para a aparência das ruas, que precisam ficar mais bonitas", sonha Augusto.

HELENA TAVARES

PERSONAGEM

Gigante na fama

Um rebocador que fez história em Copacabana

Se dependesse de sua altura, ele não mereceria o apelido que tem. Afinal, 1,70 m não faz de ninguém um gigante. Mas pelo que já fez nos seus 50 anos de Copacabana, o apelido até que é modesto. O *Gigante*, no caso, é "seu" João Dias, o dono do carro-guincho que faz ponto há anos na Rua Francisco Otaviano, uma figura que já evitou que muita gente sujasse as mãos de graxa. "Comecei em frente ao número 37, lavando só pneus, porque não tinha altura para alcançar o carro todo", conta com o orgulho de quem, aos 60 anos, está aposentado como mecânico e pode deixar a profissão como herança aos filhos. "Fiz minha freguesia com honestidade e agora deixo o caminho aberto para os garotos."

Cristina Bocayuva

João Dias tem 50 anos de guincho

Criado pelo pai até os 11 anos no subúrbio de Campo Grande, em 1940 *Gigante* resolveu ir à luta sozinho e escolheu a Franscisco Otaviano como sua casa. "Dormi durante muito tempo na rua e não virei ladrão." O esforço foi recompensado. Ele acabou conseguindo ali mesmo seu primeiro emprego como ajudante de mecânico numa oficina. "Tinha muito serviço. A gasolina estava em falta por causa da guerra e os carros funcionavam com gasogênio." Pouco tempo depois ele conhecia *Urubu*, e os dois formaram uma dupla de rebocadores que ficou conhecida em todo o bairro. "Nosso primeiro guincho custou três contos e quinhentos réis. Eu dei um conto, ele um conto e quinhentos, e o restante penduramos", lembra. Só que a sociedade durou pouco e eles viraram concorrentes na mesma rua. "Mas continuamos amigos."

Hoje, passados mais de 30 anos, a Gigante Auto-Socorro domina o mercado na Francisco Otaviano, com a morte de *Urubu*, que chegou a ter três carros-guincho. E mesmo depois que os filhos Joaquim e Idelfonso Dias assumiram o negócio, nada parece ter mudado e a boa fama de *Gigante* continua de pé. "Ele tem um nome aqui em Copacabana. A gente tem que dar prosseguimento", diz Joaquim, 20 anos. Uma fama que corre de boca em boca. "Todo mundo indica o *Gigante*", confirma Paulo Faria, motorista de ônibus de turismo. Um caso típico daqueles em que os vizinhos viram, além de fregueses, os melhores anunciantes.

Os filhos de João Dias já se acostumaram com o ritmo da vida de rebocadores. "O plantão é de 24 horas, de segunda a segunda", diz o pai. Mas não há reclamações. "Tiro uns NCz$ 1.300 por mês. Melhor do que ter patrão e ganhar salário mínimo", argumenta Joaquim, que é empregado do irmão Idelfonso, o herdeiro oficial de *Gigante*. Como o pai, os "garotos" aprenderam a dormir na boléia do carro-guincho, mas da década de 50 para cá as coisas melhoraram bastante, sem falar que eles ainda podem contar com a ajuda de "seu" João, que de 15 em 15 dias assume o reboque. "Fico dois dias e uma noite, para eles aproveitarem o final de semana."

Os preços da tabela da família Dias são bem acessíveis. A oficina ambulante da Gigante Auto-Socorro funciona dia e noite e recebe chamados pelo telefone 247-2469. Um atendimento que pode custar de NCz$ 60 pela limpeza do carburador ou troca de uma correia dentada até NCz$ 180 por uma viagem a reboque do Centro ao Posto 6. "Fazemos um preço camarada para não perdermos a freguesia", revela Joaquim. De fato. Um preço minúsculo para um serviço de gigante.

LIANE GONÇALVES

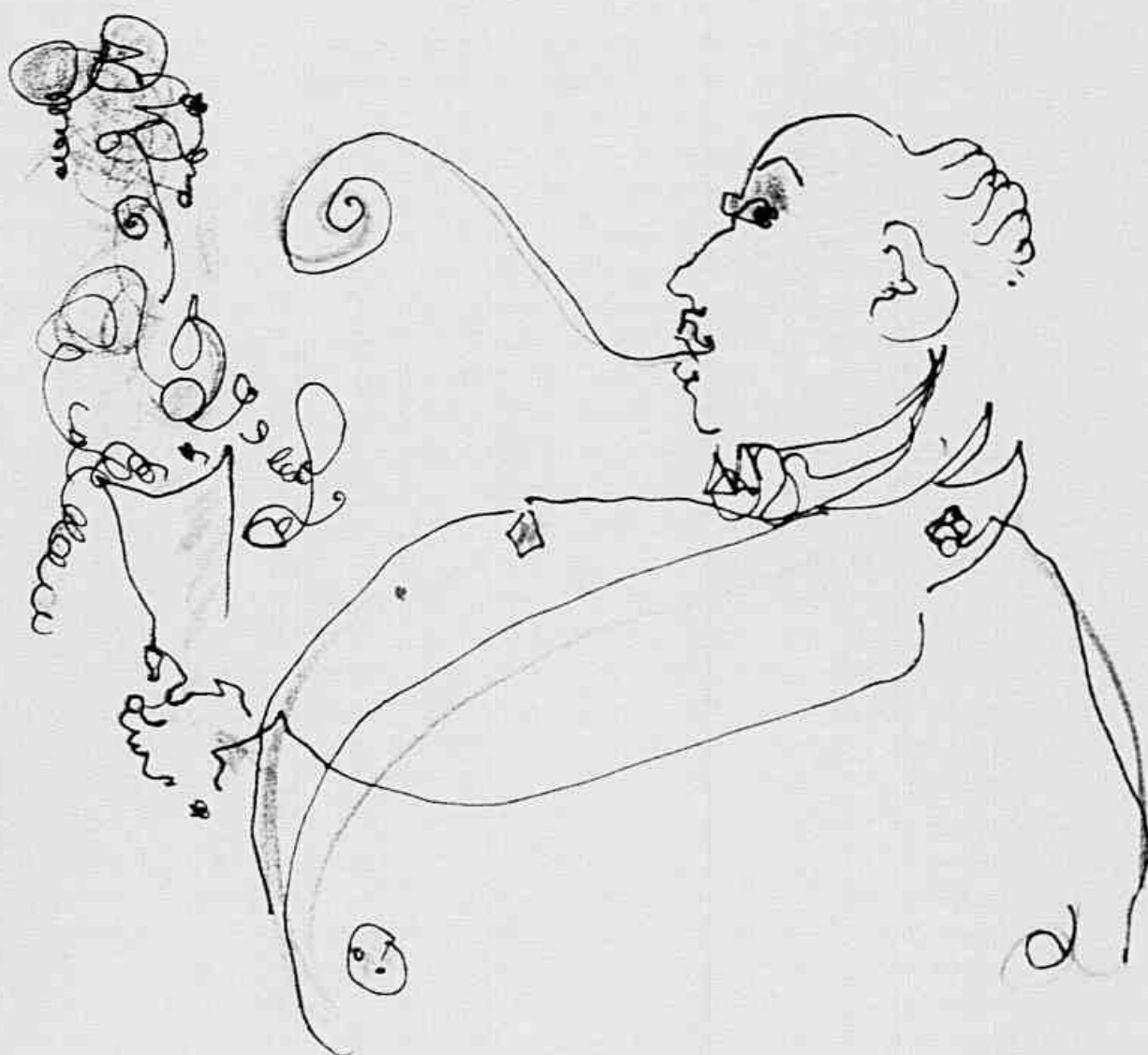
Auto-ilógico

Se você é proprietário de um dos mais de 1,3 milhão de veículos que circulam na cidade do Rio de Janeiro, vai se surpreender quando tiver problemas com seu carro e precisar de um reboque. A lógica dos preços apresentados pelas empresas de socorro nem sempre é fácil de ser compreendida. A Auto-Socorro Botelho, em São Cristóvão (Rua Sá Freire, 127), por exemplo, está cobrando NCz$ 350 para transportar um automóvel enguiçado do Centro aos Posto 6, em Copacabana. Um trajeto que vai ficar mais em conta se for feito pela Auto-Reboque Santos, da Tijuca (Rua Haddock Lobo, 409), ou seja, NCz$ 320. Já quem recorrer ao Socorro Rebouças, do Humaitá, vai pagar pela mesma viagem NCz$ 600. "A gasolina tá muito cara", tenta justificar Marcos Jorge, filho do proprietário da Rebouças.

O Baixo é uma fria

Sorvete cura ressaca na boemia do Leblon

Denise foi fisgada pela boca

Mais do que nunca, é possível entrar numa fria depois de uma noite quente no Baixo Leblon. Desde que foi inaugurada, há 10 meses, a sorveteria Frescone vem gelando — no sentido *guloso* da palavra — as madrugadas do quadrilátero da boemia carioca, e já se tornou *point* de uma geração movida a chope e batata frita. "Todo mundo vem pra tomar cerveja, eu venho pelo sorvete", diz a estudante Márcia Araújo, 18 anos, que até descobrir a Frescone não freqüentava o Baixo. Agora, ela tem motivos de sobra para viver a noite do lugar: são 22 sabores diferentes — entre *ice creams* e *sorbets*, todos de fabricação própria, uma idéia dos irmãos Geraldo e Mário Sérgio Celidônio, filhos de José Hugo Celidônio, dono do Gourmet. Antes de abrir a sorveteria, Geraldo foi ajudante de garçom e gerente do restaurante do pai. Em 81, mudou-se para Búzios, onde inaugurou duas lojas de revenda de sorvetes. Mas foi só em 87, quando o irmão e a tia montaram a fábrica em São Paulo — que leva o mesmo nome da loja —, que resolveu criar a Frescone, na Rua Aristides Espíndola, 88, lj C, ao lado do restaurante Diagonal.

"Virou um ponto de cura ressaca", brinca Geraldo. "A cada fim de noite chega uma avalanche de gente querendo tomar sorvete antes de ir pra casa." Seguindo o costume do Baixo, onde os restaurantes e bares só fecham quando o último freguês sai, a Frescone funciona todos os dias das 10h às quatro e meia da manhã. "Há um período de *recesso* entre as sete e as dez da noite, horário de pouco movimento." É de madrugada que o entra-e-sai na sorveteria não pára. Por lá passa gente como o vocalista do grupo Inimigos do Rei, Luiz Nicolau, 25 anos, e que, por morar ali perto, é freqüentador assíduo. "Mas prefiro tomar sorvete de dia, pra não prejudicar a garganta. À luz do luar, só de vez em quando", conta. Como ele, o cantor Ed Motta, outra presença de peso na sorveteria, prefere os cremosos, "que têm balanço". "Tô com ele e não abro", decreta Nicolau, que elegeu como preferido o *Tartufo*, uma espécie de trufa recheada com sorvete de chocolate, coberto com farofa de amêndoas, chocolate amargo em pó e cacau. Esta e outras misturas como o *Frozen Shake Vodka* — fruta batida com vodka ao invés de leite — enchem os olhos de quem entra na sorveteria. São 11 sabores de cremosos, feitos com creme de leite fresco, e 10 de frutas, à base de água, sem gordura vegetal ou qualquer aditivo.

JAMES BANHA. "Isso aqui já é conhecido como *Baixo Frescone*", anuncia a vendedora da Dimpus e estudante de Direito Cláudia Ribeiro, 25 anos, que mora na Barra mas vai, todos os sábados à noite, tomar um sorvetinho e encontrar a sua turma. Rotina igual a da psicóloga Denise Vallota Pantaleão, 32 anos, de Copacabana, e que descobriu a sorveteria por causa do ex-namorado, conhecido, por justa causa, como James Banha. "Ele era viciado no sorvete daqui, pesava 102 quilos e tomava três de uma só vez. Acabei fisgada pela boca." Por causa de Denise, os três casais que a acompanhavam no fim de semana passado tiveram que parar na sorveteria antes de seguirem para uma festa. "É uma boa maneira de começar a noite", diz o analista de sistemas Carlos Eduardo Teixeira, enquanto reparte a casquinha com Denise. "Esse é o

Fotos de Renato Velasco

Luiz Nicolau (acima), vocalista do Inimigos do Rei, é um dos freqüentadores da Frescone, a sorveteria de Geraldo Celidônio (E), que atrai quem procura gelado para curar ressaca

único problema daqui. A casquinha é grande demais", diz ela.

É verdade. Maiores do que as habituais, existem dois tipos de casquinhas na Frescone: a *fresh cone*, que é feita na hora, e a de chocolate com castanha. Esta última faz a cabeça da publicitária Lúcia Meneghini ("tem um super *lay-out*") e da dublê de atriz e cantora Tânia Alves, que sempre que pode dá uma paradinha para tomar um Frescone de caramelo com casquinha de chocolate e castanha. "Adoro também os *sorbets*, mais leves", diz Tânia. Mas o melhor cliente da sorveteria de Geraldo é mesmo o pai, José Hugo, que encomenda regularmente grande quantidade do sorvete para o seu restaurante. "Ele também vem de vez em quando tomar um de crocante ou de morango, seus preferidos." Outro que também passa por ali é o compositor Leo Jaime, que já andou cantando que "não sabia se tomava um sorvete ou se mandava pro Nepal". Leo ficou ali mesmo pelo Baixo Leblon.

PATRICIA PALADINO

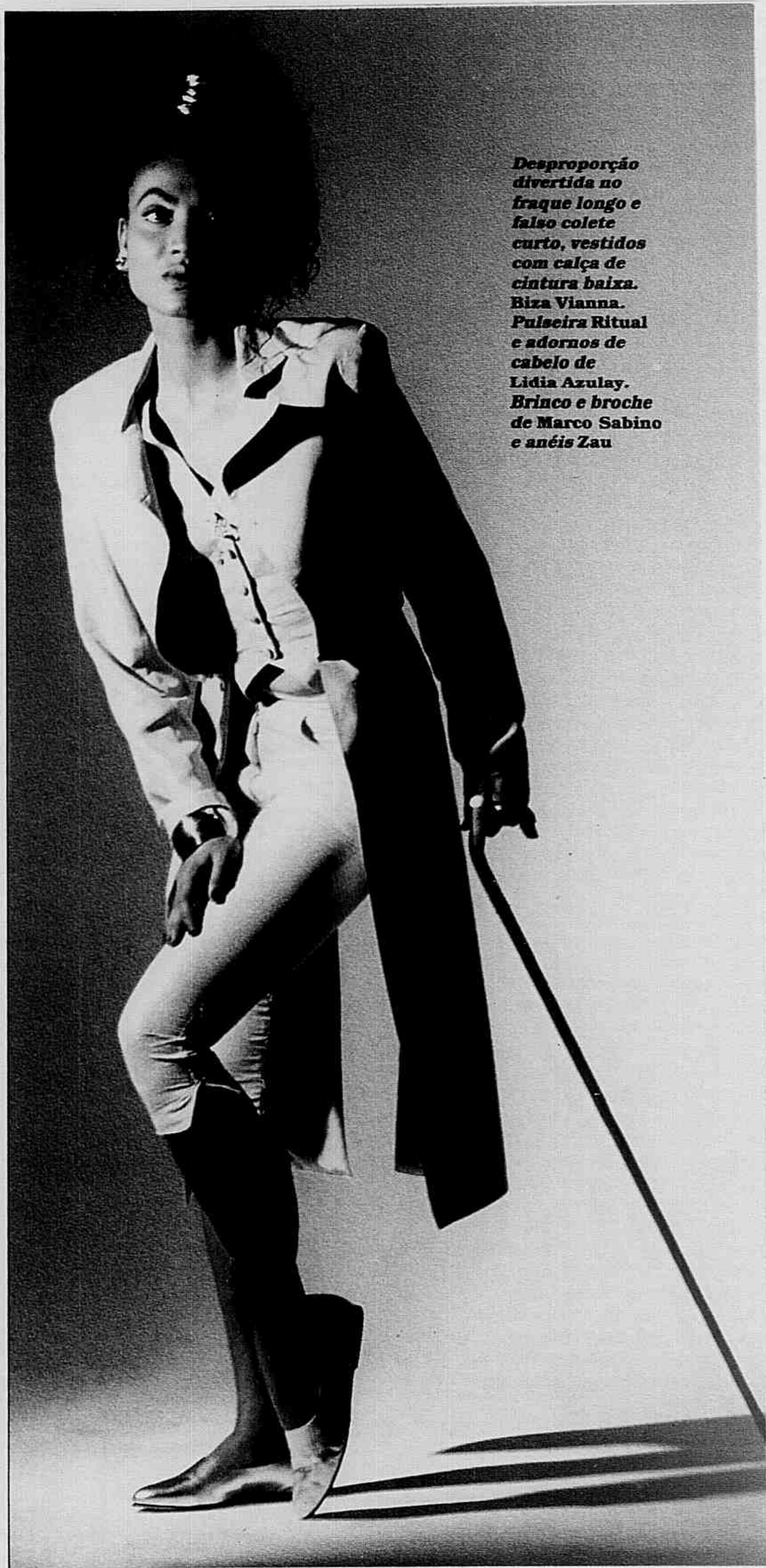
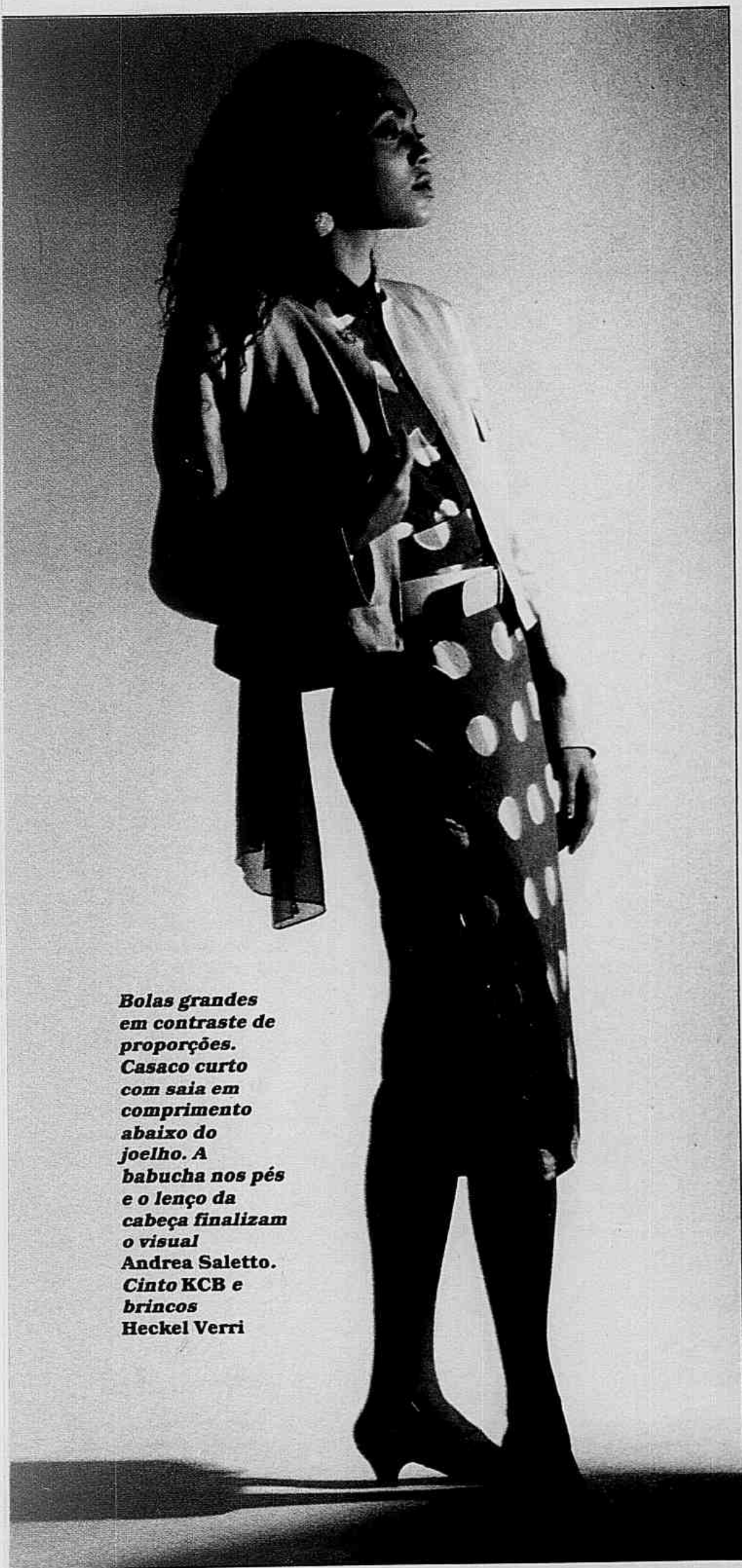
Fotos de Bruno Veiga

MODA

O sobe-e-desce dos panos

Para a eterna pergunta sobre o que se vai usar, a resposta, ultimamente, tem sido positiva. Tudo. Veste-se saia longa, mini ou acima dos joelhos. Os *blazers* tradicionais, quando mais curtos, tornam-se *spencers*. Supermoda. Coletes que viram boleros ou caem até os joelhos foram mostrados nas coleções de verão, assim como *tops* em proporções variadas caminham de abaixo do busto até os quadris. Toda esta versatilidade é um prato cheio para as adeptas do gênero pouco convencional. Uma receita bem 90 é descombinar os diversos comprimentos e amplidões, não se esquecendo da sugestiva mistura do tecido espesso com o esvoaçante, em montagens divertidas. Então, mãos à obra. Nas fotos, Vanessa França, da Bambú, com maquiagem e cabelo de Irajá Junior. Produção de Daniele Scherer.

REGINA MARTELLI

Desproporção divertida no fraque longo e falso colete curto, vestidos com calça de cintura baixa. **Biza Vianna.** ***Pulseira*** **Ritual** ***e adornos de cabelo de*** **Lidia Azulay.** ***Brinco e broche*** **de Marco Sabino** ***e anéis*** **Zau**

***Bolas grandes em contraste de proporções. Casaco curto com saia em comprimento abaixo do joelho. A babucha nos pés e o lenço da cabeça finalizam o visual* Andrea Saletto. *Cinto* KCB *e brincos* Heckel Verri**

***Acima, top curto contrasta com veste longa e as calças. Um charme o chapéu de palha e os sapatos com broche* New Gipsy. *Brincos de* Bibi Araújo. *Abaixo, o macacão colante tomara-que-caia de cotton-lycra da* Malha e Companhia *e leve capa transparente* Andrea Saletto. *Anel e brincos* Georges Henri**

***Combinando desproporções no conjunto de pantalona/calça de gabardine com minitop em seda e veste de crepe* Heckel Verri; *sapatos* Soft Shoes *e bijuterias de* Zau**

Endereços da Moda:

New Gipsy
Rio Sul, 1º piso

Heckel Verri
Rua Visconde de Pirajá, 547

Soft Shoes
Rua Visconde de Pirajá, 351

Zau
Rua Henrique Dumont, 68-G

Malha e Companhia
(021) 275-2487

Andréa Saletto
Shopping da Gávea, 3º piso

Teresa Gureg
Rua Aníbal de Mendonça, 81

Georges Henri
Rua Visconde de Pirajá, 495

Marco Sabino
Rua Visconde de Pirajá, 351/sobreloja

Arranha Gato
Rua Garcia D'Ávila, 134-A

Lidia Azulay
Rua Visconde de Pirajá, 351/sobreloja

Arezzo
Rua Aníbal de Mendonça, 108

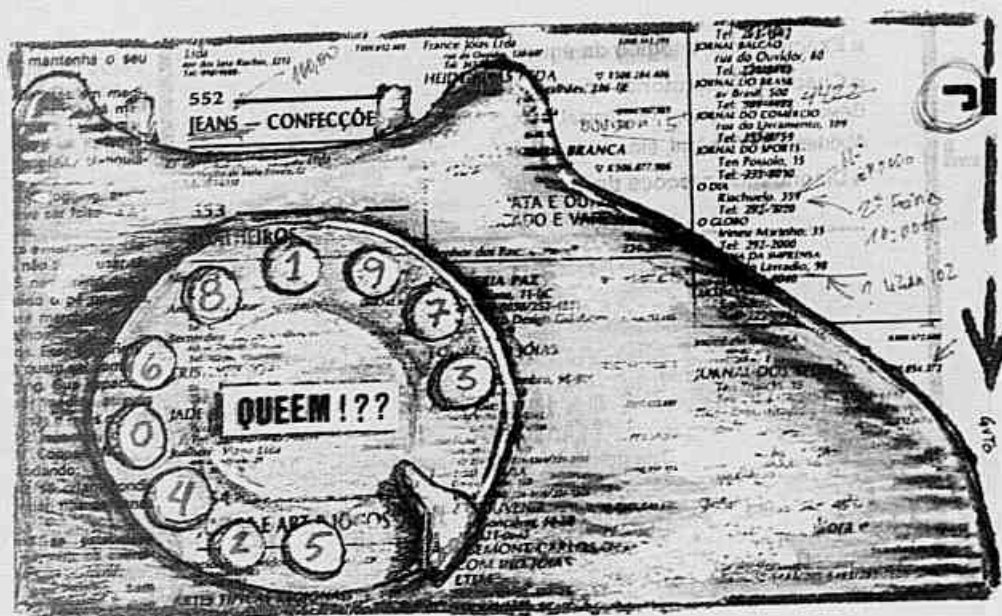
Bibi Araújo
Rua do Matoso, 6/205

Ritual
Rua Visconde de Pirajá, 555

KCB
(021) 294-1591

Biza Vianna
(021) 521-0798

Guto

Mui amigo

Sem dúvida, há casos diários de ligações telefônicas para números diferentes dos desejados, seja por falha no equipamento, engano de quem disca ou em conseqüência do congestionamento do tráfego telefônico — problema que se reduzirá sensivelmente em janeiro, por força de instalação nas centrais de dispositivos para esse fim. Naturalmente, o *Desculpe, foi engano* (**Domingo** nº 701) tanto pode ser ouvido por assinantes sem notoriedade como pela atriz Louise Cardoso, a modelo Monique Evans e outras pessoas conhecidas. No entanto, isso não é evidência de que o porcentual de telefonemas que caem em números errados esteja aumentando, no total de 240 milhões de ligações por mês na área da Telerj. De qualquer forma, parabens à revista e ao repórter Sidney Garambone, que produziu um texto da melhor qualidade sobre situações que realmente ocorrem, mesmo quando o índice de ligações erradas se mantem estável, como é o caso. Quanto ao trecho em que o repórter atribuiu à Divisão de Imprensa da Telerj a qualidade da candura, só podemos atribuí-lo ao sutil senso de humor do repórter, que estagiou em nossa área de comunicação social, demonstrou o talento que confirma no **JB** e só deixou amigos. *Pedro Paulo M. P. Cunha, chefe do Departamento de Comunicação Social, Rio de Janeiro, RJ.*

Haja gatinho

Dona Grace, compartilhamos de sua preocupação com as crianças necessitadas de nosso país. No entanto, entendemos que esta é apenas uma das faces da enorme e abrangente crise brasileira. Crise que se manifesta também no desrespeito ao meio ambiente e aos animais, reflexo de uma visão de mundo distorcida, baseada na priorização do homem enquanto centro do universo e no individualismo enquanto valor social e absoluto. Mudar este estado de coisas procurando um mundo mais justo é nosso desejo, mas acreditamos que isto não é incompatível com o carinho que reservamos aos nossos animais. Pensando com este carinho e depois de uma criteriosa troca de idéias com veterinários, nutricionistas, donos de gatos, chegamos ao cardápio Ice Cat, uma alternativa mais saborosa, uma opção mais equilibrada e nutritiva às dietas normalmente oferecidas aos bichanos. Acreditamos que em 15 de novembro, também com carinho e troca de idéias, poderemos atuar de forma objetiva na solução dos verdadeiros problemas do Brasil. *Lili Monteiro, Cláudia Oliveira e Maria Figueira, Rio de Janeiro, RJ.*

□

Perigoso, grave, e acima de tudo muito triste é o antropocentrismo que reina triunfante.

marginalizando e até mesmo autorizando o total abandono e massacre dos animais. Foi este pedestal ao homem que fez Grace de Morais Bueno refutar veementemente uma iniciativa de cunho protetor a animais. Igualmente muito triste é, sem dúvida, a miséria e agressão que padecem as crianças, idosos e carentes, obrigados a viver (a sobreviver!) em áreas de extrema miséria e desamparo. Mas vejam bem: igualmente, porque nada autoriza pessoa alguma a falar em "gatinhos nas ruas" com ironia e menosprezo. (...) *Ana Maria de A. Lima, Rio de Janeiro, RJ.*

Flávio Rodrigues

Engenheiro defende escada

Esquisito, não!

A título de esclarecimento, a escadinha ao lado da imagem de Nossa Senhora de Fátima, no Hospital São Zacarias, nada mais é que uma "escada dissipadora" das águas pluviais captadas pelo sistema de drenagem superficial da Avenida Carlos Peixoto. A escada é sinuosa justamente para desviar da imagem da santa e, ao contrário do que parece, não termina no muro do hospital e sim no sistema de galerias pluviais da ladeira do Leme. Finalmente, acrescento que a escada foi criada na época de construção do Shopping Rio Sul e o autor do suposto "monumento à esquisitice" sou eu — engenheiro Luiz Sérgio Gravina, Crea 79.1.04327-5D. *Luiz Sérgio Gravina, Rio de Janeiro, RJ.*

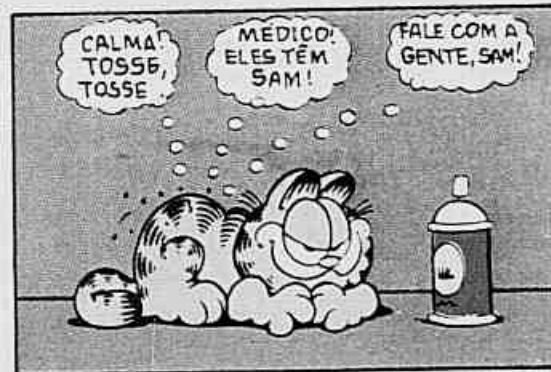
Exuberante elogio

Gostaria de parabenizar a **Domingo** pela excelente matéria de moda *A exuberância da ecologia* (nº 702). Acho que nunca fiquei tão encantado com um ensaio de moda antes. Bruno Veiga sabe tudo de sensibilidade e Cristine entrou em sintonia exata com o clima das fotos. *Ramiro da Silva, Rio de Janeiro, RJ.*

Refúgio de reparos

Gostaria de fazer pequenos reparos à matéria *Refúgio dos heróis* (**Domingo** nº 702): o nome da editora proprietária do museu é Editora Brasil-América; o *Suplemento Juvenil* começou a ser editado em 1934. Em 1933, Adolfo Aizen viajou aos Estados Unidos e lá tomou conhecimento do novo gênero de leitura, trazendo-o para o Brasil; os preços estimados das revistas são mera avaliação de um catálogo norte-americano; o museu não vende seu acervo; a editora recebe visitas de turmas de alunos, num máximo de 40 pessoas por vez; Cecília Meireles e seu esposo Heitor Grillo estiveram, sim, em visita à editora, em 1958, muito antes da existência do museu. O mesmo, com relação ao criador de Flash Gordon — Alex Raymond — que morreu sem jamais ter conhecido o Brasil; (...); a história do senhor de 70 anos aconteceu assim: em 1937, quando foram lançadas em livro as aventuras de *Flash Gordon no Planeta Mongo*, um garoto juntou tostão por tostão até perfazer o preço do volume — cinco mil-réis —, comprou-o e levou-o para casa, ainda sem lê-lo. O pai, ao ver que o filho desperdiçara aquela fortuna, ficou encolerizado e rasgou em pedacinhos o exemplar. Em 1973, 36 anos depois, a editora reeditou o livro e ele, agora homem feito, compareceu ao lançamento e comprou um exemplar, a fim de terminar com aquela longa frustração. *Naumim Aizen, diretor editorial da Editora Brasil-América, Rio de Janeiro, RJ.*

• QUADRINHOS

Garfield

JIM DAVIS

Belinda

DEAN YOUNG E STAN DRAKE

Peanuts

CHARLES M. SCHULZ

Mago de Id

BRANT PARKER E JOHNNY HART

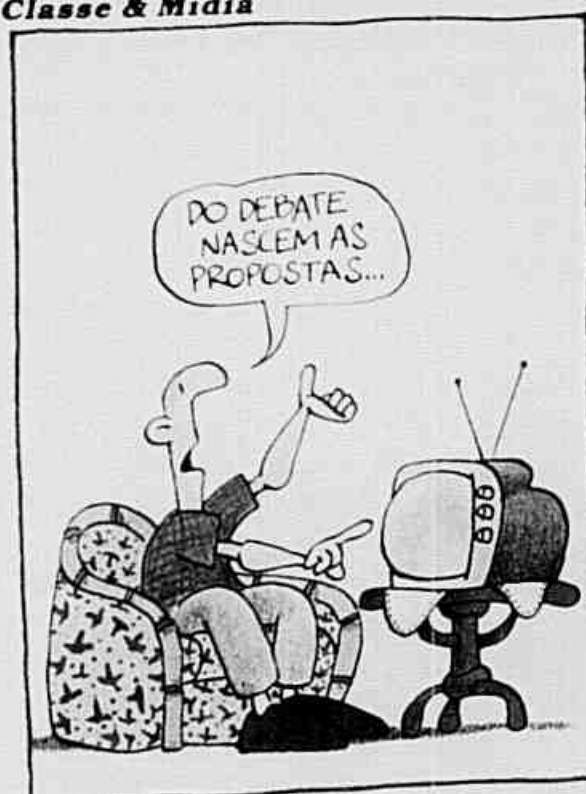
GLAUCO

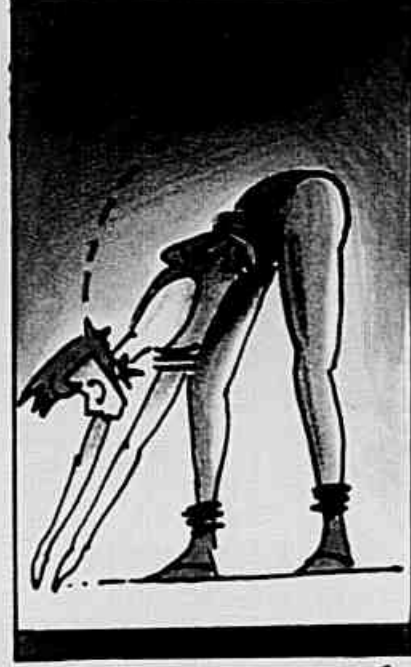
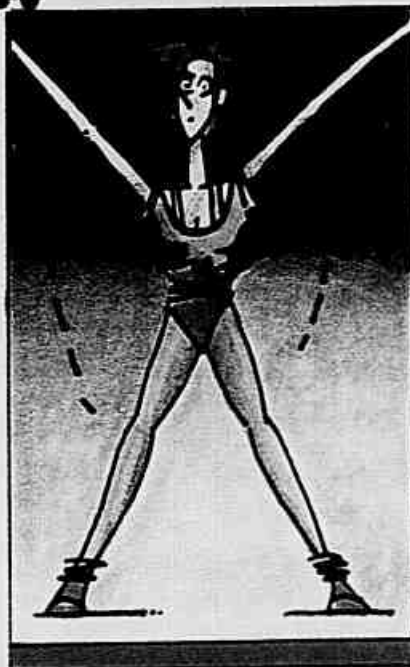
Geraldão

SALVADOR

Ran

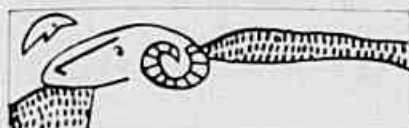
MARCO

Classe & Mídia

RADICAL CHIC
MIGUEL PAIVA

ADELAIDE... MINHA ANÃ PARAGUAIA!... ADELAI...

DE... ADELAIDE! UÚ! ADE...
CHEGA!!
GROUNCH

AERÓBICA JÁ DEIXA A GENTE MEIO BOBA...

... TOCANDO ESSA MÚSICA ENTÃO, FICO PARECENDO UMA JANE FONDA FALSIFICADA... TÔ FORA!!
PREFIRO AERÓBICA MENTAL! ... EM CASA... EM SILÊNCIO... ... TALVEZ UM PIANINHO... ... UM SAX... SÓ... HMM...

CARLOS MAGNO

Áries □ 21/03 a 20/04

Dedique-se aos seus relacionamentos, dinamizando a troca de experiências entre você e os outros. Maior projeção na vida social, além de um acentuado interesse por assuntos ocultistas.

Touro □ 21/04 a 20/05

Esteja preparado para se beneficiar de uma fase que estimulará suas associações e colocará você em maior evidência no plano social e profissional. Na quinta, cintilam experiências amorosas.

Gêmeos □ 21/05 a 20/06

Acabou a sopa e agora é preciso arregaçar as mangas, trocando os alegres momentos de diversão por um interesse mais concentrado nos seus deveres pessoais e profissionais. Escute o seu corpo.

Câncer □ 21/06 a 21/07

Quinta e sexta-feira são dias que estimulam o canceriano a uma maior abertura dos seus horizontes afetivos e pessoais, abrindo o seu apetite para viver e se expressar de forma radiante.

Leão □ 22/07 a 22/08

Hoje e amanhã o leonino vive um momento lunar, que aviva sua sensibilidade e o torna bem mais flutuante e infantil. É um momento importante de integração interior.

Virgem □ 23/08 a 22/09

De terça a quinta-feira é a sua vez de receber a energia sensível e emotiva que a Lua traz quando atravessa o seu signo. Você estará bem mais crítico e precisando de maior proteção.

Libra □ 23/09 a 22/10

Librianos do terceiro decanato estarão agitadíssimos nesta semana, ressaltando sua curiosidade, comunicatividade e uma maior intensidade em viver plenamente suas emoções.

Escorpião □ 23/10 a 21/11

Fecundado pela Lua nova no seu signo no dia de hoje, o escorpiano tem pela frente uma semana muito significativa que certamente o conduzirá a novas descobertas.

Sagitário □ 22/11 a 21/12

É tempo de fazer o bem sem olhar a quem, mas desvie-se de enganos e de fantasias, que um bom discernimento saberá evitar. Desenvolva seu misticismo e supere o sentimento de solidão.

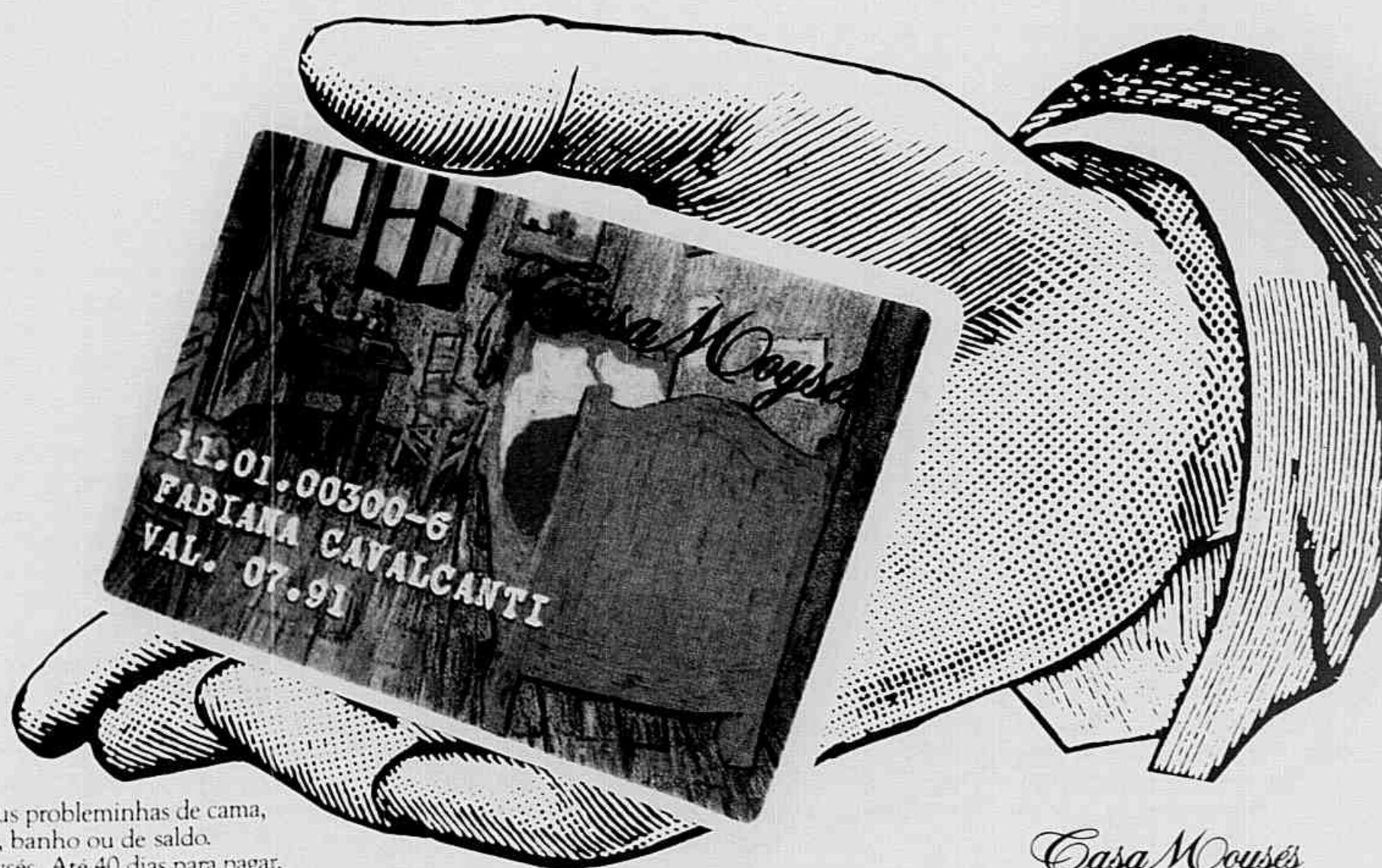
Capricórnio □ 22/12 a 20/01

É tempo de olhar para o futuro e planejar novas chances de progresso para seus ideais e desejos fundamentais de segurança. Semana importante para a convivência com amigos e grupos.

Aquário □ 21/01 a 19/02

Não tire férias agora e se dedique de corpo e alma à consolidação dos seus objetivos pessoais e profissionais. É tempo de aparecer e se dedicar com sagacidade e inteligência às suas metas.

Peixes □ 20/02 a 20/03

É estudando e se encaminhando para o lado da justiça e do conhecimento que o pisciano poderá singrar mares e oceanos, que certamente o fará vislumbrar novos horizontes.

• TUTTY VASQUES

Últimos dias de paupéria

Colunista se enrola, mas acaba embarcando Collor no vôo de Mário Amato

Paz e amor pra você também, Ana Kutner, gracinha de capa! Num estado governado por Moreira Franco, a única coisa natural é a garotada virar hippie. Só desbundando, bicho, pode crer! É difícil acreditar, mas o sonho não acabou no país do hexagonal da morte, esta expressão que o pai do jornalismo esportivo inventou, mas que serve muito bem para explicar qualquer coisa. Antigamente, quando a gente ia a São Francisco, era preciso ter cuidado, pra não se apaixonar. Hoje, recomenda-se cuidado pra não levar um viaduto na testa. Capacete no lugar de flores, isto é providencial nesses tempos de tremores. Volta e meia eu também tremo, tremo por dentro, e me dá uma vontade danada de sacar do baú meu sandalhão de pneu, pedir de volta o Torquato Neto que você me tomou e nunca leu, e sair por aí, absolutamente indiferente aos últimos dias de paupéria. Pixinguinha é o escambau!

Vem comigo, Marina! Vamos refazer este país de Ana Kutner, a hippie dos nossos sonhos. Se Raoni sentiu os meniscos e Zico faz uma pajelança atrás da outra, entre quatro linhas, por que eu vou ficar de bruços num divã, tentando entender o que tem por trás de mim? Ora bolas, por trás de mim tem uma história boa da peste. É verdade que eu votei no Saturnino, mas ninguém é perfeito — ou prefeito, como queiram. Nem por isso eu mandei para a Suíça os três dólares que economizei em 87. Se o Lula perder, eu viro hippie de novo. Se vencer, vamos fazer um plano de recuperação da São Francisco que persiste em nossas cabeças abaladas por um século de tremores violentos, caducos, velhos o suficiente para querer comprar briga com a Marília Gabriela. Está na hora de fazê-los tremer. Fujam, pelo amor de Deus fujam. Ou a gente pega vocês na esquina!

Este país não pode ignorar a geração de Ana Kutner e de tantos outros que desbundaram para um lado ou para o outro. Importante é que a paixão continua a ser o nosso combustível. É bom demais saber que nada está mal parado entre a gente, morena! Paz e amor pra você também. E — por que não? — paz e amor pro Aureliano Chaves. Vou ligar pra você, Afonso Camargo! Saudades de você, Janis Joplin. A verdade é que tem uma novidade nisso tudo. Uma carreata do Enéas é ou não é mais surpreendente que um comício do Brizola?

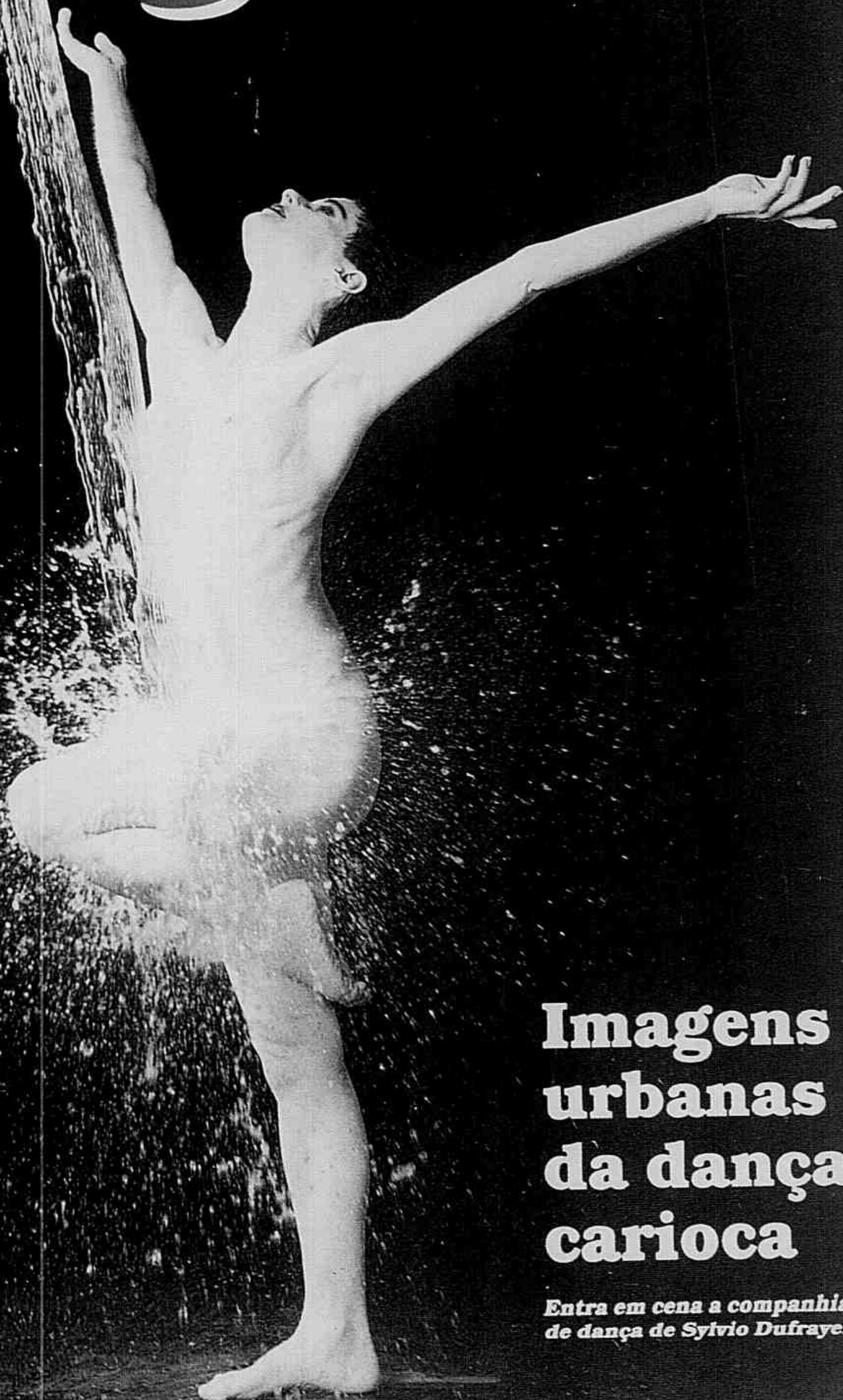
O que eu não agüento mais é mais um Festival de Cinema de Brasília. No nosso governo isso vai acabar. Já não basta tudo o que acontece no eixo-central e ainda vamos ter que assistir a mais esta encenação, como se estivéssemos falando de uma coisa séria. É por isso que eu dou valor ao Luiz Carlos Barreto. Faz as coisas e assume. Me perdoe, Barretão! Foi pura calúnia o registro que esta calúnia fez, afirmando que você não tinha feito os filminhos que o Sarney te encomendou com o nosso dinheiro. O Barretão fez, sim. Fez e pronto! Este sim é o verdadeiro Festival de Brasília. Resta saber quem vai para o segundo turno e quem vai cair no hexagonal da morte. Não sei por que a editoria de esporte só fala de esporte.

P.S. Collor: O Mário Amato manda te dizer que ainda tem lugar no vôo!

• AS COBRAS — LUIZ FERNANDO VERÍSSIMO

Ano 4, nº 704, 29 de outubro de 1989. Não pode ser vendida separadamente

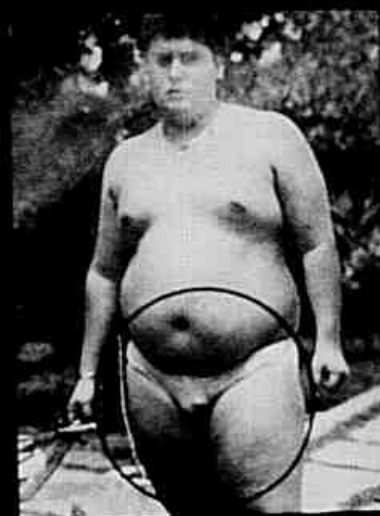
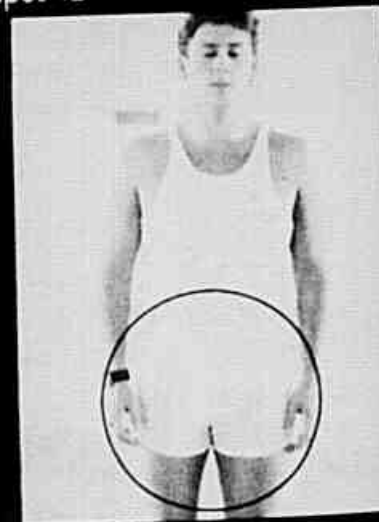
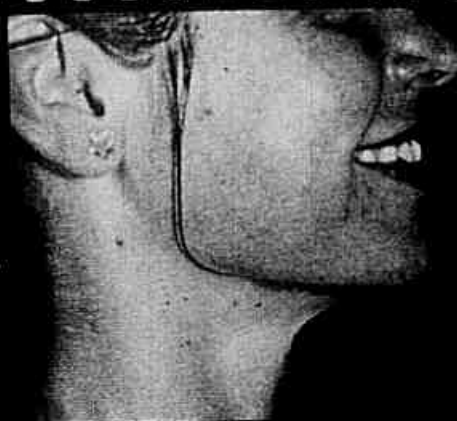
DOMINGO ■ JORNAL DO BRASIL

Programa

Imagens urbanas da dança carioca

Entra em cena a companhia de dança de Sylvio Dufrayer

UMA REVOLUÇÃO MUNDIAL ESTÁ MUDANDO A QUALIDADE DA PELE.

E uma revolução só existe de verdade quando tem uma história para contar. Como é o caso da **Proteína Isolada em Pó NATU VITTA**, criada a partir de pesquisa médico-científica inédita na literatura mundial e desenvolvida pioneiramente no Brasil. Ela tem sua história comprovada por mais de 10.000 casos catalogados com excelentes resultados, sendo mais de 5.000 acompanhados diretamente pelo **Departamento NATU VITTA de Pesquisas** e outros tantos registrados pelos hoje mais de 300 médicos que a utilizam em suas clínicas das mais diversas especialidades. Aqui no Brasil e em mais 13 países. Todos, casos devidamente catalogados através de fichas clínicas e fotografias médicas. **NATU VITTA** é a **revolução** que você procura para o trato da sua pele porque ela tem como garantia sua origem conhecida. Uma proteína isolada a partir da camada dérmica de bovinos jovens e selecionados, riquíssima em aminoácidos precursores de fibras elásticas da pele, ela é um complemento alimentar de origem animal e agente eficaz no tratamento de diversas patologias, tendo ainda a vantagem de ser um produto verdadeiramente natural. **NATU VITTA** atua com sucesso como agente do rejuvenescimento, recuperando a elasticidade da pele (Caso 3). Nos regimes de emagrecimento, evita as seqüelas habituais como a flacidez e o envelhecimento precoce (Caso 1). Combate os infiltrados celulíticos, absorvendo-os e restabelecendo a proteína plasmática (Caso 2). E ainda previne contra estrias, queda de cabelos e fraqueza de unhas, ossos e dentes, além de melhorar a qualidade da pele nos pré e pós-operatórios. Por tudo isso evite as meias verdades. O mundo de hoje está vivendo uma autêntica **revolução** em benefício da melhor qualidade de pele. Adote você também uma verdade comprovada para a **revolução** da sua pele.

Caso 1: perda de 52kg e retracão da pele, após 9 meses.

Caso 2: perda de 40kg, contracão da pele e da musculatura e absorcão do infiltrado celulítico, após 12 meses.

Caso 3: retração perfeita da pele nas regiões da face e do pescoço, após 5 meses.

PARA MAIORES INFORMAÇÕES, ENTRE EM CONTATO CONOSCO.
NO RIO DE JANEIRO (RJ): Rua Barata Ribeiro, 391 grupo 1104. (021) 287.4629/287.4837/235.4468.
NO RIO DE JANEIRO (RJ) PARA ENTREGAS A DOMICÍLIO: (021) 253.7658.
EM SÃO PAULO (SP): (011) 240.6839/215.5387.
EM VITÓRIA (ES): Rua Guilherme Sereno, 300. (027) 227.4373.

Fabricante: OWL Indústria e Comércio Ltda. (Rua Recife, 1506-A, Manaus (AM), 092-236.7752/238.3906/237.3792). Farmacêutica responsável: Rejane Ortiz Matias (CRF/AM 22/359). Registro do Min. Saúde: protocolo n.º 25001/061.72/87. Posologia: segundo indicação médica. Contra-indicações: ácido úrico elevado e/ou insuficiência renal grave.

Bruno Veiga

A dança da companhia de Sylvio Dufrayer leva cenas fortes para o palco

O que geralmente ganha delicadeza na ponta dos pés vai se mostrar ao público em forma de pontapés. A violência urbana dança no palco do Teatro João Caetano, de quinta a domingo, nos passos da Cia de Sylvio Dufrayer. O espetáculo *Impressões urbanas* transforma em balé "o que acontece diariamente na Cinelândia", explica o coreógrafo Dufrayer, que mistura em cena oprimidos e opressores. É parte do projeto Deixa eu dançar, que produziu a foto da capa desse **Programa**, assinada por Jorge Monclar e Paula Pape, com Cristina Costa de modelo. **Pág. 32**

Televisão

A estréia da TVS na área de teledramaturgia não consegue esconder as falhas na boa vontade com mais essa alternativa. O crítico Bráulio Tavares viu os primeiros capítulos de *Cortina de Vidro* — e não gostou. **Pág. 10**

Comida

As irmãs Ana Maria e Stella De Carli Porto abriram uma *delicatessen* que só atende por telefone e oferece um cardápio de opções raras que inclui piramutabas, jagdwurst, aratu, tilapias, peixes nordestinos e mil tipos de defumados. **Pág. 4**

Sexo, mentiras e...

Artes Plásticas

O pintor Flávio-Shiró traz em sua arte a marca de três continentes: nascido numa ilha ao norte do Japão, ele veio criança para o Brasil e aperfeiçoou seu talento na França. Terça, Shiró expõe 13 telas na Galeria Thomas Cohn. **Pág. 27**

Show

Silvana Agla tem formação erudita e ganhou vários prêmios de intérprete em festivais mineiros. Agora, põe tudo isso a serviço de uma idéia do ator Miguel Falabella e mostra no Rio Jazz Club as canções dos filmes de Disney. **Pág. 30**

Flávio Rodrigues

José de Abreu é JK

Geraldo Viola

Ana e Stella: raridades

Cinema

Sexo, mentiras e videoteipe, de Steven Soderbergh, que ganhou o último Festival de Cannes e, ainda por cima, deu ao seu protagonista, James Spader, o prêmio de melhor ator, estréia nesta quinta no Rio e deve gerar muita polêmica. **Pág. 28**

Música

A ópera *Manon Lescaut*, que abriu o caminho do sucesso para Puccini, está de volta esta semana ao palco do Teatro Municipal com a soprano Ilona Tokody e o tenor Peter Kelen, da Ópera de Budapeste, em destaque. **Pág. 28**

Ivan Luna

Silvana canta Disney

Teatro

Na terça-feira, no Teatro Nelson Rodrigues, depois de passar por Brasília e Belo Horizonte, estréia *JK*, produção épico-histórica de Luiz Arthur Nunes que lança um olhar sobre o governo Juscelino e tem José de Abreu em destaque. **Pág. 34**

Diabéticos?

Débora, você é mentirosa! Mas ela nem desvia os olhos... Vai dizer que uma coisa tão gostosa — tão *docinha* — é dietética? Essas tortas carregadinhas de cacau, cintilantes de tanta baba de moça? Essas musses acariciantes, estes rocamboles de laranja fofinhos e cremosíssimos? Bom, Débora Maria Delambert Antunes e Ana Maria Bastos Oreiro juram que seus doces não têm açúcar, nem um pingo: ideais para diabéticos. Na Rua Conde de Bernadotte 26, loja 123, Leblon. Tel.: 274-6598.

E vocês também têm certeza que o Eneas ganha?

Barca velha

O famosíssimo vinho português, difícil de encontrar até na própria terrinha, tem ali no Picadilly de Correas por NCz$ 550,00, safra 82.

Fotos de Geraldo Viola

Débora Maria e Ana Maria: doces sem açúcar

Raridades

Ana Maria era secretária. Um dia, encheu-se da carreira e decidiu fornecer raridades: piramutabas, jagdwurst, aratu, acerola, tilápias. Com a irmã Stella, organizou o Stella Mar, uma curiosa delicatessen que, com mais de 2 mil clientes, não tem vitrines nem balcões — o atendimento é pelo telefone. O mais incrível bolo de rolo, os peixes mais nordestinos, frutas mil, defumados desde pastrami a cabrito, muita lagosta, rã, carne de sol, queijo do sertão, sururu ou siri patola — elas entregam a domicílio ou (nos muitos restaurantes a que servem) diretamente na cozinha. Pois as ostras do Claude Lapeyre, a carne seca da Academia da Cachaça — fora outras delícias do Le Streghe, Le Bec Fin e Castelo da Lagoa — vêm das irmãs De Carli Porto, a Ana e a Stella. Tel.: 295-9830 e 541-2087.

Charlotte e Glória: carneiros, só adolescentes

Ana Maria e Stella: acerola, tilápias, aratu

Carneiros gatosos

Charlotte Gros era uma fazendeira americana destas que criam carneiros há 12 gerações em Wyoming, velho oeste americano. Pois passou um brasileiro por lá, carregou com Charlotte — e ela veio para o Rio descobrir que aqui só se come carneiro sexagenário, mal humorado e caquético. Foram 10 anos de paciência, até que a fome antiga voltou e Charlotte começou a criar de novo seus bichinhos — carneiros macios, adolescentes, verdadeiros gatos.

Inteiros ou em pedaços já limpos e embalados, os carneiros de Charlotte vêm com receitas, molhos e chutneys especiais. Com a sócia Glória Duarte, Charlotte incrementou nas embalagens. Hoje, além dos molhos e de um antipasto italiano — a laponada — com berinjela, alcaparras, azeitonas etc, ela também vende geléias e um belo bolo de frutas cristalizadas. É a *Fruit, Cake & Co.* Tel.: 322-2537 e 322-2412.

RECEITA DO DIA/ Francisco Mello Franco

Contista, engenheiro, secretário de planejamento de dois governos, Francisco Mello Franco herdou da família o gosto político, o talento literário e uma receita de gelatina. Segundo ele, "a receita das tias Zaíra e Belinha, filhas do Presidente Rodrigues Alves é de dar cambalhota, de tão gostosa".

Ingredientes: 5 copos de água; 4 folhas de gelatina branca para cada copo de água; açúcar à vontade; 1 copo de vinho branco; 1 cálice grande

Ronaldo Zanon

Quero mais

Lingüiça do Quênia: sequinha, sem um pingo de gordura, com menos colesterol do que boi ou galinha. Sheila Delaney, que nasceu nas neves do Kilimanjaro, está fazendo esta delícia de seu país natal com toda a sofisticação da ciência gastronômica: seu marido Paul é engenheiro, especializado em suínos, e na fazenda do casal só dá porquinho, salsichas, morcelas, lombinho, presunto — e pato. Bom, pato é para variar um pouco a música. A lingüiça do Quênia, sequíssima, temperada pela noz moscada, pimenta da Jamaica e coentro, é um tira-gosto fantástico. Para vender seus produtos, feitos na granja do Espinhaço, km. 102 da Rio-Teresópolis, Sheila tem ajuda da amiga inglesa Marjorie. Tel.: 732-2359 e 295-1858.

Compra da Semana

Amarela ou verdosa por fora, a **goiaba** pode ser branca ou vermelha por dentro e não há como resistir a sua casca meio porosa, os mil carocinhos por dentro, a doçura cheia de energia (52 cal por 100gr) e rica em vitaminas C e A. Sem falar na goiabada cascão. NCz$ 5 cada uma.

de vinho do Porto; 1 cálice de licor Anizete; 1 colher de erva doce; 1 pauzinho de canela; 1 dente de cravo; 1 folha de louro; 1 copo de caldo de laranja; 1 cálice de caldo de limão, 4 claras batidas em neve.

Modo de fazer: depois de dissolver as gelatinas na água fria, misture tudo, colocando as claras por último. Leve ao forno, mexendo, e retire depois da terceira fervura. Coe com flanela, ponha em bonitos cálices e deixe na geladeira.

■ ***Apicius***

Estranhezas

Há quem se espante com as coisas bizarras. Acho esse espanto muito descabido. Tudo é banal e tudo é bizarro. Nem vou fazer fácil filosofia repetindo como são relativos os conceitos. Estranho é só aquilo que nunca vimos, ou que não vemos há muito tempo. Entra, leitor, em um botequim — ainda que botequim de luxo — e te comporta com decência digna. Usa do "faz favor" e do "obrigado", não levanta a voz, sê polido. Causarás a todos tal espanto e desagrado tão irreprimível, que a conta virá cuspida e aumentada, com taxas extras pelos maus serviços, e todos te terão em péssima conta e talvez te linchem na saída. Pessimismo meu? Não. É assim a vida. E mesmo acho que é vida justíssima, pois não se comportar pelos modelos habituais é descomportar-se. Imagina — levando as coisas um pouco mais longe — o bizarro efeito que causaria à entrada de tua trisavó — senhora musical e digníssima — em um sarau cantante no People.

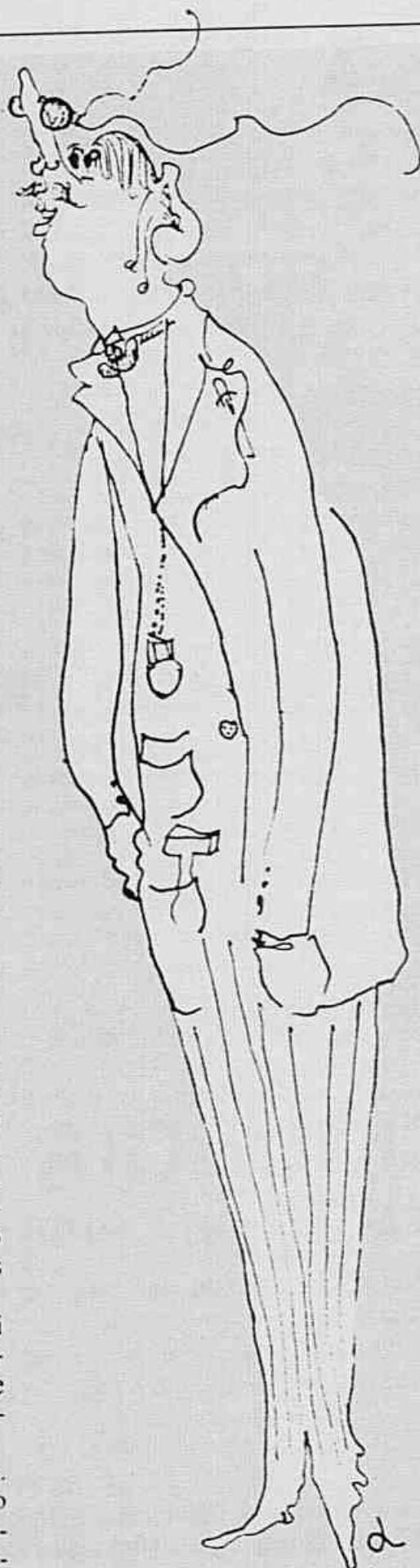
Mais longe não vou, que fantasias só ficam bem no horário eleitoral.

Dito isto — ou seja, que nada é estranho se não o estranharmos —, diria que certas coisas existem estranhas em si. Montesquieu achava estranhíssimo que alguém fosse persa. Será uma opinião chauvinista de francês antigo. Quanto a mim, acho absolutamente banal que muitos sejam persas. Mas tenho que é grande exagero que os finlandeses existam.

Bem sei que há um restaurante aqui de índole finlandesa. Limita-se, no entanto, à índole. Lá tudo é "como se fosse" e a carne de rena vem da esquina, diretamente de um açougue de bois.

Apesar disso, os finlandeses existem. A melhor prova é que, até amanhã, no restaurante Atlantis, do Rio Palace, promovem um festival de comida. Excelente. Embora mal servido, que o serviço do hotel é de uma tal confusão que os garçons, inquietos, se agitam entre os pratos, como se estivessem dançando uma tarantella em Helsinque.

Mas que coisas gentis nos trouxe o *chef* Eero Makèla! Entre os frios, há rena defumada; há — é melhor — uma linda *terrine* de lebre, com molho de *lingonberry*, que é uma fruta silvestre de lá; há arenques ao vinho branco; salmões marinados em aquavit, com molho de mostarda; há presuntos defumados; ovelhas marinadas; patês de fígado; belas saladas, sardinhas, lagostas e camarões com aneto. E outras coisas haverá, que olvido, pois o ventre é ingrato. Depois, há um faisão com molho de frutas — este o provei com gosto — e um *ragôut* de lebre, que já não tive ânimo de provar. De sobremesa, há uma bonita calda de frutas silvestres, um pudim de queijo e... mas o melhor, bom leitor, são os frios.

O Festival fica, até amanhã, no Rio Palace (Avenida Atlântica, 4240). Reservas pelo telefone 521-3232. Das 19h às 24h. O preço, por pessoa, é NCz$ 180,00. Beba cerveja — que acompanha muito bem os frios. Pelos vinhos, o hotel cobra preços extorsivos. A ingênua Mlle D. pediu um Gewürztraminer que custou NCz$ 250,00!!! Inflação não desculpa extorsão.

ROSA MOSQUETA
A FONTE DA JUVENTUDE

• O óleo da Rosa Mosqueta tem, entre outras propriedades, a do **rejuvenescimento**, sendo indicado também como **atenuante de manchas e cicatrizes.** É vendido a **NCz$ 46,00 o Roll-on**). Transformado em **creme**, juntamente com colágeno e elastino (essenciais à sustentação da pele), o frasco com 100 gramas custa **NCz$ 84,00. Manipulata** também fornece **creme redutor** para massagens, **Shampoo** e **condicionador** (estimulante capilar), bem como outros produtos como **creme para as mãos, creme hidratante, gel-redutor, loção bronzeadora, tônico anti-queda de cabelos com Minoxidil** a **NCz$ 137,00** o frasco com **100 ml., sabonete cremoso com algas marinhas, shampoo aloe-vera** e **óleo de purcelin** (para uso diário). **Manipulata** entrega toda a sua linha de produtos também em seu domicílio. Encomendas pelos telefones: **Rio** (021) **592-0864 — S. Paulo** (011) **530-4500 — Curitiba** (PR) (041) **263-1018** e **ABC** (SP) (011) **414-5798.**

EMAGREÇA COM PRODUTOS NATURAIS

• Emagrecer é mais fácil do que você imagina. Com os produtos à base de **Spirulina, Alcachofra, Fucus, Cáscara Sagrada, Centella Asiática, Gelatina, Passiflora, Glucomanan, Chapéu de Couro** e **Fucus Vesiculosos**, você elimina **toxinas** e regulariza os órgãos como o **fígado, rins** e **intestinos**, mantendo-se disposta (o) e saudável, **sem efeitos colaterais.** Apresentados em frascos com **120** cápsulas, é vendido a **NCz$ 103,00** o frasco. A grande novidade como inibidor do apetite é o **glucomanan,** extraído da raiz de **Konjac** e reconhecido no **Japão** há mais de **1.500 anos,** que custa **NCz$ 105,00** o frasco com **100** Cápsulas. Na linha estética, **Manipulata** possui cápsulas como **Colágeno, Gelatina, Composto para celulite, para a pele, energético** etc. E, para o verão que se aproxima, as cápsulas **Beta-caroteno**, que dão um **bronzeamento natural** e a **Gelatina de Peixe**, que dá melhor **sustentação à pele. Manipulata** entrega sua linha de produtos em **seu domicílio.** Encomendas pelos telefones: **Rio** (021) **592-0864 — S. Paulo** (011) **530-4500 — Curitiba** (PR) (041) **263-1018** e **ABC** (SP) (011) **414-5798.**

CIRURGIA PLÁSTICA
SATISFAÇÃO DE CRIAR SUA PRÓPRIA IMAGEM

• É muito importante o **estado psicológico** de uma pessoa, quando se dispõe a se submeter a uma cirurgia plástica. É preciso que seu problema esteja bem colocado e bem entendido. Depois, o paciente deve ter **total confiança no cirurgião**. Quando tais fatores estão presentes, a cirurgia tem tudo para ser bem sucedida. O prestígio do **Dr. Onofre Moreira** na cirurgia plástica é resultante de sua experiência com milhares de cirurgias já realizadas. **Mestre em Cirurgia pela UFRJ e membro do International College of Surgeons**, o **Dr. Onofre Moreira** é também formado em **Escultura** pelo **Instituto de Belas Artes**. Sendo profissional atualizado, sempre presente aos congressos, isso lhe dá **completo domínio da técnica** — muitas de sua autoria — e **da arte**, qualificando-o para realizar verdadeiras **esculturas na matéria viva.** O **Dr. Onofre Moreira** realiza todos os tipos de **cirúrgia plástica** em sua clínica. Utilizando a **LIPOESCULTURA**, elimina as gorduras (papada, abdome, culote, coxas, nádegas, braços, costas e genecomastia (busto em homem) e o **silicone** para correções diversas como **sulcos e depressões faciais, mamas, nádegas, pernas, etc.**). O **queixo**, o **nariz** e as **orelhas em abano**, podem ser corrigidas por dentro **sem cicatrizes externas**. As **mamas**, mesmo as volumosas, são operadas sem cicatrizes medianas. Também podem ser feitas outras correções como: **seqüelas de acidentes** e de **queimaduras, cicatrizes de operações** e **defeitos na face**. Pode ainda ser **rejuvenescido o rosto**, devolvendo-lhe a graça natural, eliminando **rugas**, sem esticar em demasia a pele. Em sua clínica, **com aparelhagem moderna, o Dr. Onofre Moreira** (CRM-52-10741-3) dá muita importância à **Anestesia**, que pode ser **local, analgesia** (um sono leve) ou anestesia **geral** conforme indicação e desejo do paciente. Por ser especializado em **Cirurgia Plástica**, em sua **clínica** só se operam pessoas em **ótimo estado de saúde**, após passarem por **rigoroso exame pré-operatório**, evitando-se assim, o perigo de infecção hospitalar. Maiores informações pelo telefone (021)**265-6565** ou **245-4545**.

LENTES DE CONTATO MULTIFOCAIS
(Para quem não gosta de usar óculos)

• Já são encontradas também no **Brasil**, diretamente de **Munich - Alemanha**, as novas **lentes de contato multifocais** das **SÖHNGES**. São de **Flúor carbonada**, material muito fino e poroso, de altíssima técnica, que permitem **adaptação perfeita** até para pessoas muito sensíveis às **lentes de contato**. São de **uso prolongado**, não necessitando retirá-las para **dormir** ou **praticar esportes**. Proporcionam **perfeita visão** para **perto, intermediário e longe**, em todos os ângulos, como um jovem de 20 anos de idade que nunca usou óculos. Sua durabilidade é de **06 a 12** anos, sem alterar o material ou grau. **Márcio de Uzeda Guimarães**, formado na **Alemanha**, com 20 anos de experiência no ramo de lentes de contato no **Brasil**, tem representantes em **Belo Horizonte (031)226-3666**, em **Brasília** (061) **226-9543** e em **Niterói** (021) **717-1001**. No **Rio** ele atende no **Centro Internacional de Lentes de Contato**, que fica na Av. Rio Branco, **156** (Ed. Av. Central), Sobreloja **233**. **Para maiores informações telefone (021)262-0791**.

CELULITE E FLACIDEZ NÃO SÃO MAIS PROBLEMAS

• Não se preocupe se você notar alguns pontos de celulite em seu corpo. A solução é mais fácil do que você imagina, através de **enzimas** de padrão **francês**, aplicadas com aparelho de alta pressão, sem o uso de agulhas. **Injetadas** nos locais onde a **celulite** se manifesta. O método, normalmente denominado **"mesoterapia"**, é indolor e o resultado é de **40 a 100 por cento**, podendo também aliviar **alguns** problemas como pequenas **gorduras localizadas** e prevenir algumas **varizes**. A **flacidez** é resolvida através da **Isometria**. Para maiores informações, telefone (021) **235-7915** ou pessoalmente à Av. Copacabana, **605** Grupo **505**.

NOVIDADES NO CAMPO DA BELEZA

• Após participar do **Congresso de Estética** em **Versailles**, na **França** e da **Cosmoprof**, em **Bologna**, na **Itália**, **Lynda Hartley** visitou os mais modernos centros de estética da **Europa** e **Estados Unidos**, participando de **cursos** na **Inglaterra**, **França** e **Itália**, trazendo para o **Brasil**, entre outras novidades, a **"Máscara de ferro"**, que é a última palavra em cosmetologia européia, indicada para **limpeza profunda** e **rejuvenescimento da pele**. **Lynda Hartley** é encontrada em Copacabana à Rua Siqueira Campos, 85 Loja C e D, telefones **256-6147** e **236-0595**.

MAQUILAGEM PERMANENTE

• Realce seu olhar através da **maquilagem definitiva**. Ir à praia ou aparecer de rosto lavado não é mais problema. A esteticista **Marly**, que também atende a domicílio, não só faz **micropigmentação** nos **olhos, sobrancelhas e lábios** como também vende o aparelho e dá o curso completo. Para maiores detalhes, telefone **399-8404** e **399-4090**.

EMAGREÇA ATRAVÉS DA PSICOFITOTERAPIA

• Com **medicação natural** e orientação alimentar constando de receitas saborosas e de **baixo teor calórico**, você consegue atingir rapidamente e sem sacrifício, **seu peso ideal**. Mais detalhes com a **Dra. Norma de Queiroz** (CRM-52-14487-4), que atende em **Ipanema**. Para marcar consultas, telefones **521-7194** e **542-0110**.

VIVA MELHOR

CONHECENDO TODA A SUA CAPACIDADE ENERGÉTICA

• Através de uma terapia corporal ainda nova no Brasil, você consegue relaxar profundamente e livrar-se dos problemas advindos do dia-a-dia como **stress**, **depressão, insônia, ansiedade** etc., melhorando seu estado físico e mental e, conseqüentemente reavivar sua **beleza exterior**. A terapia consiste de **massagens semanais** com duração de **uma hora cada**. Maiores informações com **Maria Luiza Bueno**, pelo telefone **226-1981 ou 266-2738**.

CURSOS DE LASER

• Aos **médicos, dentistas, fisioterapeutas, esteticistas e paramédicos em geral**. A **Sociedade Brasileira de Laser-terapia** está organizando **Cursos de raio laser**, com a respectiva **diplomação**. Maiores informações pelo telefone **232-6358**.

TRATAMENTO DE VARIZES E MICROVARIZES

• Na Clínica do **Dr. Ivan S. de Almeida** (CRM-52.07.620-4) você trata de suas varizes no menor prazo de tempo possível. O tratamento é feito com **material descartável**, **não** havendo necessidade de **enfaixar** e **podendo ir à praia. É indolor** e não deixa marca. A Clínica do **Dr. Ivan** fica à Av. Copacabana , **613, Sala 804** e o telefone para marcar consultas é (021) **235-6701**.

Faustão

Não será surpresa se, ano que vem, o *Domingão do Faustão* trocar de praça.

A Globo pensa em transferir Faustão do Rio para São Paulo. Motivo: acham que por lá os programas de auditório têm platéia mais animada.

Fernando Lemos

Faustão em São Paulo

Vaivém

□ Lídia Brondi vai ilustrar a capa da revista *Moda moldes*, que chega às bancas em novembro. No mês seguinte é a vez de Betty Faria.

□ A TVS vendeu para a Antártica uma das quatro cotas nacionais de patrocínio da Copa de 90. Cada cota custa US$ 7,5 milhões.

□ Ainda resta uma chance para quem ainda não assistiu ao documentário *Chico – um povo da floresta*, de Edilson Martins, sobre a vida do sindicalista Chico Mendes. A TV Manchete dá repeteco dia 16 de novembro, às 22h30. O programa recebeu o prêmio Wladimir Herzog de melhor reportagem para a TV em 89.

□ João Kléber é o entrevistado de Dulce Monteiro no programa *54 minutos*, que a TV E apresenta amanhã, às 23h30.

□ A Cia das Letras aproveita a exibição do especial *América*, programado pela Manchete para ir ao ar de 20 a 24 de novembro, e lança dois livros: *América*, de depoimentos, e *América-Imagem*, ensaios de fotógrafos estrangeiros consagrados, como Robert Frank.

Cordiais

As relações entre as TVs Manchete e Globo estão cada vez mais cordiais.

A pedido da Globo a Manchete cedeu o diretor Augusto César Vannucci para dirigir o especial de fim de ano de Roberto Carlos.

Para quem não lembra, foi ele quem dirigiu todos os programas do *Rei*, inclusive videoclips. No momento, Vannucci está em Aruba acertando com Roberto os detalhes do programa.

Festa

A TV Manchete comemora, com uma grande festa, a inauguração de sua nova sede, em São Paulo, dia 25 de janeiro.

A data coincide com o aniversário da cidade.

As comemorações começam dia 18 com espetáculos populares no Anhembi e Ibirapuera. E terminam com o show de um astro internacional, ainda a ser escolhido, no dia 25. Paralelamente, a emissora promoverá uma série de exposições tendo como tema a cidade de São Paulo.

A mil

Alexandre Frota está a mil por hora.

Além de integrar o elenco da novela *Top model* e do filme *Matou a família e foi ao cinema*, de Neville de Almeida, Frota tenta arranjar patrocinadores para investir em *Splish, splash*.

O espetáculo segue, em breve, para temporada em São Paulo. No próximo ano vira filme, com roteiro assinado pelo diretor Fred Confalonieri.

Novela das oito

Já está nas mãos de Daniel Filho, diretor da Central Globo de Produção, a sinopse da novela de Sílvio de Abreu para as oito da noite.

O elenco ainda não está definido. Mas Sílvio quer para os principais papéis três nomes de peso: Glória Menezes, Regina Duarte e Tony Ramos.

REGINA RITO

Paris subterrânea

Em* Subway, *que a Bandeirantes exibe, Christophe Lambert se esconde no metrô

***Steve McQueen (com Jacqueline Bisset) é* Bullit**

SUBWAY
TV Bandeirantes — 21h40
(**Subway**) de Luc Besson. Com Isabelle Adjani, Christophe Lambert, Richard Bohringer, Michel Galabru e Jean-Hughes Anglade. França, 1985.
Policial. Jovem moderno rouba documentos secretos de um corrupto para poder se aproximar de sua bela esposa. **Cor** (110').

BULLITT
TV Globo — 1h05
(**Bullitt**) de Peter Yates. Com Steve McQueen, Robert Vaughn, Jacqueline Bissett, Don Gordon e Robert Duvall. EUA, 1968.
Policial. Detetive protege uma testemunha que acaba assassinada. Ele é responsabilizado por esta morte e perseguido, mas descobre que tudo não passou de uma farsa e parte para fazer justiça por conta própria. Este é um clássico do filme policial moderno. Nele Steve McQueen definiu o tipo, hoje clichê, do tira-durão-que-faz-justiça-com-as-próprias-mãos. A direção de Peter Yates, a fotografia de William A. Fraker e a montagem de Frank Keller criam a primeira das grandes perseguições automobilistico-policialescas, por São Francisco, claro. Infelizmente *Bullitt* foi tão imitado que acabou gastando antes da hora. **Cor** (113').

A ÍNDIA VALENTE
TV Bandeirantes — 1h40
(**The legend of the walk far woman**) de Mel Damski. Com Raquel Welch, Bradford Dillman, George Clutesi, Rudy Ramos e Nick Mancuso. EUA (TV), 1979.
Faroeste. Índia é expulsa da tribo dos Pés Pretos a acaba se tornando escrava dos Sioux, mas com determinação conquista seu lugar na nova tribo. Raquel Welch apostou neste projeto para sua estréia em telefilmes. Não funcionou. O filme demorou três anos para ficar pronto e a duração de 150 minutos não colou. Acabou cortado para 100 minutos e incompreensível. **Cor** (100').

Estamos — ainda — nos anos 80. O cinema aposta em fotografia estilizada, visuais apurados, personagens charmosos, estrelas cativantes, montagem vertiginosa. Com todo este aparato um belo filme pode prescindir de pequenos detalhes como, por exemplo, o roteiro. É o caso de *Subway* (França, 1985), de Luc Besson, que a Bandeirantes exibe pela primeira vez na TV. O entrecho do filme foi desenvolvido por Luc Besson, Marc Perrier e mais quatro fulanos. Os diálogos receberam atenção especial de Besson e Perrier. Mas, curiosamente, a história de um bandido apaixonado escondido no metrô é um recheio idiota para um filme muito bonitinho.

Subway mostra a vida subterrânea de Paris. Mesmo. Helena (Isabelle Adjani) rouba o coração de Fred (Christophe Lambert), que aí rouba documentos secretos do velho marido da moça. Fred foge para as galerias do metrô e descobre lá toda uma comunidade de marginais e desajustados. O moço passa a viver também no submundo e usa os documentos roubados como forma de forçar encontros com Helena. Os dois vivem uma história de amor ligeira, episódica e prafrentex, perseguidos por bandidos e seguranças do metrô.

A parceria entre os lânguidos Isabelle Adjani e Cristophe Lambert impressiona. Mas são os enfeites proporcionados pelas imagens de Carlo Varini, a cenografia de Alexandre Trauner e a montagem de Sophie Schmit que fazem o espetáculo. Que fica ainda melhor na versão original, legendada, que a Bandeirantes exibe hoje. Divirta-se. Mas não procure entradas ou saídas neste passeio subterrâneo. *Subway* só é menos despropositado que o mergulho seguinte de Luc Besson, no mar, em *Imensidão azul* (*The big blue*, 1988).

ROGÉRIO DURST

Cortina esquemática

Artificialismo do enredo atrapalha novela da TVS

Herson Capri faz o milionário

Betty Gofman é a jovem apaixonada

A novela *Cortina de vidro*, que estreou esta semana no SBT (2ª a sábado, às 19h40), é uma superprodução independente com origem em São Paulo, o que pode trazer uma contribuição nova a um mercado novelesco definido e dominado pela estética da Globo, que influi nesse mercado como o Bom Bril influi no de esponjas de aço. *Cortina de vidro* é uma primeira tentativa — daí a impressão de meio-do-caminho causada por seus capítulos iniciais. Centralizada num edifício que pretende ser um microcosmo do capitalismo nos jardins suspensos da Paulicéia, a novela mostrou em seus primeiros movimentos de enredo um artificialismo talvez inevitável, que resulta da tentativa de mostrar um mundo que não é nem o dos autores nem o do público. Quando um artista de classe média tenta explicar aos *muito pobres* como vivem os *muito ricos*, o resultado costuma ser de uma ingenuidade que beira o catecismo. Nem mesmo um filme como *Cidadão Kane* escapou disso. E aqui, no Brasil, quanto mais se tenta fazer *Wall Street* ou *9 1/2 semanas de amor*, mais se faz *Os ricos também choram*.

O personagem principal de *Cortina de vidro* é um milionário que só anda de helicóptero e, quando começa a se misturar às "pessoas comuns", demonstra tal ingenuidade que leva a supor que toda aquela fortuna foi herdada pronta. Um empresário de verdade entrevistado pelo *TJ Brasil* a esse respeito afirmou que o personagem "não corresponde ao perfil do empresário brasileiro" — o que é uma verdade, mas não é uma solução. O J.R. de *Dallas* provavelmente não corresponde ao perfil do empresário texano, mas, talvez por não ter essa intenção, acaba sendo um personagem com luz própria. É a intenção de "querer reconstituir um tipo real" que acaba diluindo um personagem: basta ver os fracassos da arte engajada de esquerda, com sua utopia estética de personagens típicos em situações típicas.

Esse esquematismo sociológico (que emperrou as engrenagens de novelas como *Roda de fogo*, para ficar num exemplo recente) transforma os personagens em marionetes previsíveis; e no caso de *Cortina de vidro*, isso é agravado pelo fato de que o ritmo da narrativa e o ritmo dos atores não estão casando de jeito nenhum, pelo menos no início. Sem falar num outro problema eterno, o dos diálogos. Um dos maiores triunfos artísticos das novelas da Globo foi o fato de terem conseguido (nem sempre, mas com freqüência) reproduzir a fala coloquial do Brasil urbano, coisa que o cinema brasileiro sempre nos ficou devendo. É pena que isso raramente seja alcançado pelas outras. *Cortina de vidro* é mais uma, cujos diálogos parecem a transcrição das legendas de um filme americano. Fica a impressão de que as pessoas que escrevem novelas só andam de helicóptero, o que é uma pena.

BRAULIO TAVARES

TV. Manhã

6h 6 **PROGRAMAÇÃO EDUCATIVA**
6h30 4 **SANTA MISSA EM SEU LAR** — Religioso
11 **MÃOS MÁGICAS** — Educativo
6h45 11 **TARZAN** — Seriado
7h 6 **MANCHETE RURAL** — Informativo sobre o campo
7 **PARE E PENSE** — Religioso
7h15 9 **PROJETO NOVA VIDA** — Religioso
7h25 4 **PEQUENAS EMPRESAS, GRANDES NEGÓCIOS** — Informativo e entrevistas sobre a área empresarial
7h30 7 **JIMMY SWAGGART** — Religioso
7h45 9 **ESCOLA BÍBLICA DO AR** — Religioso
11 **CLUBE IRMÃO CAMINHONEIRO SHELL** — Informativo
8h 2 **PALAVRAS DE VIDA** — Mensagem religiosa de d. Eugênio Sales
4 **GLOBO RURAL** — Informativo sobre o campo
6 **HOMENS E LIVROS** — Informativo e entrevistas sobre o mercado editorial
9 **POSSO CRER NO AMANHÃ** — Religioso
10 **TVE RIO** — Retransmissão da programação do Rio
11 **EMPÓRIO BRASIL** — Programa de música regional. Apresentação de Rolando Boldrin
13 **STADIUM** — Esportivo
8h30 6 **JORNAL DO PROFESSOR** — Informativo
7 **ANUNCIAMOS JESUS** — Religioso
8h45 2 **MISSA AO VIVO** — Culto religioso
7 **CADA DIA** — Religioso
9h 4 **SOM BRASIL** — Programa de música regional. Apresentação de Lima Duarte
6 **VERSO E REVERSO** — Apresentação de Álvaro Goulart
7 **PRIMEIRO PLANO** — Apresentação de Rogério Coelho Neto
9 **COMUNIDADE NA TV** — Programa de entrevistas organizadas pela Federação Israelita do Estado do Rio de Janeiro
11 **MILIONÁRIO E JOSÉ RICO** — Musical sertanejo
13 **NASHVILLE** — Musical regional
9h30 2 **A CONQUISTA DA TERRA** — Documentário
6 **ESTAÇÃO CIÊNCIA** — Programa sobre ecologia e ciências
7 **INFORME IMOBILIÁRIO** — Apresentação de Léo Meireles e Fernanda Moreira
11 **JOÃO MINEIRO E MARCIANO** — Musical sertanejo
10h 6 **FÓRMULA FORD** — Automobilístico
7 **SHOW DO ESPORTE** — Programa esportivo
9 **MESQUITA BRÁULIO PERGUNTA: QUEM TEM A RESPOSTA?** — Programa de competições. Apresentação de Mesquita Bráulio
11 **PROGRAMA SÍLVIO SANTOS** — Programa de auditório
13 **CAMPEONATO DE FUTEBOL DAS ESCOLAS DE SAMBA**
10h05 4 **ELEIÇÕES 89** — Boletim e reportagens sobre as eleições. Tema de hoje: **Salário e desemprego**
10h30 2 **ARRUMAÇÃO** — Musical regional. Apresentação de Saulo Laranjeira
10h35 4 **PROFISSÃO: PERIGO** — Seriado. Episódio: **Águias**
11h 9 **SELEÇÕES PORTUGUESAS — O SHOW DA MALTA** — Musical. Apresentação de Jorge Sereno
11h30 2 **FUTEBOL** — Esportivo
13 **CLIP SHOP** — Clips musicais
11h35 4 **ALF, O ET...EIMOSO** — Seriado. Episódio: **Uma noite encantada**

TV. Tarde

12h 6 **ESPORTE E AÇÃO** — Esportivo
9 **PROGRAMA SÍLVIO SANTOS** — Programa de auditório
12h05 4 **BOBEOU, DANÇOU** — Gincanas entre jovens. Apresentação de Xuxa
14h10 2 **STADIUM** — Esportivo
4 **DOMINGÃO DO FAUSTÃO** — Programa de auditório. Apresentação de Fausto Silva
6 **ESPORTE 89** — Esportivo
7 **SHOW DO ESPORTE** — Continuação
9 **PROGRAMA SÍLVIO SANTOS** — Continuação
11 **PROGRAMA SÍLVIO SANTOS** — Continuação
13 **TÚNEL DO TEMPO** — Seriado
15h 6 **CAMPEONATO PORTUGUÊS DE FUTEBOL** — Ao vivo
15h10 2 **DOCUMENTÁRIO ESPECIAL** — Documentário
13 **PERDIDOS NO ESPAÇO** — Seriado
16h10 2 **GLOBO CIÊNCIA** — Documentário
13 **CLIP TV** — Clips musicais
16h40 2 **CIDADANIA** — Informativo sobre os direitos e deveres do cidadão
17h 4 **CAMPEONATO BRASILEIRO DE FUTEBOL** — Jogo: **Náutico x Fluminense**
6 **CAMPEONATO BRASILEIRO DE FUTEBOL** — Jogo: a programar
17h10 2 **BALEIA VERDE** — Espaço aberto para a ecologia
17h30 13 **ROCK DRINK'S** — Musical e entrevistas

TV. Noite

18h10 2 **INTERVALO** — Informativo sobre a propagadanda no Brasil e no mundo
10 **INTERVALO** — Retransmissão da programação da TVE
18h50 4 **DOMINGÃO DO FAUSTÃO** — Continuação
19h 2 **JORNAL VISUAL** — Noticiário dedicado a surdos-mudos
6 **JAIR RODRIGUES** — Musical
10 **JORNAL VISUAL** — Retransmissão da programação da TVE
19h10 2 **JORNAL DE DOMINGO** — Noticiário nacional e internacional
19h25 4 **OS TRAPALHÕES** — Humorístico
19h30 13 **O FUGITIVO** — Seriado
20h 6 **JORNAL DA MANCHETE — EDIÇÃO DE DOMINGO** — Noticiário nacional e internacional
10 **10 NOTÍCIAS — 1ª EDIÇÃO** — Noticiário da Região dos Lagos
20h05 2 **AS NAÇÕES UNIDAS** — Jornalístico internacional
21h40 2 **ESPECIAL** — Documentário
4 **FANTÁSTICO** — Variedades
6 **PROGRAMA DE DOMINGO** — Variedades
7 **CARLTON CINE** — Filme: **Subway**
9 **PROGRAMA SÍLVIO SANTOS** — Continuação
10 **ECOLOGIANDO** — Jornalismo ecológico. Apresentação de Tito Rosemberg e Ricardo Gutierres
11 **PROGRAMA SÍLVIO SANTOS** — Continuação
13 **POLÍTICA NACIONAL** — Entrevistas sobre a política nacional. Apresentação de Berto Filho
22h10 10 **BÚZIOS ESPORTE** — Esportivo
22h30 2 **ESPORTE VISÃO** — Mesa-redonda sobre esporte
22h40 10 **BÚZIOS SERVIÇO** — Utilidade pública
22h45 10 **COLA CLIP** — Clips musicais. Apresentação de Gisele Fraga
23h 9 **CAMISA NOVE** — Mesa-redonda sobre esporte e entrevistas. Apresentação de Oldemário Touguinhó, Luiz Orlando, Orlando Baptista, entre outros
11 **SESSÃO DAS DEZ** — Filme: a programar
23h05 10 **BRINCA MAR** — Desenhos
23h30 6 **SHOW DE GOLS** — Esportivo
23h40 7 **CARA A CARA** — Entrevistas com Marília Gabriela
23h45 6 **CONEXÃO INTERNACIONAL** — Entrevistas. Apresentação de Roberto D'Ávila. Hoje: **o ex-piloto de Fórmula 1, Niki Lauda**
23h55 4 **ESPORTE ESPETACULAR** — Resumo das notícias esportivas do dia
0h 10 **10 NOTÍCIAS — 2ª EDIÇÃO** — Noticiário da Região dos Lagos
13 **SESSÃO MADRUGADA** — Seriado: **Cidade nua**
0h30 10 **BOA NOITE BÚZIOS** — Documentário. Hoje: **Canta Búzios**. Apresentação de Flávia Werger
0h40 7 **CRÍTICA E AUTOCRÍTICA** — Entrevistas políticas. Apresentação de Dirceu Brizola
0h45 6 **TOQUE DE BOLA** — Debates esportivos. Apresentação de João Saldanha, Paulo Stein, Alberto Léo e Márcio Guedes
1h 9 **POINT BY BENÍCIO BRAGA** — Variedades
1h05 4 **DOMINGO MAIOR** — Filme: **Bullitt**
1h40 7 **CINEMA NA MADRUGADA** — Filme: **A índia valente**
1h45 6 **HILL STREET BLUES** — Seriado

(A programação da TV **Búzios**, canal 10, só pode ser captada na Armação de Búzios)

Rádio Jornal do Brasil AM 940 KHz ESTÉREO

JBI — Jornal do Brasil Informa — de 2ª a dom., às 8h30, 12h30, 18h30 e 0h30.
Repórter JB - de 2ª a dom. informativo às horas certas.
Som Latino - dom., às 21h, com Márcia Rodrigues.
Arte Final Jazz - dom., às 22h, produção de J. Carlos e Célio Alzer. Apresentação de Maurício Figueiredo.

FM ESTÉREO 99, 7 MHz

10 horas - Reprodução digital (CDs e DATS): Abertura Rienzi, de Wagner (OS Minnesota, Marriner - DDD - 10:58); Sonata em Dó maior, para trompete e órgão, de Jean Baptiste Loeillet (Maurice André, Bilgram - AAD - 8:17); Suite

André Durão

Telê estréia no Flu

Americana, op. 98, de Dvorak (Royal Phil., Dorati - DDD - 20:01); Concerto em Sol maior, para piano e orquestra, de Ravel (Pascal Rogé, OS Montreal, Dutoit - DDD - 22:10); Abertura da Ópera La Forza del Destino, de Verdi (N.Ph., Chailly - DDD - 7:31); Concerto em lá menor, para oboé e orquestra, de Ralph Vaughan Williams (Black, OC Inglesa, Barenboim - ADD - 18:35); Prelúdio Coral Nun komm' der Heiden Heiland, de Bach-Busoni (Horowitz - DDD - 4:54); Sinfonia nº 6, em Fá maior - Pastoral, op. 68, de Beethoven (Fil. Berlim, Karajan - DDD - 34:19); Suíte Antiga: Prelúdio, Minueto, Ária e Rigaudon, op. 11, de Nepomuceno (Szidon - AAD - 11:30); Os Pinheiros de Roma - poema sinfônico, de Respighi (Fil. Berlim, Karajan - ADD - 22:00).

20 horas - Reprodução digital (CDs e DATS): Capricho Italiano, de Tchaikowsky (OS Dallas, Mata - DDD - 15:10); Duas Baladas, op. 10 nºs. 3 e 4, de Brahms (Benedetti Michelangeli - DDD - 13:38); Sinfonia nº 44, em mi menor, de Haydn (Orpheus - DDD - 25:12); Bachianas Brasileiras nº 1, para orquestra de violoncelos: Introdução (Embolada), Prelúdio (Modinha) e Fuga (Conversa), de Villa-Lobos (ORF, Villa-Lobos - ADD - 20:30); El fandango del candil, e Quejas ou La Maja y el ruisenhor, das Goyescas, de Granados (Larrocha - AAD - 12:09); O Martírio de São Sebastião - Fragmentos sinfônicos, de Debussy (OS Londres, Monteux - ADD - 21:52).

FM 105 — 105, 1 MHz

105 na madrugada - à 0h.
As mais Pedidas na Madrugada — às 5h.
Vale a Pena Ouvir de Novo - às 12h.
Roberto Carlos em Detalhes — às 13h
105 sem Parar - às 14h
Melhor da Hora - aos 55 min de cada hora.

Rádio Cidade 102,9 MHz

Saudade Cidade - às 8h10
Cidade Dá de Dez — de 9h às 21h, de hora em hora.
102 Decibéis - às 22h

FILMES DA SEMANA

DIA	CANAL/H	FILMES	SINOPSE
seg 30	4 • 15:15	A CASA DO ESPANTO II (House II: The Second Story) EUA, 1987, cor, 90'. De Ethan Wiley. Com Johnathan Stark.	Comédia de terror. Ao se mudar para a velha mansão da família, jovem descobre uma estatueta com poderes mágicos.
	9 • 21:40	A LENDA DO ZORRO (The Legend of the Lone Ranger) EUA, 1981, cor, 98'. De William Fraker. Com Klinton Spilbury.	Faroeste. Após ver seu irmão e amigos serem massacrados, ex-patrulheiro se torna o Zorro, um vingador mascarado.
	4 • 01:10	CASABLANCA (Casablanca) EUA, 1943, P&B, 102'. De Michael Curtiz. Com Humphrey Bogart, Ingrid Bergman e Peter Lorre.	Romance. Numa cidade da África, durante a 2ª Guerra, homem desiludido encontra um antigo amor, agora casada.
	7 • 01:10	PANTERA NA ESCURIDÃO (Out of the Darkness) EUA, 1985, cor, 96'. De Jud Taylor. Com Martin Sheen e Matt Clark.	Policial. Detetive caça por Nova Iorque um perigoso assassino que anuncia seus crimes intitulando-se Filho de Sam.
ter 31	4 • 15:15	CUIDADO COM MEU GUARDA-COSTAS (My Bodyguard) EUA, 1980, cor, 96'. De Tony Bill. Com Chris Makepeace e Matt Dillon.	Aventura juvenil. Valentão tenta provocar briga entre um colega estudioso e o cara mais forte da escola.
	7 • 22:40	CATLOW (Catlow) EUA, 1971, cor, 101'. De Sam Wanamaker. Com Yul Brinner, Richard Creena e Michael Delano.	Faroeste. Delegado e caçador de recompensas perseguem um fora-da-lei que fugiu para o México com US$ 2 milhões.
	4 • 01:10	O INSUBSTITUÍVEL (Benny's Place) EUA, 1982, cor, 100'. De Michael Schultz. Com Louis Gossett Jr. e Cicely Tyson.	Drama. Trabalhador negro de meia idade vive competindo com seus colegas bem mais novos no emprego e no bar.
	7 • 02:10	ZABRISKIE POINT (Zabriskie Point) EUA, 1970, cor, 94'. De Michelangelo Antonioni. Com Mark Frechette e Daria Halprin.	Romance moderno. Estudante radical e jovem inquieta vivem uma intensa paixão em pleno deserto do Vale da Morte.
qua 1º	4 • 15:15	AMOR A TODA VELOCIDADE (Viva Las Vegas) EUA, 1964, cor, 86'. De George Sidney. Com Elvis Presley e Ann-Margret.	Romance. Piloto de corridas canta e disputa com colega italiano o amor de uma sensual professorinha de natação.
	9 • 21:40	O ÚLTIMO PISTOLEIRO (The Shootist) EUA, 1976, cor, 99'. De Don Siegel. Com John Wayne, Ron Howard e James Stewart.	Faroeste. Pistoleiro velho e doente resolve viver em paz, mas seus inimigos o desafiam para um último duelo de morte.
	11 • 00:30	SARTANA (Sartana) Itália, cor, 1968, 94'. De Frank Kramer. Com John Garko, William Berger e Klaus Kinski.	Faroeste. Misterioso pistoleiro de negro entra numa disputa com vários bandidos pela posse de uma carga de ouro.
	4 • 01:20	AS AVENTURAS DE ROBIN HOOD (The Adventures of Robin Hood) EUA, 1938, cor, 102'. De Michael Curtiz. Com Errol Flynn.	Aventura. Na Inglaterra medieval, cavaleiro enfrenta o tirânico regente, roubando dos ricos e dando aos pobres.
	4 • 03:10	O IMPERADOR DO NORTE (The Emperor of the North Pole) EUA, 1973, cor, 118'. De Robert Aldrich. Com Ernst Borgnine.	Drama violento. Durante a depressão americana, rei dos caroneiros de trem enfrenta um sádico guarda da ferrovia.
qui 2	4 • 15:10	BANZÉ NO OESTE (Blazing Saddles) EUA, 1974, cor, 93'. De Mel Brooks. Com Cleavon Little, Gene Wilder e Mel Brooks.	Comédia. No Oeste, trabalhador negro é enviado para ser xerife de uma cidade onde imperam o crime e o racismo.
	4 • 01:25	O EMISSÁRIO DE MACKINTOSH (The Mackintosh Man) Ingl., 1973, cor, 105'. De John Huston. Com Paul Newman e James Mason.	Espionagem. Agente é enviado para desbaratar um esquema de proteção a presos fugidos, chefiado por um parlamentar.
	4 • 03:10	NINHO DE COBRAS (There Was a Crooked Man) EUA, 1970, cor, 125'. De Joseph Mankiewicz. Com Kirk Douglas, Henry Fonda.	Faroeste. Bandido vai preso após esconder uma bolada e o corrupto diretor do presídio tenta se apoderar do butim.
sex 3	4 • 15:15	O IMBATÍVEL (Stroker Ace) EUA, 1983, cor, 96'. De Hal Needham. Com Burt Reynolds, Ned Beatty e Loni Anderson.	Comédia de aventuras. Tresloucado piloto de corridas vai trabalhar para uma cadeia de lanchonetes e causa confusão.
	9 • 21:40	DEIXE MINHA SEPULTURA ABERTA (Keep My Grave Open) EUA, 1975, cor, 78'. De S.F. Brownrigg. Com Camilla Carr.	Terror. Jovem problemática tem crises, nas quais se veste de homem e mata seus pretendentes com uma espada.
	11 • 22:40	VINGANÇA CEGA (Heated Vengeance) EUA, 1984, cor, 90'. De Edward Murphy. Com Richard Match e Michael J. Pollard.	Violência. Ex-combatente volta ao Vietnã para encontrar a amada, mas esbarra é com um velho e perigoso inimigo.
	7 • 23:40	A CÂMARA DO TERROR (La Camara del Terror) México, 1978, cor, 90'. De Juan Ibañez. Com Boris Karloff e Julissa.	Terror. Cientista louco aterroriza belas mulheres para usar seu sangue congelado, pelo pavor, em experiências.
	9 • 00:20	HOMENS EM GUERRA (Men in War) EUA, 1957, cor, 104'. De Antony Mann. Com Robert Ryan, Aldo Ray e Robert Keith.	Guerra. Na Coréia, em 1950, comandante de um batalhão conta com apenas 17 homens para enfrentar os japoneses.
	4 • 01:40	UMA RAJADA DE BALAS (Bonnie and Clyde) EUA, 1967, cor, 111'. De Arthur Penn. Com Warren Beatty e Faye Dunaway.	Criminal. Em 1929, rapaz desajustado conhece moça inquieta com quem começa uma violenta carreira de crimes.
	7 • 03:10	ASSASSINO A BORDO (Killer on Board) EUA, 1977, cor, 103'. De Philip Leacock. Com Claude Akins e Patty Duke Astin.	Suspense. Num cruzeiro marítimo entre Manilha e Honolulu um vírus fatal espalha a morte entre os passageiros.
	4 • 03:40	EU, ELA E A OUTRA (Move Over Darling) EUA, 1963, cor, 103'. De Michael Gordon. Com Doris Day e James Garner.	Comédia. Mulher volta à civilização, depois de anos desaparecida e descobre que seu marido se casou novamente.
sáb 4	4 • 22:50	MINHAS DUAS MULHERES (Micki and Maude) EUA, 1984, cor, 118'. De Blake Edwards. Com Dudley Moore e Amy Irving.	Comédia. Homem bem casado arranja uma bela amante, mas fica em apuros quando as duas mulheres engravidam juntas.
	7 • 00:40	A REVANCHE DO ÚLTIMO TUBARÃO (Cuevas de Tiburones) México, 1980, cor, 89'. De Arthur Kennedy e Mickey Pignatelli.	Suspense. Sobrevivente de um desastre de avião tenta recuperar diamantes submersos em águas cheias de tubarões.
	4 • 01:00	TERRA II (Earth II) EUA, 1971, cor, 100'. De Tom Gries. Com Gary Lockwood, Tony Franciosa, Hary Rhodes, Lew Ayres.	Ficção científica. Num futuro próximo, a estação espacial Terra II funciona como laboratório de pesquisas no cosmo.
	6 • 01:40	UM DIA EM NOVA IORQUE (On the Town) EUA, 1950, cor, 98'. De Gene Kelly e Stanley Donen. Com Gene Kelly, Vera Ellen.	Musical. Três marujos de licença em Nova Iorque buscam diversão e belas garotas, e encontram, após umas confusões.
	7 • 02:40	A SEGUNDA CHANCE (The Parade) EUA, 1985, cor, 95'. De Peter H. Hunt. Com Frederic Forrest e Rosanna Arquette.	Drama. Ex-presidiário volta para casa, mas sua sogra e sua filha o repudiam, duvidando de sua vontade de se regenerar.
dom 5	7 • 21:40	O ESPIÃO TRAIÇOEIRO (Charlie Muffin) EUA, 1979, cor, 105' De Sam Wanamaker. Com David Hemmings e Ralph Richardson.	Espionagem. Agente secreto atua em missões na Europa, mas corre perigo quando é localizado por agentes inimigos.
	4 • 01:05	OPERAÇÃO FRANÇA (The French Connection) EUA, 1971, cor, 101'. De William Friedkin. Com Gene Hackman e Roy Scheider.	Policial. Obstinado detetive de Nova Iorque faz de tudo para desbaratar uma poderosa rede de narcotráfico.
	7 • 01:40	AMOR FEITO DE ÓDIO (Love Hate Love) EUA, 1970, cor, 70'. De George McCowan. Com Ryan O'Neal e Lesley Warren.	Drama. Modelo é noiva de um engenheiro, mas se envolve com um piloto de jatos que é, na verdade, um louco perigoso.

Esta é uma seleção dos filmes programados para a semana.
Confira a programação completa, diariamente, pelo Caderno B.

☐ ***Recomendações***

Sammy Davis Jr., com Suzzane Douglas, também sapateia no filme Tap — A dança de duas vidas

Lançamento

CONTOS DE NOVA IORQUE (*New York stories*), filme dividido em três partes: *Lições de vida*, de Martin Scorsese, com Nick Nolte, Rosanna Arquette e Patrick O'Neal; *A vida sem Zoe*, de Francis Ford Coppola, com Heather McComb, Talia Shire e Giancarlo Gianini; *Édipo arrasado*, de Woody Allen, com Woody Allen, Mia Farrow e Mae Questel. *Palácio 2* (Rua do Passeio, 40 — 240-6541), *Tijuca Palace 2* (Rua Conde de Bonfim, 214 — 228-4610): 13h30, 16h, 18h30, 21h. *Copacabana* (Av. Copacabana, 801 — 255-0953), *Barra 2* (Av. das Américas, 4.666 — 325-6487): 14h, 16h30, 19h, 21h30. (Livre).
Três histórias ambientadas em Nova Iorque. Na primeira, pintor famoso tem obsessiva paixão pela assistente que, no entanto, o rejeita. Na segunda, menina mora sozinha num hotel de luxo, enquanto o pai flautista e a mãe fotógrafa viajam pelo mundo. Na terceira, advogado vive atormentado pela onipresença da mãe judia. EUA/1989.

BATMAN (*Batman*), de Tim Burton. Com Jack Nicholson, Michael Keaton, Kim Basinger e Robert Wuhl. *Odeon* (Pça. Mahatma Gandhi, 2 — 220-3835), *São Luiz 2* (Rua do Catete, 307 — 285-2296), *Madureira 1* (Rua Dagmar da Fonseca, 54 — 390-2338), *Norte Shopping 1* (Av. Suburbana, 5.474 — 592-9430): 13h, 15h30, 18h, 20h30. *Barra 1* (Av. das Américas, 4.666 — 325-6487), *Palácio 1* (Rua do Passeio, 40 — 240-6541), *Carioca* (Rua Conde de Bonfim, 338 — 228-8178), *Art-Méier* (Rua Silva Rabelo, 20 — 249-4544), *Olaria* (Rua Uranos, 1.474 — 230-2666): 13h30, 16h, 18h30, 21h. *Barra 3* (Av. das Américas, 4.666 — 325-6487), *São Luiz 1* (Rua do Catete, 307 — 285-2296), *Ópera 1* (Praia de Botafogo, 340 — 552-4945), *Rio-Sul* (Rua Marquês de São Vicente, 52 — 274-4532), *América* (Rua Conde de Bonfim, 334 — 264-4246), *Madureira 2* (Rua Dagmar da Fonseca, 54 — 390-2338), *Norte Shopping 2* (Av. Suburbana, 5.474 — 592-9430): 14h, 16h30, 19h, 21h30. *Ópera 2* (Praia de Botafogo, 340 — 552-4945): 15h; 17h30, 20h. *Leblon 1* (Av. Ataulfo de Paiva, 391 — 239-5048), *Roxy* (Av. Copacabana, 945 — 236-6245): 14h, 16h30, 19h, 21h30. Aos sábados, também à meia-noite. *Palácio* (Campo Grande): 14h, 16h15, 18h30, 20h45. (Livre).
Superprodução com os heróis das histórias em quadrinhos. O duelo entre o justiceiro mascarado Batman e o perigoso Curinga, nas ruas de Gotham City. EUA/1989.

SEXTA-FEIRA 13 — PARTE VIII — JASON ATACA EM NOVA IORQUE (*Friday the 13 — Part VIII — Jason takes Manhattan*), de Rob Hedden. Com Jensen Daggett, Sean Robertson, Charles McCulloch e Barbara Bingham. *Metro-Boavista* (Rua do Passeio, 62 — 240-1291): 13h30, 15h30, 17h30, 19h30, 21h30. *Leblon 2* (Av. Ataulfo de Paiva, 391 — 239-5048), *Largo do Machado 1* (Largo do Machado, 29 — 205-6842), *Condor Copacabana* (Rua Figueiredo Magalhães, 286 — 255-2610): 14h, 16h, 18h, 20h, 22h. *Tijuca 1* (Rua Conde de Bonfim, 422 — 264-5246), *Madureira 3* (Rua João Vicente, 15 — 593-2146), *Ramos* (Rua Leopoldina Rego, 52 — 230-1889): 15h, 17h, 19h, 21h. (14 anos).
Terror. Jason deixa Crystal Lake para aterrorizar adolescentes nas ruas de Manhattan. EUA/1989.

Cláudia Raynssord

Irene Ravache, única atriz de Que bom te ver viva

FAÇA A COISA CERTA (*Do the right thing*), de Spike Lee. Com Danny Aiello, Ossie Davis, Ruby Dee e Giancarlo Esposito. *Cinema-1* (Av. Prado Júnior, 281 — 295-2889): 14h, 16h30, 19h, 21h30. (14 anos).
Numa pizzaria administrada por ítalo-americanos, conflitos raciais latentes explodem num dia de forte calor. EUA/1989.

MÁQUINA MORTÍFERA 2 (*Lethal weapon 2*), de Richard Donner. Com Mel Gibson, Danny Glover, Joss Ackland e Joe Pesci. *Lido-1* (Praia do Flamengo, 72 — 285-0642): 14h30, 16h50, 19h10, 21h30. (14 anos).
Dois detetives, de temperamentos e métodos opostos, caçam traficantes de drogas acobertados pelo consulado da África do Sul. EUA/1988.

A ARMADILHA DE VÊNUS (*Die Venusfalle*), de Robert van Ackeren. Com Myriem Roussel, Horst-Gunther Marx e Sonja Kirchberger. *Art-Fashion Mall 3* (Estrada da Gávea, 899 — 322-1258): 15h, 17h20, 19h40, 22h. *Ricamar* (Av. Copacabana, 360 — 237-9932): 15h15, 17h30, 19h45, 22h. (16 anos). Desconto de 30% mediante a apresentação do cupom do Guia do assinante e do cartão do leitor JB.

Sean Connery é o pai de Harrison Ford em Indiana Jones e a última cruzada ***e rouba o filme***

Médico de 30 anos vive obcecado pela idéia de encontrar a mulher ideal e vaga pela cidade à procura de um grande amor. Alemanha/1988.

A INSUSTENTÁVEL LEVEZA DO SER *(The unbearable lightness of being)*, de Philip Kaufman. Com Daniel Day-Lewis, Juliette Binoche, Lena Olin e Derek de Lint. *Veneza* (Av. Pasteur, 184 — 295-8349), *Tijuca-2* (Rua Conde de Bonfim, 422 — 264-5246): 15h, 18h, 21h. (16 anos).
Médico e fotógrafa vivem apaixonada história de amor, quando explode a repressão em Praga e eles são obrigados a emigrar. Baseado no romance homônimo de Milan Kundera. França/1988.

QUE BOM TE VER VIVA *(Brasileiro)*, de Lúcia Murat. Com Irene Ravache. *Art-Fashion Mall 1* (Estrada da Gávea, 899 — 322-1258): 14h40, 16h30, 18h20, 20h10, 22h. *Studio-Paissandu* (Rua Senador Vergueiro, 35 — 265-4653): 20h, 22h. (Livre).
Entrevistas com oito ex-presas políticas brasileiras, intercaladas com os delírios e as fantasias vividas por uma atriz. Produção de 1989.

O CÉU SE ENGANOU *(Chances are)*, de Emile Ardolino. Com Cybill Shepherd, Robert Downey Jr., Ryan O'Neal e Mary Stuart Masterson. *Art-Copacabana* (Av. Copacabana, 759 — 235-4895), *Art-Fashion Mall 2* (Estrada da Gávea, 899 — 322-1258): 15h30, 17h40, 19h50, 22h. *Art-Casashopping 2* (Av. Alvorada, Via 11, 2.150 — 325-0746): de 2ª a 6ª, às 16h40, 18h50, 21h. Sábado e domingo, a partir das 14h30. *Art-Tijuca* (Rua Conde de Bonfim, 406 — 254-9578). *Art-Madureira 1* (Shopping Center de Madureira — 390-1827): 14h30, 16h40, 18h50, 21h. (Livre).
Comédia romântica. Jovem começa a se lembrar de vidas passadas e descobre que a namorada atual foi sua filha em uma outra época. EUA/1988.

TAP — A DANÇA DE DUAS VIDAS *(Tap)*, de Nick Castle. Com Gregory Hines, Suzzanne Douglas, Sammy Davis Jr. e Savion Glover. *Star-Ipanema* (Rua Visconde de Pirajá, 371 — 521-4690): 14h30, 16h50, 19h10, 21h30. (10 anos).
Musical. Ex-prisioneiro quer começar vida nova como sapateador e vai trabalhar com outro bailarino num estúdio de sapateado em Times Square. EUA/1988.

ESCORPIÃO VERMELHO *(Red scorpion)*, de Joseph Zito. Com Dolph Lundgren, M. Emmet Walsh e Brion James. *Studio-Catete* (Rua do Catete, 228 — 205-7194). *Studio-Copacabana* (Rua Raul Pompeia, 102 — 247-8900): 15h, 17h10, 19h20, 21h30. (14 anos).
Matador profissional soviético é mandado a país africano, de regime comunista, para eliminar líder anti-revolucionário. EUA/1988.

A ILUSÃO VIAJA DE BONDE *(La ilusion viaja en tranvia)*, de Luis Buñuel. Com Lilia Prado, Carlos Navarro e Roberto Soto. *Estação 3* (Rua Voluntários da Pátria, 88 — 286-6149): 17h30, 19h30, 21h30.
Dois mecânicos bêbados roubam um bonde mas, passado o porre, não conseguem se livrar do veículo que já está cheio de passageiros. México/1954. P&B.

K-9 — UM POLICIAL BOM PRA CACHORRO *(K-9)*, de Rod Daniel. Com James Belushi, Mel Harris, Kevin Tighe e Ed O'Neill. *Tijuca-Palace 1* (Rua Conde de Bonfim, 214 — 228-4610): 15h, 17h, 19h, 21h. *Largo do Machado 2* (Largo do Machado, 29 — 205-6842): 14h, 16h, 18h, 20h, 22h. *Art-Casashopping 3* (Av. Alvorada, Via 11, 2.150 — 325-0746): de 2ª a 6ª, às 17h, 19h, 21h. Sábado e domingo, a partir das 15h. (Livre).
Comédia. Detetive trapalhão tem como parceiro um cão pastor super-treinado para o combate ao narcotráfico. EUA/1988.

DOIDA DEMAIS *(Brasileiro)*, de Sergio Rezende, com Vera Fischer, José Wilker, Paulo Betti e Ítalo Rossi. *Jóia* (Av. Copacabana, 680 — 255-7121): 15h30, 17h30, 19h30, 21h30. (16 anos).
Amor e aventura policial tendo como cenários as galerias de arte de Ipanema e a realidade do interior do Brasil. Produção de 1988.

KARATE KID 3 — O DESAFIO FINAL *(The karate kid — part III)*, de John G.

Curta na tela

QUANDO OS MORCEGOS SE CALAM — De Fábio Lignini. Cinemas: *Norte-Shopping 2, Icaraí, Madureira-2, Ópera-2, Roxy, Leblon-1, São Luiz 1* e *Odeon.*

ILHA DAS FLORES — De Jorge Furtado. Cinemas: *Palácio-2, Barra-2, Tijuca-Palace 2* e *Center.*

O ESCURINHO DO CINEMA — De Nelson Nadotti. Cinemas: *Tijuca-1, Madureira-3, Leblon-2* e *Copacabana.*

ARREPIO — De André Sturm. Cinemas: *Olaria, Madureira-1, Art-Méier* e *América.*

RETRATOS RASGADOS — De Alvarina Souza e Silva. Cinemas: *Palácio-1, São Luiz 2, Norte-Shopping 1* e *Barra-3.*

PRAZER EM CONHECÊ-LA — De Flávia Seligman. Cinemas: *Carioca, Barra-1, Ópera-1* e *Rio-Sul.*

HISTÓRIAS DO COTIDIANO — De Noilton Nunes e Regina Abreu. Cinemas: *Ramos* e *Central.*

UM COTIDIANO PERDIDO NO TEMPO — De Nirton Venâncio. Cinemas: *Studio-Copacabana* e *Studio-Catete.*

ALMERI E ARI — CICLO DO RECIFE E DA VIDA — De Fernando Spencer. Cinemas: *Tijuca-Palace 1* e *Campo Grande.*

A RESISTÊNCIA DA LUA — De Octávio Bezerra. Cinema: *Bruni-Tijuca.*

CINEMAS FECHADOS — De Sérgio Péo. Cinema: *Art-Madureira 1.*

ESTÓRIAS DA ROCINHA — De José Mariane. Cinema: *Windsor.*

FLA X FLU, À SOMBRA DAS CHUTEIRAS IMORTAIS — De Alexandre Niemeyer. Cinema: *Lagoa Drive-In.*

JUSTIÇA PARA MANOEL CONGO — De Milton Alencar Júnior. Cinemas: *Art-Copacabana, Niterói* e *Palácio* (Campo Grande).

KULTURA TÁ NA RUA — De Octávio Bezerra. Cinema: *Lido-1.*

LÍVIO ABRAMO — GRAVURAS — De Fernando Coni Campos. Cinema: *Tamoio.*

MEMÓRIA DAS MINAS — De Luiz Keller e Tânia Quaresma. Cinema: *Cinema-1* (Rio).

MINUANO — De Luiz Keller e Tânia Quaresma. Cinema: *Art-Madureira-2.*

O LOBO SE ESTREPA — De Sul. Cinema: *Bruni-Méier.*

OS ROMANCES DE DONA OLINDA OLANDA — De Katia Messel. Cinema: *Niterói-Shopping 1.*

PALÁCIO MONROE, UMA ÉPOCA EM RUÍNAS — De Célio Gonçalves. Cinemas: *Ricamar* e *Bristol.*

PARAHYBA — De Jureni Machado Bitencurt. Cinemas: *Star-Ipanema* e *Cândido Mendes.*

PRESENÇA DE VILLA-LOBOS — De Carlos e Dino Dochat. Cinema: *Art-Tijuca.*

QUADRO A QUADRO, NEWTON CAVALCANTI — De Paulo Cesar Saraceni. Cinema: *Studio-Paissandu.*

SPRAY JET — De Ana Maria Magalhães. Cinema: *Art-Casashopping 3.*

TEMPORAL — De José Pedro Goulart. Cinema: *Niterói-Shopping 1.*

TRAJETÓRIA DO FREVO — De Fernando Spencer. Cinemas: *Art-Fashion Mall 3* e *Condor Copacabana.*

VISÃO DO CÉU, GRUTA DOS TRÊS PODERES — De Marcelo Ferreira Mega. Cinema: *Star* (São Gonçalo).

Em Roma, no Cândido Mendes, Frederico Fellini mostra a Cidade Eterna de forma satírica e carinhosa

Avildsen. Com Ralph Macchio, Noriyuki Pat Morita, Robyn Lively e Thomas Ian Griffith. *Art-Casashopping 1* (Av. Alvorada, Via 11, 2.150 — 325-0746): de 2ª a 6ª, às 16h30, 18h45, 21h. Sábado e domingo, a partir das 14h15. *Pathé* (Praça Floriano, 45 — 220-3135): de 2ª a 6ª, às 12h, 14h15, 16h30, 18h45, 21h. Sábado e domingo, a partir das 14h15. *Art-Fashion Mall 4* (Estrada da Gávea, 899 — 322-1258): 15h15, 17h30, 19h45, 22h. *Art-Madureira 2* (Shopping Center de Madureira — 390-1827), *Paratodos* (Rua Arquias Cordeiro, 350 — 281-3628): 14h15, 16h30, 18h45, 21h. *Bruni-Tijuca* (Rua Conde de Bonfim, 370 — 254-8975): 15h, 17h, 19h, 21h. (10 anos).
Nesta terceira aventura, o lutador de caratê é desafiado para uma luta, mas desta vez não conta com a ajuda do professor japonês. EUA/1989.

Reprise

INDIANA JONES E A ÚLTIMA CRUZADA *(Indiana Jones and the last crusade)*, de Steven Spielberg. Com Harrison Ford, Sean Connery, Denholm Elliott e River Phoenix. *Campo Grande* (Rua Campo Grande, 880 — 394-4452): 14h, 16h20, 18h40, 21h. *Bruni-Méier* (Av. Amaro Cavalcanti, 105 — 591-2746): 14h30, 16h40, 18h50, 21h. *Bristol* (Av. Ministro Edgar Romero, 460 — 391-4822): 16h40, 21h. (10 anos).
À procura do Santo Graal, o herói envolve-se com criminosos nazistas, com uma perigosa mulher e com o pai, um professor não acostumado a aventuras. EUA/1988.

MULHERES À BEIRA DE UM ATAQUE DE NERVOS *(Mujeres al borde de un ataque de nervious)*, de Pedro Almodovar. Com Carmen Maura, Antonio Banderas, Fernando Guillem e Julieta Serrano. *Studio-Paissandu* (Rua Senador Vergueiro, 35 — 265-4653): de 2ª a 6ª, às 14h50, 16h40, 18h30. Sábado e domingo, às 18h30. (10 anos).
Dramalhão com humor. Dubladora, grávida, é abandonada pelo amante, que resolve viajar com uma nova namorada, mas acaba barrado no aeroporto pela esposa que quer matá-lo a qualquer custo. Espanha/1987.

ROMA *(Fellini Roma)*, de Federico Fellini. Com Peter Gonzalez, Stefano Majore e, em aparições especiais, Federico Fellini, Anna Magnani, Alberto Sordi e Gore Vidal. *Cândido Mendes* (Rua Joana Angelica, 63 — 267-7295): 14h. (14 anos).
Memórias e impressões de Fellini sobre a cidade, seus bairros populares, pontos turísticos, o cinema e os tesouros descobertos pelas obras do metrô. Itália/1971.

TUCKER — UM HOMEM E SEU SONHO *(Tucker — The man and his dream)*, de Francis Ford Coppola. Com Jeff Bridges, Joan Allen, Martin Landau e Frederic Forrest. *Cândido Mendes* (Rua Joana Angelica, 63 — 267-7298): 16h, 18h, 20h, 22h. (Livre).
Baseado na história real de Preston Tucker, criador de um carro revolucionário, mas derrotado pelos poderosos da indústria automobilística. EUA/1988.

AMADEUS *(Amadeus)*, de Milos Forman. Com F. Murray Abraham, Tom Hulce, Elizabeth Berridge e Simon Callow. *Lido-2* (Praia do Flamengo, 72 — 285-0642): 15h, 18h, 21h. (10 anos).
A vida do genial compositor Wolfgang Amadeus Mozart, segundo as memórias do rival Antonio Salieri. Baseado na peça de Peter Schaffer. Oscar de melhor filme, ator (F. Murray Abraham), diretor, diretor de arte, figurino, som, roteiro e maquilagem. EUA/1984.

ADORÁVEL SEDUTORA *(Her alibi)*, de Bruce Beresford. Com Tom Selleck, Paulina Porizkova, William Daniels e James Farentino. *Lagoa Drive-In* (Av. Borges de Medeiros, 1.426 — 274-7999): 20h30, 22h30. Até quarta. (Livre).
Escritor de histórias policiais conhece bela mulher acusada de assassinato, mas resolve ajudá-la fornecendo-lhe um álibi. EUA/1989.

MATADOR DE ALUGUEL *(Road house)*, de Rowdy Herrington. Com Patrick Swayze, Kelly Lynch, Sam Elliott e Ben Gazzara. *Bristol* (Av. Ministro Edgar Romero, 460 — 391-4822): 14h30, 18h50. (14 anos).
Lutador impiedoso trabalha como leão-de-chácara de um clube noturno barra-pesada, onde as noites acabam em confusão. EUA/1988.

UM TIRO NA NOITE *(Blow out)*, de Brian de Palma. Com John Travolta, Nancy Allen, John Lithgow e Dennis Franz. *Estação 2* (Rua Voluntários da Pátria, 88 — 286-6149): 17h, 19h, 21h. Até terça. (16 anos).
Técnico de som presencia e grava um acidente de carro, mas sua vida corre perigo quando começa a investigar a gravação de um tiro, no momento do acidente. EUA/1981.

Extra

UM OUTRO CINEMA EUROPEU — Hoje: *A festa de Babette (Babette's feast)*, de Gabriel Axel. Com Stephane Audran, Birgitte Federspiel, Bodil Kjere e Vibeke Hastrup. *Estação 1* (Rua Voluntários da Pátria, 88 — 286-6149): 16h, 18h, 20h, 22h. (Livre).
Refugiada francesa vai trabalhar na casa de duas velhinhas religiosas, numa aldeia dinamarquesa. Tempos mais tarde ela recebe um prêmio de loteria e gasta toda a fortuna preparando um autêntico banquete francês. Oscar de melhor filme estrangeiro. Dinamarca/1988.

MOSTRA MACHADO FILMADO — Hoje: *Viagem ao fim do mundo (Brasileiro)*, de Fernando Coni Campos. Com Jofre Soares, Anik Malvil, Talula Campos e Fábio Porchat. Complemento: *A causa secreta*, de José Américo Ribeiro. *Centro Cultural Banco do Brasil* (Rua 1º de Março, 66): 16h30.
Uma observação sobre o comportamento de quatro passageiros, durante viagem de avião. Inspirado em dois capítulos do romance *Memórias póstumas de Brás Cubas*, de Machado de Assis. Produção de 1968.

MOSTRA MACHADO FILMADO — Hoje: *Brás cubas (Brasileiro)*, de Júlio Bressane. Com Luiz Fernando Guimarães, Bia Nunes, Regina Case Wilson Grey. *Centro Cultural Banco do Brasil* (Rua 1º de Março, 66): 18h30 e 20h30.
Baseado em Machado de Assis, o filme narra as memórias do personagem depois de morto, refletindo sobre a mediocridade de sua existência. Produção de 1985.

CENTENÁRIO DE ABEL GANCE — Hoje: *Napoleão ou Bonaparte e a revolução (Napoleon/Bonaparte et la révolution)*, de Abel Gance. Com Albert Dieudonné, Antonin Artaud, Pierre Batchef e Annabella. *Cinemateca do MAM* (Av. Beira-Mar, s/nº): 16h30. Intertítulos em francês.
Montagem integral da primeira versão do épico sobre a história do imperador francês. França/1927/1971.

Luiz Fernando Guimarães está em Brás Cubas

Niterói

ARTE-UFF — *Ironweed*: 15h30, 18h10, 20h50. (14 anos). Até quarta.

CENTER — *Contos de Nova Iorque*: 13h30, 16h, 18h30, 21h. (Livre).

CENTRAL — *Sexta-feira 13 — Parte VIII — Jason ataca em Nova Iorque*: 13h30, 15h30, 17h30, 19h30, 21h30. (14 anos).

CINEMA-1 — *Doida demais*: 15h, 17h, 19h, 21h. (16 anos).

ICARAÍ — *Batman*: 13h30, 16h, 18h30, 21h. (Livre).

NITERÓI SHOPPING 1 — *Matador de aluguel*: 14h30, 16h40, 18h50, 21h. (14 anos).

NITERÓI — *Batman*: 13h30, 16h, 18h30, 21h. (Livre).

NITERÓI SHOPPING 2 — *K-9 — Um policial bom pra cachorro*: 15h, 17h, 19h, 21h. (Livre).

WINDSOR — *O céu se enganou*: 15h, 17h, 19h, 21h. (Livre).

São Gonçalo

STAR SÃO GONÇALO — *Indiana Jones e a última cruzada*: 14h30, 16h50, 19h10, 21h30. (10 anos).

TAMOIO — *Karate Kid 3 — O desafio final*: 16h50, 21h. (10 anos). *A bolha assassina*: 15h, 19h. (14 anos).

Sônia D'Almeida

Luís Fernando Guimarães e Débora Bloch preparam* Fica comigo esta noite *para a temporada carioca de 90

Vamos rir no verão

Uma comédia para duas feras

O sol se firma no céu e com ele o direito sagrado a uma boa praia, um chope e uma dúzia de comédias teatrais. Em vários palcos da cidade começam os ensaios para as chamadas peças de verão, um jeito exclusivamente carioca de estar em cena. Foi pensando nisso — e no final de um ano de sucessos à frente do *TV Pirata*, da TV Globo — que Débora Bloch, Luís Fernando Guimarães e Pedro Paulo Rangel uniram seus talentos na montagem de *Fica comigo esta noite*, "comédia emocionante", como dizem eles, do paulista Flávio de Souza. *Fica comigo...* entra em cartaz em janeiro no Teatro da Barra, apostando na aceitação dos moradores do bairro recém-eleito como "o melhor do Rio".

Depois dos três primeiros ensaios realizados na Academia Scrett do Leblon — o Teatro da Barra só vai estar liberado no final de dezembro —, a dupla de atores e o diretor Pedro Paulo ainda não sabiam como classificar o espetáculo. "Comédia romântica", "comédia dramática" e "comédia emocionante" foram alguns dos termos usados para tentar definir a história da última noite de um casal classe média, casado há muitos anos, mas cheio de pendências emocionais, como tantos. Escrita por Flávio de Souza em 1984, *Fica comigo esta noite* retrata bem o universo do dramaturgo, uma espécie de pupilo de Naum Alves de Souza. Quem viu *Parentes entre parênteses*, do mesmo autor, sabe que Flávio fala sobre família com uma ótica pouco realista. "Fui ver a montagem desta peça em São Paulo e gostei muito do jeito que fantasia e realidade são colocadas sob o mesmo ângulo", conta Luís Fernando.

Desde o final do ano passado que Débora e Luís Fernando queriam trabalhar juntos e procuravam um texto para dois atores. "*Fica comigo...* é ideal porque foi escrita em cima do trabalho de ator", conta Débora, convidando seus fãs a passarem com ela as noites do próximo verão.

MARIA SILVIA CAMARGO

TEATRO

O JARDIM DAS CEREJEIRAS — Texto de Anton Tchekov. Tradução e direção de Paulo Mamede. Com Natália Thimberg, Sérgio Britto, Othon Bastos, Edwin Luisi, José Lewgoy e outros. *Teatro dos Quatro*, Rua Marquês de S. Vicente, 52/2º (274-9895). De 4ª a sáb., às 21h e dom. às 19 h. Ingressos 4ª e 5ª a NCz$ 30,00; 6ª e dom. a NCz$ 35,00 e sáb., feriado e véspera de feriado a NCz$ 40,00. Não será permitida a entrada após o início do espetáculo. O valor do ingresso não será reembolsado para os retardatários. Duração: 2h30.

O extraordinário texto de Anton Tchekov é recriado numa montagem em que elenco afinado com a melancolia e desesperança da peça compõe um painel da existência triste e crepuscular. O visual abstrato desenha um espetáculo rigoroso e formalmente bonito.

LULU — Texto de Frank Wedekind. Direção de Naum Alves de Souza. Com Maria Padilha, Ewerton de Castro, Tonico Pereira, entre outros. *Casa de Cultura Laura Alvim*, Av. Vieira Souto, 175 (247-6946). De 4ª a sáb., às 21h30. Dom., às 20h30. Ingressos a NCz$ 30,00 (4ª e 5ª), NCz$ 35,00 (6ª e dom.) e NCz$ 40,00 (sáb. e feriados). Estréia hoje.

GEORGE DANDAN — Texto de Molière. Direção de Ivan de Albuquerque. Com Rubens Corrêa, Lidia Brondi, Leyla Ribeiro, Nildo Parente e outros. *Teatro Ipanema*, Rua Prudente de Morais, 824 (247-9794). De 5ª a sáb., às 21h30, dom., às 19h e 21h30. Ingressos 5ª, 6ª e dom. a Ncz$ 20,00; sáb., feriado e véspera de feriado a NCz$ 25,00. Desconto de 30% (5ª e dom.) e 20% (6ª e sáb), mediante apresentação de cupom e cartão de leitor do *JB*.
Sorteio de serigrafias de Luís Pizarro até o dia 5 de novembro.

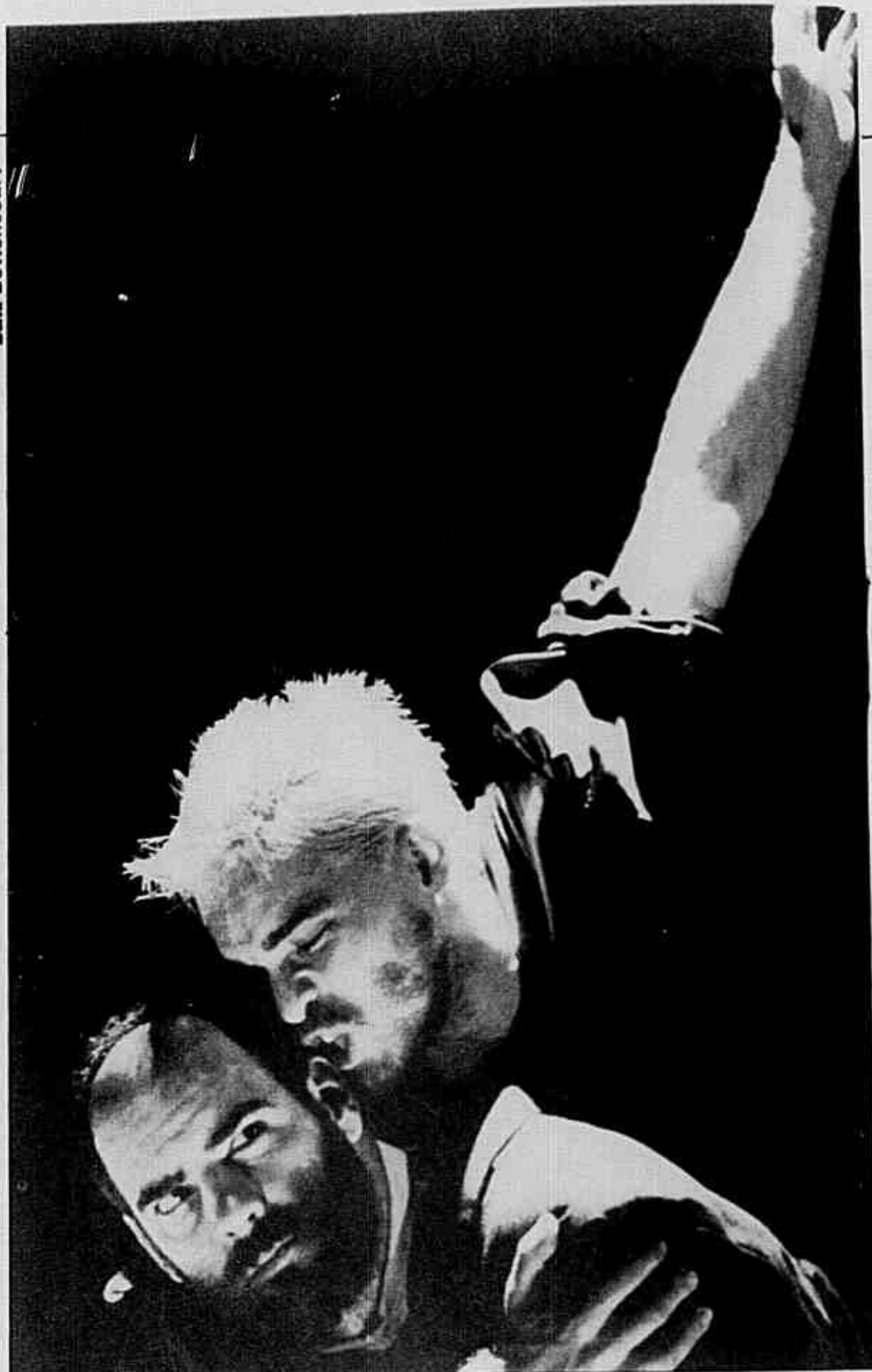
PERVERSIDADE SEXUAL EM CHICAGO — Texto de David Mamet. Tradução de Marcos Ribas de Faria. Direção de José Wilker. Com José Mayer, Paulo Betti, Eliane Giardini e Vera Fajardo. *Teatro de Arena*, Rua Siqueira Campos, 143 (235-5348). De 4ª a sáb. às 21h30 e dom., às 19h. Ingressos 4ª e 5ª a NCz$ 25,00; 6ª e dom. a NCz$ 35,00 e sáb. e feriados a NCz$ 40,00. Duração: 1h30.
Comédia que gira em torno de sexo e da solidão de quatro pessoas numa cidade grande.

JK — Texto e direção de Luís Arthur Nunes. Com José de Abreu, Lília Cabral e Fábio Junqueira, entre outros. *Teatro Nelson Rodrigues*, Av. Chile, 230 (212-5272). De 4ª a sáb., às 21h. Dom., às 19h30. Ingressos a NCz$ 25,00 (4ª), NCz$ 30,00 (5ª, 6ª e dom.) e NCz$ 40,00 (sáb.). Estréia dia 31.
Ensaios abertos a preços populares de 6ª a dom., às 19h30. Ingressos a NCz$ 15,00.

OS SETE GATINHOS — Texto de Nelson Rodrigues. Direção de Daniel Marques. Com Gilberto Torres, Cláudia Ventura, César Pimenta e outros. *Palcão*, da UNI-RIO, Av. Pasteur, 436. De 5ª a dom., às 21h. Entrada franca.

IOLANTHE — Opereta de Gilbert & Sullivan. Direção de David Evans. Com o Grupo The Players. *Escola Britânica*, Rua Real Grandeza, 99. De 4ª a sáb., às 20h30 e dom., às 18h. Ingressos a NCz$ NCz$ 25,00 e NCz$ 15,00 (estudantes).
Opereta cômica que relata as aventuras e desventuras de um pastor de ovelhas. Texto em inglês.

MACHADO EM CENA - UM SARAU CARIOCA — Baseado na obra de Machado de Assis. Roteiro e direção de Luís de Lima. Com Kássia Kiss, Eduardo Tornaghi e Esther Jablonsky, entre outros. E os músicos: Clarice Szajnbrum, Nicolas de Souza Barros, Inácio de Nonno e Hélder Parente. *Centro Cultural Banco do Brasil*, Rua 1º de Março, 66. Récitas: 6ª e sáb., às 18h30 e dom. às 17h. Entrada franca.

ENTRE QUATRO PAREDES — Texto de Jean-Paul Sartre. Direção de Miguel Rezende. Com Sônia Catarina, Yaska Antunes e Miguel Rezende. *Teatro Villa-Lobos*, Sala Monteiro Lobato. Av. Princesa Isabel, 440 (275-6695). De 5ª a sáb., às 21h30 e dom., às 20h. Ingressos a NCz$ 15,00 (5ª, 6ª e dom.) e NCz$ 20,00 (sáb.). Duração 1h50.
Não é permitida a entrada após o início do espetáculo.

A trágica história do doutor Fausto

VALSA Nº 6 — Texto de Nelson Rodrigues. Direção de Antônio Guedes. Com Ângela Leite Lopes. *Salão Vermelho*, do Forum de Ciência e Cultura da UFRJ. Avenida Pasteur, 250. 6ª e sáb., às 21h30 e dom., às 20h. Entrada franca. 50 lugares. Reservas pelo tel. 295-0497, a partir de 16h, nos dias de espetáculo.

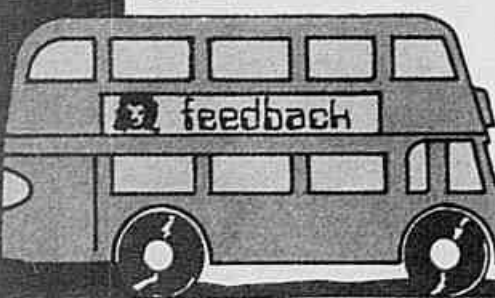
EU, HENRIQUE VIANA.... — Inspirado na obra O Apanhador no Campo de Centeio, de J.D. Salinger. Direção de Bernardo Jablonski. Com Luiz Carlos Tourinho, Jaime Leibovitch, Maria Hime, entre outros. *Teatro Tablado*, Av. Lineu de Paula Machado, 795 (294-7847). 6ª e sáb., às 21h30. Dom., às 20h30. Ingressos a NCz$ 15,00. Última semana.

TROPICANALHA - UMA FARSA CORRUPTA — Texto de Aziz Bajur. Direção de Cláudio Cavalcante. Com Berta Loran, Jonas Mello, Thereza Teller e outros. *Teatro Senac*, Rua Pompeu Loureiro, 45 (256-2640). De 4ª a 6ª, às 21h30, sáb., às 20h e 22h e dom., às 19h e 21h30. Ingressos a NCz$ 30,00. Desconto de 20% mediante apresentação de cupom e cartão de leitor do *JB*.

A TRÁGICA HISTÓRIA DO DOUTOR FAUSTO — Texto de Christopher Marlowe. Tradução de Beti Rabetti. Direção de Moacyr Góes. Com Floriano Peixoto, Leon Góes e Antonella Batista, entre outros. *Teatro Villa-Lobos Espaço III*, Av. Princesa Isabel, 440 (275-6695). De 4ª a sáb. às 21h30. Dom. às 20h. Ingressos de 4ª, 5ª a NCz$ 25,00; 6ª e dom. a NCz$ 30,00; sáb., a NCz$ 35,00 e NCz$ 15,00 para classe. Desconto de 20% mediante apresentação de cartão e cupom de leitor do *JB*. Duração: 1h50. O espetáculo começa rigorosamente no horário.
Trajetória do Dr. Fausto que doa sua alma ao diabo em troca de 24 anos de experiências plenas.

O ESTRANHO JOGO — Texto de Suzana Torres Molina. Direção: Denise Bandeira. Com Cristina Pereira, Ricardo Blat e Stela Freitas. *Teatro Cândido Mendes*, Rua Joana Angélica, 63 (267-7295). De 4ª a sáb., às 21h30 e dom. às 20h. Ingressos de 4ª, 5ª e dom. a NCz$ 20,00; de 6ª e sáb. a NCz$ 30,00.

ESTRELA DA VIDA INTEIRA — Roteiro e direção: Flávio Marinho. Direção musical de Francis Hime. Com Ítalo Rossi e Olivia Hime. *Teatro Ziembinski*, Rua Urbano Duarte, 22 (228-3071). De 5ª a sáb, às 21h30 e dom. às 18h. Desconto de 20% mediante apresentação de cumpom e cartão de *JB*. Ingressos a NCz$ 30,00. Último dia.

A VERDADEIRA HISTÓRIA DE AhQ — Texto de Christoph Hein. Tradução de Fernando Peixoto. Direção de Anselmo Vasconcellos. Com Sergio Fonta, Paschoal Villaboim e Ivens Godinho, entre outros. *Teatro Glauce Rocha*, Av. Rio Branco, 179 (220-0259). De 5ª a sáb. às 21h e dom. às 19h. Ingressos de 5ª a NCz$ 20,00 e 6ª a dom. a NCz$ 25,00. Desconto de 20% mediante apresentação de cupom e cartão de leitor do *JB*. Duração: 1h30. Último dia.
Peça do moderno teatro alemão: dois desocupados falam sem parar da revolução social, mas não fazem nada para que ela aconteça.

ANNOS LOUCOS — Texto e direção de Marcio Augusto. Com Jonas Bloch, Mariozinho Telles e Jorge Azevedo, entre outros. *Teatro da Barra*, Av. Sernambetiba, 3.800

(399-4992). De 5ª a sáb., às 21h30 e dom. às 20h. Ingressos de 4ª e 5ª a NCz$ 20,00 e sex., sáb. e dom. a NCz$ 30,00. Até dia 4 de novembro.
Espetáculo de variedades baseado em fatos reais e crônicas que caracterizam a década de 20.

PELOS 7 PECADOS — Texto de Gugu Olimecha. Direção de Oswaldo Loureiro. Com Simone Carvalho e Edson Fieschi. *Teatro Cawell*, Rua Desembargador Isidro, 10 (571-5666). De 5ª a sáb. às 21h30. 5ª às 17h, sessão especial com direito a chá. Dom. às 19h30. Ingressos a NCz$ 20,00 (5ª) e NCz$ 25,00 (de 6ª a dom.). Desconto de 20% mediante apresentação de cartão e cumpom de leitor do *JB*.
Comédia. Adão e Eva chegam à modernidade e mostram os sete pecados capitais.

AS MÁSCARAS — Projeto Teatro Gestual. Direção e Roteiro de Dácio Lima. Com Gulu Monteiro, Rita Siriaka, Elke Rettl, entre outros. *Teatro da Aliança Francesa — Botafogo*. Rua Muniz Barreto, 730 (286-4248). De 5ª a sáb. às 21h30. Dom. às 20h30. Ingressos a NCz$ 20,00 e NCz$ 15,00 (classe teatro). Desconto de 20% mediante apresentação de cupom e cartão de leitor do *JB*.
Espetáculo com a linguagem das máscaras que abordada mecanismos do comportamento humano. Não é permitida a entrada após o início do espetáculo.

KABARET FUTURISTA — Textos de Marinetti e Balla, entre outros. Direção de Zeca Ligiero. Com Aracy Cardoso, Luís Octávio Moraes e Maria Sita, entre outros. *Teatro Posto Seis*, Rua Francisco Sá, 51. De 5ª a sáb. às 21h30 e dom. às 20h. Ingressos a NCz$ 10,00. Duração: 1h15. Último dia. Reservas de ingressos pelo tel. 247-5443.
Seleção de 18 peças curtas de autores italianos criadores do movimento futurista.

LOJA DOS HORRORES — Texto de Howard Ashan e Alan Menken. Tradução e adaptação de Flávio Marinho. Direção de Wolf Maia. Com Osmar Prado, Tim Rescala, Stella Miranda e Eduardo Dusek, além de coro e bailarinos. *Teatro Tereza Raquel*, Rua Siqueira Campos, 143 (235-1113). De 4ª a 6ª, às 21h30; sáb., às 20h e 22h30 e dom., às 18h e 20h30. Ingressos 4ª, 5ª e dom. a NCz$ 30,00 e 6ª e sáb. a NCz$ 35,00.
Musical. Um florista órfão faz um pacto com planta carnívora em troca de sucesso, dinheiro e amor.

VAIDADES E TOLICES — Encenação de *O urso*, *O pedido de casamento* e *O jubileu*, de Anton Tchekhov. Tradução e adaptação de Marcílio Moraes e Vera Lins. Direção de Axel Ripoll Hamer. Com Anna Julião, Ludoval Campos, Christina Velloso e Selmo Goldmacher. *Teatro Cândido Mendes*, Rua Joana Angélica, 63 (267-7295). 2ª e 3ª, às 21h30; 6ª e sáb., às 24h. Ingressos a NCz$ 20,00. Desconto de 20% mediante apresentação de cupom e cartão de leitor do *J.B.* Duração: 1h15. Até dia 18 de novembro.
Conjunto de situações hilariantes apresentadas por figuras humanas obstinadas e confusas.

MOÇA, NUNCA MAIS — Texto de Ary Fontoura e Júlio Dessaune. Direção de Ary Fontoura e Ivan Senna. Com Ary Fontoura e Suely Franco, Ivan Senna e outros. *Teatro do Barrashopping*, Av. das Américas, 4666 (325-5844). 5ª e 6ª, às 21h; sáb., às 19h30 e 22h; e dom. às 19h30. Ingressos 5ª a NCz$ 20,00; 6ª e dom. a NCz$ 25,00 e sáb. a NCz$ 30,00. Duração: 1h30. O espetáculo começa rigorosamente no horário.
Comédia musical. Tentativas de uma funcionária pública, solteirona, para perder a virgindade.

POR TELEFONE — Texto de Antônio Fagundes. Direção de Flávio Freitas. Com Thiano Di Alencar e Isabel Fontenele. *Teatro Bertold Brecht*, Planetário da Gávea, Av. Padre Leonel Franca, 240 (274-0096). De 5ª a sáb., às 21h30; dom., às 20h. Ingressos de 5ª e dom. a NCz$ 15,00; 6ª e sáb. a NCz$ 20,00. Desconto de 20% mediante apresentação de cupom e cartão de leitor do *J.B.* Último dia.
Comédia. Casal de classe média entra em crise quando o marido perde o emprego.

LA VOIX HUMAINE — Texto de Jean Cocteau. Direção de Lau Santos. Monólogo em francês com Marisa Naspolini. *Teatro da Aliança Francesa* — Copacabana. Rua Duvivier, 43/102 (541-9497). Sáb. às 21h; dom. e 2ª às 20h30. Ingressos a NCz$ 15,00 e NCz$ 10,00 (alunos da Aliança).
Montagem contemporânea onde a utilização precisa dos gestos é fundamental. Até amanhã.

COMO SE TORNAR UMA SUPER-MÃE EM DEZ LIÇÕES — Texto de Paul Fuc's. Tradução de Flávio Marinho. Direção de Wolf Maia. Com Eva Todor, Daniel Dantas, Ida Gomes, Oswaldo Louzada e outros. *Teatro Princesa Isabel*, Av. Princesa Isabel, 186 (275-3346). De 4ª a 6ª, às 21h30; sáb., às 20h e 22h30 e dom., às 18h30 e 21h. Ingressos 4ª e 5ª a NCz$ 20,00; sáb., feriado e véspera de feriado a NCz$ 30,00 e 6ª e dom. a NCz$ 25,00. Desconto de 20% mediante apresentação do cupom e cartão de leitor do *J.B.* Duração: 1h40.
Comédia que conta, em dez esquetes, a história de uma mãe dominadora e afetuosa que exerce o poder sobre seu filho.

SUBURBANO CORAÇÃO — Texto de Naum Alves de Souza e Chico Buarque. Direção de Naum Alves de Souza. Com Fernanda Montenegro, Otávio Augusto, Ana Lúcia Torre e Ivone Hoffmann. *Teatro Clara Nunes*, Rua Marquês de S. Vicente, 52 (274-9696). De 4ª a sáb., às 21h30, dom., às 19h. Ingressos 4ª e 5ª a NCz$ 30,00; 6ª e dom a NCz$ 35,00, sáb., feriado e véspera de feriado a NCz$ 40,00. Duração: 1h50.
Comédia musical. Conta a história de uma mulher que persegue o sonho de um amor eterno.

TEM UM PSICANALISTA NA NOSSA CAMA — Texto de João Bethencourt. Com Roberto Pirilo, Angela Vieira e Rogério Fabiano. *Teatro da UFF*, Rua Miguel de Frias, 9 (717-8080). De 5ª a sáb., às 21h30 e dom., às 19h e 21h. Ingressos a NCz$ 30,00.

BRASILEIRAS E BRASILEIROS — Texto de Luís Fernando Veríssimo. Direção de Cecil Thiré. Com Sandra Barsotti, Ivan Setta, Ivan Cândido e outros. *Teatro Abel*, Rua Mário Alves s/nº. De 5ª a sáb., às 21h e dom., às 20h. Ingressos a NCz$ 20,00 (5ª e dom) e NCz$ 25,00 (6ª e sáb.). Duração: 1h20. Eleitores entre 16 e 18 anos, com título, têm 50% de desconto. Último dia.
Comédia. Bombeiro tenta descobrir infiltrações em prédio de classe média e encontra os mais variados tipos sociais brasileiros.

O NOSSO MARIDO — Comédia de Marilu Saldanha e Marília Garcia. Direção de Cláudio Cavalcanti. Com Cláudio Cavalcanti, Maria Lúcia Frota, Maria Helena Dias e Lídia Mattos. *Teatro Óperon*, Rua Sargento João Lopes, 315 — Ilha do Governador. 6ª e sáb. às 21h; dom., às 19h. Ingressos a NCz$ 30,00. Duração: 1h30. Último dia.
Esposa, amante e sogra se unem numa troca de papéis, para desespero de Oswaldo.

QUERELLE — Texto de Jean Genet. Tradução de Jean Marie Remy e Demétrio Bezerra de oliveira. Adaptação de Nelson Wagner. Direção de Fábio Pillar. Com Gerson Brenner e Rogéria, entre outros. *Teatro Dulcina*, Rua Alcindo Guanabara, 17 (240-4879). 4ª e 6ª às 21h e sáb. às 22h. 5ª às 18h30 e dom. às 19h. Ingressos de 4ª e 5ª a NCz$ 15,00, 6ª a NCz$ 20,00, sáb. e dom. a NCz$ 25,00. Duração 1h40. Último dia.
Trajetória do marinheiro George Querelle entre o bordel e o cais do porto.

SPLISH SPLASH — Texto de Flávio Marinho. Direção de Wolf Maia. Coreografias de Olenka Raia. Com Alexandre Frota, Roney Villela, Marilu Bueno, Mônica Torres, Liane Maia e outros. *Teatro Ginástico*, Av. Graça Aranha, 187 (220-8394). 4ª, 5ª, 6ª e dom., às 18h, sáb., às 21h. Ingressos a NCz$ 30,00. Desconto de 20% (4ª e 5ª) mediante apresentação de cupom e cartão do leitor do *J.B.* (Livre). Duração: 1h30. O espetáculo começa rigorosamente no horário. Último dia.
Rock, humor e dança para retratar os ídolos e a juventude dos anos 50.

UM HOMEM É UM HOMEM — Texto de Bertold Brecht. Direção de Theotônio de Paiva. Com Rosangela Carnevale, Cláudia Lewinsohn e Wilson Belem, entre outros. *Teatro Sesc de São João de Meriti*, Av. Automóvel Clube, 66 (756-4615). De 6ª a dom., às 20h30. Ingressos a NCz$ 8,00 e NCz$ 4,00 (estudantes). Duração: 1h25. Último dia.

HISTÓRIAS DE UM GRUPO CANSADO DE ESTÓRIAS — Texto e direção de Hiran Costa Jr. Com Waldecyr Rosas, Mônica Vaillant e Paula Almeida, entre outros. *Lona da Cultura*, Aterro do Cocotá s/nº — Ilha do Governador. Sáb. e dom., às 20h. Ingressos a NCz$ 10,00. Desconto de 20% mediante apresentação de cartão e cumpom de leitor do *JB*.

A PRESIDENTA — Texto de Bricaire e Lasaygues. Direção de José Renato. Com Jorge Dória, Carvalhinho, Jorge Cherques, Paula Burlamaque e outros. *Teatro Vanucci*, Rua Marquês de S. Vicente, 52 (274-7246). 5ª e 6ª, às 21h30, sáb., às 20h e 22h30 e dom., às 19h e 21h30. Ingressos 5ª a NCz$ 25,00; de 6ª a dom. a NCz$ 30,00. Todas as 5ªs, maiores de 60 anos pagam NCz$ 12,00. Duração: 2h.
Comédia de situações em que dois irmãos brigam por um estilo de vida antagônico.

EU GOSTO...E DAÍ? — Texto e direção de Jorge Rodrigues. Com o Grupo Rebento. *Teatro Sesc de Madureira*, Rua Ewbanck da Câmara, 90 (350-9433). 6ª e sáb., às 21h e dom., às 20h. Ingressos a NCz$ 10,00 e NCz$ 5,00 (para sócios do Sesc).

POR FALTA DE ROUPA NOVA, PASSEI FERRO NA VELHA — Texto de Abílio Fernandes. Direção de Paulo Afonso de Lima. Com Benvindo Sequeira, Vanda Lacerda, Monique Lafond, Saluquia Rentine, Henriqueta Brieba, entre outros. *Teatro da Praia*, Rua Francisco Sá, 88 (267-7749). 4ª, 5ª e 6ª, às 21h30; sáb., às 20h e 22h30; e dom., às 18h30 e 21h. Ingressos 4ª e 5ª a NCz$ 20,00; 6ª e dom. a NCz$ 25,00 e sáb. a NCz$ 30,00. Aos doms., NCz$ 20,00, para universitários. Duração: 1h30.
Comédia em torno de dois casais desempregados, morando num pequeno apartamento.

TRAIR E COÇAR É SÓ COMEÇAR — Texto de Marcos Caruso. Direção de Attílio Riccó. Com Vic Militello, Tony Ferreira, Mário Cardoso, José Santa Cruz e outros. *Teatro Galeria*, Rua Senador Vergueiro, 93 (225-8846). De 4ª a 6ª, às 21h; sáb., às 20h e 22h30; e dom. às 20h. Ingressos de 4ª e 5ª a NCz$ 20,00; de 6ª e dom. e feriados a NCz$ 25,00; e sáb. a NCz$ 30,00. Desconto de 20% mediante apresentação de cupom e cartão leitor do *J.B.* Desconto de 20% nos postos da Petrobrás da Rua do Catete, Lagoa, Av. Maracanã, Barra da Tijuca, São Francisco — Niterói e Aterro do Flamengo. Duração: 1h50.
Vaudeville no qual uma empregada cria um mal entendido de adultério entre vários casais.

POR DEBAIXO DO LENÇOL — Texto de Gugu Olimecha. Direção de Lúcio Mauro. Com Helena Werneck, Luís Pimentel e Márcio Ortiz, e outros. *Teatro Sesc do Engenho de Dentro*, em frente à estação do trem (249-1391). 6ª e sáb., às 21h; dom., às 20h. Ingressos a NCz$ 15,00. Último dia.

INFANTO-JUVENIL

UM CONTO DE HOFFMAN — Baseado em texto de Jules Barbier. Tradução e adaptação do grupo Sobrevento. Direção de Luiz André Cherubini. *Teatro da Aliança Francesa de Botafogo*, Rua Muniz Barreto, 730 (226-4118). Sáb., às 17h30 e dom., às 17h. Ingressos a NCz$ 12,00 e NCz$ 10,00 (para classe). Desconto de 20%, aos sábs. e doms., mediante apresentação de cartão de leitor do *J.B.*. Último dia.

A HISTÓRIA DE ZEZEU — Musical de Luís Cláudio Carvalho. Direção de Edielio Mendonça. Com Eve Penha, Guedes Ferraz, Waldemir de Oliveira e Nancy Calixto. *Teatro do Sesc*, São João de Meriti. Sáb. e dom. às 16h. Ingressos a NCz$ 7,00 e NCz$ 5,00 (estudantes). Duração: 70 min. Último dia.

Cinema

O FLAUTISTA MÁGICO, de Jiri Barta. Complemento: *O músico e a morte*, de Lubomir Benes. *Estação 3* (Rua Voluntários da Pátria, 88 — 286-6149): às 16h. (Livre).

PINOCCHIO (*Pinocchio*), desenho animado de Walt Disney. Dublado em português. *Lagoa Drive-in* (Av. Borges de Medeiros, 1.426 — 274-7999): às 19h15. (Livre).

O MARAVILHOSO MUNDO DE PAPAI NOEL (*Santa Claus, the movie*), de Jeannot Szwarc. Com Dudley Moore, John Lithgow, David Huddleston e Burgess Meredith. *Studio-Paissandu* (Rua Senador Vergueiro, 35 — 265-4653): às 14h30 e 16h30. (Livre).

Show

BIA BEDRAN — ENCANTANDO — Show da cantora, compositora e apresentadora de TV. *Teatro Casa Grande*, Av. Afrânio de Melo Franco, 290 (239-4046). Sáb. e dom., às 17h. Ingressos a NCz$ 20,00. Último dia.

Circo

CIRCO DE MOSCOU — Show das águias dançantes, chimpanzés acrobatas, cavalos apaluzas, pôneis amestrados, além de palhaços e mágicos. *Pça 11* (231-0797). 5ª e 6ª, às 21h; sáb., às 15h, 17h30 e 20h e dom. e feriados, às 10h, 15h, 17h30 e 20h. Ingressos cadeira lateral a NCz$ 25,00 (adulto) e NCz$ 15,00 (criança), cadeira central a NCz$ 30,00 (adulto) e NCz$ 20,00 (criança) e a NCz$ 150,00 camarote de quatro lugares.

GRAN CIRCO ÁRABE — Show de equilibristas, saltadores, palhaços, dançarinos e animais amestrados. *Av. Alvorada*, ao lado do Casa Shopping (541-7379). 6ªs às 21h, sáb. às 15h, 17h, 19h e 21h. Dom. às 15h, 17h30 e 20h. Ingressos cadeira central a NCz$ 25,00 (adulto), NCz$ 20,00 (crianças até 10 anos); cadeira lateral a NCz$ 20,00 (adulto) e NCz$ 15,00 (crianças até 10 anos), geral a NCz$ 15,00 (adulto) e NCz$ 10,00 (criança); camarote para 4 pessoas a NCz$ 125,00.

Karaokê

KARAOKÊ DO VOVÔ JEREMIAS — Discoteca, brincadeiras e karaokê com Walter Jeremias. Dom., às 17h, no *Gig Video Bar*, Av. Gal. San Martin, 629 (259-6427). Ingressos a NCz$ 10,00.

Teatro

O PATINHO FEIO — Texto de Maria Clara Machado. Direção de Toninho Lopes. *Teatro Cândido Mendes*, Rua Joana Angélica, 63 (267-7295). Sáb., às 17h30; e dom., às 16h e 17h30. Ingressos a NCz$ 15,00. Desconto de 20% no ingresso mediante apresentação do cupom e cartão de assinante do *J.B.*

O SONHO DE PEDRO — Texto e direção de Fernando Monteiro. Adaptação de Chico Francis. *Casa de Cultura Lima Barreto*, Av. Heitor Beltrão, 353 (228-2938). Dom., às 15h. Ingressos a NCz$ 7,00.

I MOSTRA DE TEATRO INFANTIL DO RETIRO DOS ARTISTAS — Sáb. e dom., às 17h30. *Tom & Théo*. Texto e direção de Arnaldo Miranda. *Retiro dos Artistas*, Rua Retiro dos Artistas, 571 (392-2807). Ingressos a NCz$ 15,00 e a NCz$ 12,00 (professores).

BOLANDO UM MUNDO MELHOR — Texto e direção de Ana Paula Alves. Com o grupo Gente Como a Gente. *Teatro da Suam*, Praça das Nações, 44 A (270-7082). Sáb. e dom., às 16h. Ingressos a NCz$ 7,00.

UXA, ORA FADA, ORA BRUXA — Adapatação do texto de Sylvia Orthoff. Direção de Milton Cunha. *Teatro Infantil da Afe*, Rua Prof. José de Souza Herdy, 1.160 (771-4251). Sáb. e dom., às 17h. Ingressos a NCz$ 5,00. Até dia 3 de dezembro.

A FUGA DO PLANETA KILTRAN — Texto e direção de Luiz Duarte da Rocha. *Teatro Tereza Raquel*, Rua Siqueira Campos, 143 (235-1113). Sáb., às 17h; e dom., às 16h. Ingressos a NCz$ 15,00. O espetáculo começa rigorosamente no horário. Desconto de 20% no ingresso mediante apresentação do cupom e cartão de assinante do *J.B.*

PALHAÇADAS — Texto de João Siqueira. Direção de Tonio Carvalho. *Teatro Sesc Tijuca, Espaço 2*, Rua Barão de Mesquita, 539 (208-5332). Sáb. e dom., às 18h. Ingressos a NCz$ 15,00.

LILI, UMA HISTÓRIA DE CIRCO — Texto Lícia Manzo. Direção de Isabella Secchin. Músicas de Eduardo Dusek. Com Bel Kutner e elenco. *Teatro de Arena*, Rua Siqueira Campos, 143 (235-5348). Sáb. e dom., às 17h. Ingresssos a NCz$ 15,00.

OS DESENHOS ANIMADOS — Texto de Dione Camargo. Direção de Paulo Afonso de Lima. Com Flávia Monteiro e elenco. *Teatro Galeria*, Rua Senador Vergueiro, 93 (225-8846). Sáb. e dom., às 16h. Ingressos a NCz$ 15,00. A criança que levar um desenho terá 20% de desconto no preço do ingresso.

FACA SEM PONTA, GALINHA SEM PÉ — Adaptação do livro de Ruth Rocha. Direção de Miguel Rezende. Com o grupo Belo Horizontem. *Teatro Villa Lobos*, Av. Princesa Isabel, 440 (275-6695). Sáb. e dom., às 17h. Ingressos a NCz$ 8,00.

O COMETA VASSOURINHA — Opereta-rock infantil de Demétrio Nicolau e Fernando Lobo. Direção de Demétrio Nicolau. Com o Pessoal do Maluquinho. *Teatro Clara Nunes*, Rua Marquês de São Vicente, 52 (274-9696). Sáb., às 16h e 17h30; dom., às 16h30. Ingressos a NCz$ 20,00. Desconto de 20% no ingresso mediante apresentação do cupom e cartão de assinante do *J.B.*

A MENINA E O VENTO — Texto de Maria Clara Machado. Direção de Cacá Mourthé. *Teatro Tablado*, Av. Lineu de Paula Machado, 795 (294-7847). Sáb. e dom., às 16h e 17h30. Ingressos a NCz$ 10,00.

UMA AVENTURA CARIOCA — Texto e direção de Caio de Andrade. *Teatro da Cidade*, Av. Epitácio Pessoa, 1.664 (247-3292). Sáb. e dom., às 17h30. Ingressos a NCz$ 15,00 e NCz$ 10,00 (atores). Desconto de 20% no ingresso mediante apresentação do cupom e cartão de assinante do *J.B.*

O FEITIÇO DA MARIPOSA — Texto de Garcia Lorca. Direção e adaptação de Eduardo Birman. *Teatro Sesc-Tijuca*, Rua Barão de Mesquita, 539 (208-5332). Sáb. e dom., às 17h. Ingressos a NCz$ 15,00.

O REI ARTUR E OS CAVALEIROS DA TÁVOLA REDONDA — Texto e direção de Celso Lemos. *Teatro Cacilda Becker*, Rua do Catete, 338 (265-9933). Sáb. e dom., às 17h. Ingressos a NCz$ 15,00.

O PÁSSARO AZUL — Texto de Maurice Maeternick. Adaptação de Ana Maria Nunes. Direção de Eduardo Wotzik. *Teatro Villa-Lobos*, Rua Princesa Isabel, 440 (275-6695). Sáb., às 17h; e dom., às 16h. Ingressos a NCz$ 12,00.

O MISTÉRIO DAS FRALDAS — Texto de Paulo Cattá. Direção de Attilio Riccó. *Teatro Galeria*, Rua Senador Vergueiro, 93 (225-8846). Sáb. e dom., às 17h30. Ingressos a NCz 15,00. Desconto de 20% no ingresso mediante apresentação do cupom e cartão de assinante do *J.B.* ou para quem levar uma fralda de pano.

CANTANDO HISTÓRIAS E CIRANDAS — Texto de Joaquim de Paula. Direção de Bernardo Horta e Derinho de Carvalho. Com o grupo Painel. *Teatro Barrashopping*, Av. das Américas, 4.666 (325-5844). Sáb. e dom., às 17h15. Ingressos a NCz$ 15,00.

A FLORESTA TENEBROSA — Texto de Marco Nanini. Adaptação e direção de Carlos Gregorio. Com o boneco Frentinha e elenco. *Teatro Barrashopping*, Av. das Américas, 4.666 (325-5844). Sáb. e dom., às 16h. Ingressos a NCz$ 15,00.

UM SONHO ATRÁS DO SOL — Texto do grupo Educart, Rosângela de Araújo e Murilo Barquette. Direção de Cristiane D'Amato e Gláucia Rodrigues. *Teatro Glauce Rocha*, Av. Rio Branco, 179 (220-0259). Sáb. e dom., às 17h. Ingressos a NCz$ 12,00.

TARÔ-BEQUÊ — Texto de Márcio Souza. Direção de Walder Ludwig. *Teatro Posto Seis*, Rua Francisco Sá, 51 (247-5443). Sáb. e dom., às 16h. Ingressos a NCz$ 10,00). Desconto de 20% no ingresso mediante apresentação do cupom e cartão de assinante do *J.B.* Até novembro.

TOM E THÉO — Texto e direção de Patrícia Ventania. *Teatro Posto Seis*, Rua Francisco Sá, 51 (247-5443). Sáb. e dom., às 17h30. Ingressos a NCz$ 15,00. Desconto de 20% no ingresso mediante apresentação do cupom e cartão de assinante do *J.B.*

TISTU O MENINO DO DEDO VERDE — Texto de Maurice Druon. Tradução e adaptação de Oscar Felipe e Neyde Mendonça. Direção de Ivan Merlino. Com Carvalhinho e outros. *Teatro Vannucci*, Rua Marquês de São Vicente, 52 (274-7246). Sáb., dom. e feriados, às 17h30. Ingressos a NCz$ 25,00.

A MISTERIOSA VOLTA DOS DINOSSAUROS — Musical. História de Arnaldo Niskier. Texto de Ivan Zigg. Direção de Andrea Dantas. *Teatro Benjamin Constant*, Av. Pasteur, 350 (295-3448). Sáb. e dom., às 16h. Ingressos a NCz$ 15,00. Desconto de 20% no ingresso mediante apresentação do cupom e cartão de assinante do *J.B.* e para quem trouxer um desenho com o tema "dinossauro também é gente".

O DIA EM QUE O MICO-LEÃO CHOROU — Texto de Arnaldo Niskier. Adaptação de Ilclemar Nunes. Direção de José Roberto Mendes. Ator convidado: Grande Othelo. *Teatro Benjamin Constant*, Av. Pasteur, 350 (295-3448). Sáb. e dom., às 17h30. Ingressos a NCz$ 15,00. Desconto de 20% no ingresso mediante apresentação do cupom e cartão de assinante do *J.B.*

OS ALQUIMISTAS — UMA COMÉDIA PARA CRIANÇAS — Texto de Jean Leclerc. Direção de Gedivan de Albuquerque. *Teatro da Cidade*, Av. Epitácio Pessoa, 1.664 (247-3292). Sáb. e dom., às 16h. Ingressos a NCz$ 15,00. Desconto de 20% no ingresso mediante apresentação do cupom e cartão de assinante do *J.B.*

APENAS UM CONTO DE FADAS — Musical de Eduardo Tolentino. Direção de Fernando Carrera. *Teatro Vannucci*, Rua Marquês de S. Vicente, 52 (239-8545). Sáb., dom. e feriado, às 16h. Ingressos a NCz$ 20,00. Crianças que levarem uma varinha de condão, pagarão NCz$ 15,00.

MILLORD MAGICANDO COM A TURMA — Coordenação de Nilson Santos. Com o grupo Mobiles. *Teatro João Caetano*, Pça. Tiradentes, s/nº (221-0305). Sáb. e dom., às 16h. Ingressos a NCz$ 15,00.

O MENINO MAIS BONITO DO MUNDO — Musical de Ziraldo. Direção de Eduardo Cabús e Adelaide Amorim. *Teatro João Caetano*, Pça. Tiradentes, s/nº (221-0305). Sáb. e dom., às 17h. Ingressos a NCz$ 15,00. Ingressos com 20% de desconto podem ser adquiridos nos postos Petrobras da Rua do Catete, Catacumba, Av. Maracanã, Barra, Aterro do Flamengo e São Francisco — Niterói.

DRACULINHA — A VIDA ACIDENTADA DE UM VAMPIRINHO — Texto de Carlos Queiroz Telles e Eneas Carlos Pereira. Direção de Claudio Handrey. *Teatro do Planetário*, Av. Padre Leonel Franca, 240 (274-0046). Sáb. e dom., às 17h. Ingressos a NCz$ 15,00. Desconto de 25% mediante apresentação do cupom e cartão de assinante do *J.B.*

ESTÓRIAS DO CHINÊS — Dança e teatro de sobras com o grupo Amalgama. Direção de Anne Ursula Vera Westphal. *Teatro Rival*, Rua Alvaro Alvim, 37 (240-1135). Sáb. e dom., às 16h. Ingressos a NCz$ 12,00. Desconto de 20% no ingresso mediante apresentação do cupom e cartão de assinante do *J.B.* Até dezembro.

CAVALEIROS DA ILUSÃO — Texto de Ana Deveza. Direção de Maria Idalina. *Teatro do Leme*, Ladeira Ari Barroso, 1 (295-6895). Sáb. e dom., às 17h. Ingressos a NCz$ 15,00. Desconto de 20% no ingresso mediante apresentação do cupom e cartão de assinante do *J.B.* Até dia 5 de novembro.

TUTI E SUA TURMA — Adaptação e direção de José Luís Andreone. *Teatro Glória*, Rua do Russel, 632 (245-5527). Sáb. e dom., às 17h. Ingressos a NCz$ 12,00. Idosos que apresentarem o vale-idoso não pagam.

O QUE-SE-MOSTRA E O QUE-SE-ESCONDE — Texto de Maria Helena Kühner. Direção de Williams Oliveira. *Teatro do Planetário*, Av. Padre Leonel Franca, 240 (274-0046). Sáb. e dom., às 18h. Ingressos a NCz$ 15,00. Entrada franca para a categoria. Adulto, acompanhado de três crianças, não paga. Desconto de 20% mediante apresentação do cupom e cartão de assinante do *J.B.* Até dezembro.

DANÇA DAS FLORES — Texto de Hana Nesi. *Teatro Ipanema*, Rua Prudente de Morais, 824 (247-9794). Sáb. e dom., às 17h. Ingressos a NCz$ 15,00. A criança que levar um desenho com flores pagará NCz$ 13,00. Desconto de 20% mediante apresentação do cupom e cartão de assinante do *J.B.*

APARECEU A MARGARIDA — Texto de Roberto Athayde. Direção e adaptação de Luiza Lagôas. Com o grupo Lua Negra. *Teatro da UFF*, Rua Miguel de Frias, 9 (717-8080). Sáb. e dom., às 16h. Ingressos a NCz$ 15,00. Último dia.

O MISTÉRIO DE FEIURINHA — Texto e direção de Leonardo Simões. *Teatro Leopoldo Fróes*, Rua Manoel de Abreu, 16 (717-1600). Sáb. e dom., às 17h. Ingressos a NCz$ 10,00.

OU ISTO OU AQUILO — Texto de Leonardo Simões com poemas de Cecília Meireles. Direção de Guilherme Guaral. *Teatro Leopoldo Fróes*, Rua Manoel de Abreu, 16 (717-1600). Sáb. e dom., às 16h. Ingressos a NCz$ 7,00.

CINDERELA — Baseada no texto de Charles Perrault. Adaptação de Erick de M. Bretas, Luis Claudio Sisinno e Marília Assad. Direção de Guilherme Ornellas. Hoje, às 17h, no *Bar e Restaurante Dueré*, Estrada Caetano Monteiro, 1.882 — Pendotiba (710-3435). *Couvert* a NCz$ 7,00.

O PASTELÃO E A TORTA — Texto de autor desconhecido. Direção e atuação do grupo Atuarte. Hoje, às 17h, no bar *Perestroika*, Rua Conde D'Eu, 113 (399-9073). Ingressos a NCz$ 10,00. Último dia.

O BRUXO E O REPOLHINHO AZUL — Texto de Wall Barret. Direção de Ada Souza Lima. *Teatro América*, Rua Campos Sales, 118 (234-2068). Sáb., dom. e feriados, às 17h30. Ingressos a NCz$ 7,00.

DONA PATINHA VAI SER MISS — Texto de Arthur Maia. Direção de Romeu D'Ângelo. Com o grupo Reflexo. *Teatro Bennett*, Rua Marquês de Abrantes, 55 (245-8000). Sáb. e dom., às 17h. Ingressos a NCz$ 7,00. Último dia.

O PATINHO FEIO, O ESTRANHO DO NINHO — Texto de Aurimar Rocha. Direção de Wagner Lima. *Teatro de Bolso Aurimar Rocha*, Av. Ataulfo de Paiva, 269. Sáb. e dom., às 18h. Ingressos a NCz$ 15,00. Desconto de 20% no ingresso mediante apresentação do cupom e do cartão de assinante do *J.B.*

OS TRÊS PORQUINHOS E O LOBO MAU — Texto e direção de Jayr Pinheiro. *Teatro de Bolso Aurimar Rocha*, Av. Ataulfo de Paiva, 269. Sáb. e dom., às 16h30. Ingressos a NCz$ 15,00.

JOÃOZINHO E MARIA NA CASA DA BRUXA — Texto e direção de Jayr Pinheiro. *Teatro Alaska*, Av. Copacabana, 1.241 (247-9842). Sáb. e dom., às 16h. Ingressos a NCz$ 10,00.

A PRINCESINHA TEIMOSA — Texto de Luiz Alfredo de Lima. *Casa de Cultura Lima Barreto*, Rua Heitor Beltrão, 353 (228-2938). Dom., às 18h. Ingressos a NCz$ 7,00. A criança que levar desenho de uma espiga de milho pagará NCz$ 5,00.

O FANTÁSTICO CIRCO PARATIBUM — Texto de José Carlos Cosme. Direção de Mario de Oliveira. *Casa da Marquesa de Santos/Museu do Primeiro Reinado*, Av. Pedro II, 293 (254-0698). Dom., às 15h. Ingressos a NCz$ 3,00.

BRANCA DE NEVE NO JARDIM DAS BORBOLETAS — Texto de Limachem Cherem. Direção de Henriqueta Brieba. Com o grupo Tapuminho. *Teatro do Clube Municipal*, Rua Haddock Lobo, 359 (264-4652). Dom., às 17h30. Ingressos a NCz$ 15,00. Até dia 29.

APRENDIZ DE FEITICEIRO — Texto de Maria Clara Machado. Direção de João Damasceno. *Teatro Sesc Engenho de Dentro*, Av. Amaro Cavalcante, 1.661 (249-1391). Sáb., às 17h; e dom., às 16h30. Ingressos a NCz$ 10,00 e a NCz$ 5,00 (sócios). Último dia.

CINDERELA E ALICE NO PAÍS DAS MARAVILHAS — Texto e direção de Limachem Cherem. *Teatro da Aliança Francesa da Tijuca*, Rua Andrade Neves, 315 (268-5798). Dom., às 17h30. Ingressos a NCz$ 10,00. Último dia.

CHAPEUZINHO VERMELHO — Texto de Maria Clara Machado. Direção de Limachem Cherem. *Teatro Imperial*, Praia de Botafogo, 524. Dom., às 17h. Ingressos a NCz$ 15,00. Acompanhante não paga. Último dia.

AS AVENTURAS DO CAPITÃO PERNA BAMBA — Texto e direção de Jaguar. Com o grupo Gang da Cidade. *Teatro Cawell*, Rua Desembargador Isidro, 10 (268-9176). Sáb. e dom., às 17h. Ingressos a NCz$ 18,00. Desconto de 20% no ingresso mediante apresentação do cupom e cartão de assinante do *J.B.* Até dia 10 de dezembro.

VERÔNICA SABINO — Show da cantora. 5ª e dom., às 22h e 6ª e sáb., às 23h. *Rio Jazz Club*, Rua Gustavo Sampaio, s nº (541-9046). *Couvert* a NCz$ 30,00 (5ª e dom) e NCz$ 40,00 (6ª e sáb). Último dia.

NEY MATOGROSSO — Show do cantor. *Canecão*, Av. Venceslau Braz, 215 (295-3044). 5ª e dom., às 21h30; 6ª e sáb., às 22h30. Ingressos de 5ª e dom. a NCz$ 30,00 (arquibancada), NCz$ 50,00 (mesa lateral e mezanino) e NCz$ 70,00 (mesa central e frisa); de 6ª e sáb. a NCz$ 40,00 (arquibancada), NCz$ 60,00 (mesa lateral) e 80,00 (mesa central).

SORTE — Apresentação do cantor Bebeto. *Teatro da SUAM*, Pça. das Nações, 88 (270-7082). De 4ª a dom., às 19h. Ingressos a NCz$ 10,00.

LUIS EÇA E JERZY MILEWSKI — Show de piano e violino. 5ª e 6ª, às 18h30 e sáb. e dom., às 20h. *Teatro João Theotônio*, no Centro de Cultura Cândido Mendes. Rua da Assembléia, 10/subsolo. Ingressos a NCz$ 15,00.

OPUS 5 EM LOUVOR AOS PÁSSAROS — Apresentação do quinteto instrumental. 5ª, 6ª às 18h, sáb., às 20h e dom., às 19h30. *Teatro Ibam*, Largo do Ibam, s/nº. Ingressos a NCz$ 15,00 (5ª e dom) e NCz$ 18,00 (6ª e sáb.). Último dia.

JOÃO FILARDI — Apresentação do cantor no show Sentado à Beira do Caos. *Casa de Cultura Laura Alvim*, Av. Vieira Souto, 176. 6ª e sáb., às 22h e dom., às 21h. Ingressos a NCz$ 15,00.

ROBERTINHO SILVA — Show do baterista no Projeto Música na Praça. Às 19h30, na Rua Cônego Vasconcelos, na Praça da Fé (Bangu). Entrada franca.

AS BANDAS QUE AQUO VAGUEIAM — Apresentação das bandas IV Poder, Pasta Base e The Worsts. Às 19h. *Retiro dos Artistas*, Rua Retiro dos Artistas, 571 (392-2807). Ingressos a NCz$ 20,00.

Humor

SÉRGIO RABELLO E O CONCERTO DESCONCERTANTE — Apresentação do humorista Sérgio Rabello. *Teatro da Lagoa*, Av. Borges de Medeiros, 1426 (274-7999). 6ª, às 21h30; sáb., às 20h30 e 22h30 e dom., às 20h. Ingressos 6ª e dom. a NCz$ 30,00; sáb., feriados e véspera de feriados a NCz$ 35,00.

JOÃO KLEBER, HUMOR PRÁ VALER — Show do humorista. Direção de Chico Anysio. *Teatro da Cidade*, Av. Epitácio Pessoa, 1664 (247-3292). De 5ª a sáb., às 21h30; dom., às 20h30. Ingressos a NCz$ 25,00. (14 anos)

UM CARA ADOIDADO NO PAÍS DO CRUZADO — Show com o humorista Lilico. Direção de Jardel Mello. *Teatro do América*, Rua Campos Salles, 118 (234-2086). 6ª e sáb., às 21h e dom., às 20h. Ingressos a NCz$ 20,00. Desconto de 50% para leitores do *JB*, estudantes e maiores de 60 anos.

QUEM VOTOU PARA PRESIDENTE — Show com Carlos Eduardo Novaes. *Teatro da UFF*, Rua Miguel de Frias, s/nº (727-9080). 6ª e sáb., às 21h e dom., às 20h. Ingressos a NCz$ 25,00.

HOMEM NÃO ENTRA Nº 2 — Com Cidinha Campos. *Teatro Iracema de Alencar*, Rua Retiro dos Artistas, 571 (392-7427) — Jacarepaguá. Sáb. e dom., às 16h. Ingressos a NCz$ 30,00.

Revistas

DE BRASIL A MIAMI — Texto e direção de Brigitte Blair. Com Patricia Blair, Angela Dantas e Sueli Suzuki e outros. *Teatro Brigitte Blair II*, Rua Senador Dantas, 13 (220-5033). De 4ª a dom., às 21h; Ingressos a NCz$ 25,00.

A RECEITA DO VEADO — Texto e direção de Brigitte Blair. Com Clovis Gierkens, Tássia Verissimo, Twiggy. *Teatro Brigitte Blair 2*, Rua Senador Dantas, 13 (220-5033). 6ª, às 18h30; sáb. e dom., às 18h30 e 21h15. Ingressos 6ª a NCz$ 8,00; sáb. e dom. a NCz$ 10,00.

Dilmar Cavalher

A Cia. Aérea de Danças apresenta* Bandoneon *na Domingueira do Circo Voador

OS BELOS DA TARDE — Texto e direção de Brigitte Blair. Com Elaine Muniz, Tânia Letiere e elenco de modelos masculinos. *Teatro Brigitte Blair 2*, Rua Senador Dantas, 13 (220-5033). 5ª, 6ª e dom., às 18h30 e sáb., às 24h. Ingressos a NCz$ 25,00.

NOITE DOS LEOPARDOS — Show erótico com o travesti Eloina e modelos masculinos. *Teatro Alasca*, Av. Copacabana, 1241 (247-9842). 5ª e dom., às 21h30; 6ª e sáb., às 24h. Ingressos a NCz$ 25,00 (5ª) e NCz$ 30,00 (de 6ª a dom.).

Casas noturnas

SIMONE CAYMMI E DUDU FALCÃO — Show da cantora e do violinista. Dom., às 21h. 2ª e 3ª, às 22h30. *Mistura Fina*, Rua Garcia D'Ávila, 15 (267-6596). *Couvert* a NCz$ 30,00 (dom) e NCz$ 25,00 (2ª e 3ª) e consumação a NCz$ 25,00 (dom.) e 20,00 (2ª e 3ª).

ELYMAR SANTOS - MISSÃO — Show do cantor. *Gafieira Asa Branca*, Rua Mem de Sá, 17 (252-4428). De 4ª e 5ª às 22h; 6ª e sáb. às 23h; dom. às 21h. Ingressos 4ª, 5ª e dom. a NCz$ 30,00 (mesa lateral, por pessoa) e a NCz$ 40,00 (mesa central, por pessoa); 6ª e sáb. a NCz$ 50,00 (mesa lateral, por pessoa) e a NCz$ 50,00 (mesa central, por pessoa).

AÉCIO FLÁVIO E CLARICE — Show do pianista e da cantora. Dom. às 22h, 2ª e 3ª às 23h. *Vinicius Piano Bar*, Rua Vinicius de Morais, 39 (287-1497). *Couvert* de dom a 5ª, NCz$ 20,00.

LUIZINHO EÇA — Apresentação do pianista, com a participação de Idriss Boudrioua (sax). De 3ª a dom., às 23h, no *Chico's Bar*, Av. Epitácio Pessoa, 1824. Sem *couvert*. Consumação a NCz$ 15,00.

PEOPLE — Show com músicas dos Beatles, Dom. e 2ª, às 22h30, com o Grupo Terra Molhada. 3ª, às 22h30, show de música country com o Grupo Friends. *Couvert* a NCz$ 30,00 (dom.) e NCz$ 25,00 (2ª e 3ª). Av. Bartolomeu Mitre, 370 (294-0547).

CAVERNA II — Show com as bandas Kripta, Hammerhead e Ratos de Porão. Às 15h. Rua Lauro Müller, 1 (285- 6915). Ingressos a NCz$ 20,00.

BUFFALO GRIL — Piano bar com música ao vivo. Dom. e 2ª, show com o cantor Fernando Uchoa e convidados. De 3ª a dom., Jotan (vilão e voz) e Téo (piano). Rua Rita Ludolf, 47 (274-4848). *Couvert* a NCz$ 10,00.

BIBLOS — Diariamente, às 21h, Gilberto (piano) e grupo. Av. Epitácio Pessoa, 1484 (521-2645). *Couvert* a NCz$ 25,00, homem e NCz$ 15,00, mulher.

BECO DA PIMENTA — Show com o cantor Beto Gaspari e grupo. Às 21h. *Couvert* a NCz$ 8,00. Rua Real Grandeza, 176 (266-5746).

CALÍGOLA — Diariamente, a partir das 19h, com música de fita. De 2ª a sáb., às 22h, conjunto de Toni; de 3ª a dom., conjunto de Eduardo Prates, de 3ª a sáb., Ligia Drummond (voz). Rua Prudente de Morais, 129 (287-7146). *Couvert* a NCz$ 20,00. Consumação a NCz$ 15,00.

RIVE GAUCHE — Show do cantor Walter Montezuma, todos os dom., às 22h. *Couvert* a NCz$ 20,00. Diariamente, às 21h, Stênio (piano) e grupo e a cantora Lygia Drummond. 6ª e sáb., Erasmo Costa (piano) e Romildo (baixo). Av. Epitácio Pessoa, 1484 (521-2645). *Couvert* a NCz$ 15,00.

ROSANA SABENÇA — Show da cantora. Todos os domingos, às 22h. *Teatro Bar*, Rua Vinicius de Morais, 118 (267-1245). *Couvert* a NCz$ 10,00.

MÔNACO — Música ao vivo. Diariamente, a partir de 19h. Com Rodolfo Fazenda e Dayse Baqui (ovation e voz), Elias Beletti (piano). Rua Miguel Lemos, 18b (521-0199). *Couvert* a NCz$ 10,00.

Pagodes e gafieiras

FORRÓ DO LEBLON — 3ª, Johnny Clay Show; 4ª e dom., a Banda Regue da Bahia Brilho do Som. 5ª, Zé da Onça e Sua Gente. A partir das 22h, na Rua Bartolomeu Mitre, 630. Ingressos de 3ª a 5ª: NCz$ 5,00 (homens); mulheres não pagam. De 6ª a dom. NCz$ 7,00 (homens) e NCz$ 3,00 (mulheres).

DOMINGUEIRA VOADORA — Apresentação da Cia. Aérea de Dança com o show *Bandoneon* (às 20h30), música para dançar com a Orquestra Tabajara, do maestro Severino Araújo (às 22h). *Circo Voador*, Lapa. Ingressos a NCz$ 15,00.

ELITE CLUBE — Programação: 5ª, às 18h, conjunto Os Fanáticos e Cipriano, Fatima e Hannael; 6ª e sáb., às 23h, e dom., às 21h, conjunto Turma da Gafieira. Rua Frei Caneca, 4 (232-3217). Ingressos a NCz$ 6,00, homem e NCz$ 5,00, mulher (5ª) e NCz$ 3,00, mulher e NCz$ 4,00, homem (de 6ª a dom.).

PAGODE DA HARMONIA — Apresentação dos conjuntos Só Samba e Balanço, de Bruno Maia. *Prédio da ACM*, Rua da Lapa, 86. Todos os domingos a partir de 20h30. Ingressos a NCz$ 4,00 (mulheres) e NCz$ 7,00 (homens).

BANDA AFRO LEMY AIÔ — Apresentação da banda. Todos os domingos de 17h às 22h. *Quadra da Associação Atlética Brasil Novo*, Rua Jorge Nascimento Silva, 301 — Pilares. Entrada franca.

Danceteria

BABILONIA — Discoteca a cargo de Denise Liporaci, Tony d'Carlo e Fernando Portugal. Av. Afrânio de Melo Franco, 296 (239-4535). De 4ª a dom., às 22h30. Ingressos a NCz$ 25,00 (mulher) e 30,00 (homem).

BALI BAR — Apresentação de videos e música para dançar com o discotecário Fernando Costa. De 5ª a dom., às 22h, na Estrada da Barra da Tijuca, 1636 (399-3460). Ingressos a NCz$ 15,00, homem e NCz$ 10,00, mulher.

PSICOSE — Música mecânica e videos. De 4ª a dom., a partir das 22h e vesp. de dom., às 15h, com os discotecários Valter e Tércio. Ingressos de 4ª, 5ª, 6ª e dom. a NCz$ 15,00, homem e NCz$ 8,00, mulher; sáb. e vesp. de feriado a NCz$ 20,00, homem e NCz$ 10,00, mulher; vesperal a NCz$ 7,00. Rua Mariz e Barros, 1050 (284-1796).

PROJETO ROCK BRASIL — Apresentação de música mecânica e videos. Discoteca a cargo de Pedro Serra. Todos os doms., a partir de 22h. Lançamento do livro Relações com um instante chamado Vida e outros filmes, com performance das atrizes Luisa Mendonça e Maria de Medicis. Na Rua Rodolfo Dantas, 102 (541-9196). Ingressos a NCz$ 12,00. Consumação a NCz$ 15,00.

CARINHOSO — Música para dançar com a banda da casa e o conjunto da cantora Dora. Diariamente a partir das 22h. De 2ª a sáb., às 24h, o cantor Pedrinho Rodrigues. Rua Visc. de Pirajá, 22'(287-0302). *Couvert* de dom. a 5ª a NCz$ 30,00 e 6ª, sáb. e véspera de feriado a NCz$ 45,00.

HELP — Discoteca a cargo de Tom, André e Adão. Av. Atlântica, 4332 (521-1296). Diariamente a partir das 22h. Ingressos a NCz$ 20,00.

ZODÍACO — Música de fita para dançar. Consumação de dom. a 5ª a NCz$ 13,00; 6ª, sáb. e véspera de feriado a NCz$ 26,00. Av. Sernambetiba, 1996 (399-0375).

ZOOM — Discoteca com Gustavo de Caux e Aires Diógenes. De 4ª a dom., às 22h e vesp. dom., às 16h e 20h. Lgo. de S. Conrado, 20 (322-4179). Ingressos 4ª, 5ª e dom. a NCz$ 8,00, homem e NCz$ 6,00, mulher; 6ª a NCz$ 10,00; sáb. e véspera de feriado a NCz$ 12,00, homem e NCz$ 10,00, mulher; vesp. a NCz$ 7,00.

LEON'S DISCO — Discoteca e música ao vivo, com o discotecário Edinho. De 5ª a dom., às 20h e vesp. sáb. e dom., às 15h. Ingressos 5ª a NCz$ 2,00, 6ª a NCz$ 6,00; sáb. a NCz$ 8,00, dom. a NCz$ 5,00, vesp. de sáb. e dom. a NCz$ 2,00. Travessa Almerinda Freitas, 42 (359-0277).

VINÍCIUS — Música ao vivo para dançar, a partir das 22h, com a Bigband e os cantores Regina Falcão, Cássia e José Carlos. *Couvert* de dom a 5ª a NCz$ 12,00, 6ª, sáb. e véspera de feriado a NCz$ 18,00. Av. Copacabana, 1144 (267-1497).

SOBRE AS ONDAS — Música ao vivo para dançar, diariamente a partir das 21h, com a banda de Beto Godoy e o quinteto de Miguel Nobre e a cantora Cacy. *Couvert* de dom. a 5ª a NCz$ 22,00 e 6ª, sáb. e véspera de feriado a NCz$ 35,00. Consumação 6ª, sáb. e véspera de feriado a NCz$ 25,00. Av. Atlântica, 3432 (521-1296).

COLUMBUS — Discoteca a cargo de Amândio da Hora e Nino Carlo. Ingressos de dom. a 5ª a NCz$ 30,00 e 6ª, sáb. e véspera de feriado a NCz$ 35,00. Diariamente, a partir das 22h. Rua Raul Pompeia, 94 (521-0279).

PAPILLON — Discoteca de 3ª a dom., a partir das 21h. Ingressos de 3ª a 5ª a NCz$ 20,00, 6ª, sáb. e vepera de feriado a NCZ$ 40,00 e dom. a NCz$ 25,00 (damas grátis). *Hotel Intercontinental*, Av. Prefeito Mendes de Morais, 222 (322-2200).

PRESS — Discoteca e vídeos a cargo de Ricardo Araújo e Luís Henrique. Aberta de 3ª a dom., a partir das 22h. Consumação de dom. a 5ª a NCz$ 25,00 e 6ª, sáb. e véspera de feriado a NCz$ 40,00. Av. Sernambetiba, 4700 (385-2813).

BOITE VOGUE — Música ao vivo com o conjunto da casa e discoteca. A partir das 22h. Aos domingos, apresentação da banda Capitólio. *Couvert* de dom. a 5ª a NCz$ 6,00 e 6ª, sáb. e véspera de feriado a NCz$ 10,00. Consumação de dom. a 5ª a NCz$ 8,00 e 6ª, sáb. e véspera de feriado a NCz$ 15,00. Rua Cupertino Durão, 173 (274-4145).

CHAMPAGNE — Música ao vivo e discoteca. De 3ª a dom. a partir de 21h. Rua Siqueira Campos, 225 A (255-7341). *Couvert* a NCz$ 12,00 (6ª), NCz$ 17,00 (sáb. e véspera de feriado) e NCz$ 8,00 (dom.).

Exposição

DIONÍSIO DEL SANTO — Pinturas, desenhos, gravuras e relevos. *Paço Imperial*, Praça XV. Das 11h às 19h. Até dia 19.

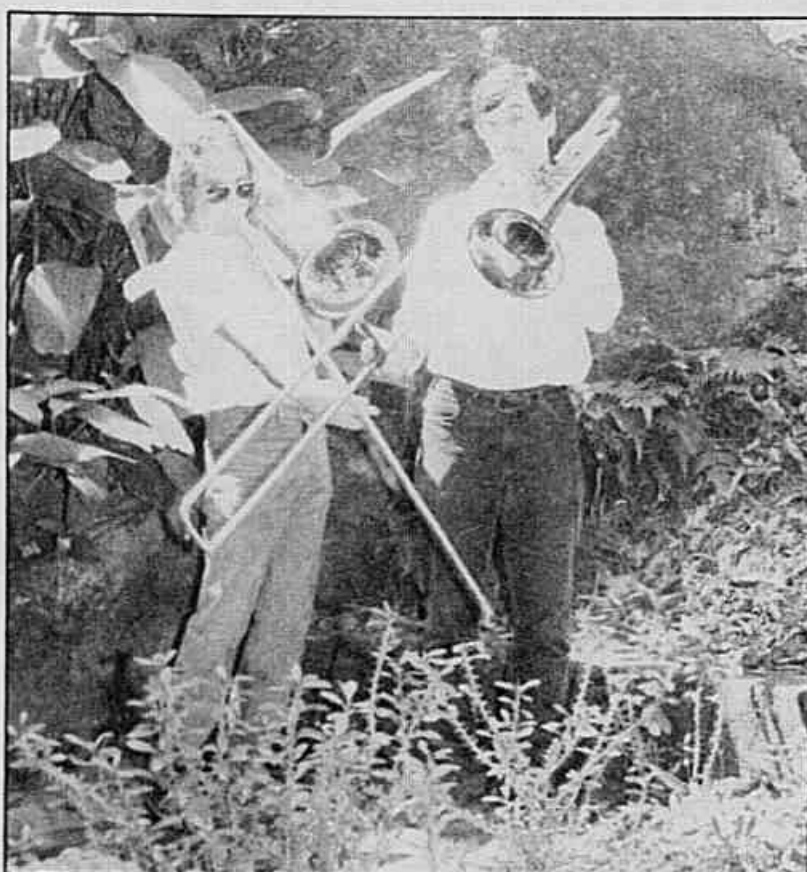
BELEZA NO CAOS — Desenhos de computadores. *Instituto de Matemática Pura e Aplicada*, Rua Dona Castorina, 110. Das 13h às 17h. Último dia.

ARTHUR BISPO — Pinturas. *Escola de Artes Visuais*, Rua Jardim Botânico, 414. Das 10h às 18h. Até dia 5.

PLANETA TERRA — Painéis fotográficos, maquetes com efeitos especiais e esculturas móveis. *Salão de Exposições do Palácio Gustavo Capanema*, antigo prédio do MEC. Das 13h às 18h. Até dia 12.

RIO HOJE — Exposição de 140 obras de 48 artistas cariocas. *Museu de Arte Moderna*, Av. Beira-Mar, s/nº. Das 12h às 18h.

TAPETES ARRAIOLOS — Exposição organizada pela cooperativa artesanal de Diamantina. *Clube do Novo Leblon*. Das 10h às 22h. Último dia.

ZEZUS — Esculturas. *Archivo Heráldico Iberoamericano*, Rua Paschoal Carlos Magno, 103. Das 14h às 22h. Último dia.

Lulu Pereira (E) e Brad Payne no Parque Lage

Trombone no parque

A força do trombone como instrumento solista — é a descoberta que podem fazer os que forem hoje ao Parque Lage para o encerramento da série Domingo no Parque, *promoção do JORNAL DO BRASIL com patrocínio da Caderneta de Poupança. Às 11 horas, Lulu Pereira e Brad Payne começarão a tocar os seus respectivos trombones em obras de Bach, Heberle, Tim Rescala e outros. Brad é americano, e músico da Orquestra Sinfônica Brasileira. Lulu Pereira, fundador do duo, nasceu em São Paulo, em 1958, estudou nos EUA e é membro da International Trombone Association. O duo tem obras compostas especialmente para ele, mas também utiliza transcrições.*

COLETIVA — Pinturas, desenhos e esculturas. *Galeria da Casa de España*, Rua Vitório da Costa, 254. Das 15h às 21h.

LUYSA QUERCETI — Pinturas. *Espaço Cultural da Casa do Minho*, Rua Cosme Velho, 60. Das 14h às 22h. Último dia.

GILDA REIS NETTO — Pinturas. *Centro Cultural Itaipava*, Parque da Catacumba. Das 10h às 20h. Último dia.

NOSSOS ANOS 80 — Pinturas, gravuras e esculturas de 40 artistas. *Casa de Cultura Laura Alvim*, Av. Vieira Souto, 176. Das 16h às 19h. Último dia.

FEIRA DE ANTIGUIDADES — Barracas que expõem obras de arte como cristais, porcelanas e quadros. Das 10h às 19h, no *Casashopping*.

1ª EXPOSIÇÃO DE BRINQUEDOS ANTIGOS — Brinquedos e móveis infantis. *Clube dos Decoradores do Rio de Janeiro*, Av. Copacabana, 1.100/2º andar. Das 14h às 18h. Até dia 30.

HENRIETTE GRANJA E RUTH KAC — Esculturas. *Sala Cecília Meireles*, Largo da Lapa, 47. A partir das 17h. Até dia 30.

O TRANSPORTE EM SÃO CRISTÓVÃO — Exposição mostrando a evolução dos meios de transporte desde D. João VI até os dias de hoje. *Casa da Marquesa de Santos*, Av. Pedro II, 293. Das 13h às 17h.

JOÃO BENTO D'ALMEIDA — Pinturas e esculturas. *Centro Empresarial Rio*, Praia de Botafogo, 228. Das 13h às 18h. Até dia 30.

HERANÇAS E LEMBRANÇAS — Fotos, documentos, livros e objetos que reconstituem o período de imigração da comunidade judaica, para o Rio de Janeiro. *Museu Histórico Nacional*, Pça. Marechal Âncora, s/nº. Das 10h às 18h. Até dia 31.

BALÉ BOLSHOI — Fotos de Emanuel Coutinho. *Fundacen/Sala Memória Aloísio Magalhães*, Av. Rio Branco, 179. Das 16h às 21h. Até dia 12.

OS TAPETES MÁGICOS DO ORIENTE — Exposição com cerca de 150 tipos diferentes de tapetes. *Rio Design Center*, Av. Ataulfo de Paiva, 270. Das 10h às 20h.

O ESTANHO NO BRASIL: 1600 A 1900 — Peças antigas em estanho da coleção de John Somers. *Paço Imperial*, Praça XV. Das 11h às 18h. Até dia 16.

MACHADO DE ASSIS — TEMPO E MEMÓRIA — Iconografia e acervo, fotos de Pedro Vasquez e obras de pintores do século XIX. *Centro Cultural Banco do Brasil*, Rua 1º de Março, 66. Das 10h às 23h.

BARRO É ENCANTE — Peças em cerâmica das artesãs do município de Apiaí (SP). *Galeria Mestre Vitalino*, Rua do Catete, 181. Das 15h às 18h. Até dia 22 de dezembro.

MUSEU DA REPÚBLICA — Hall de entrada, escadaria e 7 salas do andar nobre decoradas como à época da Presidência da República. *Palácio do Catete*, Rua do Catete, 153. Das 12h às 17h.

MARQUESA DE SANTOS — Objetos pessoais, cartas e reproduções fotográficas sobre a vida da marquesa. *Museu do Primeiro Reinado*, Av. Pedro II, 293. Das 13h às 17h. Exposição permanente.

COLONIZAÇÃO E DEPENDÊNCIA — Documentos históricos que traçam a evolução econômica do país, desde a colônia. *Museu Histórico Nacional*, Praça Marechal Âncora, s/nº. Das 14h30 às 17h30.

Dança

DEIXA EU DANÇAR — Apresentação dos grupos Ballet Oficina do Rio de Janeiro, de Edmundo Carijó e do Grupo de Artes Ilê-Ofé, de Charles Nelson. De 5ª a dom., às 21h. *Teatro João Caetano*, Praça Tiradentes, s/nº. Ingressos a 20,00.

BANDONEON — Apresentação da Cia Aérea de Dança. Na Domingueira Voadora do *Circo Voador*, Arcos da Lapa, s/nº. Às 20h30. Ingressos a NCz$ 15,00. Último dia.

GRUPO DANÇA DA UFRJ — Apresentação do grupo. *Teatro Cacilda Becker*, Rua do Catete, 338 (265-9933). De 4ª a sáb., às 21h e dom., às 19h. Ingressos a NCz$ 15,00 e NCz$ 10,00.

BALLET BOLSHOI — Direção de Yuri Grigorovich. Orquestra do Teatro Municipal. Hoje, Lenda de Amor. Música de Melicov e coreografia de Grigorovich. Às 15h30 e 21h30. Espetáculo extra amanhã, às 21h. *Teatro Municipal*, Praça Marechal Floriano, s/nº (262-3935). Ingressos a NCz$ 300,00 (platéia/balcão nobre), NCz$ 150,00 (balcão simples) e NCz$ 90,00 (galeria).

Música

JUDAS EM SÁBADO DE ALELUIA — Ópera em 1 Ato. Libreto e música de Cirlei de Holanda. Baseado na peça de Martins Pena. Regência: Henrique Morelenbaum. Direção cênica: Sérgio Britto. Com Ruth Sterke e Inácio de Nonno. Participação especial de Paulo Fortes. *Centro Cultural Banco do Brasil*, Rua Primeiro de Março, 66. Às 11h. Ingressos a NCz$ 25,00 e NCz$ 15,00.

LULU PEREIRA E BRAD PAYNE — Apresentação do duo de trombones. No programa peças de Bach, Heberle, Willian de Fesh, Walter Sear, entre outros. Às 11h. *Parque Lage*, Rua Jardim Botânico.

ORQUESTRA DE CÂMARA DO CONSERVATÓRIO BRASILEIRO DE MÚSICA — Regente: Marco Maceri. No programa peças de Claudio Santoro, Waldemar Szpilman, Carlos de Almeida e Ernani Aguiar. Às 21h. *Sala Cecília Meireles*, Largo da Lapa, 47 (232-4779). Entrada franca.

Vídeos

VÍDEOS NO BANCO DO BRASIL — Às 17h30: *Santa Marta — Duas semanas no morro*, de Eduardo Coutinho. Às 19h: *Quadrinhos no cinema*, com a exibição de *Alô, amigos*, de Walt Disney. Hoje, no *Centro Cultural Banco do Brasil*, Rua 1º de Março, 66.

NÚCLEO ATLANTIC DE VÍDEO — Exibição de *Fievel, um conto americano*. Hoje, às 14h e 16h, na *Casa de Cultura Laura Alvim*, Av. Vieira Souto, 176.

PROJETO ROCK BRASIL — Exibição de *Saara Saara especial — Variedades Mudernas nº7*, de Paulo Severo e *Ao redor da alma*. Exposição *Rocktetura*, de Ricardo Samel. Hoje, a partir das 22h, na *Boate Zoom*, Rua Rodolfo Dantas, 102.

VÍDEOS NO GIG — Hoje: *The Door's dance on fire*. A partir das 21h, no *GIG Restaurante e Vídeo-Bar*, Av. Gen. San Martin, 629.

BARRO É ENCANTE — Exibição de *Artesãos às suas ordens*, realização da Universidade de Pernambuco e *Fazendo troca*, realização da TV Viva. Hoje, às 16h, no *Museu do Folclore*, Rua do Catete, 181.

BARATO DO DOMINGO

O que há para fazer gastando pouco ou quase nada

9h
Termina hoje a XX Olimpíada Universitária Itaú. No ginásio da UERJ (Avenida Turfe Clube, 5, Maracanã). Participam atletas como Patrícia Amorim, Ana Richa e Amauri. **DE GRAÇA**

9h30
Leve seu filho para visitar o Jardim Zoológico (Quinta da Boa Vista). Passe pela jaula do macaco Tião e conheça o viveiro das aves. Ingresso a NCz$ 9.

10h
Aproveite a manhã para passear no Jardim Botânico (Rua Jardim Botânico, 1008). Uma oportunidade de ver de perto árvores raras e antigas. O ingresso custa apenas NCz$ 2,50.

11h
Passe o domingo no Parque Lage (Rua Jardim Botânico, 414) e assista à apresentação dos músicos Lulu Pereira e Brad Payne. Um duo de trombones que acontece ao ar livre. **DE GRAÇA**

Churrasco à parmegiana
No Café e Bar Jóia (Rua Jardim Botânico, 594-A), o freguês pede churrasco à parmegiana e paga NCz$ 28. Um prato bem servido que leva batata frita e arroz.

Rabada com polenta
Quem gosta de rabada com polenta deve provar a sugestão do Restaurante Aurora (Rua Capitão Salomão, 43, Botafogo). O prato vem com agrião e sai por NCz$ 20.

Churrasco à gaúcha
Leve a família para almoçar no Restaurante Zia Amélia (Rua Capitão Félix, 110/loja 3, Benfica) e prove o churrasco à gaúcha. Com arroz, batata frita e lingüiça, dá para dois e custa NCz$ 35.

Feijão tropeiro
Vá ao Restaurante 608 (Rua Jardim Botânico, 608) e peça o feijão tropeiro. A sugestão: carré, lingüiça, couve, arroz, feijão e torresmo. Apenas NCz$ 25.

14h
Quem está em clima de carnaval deve comparecer ao G.R. Escola de Samba Mocidade de Vicente de Carvalho (Avenida Automóvel Clube, 5309). Hoje é dia do encontro das baianas. **DE GRAÇA**

14h30
Visite o Museu da República (Rua do Catete, 153) e saiba como viviam e se divertiam os antigos presidentes. Destaque para o salão de banquetes e seus lustres de cristal. **DE GRAÇA**

16h
Passe na Praça Serzedelo Correa (Copacabana) e conheça as poesias de Carlos Drummond de Andrade. Seus versos serão declamados por Shalai, Sergio e Gerônimo. **DE GRAÇA**

17h
Vá ao Teatro Glauce Rocha (Avenida Rio Branco, 179, Centro) e assista ao musical infanto-juvenil *Um sonho atrás do Sol*. Com o grupo Educart, o espetáculo custa NCz$ 10.

19h
No Instituto de Psicoterapia George Politzer (Rua Humaitá, 392, Humaitá), o programa de hoje inclui a apresentação da dupla Luli e Lucina. Um repertório de MPB. **DE GRAÇA**

19h30
O baterista Robertinho Silva se apresenta na Praça da Fé (Rua Cônego Vasconcelos, Bangu). Acompanhado de sua banda, o músico promete mostrar músicas do último LP. **DE GRAÇA**

20h
Vá ao Centro Cultural Candido Mendes (Rua Joana Angélica, 63, Ipanema) e assista aos vídeos da Zeitgeist. O ingresso custa NCz$ 0,30, mas quem chegar com o guarda-chuva aberto entra **DE GRAÇA**

21h
A Orquestra de Câmara do Conservatório Brasileiro de Música se apresenta na Sala Cecília Meireles (Rua da Lapa, 47, Centro). Passe por lá e escute música erudita. **DE GRAÇA**

Três mundos e um pincel

Tela de Shiró que estará em exposição na Thomas Cohn a partir de terça

Flávio-Shiró é um artista de três continentes. Nascido em 1928 em Sapporo, na ilha de Hokkaido, norte do Japão, trocou aos três anos a proximidade com a gélida Sibéria pela cálida cidadezinha de Tomé-Açu, no norte do Pará, vizinha ao Equador. Em 38, rumou para São Paulo e, em 53, instalou-se em Paris numa casa de pedra do século 15 no bairro histórico do Marais. "É fascinante ter no sangue a experiência de três continentes, e trato de canalizar tudo isso na minha arte", disse certa vez. Não é por acaso, então, que o ser humano — seu destino, sua finitude, limitações, angústias — freqüente com tanta assiduidade as telas de Shiró, que absorveu do oriente o rigor técnico e a precisão gestual. Treze desses trabalhos, a maioria do ano passado, estão a partir de terça, às 21h, na Galeria Thomas Cohn Arte Contemporânea (Rua Barão da Torre, 185 — A). É a 27ª individual de Shiró, uma das principais atrações brasileiras na 20ª Bienal de Artes de São Paulo, onde é convidado na Sala Especial.

Não é à toa que acaba de encorpar sua generosa coleção de troféus com o Prêmio Itamaraty de Aquisição da Bienal e o Prêmio do Panorama da Arte Atual Brasileira. Antes, já tinha ganho o Prêmio Internacional de Pintura, na 2ª Bienal de Paris, em 61, e o Prêmio Nacional de Pintura no Festival International de Peinture em Cagnes sur Mer, na França, em 74. Shiró veio para o Brasil carregado pelo pai pintor e dentista, que fugia do frio. Foi entregador de verduras, pintou azulejos, estudou na Escola Profissional Getúlio Vargas e conheceu artistas como Luis Sacilotto e Otávio Araújo, compondo o que seria conhecido como o Grupo dos 19. Ficou amigo de Volpi e Rebolo Gonçalves. Em 53 mudou-se para a França. Lá, tomou contato com a arte clássica, estudou mosaico com Gino Severini, gravura com Friedlander e litografia na Escola Superior de Belas-Artes de Paris. Hoje, divide-se entre os dois países.

"Sua arte supera qualquer rótulo e tem um poder de encantamento e comoção que várias vedetes da Bienal não chegaram sequer a arranhar", disse o crítico Olívio Tavares de Araújo quando da 18ª Bienal de São Paulo. Rótulo, aliás, é uma palavra que provoca arrepios em Shiró — como na maioria dos artistas plásticos. De qualquer maneira, ele tem se situado numa linha expressionista. Sob as manchas de suas pinceladas se sobressaem formas orgânicas costumeiramente classificadas de densas e dramáticas. "É uma pintura que desperta o espectador para uma certa tensão entre a violência dos sonhos e da realidade", diz o crítico Wilson Coutinho.

MAURO VENTURA

Outros

O IDEAL REPUBLICANO DE ANGELO AGOSTINI — Exposição de 40 desenhos e charges de Agostini a partir de quarta, às 20h, na Casa de Cultura Laura Alvim (Av. Vieira Souto, 176).

A REPÚBLICA ACONTECEU NO RIO — Exposição de documentos e imagens do Arquivo Geral da cidade a partir de terça, às 18h, na Rua Amoroso Lima, 15 — Cidade Nova).

LUYSA QUERCETI — Exposição de pinturas da artista e de esculturas de Paulo Formaggini a partir de terça, às 18h30, na Oficina de Arte Maria Teresa Vieira (Rua da Carioca, 85).

GRAVURAS — Exposição coletiva de 15 gravadores do Atelier de Gravura da Escola de Belas-Artes da UFRJ a partir de terça, às 19h, na Escola de Artes Visuais do Parque Lage.

HILTON BERREDO — Encontro com o artista na Escola de Artes Visuais do Parque Lage, sábado, às 16h.

MARCOS ANDRÉ — Exposição individual do artista a partir de terça, na Pequena Galeria do Centro Cultural Cândido Mendes (Rua da Assembléia, 10, subsolo).

HARMONIA — Exposição individual da pintora May Cristina Paiva a partir de terça, no Espaço Cultural Nossa Senhora da Paz da CEF (Rua Visconde de Pirajá, 357 - A).

De Agostini: ideal e sátira

Cinema

Abaixo o moralismo

Muito já se falou sobre *Sexo, mentiras e videotape*, o filme de Steven Soderbergh que ganhou o último Festival de Cannes e ainda de lambuja deu ao seu protagonista, James Spader, o prêmio de melhor ator. Mas mesmo com tudo que foi dito, *Sexo, mentiras e videotape*, que entra em cartaz nesta quinta, vai estarrecer muita gente. Afinal, com ele, o jovem Soderbergh, de apenas 26 anos, descobriu o ovo de Colombo: fez um filme simples, com apenas quatro atores, cinco locações — quase não tem externas —, um orçamento de US$ 1,2 milhão e conseguiu dizer o que todo mundo queria ouvir. Ou não queria. Pouco importa. O que vale é que o filme é revelador sem ser escandaloso, contundente sem ser moralista.

Ele conta a história de John (Peter Gallagher) e Ann (Andie MacDowell), um casal convencional que tem a monotonia de suas vidas quebrada pelas investidas amorosas de Cyntia (Laura San Giacomo), irmã de Ann, e a visita de Graham (James Spader), um velho amigo de John. À margem dos filmes superproduzidos ou daquelas fitas extremamente roteirizadas e complexas, *Sexo, mentiras e videotape* fala exatamente dos temas que estão em seu título, questionando o valor destes três elementos na vida de pessoas que nunca se abrem ou dizem exatamente o que estão pensando e sentindo. Soderbergh não toma partido, mas modernamente, como cabe às novas gerações, dá toques sobre responsabilidade.

Andy MacDowell *está em* Sexo, mentiras e videotape

Além desta deliciosa surpresa, estréia também na quinta *O preço da paixão*, com Diane Keaton. É a história da professora de piano Anna Dunlap (Keaton), que tenta se adaptar à vida de divorciada junto com a filha Molly. Acaba se apaixonando por um escultor irlandês (Liam Neeson). No auge da paixão, o ex-marido resolve atrapalhar a felicidade do casal e exige a custódia da filha, por considerar exótico o estilo de vida de Anna. No Cineclube Estação Botafogo, terça-feira é dia do curta metragem. Entre eles, *Mamãe parabólica*, de Ricardo Favilla, que conta a história de uma mãe famosa e suas duas filhas problemáticas. A transformista Laura de Vison — nossa pretensa Divine — é um das atrações deste drama de humor. *Amigo de fé*, de Bia Werneck, outro que está em cartaz na mesma noite, relata um crime passional protagonizado pelo ator Chico Diaz. Ainda no Estação, a Sala 1 promove, a partir de quarta-feira, a mostra Escolha o Seu Presidente, com quatro documentários: *Getúlio Vargas*, de Ana Carolina, *Jânio a 24 quadros*, de Luiz Alberto Pereira, *Os anos JK* e *Jango*, de Silvio Tendler. No mais, tudo já foi visto: o Centro Cultural Candido Mendes exibe a mostra Nova York no Cinema, com filmes trazendo paisagens nova-iorquinas, como *Perdidos na noite*, de John Schlesinger, e o Cine Arte UFF apresenta, para Niterói, *Que bom te ver viva*, de Lúcia Murat.

Em* O preço da paixão, *com Diane Keaton, um pouco da vida de uma divorciada

MARIA SILVIA CAMARGO

Música

O soprano Ilona Tokody

A volta de Puccini

Depois de uma longa ausência, *Manon Lescaut*, de Puccini, volta ao Teatro Municipal dentro do projeto Ópera Brasil de Fernando Bicudo, apresentando nos papéis principais duas figuras de destaque da Ópera de Budapest: o soprano Ilona Tokody e o tenor Peter Kelen (Manon e Des Grieux). A ópera, de 1893, abriu para Puccini o caminho do sucesso estrondoso que chegaria com a *Bohème* e a *Tosca*. Não tem uma ária como *Recondita Armonia* ou *Un bel di Vedremo*, mas já mostra o idioma harmônico e melódico de Puccini em plena maturação. A regência é do experiente Eugene Kohn, e a orquestra é a Sinfônica Brasileira, que rendeu bem nos espetáculos anteriores da série.

Alternativa interessante é o *Pierrot Lunaire* de Schoenberg que a Sala Cecília Meireles apresenta no sábado, com o meio-soprano Margarita Schack à frente de um grupo instrumental de qualidade. E não menos interessante é o recital de terça-feira da soprano Ruth Staerke no IBAM (Ronaldo Miranda ao piano): começa com algumas serestas de Villa-Lobos, passa por Cláudio Santoro, Ernani Nascimento e termina com Ronaldo Miranda, incluindo os belíssimos *Cantos del Capitán*, de Sergio Ortega, sobre textos de Pablo Neruda.

LUIZ PAULO HORTA

Disney cantado

Um show para se assistir com um sorriso nos lábios. Afinal, as 16 músicas que a cantora mineira Silvana Agla apresenta, de quarta a sábado, no Jazzmania povoam o imaginário de todos nós. São temas de clássicos de Walt Disney, como *Someday my prince will come*, do filme *Branca de neve e os sete anões*, e *Baby mine*, de *Dumbo*, com arranjos de Edu Morelembaum. "O legal no show é que traz algo de lúdico, numa época em que todo mundo anda tão carregado e chateado", diz Silvana.

Embora no início tenha resistido um pouco à idéia, Silvana acabou comprando a briga. "São músicas sofisticadas", explica ela, que ganhava todos os prêmios de melhor intérprete nos festivais de Minas Gerais. A sugestão de levar as trilhas ao palco partiu do ator Miguel Falabella, diretor e produtor do espetáculo. "É um resgate de memória afetiva, que mostra também como Disney se preocupava com a trilha de seus filmes", conta ele. A parceria dos dois começou em abril, quando o ator foi tomar um chope com um amigo na casa noturna Perestroika. Lá, encantou-se com uma figura esguia, de voz "linda", que interpretava de Cole Porter a Moreira da Silva. "Ela tem uma voz muito versátil. Você sente quando a pessoa conhece música", diz Falabella.

Com um talento burilado por três anos de canto lírico, Silvana não teme se dissolver em meio a massa de novas cantoras que surgiram recentemente. "Está faltando gente preparada para cantar certos tipos de música." Ela aportou no Rio há quase três anos para continuar os estudos. Acabou entrando para uma banda de funk, a RJ Express, e estreou seu primeiro show em 86 no People. Logo depois, porém, partiu para a carreira solo, misturando composições próprias — geralmente blues que falam de vida, medo, procura — com canções de autores novos que conheceu na noite. Agora, é a vez de embarcar numa fase mais profissional da carreira. "É um show para descontrair, o renascimento de algo puro e inocente", revela Silvana. "Mesmo quem não conhece a letra, vai saber acompanhar a melodia assobiando", prevê Falabella.

MAURO VENTURA

Ivan Luna

Silvana Agla canta temas de filmes no Jazzmania

Outros

ORQUESTRA DE SAX — Funk, jazz e choro ao som de todos os timbres da família dos saxofones. De quinta a domingo, no Teatro João Theotônio.

MARCOS SABINO — O cantor e compositor lança o LP *Romance e prazer*. Sexta e sábado, no Dueré (Niterói).

OS GALAS — Banda com vocalista tanzaniano toca funk, rap e blues. Quarta e quinta, na boate Columbus.

SILVIO CÉSAR — O cantor e compositor lança seu mais recente LP, sexta e sábado, no Nó na Madeira, Niterói.

RADIO STARS — Uma visita bem-humorada aos anos 60, com músicas, anúncios e desfiles de moda da época. Quinta a domingo, no Rio Jazz Club.

ROBERTO MORAES — Este virtuose da gaita exibe toda sua habilidade nesta quarta, às 12h30, no Paço Imperial.

REGINALDO BESSA — O compositor mostra suas canções no auditório da ABI, em única apresentação, amanhã, às 18h30.

RIO DIXIELAND JAZZ BAND — No repertório da banda, o jazz tradicional e também a MPB dos anos 20 e 30. Sexta e sábado, no Perestroika.

NÓ EM PINGO D'ÁGUA — O grupo parte do choro para uma fusão com outros ritmos. De quarta a sábado, no Mistura Up.

MARCELO FURTADO — Membro da Ala de Compositores de Vila Isabel, ele leva o show *Homenagens, de Noel a Cazuza*, nesta terça, ao Botecoteco.

BIQUINI CAVADÃO — O grupo de rock mostra o repertório do disco *Zé* e outros sucessos. Sexta e sábado, no Circo Voador.

AFRODITE SE QUISER — O trio feminino promove, em única apresentação, uma *Noite das afrodites*. Quinta, na boate Zoom.

BEBEL GILBERTO — Ela canta suas próprias músicas e suas parcerias com Cazuza. De quarta a sábado, no People.

TIÃO NETO — Contrabaixista que já gravou com Stan Getz e Tom Jobim, ele é a atração do Som do Meio-Dia. Quarta, no João Theotônio.

REINALDO VARGAS E GRUPO — O cantor e compositor mostra suas composições, com ritmos brasileiros e afro-latinos. Quarta, no Dueré.

SILVANA AGLA — A cantora interpreta temas dos clássicos de Walt Disney, de *Branca de Neve* a *Mary Poppins*. Quarta a sábado, no Jazzmania.

AGORA SÓ COMO EM CASA — Show humorístico de Gugú Olimecha, com Roberto Roney e Elias Perino. Sábados e domingos, no Teatro Armando Gonzaga.

JOÃO FILARDI — Compositor, cantor e guitarrista, ele se apresenta na Casa de Cultura Laura Alvim, de sexta a domingo.

Orquestra de Sax toca no Teatro João Theotônio

Arte tem sua oficina

Centro cultural, no Rio, é um fenômeno que lembra o milagre da multiplicação dos pães: ninguém sabe bem de onde, mas eles simplesmente vão surgindo. Pois no próximo sábado, 4 de novembro, a partir das 15 horas, uma grande festa vai estar comemorando o início das obras de restauração de mais um deles, o prédio do Centro de Oficinas de Arte Popular, localizado na Rua Pedro Ernesto, nº 80, na Saúde (tel.: 233-7754). Mais do que espaço de consumo de cultura, o novo centro se propõe a promover a produção da arte, e deve estar em pleno funcionamento até o fim do ano. Serão oficinas de teatro, de dança, de cinema, de literatura e de música. Esta última, aliás, já está em atividade, desde o dia 25, e abriu inscrições para a Oficina de Música Afro-brasileira. "Queremos fazer do Centro um espaço para grupos de cultura desenvolverem um trabalho alternativo, sem a tutela do poder público, mas com o seu apoio", diz o coordenador do trabalho de recuperação, o cineasta Carlos Ribeiro Prestes.

André Câmara

O novo espaço na Saúde

Sonia d'Almeida

Cininha de Paula (D) dirige as cantrizes de Radio stars no Rio Jazz Club

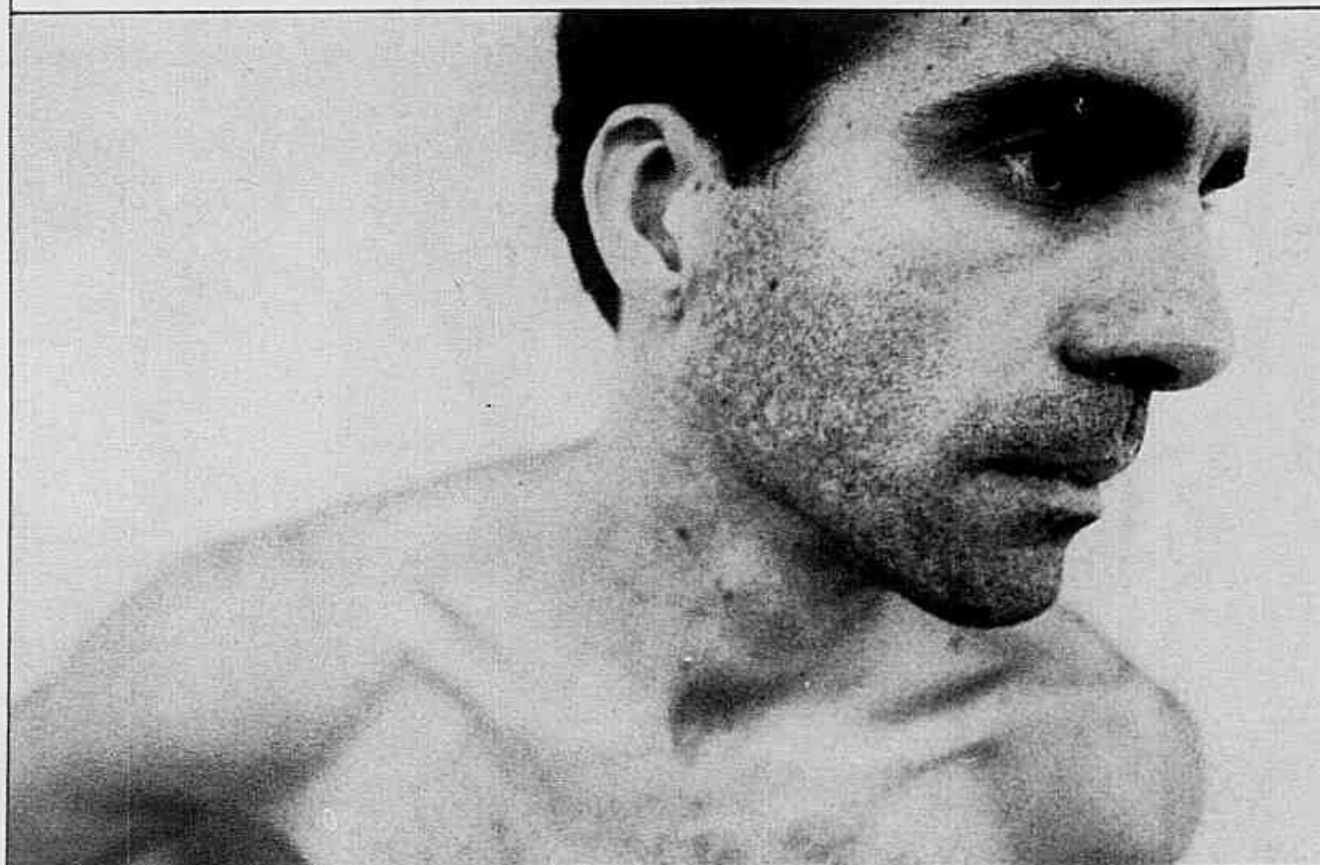
Estrelas do rádio

Quando estava no 2º Grau do Andrews, ela fez sua primeira incursão num papel dramático. Primeira e última. "Eu tinha escolhido uma fala de Ofélia em *Hamlet*, um trecho superdramático da peça. Um minuto depois todo mundo estava rindo às gargalhadas." Para Cininha de Paula, esse talvez tenha sido o primeiro indício de que, definitivamente, o humor era a sua *praia*. Uma vocação que será mais uma vez confirmada a partir desta quinta com a estréia de *Radio Stars*, no Rio Jazz Club. No espetáculo, ela estará exercitando um segundo dom, o da direção. Nessa área, onde raras mulheres conseguiram se impor, ela vem provando sua competência há dois anos, dirigindo o elenco de quase 80 atores do *Chico Anysio Show*. "Trabalhar como atriz agora só eventualmente", promete.

Alguns anos na Escola de Medicina e Cirurgia do Rio de Janeiro a tinham convencido de que o período que havia passado no Tablado, entre os 12 e os 15 anos, foi apenas um capricho. Mas no segundo ano de residência, pediu ao tio uma ponta no *Chico Anysio Show*. O sucesso no papel de uma *riponga* acabou com sua autoridade diante dos seus pacientes do Hospital do Inamps, em Ipanema. "Costumava dizer que era uma irmã gêmea, mas eles me reconheciam e era um inferno", conta. O casamento com Wolf Maia, de 80 a 84, rendeu uma parceria no teatro e a montagem de *Foi bom meu bem*, *Pô de guaraná* e, seu maior sucesso, *As noviças rebeldes*, onde brilhou como a quarentona irmã Gardênia.

Aos 36 anos, ela acredita ter encontrado no teatro musicado o filão que melhor sabe explorar. Uma herança, quem sabe, dos programas que se habituou a ver na TV quando pequena. "*Times Square*, *Noites cariocas*, *Balança mas não cai*...Era fã de todos eles." Um pouco desse espírito está presente em *Radio stars*, acredita. Em plena década de 60, as três crooners e atrizes que convocou para o espetáculo estavam plenamente sintonizadas com o clima da época. Dudu Moraes se espremia no Ginásio Caio Martins para ouvir Jerry Adriani, enquanto Silvia Massari colava fotos de Roberto Carlos no seu armário e Liane Maia vestia um modelito copiado do guarda-roupa de Wanderléa. O trio é acompanhado por Paulinho Machado, locutor, DJ e orquestra da Radio Sixties, a emissora fictícia que comanda o show. *Radio stars* avança em ordem cronológica, de 1960 até 1970, passando por paradas de sucesso, a excitação das donas-de-casa com a introdução dos eletrodomésticos, jingles e anúncios de época. Com texto de Flavio Marinho, *Radio stars* fica em cartaz no Rio Jazz Club, de quinta a domingo, em temporada de quatro semanas.

O balé da pancadaria

O coreógrafo Sylvio Dufrayer vai fazer a violência urbana dançar

Fotos de Bruno Veiga

Dufrayer não se interessa por flores ou ninfas: "Quero mostrar a realidade"

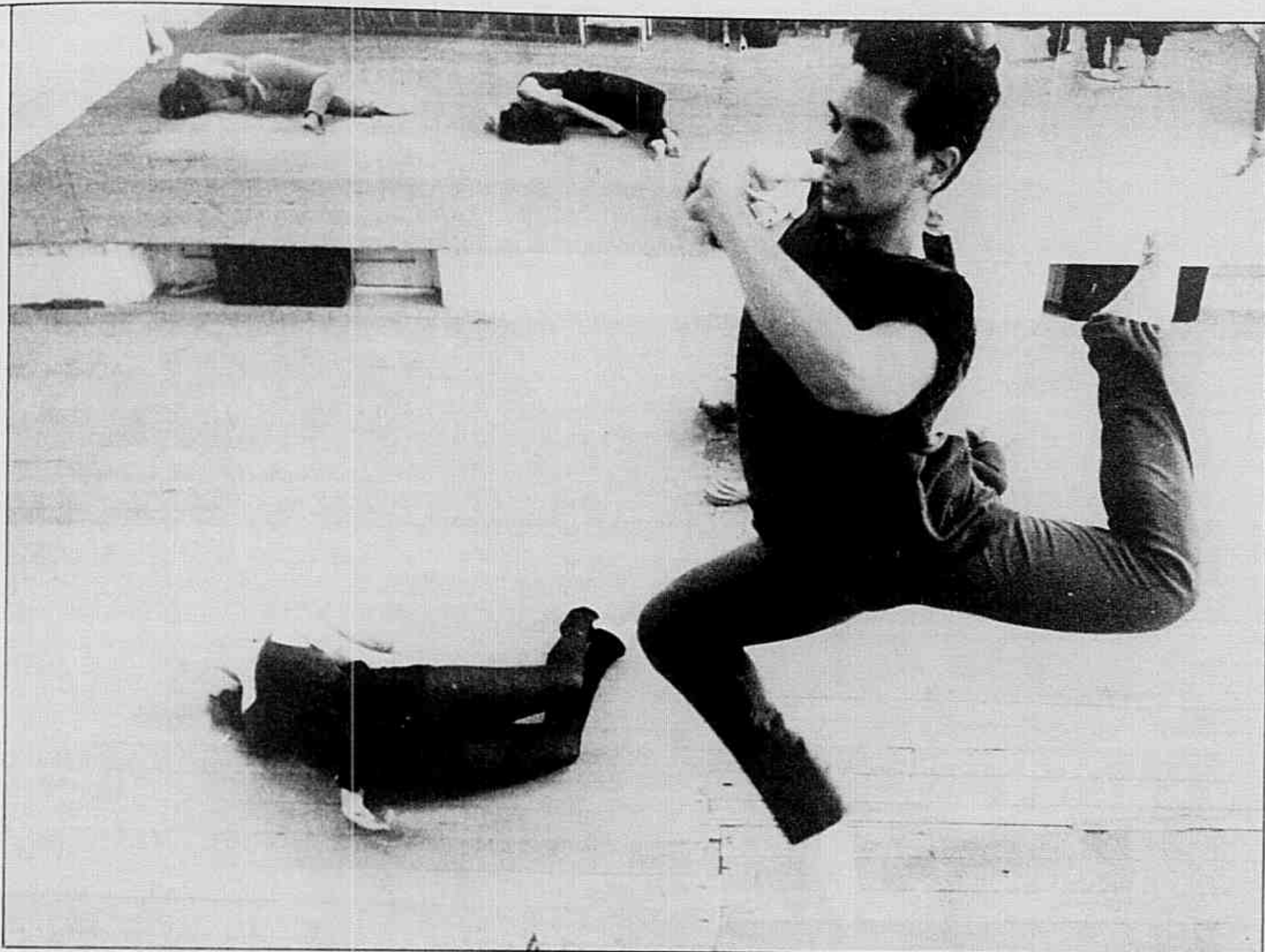
Sylvio Dufrayer não é o tipo de coreógrafo que fica imaginando histórias para criar um balé. Prefere manter os olhos abertos. "Eu quero mostrar a realidade do homem brasileiro hoje. Não me interessa falar de flores ou das ninfas que faziam os homens do século passado sonharem. Hoje, a gente sonha é com monstros." São estes monstros que vão ocupar o palco do Teatro João Caetano de quinta a domingo, incorporados pelos oito bailarinos da Sylvio Dufrayer Cia. de Dança. *Impressões urbanas* é um balé de 40 minutos que mistura cheiradores de cola, oprimidos e opressores em cenas fortes, violentas. "Eu transformei em dança o que acontece diariamente na Cinelândia. No palco, as dimensões crescem. Mas é tudo um retrato do homem brasileiro hoje. Eu não falo de metáforas. Eu quero a realidade sem demagogia."

Foi com esta idéia na cabeça que ele fundou a companhia em 85, depois de descobrir a dança há 13 anos quando entrou para a faculdade de Educação Física. Dufrayer já foi surfista, capoeirista e um freqüentador assíduo da quadra da Portela. "Na faculdade eu juntei todo o meu potencial artístico." O balé clássico ele só começou a estudar aos 19 anos. "Primeiro eu conheci meu corpo anatomicamente graças às aulas de educação física e só depois aprendi a técnica. Isto foi uma grande vantagem para mim. Percebi que cada corpo tem uma dinâmica, não se pode querer que pessoas com estruturas físicas diferentes se desenvolvam tecnicamente com o mesmo tipo de exercício." Mais do que isso, Dufrayer defende a tese de que o bailarino tem que ser acima de tudo um ator. Foi assim que selecionou os integrantes da companhia. "Não me interessa um bailarino altamente técnico que não consiga manter a sua expressividade."

Para dançar na companhia de Dufrayer o bailarino precisa ter também um certo espírito aventureiro. Desde o primeiro espetáculo, *Relações*, que reproduzia o ambiente de uma gafieira, a companhia costuma viajar pelo interior. "Nós fomos ao Acre muito antes de todo mundo falar do Chico Mendes. O artista precisa sair deste circuito Rio-São Paulo e ir atrás deste público." Em Garanhus, a companhia dançou *Doce lar*, baseado em *Álbum de família*, de Nélson Rodrigues. "Foi um sucesso. Tinha umas 300 pessoas no teatro construído dentro de uma estação de trem. Até as cadeiras foram tiradas de uns vagões desativados." A companhia costuma percorrer de 20 a 30 cidades por ano. "É muito melhor pegar um ônibus para se apresentar nestas cidades, conseguindo boas bilheterias, do que ficar aqui no Rio trancado numa sala de ensaio. O artista precisa vivenciar a sua arte." Nada mais coerente para um coreógrafo que acredita na capacidade da arte de transformar o homem. "Não pretendo fazer nenhuma revolução. Mas acho importante que o homem se veja através da arte. A dança tem que falar do homem, dando a ele a possibilidade de mudança."

Foi Dufrayer quem conseguiu transformar em balé o Cinema Novo. Ano passado ele montou *Glauber — A grandeza do dragão*, ao lado da bailarina Gilda Rebello, baseado nos roteiros de Glauber Rocha. A idéia da adaptação surgiu quando Dufrayer estava assistindo a *Deus e o diabo na terra do sol* numa cinemateca do Méier. Desde a vitória na Mostra de Jovens Coreógrafos da RioArte, em 84, Dufrayer só coreografou duas óperas, *Guarany* e *Aída*, no Teatro Municipal. "Foi muito importante trabalhar com Fernando Bicudo no Municipal. Ele trouxe um público novo para a ópera." Mas Dufrayer continua preferindo criar suas próprias histórias. Até chegar à forma final de *Impressões urbanas*, ele trabalhou durante um ano no roteiro que escreveu junto com Gilda Rebello. Há dois meses começou os ensaios com os bailarinos Ana Souza, Denise Mendes, Denise Slutz, Gilda Rebello, Giselda Fernandes, Carlos Cavalcanti, Carco Leão e Paulo Marques.

Na apresentação do Teatro João Caetano, a companhia vai apresentar uma versão reduzida, de 40 minutos. "No original, o balé tem uma hora, mas seria cansativo porque nós vamos nos apresentar no mesmo dia da Companhia Nós da Dança. Ficaria um espetáculo muito grande." O público também não vai ver o cenário idealizado pelo artista plástico Hilton Berredo. "Nós não conseguimos arrumar o material para fazer o globo terrestre de dois metros e meio", explica Berredo. O balé completo será apresentado apenas no ano que vem. *Impressões urbanas*, que tem figurinos de Marcelo de Gang, é apresentado ao som do conjunto americano Dead can dance (morto pode dançar).

MÁRCIA VIEIRA

Pontapés foram incorporados ao balé que a Sylvio Dufrayer Cia. de Dança apresenta no João Caetano

■ *Dança*

Só com a ponta dos pés

Além do "balé da pancadaria" da Sylvio Dufrayer Cia. de Dança (leia reportagem na página ao lado), o evento *Deixa eu dançar* completa sua programação dessa semana com a delicadeza das sapatilhas da Companhia Nós da Dança, de quinta a sábado, também no João Caetano. Dirigido pela coreógrafa Regina Sauer, o grupo mostra seu mais recente trabalho, o espetáculo *América do sol*. A companhia foi fundada em 1980 e de lá para cá acrescentou ao seu currículo coreografias como *João Joana* (1985), inspirado em poema de Drummond; *Nossos nós* (1987); *Vidas* (1988); *Cantoria* e *Saga da amazônia* (1989). Com o espetáculo dessa semana chega ao fim um evento que conseguiu proporcionar um painel representativo do que se faz em matéria de dança no Rio hoje.

Para comemorar 15 anos de dedicação ao ensino da dança, o Ballet Claudia Araújo decidiu montar *Coppélia*, de sexta a domingo, no Teatro Abel (Rua Mario Alves, Niterói). Claudia, que já apresentou em outros anos espetáculos como *Les sylphides* (1983), *A bela adormecida* (1986) e *Dom Quixote* (1988), convocou para a apresentação deste ano Marcello Misailidis. O bailarino foi visto pelos cariocas recentemente dançando o *Bolero*, de Ravel, na coreografia de Béjart, ao lado de Jorge Donn. A própria Claudia reveza com as bailarinas Marcia Ganem e Guga Pellegrini. Responsável pela coreografia, o bailarino Antonio Vasconcelos completa o elenco revezando com Misailidis no papel de Frantz.

CLAUDIO FIGUEIREDO

O Nós da Dança completa a semana

Flávio Rodrigues

José de Abreu interpreta Juscelino Kubitschek em JK, que estréia terça no Teatro Nélson Rodrigues

O passado e o futuro

Os problemas da juventude são tema de uma das estréias da semana, que prevê ainda um espetáculo que evoca a figura de Juscelino Kubitschek e outro que retoma um sucesso comercial do Teatro Oficina. Na terça-feira estréia no Teatro Nélson Rodrigues *JK*, uma produção épico-histórica, escrita por Luiz Arthur Nunes, que lança um olhar sobre o presidente Juscelino Kubitschek. O autor define a peça como "a história de Juscelino *contada* em sucessivos *flashbacks* por figuras que participaram da sua vida: a mulher, D. Sarah, os amigos Vera Brant e Carlos Murilo, assessores políticos e até mesmo seu arquiinimigo Carlos Lacerda, entre outros". Estreada em Brasília há pouco menos de um mês, com apresentações em Belo Horizonte, *JK* sofreu nesses *tryouts* várias modificações, com trocas de personagens, reestruturação da montagem, mas permanecem as 40 cenas, as oito projeções de vídeo e os 20 atores que se distribuem por mais de meia centena de papéis. A produção define *JK* como um espetáculo no qual "as cenas se sucedem saltando no espaço e no tempo, de forma a apresentar uma *visão panorâmica*, pode-se dizer *episódica* da vida de JK, associada a momentos significativos da trajetória das personagens criadas para contar a história". Luiz Arthur Nunes acumula as funções de autor e diretor, a trilha sonora é de Ubirajara Cabral, a cenografia e os figurinos são de Alziro Azevedo e participam do elenco José de Abreu (Juscelino), Lília Cabral (D. Sarah), Guida Vianna (Júlia Kubitschek e Vera Brant), Fábio Junqueira (Castelo Branco, Carlos Lacerda e um coronel), Carina Cooper, Ana Guimarães, Eduardo Mamberti, Flávio Antônio, Guto Pereira, Ludoval Campos, Márcia do Canto, Nedira Campos, Orã Figueiredo, Yvan Mesquita, Angela Pia Manfroni, Márcia Frederico, Rodrigo de Abreu, Silvia Aderne, Wanderley Gomes e Wagner Ferrara.

A comédia soviética *Quatro num quarto* ou *A quadratura do círculo*, de Valentin Kataiev, que o Teatro Oficina apresentou há mais de 25 anos, está de volta, a partir de quarta-feira, no Teatro de Bolso Aurimar Rocha. Com direção de Paulo Reis, também adaptador, *Quatro num quarto* é um *vaudeville* cuja ação transcorre logo depois da Revolução de 1917. São confusões em torno da ocupação de um apartamento dividido por dois amigos. Os figurinos estão a cargo de Renata Bernardes, a iluminação de Rogério Emerson e o elenco reúne Jackie Sperandio, Helena Delamare, Paulo Bernardo, Rogério Dolabella e Márcio Bove.

Na sexta-feira, no Teatro Tablado, será a vez de *Toma, que o mundo é teu*, texto e direção de João Brandão, com o grupo Trogló. A peça investiga "que poder tem o jovem de transformar esse universo que ele recebeu pronto?" São 15 atores, com idades variando de 15 a 18 anos, que "revelam os problemas do dia-a-dia dos adolescentes, a indefinição profissional, os primeiros namoros, a opção sexual, o relacionamento, nem sempre fácil, com os pais".

Gringo Cardia

Toma, que o mundo é teu: *dilemas da juventude*

MACKSEN LUIZ

Rio de Janeiro, 29 de outubro de 1989 — Ano II — Nº 89

NÃO PODE SER VENDIDO SEPARADAMENTE

JORNAL DO BRASIL

Casa e Decoração

A tela de Gonçalo Ivo na parede falsa, que cobre a visão para a porta da cozinha

Fotos de José Roberto Serra

Perfis de madeira e cortinas de algodão disfarçam o alumínio das janelas. Sancas e rodapés brancos nas paredes coloridas

Detalhes atraentes

Soluções criativas de baixo custo escondem defeitos e realçam a beleza dos ambientes

Ana Cláudia de Oliveira

Muitas vezes, ao ver fotos de decoração publicadas em veículos especializados, pensamos quase imediatamente em quanto seria preciso gastar para reproduzir ambientes tão bonitos e caprichados. É certo que os objetos de arte, antigüidades e móveis, quase sempre assinados, que **vestem** estes ambientes são muito caros. Mas os detalhes que realmente conferem o **chic**, servindo de base e fundo para os demais elementos da decoração, podem custar bem menos do que se imagina. Mais importantes do que parecem à primeira vista, detalhes rápidos, baratos e de grande efeito funcionam como uma **maquiagem**, servindo para esconder **os defeitos** e realçar a beleza dos ambientes.

Neste apartamento, localizado em rua tranqüila do Leblon, a reforma feita pelo arquiteto Caco Borges teve justamente esta intenção: "O cliente alugou este apartamento para passar grande temporada, enquanto espera o final da construção do definitivo. O apartamento oferecia bom espaço, mas era pobre em acabamentos, sem nenhum capricho ou **glamour**. Ruim mesmo de se viver. Paredes sem rodapé, tetos sem sancas etc."

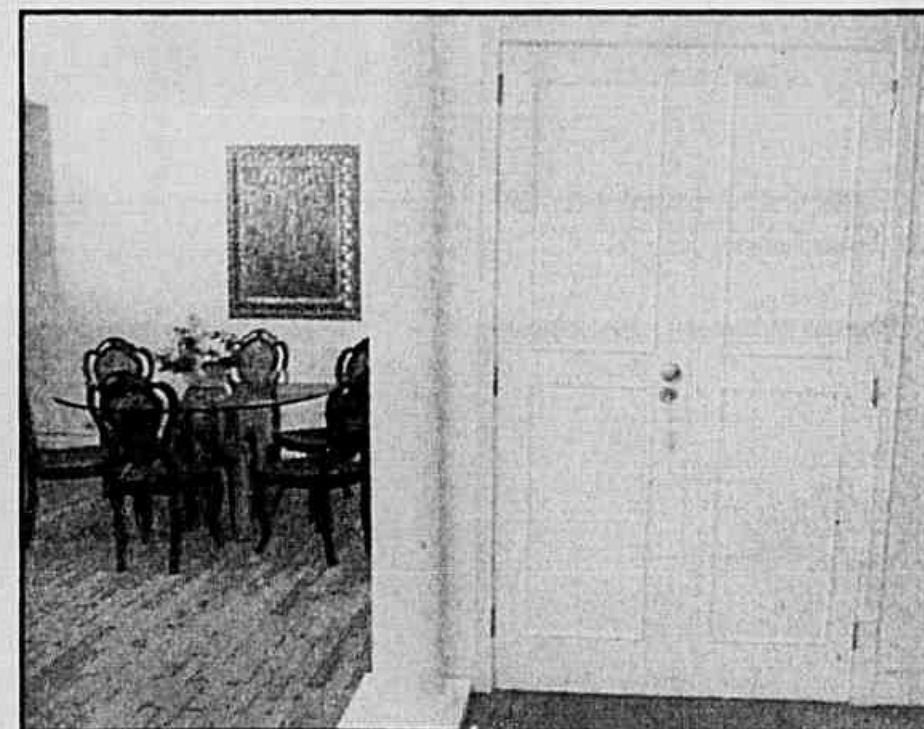
— Como é comum nas plantas modernas — continua o arquiteto —, a parte social tinha dois defeitos muito desagradáveis: a porta da cozinha dava diretamente para o living e faltava uma porta no corredor que liga a parte social à íntima sem porta. A partir de soluções baratas e racionais, em um mês o apartamento ganhou **nova vida**.

Ele cita alguns exemplos: "O hall, de bom tamanho, ganhou outra imponência depois que a porta de entrada, simples e sem graça de apenas uma folha, foi trocada por outra de duas folhas, com alizares trabalhados e maçanetas douradas de desenho clássico. Sem nenhum desperdício, a antiga porta foi aproveitada no início do corredor, para isolar a parte íntima. No living, para disfarçar a visão desagradável para a porta da cozinha, coloquei uma parede de compensado, criando nova circulação, que dá, agora, acesso direto ao ambiente de jantar".

O mau aspecto do acabamento da parte social foi resolvido com largo rodapé, sancas no teto e sofisticado sistema de iluminação. Este sistema, além de tornar todo o ambiente bem mais agradável, realçou ainda mais a beleza da coleção de desenhos sobre papel que enfeita as paredes. Nas paredes, uma cor suave, mistura de gotas de ocre ao branco. O piso comum de tacos de todo o apartamento foi tratado de maneira muito original e prática. Como nas construções do século passado, o arquiteto utilizou somente uma raspagem no piso sem nenhum outro tipo de acabamento. Além de ser bonito, isso facilita a manutenção, apenas com água e sabão.

No banheiro da suíte, horríveis azulejos estampados de cor berrante **enfeitavam** as paredes. O arquiteto conseguiu outro efeito, revestindo de fórmica e espelhos as paredes, trocando apenas as louças sanitárias por outras brancas. A fórmica do armário da bancada foi pintada de branco, de acordo com o novo colorido.

O piso de tacos ganhou tratamento diferente, apenas raspado. As colunas de gesso deram ainda mais imponência ao hall

Espelhos e fórmica sobre azulejos do banheiro. Louça branca e metais dourados

Nova porta com duas folhas, alizares trabalhados e ferragens douradas na entrada. A antiga porta separa agora o living da parte íntima

Onde encontrar

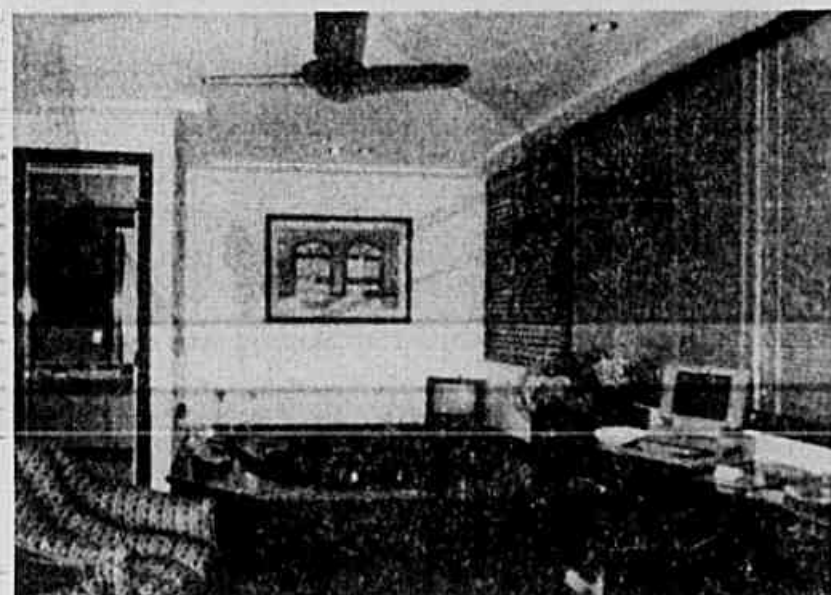
Arquiteto — 287-2094 e 287-8196
Projeto de iluminação — Pró-Ligth, Rua Bartolomeu Mitre, 325/105
Cortinas — Fio da Meada, 399-1339
Molduras — Filipe, 232-4570
Tecidos — Assortti, Rio Design Center, Avenida Ataulfo de Paiva, 270

Morar

Duplex tem espaço ampliado

Reforma conserva a estrutura da planta original mas com melhor distribuição para maior conforto e funcionalidade

Fotos de Geraldo Viola

O hall é separado do estar e da sala de jantar pela parede curva

No escritório, móvel abriga os computadores e os arquivos da executiva. A banheira de hidromassagem foi instalada sobre um deck.

Os interiores de apartamento duplex em prédio construído há apenas 10 anos, localizado na zona sul do Rio, foram remodelados pelo arquiteto Roberto Carregal para que a moradora, jovem executiva, tivesse espaços mais amplos e um lugar para trabalhar, além de realizar na casa nova antigo sonho de consumo: piscina equipada com hidromassagem.

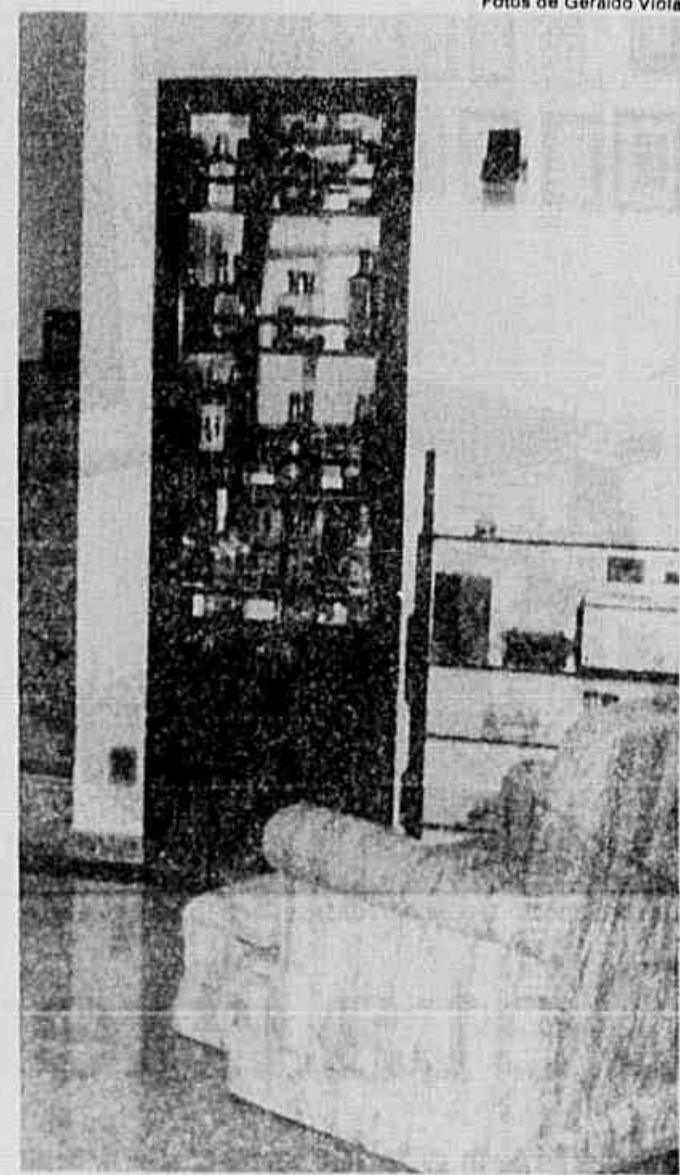
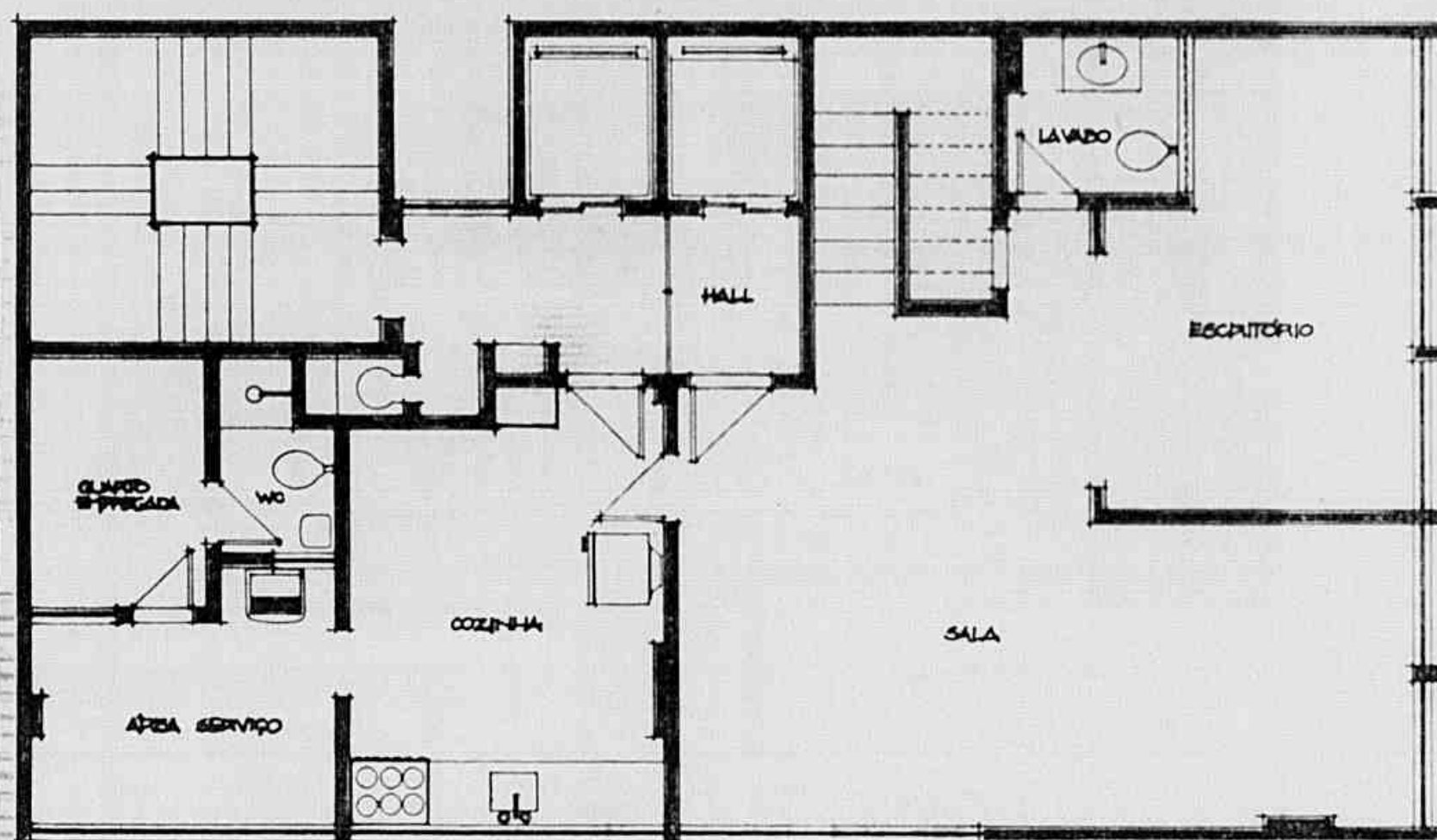
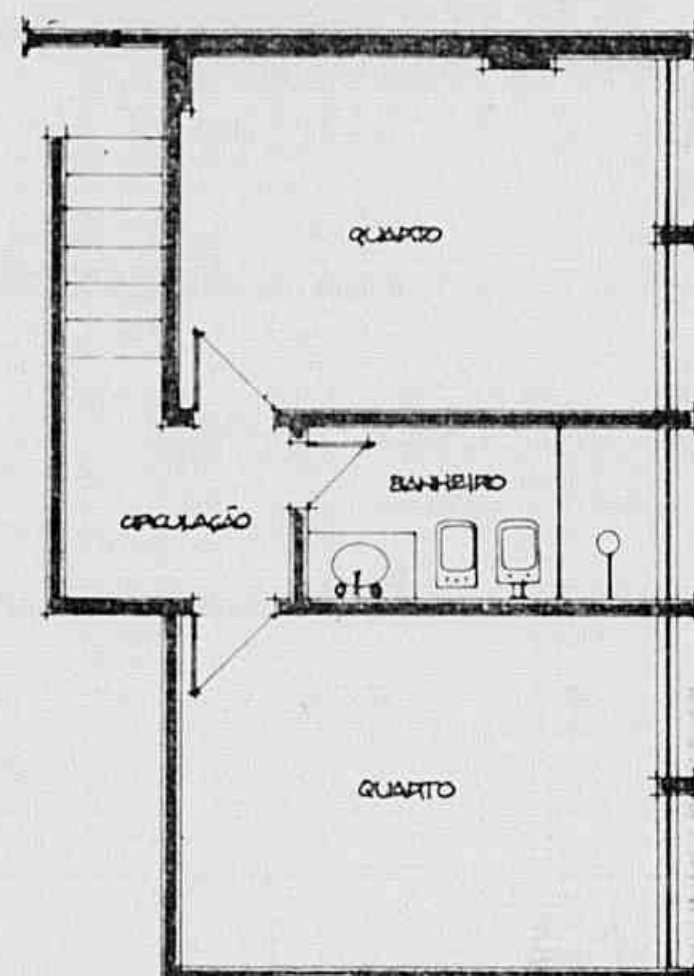
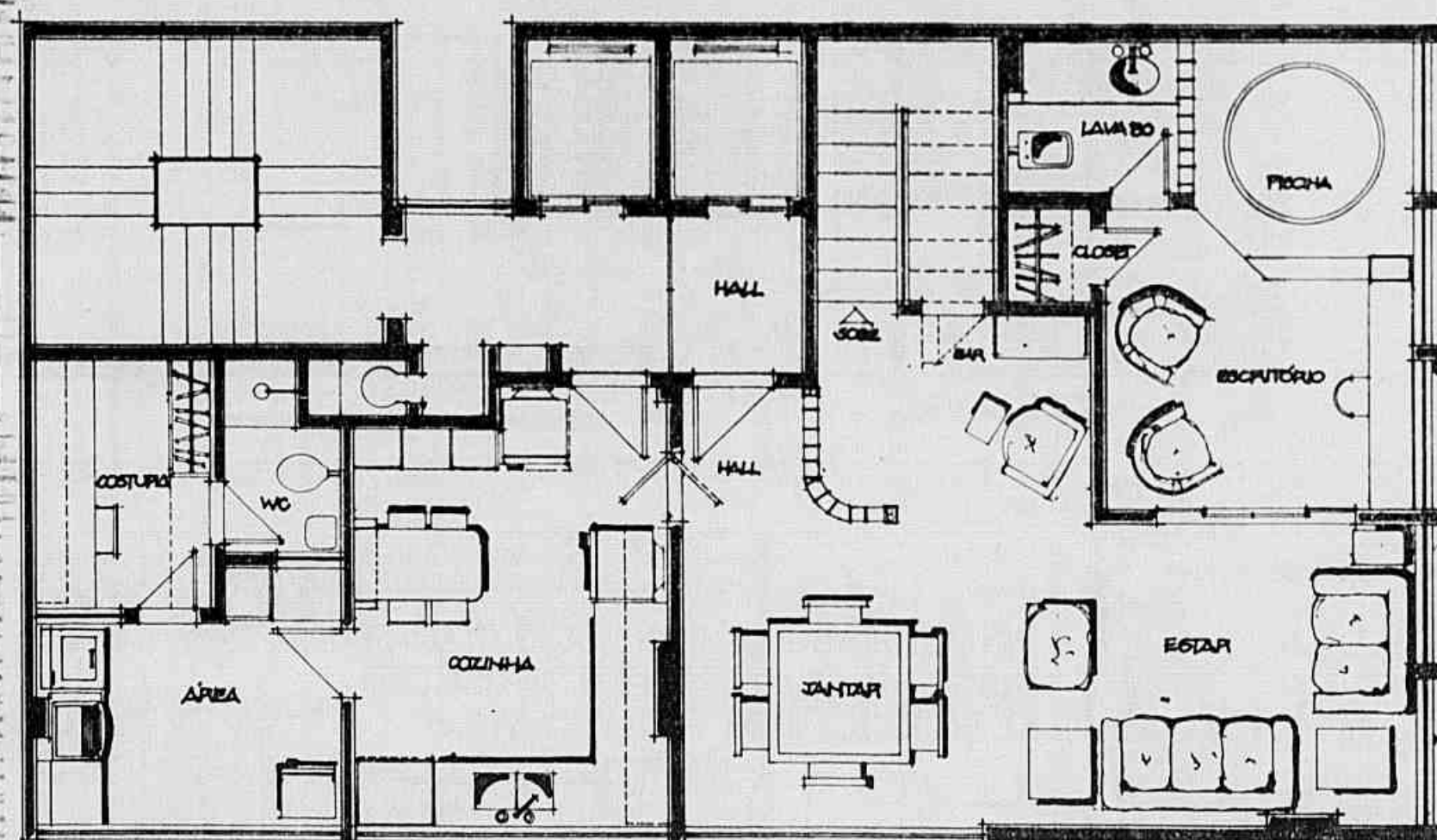
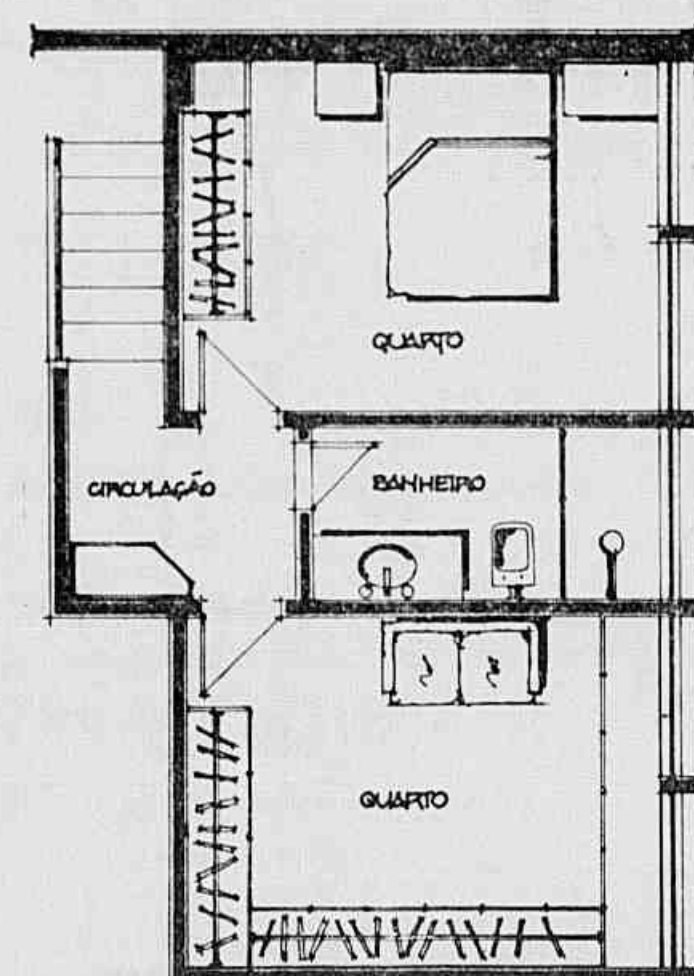
O arquiteto manteve a estrutura da planta original, mas com melhor distribuição dos espaços. No andar inferior, optou pela união das salas de jantar, de estar e escritório, separando os dois últimos ambientes por uma porta de correr. Para o escritório foi desenhado móvel especial, que abriga os computadores e os arquivos da executiva. Este ambiente de trabalho acabou ganhando também a função de sala de banho, pois nele foi instalada a piscina de hidromassagem, sobre um deck de madeira, criando área de lazer.

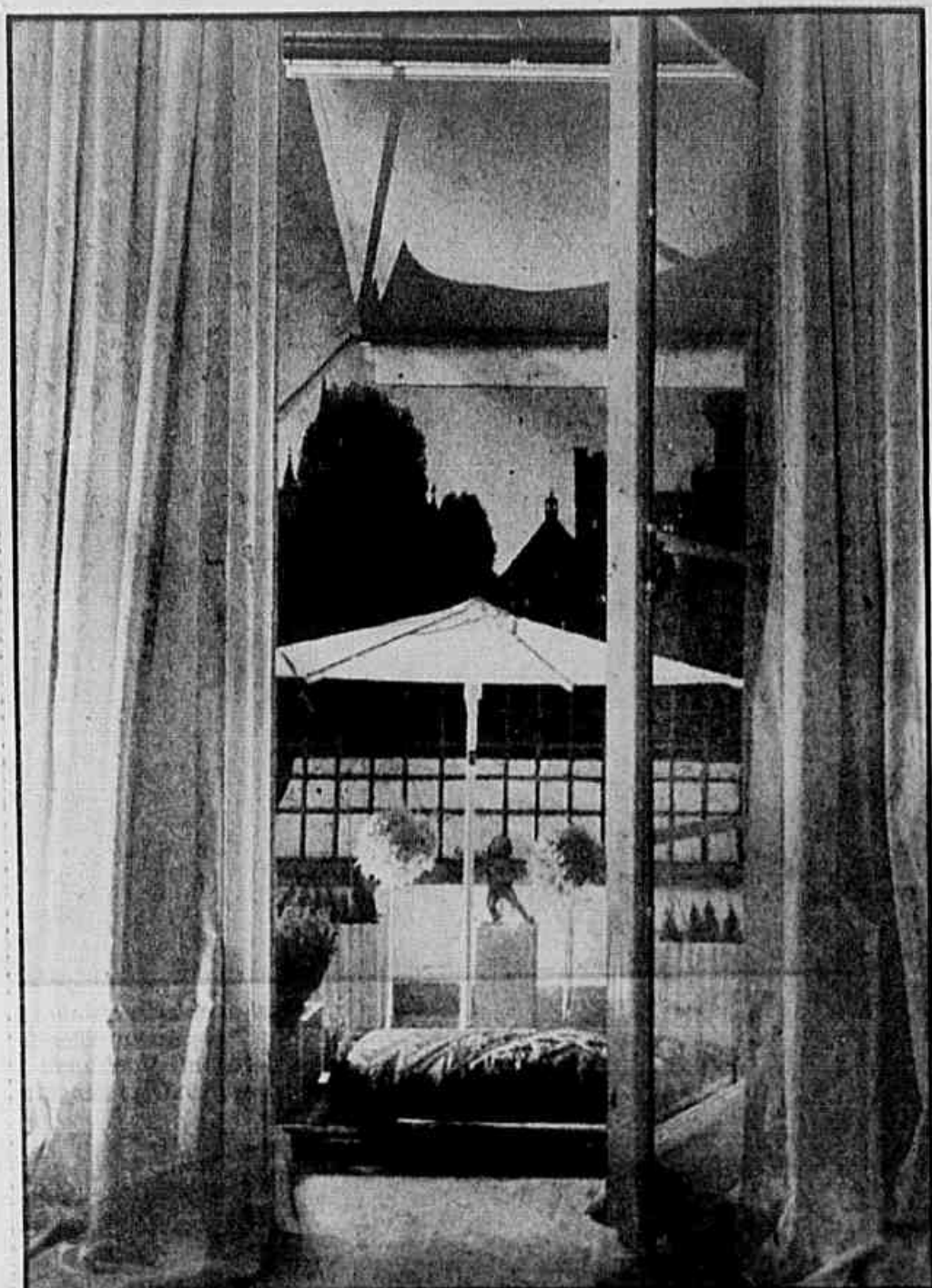
Uma das principais preocupações do arquiteto foi a de projetar ambientes confortáveis, funcionais e de fácil manutenção, sem prejuízo da beleza. Para isto, foram escolhidos materiais nobres e de grande durabilidade, como o granito que reveste todo o piso do primeiro andar, tintas acrílicas e fórmica para o revestimento das portas. O sistema de iluminação foi embutido no teto.

Como o imóvel tem ótima insolação, foram utilizados filtros solares em todas as janelas, além de persianas horizontais embutidas em molduras de madeira laqueada, desenhadas para evitar a excessiva passagem de luz. Para os dias quentes do verão carioca, todo o apartamento conta com sistema de refrigeração, além de ventiladores de teto.

Uma parede curva em tijolo de vidro separa o hall das salas de estar e jantar, garantindo mais privacidade aos ambientes. Esta parede também tem a função de luminária, por contar com sistema de iluminação interno, criando belo efeito. Visando melhor aproveitamento do espaço sob a escada, o arquiteto desenhou uma estante/bar, dando acesso ao compartimento para guardar cristais e pratarias.

A cozinha, extremamente prática, comporta todos os equipamentos eletrônicos, como freezer, forno de micro ondas, máquina de lavar louças, triturador etc... Os armários foram revestidos em laminado especial com molduras de laca. Já na parte íntima, no segundo andar, foram utilizados laminados texturizados e cerâmicas artesanais. Nos quartos com piso acarpetado, os armários foram revestidos com laminados texturizados, terminados com molduras boleadas em laca.

Como a reforma foi concebida em linhas arquitetônicas limpas e em cima das cores cinza, preto e branco, os objetos de decoração ficam em destaque. O telefone do arquiteto é 239-4698. (A.C.O.)

A estante/bar dá acesso a prático armário para louças e cristais localizado no espaço sob a escada

Primeiro nível — Antes

Segundo nível — Antes

Primeiro nível — Depois

Segundo nível — Depois

Fotos IMS/Câmera Press

O grande salão é interligado a belo terraço, de onde se admira Estocolmo

Mesa em estilo imperial russo, estante clássica e o Retrato de Kafka, pintado pelo americano Lee Jaffee

Com muito charme e imaginação

Móveis, cores, tudo é muito informal nesse apartamento, com perfeita harmonia entre o moderno e o clássico

Este é um apartamento caracterizado por estilo fortemente pessoal, inteligente e cheio de surpreendentes arranjos e soluções. Localizado no bairro Continental, lugar muito especial de Estocolmo, a capital sueca, em que casarões seculares estão repletos de história, ele provoca surpresa e admiração.

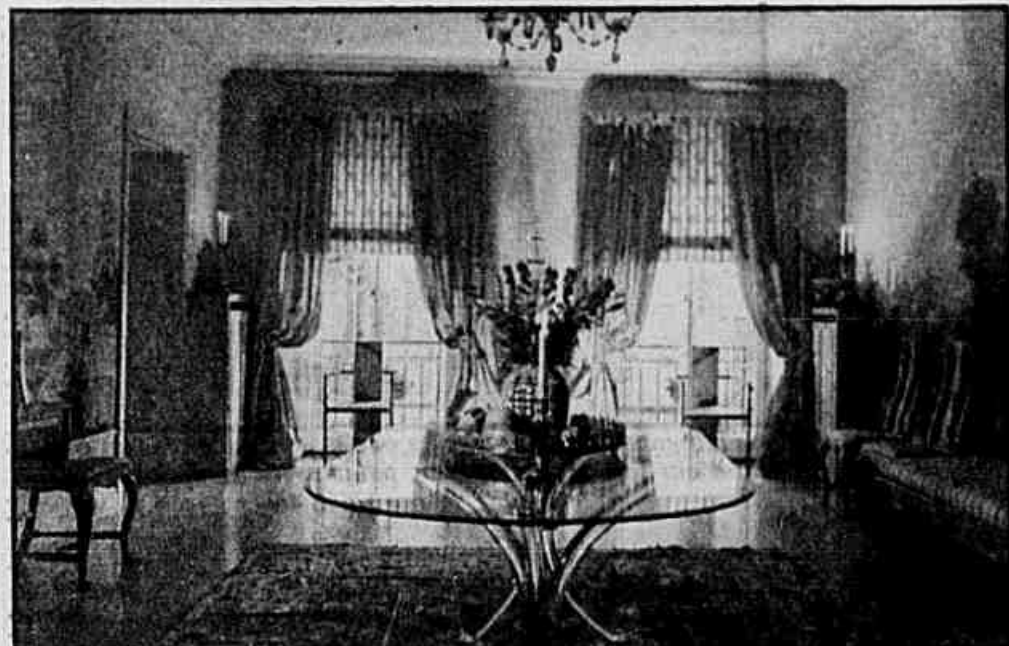
Seu estilo artístico, aparentemente despojado e informal, tem, na verdade, toque extremamente profissional. O proprietário, homem estreitamente ligado às artes e ao design de interiores, de gosto sofisticado e exigente, deu asas à imaginação para montar seu próprio apartamento.

Decoração, móveis, cores, tudo é muito informal e foge a todas as convenções e estilos conhecidos. É incrível o bom gosto do jogo que é feito entre o antigo mais tradicional e o moderno mais avançado. Em todos os detalhes, pode-se sentir a presença marcante de uma pessoa de bom gosto, um artista que encheu sua casa de idéias e inspiração.

Situado numa parte da cidade onde se concentram as mais antigas casas de estilo, o apartamento foi construído nos anos 30 e incorpora vários característicos da época. Um exemplo é a sala de estar, imenso salão dividido engenhosamente, com a utilização de pilastras ornamentais, em três ambientes. A criatividade e o bom gosto fazem com que as pilastras, mesmo estabelecendo divisões, não quebrem a sensação de grandeza. Os ambientes são distintos, mas ligados entre si.

A parte mais interior, a menos iluminada do apartamento, ficou servindo como espécie de pequena sala de estar e hall. No meio instalou-se funcional estante de livros, decorando o ambiente com grande painel, o **Retrato de Kafka**, do artista americano Lee Jaffe, aplicado sobre uma porta, e preciosa litografia tridimensional do conhecido artista Christo, artisticamente colocada acima de uma poltrona de estilo Gustaviano, do século 19. Esse é um dos cômodos mais elegantes, onde também se destaca mesa russa do período imperial sobre tapete persa Kasquai.

O terceiro ambiente, o mais iluminado, é dominado por duas grandes janelas e faz a ligação com vistoso e aconchegante terraço. Lá foi colocada a sala de jantar, dominada por grande mesa italiana de vidro, sofás e cadeiras em estilo rococó. Valioso tapete de Rabat, no Marrocos, do século 19, também chama a atenção.

O notável no apartamento é que, apesar das grandes dimensões, os cômodos irradiam intimidade e conforto, o que é reforçado por artística decoração à base de tecidos e cores, arranjos com flores, pequenos objetos e inteligentes soluções de iluminação, com a luz natural ou spotlights, criando interessantes contrastes entre luz e sombras.

Moderna mesa italiana, tapete marroquino e cadeiras em estilo rococó compõem a sala de refeições, iluminada por duas grandes janelas que dão para o terraço

Poltrona assinada por Pierre Frey e o painel Viva a montanha, do italiano Tatafiore, constituem as peças principais deste canto de leitura

Mesa do século 18, cão de cerâmica e bergère italiana

Fotos de José Roberto Serra

Metal volta a ser novo

Peças decorativas são recuperadas e ficam perfeitas com a galvanoplastia

Arliete Rocha

É muito comum ter em casa objetos decorativos, antigos ou novos, como bandejas e jarras de prata, cinzeiros de bronze, panelas de cobre ou peças de estanho, com aspecto tão envelhecido que criam a dúvida sobre valer a pena conservá-los. Mas eles podem ser perfeitamente recuperados, ficando como novos, depois de passarem por um processo de galvanoplastia.

Esse aspecto envelhecido se deve ao desgaste da fina camada metálica que geralmente recobre as peças confeccionadas em ferro e aço. Isso é causado pelo acúmulo de resíduos de poeira e gorduras ou é conseqüência da proximidade do mar, prejudicial a qualquer objeto metálico. E quando as peças chegam a esse ponto de desgaste, os produtos abrasivos não são eficazes para a limpeza.

Na galvanoplastia o objeto é limpo, com banhos de ácido, das resinas anteriores, gordura e poeira. A seguir é colocado em uma solução do metal com que será recoberto e, por meio de corrente elétrica, deposita-se uma camada sobre sua superfície. Esse processo é conhecido como douração, prateação ou cromagem, de acordo com o metal que será trabalhado.

Além de utilizada para recuperação de peças decorativas, a galvanoplastia pode ser feita em qualquer tipo de ferragem, como metais de banheiros e cozinhas, que sofrem muito desgaste devido ao vapor a que estão expostos, dobradiças, maçanetas, fechaduras de portas e janelas, ralos, chuveiros, etc. No caso de mudança na decoração, metais originalmente prateados podem se tornar dourados ou receber um oxidado em preto, bronze ou qualquer outra cor que combine com o novo estilo do ambiente.

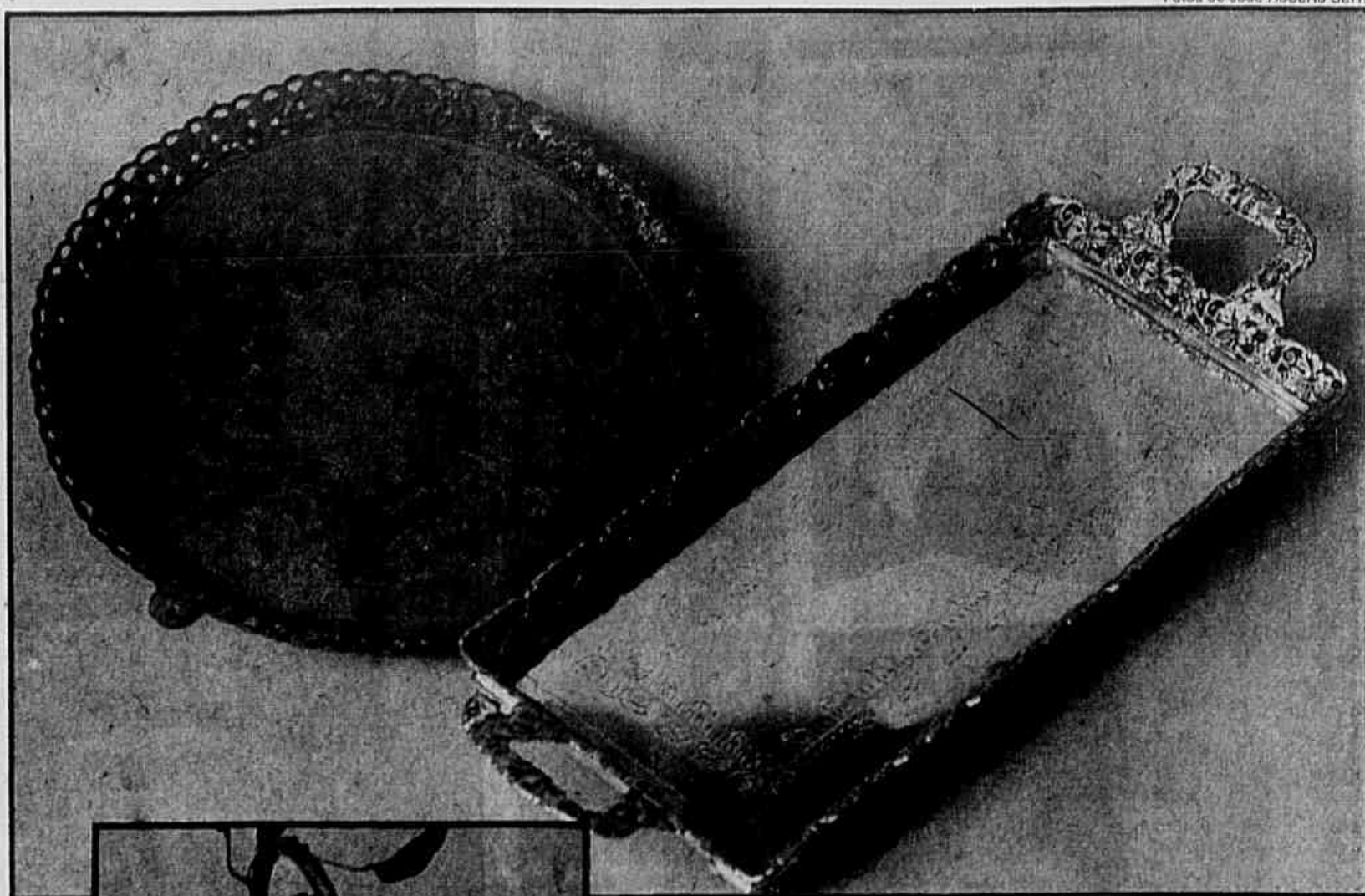
As vantagens desse tipo de serviço podem ser comprovadas pelo volume de trabalho das casas especializadas, na maioria abarrotadas de encomendas, o que determina prazos relativamente longos para devolução das peças. Quanto aos preços, é sempre bom pesquisar se o investimento vale a pena. Mas, geralmente, recuperar um objeto antigo fica mais em conta do que comprar um novo. Um lustre de tamanho médio em metal dourado, por exemplo, fica como novo por NCz$ 500. Já pratear ou dourar uma torneira sai, em média, por NCz$ 60. O orçamento é dado em função do tamanho, tipo de peça e do metal empregado.

Onde encontrar

Cromagem Berliner — Rua Voluntários da Pátria, 244-A, e Rua Barata Ribeiro, 593-B - telefone 246-9201

Metalúrgica Botafogo — Rua Real Grandeza, 166 - telefone 266-2007

Cromagem Brilhotex — Rua Barão de Mesquita, 893 - telefone 258-6259

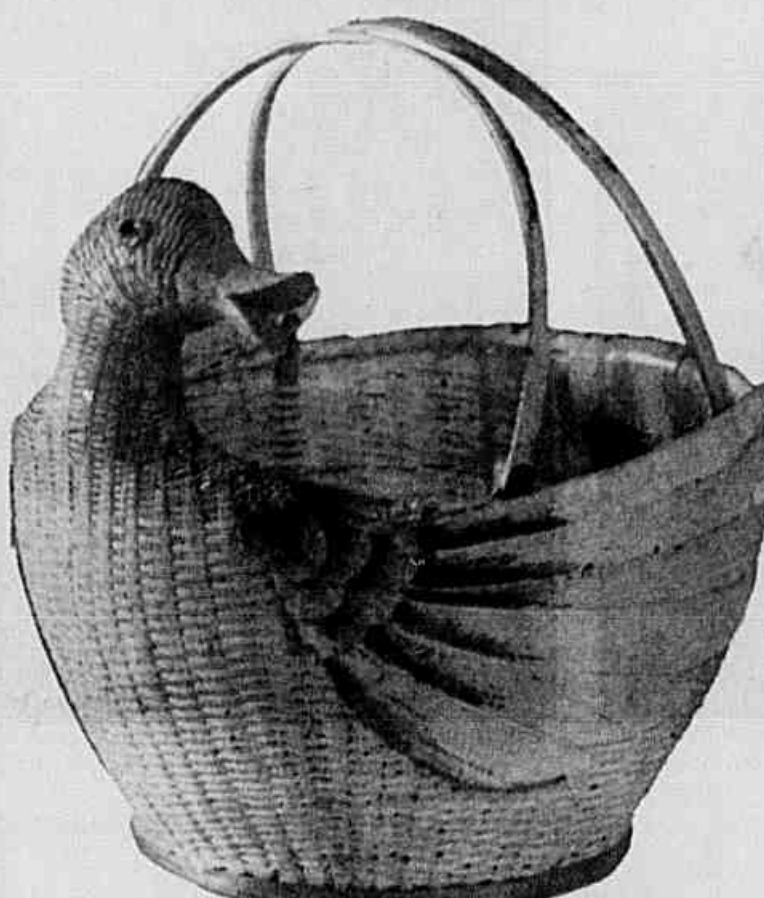
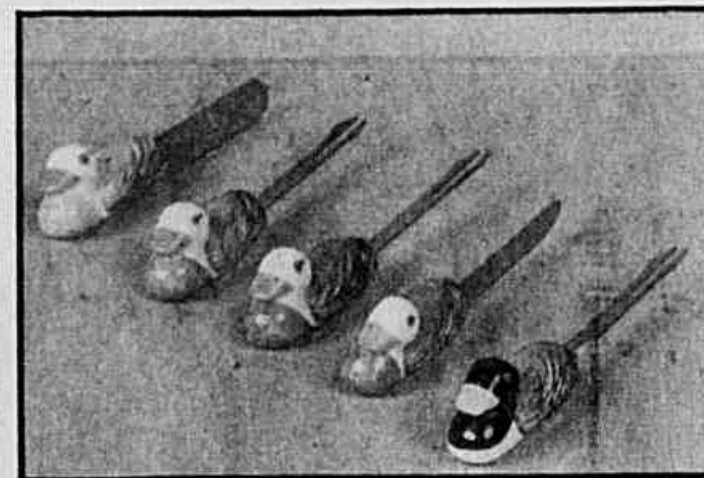
Cromação São Geronimo — Rua do Riachuelo, 22 - telefone 242-3859

A galvanoplastia restaura os objetos envelhecidos (bandeja redonda), deixando-os como novos (bandeja retangular)

Depois da douração, o relevo dos objetos antigos fica em destaque

O trabalho quase artesanal permite a recuperação de peças com delicados desenhos artísticos

O cobre, depois de galvanizado, recupera o brilho e o bonito tom rosado característico

Achados

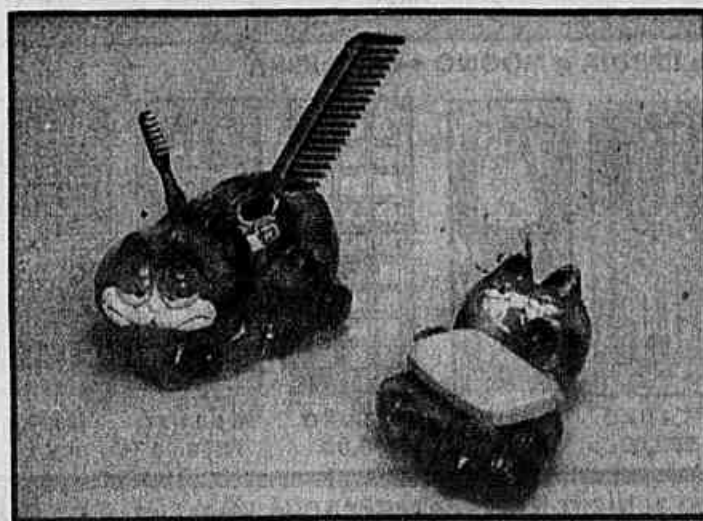
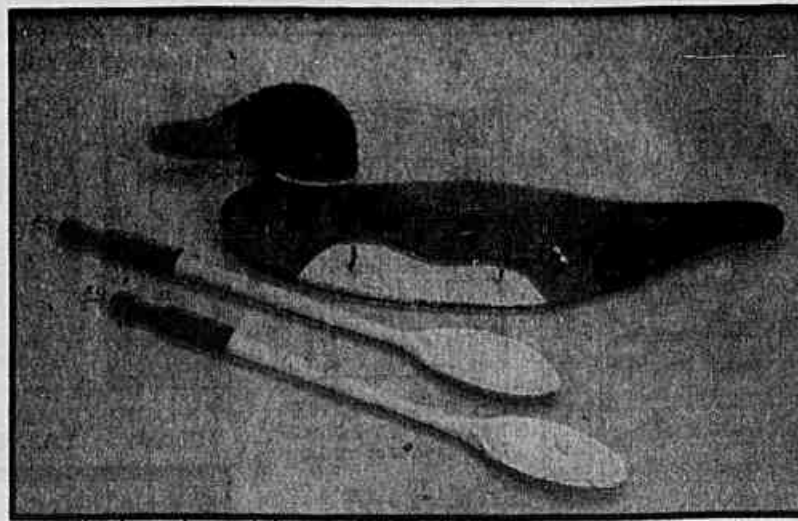
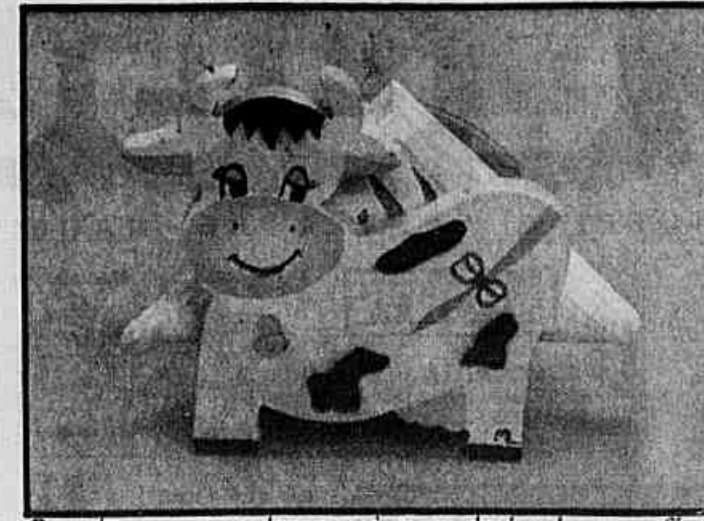
Para alegrar a cozinha, o galinho cozinheiro super colorido enfeita a cesta para pão. Por NCz$ 108 na Casa & Cia

Com bonito colorido e fino acabamento, a cesta de palha coreana em forma de pato. Na Toque por NCz$ 245

As faquinhas e garfinhos para pastas e salgadinhos têm o cabo em forma de graciosos patinhos de cerâmica. Na Casa & Cia por NCz$ 46

Onde encontrar

Casa & Cia — Rua Visconde de Pirajá, 303 - galeria

Puro Encanto — Rua Visconde de Pirajá, 580 - loja 117

Regina Presentes — Rua Visconde de Pirajá, 282 - loja E

Toque — Avenida Ataulfo de Paiva, 1015

Garfield é o personagem das peças para banheiros infantis. A saboneteira custa NCz$ 70 e o porta-escova de dente, NCz$ 75. Na Puro Encanto

A placa de madeira em forma de pato serve como suporte para as colheres de pau. O preço é NCz$ 180 na Regina Presentes

Para levar os guardanapos à mesa do lanche ou café da manhã, a vaquinha malhada de madeira recortada. Na Puro Encanto por NCz$ 100

Estilo com personalidade

Loja oferece móveis e objetos de casa para pessoas que não conseguem se adaptar ao lugar comum e à massificação

Isabella Vargas

Os teóricos garantem que o **design** e a arquitetura dos anos 90 serão humanizados e personalizados. Haverá valorização do conforto e da estabilidade, sem a marca da produção em série. E, sobretudo, o acabamento será perfeito — resultado da união entre a avançada tecnologia e o toque artesanal —, com multiplicidade de estilos e materiais. Esses conceitos, em forma de móveis e objetos para a casa, se tornam realidade na Interne, novo lugar no Rio onde predomina a fuga do lugar comum e da massificação.

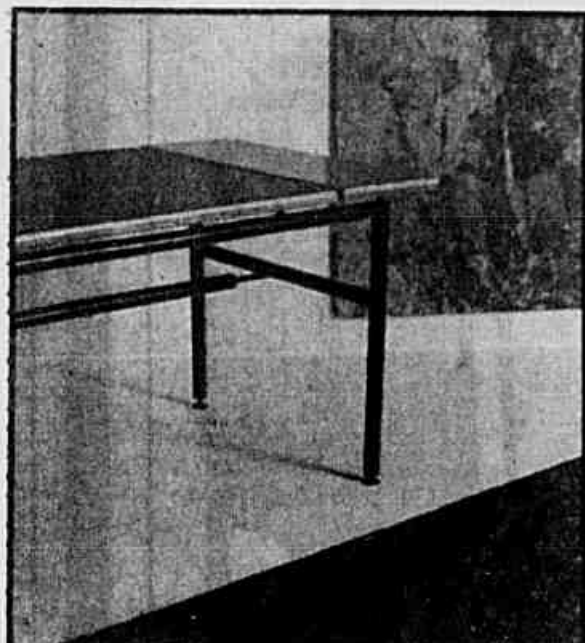
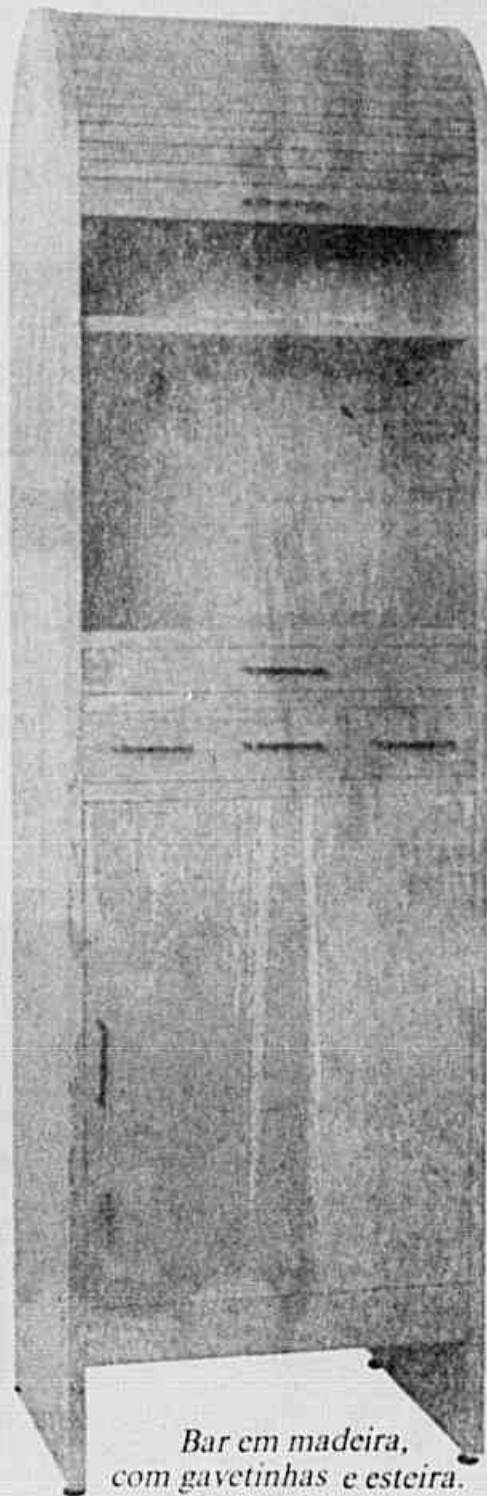
Idealizada por Maria Cândida Machado, a Dudu, arquiteta com pós-graduação em Florença na área de **design**, a loja — que parece um **loft**, com canos e dutos à mostra — se propõe a oferecer surpresas para quem gosta delas. Além disso, o **design** predominantemente paulistano estará lado a lado com obras de artistas plásticos como Mônica Lessa, Werneck, Jadir de Freire, Ítalo Trindade e Luisa Olliveto.

Por exemplo, quem cometeria a ousadia de ter pratos com motivos diferentes um do outro? Poucas pessoas, certamente. Para esses, Dudu importou de São Paulo louça da marca Quadrat, que também tem bandejas, talheres e porta-guardanapos de borracha negra, sempre seguindo lógica diferente. Não há nada de **escalafobético**, ao contrário do que pode parecer. "Meu objetivo é ter peças simples, mas com bom desenho por trás. Isso é o mais difícil", diz ela.

Dudu, bem relacionada em São Paulo, não fosse ela uma paulista há apenas dois anos no Rio, queria sobretudo ter na loja os móveis do conceituadíssimo Fulvio Nani, dono da Nani Movelaria. "Seu **design** contemporâneo tem simplicidade única", afirma. Além do bar em madeira, da poltrona tremendamente confortável, com braços removíveis e rodinhas, mesa lateral, que mistura vidro, mármore e ferro, e mesa de jantar para quatro, ela tem à disposição mostruário de fotos de uma dezena de outros móveis.

Mais uma paulista presente na Interne. Tata Marchetti recicla móveis hospitalares da marca Imec, criando banquetas, lata de lixo e carrinho-bar em cromados únicos. Além desses três nomes, Dudu sai à caça de outras produções em sintonia com a linguagem eclética da loja, que tem como fio condutor a preocupação com o **design** moderno, racional e inteligente. Ela quer fazer da Interne um lugar para o consumidor preocupado com a individualidade dos objetos e combinações originais.

Fotos de Geraldo Viola

Vasos e potes de vidro fosco preto são algumas das descobertas da loja Interne vindas de São Paulo. Ao fundo, pintura sobre jornal de Werneck

Mesa em ferro, madeira e fórmica. Em primeiro plano, tapete anos 50

Bar em madeira, com gavetinhas e esteira. Nani Movelaria

Banqueta e lixeira hospitalares recicladas pela designer Tata. A cor vem do quadro de Mônica Lessa

Do designer Fúlvio Nani, a poltrona com braços arredondados e a mesa de ferro, mármore e vidro

Mostra apresenta mesas de Natal

Está aberta até amanhã, nos salões do Hotel Othon, a 6ª Exposição de Mesas de Natal, organizada por Maria José Magalhães Pinto, Maria do Carmo Borges e Regina Brandão Soares. São mais de 40 mesas, montadas com o que há de mais requintado e artístico sobre o tema, reunindo decoradores, lojas especializadas e gente de sociedade. Para quem já está se organizando para o Natal, é boa oportunidade para se inspirar e ter novas idéias, já que estão sendo mostradas as mais variadas versões. De uma original **Ceia Russa** (foto), por Lúcia Rondon e Isabel Rocha Miranda, da Capim Cheiroso, até o **Café da Manhã Naútico**, por Julinha Serrado, da Yatching Gear. A exposição pode ser visitada das 14 às 22 horas, com a entrada custando NCz$ 15. Ao sair, o visitante recebe uma cédula para **votar** na mesa mais bonita. Como todos os anos, a renda será destinada ao Dispensário Santa Terezinha.

Tapetes orientais em exposição

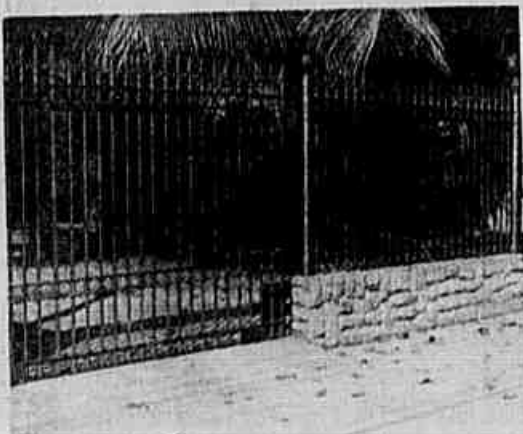
Até o dia 12 de novembro o Rio Design Center, especialmente no Rio Antiques Center, no **mall** e no **show-room**, estará coberto por preciosos tapetes orientais. São 12 mil metros quadrados de exposição da arte milenar do tear, iniciativa da loja Orient Express, que promove pelo segundo ano consecutivo a mostra **Os Tapetes Mágicos do Oriente**. Estarão expostos e à venda muitos dos quase 150 tipos de tapetes orientais existentes. **Isphahan, Ghoum, Tabriz, Nain, Belouch, Shirvan, Kashan, Kazak, Killin** e **Paquistaneses** serão alguns deles, novos e antigos, encontrados em grande variedade de cores, motivos e nós. Os organizadores garantem que os preços estarão 20% abaixo do mercado, com pagamento facilitado. Haverá também demonstração permanente de uma oficina de restauração. O Rio Design Center fica na Avenida Ataulfo de Paiva, 270.

PORTÃO ELETRÔNICO

ORÇAMENTO S/COMPROMISSO

INSTALAÇÃO E FIAÇÃO INCLUÍDA

SISTEMA DESLIZANTE

PROMOÇÃO 3 VEZES S/ AUMENTO

SISTEMA BASCULANTE

PROTEJA SUA RESIDÊNCIA INSTALANDO UM PORTÃO ELETRÔNICO DA

Eletrolarme

R GODOFREDO VIANA, 320
JACAREPAGUÁ - RJ

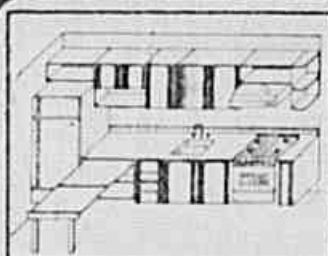
Tel.: 423-1855 E 423-1850

SISTEMA P/VOTANTE

Cozinhas Planejadas Armários Embutidos

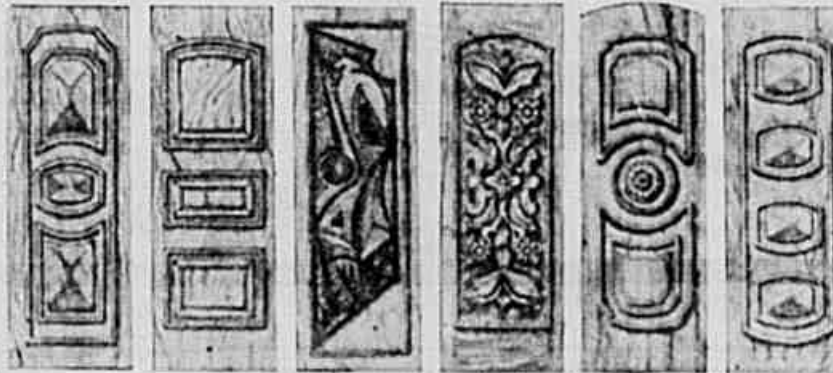
Direto da Fábrica
Sob medida
Revestida em fórmica ou madeira de lei
Não usamos aglomerado

SAMART MÓVEIS

* Fabricamos qualquer modelo de loja ou revista

Nossos armários em compensado são mais baratos que um similar em aglomerado

DOMINGO — TEL: 228-5364 FÁBRICA TEL: 772-4561

TROQUE SUA PORTA SOCIAL

VISITE NOSSA EXPOSIÇÃO, TEMOS MAIS 150 MODELOS EM SALÃO COM 1.000 M².
CEREJEIRA • CEDRO • CANELA • COMPENSADOS • PORTAS E JANELAS.
VENDEMOS MADEIRAS PARA TELHADOS APARELHADAS E CORTADAS.
◄◄ TEMOS COLOCAÇÃO PRÓPRIA. ►►

"QUALIDADE E BELEZA EM UM SÓ LUGAR"

FACILITAMOS EM 3 PAGAMENTOS.

•CARTÕES DE CRÉDITO • CREDICARD • DINER'S • OUROCARD • NACIONAL •TRISHOP ITAÚ •

FECHADURAS, TRAVAS, DOBRADIÇAS DAS MELHORES MARCAS. VENDEMOS FERRAGENS PARA ARMÁRIOS E MADEIRAS EM GERAL.

CONSULTE-NOS.

SALÃO DA CONSTRUÇÃO

◄◄ ATENDEMOS À DOMICÍLIO. ►►
Solicite o nosso VENDEDOR por telefone.

EST. PADRE ROSER, 233
V. PENHA • 391-1365 • 391-1640 391-1524 • 391-1169

ESTACIONAMENTO PRÓPRIO (JUNTO AO LARGO DO BICÃO).

VIDEOCASSETE? GRAVE ESTE NÚMERO.
CLASSIFICADOS JB
580-5522
ANUNCIOU VENDEU

ANTENAS

COLETIVAS E INDIVIDUAIS
• Instalação, Manutenção e Reparos
• Garantia de 1 ano
PAGAMENTO EM ATÉ 3 VEZES
LIGUE JÁ

Plantões sab. dom. e feriados

☎ 342-3238 Paulo ou Wagner

BOX

VIDRO TEMPERADO
SANTA MARINA
90 Anos de Tradição

PREÇO DE A VISTA EM 3 X S/JUROS

DEPORBOX

• Portas de vidro
• Espelhos
• Tampos de mesa
• Consertos
• Manutenção
• Ferragens p/vidro

SHOW ROOM R. Prof. Ester de Melo, 260/B — Benfica 248-6995/ 264-4902

TOLDOS IRAMAR

3x S/JUROS
DESCONTOS ESPECIAIS
P/ PAGAMENTO À VISTA

Toldos Magnata

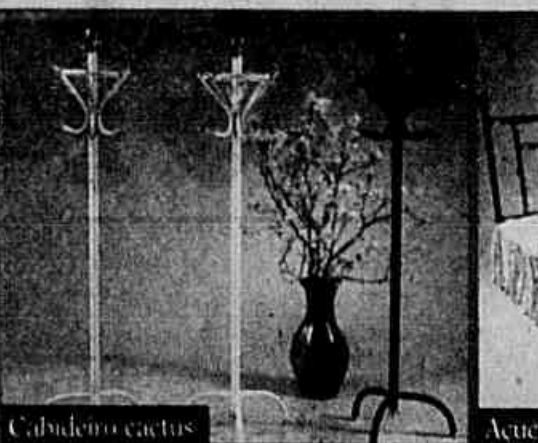
PROMOÇÃO P/CONDOMÍNIOS CONSULTE-NOS

15 anos de Bons Serviços
390-2700
Rua Maria Lopes, 338

Promoção Primavera

TUDO COM 35% DE DESCONTO

Palma solteiro

Dália latão casal

Cabideiro cactus

Açucena casal

Magnólia solteiro

Visite o nosso SHOW-ROON
Plantão Domingo das 8:30 às 16:00 hs. Tel.: (021) 712-9398

Compre direto da fábrica

Quando você encontra um móvel de ferro da GARDEN é amor à primeira vista. Com fabricação própria e tradição, aliamos: arte, beleza e qualidade. Com design exclusivo, possuímos mais de 30 modelos no estilo austríaco, com requinte e sofisticação, para valorizar o seu ambiente.

Aceitamos projetos exclusivos.
móveis com 1 ano de garantia

SHOW-ROON - Rod. Niterói Manilha BR-101 a 8 Km do pedágio. Tel.: 712-9398

NITERÓI - Sleep Móveis - Rua Dr. Borman, 23 e 27 Tel.: (021) 717-4158

FÁBRICA - Garden Artes em Metais Ind. e Com. Rua Oliveira Martins, 31. Itaúna - São Gonçalo - RJ.

Artver

Videomania

Videonotas

● Estão em fase de acabamento as obras para que São Paulo receba o maior laboratório integrado de montagem e duplicação de fitas do mercado brasileiro de *home video*: a Audiolar Produtos Magnéticos deixa Caxias do Sul e se instala numa ampla fábrica (3 mil m²) no bairro da Barra Funda. A partir de então, a empresa passa a se chamar *Video Produtos Magnéticos*.

Lirio Parizotto, presidente e introdutor no país da tecnologia da fita gravada sob medida, anunciou a instalação de um parque de 400 escravas duplicadoras. Estas serão divididas num sistema racional de lotes, para gravação simultânea de cinco programas diferentes. Ou seja: na verdade, a *Videolar Produtos Magnéticos* de São Paulo são cinco laboratórios em um, já que possibilita cinco gerações independentes.

● A logística concebida por Parizotto tem gerado um clima de tranqüilidade junto aos distribuidores quanto a prazo de entrega, em especial dos pedidos menores que, desta forma, podem ser executados facilmente, sem congestionar o sistema.

A Videolar Produtos Magnéticos monta as suas fitas a partir de *pancake* importado da JVC, e atende a distribuidoras, como a CIC Video, Cinematográfica F. J. Lucas, Look Video, Apel, America Video e várias outras.

A AUVICON 90 — feira de vídeo, áudio, cinema, fotografia e telecomunicações, que acontece em fevereiro, no Palácio de Convenções do Anhembi, São Paulo — já está divulgando alguns projetos a serem realizados por seus expositores. A distribuidora Video Arte do Brasil (*National Geographic Video* e catálogo da *MGM/UA*) anuncia a instalação de uma unidade de produção e duplicação de fitas em seus estandes, com área de 600 m². Já a Playmarket volta a expor a tecnologia do seu *Videowall*, uma pilha de oitenta e um monitores regidos por um sistema informatizado, chamariz eficaz para a exibição de clips ou linhas completas de produtos em feiras e eventos.

Lançamentos

Mercadores de Morte (Video Arte/MGM) — Desta vez, a Whoopi Goldberg que marcou presença em A Cor Púrpura é ninguém menos do que uma policial americana da divisão de narcóticos, com uma característica muito especial: prefere o diálogo à violência, à la Gandhi intercepta uma partida envenenada de cocaína e seu faro a leva ao milionário Conrad Kroll. Acontece que o seu senso de justiça é abalado quando ela se apaixona pelo agente de segurança do magnata.

Pee Wee (CIC Video) — O filme leva o nome do ator Pee Wee Herman, humorista norte-americano que, neste filme, faz um fazendeiro muito tranqüilo e ocupado em curtir seu bichinho de estimação: um porco. A vida ordeira de Pee Wee leva uma dinamizada quando uma caravana circense chega à sua propriedade. Estão no filme Kris Kristofferson, Susan Tyrrel e Valeria Golino.

Doces Ecos do Passado (Transvideo) — Trata-se do filme canadense mais premiado deste ano, com a estória de uma pianista (Celeste Beaumont) que adquire fama ao musicar os primeiros filmes mudos, no início do século. A direção é de Francis Mankiewicz, com Miou Miou, Gabriel Arcand e Jacques Penot.

O Frash da Morte (Globo Video) — A enésima diluição do *Psicose* de Hitchcock, o Malucão, desta feita é um fotógrafo que abomina (ou idolatra?) a mãe, e fica uma arara a cada vez que uma mulher se interessa por ele. Resultado: sai matando a torto e a direito, enquanto um bando de tiras medíocres estão consumindo a verba pública em jantares ao invés de caçá-lo.

Moscou Contra 007 (Warner Home Video) — Bond, meu nome é Bond. Desta vez o gostosão recebe a espinhosa missão de auxiliar uma bela dissidente russa a escapar das garras de um agente da KGB, que está no encalço de Bond, também. O filme é tido por muitos como o melhor momento de Sean Connery na pele do implacável 007.

Moscou contra 007: um dos melhores da série imortal

Mercadores da morte: mais diálogo e menos violência

Indiscrição (Herbert Richers Video) — Refilmagem da comédia água-com-açúcar de 1958 (com Cary Grant e Ingrid Bergman formando a dupla romântica). Robert Wagner e Lesley-Anne Down: ele o diplomata norte-americano casadão, e ela a atriz inglesa apaixonada. Impasses, vingança e tudo mais, numa produção muito bem-cuidada que justifica que o roteiro tenha sido revisitado.

A Cara do Pai (Herbert Richers Home Video) — Um inesperado filho negro para um pobre judeu que consegue enriquecer subitamente, dando o golpe do baú numa milionária. Com George Segal, Susan Saint James e Jack Warden.

Passageiros do Inferno (Herbert Richers) — Christopher Lee, James Mason, Malcolm McDowell, Anthony Quin. Um elenco recheado de talentos para esta síntese de aventura e suspense, ambientada na II Guerra. Um pastor ajuda um cientista e seus familiares a escapar dos nazistas, através dos montes Pirineus.

Doces ecos do passado: uma obra premiada do Canadá

NITERÓI NEWS

Ano I — nº 1 | Rio de Janeiro, 29 de outubro de 1989 | PUBLICIDADE

A Outra Face

Conceição Estefan

Uma visão simplista e o eterno rótulo de "luxo" ou "supérfulo" têm acompanhado a cirurgia plástica desde seu nascimento até o notável avanço de técnicas e conceitos. Mas, na verdade, o que traduz a necessidade de reestruturação física para satisfação própria? Na entrevista que se segue, com o médico Antônio Segura, as técnicas não são endossadas, e sim o aspecto psicológico que envolve a questão. Procuramos revelar o que leva milhares de pacientes às clínicas de cirurgia plástica e desmistificar de uma vez por todas a idéia de simples capricho da classe alta.

NN — O que leva uma pessoa a procurar o cirurgião plástico como uma solução para problemas internos?

Dr. Segura — Quando um paciente nos procura é porque precisa mudar algo em seu corpo que considere essencial para sua segurança e afirmação como pessoa. Somente o paciente sabe o que gera conflitos, o que incomoda e provoca preconceitos e complexos. Num país em que o clima, o mercado de trabalho e a moda exigem das pessoas o corpo, ocorrem muitas frustrações. Nós culpamos a matéria pelo que a energia não é capaz de realizar. Se sentimos dificuldade em nos relacionar com as pessoas por estarmos insatisfeitos com nossa aparência, cobramos uma atitude. O relacionamento com as pessoas é a vida, e, se as relações vão mal, culpamos o próprio corpo.

NN — Como o cirurgião plástico atua no aspecto psicológico do paciente?

Dr. Segura — O cirurgião deve conscientizar o paciente de seus desejos e conflitos internos. O médico procura colocar a pessoa dentro da própria realidade, e não vender ilusões. Não é "tirar" ou "botar", e sim encerrar os conflitos e perturbações que uma causa estética pode acarretar no ego do paciente. Atuamos neste momento como a balança entre o ego e a matéria.

NN — A cirurgia plástica ainda é considerada luxo por muitos.

Dr. Segura — Não é um luxo. É uma necessidade num momento de reflexão. Se criticam que é vaidade, é porque não precisam ou não podem. Para muitas pessoas a cirurgia plástica é uma necessidade dentro de um mundo competitivo. Muitos precisam de um rosto jovem para exercer suas atividades. Outros querem sentir-se seguros para o relacionamento conjugal ou com amigos. Se um fator estético compromete nossa auto-estima, estará afetando também a relação com o mundo externo. Atrás de um corpo há uma alma, e reestruturando o corpo estaremos equilibrando a alma. As pessoas querem parecer para a comunidade como se vêem ou gostariam de ser vistas.

NN — A cirurgia plástica é cara e está restrita a um seleto grupo. E os que têm baixo poder aquisitivo? Estariam destinados a enterrar seus anseios?

Dr. Segura — A cirurgia plástica não é inacessível. As pessoas preferem investir em si mesmas. O que gastariam com vestidos é o que gasta com a cirurgia. Muitas vezes a pessoa gasta com maquilagem, roupas, mas sempre que se olha no espelho não se sente bem. Com uma aparência que traduza seus próprios anseios, ela não precisa de uma produção tão elaborada. A reestruturação estética coloca a pessoa "para fora". Ela sente-se bem em qualquer roupa se o ego estiver equilibrado.

NN — Muitos querem um nariz "assim", ou parecer com "alguém". Como frear expectativas que muitas vezes podem ser desastrosas?

Dr. Segura — Antes da cirurgia é essencial que médico e paciente conversem sobre motivos, desejos e medos que envolvam a operação. Nossa função é "frear" as fantasias. Devemos conscientizar o paciente e fazer com que ele carregue a cirurgia, e não seja carregado por ela.

Se um nariz não fica bem para o paciente, é preciso "frear" as expectativas, sem no entanto desencorajá-lo. É importante levar em conta o aspecto psicológico que envolve a cirurgia. O paciente chega até nós pretendendo resolver seus conflitos internos. A cirurgia vai ajudá-lo neste processo de interação do ego com a matéria. Problemas de ordem psíquica muitas vezes tem origem no corpo, mas somente quem sente pode dar a dimensão de importância desse aspecto, e resolver intimamente.

● *Com 25 anos de especialização em cirurgia plástica e mais de 20.000 cirurgias, o médico Antônio Segura ocupa lugar de destaque entre os mestres desse setor. Da escola de Pitanguy aos tempos atuais, Antônio Segura assistiu e participou do desenvolvimento da cirurgia plástica no Brasil, viu muita coisa "aparecer" e "sumir", até que esta se tornasse a melhor do mundo. Junto a conceituados médicos de nossa cidade e de outros Estados, este peruano de nascimento radicado em Niterói há 31 anos tem sua trajetória marcada por experiências que contribuíram para o avanço da cirurgia plástica. Fora de seu consultório no Center IV, Antônio Segura dedica-se a atividades voltadas à comunidade, como a fundação do Clube Latino-Americano, que tem como objetivo integrar imigrantes em nossa sociedade. Cultua artes plásticas, pratica tênis e barco a vela e ainda lhe sobra tempo e interesse em transmitir aos jovens médicos toda a experiência que armazenou durante tantos anos de competência, dedicação e responsabilidade.*

CAPA: A Odontóloga Tatiana Estefan Silva com belíssimo conjunto em ouro, safira, brilhante e pérolas da Joalheria Niterói design exclusivo de Marion Pochaczevsky e cabelo e maquilagem de Milzana Mello Souza.

Produção: Denize Garcia **Fotos:** Magno Mesquita

ZELMA MACIEL

NOIVAS • DAMAS • MADRINHAS

CINE CENTER — 2º PISO — TEL. 710-9367

Uma passagem para o Nordeste

Conceição Estefan

As praias de Itapuã, as dunas de Maceió ou a rica fauna de Manaus não são mais cenários exclusivos para apreciarmos um bom tempeiro. A estação tão esperada por milhares de saudosistas ou turistas agora se estende por todo o ano. Não se espera mais para conhecer os segredos da comida típica do Norte e Nordeste.

Uma rápida passagem para as tão cultuadas regiões não é tarefa difícil. É possível ver desfilar à nossa frente o enorme leque de opções que a cozinha típica pode oferecer. No coração de Icaraí encontra-se um pedaço autêntico que reúne o ambiente familiar, o sabor marcante e a fartura convenientes ao bom nortista.

A ausência no passado de casas especializadas em nossa cidade aguçou a iniciativa do engenheiro Pedro Bosco Mota Pinto e sua Elma. Roraimense convicto, Pedro "atravessava a ponte" todas as vezes que queria relembrar a comida que sua mãe D. Nitinha preparava quando ainda moravam no Norte. Mesmo buscando locais conhecidos, eles não encontravam autenticidade. Daí partiu a idéia de abrir em Niterói um espaço que conciliasse honestidade e qualidade, ao mesmo tempo em que desmistificasse a imagem de comida "farinhenta e carregada".

Deu certo. Já na inauguração do Restaurante Mandacaru, 200 pessoas foram conferir. Sob a batuta de D. Nitinha, tornaram-se conhecidos os pratos de resistência do cardápio do Norte e Nordeste. De Manaus, chegam semanalmente os peixes, crustáceos, frutas e a famosa carne de sol, que vão dar origem aos especialíssimos "Pirarucu de Casaca", típico do Amazonas, e "Pato ao Tucupi", do Pará, a irresistível "Carne de Sol com Macaxeira", do Agreste, e o tradicional "Vatapá" da Bahia. Os petiscos são vedetes da deliciosa cozinha. Todos os dias grupos animados saboreiam bolinhos de pirarucu, queijo de coalho na brasa e a casquinha de carangueijo com geladíssimo chope. Os molhos dão o toque especial e vão muito além do dendê, antes o único conhecido por leigos e curiosos. Fechando com chave de ouro, as frutas como açaí, mangaba e cupuaçu mostram "o quê que a baiana tem".

O Restaurante Mandacaru recebe desde apreciadores da difícil arte culinária até conterrâneos nostálgicos que querem relembrar a cidade natal. O clima acolhedor e a descontração,

O casal Elma e Pedro Bosco Pinto com o filho Oliver

sempre preferidos pelo bom entendedor, e músicas de compositores nordestinos consagrados, como Caetano Velloso, Luiz Gonzaga e Gal Costa, além de lambadas contagiantes, embriagam nossos sentidos e é possível na primeira garfada transportar-se para as águas mornas da tão cantada tropicália. Você já foi ao Norte e Nordeste?

● **O Restaurante Mandacaru abre de terça a domingo, para almoço, jantar ou para apreciar-se bons petiscos. No horário comercial são servidos pratos e quentinhas com as mesmas opções a la carte, com preços reduzidos. O Mandacaru fica na Rua Mariz e Barros, nº 66, Icaraí, telefone 711-4409.**

Restaurantes DOS DEUSES...

Sugestões especialmente provadas e aprovadas pelos melhores gourmets da cidade:

- Capelletti Napolitano e Hadock Del Capo da **Trattoria Torna**
- Peixe frito com champignon e broto de bambu e Chinese rice noodele Supe do **Tigre de papel.**
- Carneiro a moda árabe e esfirras do **Haji-Baba.**
- Filet de Linguado ao Caribe e frango grelhado com milho à la creme do **Sacada.**
- Pato ao Tucupi e carne de sol do **Mandacaru.**

Philipp Blanco

Pulsações

◆Aqui vão *lances, manhas* e *cults* que recheiam a vida, ditam a moda e provocam frisson da *nata* de nossa cidade...

◆Chegam do *Oriente Médio* Deusa e Jadir Bruno, entre animado grupo formado pela *expert* em tour Leila Siqueira. Sem esfriar os ânimos, Leila já comanda outra viagem para Aruba e Miami, em novembro, pela Leilatour.

◆*Gatíssima Kiki* Fabricio almoçava no Tigre de Papel em comemoração à formatura em Veterinária. Faziam parte da mesa a mãe Marilene Fabrício, ex-Miss Niterói, Rosely e Alberto Lombardi, Dayse e o médico José Figueiredo.

◆*Estreou* com sucesso a banda "Terceiro Lado" no Teatro da Associação Médica Fluminense. O visual *superelaborado* dos quatro (gatos) integrantes e a performance do grupo acrescentaram talento e ousadia à MPB. *Nos bastidores vibravam* as empresárias Sandra e Thereza, leia-se Coral, responsáveis pelo *look* dos rapazes. Em tempo de lançamento, criaram também a coleção verão 90, em crepe e javaneza, no melhor estilo oriental para a Coral.

◆*Disseram sim* na Basílica de N. S. Auxiliadora a bonita Geórgia Costa e Roberto Marques. Ela segue os passos da mãe Helena Costa na assinatura de *décor*, ele divide seu tempo entre aulas de tênis que dá para importantes alunos e apresentações na *batera*. Lua-de-mel em Porto Seguro.

◆A bonita Regina Gregg *arrancando elogios* em concorrido salão, entre sedas assinadas Cacau 7. Da etiqueta *seguem detalhes* elaborados pelas empresárias Martha Rodrigues e Margareth Salgueiro: *coqueluche* por conta dos tons terrosos, clima exótico no puro estilo oriental, *pants e tops* eleitos para a nova estação, camurça e couro em modeladores e ousados corpetes e acessórios, seda e javaneza trazem bons, e *provocantes*, fluidos.

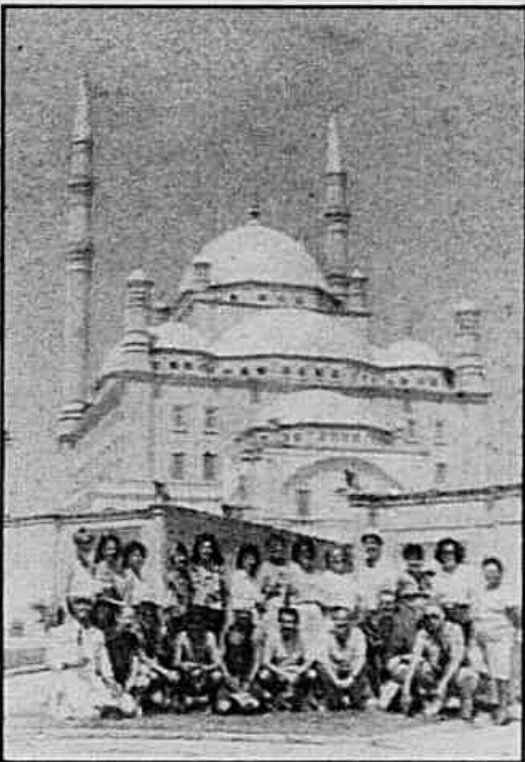
◆*Finalizando décor* da mansão em Campos, Cláudia Assed Nametala e a filha Laura chegam na *city* para compor a sofisticação entre quatro paredes. Coleção de cama e banho personalizada, com bordados e pintada à mão, *griffe* Muguet, deu *touch* romântico aos quartos de mãe e filha.

◆*Irretocável dia D* para Ida Sahyoun e Leonardo Vieira Rosa, na Capela Santa Inês, da Gávea. *After*, coquetel na mansão com salões em três pavimentos da família do noivo. Curtem agora Maceió.

◆Moda *masculina estoura* por esses lados em criatividade e elegância. No setor, os jovens empresários Marcelo e Alberto Mansur *abocanham fatia* do mercado com proposta que agrada aos mais exigentes: linhas clássicas e griffes consagradas. A dupla emplacou e firma as marcas Lui e Só Calças. O novo clima traz novidades para os *vaidosos assumidos*: cores claras para ternos, coletes estampados, calças amplas e linhas arredondadas para lapelas.

◆O *new look de Aparecida* Victório está nos grandes jornais e revistas do país. O sucesso tem sido grande e a curiosidade dos que não viram é geral. A beleza delicada de Aparecida é retocada pelas mãos do médico Ludovico Victório. O método é a micropigmentação e outras adeptas *engrossam a agenda* das clínicas de Ipanema e Niterói, na Feliciano Sodré, sob direção de Aparecida.

◆O odontólogo Ruston Venânci *entre amigos noite dessas* no show de música ao vivo da Boite Aquarius. Presenças anotadas para a comemoração do *niver* de Anelita Pedroso na boite: Simone Sabroso e Paulinho, Bia Prestes e João Albernaz, Marco Túlio Silva entre outros.

◆*Intimé*. A sedução está *em alta*. A mulher abandona o visual andrógino e abusa de doces artifícios para valorizar seu corpo. A *ordem* é insinuar, sem tornar-se óbvia. Transparências e detalhes sutis contribuem para um ar sedutor, e ao mesmo tempo prático. *Invadem o mercado* rendas e sedas nas coleções de lingerie, com *griffes* exclusivas e inovações tecnológicas. Aqui chega pelas mãos de Sara Przivwiescj, de "A Sombrinha".

Grupo liderado por Leila Siqueira — LEILATOUR — em recente viagem ao Oriente, (Mesquita de MAHOMED ALI, Egito).

◆*Inúmeros convivas* disseram sim ao enlace de *Kátia Vianna* Schott e *Marcelo de Toledo* Piza Watzl, na Basílica Nossa Senhora Auxiliadora. Recepção elegante no Rio Cricket, co-anfitriavam Dina e Paulo Cézar Schott, Regina e Carlos Watzl.

◆A estilista Patrícia Accorsi emprega todo talento adquirido em Curso em *Milão* na produção da coleção verão da *griffe* Lenna Accorsi. No *ateliér*, mãe e filha inovam os *mandamentos da haut couture* e traduzem para nosso clima as tendências das capitais da moda. Pareôs, pantalonas e saias envolventes em sedas e musselinas destacam pernas e umbigo, *tops* e amarrações dão *touch oriental* e sofisticado às criações. Vale conferir.

◆*Atraindo olhares* o gentleman Oscar Motta, muito *bem acompanhado* em jantar noite dessas. Elegantérrimo em blazer em tom pastel, da *griffe consagrada Christie*.

◆A empresária Georgete Tauil *chegou de viagem* trazendo na bagagem inovações *cultuadas na Europa* para lançar aqui coleção em calçados para a Pippin e a Bali. Assinaturas consagradas e qualidade têm prioridade nas linhas adotadas por Georgete, que *traduz* no trabalho a elegância que carrega sempre consigo.

◆Empresário *dinâmico Maynard* dos Santos imprime tradição e design arrojado na linha de spots e luminárias da Casa Primus. Iluminação para residências, escritórios, comércio e indústria fazem parte das últimas novidades do mercado. Este mês, a Casa Primus coloca os spots em promoção.

◆A empresária *Marion* Pochaczevsky é responsável pelo *design das jóias* luxuosas da Joalheria Niterói, que tem na direção o filho Marcelo.

◆Também em tempo de *lançamento*, a Corporeum com moda jovem e versátil.

◆A Tiltex, no Plaza, lança toda a linha Levi's em jeans, camisas e acessórios. Anotem.

◆Canto da *Morena* traz novidades em conjuntos do *eterno* jeans, acessórios, malhas e sedas. Com *proposta* de versatilidade, a etiqueta inova em modelos práticos que vão a todas as ocasiões.

Notadas e Anotadas

● *Foi inaugurado o 1º Fraldário de nosso Estado. Já sucesso em São Paulo, a iniciativa aqui chegou via Plaza Shopping, com apoio Johnson & Johnson. No espaço do 4º Piso do Plaza, as mamães podem cuidar dos bebês, trocar fraldes, amamentar, com a máxima higiene e assistência de pessoal especializado. O projeto visa a maior tranqüilidade para os que levam "bebê a bordo".*

● *Destaque para a "Festa da Primavera". A estação trouxe para o Colégio Oswaldo Cruz criatividade e dedicação de alunos e professores. Vários temas foram dramatizados, como "Flor, amor e carinho" e "O apelo da Natureza". O pré-escolar desenvolveu a técnica Brinquedo Cantado, "A linda Rosa Juvenil", e lançou-se na passarela para mostrar coleção primavera-verão. Os baixinhos da alfabetização e 1ª série causaram frisson com ginástica rítmica, e os da 3ª e 4ª séries fecharam com "Estrelar", ginástica aeróbica, não deixando um só músculo sem trabalhar. O fôlego dos pimpolhos foi orientado pelos professores Rosana Inara, Suely Mendonça, Glória Mozart, Valéria Chiarele.*

● *Bonito trabalho vêm sendo desenvolvido no Solar Saint Germain, espaço dedicado à integração e atividade dos idosos. Entre árvores frutíferas e aulas de artesanato, aqueles que nos geraram e merecem todo respeito vivem com intensidade esse momento de vida. O Solar fica na Estrada da Figueira, telefone 718-7828.*

PRODUÇÃO DENIZE GARCIA
FOTO MAGNO MESQUITA
marrakesh